UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

PEDRO HENRIQUE BARBOSA DE ABREU

CONSTRUÇÃO DE UM PROCESSO SOCIAL PARTICIPATIVO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A SUPERAÇÃO DO MODELO DO AGRONEGÓCIO: A EXPERIÊNCIA CAMPONESA A PARTIR DA SALUTOGÊNESE E DA AGROECOLOGIA EM LAVRAS – MG

CONSTRUCTION OF A HEALTH PROMOTION PARTICIPATORY SOCIAL PROCESS FOR THE OVERCOMING OF AGRIBUSINESS MODEL: THE PEASANT EXPERIENCE FROM SALUTOGENESIS AND AGROECOLOGY IN LAVRAS - MG

CAMPINAS

2018

PEDRO HENRIQUE BARBOSA DE ABREU

CONSTRUÇÃO DE UM PROCESSO SOCIAL PARTICIPATIVO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A SUPERAÇÃO DO MODELO DO AGRONEGÓCIO: A EXPERIÊNCIA CAMPONESA A PARTIR DA SALUTOGÊNESE E DA AGROECOLOGIA EM LAVRAS – MG

CONSTRUCTION OF A HEALTH PROMOTION PARTICIPATORY SOCIAL PROCESS FOR THE OVERCOMING OF AGRIBUSINESS MODEL: THE PEASANT EXPERIENCE FROM SALUTOGENESIS AND AGROECOLOGY IN LAVRAS - MG

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva, na Área de Política, Planejamento e Gestão em Saúde.

Thesis presented to the Faculty of Medical Sciences of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor, in the area of Collective Health.

ORIENTADOR: HERLING GREGORIO AGUILAR ALONZO

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO
PEDRO HENRIQUE BARBOSA DE ABREU,
E ORIENTADA PELO PROF. DR. HERLING
GREGORIO AGUILAR ALONZO.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 01-P-3490/2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

Ab86c

Abreu, Pedro Henrique Barbosa de, 1984-
Construção de um processo social participativo de promoção da saúde para a superação do modelo do agronegócio : a experiência camponesa a partir da salutogênese e da agroecologia em Lavras - MG / Pedro Henrique Barbosa de Abreu. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Herling Gregorio Aguilar Alonzo.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Promoção da saúde. 2. Trabalhadores rurais. 3. Salutogênese. 4. Agroecologia. 5. Agrotóxicos. I. Alonzo, Herling Gregorio Aguilar, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Construction of a health promotion participatory social process for the overcoming of agribusiness model : the peasant experience from salutogenesis and agroecology in Lavras - MG
Palavras-chave em inglês:
Health promotion
Rural workers
Salutogenesis
Agroecology
Pesticides
Área de concentração: Política, Planejamento e Gestão em Saúde
Titulação: Doutor em Saúde Coletiva
Banca examinadora:
Herling Gregorio Aguilar Alonzo [Orientador]
Irene Maria Cardoso
Peter Michael Rosset
Gabriel Eduardo Schütz
Juliana Luporini do Nascimento
Data de defesa: 05-12-2018
Programa de Pós-Graduação: Saúde Coletiva

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

PEDRO HENRIQUE BARBOSA DE ABREU

ORIENTADOR: PROF. DR. HERLING GREGORIO AGUILAR ALONZO

MEMBROS:

1. PROF. DR. HERLING GREGORIO AGUILAR ALONZO

2. PROFA. DRA. IRENE MARIA CARDOSO

3. PROF. DR. PETER MICHAEL ROSSET

4. PROF. DR. GABRIEL EDUARDO SCHÜTZ

5. PROFA. DRA. JULIANA LUPORINI DO NASCIMENTO

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da FCM.

Data: 05 de dezembro de 2018

Entender o trabalho de criação com apego e não-machista de um filho e o trabalho pela dignidade e soberania camponesa como partes da mesma luta por um mundo mais humano, justo e civilizado não é tão difícil. Colocá-los em prática, ao mesmo tempo, contra as intempéries patriarcais e coloniais que nos rodeiam, sim. Dividimos tarefas, nos sobrecarregamos. Erramos juntos, acertamos juntos. Por isto, não dedico esta tese à você, Lídia. Eu afirmo que ela é tão sua quanto minha. Assim como o amor e a confiança que temos do B.

AGRADECIMENTOS

Aos camponeses e camponesas de Lavras que me receberam sempre respeitosamente em suas comunidades. Agradeço especialmente aos que se deslocaram de suas propriedades (às vezes por longas distâncias) para construírem, de forma ativa e coletiva, este estudo. Sem a crença, a vontade e a dedicação de vocês nenhuma metodologia seria, de fato, participativa e resolutiva.
Me orgulho e agradeço pela amizade estabelecida com muitos de vocês!

Aos Agentes Comunitários de Saúde da Equipe de Saúde da Família da zona rural de Lavras por, assim como nos trabalhos referentes ao mestrado, apoiarem decisivamente os passos inicias de contato e agendamento de atividades com os moradores de suas comunidades.

Ao Herling, pela liberdade e proximidade com que me orientou nos caminhos profundos deste estudo. Repito o que te disse nos agradecimentos da dissertação de mestrado: este (ainda, e mais do que nunca) é só o começo, meu caro!

Aos estudantes da UFLA que conformaram a equipe de pesquisa: Tati, Danilo, Oshiro, André Sales, André Luís, Cynthia, Luiza, Clarice e Ana Lúcia. Sou muito grato pela forma como abraçaram o processo deste estudo e por como me motivaram com sua energia. Sei que, de algumas maneiras, contribuí com a formação (acadêmica e de vida) de vocês. Saibam que vocês contribuíram igualmente com a minha. Seguimos!

Ao Camponês José Carlos Rodrigues, à Assistente Social Tássia Castro, e aos Professores Thiago Assis, Viviane Pereira e Rafael Chiodi pelas importantes colaborações que trouxeram a atividades específicas deste estudo. Agradeço, também, à Iberê Martí e Bruno Gualberto pelo apoio em algumas atividades dos trabalhos de campo.

A las *tías* del Instituto de Higiene, Epidemiología y Microbiología (INHEM – Cuba) Susana Tamayo, Acela Delpuerto, Liliam Cuellar y Geominia Cantillo, que me recibieron y apoyaron mucho en mi pasantía para conocer y vivir la agroecología cubana y la metodología Campesino a Campesino.

À Juliana Luporini e Peter Rosset pelas decisivas contribuições, indicações e fôlego que trouxeram à este trabalho no momento de sua Qualificação.

À Irene Cardoso, Peter Rosset, Juliana Luporini e Gabriel Schütz pela dedicação, entusiasmo e respeito que demonstraram à este trabalho (e à mim) desde que receberam o convite para compor a banca até o rico, dialógico e engrandecedor momento da Defesa.

À meus pais pelo empréstimo de um carro mais compatível e resistente às estradas rurais e pela alimentação em diversos dias de sufoco. Estas fundamentais contribuições aos trabalhos de campo e ao processo de escrita deste estudo materializam o amor de vocês, ao qual agradeço e honro.

Ao Daniel e à Luciana, por sempre e cada vez mais serem meus irmãos!

Aos hermanos de travessias de vida Hugo e Lucas, por seguirem, sempre, sendo...

Ao Brou, que, em seu ciclo já encerrado de vida, me ensinou que a rebeldia com ternura não é forma de resistência à dominação exclusiva da espécie humana.

E ao B, que me ensina tanto... Ninguém me dá mais coragem que você, filho. Te amo!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A união faz a força, né?
É igualzinho carro de boi
Pra mim seria até um desarranjo
muita gente querer viver separado
Eu acho muito bonita
gente trabalhar unida
seja em qualquer sociedade
Nossa convivência aqui
é um ajudando o outro
Na roça a gente tem afinidade
mas ao mesmo tempo é reservado
É um equilíbrio
mas quando se encontra é festa!
Então, tem que ser do nosso jeito
A formação da organização
tem que ser lenta
Não apressar ela
pra ela ser bem feita
Tem que fazer uma associação
pra resolver nosso problema
não é só pra ganhar dinheiro, não
O que eu quero falar é o seguinte:
eu quero aprender e ensinar
e quero conhecimento
e ser reconhecido
Trabalhar assim, dessa forma:
Agroecologia!
Eu acho que, nesse ponto,
a gente chega com autonomia
Faz a tua parte, aí nós vai juntar
pra servir de exemplo pros outro
Vamo fazer nossa parte pra, junto, melhorar!
Que mude realmente!
Que a gente consiga
dar um passo maior sempre!
E conscientizar as pessoas
pra não ir jogando veneno
A gente tem que pensar pra isso
E pensar o bem
No lado positivo
Diversificar!
Temo certeza que tamo junto?
Somo um grupo ou num somo?
Nós que tá aderindo
vamo formar essa união
Participação do povo
E a Agroecologia
é um passo a frente dos orgânico, né?
Então, é todos por todos
Tem que ter força!
Tem que ter persistência!
Tem que por fé!
Tem que ter, ó, firmeza!
E se temo a certeza
que vai dar certo
a gente tem que comunicar
com as outras pessoas também
E nisso vai gerando...
Feliz de nós que vamo ser exemplo
e trazer gente pra minoria!

Transição camponesa

(Falas de camponesas e camponeses, participantes deste estudo, rearranjadas em formato de poesia por Pedro Abreu e André Sales)

RESUMO

O modo de vida e economia camponesa se caracteriza pela inseparabilidade da propriedade da terra e do trabalho na terra e pela autorregulação da exploração do trabalho dos membros da família na busca do equilíbrio entre o esforço despendido nas atividades agrícolas e a satisfação das necessidades familiares. Isto confere a este ator social coexistência e resistência ao processo histórico de estruturação e consolidação do capitalismo colonial como padrão de poder mundial. No entanto, como resposta a esta "inaceitável" simultaneidade e contra-hegemonia, os operadores e beneficiários centrais deste sistema de dominação lançaram mão da Revolução Verde como modo de readequação dos elementos da colonialidade do poder capitalista para o campo. Este *modus operandi* do capitalismo agrário trouxe profundos impactos sanitários aos camponeses brasileiros, seja pela introjeção de tecnologias tóxicas, seja pela subalternização e desconfiguração de seu modo de vida e economia. Esta leitura histórica crítica e o conhecimento prévio da realidade e das persistentes características camponesas nas comunidades rurais de Lavras – MG indicaram a necessidade e as possibilidades de desenvolvimento de uma metodologia de Promoção da Saúde que permitisse tanto a autoidentificação e a disponibilização dos recursos camponeses nas propriedades familiares e comunidades rurais quanto a construção autônoma, a partir destes recursos, das bases locais para a futura autodeterminação de seu contexto e de sua saúde. O objetivo deste estudo foi, portanto, implementar e analisar uma estratégia de Promoção da Saúde fundamentada em marcos teórico-práticos horizontais, participativos, agroecológicos e libertadores do sujeito camponês, como: o paradigma da Salutogênese; a metodologia Camponês a Camponês; a Filosofia da Libertação e a Pesquisa-Ação-Participativa. O percurso metodológico incluiu planejamento e execução em duas fases de trabalho, conformadas por nove atividades de campo. Tais atividades foram organizadas em dois modos operacionais (Encontros de Promoção da Saúde e Momentos de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação), sendo os componentes salutogênicos definidos como categorias de análise para as falas dos camponeses de 17 comunidades rurais de Lavras. Com um total de 155 participantes ao longo das duas fases de trabalho (sendo 110 homens e 45

mulheres), foram codificadas, a partir dos dados brutos transcritos, 205 falas como Capacidade de Compreensão, 187 como Capacidade de Manejo e 72 como Capacidade de Significação. Estas falas foram, em seguida, codificadas em 20 subcategorias que emergiram da leitura flutuante dos conteúdos categorizados. Esta estruturação apoiou a elaboração de uma análise de conteúdo na modalidade temática que permitiu a significação e a inferência de fatores, causas e rumos do desenvolvimento do processo salutogênico-analético construído juntamente com o sujeito camponês. Assim, pôde-se observar uma substancial progressão social desde um entendimento negativo e inacessível de seu próprio contexto para a compreensão das possibilidades, recursos e motivações próprias para a autotransformação contextual; agroecológica; co-construída pelas mulheres; horizontal e crítica em relação a parceiros e/ou instituições públicas; autônoma e organizada de sua realidade sanitária, produtiva e de vida no campo. As conclusões do estudo apontaram a construção inicial de uma estrutura social camponesa autossustentável e o prosseguimento do processo (promotor de saúde) de organização para a transição agroecológica nas comunidades rurais do município, culminando, posterior e consequentemente ao recorte deste estudo, na formação da Associação das Camponesas e Camponeses Agroecológicos de Lavras (ACCAL). Indica-se a aplicabilidade da metodologia apresentada em outras localidades camponesas dominadas pela lógica e prática do agronegócio.

PALAVRAS CHAVE: Promoção da Saúde; Trabalhadores Rurais; Salutogênese; Agroecologia; Agrotóxicos.

ABSTRACT

The peasant's way of life and economy is characterized by the inseparability of land ownership and labor on the land and by the self-regulation of the exploitation of the work of family members in the search for the balance between the effort expended on agricultural activities and the satisfaction of family needs. This gives coexistence and resistance to this social actor in the historical process of structuring and consolidating colonial capitalism as a world power standard. However, in response to this "unacceptable" simultaneity and counterhegemony, the central operators and beneficiaries of this domination system have used the Green Revolution as a way of re-fitting the elements of coloniality of capitalist power to the countryside. This *modus operandi* of agrarian capitalism has brought profound sanitary impacts to the Brazilian peasantry, either by the introjection of toxic technologies, or by the subalternization and desconfiguration of their way of life and economy. This critical historical reading and the previous knowledge of the reality and of the persistent features of peasants in the rural communities of Lavras - MG indicated the necessity and the possibilities of development of a methodology of Health Promotion that allowed both the self-identification and the availability of the peasant resources in the families properties and rural communities as to the autonomous construction, from these resources, of the local bases for the future self-determination of their context and their health. The objective was, therefore, to implement and analyze a strategy of Health Promotion based on horizontal, participatory, agroecological and peasant subject's emancipation frameworks, such as: the paradigm of Salutogenesis; the Peasant to Peasant methodology; the Philosophy of Liberation and Participatory Action Research. The methodological course included planning and execution in two work phases, conformed by nine field activities. These activities were organized in two operational modes (Meetings of Health Promotion and Moments of Potentialization of Comprehensibility, Manageability and Meaningfulness), and the salutogenic components were defined as categories of analysis for the speeches of the peasants of 17 rural communities of Lavras. With a total of 155 participants along the two phases of work (110 men and 45 women), were coded, from the raw data transcribed, 205 content segments as Comprehensibility, 187 as

Manageability and 72 as Meaningfulness. These content segments were, then, coded into 20 subcategories that emerged from the floating reading of categorized content. This structure supported the elaboration of a content analysis in thematic modality that allowed the signification and inference of factors, causes and directions of the development of the developed salutogenic-analectical process built together with peasants. A substantial social progression could be observed from a negative and inaccessible understanding of its own context to the understanding of the possibilities, and its own resources and motivations to the empowered; agroecological; co-constructed by women; horizontal and critical towards partners and/or public institutions; autonomous; and organized self-transformation of its sanitary, productive and life reality. The conclusions of the study pointed to the initial construction of a self-sustaining peasant social structure and the continuation of the process (health promoter) of the organization for the agroecological transition in the rural communities of the municipality, culminating, later and consequently to the cut of this study, in the foundation of the Associação das Camponesas e Camponeses Agroecológicos de Lavras (ACCAL). The study also indicates the applicability of the methodology presented in other peasant locations dominated by agribusiness logic and practice.

KEYWORDS: Health Promotion; Rural Workers; Salutogenesis; Sustainable Agriculture; Agrochemicals.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 OBJETIVOS 20

3 REFERENCIAL TEÓRICO 21

3.1 O camponês e a produção agrícola familiar 21

3.2 Brasil: a potência do campesinato frente à colonialidade do poder capitalista 27

3.3 Revolução Verde: a readequação da colonialidade do poder capitalista 40

3.4 Do "uso seguro" de agrotóxicos (preventivismo) para a agroecologia (Promoção da Saúde) ... 50

3.5 A Filosofia da Libertação e o Método Analético 60

3.6 A Salutogênese 63

3.7 A Metodologia Camponês a Camponês 66

3.8 A Pesquisa-Ação-Participativa 71

4 METODOLOGIA 78

4.1 Universo do Estudo 78

4.1.1 Local e População 78

4.1.2 Sujeitos 84

4.2 Estruturação metodológica 90

4.2.1 Fase I – Momento Analético Inicial: Despertar e Fortalecimento das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação 95

4.2.2 Fase II – Momento Analético Intermediário: Aplicação das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação 109

4.3 Coleta e Análise dos dados 122

4.4 Ética em pesquisa 131

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 134

5.1 Descrição geral dos trabalhos de campo 134

5.1.1 Primeiro Encontro de Promoção da Saúde 134

5.1.2 Primeiro Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação 142

5.1.3 Segundo Encontro de Promoção da Saúde 147

5.1.4 Segundo Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação 154

5.1.5 Terceiro Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação 159
5.1.6 Terceiro Encontro de Promoção da Saúde 169
5.1.7 Quarto Encontro de Promoção da Saúde 174
5.2 A progressão salutogênico-analética e suas implicações para a Promoção da Saúde dos camponeses de Lavras 180
5.2.1 Primeiro Encontro de Promoção da Saúde 185
5.2.2 Segundo Encontro de Promoção da Saúde 203
5.2.3 Terceiro Encontro de Promoção da Saúde 219
5.2.4 Quarto Encontro de Promoção da Saúde 235
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES 251
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 261
Apêndice 1 – QUESTIONÁRIO ADAPTADO DA EXPERIÊNCIA DE BANES 271
Apêndice 2 – CODIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS DE CONTEÚDO QUE CONFORMARAM O MATERIAL QUALITATIVO DA FASE I 292
Apêndice 3 – CODIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS DE CONTEÚDO QUE CONFORMARAM O MATERIAL QUALITATIVO DA FASE II 339
Apêndice 4 – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 395
Anexo 1 – EXEMPLO DE CERTIFICADO CONFERIDO AOS MEMBROS DA EQUIPE DE PESQUISA APÓS A FORMAÇÃO INTITULADA ‘PREPARAÇÃO PARA DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO’ 403
Anexo 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA 404
Anexo 3 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE LAVRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO 411
Anexo 4 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSUNTOS RURAIS DE LAVRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO 412

1 INTRODUÇÃO

O termo “agricultura familiar” foi institucionalizado no Brasil em 1995, quando da promulgação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)[1,2]. Segundo Picolotto[2], o reconhecimento formal deste termo veio como a culminância de um processo de disputa – que se desenrolou durante as décadas de 1980 e 1990 –, entre setores acadêmicos, sindicatos rurais e o Estado brasileiro, para definir conceitualmente quem era a família-trabalhadora proprietária de pequenas áreas de terra que se mantinha social e economicamente ativa (apesar das profundas dificuldades) frente ao processo histórico de desenvolvimento capitalista da agricultura.

Nesse sentido, Picolotto[2] analisa comparativamente posicionamentos em favor da necessidade de superação, nas pequenas propriedades, dos modos tradicionais camponeses pelo modelo do agronegócio e de posicionamentos que reconhecem a importância da manutenção de algumas destas tradições nesse processo de desenvolvimento. Assim, independentemente do posicionamento assumido, podemos perceber que os atores que disputaram (defendendo mais ou menos) o termo “agricultura familiar” assumiram a necessidade da “modernização” do campesinato nos moldes formatados pelos interesses capitalistas.

Como consequência desse processo de conceitualização, que resumiu a complexidade do campesinato brasileiro aos aspectos referentes a seu modo de produção e à sua “modernização” sob parâmetros externos, o agricultor familiar passou a ser oficialmente definido e entendido pelo Estado sob um caráter puramente produtivo-mercadológico, através de uma lei[3] que busca fundamentar políticas públicas para seu desenvolvimento econômico:

> Considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos[3]:
> I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
> II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

> III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
> IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

No entanto, movimentos organizados de camponeses passaram, a partir da década de 1990, a disputar (pela negação) esse entendimento conceitual e político. Expoente desta organização e disputa, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) se posiciona de forma contrária à dicotomia inerente ao conceito de agricultura familiar, *"onde o camponês é atrasado e o agricultor familiar é moderno"*[4]. Para autores orgânicos deste movimento social, a transformação conceitual e prática do camponês em agricultor familiar tem tido como intenção e consequência o *"desmonte da cultura e da identidade das famílias camponesas"*[4]. Segundo Silva[4],

> Esta concepção de agricultura com base no agronegócio (capitalismo no campo), traz inúmeros problemas às famílias camponesas e às famílias de consumidores urbanos, pelo uso intensivo de mecanização, insumos químicos e venenos, contaminação da terra, água, ar e alimentos, balanço energético [...] aumenta os custos de produção pela importação de energia, diminui a margem de renda das famílias camponesas, tem uma menor necessidade de mão de obra, fazendo com que a juventude não fique na roça e traz problemas ambientais pelo uso de veneno.
> [...] Foi criado todo um sistema que engloba pesquisa, educação, assistência técnica, política de créditos e uma campanha de desvalorização e ridicularização da lógica camponesa de produção.

Krauser[5] aponta que essa lógica camponesa de produção incorpora e, por isto, não pode ser compreendida e tratada de forma desmontada e desconectada em relação à identidade camponesa. Tal identidade, que apresenta raízes multiculturais indígena, africana e europeia (com suas diversidades e miscigenações), apresenta elementos práticos e subjetivos como a ligação com a terra; o sentimento de pertencimento a um território (povoado ou comunidade); a relação direta com a natureza; a relação próxima com vizinhos; os valores comunitários; o trabalho familiar; e, como dito, a lógica camponesa de produção de alimentos ou sistema camponês de produção[5]. Assim, sob este entendimento holístico e interconectado à identidade

camponesa, este autor-camponês apresenta o sistema camponês de produção, em oposição à interpretação superficial (produtivo-mercadológico) da “agricultura familiar”, como

> uma unidade complexa com ampla diversidade, e cada família camponesa coloca novos elementos em seu sistema. Foram os sistemas que o campesinato ao longo da história desenvolveu para garantir uma ampla produção com eficiência produtiva, com emprego dos insumos disponíveis na propriedade, com aplicação de tecnologias de domínio próprio sem gerar dependência externa, sistemas de produção em consonância com a natureza.
> Os sistemas camponeses de produção são um complexo arranjo entre cultivos, árvores, animais e o solo, que garantem a circulação de produtos e subprodutos entre si...
> [...] Pela diversidade de serviços necessários há tarefas pra toda a família, [...] o trabalho é efetivamente familiar, todos da família trabalham e percebem o resultado do trabalho como seu.
> É, portanto, um sistema produtivo autônomo e soberano, não é dependente de insumos externos e produz alimentos prontos para o consumo.
> [...] Os sistemas camponeses de produção foram em parte destruídos pela revolução verde e o modelo intensivo de produção, mas muito ainda segue preservado, e muito conhecimento ainda há disponível[5].

O rompimento, portanto, desse complexo, tradicional, cultural e autônomo modo de vida e economia, por meio da introjeção conceitual, política e prática da “agricultura familiar” – como reprodutora de um “pequeno agronegócio” – nas unidades camponesas de produção[5], tem trazido, para além das consequências citadas anteriormente por Silva[4], importantes danos sanitários a essa parcela da população brasileira. Assim, aos já amplamente identificados, documentados e divulgados impactos à saúde desta população camponesa decorrentes do uso de agrotóxicos[6,7,8] (uma das tecnologias do pacote produtivo do modelo do “pequeno agronegócio”) soma-se os danos sanitários que surgem como consequência do desmantelamento de seu modelo de produção de alimentos em equilíbrio com o meio ambiente local; da retirada da autonomia familiar sobre os aspectos da produção e economia da unidade produtiva; da desestabilização causada pela dependência técnica, tecnológica, de conhecimentos, de produtos e créditos externos; e da dominação e supressão das tradições geracionais e bases culturais camponesas.

É nesse sentido, então, que pesquisas científicas em Saúde Coletiva que tenham por intuito a Promoção da Saúde de populações camponesas impactadas pela submissão de seu modo de produção e vida pelo agronegócio (e, consequentemente, pelo uso de agrotóxicos) precisam estar fundamentadas no resgate das origens e resistência do campesinato e na (re)construção ampla de sua autonomia e identidade por meio de um processo de transição agroecológica. Corroborando e utilizando a definição de Schmitt[9], entende-se que a transição agroecológica *"implica na reapropriação e/ou fortalecimento da capacidade de gestão, individual ou coletiva, dos camponeses e agricultores familiares sobre os recursos naturais que servem de base à sua reprodução econômica e social"*[9]. Assim, bases teóricas e metodológicas devem estruturar caminhos de pesquisa e ação que subsidiem o camponês num processo social de autorreconhecimento, autovalorização e utilização dos seus conhecimentos e suas práticas produtivas, econômicas e culturais tradicionalmente sustentáveis dos pontos de vista agrícola, ecológico e sanitário.

Dessa forma, o presente estudo apresenta a experiência de implementação de uma estratégia de Promoção da Saúde com camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG. Esta experiência foi desenvolvida por meio de uma Pesquisa-Ação-Participativa que buscou desenvolver os passos iniciais e fundamentais de um processo social de emancipação camponesa frente ao modelo capitalista de agricultura. Tal estratégia de Promoção da Saúde foi realizada por meio da estruturação e desenvolvimento de metodologia que articulou os conceitos da metodologia Camponês a Camponês (CaC)[10-12] e do paradigma da Salutogênese[13-15]. A CaC – como metodologia social que permite a construção de processos de transição agroecológica por meio de princípios e instrumentos que desenvolvem intercâmbios entre camponeses organizados – foi utilizada como método de desenvolvimento do autorreconhecimento camponês sobre seus recursos agroecológicos, contextos e sobre sua capacidade organizativa. Já a Salutogênese – como base teórica de Promoção da Saúde que busca valorizar, tornar cognoscível e disponibilizar as características positivas de indivíduos e sua comunidade – foi utilizada como método analítico de

identificação e interpretação da efetividade deste processo de autorreconhecimento e organização em promover a saúde dos camponeses envolvidos nesta Pesquisa-Ação-Participativa.

Essa estrutura metodológica permitiu a operacionalização de um processo social (gradual e contínuo) que apresentou (e segue apresentando) resultados que envolvem: a compreensão dos camponeses sobre seu contexto de dominação e exploração pela racionalidade e atuação do agronegócio capitalista; a autoconstrução e a (re)apropriação, por estes atores, de possibilidades, modos e estruturas familiares/comunitárias de tomada autônoma de decisão; e os passos iniciais da organização camponesa em Lavras. Este processo apresenta-se, portanto, como ferramenta potencialmente exequível e exitosa para desenvolver e implementar estratégias semelhantes de Promoção da Saúde em outras localidades e municípios do Brasil, com vistas à mudança do contexto sanitário vulnerável a que estão expostos os camponeses que estão submetidos ao modelo capitalista do agronegócio no País.

2 OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Implementar e analisar estratégia Salutogênica de Promoção da Saúde fundamentada na metodologia Camponês a Camponês de disseminação da Agroecologia, iniciando processo social participativo de libertação dos camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG em relação à dominação exercida pelo modelo capitalista do agronegócio.

2.2. Objetivos específicos

1. Estruturar e desenvolver metodologia participativa que dê sustentação teórica e prática a um processo de Promoção da Saúde de populações camponesas expostas à agrotóxicos, buscando a visibilização e o autorreconhecimento de seus recursos e a apreensão e valorização de seus modos camponeses de vida e de produção;

2. Identificar e analisar aspectos do desenvolvimento dos componentes salutogênicos de compreensão, manejo e significação dos camponeses e o aporte destes para seu processo de libertação em relação à colonialidade do poder capitalista (representada, em especial, pelo modelo do agronegócio);

3. Construir coletivamente as condições e bases sociais necessárias para o desenvolvimento do processo posterior de organização camponesa em Lavras, com vistas à superação dialética do modelo do agronegócio por meio da transição agroecológica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O camponês e a produção agrícola familiar

Ao analisar o período entre 1789 e 1848, o que chamou de a Era das Revoluções[16], Eric J. Hobsbawm aponta que, na Europa, *"a grande maioria da população rural, desde o maior proprietário feudal até o mais pobre dos pastores de ovelha"*[16] abominava e enfrentava o avanço do que o autor chama de *"racionalismo burguês-individualista a respeito da terra"*[16]. Isto porque, dentro da então obsoleta ordem feudal (politicamente viva, mas agonizante em termos econômicos), que permanecia hegemônica em quase toda a extensão da Europa nos anos que antecederam as grandes revoluções burguesas (Revolução Industrial e Revolução Francesa), os senhores feudais e sua nobreza detinham, por "direito divino", vastas extensões de terra e recebiam grande parte da produção agrária e artesanal de quem vivia e trabalhava em suas terras. Os camponeses, por sua vez, embora vivessem sob tal regime de servidão, mantinham forte vínculo familiar e comunal com a terra, explorando, para auto sustento e para pequenas comercializações locais, tanto as terras em torno das casas de cada família quanto as também vastas terras coletivas *"das comunidades municipais e das aldeias, os campos e os pastos comuns, as florestas, etc...."*[16].

Segundo Hobsbawm[16], portanto, para a sociedade burguesa

> Somente uma revolução político-legal dirigida contra os proprietários e os camponeses tradicionais poderia criar as condições para que a minoria racional se transformasse na maioria racional[16].

Obviamente, para além do emaranhado estrutural-constitutivo que dava existência social, política, econômica e territorial ao sistema feudal, o avanço burguês realizado simultaneamente sobre senhores/nobreza e camponeses servos se deu por intenções distintas. Sob os primeiros pesava a inerente necessidade da burguesia de transformar as terras feudais em mercadoria acessível, passando a terra, cercada e

individualizada, a ser *"possuída por proprietários privados e livremente negociável por eles"*[16]. Para isto, era imprescindível o desmantelamento dos poderes e posses "divinamente concedidos" a linhagens de famílias feudais e nobres.

Já em relação aos camponeses, dois eram os principais objetivos burgueses: **tornar livres** *"minorias de camponeses iluminados, informados ou 'fortes e sóbrios'"*[16] (ou seja, servos que dispunham de alguma poupança e alguma propensão para o modo de produção agrário capitalista) para que estes pudessem comprar pedaços de terra, constituindo-se em novos burgueses; e **"tornar livre"** grande parcela da população do campo, *"que não conseguisse se tornar burgueses"*[16], para o emprego de sua força de trabalho nos centros urbanos. Desta forma, estar "livre" da servidão do feudalismo para o camponês sem recursos econômicos para adquirir terras significava ser

> ...arrancado de suas raízes para se mover livremente. Somente assim migrariam para as cidades e as fábricas onde seus músculos eram cada vez mais necessários. Em outras palavras, os camponeses tinham que perder suas terras juntamente com seus outros vínculos.
> [...] A divisão do campo comum, do pasto e da floresta, com a colocação de cercas, simplesmente retirou do camponês pobre ou do aldeão os recursos e reservas a que ele (ou melhor, ele como parte da comunidade) sentia ter direito. O mercado de terras livres significava que ele provavelmente teria que vender sua terra; e a criação de uma classe rural de empresários, que os mais empedernidos e duros o explorariam em lugar dos antigos senhores ou junto com eles. Além disso, a introdução do liberalismo na terra foi uma espécie de bombardeio silencioso que destruiu a estrutura social em que sempre habitaram os camponeses, não deixando nada intacto, exceto os ricos: uma solidão chamada liberdade[16].

Não é o intuito deste trabalho, no entanto, de alguma forma enaltecer a injusta exploração servil a que foi submetido o modo de vida camponês durante a vigência do feudalismo europeu frente ao despejo de grandes massas de homens e mulheres do campo para que estes passassem a vender sua força de trabalho por salários e condições miseráveis para a burguesia capitalista industrial[17]. O que nos interessa ressaltar, a partir dos apontamentos de Hobsbawm apresentados nos parágrafos iniciais, é que nem mesmo a violência burguesa impetrada contra o campesinato europeu, por meio de suas potentes revoluções bélicas, políticas, legais e

ideológicas, foi capaz de abolir completamente o modo de vida camponês e seu vínculo familiar com a terra[16]. Nas palavras do próprio autor

> ...mesmo onde os camponeses realmente receberam a terra ou tiveram confirmada a sua posse [...] eles não se transformaram automaticamente, como se esperava, na classe empreendedora de pequenos fazendeiros. E isto pelo simples fato de que, conquanto quisessem a terra, os camponeses raramente queriam uma economia agrária burguesa[16].

Com relação a essa manutenção do modo de vida e economia camponesa frente à possibilidade de incorporação de uma economia agrária pequeno-burguesa (mesmo por grande parte dos "*camponeses iluminados, informados ou 'fortes e sóbrios'*"[16] tidos como potenciais novos burgueses pelos capitalistas) é Aleksandr Vasilievich Chayanov[18-20] quem nos traz um referencial consistente e de uma *"atualidade surpreendente"*[21] sobre as diferenças naturais e persistentes entre a unidade de produção agrícola familiar (ou seja, a economia do modo de produção e vida camponesa) e a economia agrária capitalista. Tais diferenças permitiram não apenas a sobrevivência e reprodução do camponês em todo o mundo, mesmo após a mundialização do capitalismo europeu colonial e sua potencialização por meio das grandes revoluções burguesas, como também permitiram (e ainda permitem) à economia não capitalista camponesa obter vantagens mesmo em um mundo hegemonicamente capitalista[22,23]. Isto – como veremos mais adiante – mais concreta e claramente até o início e desenvolvimento de uma nova revolução burguesa, específica e duradouramente direcionada a desfazer e subjugar tais vantagens: a Revolução Verde.

Segundo Wanderley[21]

> A vigência das leis gerais do capital – que, como vimos, afeta a reprodução das unidades camponesas de produção – não anula as especificidades destas. Isto é, mesmo estando integrada ao movimento geral de valorização do capital, a economia camponesa se reproduz sobre a base dos princípios gerais de seu funcionamento interno, nos termos apresentados por Chayanov.
> Com efeito, mesmo considerando a importância social do processo de decomposição do campesinato, parcela significativa desta categoria social guarda sua condição de produtor familiar. Por conseguinte, não basta aguardar

> sua metamorfose em futuros proletários; ela precisa ser apreendida sociológica e politicamente em sua realidade concreta e imediata, isto é, como produtores familiares.

O que deu às análises de Chayanov – que publicou trabalhos baseados em dados empíricos sobre o modo de produção e vida do campesinato russo e de alguns países europeus durante as três primeiras décadas do século XX – não apenas a atualidade citada por Wanderley[21], mas também uma aplicabilidade interpretativa do campesinato (em oposição à empresa agrária capitalista) em diferentes contextos globais, foi a constatação de que na unidade familiar de produção o camponês e sua família são, ao mesmo tempo, proprietários dos meios de produção e trabalhadores. Por esta razão estrutural, os camponeses (proprietários-trabalhadores) autorregulam o grau de exploração do próprio trabalho buscando atingir um equilíbrio deste com um bom nível de satisfação das necessidades familiares[18].

Porém, antes de avançarmos na diferenciação entre a economia do modo de vida camponês e a economia agrária capitalista é necessário entendermos o que Chayanov chamou de economia natural. Esta atividade econômica, conhecida também (muitas vezes por interpretações negativas) como economia de subsistência, é basicamente destinada à satisfação das necessidades de cada unidade de produção-consumo familiar, assim chamada por ser um ciclo econômico fechado, onde a produção interna é totalmente destinada e pautada pelo consumo da família. Nesta unidade familiar a extensão qualitativa da necessidade, ou seja, quais variedades de produtos são necessárias e desejadas para a manutenção da vida dos membros da família, determina o quanto deve ser produzido, levando-se em consideração os recursos naturais e ferramentas disponíveis e a força de trabalho presente na unidade familiar. Neste sentido, em economia natural camponesa, não é necessário levar em conta a comparação de qual tipo de produto é mais lucrativo, uma vez que não existe um padrão comum (como o preço) que paute a decisão de produzir, por exemplo, arroz, café ou lã: um não substitui o outro na necessidade de consumo familiar[18].

No entanto, quando passa a existir a necessidade de trocas, seja por qualquer tipo de impossibilidade de se produzir todos os itens necessários ou desejados para o consumo familiar; por necessidade de aquisição de ferramentas e tecnologias que a família não tem os conhecimentos ou os recursos para desenvolver; ou mesmo para a obtenção de recursos monetários para o pagamento de impostos ou formação de poupança, a economia natural familiar desfaz seu caráter qualitativo puro. E é esta economia, onde categorias como preço e capital (troca e crédito), por exemplo, passam a existir, dentro de um sistema de trocas monetárias envolvendo famílias camponesas, sem que a estrutura de autoexploração e de autorregulação do trabalho familiar seja alterada, que passamos a chamar de economia camponesa. Assim, para Chayanov, nos princípios gerais de funcionamento da economia camponesa

> a importância do produto do trabalho é principalmente determinada pela dimensão e composição da família, ou seja, o número de pessoas da família capazes de trabalhar pela produtividade da exploração e – o que é particularmente importante – pelo grau de autoexploração, graças ao qual os ativos fornecem uma certa prestação de trabalho ao longo do ano.
> Minuciosos estudos empíricos relativos às explorações camponesas na Rússia e de outros países nos permitiram verificar a seguinte tese: o grau de autoexploração é determinado por um equilíbrio específico entre a satisfação da procura familiar e a fadiga devida ao trabalho.
> [...] Com efeito, o trabalhador camponês, ao tomar consciência do aumento da produtividade do trabalho, não deixa de equilibrar mais cedo os fatores econômicos internos da sua exploração, isto é, diminui a autoexploração da sua capacidade de trabalho. Satisfaz as exigências da família de maneira mais completa despendendo menos trabalho e diminuindo portanto, globalmente, a intensidade técnica da sua atividade econômica[18].

Nesse sentido, a *"empresa agrária familiar"*[18] não apenas difere em estrutura e em modo de exploração do trabalho como, paradoxalmente, se utiliza de uma integração com a economia capitalista sem estar integrada aos conceitos que a regem. Isto porque, do rendimento bruto obtido pela venda de parte da produção camponesa no circuito mercantil são deduzidos apenas os custos de produção, já que não existe o pagamento de salário para os trabalhadores da própria família. Este produto indivisível (rendimento bruto deduzido dos gastos produtivos, sem demais fatiações e expropriações) obtido pela unidade camponesa familiar, apesar de sofrer variações e

influências de fatores como a situação e localização do mercado; recursos e tecnologias de produção; tamanho da propriedade; condições de clima, solo, etc., não é determinado, portanto, pelas categorias econômicas capitalistas, uma vez que, na ausência da categoria salário, as demais categorias que constituem a teoria econômica capitalista, como o lucro líquido, por exemplo, *"perdem seu caráter específico e o seu conteúdo conceitual; já não podem sequer ser definidas quantitativamente"*[18].

Quanto à destinação, o rendimento indivisível provém tanto os recursos produtivos necessários quanto o consumo de manutenção da família[18]. Não existe, como dito anteriormente, o pagamento (salário) de um valor não correspondente com o esforço real de trabalho realizado por empregados externos, ou seja, a fundamental mais-valia da empresa capitalista. Consequentemente, não existe, no modo econômico camponês, a artificialidade do lucro líquido[17]. Assim, sem a exploração de trabalho alheio, sem a destinação de parte do rendimento para o pagamento de salários e com os custos de produção tradicionalmente baixos (devido à utilização e aproveitamento de recursos naturais locais e às práticas e tecnologias de cultivo constantemente reproduzidas, aperfeiçoadas e transmitidas entre gerações), a economia camponesa seria como um eficiente ciclo intermitente, que se abre ao mercado capitalista apenas quando e o quanto necessário para si.

Dessa forma, o ciclo se abre para vender parte de sua produção e o rendimento monetário obtido é introduzido e fechado no ciclo familiar de baixo consumo de mercadorias (alto nível de auto abastecimento) e de insumos de produção (alto nível de autonomia produtiva). E quando o ciclo se abre para o investimento de parte da renda em ferramentas, insumos e tecnologias externas, visando o aumento da produtividade, não é para a maximização pura de lucros e sim para um melhor atendimento das necessidades familiares com a respectiva diminuição do esforço físico e mental (autoexploração). Além disto, tal investimento será realizado se necessário, se possível e quando possível, conforme decisão familiar[18].

A partir, então, dessa compreensão chayanoviana dos princípios de funcionamento interno da economia do modo de vida camponês é que podemos

entender porque, apesar de seu crescente poder econômico, político, legal e ideológico ao longo dos últimos cinco séculos, a burguesia capitalista não foi eficaz em dissolver completamente o campesinato e em conformar a totalidade das terras e seus proprietários em empresas agrárias capitalistas e patrões em busca de lucro máximo e de expansão do mercado mundial. A "escolha natural" de quem possui um pedaço não-latifundiário de terra – e nela vive e trabalha com sua família – de manter e reproduzir sua autonomia de produção e consumo do que lhe é vital e prazeroso por meio de um grande, porém autorregulado, empenho de trabalho familiar, permitiu ao modo de vida e economia não-capitalista camponesa a coexistência com o capitalismo em seu processo histórico de estruturação e solidificação como padrão de poder mundial.

No entanto, tal padrão de poder, descrito por Quijano[24] como *"capitalismo colonial/moderno e eurocentrado"*[24], tem como um de seus principais fundamentos e linhas de ação a negação (epistemicídio) e a subjugação (dominação) de toda e qualquer forma de simultaneidade em relação ao seu poder[25]. E é por sua persistente existência e reprodução que o modo de vida e economia camponesa tem revelado, ao longo do tempo, seu potencial contra-hegemônico.

3.2 Brasil: a potência do campesinato frente à colonialidade do poder capitalista

A consolidação e hegemonização mundial do padrão de poder capitalista teve início com a conquista pelos países da Europa Ocidental, por meio de sua marinha mercante burguesa (mesmo que ainda, entre os séculos XVI e XVIII, "sob regência" de algumas estruturas feudais de poder), das terras localizadas à oeste do Oceano Atlântico, chamadas, desde então, de América. Esta conquista de fonte de recursos sem precedentes – que, por sua riqueza e localização geopolítica, alterava e permitia subjugar todas as rotas comerciais anteriormente conhecidas e também os povos com quem a burguesia europeia realizava suas trocas mercantis e de conhecimentos –

exigia uma dominação colonial que se constituísse e fundamentasse em elementos que viabilizassem a subalternização dos demais povos não-europeus ocidentais do mundo e o fim da simultaneidade (mesmo na Europa) de formas de exploração do trabalho e de produção de conhecimento e cultura não articulados ao capital[24].

Assim, segundo Quijano[24], a partir do século XVI, o poder capitalista mundial passa a se utilizar de elementos de colonialidade que buscam deliberadamente tornar impossível, tanto por meio da força quanto da construção ideológica, a existência simultânea de populações humanas fora da lógica capitalista-burguesa. Tais elementos de colonialidade são descritos pelo autor como: ideia de raça; controle da subjetividade; e controle das formas de exploração do trabalho.

Para o principal elemento constitutivo da colonialidade do poder capitalista mundial, a **ideia de raça**, o traço fenotípico característico do europeu, a cor da pele branca, passava a distinguir os conquistadores (europeu ocidental) como "naturalmente superiores" aos conquistados. Sendo assim, a partir da conquista da América, passa a ser estabelecido um novo instrumento de classificação social e de determinação de lugares e papéis da população mundial, onde todos os demais povos caracterizados por cores de pele "naturalmente inferiores", como a vermelha (povos nativos da América), a negra (africanos), a amarela (asiáticos), a olivácea (hindus), etc., eram passíveis de dominação europeia[24].

Já para o elemento **controle da subjetividade**, todas as formas de conhecimento e cultura (ou seja, as distintas perspectivas cognitivas e formas de produção de sentido às experiências vividas) coexistentes antes da mundialização do poder capitalista passaram a ser submetidas à uma única ordem cultural hegemônica global: a racionalidade europeia ocidental moderna ou, apenas, modernidade. Para esta ordem cultural moderna, toda cultura, de qualquer povo, se não está alinhada e praticando o pensamento europeu burguês, ainda está em algum nível do estado de natureza ou selvagem, e, por isso (querendo ou não; "sabendo da necessidade" ou não), deve ser "aculturado" até atingir o nível de "civilização padrão" da Europa Ocidental. Assim, os que ainda não tiveram contato com tal civilização ou que persistem

em manter sua cultura e modo de vida são realocados na escala temporal, sendo, mesmo que contemporâneos à modernidade europeia capitalista (já que existem simultaneamente à ela), determinados como atrasados ou "vivendo no passado"[24].

Por fim, para o elemento **controle das formas de exploração do trabalho** (articulação ao capital e seu mercado), todas as formas de controle do trabalho historicamente conhecidas, como a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário foram reestabelecidas e organizadas para produzir mercadorias para o mercado mundial, constituindo um padrão global de controle do trabalho em torno e em função da relação capital-trabalho assalariado. Entrelaçada, então, ao elemento raça, este padrão de controle lançou mão da divisão racial do trabalho, uma tecnologia de dominação que envolvia e explorava trabalhadores de todas as cores de pele, mas que associava "naturalmente" o trabalho assalariado (na Europa ou fora dela) aos brancos e o trabalho não-assalariado às demais cores[24]. Atualizando a questão para "dias já sem escravidão ou servidão", Quijano[24] nos diz que

> não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo. E o menor salário das *raças inferiores* pelo mesmo trabalho dos *brancos*, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial[24] [Grifos do autor].

No entanto, ao analisar o contexto histórico de um país submetido a esse padrão de poder capitalista colonial/moderno e eurocentrado (e seus violentos e eficientes elementos de colonialidade), desde sua conquista no século XVI, podemos dimensionar o potencial contra-hegemônico dos modos de vida e economia natural e camponesa, descritos nos termos chayanovianos[18]. Analisemos, neste sentido, o caso do Brasil. Não apenas por ser o local deste trabalho, mas, principalmente, pela representatividade da formação, reprodução, manutenção e resistência do campesinato neste País, onde a exploração do trabalho e posse da terra foram, historicamente, um dos mais agressivos e duradouros/permanentes do mundo.

Para início dessa análise, recorremos uma vez mais a Quijano[24] e também a Fank[26]. Segundo estes autores, ao contrário das interpretações burguesas e de *"marxistas tradicionais"*[26] sobre a existência sequencial e a aplicabilidade a todos os países e seus processos históricos da superação/evolução dos sistemas econômico-sociais pré-capitalistas (reciprocidade, escravidão, servidão, etc.) para o capitalismo e, em seguida, para o socialismo (este último, obviamente, para os socialistas), as colônias europeias, em especial as da América Latina, foram conquistadas e estruturadas por meio e como parte da expansão capitalista da burguesia europeia ocidental, sendo estas, portanto, desde o início, integrantes do capitalismo global.

> Do ponto de vista eurocêntrico, reciprocidade, escravidão, servidão e produção mercantil independente são todas percebidas como uma sequência histórica prévia à mercantilização da força de trabalho. São pré-capital. E são consideradas não só como diferentes mas como radicalmente incompatíveis com o capital. O fato é, contudo, que na América elas não emergiram numa sequência histórica unilinear; nenhuma delas foi uma mera extensão de antigas formas pré-capitalistas, nem foram tampouco incompatíveis com o capital. Na América a escravidão foi deliberadamente estabelecida e organizada como mercadoria para produzir mercadorias para o mercado mundial e, desse modo, para servir aos propósitos e necessidades do capitalismo. Do mesmo modo, a servidão imposta aos índios, inclusive a redefinição das instituições da reciprocidade, para servir os mesmos fins, isto é, para produzir mercadorias para o mercado mundial. E enfim, a produção mercantil independente foi estabelecida e expandida para os mesmos propósitos. Isso significa que todas essas formas de trabalho e de controle do trabalho na América não só atuavam simultaneamente, mas foram articuladas em torno do eixo do capital e do mercado mundial. Consequentemente, foram parte de um novo padrão de organização e de controle do trabalho em todas as suas formas historicamente conhecidas, juntas e em torno do capital. Juntas configuraram um novo sistema: o capitalismo[24].

> A tese da "pré-existência do feudalismo" apresenta dificuldades desde o princípio. [...] Ainda que possam ter sido feudais as relações sociais que predominavam na metrópole, o setor que determinou a abertura do Novo Mundo pode ter sido mercantil. Do contrário, como poderia ou quereria uma sociedade feudal dar os passos necessários para conquistar e abrir ao comércio todo um novo continente? Além disso, teria a metrópole, feudal ou mercantil, tido interesse em estabelecer um sistema feudal no Novo Mundo, ou mesmo capacidade para tanto? É inexplicável que um sistema feudal tenha criado outro, ou tenha se autotransplantado para um novo continente[26].

Sob esse entendimento, tendo sido o Brasil colonizado para a exploração de todas as ordens possíveis de riquezas naturais extraíveis de suas terras e envio das mesmas como mercadorias para o mercado mundial, não era de se esperar que a aristocracia portuguesa e seus operantes mercantis capitalistas buscassem promover aqui formas de estruturação e desenvolvimento econômico-social que permitissem a formação de quem, por essência, destina seu trabalho na terra para sua própria sobrevivência local e autônoma: o camponês. Como descrito anteriormente, ao longo do avanço da burguesia europeia sobre a hegemonia feudal naquele continente, em especial a partir de seus processos revolucionários ocorridos entre o final do século XVIII e a metade do século XIX, foram postos em prática todos os esforços para a desvinculação do camponês da terra[16]. Tal necessidade estruturante capitalista e tal experiência prática pavimentaram o caminho anti-camponês da colonização mercantil deste rico e amplo novo território.

Nesse sentido, a busca pelo controle das terras por meio da concentração das mesmas nas mãos de poucas famílias, alinhadas econômica e ideologicamente com a Coroa portuguesa e com a burguesia europeia, foi a estratégia permanente adotada desde os primeiros anos da colonização brasileira. No entanto, esta estratégia precisou ser readequada ao longo de sua permanência, uma vez que, apesar da dureza de seus marcos legais[27,28] e da violência da constante e "natural" aplicação dos elementos de dominação do padrão de poder capitalista colonial, indígenas, negros, brancos e mestiços pobres, imigrantes e até herdeiros geracionais de terras pequenas fracionadas de antigos latifúndios buscaram e construíram, ao longo de cinco séculos, brechas de vinculação e estabilização camponesa à terra[29-32].

Assim, no período entre a instituição das 14 capitanias hereditárias (1534)[27] e o descobrimento das primeiras minas de ouro em Minas Gerais (1698)[30], o que, sob critérios econômico-sociais, pode ser considerada a fase inicial da colonização brasileira, tal concentração de terras foi estruturada e viabilizada – nas extensas áreas das duas únicas capitanias que de fato vingaram no Brasil, a de Pernambuco e a de São Vicente (São Paulo) – pelas sesmarias. Segundo Maestri[32]

> A necessidade de organização da plantação escravista mercantil ensejou a apropriação latifundiária das terras das colônias luso-americanas através da lei portuguesa das sesmarias que entregava, sem qualquer ônus, aos apadrinhados da administração colonial – sesmeiros – propriedades de "três léguas em quadro", uns 13 mil hectares [Grifos do autor].

Tidas, então, como a principal origem das propriedades privadas brasileiras e como base organizativa e material para a exploração do trabalho escravo[27,32] – inicialmente indígena e, posteriormente, em sua maior parte, negro –, as sesmarias buscavam não apenas a produção monocultora para exportação, mas também a ocupação e o absoluto domínio português-burguês sobre a terra. Esta exploração e domínio se davam através tanto do controle e subjugação, em níveis de genocídio ou de "uso até o ponto de descarte", do trabalho e dos corpos das "raças inferiores" vermelha e preta, quanto da busca constante pelo impedimento ou inviabilização da vinculação dos mesmos à terra. Desta forma, Maestri[32] aponta como *"a sociedade aldeã horticultora tupi-guarani* [...] *a mais elevada e maciça experiência protocamponesa americana praticada nos atuais territórios do Brasil"*[32], além de escravizada, teve seu modo agrícola itinerante – que *"permitido pela abundância da terra, mantinha eficientemente o estado sanitário das culturas, através da quebra do ciclo dos agentes causadores das enfermidades nos vegetais"*[32] – destruído pelo avanço e tomada das terras livres pelos sesmeiros, seus feitores e funcionários-colonizadores. Com relação às populações negras, o mesmo autor aponta que

> No contexto da produção escravista mercantil do Brasil, os produtores diretos escravizados não estabeleceram vínculos significativos de posse efetiva com a terra trabalhada. A produção autônoma de meios de subsistência, pelos próprios trabalhadores escravizados, nos domingos, em nesgas de terras, foi fenômeno extraordinário e assimétrico no escravismo brasileiro.
> Mais ainda, essa prática tendia a dissolver-se quando a produção escravista acelerava, impulsionada pela expansão do mercado e dos preços dos gêneros que produzia. Tal fato e a subordinação, no interior das unidades produtivas, dessas práticas extraordinárias, às exigências da produção mercantil, determinaram a inexistência do protocampesinato negro[32].

Entretanto, o que Maestri aponta como destruição ou proibição da existência dos protocampesinatos indígena e negro pelos sesmeiros, no período que antecedeu a descoberta do ouro no Brasil, corresponde ao que seriam modos estáveis e legais de vínculo camponês à terra. Este mesmo autor e, também, Ribeiro[30], relatam a fuga, formação e fixação, ("subversiva" e vulnerável), em localidades longínquas e de mais difícil acesso possível, de comunidades autônomas indígenas e quilombolas, que, invariavelmente, viviam da prática e economia natural.

Sendo algumas dessas comunidades resistentes até os dias de hoje[33,34], ainda que sob permanentes e diversos contextos de vulnerabilização, tais camponeses indígenas e negros passaram a ser prontamente perseguidos assim que iniciaram os processos de fugas e formação de seus refúgios territoriais[30,31]. Os principais responsáveis por estas perseguições foram os portugueses-paulistas que, vivendo sob a decadência econômica da capitania de São Vicente (que não integrava regularmente o circuito mercantil agroexportador-importador, dominado pela capitania de Pernambuco e suas sesmarias), ganhavam a vida e buscavam manter algum patamar socialmente mais elevado em relação aos indígenas – com os quais se misturavam e se acaboclavam – por meio de empreitadas para aprisionar e/ou "recuperar" negros e indígenas "foragidos" e vende-los aos sesmeiros de Pernambuco[30].

E foram esses mesmos paulistas, caçadores-comerciantes de "raças humanas inferiores" e de qualquer riqueza natural que eventualmente encontrassem, os responsáveis pelo início do ciclo do ouro no Brasil. De descobridores da maior riqueza mineral da colônia, na, até então, *"terra de ninguém"*[31] das Minas Gerais, os paulistas, não raramente, iniciaram este ciclo como mineradores desestruturados e esfomeados no final do século XVII, passando a artesãos ou mineradores subalternos à Coroa e aos empresários do ouro (patrícios lusitanos ou antigos sesmeiros agroexportadores e seus descendentes) ao longo do século XVIII, até se tornarem, maiormente, ao fim do mesmo século XVIII, camponeses posseiros de terras. Tal estágio agrário-camponês se desenvolveu uma vez que, com o esgotamento das jazidas de pedras preciosas, os "ex-paulistas" mineradores espalharam-se pelas vastas áreas desocupadas, *"selecionando*

as terras já não pela riqueza aurífera, mas por suas qualidades para moradia e cultivo"[30]. Foi também ao longo deste período, devido ao vultuoso aporte de escravos negros trazidos para realizar os penosos trabalhos de mineração e à posterior decadência do poderio dos empresários do ouro para manter presos e resgatar fugitivos, que se formaram e se fortaleceram inúmeros quilombos em terras até então sem interesse para sesmeiros, empresários e para a Coroa[30,31].

No entanto, assim como ocorrido com a população negra que "ousou" escapar e se campesinar no período de colonização anterior ao ciclo do ouro, as terras dos quilombos, formados por ex-lavradores (fugidos e, também, os libertos), não tardaram a se tornarem alvos de antigos e futuros sesmeiros agroexportadores. Segundo Martins[31],

> Aos primeiros indícios da decadência das antigas lavras, tendo notícia da abastança dos pretos e gentalhas em suas roças, bem como, de eventuais descobertas de ouro, começaram os reinóis mineiros a se preocupar com a destruição de tais "quilombos", com o fito de se apossarem, inicialmente, de seus descobertos...
> [...] Avançaram-se os anos agravando a decadência. O objetivo dos donos do poder, mormente nas décadas de 1750, 60 e 70, passou a ser, mais do que nunca, a destruição dos quilombos – geralmente instalados em terras ricas e férteis – com vistas a se apossarem de suas terras e formularem pedidos de sesmarias para a instalação de fazendas de roças e de criação de gado vacum e cavalar.
> [...] Para garantir a posse da terra aos "homens bons", ou seja, aos que além de ricos e abastados não tivessem sangue impuro até a quarta geração, estatuiu-se que, a partir de 1732, toda a posse que permanecesse sem a respectiva carta de sesmaria devia ser considerada ilegítima; devia ser denunciada, revertendo ao denunciante o direito a essas terras.
> Como se vê, as condições e formalidades para a obtenção de uma sesmaria, excluía completamente o acesso à terra aos pobres, mormente se fossem pretos livres (negros, pardos, cabras, caribocas ou cafuzos, etc.) e, ao mesmo tempo, permitia às pessoas poderosas amealharem 50, 100 e até 200 léguas quadradas de terra [Grifos do autor].

Com relação aos pobres brancos ou mestiços, os posseiros ("antigos paulistas"), a exclusão prática do acesso à terra teve uma brecha no período de recessão mercantil e econômica caracterizada entre o fim do surto minerador e a reestruturação de um novo processo colonial de produção agroexportadora. Desta

forma, entre as décadas de 1790 e 1840, os posseiros espalharam-se por todo o Centro-Sul do País, formando terras de cultivo e morada onde antes existiam apenas florestas e campos naturais[30]. Segundo Darcy Ribeiro[30], com terras disponíveis, mão de obra familiar e formas de convívio solidárias entre famílias de uma mesma localidade (*"bairros rurais"*[30]) – que envolviam formas coletivas de trabalho, como os mutirões de preparo da terra, plantio e colheita; e de lazer e religião, como a construção conjunta de capelas e a promoção de festas (leilões e bailes) –, os posseiros, neste período e processo de cristalização da *"área cultural caipira"*[30], estabeleceram *"uma economia natural de subsistência"*[30]. As semelhanças da forma de economia do caipira-posseiro, vivendo em comunidade, apontada por Ribeiro[30], com o modo de vida e economia camponesa nos termos propostos por Chayanov[18] ficam evidentes na descrição seguinte:

> A vida rural caipira, assim ordenada, equilibra satisfatoriamente quadras de trabalho continuado e de lazer, permitindo atender às carências frugais e até manter os enfermos, débeis, insanos e dependentes improdutivos. Condiciona, também, o caipira a um horizonte culturalmente limitado de aspirações, que o faz parecer desambicioso e imprevidente, ocioso e vadio. Na verdade, exprime sua integração numa economia mais autárquica do que mercantil que, além de garantir sua independência, atende à sua mentalidade, que valoriza mais as alternâncias de trabalho intenso e lazer, na forma tradicional, do que um padrão de vida mais alto através do engajamento em sistemas de trabalho rigidamente disciplinado[30].

Ainda segundo Ribeiro[30],

> A liberdade incidental dessa existência autárquica duraria pouco, porque logo surgiria outra forma de viabilização da economia de exportação através da grande lavoura e, com ela, a proscrição legal (1850) do acesso à propriedade da terra pela simples ocupação e cultivo, através da compra ou de formas de legitimação cartorial da posse, que eram inacessíveis ao caipira.
> [...] O fator básico dessa reordenação social e econômica era o restabelecimento do sistema mercantil e com ele a valorização das propriedades. Desencadeia-se a disputa pelas terras de melhor qualidade, próximas das redes de transporte, utilizáveis para as lavouras comerciais, cada vez mais amplas, de algodão e de tabaco e para as novas lavouras de café, que começam a difundir-se. Nesse processo os cartórios se ativam para avalizar títulos de velhas sesmarias, verdadeiros ou falsificados, promovendo o desalojamento de antigos posseiros.

> Todo um aparato jurídico citadino se coloca a serviço dessa concentração de propriedade. Propriedades pulverizadas por efeito de heranças sucessivas de famílias extensas se reconstituem por compra das parcelas de exploração inviável. Entram em ação os demarcadores de glebas a se fazerem pagar em terras pelos que não têm dinheiro. Multiplicam-se os grileiros, subornando juízes e recrutando as forças policiais das vilas para desalojar famílias caipiras, declaradas invasoras de terras em que sempre viveram. Postas foras da lei e submetidas à perseguição policial, elas são, finalmente, escorraçadas das terras à medida que sua exploração comercial se torna viável.

Tal proscrição legal de 1850, promulgada logo após o período das revoluções que concretizaram o domínio mundial da burguesia europeia ocidental[16], e que, não coincidentemente, normatizou a capitalização da terra – tornando-a mercadoria e restringindo sua compra e venda apenas à pequena parcela de novos burgueses agroexportadores que dispunham e concentravam o capital-dinheiro no País –, é a chamada Lei de Terras de 1850[28]. Esta lei oficializou, assim, por meio do ato de compra, a propriedade privada de sesmarias imensas que, ao menos em teoria, eram tidas, até então, como concessões da Coroa.

Esses "novos latifúndios" capitalizados, concentrados nas mãos de poucos (alguns novos e muitos já históricos) proprietários agroexportadores; a intensificação das relações mercantis com os países em expansão industrial, com consequente expansão das áreas cultivadas e do emprego de novas formas e tecnologias de cultivo menos dependentes de mão de obra constante; e a deliberada inviabilização de negros (quilombolas, em processo de libertação e alforriados oficialmente a partir de 1888) e posseiros de vincularem-se legalmente à terra por impossibilidade monetária para a compra tornaram, então, as terras dos quilombos alvos de novos ataques, comprimindo os resistentes restantes em áreas de pouco ou nenhum interesse para os latifundiários da época. Ao mesmo tempo, converteram as terras dos posseiros em propriedades dos latifundiários (compradores e denunciantes da "ilegalidade" dos posseiros). Estes foram comprimidos, inicialmente, nos rincões dos latifúndios, como produtores "parceiros" (obrigados a repassar grande parte da produção para o "dono da terra" como pagamento pelo uso da mesma) e, com o avanço das áreas de café e pastagem no

final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tiveram definitivamente seus vínculos geracionais com a terra rompidos[28-32].

Entretanto, não se pode dizer que esse processo conseguiu eliminar a manutenção e a influência de negros e brancos pobres no campesinato que alcançou o século XX. Além da economia natural mantida nos quilombos isolados remanescentes e dos poucos posseiros que conseguiram adquirir pequenas propriedades após a Lei de Terras (que, por integrarem-se apenas parcialmente ao mercado capitalista, devido às suas terras e produções diminutas, mantiveram o modo de vida e economia autônoma camponesa), negros e caipiras – tanto os que permaneceram em pequenos interstícios de terras (geralmente de forma ilegal), empregando-se eventualmente (conforme os ciclos e necessidades das produções latifundiárias) por pagamento irrisório (devido à grande abundância de mão de obra desocupada e à exploração capitalista extrema dos latifundiários); quanto os que foram para as margens das cidades em busca de salários de sobrevivência – passam a conformar, desde então, a massa de trabalhadores rurais e urbanos sem terra. Estes trabalhadores, pouco a pouco e contra todo o aparato do Estado oligárquico-burguês, começa a reivindicar, a se organizar e a lutar pelo direito à propriedade da terra e pela manutenção e desenvolvimento da cultura, modo de vida e economia camponesa[35].

Além desses negros e caipiras camponeses (com alguma – "legal" ou "ilegal" – ou sem nenhuma terra), surge ainda, como consequência da Lei de Terras de 1850, outro ator importante para a formação e manutenção do camponês no Brasil. Devido à necessidade de substituição da mão de obra escrava e de abastecimento de alimentos para o mercado rural e urbano interno (já que a produção monocultora em larga escala visava apenas a exportação de produtos primários), intensifica-se o até então incipiente movimento e atuação da Coroa e, em seguida, da República oligárquica, para promover a imigração de trabalhadores europeus para seu emprego assalariado nos latifúndios e para a colonização de terras devolutas e improdutivas[28,32,35].

Ao analisar dados sobre a formação do povo rural brasileiro apresentados por Darcy Ribeiro[30] – e, por isto, aqui estabelecida uma "conversa" complementar entre

os dois autores –, Stédile[36] aponta os dois caminhos de formação do camponês brasileiro com origem direta nesse processo de colonização por imigração de europeus:

> A partir de 1851, intensificou-se a imigração de trabalhadores pobres oriundos da Europa. Os principais fornecedores dessa mão de obra desesperada foram Portugal, Itália, Espanha e Alemanha, mas também houve imigração de outros países como Polônia, Ucrânia, Suíça e França, em menor escala.
> [...] A maior parte desse contingente era basicamente de trabalhadores adultos, prontos para trabalhar, prontos para serem explorados no trabalho agrícola e substituir o trabalho escravo. E assim de fato aconteceu.
> Uma leva dos imigrantes foi para São Paulo e Rio de Janeiro, onde se integrou às lavouras de café e cana, no sistema de colonato[36].
>
> Efetivamente, é o colonato imigrante que, por esse sistema, implanta o regime assalariado na vida rural brasileira, aceitando uma rigorosa disciplina de trabalho mas, em compensação, fazendo-se pagar efetivamente e pagar mais. Movido por um horizonte mais amplo de aspirações e contando com um melhor ajustamento ao trabalho assalariado, o imigrante produzia mais e melhor. Alguns conseguiram depois de alguns anos, mercê de sua capacidade de poupança, libertar-se da condição de colono para se fazerem pequenos empresários. Seus filhos já brasileiros seriam os operários dos centros nacionais industriais nascentes[30].
>
> Outra leva, foi para o Sul do Espírito Santo, para a região serrana do Rio de Janeiro e para os Estados do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), onde se dedicou à produção de alimentos para a cidade. Relatam os historiadores que todos eles implantaram suas lavouras já completamente integrados ao mercado. Receberam lotes de terra de 25 a 75 hectares, que lhes eram vendidos, de acordo com a Lei de Terras, pelo governo federal ou pelos governos estaduais, ou por empresas colonizadoras agenciadoras dos governos. Portanto, todos aqueles que receberam terras tiveram de pagar por elas, tiveram de trabalhar muito para produzir bens agrícolas, vendê-los ao mercado, comprar ferramentas e quitar seus débitos junto ao governo[36].

Devido, então, ao fato de serem os primeiros pequenos proprietários legalizados de terras no Brasil, os imigrantes são tidos por Maestri[32] como a origem do *"campesinato nacional propriamente dito"*[32]. No entanto, sem diminuir a importância do colonato europeu para a formação e consolidação do campesinato brasileiro – com os conhecimentos e técnicas de cultivo milenares que trouxeram e também com sua capacidade de organização, advinda de anos de luta contra a investida da burguesia capitalista europeia sobre as terras de suas famílias[16] –, é importante ressaltar que, em uma colônia onde a concentração da terra nas mãos de poucos ricos, nobres e/ou

burgueses, foi a estrutura política e de ação concreta perpetuada para a exploração e controle das riquezas naturais e do trabalho da "população inferior" – e que, mesmo assim, indígenas, negros, brancos e mestiços pobres sempre encontraram e mantiveram brechas de vinculação camponesa à terra –, a posse da mesma, segundo legislações escritas e promulgadas por integrantes do poder colonial/capitalista hegemônico, não pode ser o único critério de definição da origem e manutenção dos camponeses no País.

Além disso, nem mesmo a origem pobre – no caso, a do imigrante europeu – é a única responsável pelo surgimento da pequena propriedade rural de economia camponesa no Brasil. Se considerarmos, por exemplo, uma antiga sesmaria de 13.000 hectares[32] oficializada como propriedade privada pela Lei de Terras de 1850 (portanto, passível de repartições geracionais por meio de heranças) e utilizarmos o dado oficial mais antigo existente sobre o número médio de filhos das famílias brasileiras – 6,16 filhos por família (Censo de 1940[37]) – podemos calcular, de forma aproximada, que após três repartições geracionais os herdeiros deste latifúndio poderiam não chegar a 60 hectares de terra. Mesmo sabendo que parte destes herdeiros não deixavam de ser latifundiários, expandindo novamente suas terras logo após as primeiras repartições por meio da compra de novas áreas e das partes de outros herdeiros e também pelos meios fraudulentos já descritos anteriormente[30], sabe-se também que não foram raros os herdeiros que, à medida que perdiam capital e poder econômico para a contratação de mão de obra e, assim, se afastavam da capacidade produtiva exigida pelo mercado agroexportador, passaram a ter o trabalho familiar e a economia camponesa como principal forma de auto-sustento e de integração não-dependente ao circuito mercantil local.

Como percebemos, portanto, os modos de vida e economia natural e camponesa no Brasil, conformadas por populações indígenas, negras, caipiras, imigrantes e herdeiras de pequenas propriedades, que praticavam uma agricultura policultora tanto para a manutenção familiar quanto, em alguns casos, para a comercialização de parte da produção, atravessaram quatro séculos de violentas

adversidades para se formar, se manter e se reproduzir socialmente. Assim, o campesinato brasileiro chegou às primeiras décadas do século XX por meio de uma existência inaceitavelmente – para a colonialidade do poder capitalista – persistente, simultânea e contra-hegêmonica.

3.3 Revolução Verde: a readequação da colonialidade do poder capitalista

Sem alterar a estrutura fundiária, econômica, social e ideológica de colonização e exploração das riquezas e da população pobre, a oligarquia-burguesa agrária brasileira, fruto direto e sempre dependente dos países centrais do capitalismo global (que passa a contar com o prolongamento cultural dominador da Europa Ocidental na América, os Estados Unidos[38]), oficializa, a partir da proclamação da República em 1889, seu domínio direto sobre o aparato de Estado no Brasil[24,32]. Os elementos de colonialidade do poder capitalista mundial – ideia de raça, controle do trabalho e controle do conhecimento – permaneceram, assim, estruturando as operações de dominação das terras e trabalhadores para a exportação de mercadorias primárias para o mercado mundial e para a importação de produtos industrializados para atender o consumo ostentoso desta elite oligárquica[24].

No entanto, como vimos, tal dominação, apesar de eficiente e violenta, nunca chegou a ser total. Diferentes “brechas históricas” de vinculação à terra e de posterior resistência, manutenção e/ou retorno à vida e produção familiar no campo – por indígenas, negros, mestiços e brancos pobres – permitiram o desenvolvimento dos modos de vida e economia natural e camponesa no Brasil. E a contra-hegemonia do campesinato brasileiro em relação ao capitalismo não vem apenas desta persistência de viver autonomamente na e da terra, tirando deste bem natural básico, por meio do trabalho familiar autorregulado, o que é necessário e satisfatório para a vida. Esta simultaneidade também é contra-hegemônica pois, obviamente (quase redundantemente), para serem simultâneos à um padrão de poder hegemônico que se

utiliza de elementos de colonialidade para impossibilitar a existência simultânea de sociedades e organizações humanas que não são dependentes e submissas ao capital, os modos de vida e economia natural e camponesa desfazem, nas localidades onde coexistem, os elementos-pilares de colonialidade do padrão de poder capitalista.

Nesse sentido, em especial a partir da formação da pequena propriedade legal e do camponês branco (imigrante europeu, herdeiro geracional de latifúndios fracionados sucessivamente e alguns poucos posseiros que conseguiram legalizar suas terras apossadas), como classificar socialmente o camponês como “naturalmente inferior” (passível de ser dominado sob qualquer forma de desumanidade) sendo que diferentes cores de pele, com diferentes origens e papéis sociais pré-definidos – inclusive o branco europeu – conformavam o mesmo, porém diverso, campesinato?; como controlar e explorar o trabalho camponês, articulando inteiramente sua produção e seu consumo ao mercado capitalista, uma vez que a autoexploração do trabalho familiar para o abastecimento interno, sem prescindir da categoria salário e com alto nível de autonomia produtiva, permitia ao campesinato tanto uma existência desvinculada quanto uma inserção autorregulada (controlada e não dependente) à este mercado?; como dominar sob uma ordem subjetiva totalizante externa – ainda que autointitulada moderna e mais avançada – a produção, utilização e disseminação da cultura própria nestas localidades camponesas, sendo que, em seu modo de vida e economia as experiências e sabedorias familiares e comunitárias intergeracionais, que produzem conhecimentos, crenças, técnicas e tecnologias consolidadas por anos de experimentações e melhoramentos, eram adequadas às características e contextos locais e supriam as necessidades produtivas e sociais?

Buscando, então, evitar qualquer ameaça que essa existência simultânea poderia trazer aos privilégios que o domínio trazia tanto à burguesia-oligarquia dependente brasileira quanto à burguesia central europeia-estadunidense, o poder capitalista lançou mão de um processo de readequação dos elementos de colonialidade para garantir e aprofundar o controle da terra e do trabalho rural e para tentar, enfim, atingir a submissão completa do persistente campesinato. Assim, esta readequação

para “recolonizar” o campesinato passa a utilizar e a potencializar o discurso, a construção ideológica e a ação para a necessidade de modernização da vida e do trabalho no campo já não atrelando a modernidade e o desenvolvimento de maneira mais acentuada apenas ao elemento de colonialidade de controle da subjetividade, mas também à classificação social e ao controle do trabalho.

Como todo processo, a modernização dos modos de vida e economia natural e camponesa nos moldes e interesses coloniais oligárquicos/burgueses-capitalistas teve, antes de estar plenamente estruturada e com ações e rumos totalmente definidos, etapas precedentes de construção. Desta forma, o que foi chamada Revolução Verde, a partir do final da década de 1960, e que consistiu (e ainda consiste) num processo estruturado de transferência de pacotes tecnológicos das indústrias químicas e mecânicas dos países dominantes para os campos agrícolas dos países dominados[39,40], teve como antecedentes constitutivos no Brasil: a construção do camponês (em toda sua diversidade) como “ser inferior” (Jeca Tatu, bicho do mato, capiau, caipira da roça, etc.) por intelectuais pertencentes às oligarquias/burguesias agrárias e à nascente burguesia urbana; e também a construção do controle “por dentro”, por meio da intrusão direta da ciência e técnica agrária capitalista, do modo de produção camponês, do trabalho familiar não-assalariado e do conhecimento local e intergeracional.

A readequação do principal elemento estrutural da dominação colonial capitalista – a ideia de existência de povos/populações “naturalmente inferiores” aos europeus ocidentais – começou a ser trabalhada, já a partir dos primeiros anos do século XX, para unificar todas as diferenças e, principalmente, todas as semelhanças que envolviam a autonomia de vida e produção da diversa população camponesa sob uma única *“caricatura”*[80]. Os principais responsáveis por esta construção ideológica do campesinato autônomo como atrasado e inferior aos europeus, estadunidenses e brasileiros “desenvolvidos” (com capital-dinheiro); como responsável pelos problemas sociais e sanitários do País; e como parasita da terra e do Estado – visão que fundamentou, a partir de então, tanto as ações práticas dos elementos de colonialidade

de controle do trabalho e da subjetividade quanto as políticas e ações públicas – foram os intelectuais e escritores brasileiros de origem oligárquica e burguesa, educados na ou sob as bases de conhecimento da Europa Ocidental capitalista[30,41]. Naxara[42], citada por Klanovicz[41], aponta que

> A discussão sobre a "capacidade civilizadora" do Estado brasileiro, alimentada desde o final dos oitocentos, ganhou forma por meio de escritores como Sílvio Romero, Euclydes da Cunha, Monteiro Lobato, Manoel Bonfim e Paulo Prado. São escritores que descreveram um Brasil caótico e produziram representações sociais para as elites [Grifos do autor].

Tanto Klanovicz[41] quanto Darcy Ribeiro[30] descrevem o *"intelectual-fazendeiro"*[30] Monteiro Lobato como peça-chave para a construção do camponês como "ser inferior". Segundo Klanovicz[41], para Lobato

> o atraso da nação se devia aos parasitas caboclos, aos lavradores ignorantes, pobres, infelizes e, principalmente, doentes. Lobato, membro da elite paulista do início do século XX e articulista d´*O Estado de São Paulo*, criou em 1914 o personagem Jeca Tatu com o intuito de representar a população lavradora nacional sob a ótica da doença. Jeca era um caboclo que morava numa palhoça de chão-batido, convivendo com animais domésticos (galinhas, um galo índio e um cachorro sarnento). Ele vivia a maior parte do tempo de cócoras, "sem disposição para o trabalho"; era ignorante e sua mulher não passava de uma "sarcopta [sic] fêmea cheia de filhos." A rigor, Jeca Tatu era a elaboração patronal do brasileiro pobre do início do século XX e nessa perspectiva, figura detestável, horrível, repugnante, porém necessária para a manutenção das próprias elites.
> [...] Talvez seja por isso que Lobato afirmava que o Jeca Tatu, no meio de tanta vida, não vivia, não sabia dançar, nem cantar, nem comer; era um urupê de pau podre e sua vida resumia-se ao convívio com poucos animais domésticos numa propriedade rural de alguns alqueires de terra mal-aproveitados economicamente[41] [Grifos do autor].

Essa imagem caricata e depreciativa do camponês e seus modos de vida e produção, construídos, então, como arcaicos, improdutivos e negativos tanto para o desenvolvimento do País quanto para sua própria saúde, se disseminou por diversos meios de comunicação e entretenimento ao longo do século XX e consolidou a interpretação latifundiária de Lobato sobre o campesinato (abarcando pequenos proprietários, trabalhadores rurais sem posse de terra – empregados temporários,

parceiros, meeiros, posseiros, etc. – indígenas aldeões e quilombolas) como inferiorizado, passível e até necessitado de ações e intervenções do Estado e da ciência para modernizar seu modo de vida atrasado.

Paralelamente, vinha sendo construída, desde o final do século XIX, as primeiras estruturas de (re)produção de conhecimentos e práticas das ciências agrícolas no Brasil, que, alguns anos mais tarde, fundamentariam as teorias e as práticas do processo "modernizador" do campesinato. Esta ciência, oriunda e baseada nas formas de produção que atendiam e representavam os interesses mercantis dos países centrais do capitalismo e da elite brasileira, teve como primeira experiência concreta a fundação do Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Segundo Coelho[43]

> Os trabalhos de [Franz Wilhelm] Dafert [1863-1933] no IAC, no final do século XIX, são emblemáticos para entender como a agricultura foi se transformando em Agronomia. Dafert, austríaco, aos 24 anos já era doutor em Química Agrícola pela Universidade de Giessen e foi contratado pelos Barões do Café para dirigir o IAC, com vistas a sugerir formas de recuperação dos solos e melhoria dos cafezais de São Paulo.
> [...] A investigação de Dafert [...] daria início às pesquisas baseadas na química agrícola, modificando os procedimentos de simples observação dos cultivos e tratos culturais. Sempre que possível, buscou sistematizar os resultados econômicos e valores numéricos mais precisos, de maneia a corresponder às expectativas dos financiadores do Instituto, os Barões do Café paulista.

Apesar de fundamentar os primeiros passos da ciência agronômica capitalista no Brasil, os resultados iniciais apresentados pelo IAC desagradaram em grande parte seus mantenedores. Dafert, que tinha os países e as propriedades europeias mais fragmentadas como referência produtiva, apontou como resultados para os problemas de produtividade e de impactos à capacidade de regeneração e manutenção do solo o uso predatório da terra nos extensos latifúndios, o trabalho escravo e o distanciamento dos donos em relação à produção, já que estes viviam nas cidades[43].

Tais críticas e questionamentos inconvenientes às bases da ordem econômica, social e política da oligarquia-burguesia latifundiária que comandava o País não foram repetidos nas escolas agrícolas com raízes e inspirações estadunidenses

(fundadores, pesquisadores e professores) fundadas no início do século XX em Minas Gerais. Tanto a Escola Agrícola de Lavras (atual Universidade Federal de Lavras – UFLA), fundada em 1908 por missionários-professores da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos[44], quanto a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (atual Universidade Federal de Viçosa – UFV), *"criada por um americano apaixonado pelas possibilidades civilizatórias de uma escola científico-técnica para o melhoramento da agricultura no Brasil"*[43], em 1922, não apresentavam em seus programas curriculares e em seus projetos de pesquisa temas que questionassem e buscassem formar profissionais com pensamento crítico em relação às estruturas latifundiárias e monocultoras[43,44]. Analisando a trajetória inicial da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, Coelho[43] aponta que

> À medida que o mundo social não era questionado, o conhecimento técnico comprometia-se com o aprimoramento da ordem existente sem tocar nas bases estruturais latifundistas, ou seja, esse conhecimento técnico comprometia-se com a "manutenção modificada" da dinâmica econômica e social de uma ordem política oligárquica. As possibilidades abertas pelas mudanças técnicas eram interessantes, desde que não tocassem na capacidade de controle político das oligarquias sobre a terra e o trabalho no campo. Por isso, pode-se dizer que esse arranjo institucional permitiu a construção de forte identidade de propósitos entre a escola e as elites agrárias[43] [Grifos do autor].

Nesse mesmo sentido, além de (re)produzir ciência-técnica para o desenvolvimento produtivo e econômico dos cultivos das elites latifundiárias, as principais escolas agrícolas do Brasil existiam para que os filhos desta mesma elite, além de outros poucos que haviam ascendido socialmente por meio da escolaridade num País majoritariamente analfabeto, se formassem agrônomos para aplicar os conhecimentos técnicos adquiridos nas terras de seus pais e/ou patrões[43,44]. Desta forma, até a década de 1940 a ciência agrária "nacional" e a construção ideológica e social do camponês brasileiro como um ser/povo inferior vinham fortalecendo a estrutura e a economia capitalista dos grandes concentradores de terra do País, mas ainda não haviam, de maneira substancial, permitido a modernização-conversão capitalista das economias natural e camponesa não-capitalistas (crescentes em

número, levando em consideração às constantes subdivisões geracionais de terras por meio de heranças).

É possível, então, que nessas mesmas primeiras décadas do século XX, quando Chayanov apresentava os conceitos teórico-práticos que permitiam a autonomia e a resiliência da economia camponesa frente ao capitalismo[18], representantes e promotores deste poder hegemônico – neste ponto muito bem caracterizados pela família estadunidense Rockefeller e sua Fundação difusionista dos interesses capitalistas em escala global – tenham apreendido o que bem descreve Martins[45]:

> A propriedade familiar não é propriedade de quem explora o trabalho de outrem; é propriedade direta de instrumentos de trabalho por parte de quem trabalha. Não é propriedade capitalista; é propriedade do trabalhador. Seus resultados sociais são completamente distintos porque nesse caso a produção e reprodução das condições de vida dos trabalhadores não é regulada pela necessidade de lucro do capital, porque não se trata de capital no sentido capitalista da palavra. O trabalhador e lavrador não recebe lucro. Os seus ganhos são ganhos do seu trabalho e do trabalho de sua família e não ganhos de capital, exatamente porque esses ganhos não provêm da exploração de um capitalista sobre um trabalhador expropriado dos instrumentos de trabalho.
> Apenas quando o capital subordina o pequeno lavrador, controlando os mecanismos de financiamento e comercialização [...] é que sub-repticiamente as condições de existência do lavrador e sua família, suas necessidades e possibilidades econômicas e sociais começam a ser reguladas e controladas pelo capital, como se o próprio lavrador não fosse o proprietário da terra, como se fosse um assalariado do capitalista[45].

Dessa maneira, uma solução efetiva para desestruturar e dominar a simultaneidade da vida e economia natural e camponesa, fazendo com que estas fossem atreladas e submetidas à economia capitalista, precisava ser colocada em prática de modo a corromper e alterar “por dentro” a autonomia do trabalho familiar em relação ao mercado e ao capital e produtos externos. Tal solução prática, que permitiria à ciência agrária capitalista desenvolver efetivamente seu papel colonial, ao passar a controlar e subjugar o trabalho e os conhecimentos camponeses, já vinha sendo realizada nos Estados Unidos. De lá, então, foi trazida e adaptada ao Brasil por Nelson Rockefeller, através da Associação Internacional Americana (AIA), a Extensão Rural[46].

Sobre os primórdios em seu país de origem e sobre a importação da Extensão Rural para o Brasil, Fonseca[46] relata que

> Em 1914 o Governo Federal [dos Estados Unidos] encampou todas essas experiências, instituindo e oficializando o Trabalho Cooperativo de Extensão Rural, cuja finalidade era veicular, entre a população rural americana ausente dos Colégios Agrícolas, conhecimentos úteis e práticos relacionados à agricultura, pecuária e economia doméstica, para a adoção de modos mais eficientes na administração da propriedade rural e do lar.
> [...] [A Extensão Rural] fornecia uma proposta teórico-metodológica para se conseguir, em menor prazo, que os habitantes de "áreas tradicionais ou subdesenvolvidas" modificassem seus comportamentos pela adoção de práticas consideradas cientificamente válidas para a solução de seus problemas e consequentemente o alcance do desenvolvimento econômico-social.
> Convém lembrar mais uma vez que, nesta perspectiva, o desenvolvimento econômico-social é entendido como uma passagem da sociedade do tipo tradicional [...] para um tipo de sociedade onde predominam padrões de lucro, neutralidade afetiva, universalismo, especialização e soluções técnico-científicas para os problemas comuns.
> [...] em 6 de dezembro de 1948 foi assinado um convênio entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a Associação Internacional Americana, fundando a Associação de Crédito e Assistência Rural[46] [Grifos do autor].

Não por coincidência Nelson Rockefeller escolheu Minas Gerais para ser a experiência e a referência brasileira em extensão dos conhecimentos acadêmicos-científicos para o meio rural. As Escolas Agrícolas de Lavras e de Viçosa, após algumas décadas de existência, vinham não apenas (re)produzindo conhecimentos e técnicas alinhadas aos interesses do mercado e das empresas capitalistas, em especial as estadunidenses, como também vinham realizando experiências prévias de disseminação dessa ciência, por meio de exposições nacionais e da publicação e distribuição de revistas, livros e cartilhas agropecuárias[43,44]. Com o estabelecimento, então, neste Estado, da tríade pesquisa-ensino-extensão rural, a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR – MG) pôde – sendo *"uma instituição cuja prática tinha em vista a difusão de produtos e métodos de cultivos exigidos pela chamada, na época, de "agricultura moderna""*[43] e contando, para isto, com todo aparato Estatal e empresarial capitalistas – dar início ao processo de introjeção, no modo de produção camponês, de artifícios de "melhoria e desenvolvimento" que desconsideravam e subjugavam suas técnicas e conhecimentos tradicionais e sua autoexploração equilibrada do trabalho

familiar. Assim, a extensão rural logrou atrelar, enfim, em grande parte, o trabalho e a economia camponesa à economia capitalista por meio do círculo vicioso da compra de tecnologia externa-crédito para pagar seus custos.

O desenrolar histórico da Extensão Rural no Brasil, apontado por Coelho[43] e Klanovicz[41], clareia como este componente prático de intrusão das teorias e técnicas da ciência capitalista, sob o discurso da modernização do inferiorizado camponês, completou a readequação das ferramentas de colonialidade, permitindo, para desenvolver sua desestruturação e submissão, o acesso do poder capitalista ao trabalho autorregulado e autônomo da produção camponesa familiar e também à seus conhecimentos:

> ...novas relações de mercado se estabeleceram, ligando os setores agrícola, financeiro e empresarial/industrial. O chamado Serviço de Extensão Rural tem na Acar uma referência institucional original e na Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (Abcar) de 1956, uma organização de abrangência nacional.
> Em 1974, os militares transformaram essa estrutura organizacional, criando a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) e suas filiadas nos Estados (as Emateres). Como empresa estatal, essas organizações configuravam uma estrutura que viabilizou a criação de uma rede nacional com a qual as políticas públicas do regime militar intensificaram a modernização tecnológica no Brasil. Nesse contexto de modernização intensiva, ou seja, de busca de conexão do setor agrícola com o industrial e o financeiro, merece destaque também o surgimento da rede de lojas para venda de insumos, as chamadas “Casas da Lavoura” ou “Casa do Fazendeiro”.
> [...] Em todos esses momentos, a ação dos profissionais das ciências agrárias pautou-se nos princípios da persuasão difusora da necessidade de consumo tecnológico. Essa perspectiva modernizante da base produtiva da agricultura alterou as relações de trabalho no campo, mas sem remover o latifúndio. Não fazia parte da formação desses profissionais a prática da análise crítica das condições políticas em disputa. Com o tempo, muitos extensionistas foram sendo contratados por grandes cooperativas ou abriram suas próprias lojas comerciais para venda de produtos agro-pecuários[43].

> Os “jecas” sucessivamente redefinidos por instituições de assistência técnica e extensão rural não passavam de agricultores coagidos pelo Estado a inserir suas propriedades na economia capitalista, transformar técnicas de produção e éticas de trabalho. Sua cultura com relação à natureza e à paisagem sofreriam interferências desse mesmo processo modernizador. Nesse processo, a ciência tinha papel fundamental como articuladora e unificadora do conhecimento técnico agropecuário e procedimentos rurais dos lavradores antigos. A ciência revestia-se de importância social na medida em que incorporava preocupações relativas ao analfabetismo, à saúde, à higiene [...]. Tais preocupações sociais

> faziam com que a literatura burocrática fosse imbuída da missão de transformar hábitos individuais e comportamentos sociais “atrasados” em modernos[41].

Dessa forma, a construção precedente e interconectada da “inferioridade camponesa” e do controle de seu trabalho e de sua subjetividade por meio da ciência-extensão rural capitalista formaram a estrutura (re)colonizadora em que se fundamentou uma nova revolução burguesa, comparável em potencial de dominação e alcance de ação global às Revoluções Francesa e Industrial. Neste sentido, esteve diretamente envolvida neste processo, desde o lançamento-nomeação oficial da Revolução Verde, em 1968[39], até sua difusão e concretização, nas décadas de 1960 e 70, a Fundação Rockfeller (uma vez mais não por coincidência) juntamente com outras instituições estadunidenses de disseminação dos interesses e estruturas capitalistas em escala global, como a Fundação Ford, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Banco Mundial[39,47].

Autores e publicações propagadoras deste processo não mediram palavras para descrever e definir os componentes e a totalidade dessa revolução capitalista colonial contra o campesinato, inclusive, e em especial, para quem ainda não havia “se modernizado” ou para quem persistisse em manter sua forma tradicional de trabalho e relação com a terra e os demais elementos naturais que envolvem o cultivo de alimentos:

> Four universal measures that revolutionized traditional agriculture and turned it into a modern economic activity included: the use of inorganic fertilizers, particularly synthetic nitrogen compounds; mechanization of field and crop-processing tasks energized by engines and motors; development of new high-yielding cultivars; and application of agrochemicals to combat pests and weeds. None of these advances could have occurred without still-increasing inputs of fossil fuels and electricity and without the introduction of new prime movers. Consequently, modern farming is not just a skillful manipulation of solar energy flows; it is now an activity unthinkable without massive fossil fuel energy subsides channeled from fuel and electricity to power farm machinery and, more important, indirectly from energy embedded in numerous industrial products and used to support extensive agricultural research[48].

Sem surpresas, portanto, os precedentes de readequação dos elementos de colonialidade do poder capitalista e o processo estruturado de recolonização do campesinato por meio da Revolução Verde não trouxeram para a atualidade resultados sociais e econômicos diferentes dos planejados por seus idealizadores, executores e beneficiários: uma crescente dependência do trabalho familiar em relação ao mercado de tecnologias agroindustriais e de capital externo[45]; e uma crescente concentração de terras nas mãos dos históricos latifundiários, já que tal dependência, muitas vezes, torna inviável a manutenção da vida e da produção familiar e os camponeses se veem obrigados a vender suas terras para pagar dívidas e a partir em busca de subempregos na cidade ou nas terras latifundiárias.

No entanto, como vimos, mesmo após 500 anos de violência, invisibilização e diversas formas e tentativas de inviabilização do vínculo à terra e de desestruturação e subordinação do modo de vida e economia do campesinato pelo poder capitalista hegemônico, a agricultura camponesa brasileira chega ao século XXI ocupando 24,0% das terras (o que corresponde a 84,4% das propriedades rurais), produzindo 70,0% dos alimentos consumidos (totalizando 40,0% da produção geral do País), empregando 74,0% da mão de obra no campo (composta em sua maior parte pela própria família)[49] e tendo organizado e consolidado diversos movimentos sociais (reconhecidos nacional e internacionalmente) de luta por seus direitos, tendo como exemplos e expoentes o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o MPA.

3.4 Do “uso seguro“ de agrotóxicos (preventivismo) para a agroecologia (Promoção da Saúde)

A Dissertação de Mestrado “O Agricultor familiar e o uso (in)seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG”[50] revelou que, apesar de manter, em grande parte, suas estruturas e suas características laborais familiares, as formas de vida, economia e produção dos agricultores familiares lavrenses (daqui em diante chamados

de camponeses, devido à fundamentação conceitual e teórica em que se baseia o atual estudo) estão, em sua maioria, dominadas pela lógica e práticas introjetadas pela Revolução Verde e seu modelo do agronegócio. A principal consequência sanitária desta introjeção, apontada pelo estudo, é o uso de agrotóxicos em seus cultivos e rebanhos dentro de uma estrutura e contexto gerais onde não existe possibilidade de uso seguro destes produtos[50].

No entanto, segundo a Dissertação[50], à revelia dos danos à saúde e das mortes em decorrência da manipulação destes produtos – sistematicamente apresentados (em especial a partir da década de 2000) por pesquisadores e institutos de saúde coletiva/saúde pública[7,8,51] do País –, o paradigma do "uso seguro" de agrotóxicos vem sendo adotado e reforçado, desde o final da década de 1980, pelo Estado brasileiro e pelas indústrias fabricantes dos venenos agrícolas.

> No caso da utilização da tecnologia agroquímica no Brasil, a resposta conjunta das indústrias e do Estado, através da introdução do paradigma do "uso seguro" na lei que regulamenta os agrotóxicos, não só não respondeu aos questionamentos de trabalhadores e movimentos sociais sobre as consequências nefastas do uso de agrotóxicos como mascarou a responsabilidade das empresas químicas transnacionais e nacionais por estas consequências. Assumindo este paradigma, o Estado brasileiro ainda se eximiu da prioridade de promover tecnologias não-químicas de produção de alimentos e reduzir a utilização de agrotóxicos como forma de mitigar os danos ambientais e os agravos à saúde provocados pela utilização destes produtos. Ao mesmo tempo assumiu a máxima industrial de que o não cumprimento das complexas medidas de segurança por agricultores é consequência da histórica defasagem educacional do meio rural brasileiro [...] e da sua própria incapacidade de fiscalizar todas as unidades produtivas agrícolas do País. Colhendo os frutos da livre comercialização e ainda das políticas públicas de incentivo ao uso de agrotóxicos, as indústrias químicas consolidaram e expandiram seu mercado consumidor no Brasil, subordinando as distintas categorias de produção agropecuária [...] à tecnologia agroquímica.
> [...] Neste contexto de desprezo e desconsideração das características da agricultura familiar, o trabalhador rural autônomo pode ser facilmente culpabilizado pelos danos e agravos que ele e sua família arcam ao utilizar agrotóxicos[50].

Após o entendimento da atuação histórica do capitalismo, como padrão de poder hegemônico, para estruturar e readequar os elementos de colonialidade de classificação social (inferiorização), controle do trabalho e controle da subjetividade

para a submissão do campesinato brasileiro, podemos perceber, então, que, tanto as ações e intervenções do Estado e das indústrias químicas para "modernizar" a prevenção da saúde dos camponeses em relação aos agrotóxicos – que agora usam esta "tecnologia avançada de controle de pragas", porém (e uma vez mais), o fazem de forma "atrasada", sem as "proteções técnicas e tecnológicas devidas" –; quanto a responsabilização destes camponeses pelas consequências sanitárias e ambientais provocadas pelo uso desta tecnologia de forma "errada", "indiscriminada", "irresponsável", "sem se preocupar com os impactos" "por mais que sejam ensinados e advertidos por técnicos agrícolas e sanitários" seguem sendo a perpetuação das

> continuidades discursivas e reforços de estereótipos, tais como o do "agricultor-doente", o do "agricultor-imundo" ou aquele do "agricultor-degenerado". [...] a representação do agricultor doente permaneceu no imaginário da elite política brasileira, quando ela formulou (e ainda formula) políticas voltadas à agricultura ao longo do século XX no Brasil, e, simultaneamente, de que forma essas mesmas elites entenderam conceitos como *doença, higiene e saúde* no mundo rural[41] [Grifos do autor].

Nesse ponto nos é fundamental compreender as semelhanças e relações do modelo preventivista em saúde e o modelo "modernizador do campo" proposto pelo agronegócio. Com seus cálculos matemáticos de riscos (baseados em dados epidemiológicos) e suas definições e modos de ação por meio de medidas de proteção (baseadas em "evidências médicas comprovadas pelas ciências biológicas e de alta tecnologia") para minimizar a exposição a estes riscos, a Prevenção em Saúde, aplicada de maneira verticalizada (da indústria e do Estado para o trabalhador) e como um pacote moderno fechado a ser seguido à risca, não apenas se assemelha como, no caso do "uso seguro" de agrotóxicos, representa mais uma readequação do capitalismo agrário[50] para manter seu processo de controle do trabalho e da subjetividade do "camponês inferior".

Dessa forma, sobre a hegemonia da Prevenção em Saúde no campo da saúde pública, Caponi[52] afirma que *"tudo parece indicar que é mais simples normalizar condutas do que transformar condições perversas de existência"*[52]. Ou seja, sob o olhar

preventivista-científico-moderno, a questão para o campesinato não é deixar de usar agrotóxicos e as demais tecnologias do pacote do agronegócio, mas sim usá-las sob as condições de proteção contra riscos estipuladas pelas próprias fabricantes e vendedoras destas tecnologias e pelo Estado. A leitura comparada entre a inviabilidade de transpor de maneira inequívoca os estudos de risco dos papéis e calculadoras para a realidade, apontada por Caponi[52], e a inviabilidade de aplicar nas condições diárias do modo de vida e trabalho camponês as tecnologias mercadológicas produzidas nos laboratórios e campos experimentais pelas ciências agrárias e empresas capitalistas, discutida por Coelho[43], deixa clara a incoerência de tal olhar preventivista e, consequentemente, a ineficácia de propor e realizar políticas públicas, pesquisas e ações de extensão que não questionem e busquem alternativas aos paradigmas da "modernização" capitalista no campo e da prevenção-proteção contra suas consequências:

> O objetivo formal do estudo de risco é inferir a causalidade, avaliando a probabilidade da ocorrência de eventos de doença em indivíduos e/ou populações expostos a determinados fatores. No entanto, apesar de se propor a mensurar riscos individuais e/ou coletivos, o que o método matemático utilizado estima é o 'efeito causal médio' – uma redução tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo. As reduções – passagens lógicas necessárias e inevitáveis à viabilização do método – constroem representações que não correspondem à complexidade dos processos. O problema é que as informações produzidas por meio dos estudos de risco tendem a ser empregadas sem se levar em conta as passagens de nível lógico que efetuam. Não se considera devidamente os limites estritos de aplicação das estimativas de risco, 'apagando-se' assim aspectos importantes dos fenômenos[52].

> Ao analisar a natureza mercadológica das tecnologias, percebe-se que nelas vêm estabelecidas normas técnicas e processos que, necessariamente devem ser seguidos por aqueles que as compram. Essas normas tentam reproduzir o ambiente artificial do experimento no qual as tecnologias foram geradas; por exemplo, aquela semente exige determinados nutrientes no solo, espaçamento ideal, alguns tratos culturais e outros insumos e defensivos de apoio. Tecnologia na agricultura é um pacote fechado, uma condensação do trabalho do cientista que também é produtor de valor. Fora de suas regras técnicas, ela não traz resultados esperados e pode provocar desastres produtivos e ambientais que, atualmente, vêm assumindo dimensões preocupantes. Normalmente, a tecnologia é frágil diante de adaptações do dia-a-dia, diante do saber cotidiano/tradicional e dos recursos de trabalho de muitas famílias de agricultores no Brasil[43].

É, portanto, necessária a busca e a operacionalização teórico-metodológica de um conceito de saúde mais democrático e horizontal que permita a construção do vínculo e do protagonismo dos camponeses, por meio da auto apreensão de seu contexto e da valorização e utilização de seus conhecimentos e recursos, no processo de mudança das condições de dominação, exploração e adoecimento de seu modo particular de vida, produção e economia. Além disto, tal conceito deve ser condizente e entrelaçável, teórica e praticamente, com um modelo de produção e conhecimento que seja coerente com o modo de vida e economia camponesa e possa reestrutura-lo e potencializa-lo.

Nesse sentido, a Carta de Ottawa[53], constructo da Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde, trouxe, em 1986, as bases conceituais do campo de conhecimento e prática em saúde capaz de dar sustentação a processos de melhoria das condições de vida e saúde de populações subjugadas e destituídas do controle de seus próprios contextos, recursos e autonomia:

> Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global[53].

Buss[54], ao analisar o conteúdo e o desenvolvimento desse conceito, afirma que a Promoção da Saúde e a Prevenção em Saúde (este, com seus métodos que buscam evitar as doenças como forma de garantir a saúde individual e populacional) são complementares, porém *"o enfoque da promoção da saúde é mais amplo e abrangente, procurando identificar e enfrentar os macrodeterminantes do processo de saúde-doença, e buscando transformá-los favoravelmente na direção da saúde"*[54].

Segundo este mesmo autor, *"os indivíduos e as comunidades devem ter oportunidade de conhecer e controlar os fatores determinantes da sua saúde"*[54].

Sendo, nesse sentido, o modelo de produção de alimentos um fator determinante para a saúde e modo de vida de famílias e comunidades camponesas e sendo os agrotóxicos invariavelmente danosos à saúde humana e ao meio ambiente[7,8,50,51], não há outro caminho viável para promover a saúde de populações camponesas que não o desenvolvimento de um processo social que permita a compreensão e a superação da dominação exercida pela agricultura capitalista e de uma estratégia metodológica que viabilize a descolonização do pensamento e vida camponesa por meio de uma transição para o modelo agroecológico. Este modelo de produção agrícola permite o (re)desenvolvimento do equilíbrio camponês em relação ao meio ambiente local, ao seu modo de economia familiar e às suas relações sociais e culturais, promovendo, assim, a autonomia destas populações subjugadas e expostas, direta ou indiretamente, à agrotóxicos[55-57]. Em concordância com estes apontamentos, autores como Azevedo e Pelicioni[57] e o próprio Ministério da Saúde – por meio das 'Diretrizes nacionais para a vigilância em saúde de populações expostas a agrotóxicos'[58] – indicam tanto a agricultura e o sistema agroalimentar como fatores indissociáveis à conformação das condições de vida das populações rurais, quanto a agroecologia como área que intercomplementa e fortalece o conceito, as estratégias e as práticas em Promoção da Saúde. Com relação à este modelo de produção e vida, Machado e Machado Filho[59] afirmam que

> [...] a agroecologia, como forma de agricultura e como a entendemos, retoma as concepções agronômicas de produção pré-revolução verde. Apropria-se dos imensos progressos da ciência e da tecnologia dos últimos 50 anos que se conformam em técnicas produtivas com a incorporação das questões sociais, políticas, culturais, ambientais, energéticas e éticas...

Essa amplitude embutida no termo Agroecologia, que engloba o campo da construção de conhecimentos e de subjetividades, das técnicas e da práxis, fundamenta e é fundamentada por um também amplo marco conceitual[60]. A leitura de alguns autores

acadêmicos, institucionais e de movimentos sociais nos aponta três diferentes, complementares e interconectadas “áreas conceituais” da Agroecologia, que nos ajudam a defini-la e a perceber suas relações e possibilidades em relação à área da Promoção da Saúde:

a) Agroecologia como ciência:

Voltada para o desenvolvimento da produção de alimentos, da preservação ambiental e da equidade social, a Agroecologia, enquanto ciência, propõe um olhar, uma compreensão e um desenvolvimento holístico da prática da agricultura. Buscando aplicar princípios ecológicos e sociais à produção, a Agroecologia estuda, pesquisa, melhora e promove técnicas e tecnologias que visam e valorizam a diversificação e a complexidade de sistemas produtivos. Estas diversidade e complexidade de espécies (vegetais, animais, microrganismos, etc., incluindo suas relações ambientais e humanas) em uma mesma área produtiva promovem interações ecológicas que permitem ao próprio sistema desenvolver a vida e a fertilidade local, garantindo, consequentemente, melhores níveis de produção e de saúde dos alimentos e dos trabalhadores da terra. A ciência agroecológica, portanto, desenvolve conhecimentos, métodos e metodologias que buscam altos índices de produtividade, equilíbrio ambiental, autonomia e justiça social, sendo estes aspectos – interconstrutivos e sinérgicos – fundamentais para a viabilização da superação do uso de agrotóxicos e do modelo de produção do agronegócio por populações camponesas[60,61,62].

b) Agroecologia como prática:

Fruto tanto dos conhecimentos tradicionais-geracionais camponeses quanto de suas constantes inovações e adaptações, a Agroecologia, enquanto prática

produtiva, se caracteriza pela integração (e não pela dependência) dos saberes populares e do saber acadêmico-científico[63]. Neste sentido, segundo Gubrur e Toná[64], a Agroecologia, ao se fundamentar em práticas de manejo que envolvem e priorizam o entendimento e o trabalho do solo como organismo vivo; a reciclagem de nutrientes; o uso de energias de fontes localmente acessíveis (solar, vento, água, etc.); o favorecimento dos processos e equilíbrios ecológicos; a associação e a diversificação de cultivos e animais; entre outras práticas de base ecológica, coloca o camponês na posição de

> [...] pesquisador das especificidades de seu agroecossistema, para desenvolver tecnologias apropriadas não só às condições locais de solo, relevo, clima e vegetação, mas também às interações ecológicas, sociais, econômicas e culturais. Na perspectiva da agroecologia, essa não pode ser tarefa de especialistas isolados. A agroecologia exige conhecer a dinâmica da natureza e, ao mesmo tempo, agir para a sua transformação [64].

Dessa forma, a teoria e a técnica agroecológica (camponesa-acadêmica), quando de fato fundamentadas e direcionadas à aplicação prática e autônoma, coloca em primeiro plano e é adaptada às condições socioeconômicas e ecológicas de cada localidade camponesa. Assim, não existem receitas de técnicas e tecnologias agroecológicas aplicáveis "indiscutivelmente" em qualquer situação e local, mas sim experiências capazes de exemplificar, indicar e/ou inspirar novos caminhos e novas práticas de manejo de agroecossistemas[61].

c) Agroecologia como movimento:

Os movimentos sociais do campo de todo o mundo, baseados em suas lutas, ações e experiências históricas, vêm assumindo a Agroecologia como opção primordial para o confronto e reversão dos impactos gerais causados em comunidades e populações camponesas pelo sistema agroalimentar da Revolução Verde[65-71]. Isto porque, como ferramenta multidimensional (produtiva, ambiental, social, econômica,

cultural, técnica, energética, ética, política, etc.), a Agroecologia permite, por meio do resgate da autonomia e do modo de vida camponês, o enfrentamento e a transformação (desde escalas locais a globais) da realidade de hegemonia e imposição do modelo capitalista de agricultura[59,70]. Neste sentido, o Movimento Camponês Internacional La Vía Campesina (LVC) afirma que

> A agroecologia é modo de viver e é a linguagem da natureza que aprendemos sendo seus filhos. [...] Os territórios são um pilar fundamental da agroecologia. Os povos tradicionais e as comunidades têm o direito de conservar suas próprias relações espirituais e materiais com suas terras. Estão legitimados a garantir, desenvolver, controlar e reconstruir suas estruturas sociais consuetudinárias e administrar suas terras e territórios, incluindo zonas pesqueiras, tanto do ponto de vista político como social. Isso implica o pleno reconhecimento de suas leis, tradições, costumes, sistemas de propriedade e de instituições e constitui o reconhecimento da autodeterminação e a autonomia dos povos[69].

No Brasil, segundo Wezel[60], a agroecologia teve seu início, como conceito e práxis, por meio de movimentos que pautaram, a partir da década de 1970, o desenvolvimento rural e a agricultura em equilíbrio com o meio ambiente como forma de oposição e reversão dos impactos ambientais e sociais desencadeados pela Revolução Verde. Segundo este mesmo autor, desde então, por meio da intensificação dos debates e atuações de distintos e crescentemente interconectados atores sociais (incluindo movimentos camponeses, acadêmicos, associações cietíficas, instituições públicas, ONGs e militantes de diferentes frentes), o Brasil é o país onde a Agroecologia vem sendo mais clara e decisivamente definda e utilizada como movimento e ação social (política), prática (técnicas agroecológicas) e produção de conhecimento e tecnologia (ciência). Assim, entendida como práxis que promove o diálogo horizontal e a ação conjunta entre indivíduos, comunidades e entidades camponesas, acadêmicas e institucionais, a Agroecologia no Brasil dispõe de fundamentação, experiências e potencial para a descolonização do pensamento e modo de vida e para a construção e viabilização de processos sociais, culturais, ecológicos e sanitários para a superação do modelo dominante de produção agrícola.

Retomando a dimensão sanitária, portanto, o entendimento da agroecologia por meio de seus amplos conceitos e definições e a sua utilização como um processo descolonizador de populações camponesas exige a utilização de base teórico-prática que fundamente o desenvolvimento dos conceitos também emancipadores da Promoção da Saúde, buscando desenvolver o protagonismo dos próprios camponeses neste processo e focar esforços de ação e pesquisa para a identificação, disponibilização e operacionalização dos fatores presentes nas comunidades e famílias camponesas que de fato promovam saúde. Navolar *et al*[55] demonstram a importância de uma estruturação metodológica que operacionalize a associação teórica e prática destes conceitos ao afirmar que

> [...] vários são os fatores que identificam a prática da agricultura ecológica como uma estratégia de promoção da saúde dos agricultores envolvidos neste processo, destacam-se: a referência à autonomia, a manutenção do modo de vida rural, a valorização do conhecimento do agricultor, a troca/intercâmbio de trabalho, sementes e conhecimentos com outros agricultores, o que representa uma atitude política diante das condições de vida social[55].

No entanto, usando as palavras de Miller[72], *"lamentablemente, debido a una muy arraigada separación entre las esferas de la salud pública y la agricultura, existen muy pocas investigaciones que establezcan una relación directa entre las prácticas agrícolas y los resultados sanitarios"*. Azevedo e Pelicioni[57] corroboram tal constatação ao afirmarem que *"apesar da importância da agricultura familiar [...] e dos desafiantes objetivos da agroecologia, a saúde rural sob a ótica da agricultura sustentável tem sido pouco explorada em pesquisas da saúde pública e coletiva"*[57]. Este fato, que enfraquece as ações práticas e as produções teóricas tanto do campo da Agroecologia – devido ao preterimento de uma de suas dimensões mais perceptíveis e consideradas pelos camponeses[55] – quanto do campo da Promoção da Saúde – devido à subutilização de proposições teóricas e práticas que de fato podem construir outra realidade para o desenvolvimento da saúde e autonomia camponesa (para além do apontamento e elucidação dos impactos dos agrotóxicos e do modelo do agronegócio)

–, vem favorecendo o processo já em andamento de cooptação da Agroecologia pelas corporações capitalistas formadoras e promotoras do agronegócio[65].

Tais corporações, que hoje abarcam a produção, venda e *lobby* de produtos como agrotóxicos, sementes transgênicas e fertilizantes químicos – além da construção ideológica da necessidade e vantagens de seus usos – têm incorporado em seus discursos de *marketing* e listas de mercadorias pacotes de narrativas, insumos e técnicas "mais saudáveis", "verdes", "orgânicas" e até mesmo "agroecológicas", com o intuito de garantir tanto o domínio sobre o crescente nicho de mercado da valorização da alimentação saudável/preocupação com impactos ambientais, quanto a substituição gradual de seus insumos-mercadorias agrícolas frente a uma antevista e irrefreável queda de produtividade do insustentável modelo "moderno" da Revolução Verde[65].

Assim, o resgate, a implementação e a disseminação da Agroecologia – a Agroecologia camponesa, reconhecida como prática e teoria produtiva histórica e culturalmente constituinte do modo de vida e economia do campesinato e apoiada por uma ciência descolonizada e descolonizadora[62] –, por meio do desenvolvimento e análise de um processo social de transição agroecológica, protagonizada pelos próprios camponeses e fundamentada em seus recursos, apresenta-se, como dito anteriormente, como caminho necessário para a superação da lógica de produção do agronegócio e para a Promoção da Saúde em comunidades camponesas.

3.5 A Filosofia da Libertação e o Método Analético

Ao propor o Método Analético como filosofia e prática científica para a estruturação de caminhos para a libertação (ou a descolonialidade) do povo latino-americano, Enrique Dussel[38] não põe em dúvida a importância e a necessidade do Método Dialético de Marx[17] para a superação – pelos trabalhadores organizados da cidade e do campo – das relações e formas de dominação e exploração impostos pela burguesia capitalista. No entanto, ele afirma ser necessário o desenvolvimento de um momento anterior (o momento analético), onde os que vivem e trabalham sob a

colonialidade do poder capitalista[24] – ou seja, aqueles que são subjugados e explorados tanto pela burguesia local dependente (periférica) quanto pelos países e corporações dominantes (que negam, desde sua posição central no capitalismo, a cultura e o modo de vida "inferior e atrasado" da periferia do mundo, impondo a sua "modernidade") – precisam se autorreconhecer (ou se afirmar) como exterioridade à totalidade da sociedade capitalista, para, a partir daí, negar a negação imposta (momento dialético) pelo capitalismo burguês[38].

Para o desenvolvimento desse processo analético, a categorização dos trabalhadores – sejam urbanos ou rurais, sem terra ou com pequena propriedade, etc. – como uma classe proletária única é, segundo Dussel[38], insuficiente, pois esta nos permite apenas a interpretação da oposição conflituosa entre proletariado-burguesia ou classe operária-classe detentora do capital. Para o autor, a principal insuficiência desta categorização generalizante (muitas vezes seguida de forma acrítica por marxistas mesmo de países colonizados[38]) é que, para que esta oposição exista – a oposição que surge a partir do momento em que a burguesia, detentora dos meios de produção/especulação, tanto nega (expropria) o direito de parte da população de também os deter para utilidade própria, quanto nega (explora) o devido pagamento e dignidade pelo emprego-venda do trabalho dos que não possuem meios próprios; e, consequentemente, a oposição que surge da luta destes trabalhadores contra esta exploração e expropriação (enfrentamento ou contra-negação de quem lhe nega seus direitos, buscando obter o que lhe foi injustamente negado) – é necessário que as duas classes opostas façam parte da mesma totalidade capitalista. Como se esta luta de classes, onde uma classe quer manter e aumentar seus privilégios e a outra quer acabar com esses privilégios e aceder de forma mais justa e equitativa aos meios de produção e de vida, acontecesse dentro de um único círculo, "o único existente": a totalidade da sociedade capitalista[38].

No entanto, a leitura contextual de Marx – a da sociedade europeia ocidental do século XIX em crescente processo de industrialização da cidade e do campo – não abarcou a existência e a interpretação de formas de trabalho e economia que se

localizavam fora da totalidade capitalista (ainda que afetadas por ela)[38]. O camponês, sob a interpretação de Chayanov[18,19] (a mesma que utilizamos para a realização deste estudo), aquele que manteve (ou conquistou) sua pequena propriedade de terra – e não por isso passou a ser burguês – e que seguiu sendo trabalhador em sua terra – autoexplorando e autorregulando o trabalho familiar e o atendimento de suas necessidades –, é, talvez, o maior exemplo de outros modos de vida e economia fora da totalidade capitalista. Nesse sentido, o "encaixe" do camponês pequeno proprietário de terra (inclusive indígenas e quilombolas) diretamente como proletário, ainda que este também seja historicamente explorado e tenha seus direitos e modo de vida constantemente ameaçados pelo capitalismo, pode ser um caminho de luta forçoso e instável, se não ineficaz. Isto porque, sendo proletários "de fato" os trabalhadores urbanos e rurais sem terra (sem meios de produção/especulação próprios, explorados por empregadores donos do capital), o "encaixamento" direto dos camponeses pequenos proprietários como classe proletária pode tornar as lutas por terra, aumento de salário, jornada reduzida, descanso semanal, férias, posse dos meios de produção, etc., inicialmente estranhas, fora de contexto e desmotivadoras para os mesmos[38].

Assim, no caso e exemplo do camponês brasileiro, o momento analético, como proposto por Dussel[38], deve trabalhar inicialmente o autoentendimento do camponês como tal (sua cultura; seu modo de vida e economia; seu modo de produção próprio e seus conhecimentos tradicionais/geracionais; seus direitos e desejos; as explorações que sofrem; e as suas pautas para a mudança do contexto de exploração), a partir de sua própria palavra e percepção. Uma vez estabelecido o processo de autorreconhecimento e de autoafirmação de sua identidade e de sua exterioridade ao modelo capitalista (ambos fortemente mascarados pelos violentos métodos e anos de atuação coorporativa-Estatal da Revolução Verde), o camponês teria as condições para também se identificar e se integrar às lutas do povo trabalhador frente à totalidade capitalista. Desta forma, como um segundo momento, o camponês não apenas passaria a encaixar seus pontos de luta junto à luta proletária, mas também identificaria a luta do povo a que faz parte como sua própria luta, desenvolvendo uma verdadeira dialética latino-americana (externa e contra a

totalidade capitalista, e não interna e como parte constitutiva da mesma). É, então, sob a necessidade de se descobrir metodicamente essa exterioridade do povo latino-americano, para que cada parte da multiculturalidade que o compõe possa de fato se auto definir e, a partir daí, definir os rumos de sua ampla descolonialidade, que Enrique Dussel propõe o Método Analético para uma Filosofia da Libertação Latino-Americana[38].

E sendo esse, portanto, um método que intenciona mudanças práticas, reais e profundas, que permitam uma interpretação filosófica/científica que promova e dissemine esta autêntica descolonialiade; e, também, sendo esse o caminho escolhido para fundamentar, implementar e analisar um processo de pesquisa e ação de Promoção da Saúde de populações camponesas dominadas e impactadas pelo modelo capitalista do agronegócio (e, consequentemente, afetadas pelo uso de agrotóxicos), se faz necessária a estruturação de um processo que se utilize de metodologias camponesas, paradigmas sanitários e desenhos de estudo que viabilizem a operacionalização do que é cientificamente definido por Dussel[38] como *"saber situar-se para que, das condições de possibilidade da revelação, pudéssemos aceder a uma reta interpretação da palavra do outro..."*[38], sendo que, *"o tema a ser pensado, a palavra reveladora a ser interpretada ser-lhe-ão dados na história do processo concreto da própria libertação"*[38].

3.6 A Salutogênese

Aaron Antonovsky[13] desenvolveu os conceitos da Salutogênese, como paradigma de operacionalização dos conceitos da Promoção da Saúde, ao realizar estudos com mulheres que haviam sido submetidas às condições degradantes dos campos de concentração nazista e ao identificar que, apesar de terem vivido situações semelhantes de estresse físico e psicológico, algumas delas, anos depois, se mantinham saudáveis e outras não[13-15]. A maneira como cada uma das inúmeras experiências vivenciadas ao longo da vida é vista/interpretada por cada pessoa seria,

segundo o autor, capaz de afetar a forma de lidar com a tensão e o estresse e também de influir na percepção e utilização de recursos (experiências) próprios para compreender, lidar e até mesmo beneficiar seu estado saúde[13,14].

Para Antonovsky[13,14], então, as práticas, conhecimentos e características positivas desenvolvidas e acumuladas a partir de cada experiência de vida (recursos de saúde) passam a ser, segundo o modelo Salutogênico de Promoção da Saúde, o embasamento subjetivo e as ferramentas utilizadas pelas pessoas e suas comunidades no processo contínuo de melhora de suas condições de vida e saúde. Componentes cognitivos, comportamentais e motivacionais são gerados a partir da identificação e apropriação dos recursos de saúde presentes em cada pessoa e em sua comunidade, e estes componentes – descritos, respectivamente, como Capacidade de Compreensão (entendimento do contexto em que vivem), Capacidade de Manejo (crença de que dispõe e podem utilizar seus próprios recursos) e Capacidade de Significação (motivação para mudar para melhor seu contexto utilizando seus próprios recursos) –, ao serem fortalecidos, retroalimentam as possibilidades das pessoas para identificar e se apropriar de novos recursos presentes em seu ser e em sua comunidade. O conjunto desses componentes é chamado pelo autor de Senso de Coerência (SOC)[13-15].

Assim, em consonância com o paradigma da Salutogênese, a Promoção da Saúde em qualquer comunidade, independentemente de seu contexto de carências, debilidades e injustiças, apenas será resolutiva caso os esforços de ação e pesquisa sejam direcionados para a identificação, a disponibilização e a utilização dos recursos de saúde ali existentes[13-15]. Contrastando, portanto, com as orientações patogênicas de prevenção de doenças/proteção da saúde e também de programas de promoção da saúde que não se baseiam em conteúdos teóricos que buscam desenvolver a saúde como "[...] *um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais*..."[53], a Salutogênese não caracteriza pessoas e comunidades nem propõe melhorias em seus contextos de saúde e vida baseando-se em seus problemas, debilidades e incompetências (fatores de risco).

No entanto, como discutido anteriormente, tal identificação, disponibilização e utilização de recursos locais para o desenvolvimento de um processo salutogênico de Promoção da Saúde pode não ser um processo simples em países e localidades onde a colonialidade do poder segue impondo o que foi chamado por Boaventura de Sousa Santos[73] de contração do presente. Sistematizando o pensamento de autores latino-americanos como Quijano[24] e Dussel[38], Santos[73] aponta que a multiplicidade e diversidade de experiências produzidas em realidades não condizentes com a lógica de racionalidade da modernidade ocidental sofrem um processo ativo de subalternização por meio da desqualificação de suas formas de existir e da descredibilização destas experiências como alternativas ao que existe de forma hegemônica. Este processo faz com que experiências locais, produtivas em seus diferentes modelos e lógicas de produção e ricas em um conhecimento que mescla o acúmulo tradicional e constantes inovações sejam suprimidas e invisibilizadas. Assim, o que está sendo realizado e vivido por famílias, comunidades e/ou cidades e países inteiros (explorados/colonizados pela globalização da racionalidade dominante dos países centrais do capitalismo) é convertido em ausências/não-existências, como se fossem experiências produzidas em escalas locais inviáveis, por modelos improdutivos, atrasados e por atores inferiores e ignorantes.

Além disso, devido à morte de Aaron Antonovsky (1923-1994) sem que houvessem sido estruturados métodos de desenvolvimento e utilização ativa (para a Promoção da Saúde) dos componentes de compreensão, manejo e significação e, também, ao persistente foco de pesquisadores subsequentes em trabalhar quase que exclusivamente com a aplicação do Questionário SOC (ferramenta desenvolvida por Antonovsky para medir o SOC individual)[13] para quantificar tais componentes em contextos específicos[74,75], a Salutogênese ainda carece de estruturas teórico-práticas que forneçam instrumentos que permitam o despertar, o fortalecimento, a pontencialização e a aplicação das capacidades e recursos pessoais e comunitários para a viabilização desse paradigma sanitário.

Nesse sentido, para o desenvolvimento de um processo salutogênico de promoção da saúde em comunidades camponesas dominadas pela lógica do agronegócio e expostas a agrotóxicos, torna-se fundamental a busca e utilização de métodos que permitam desenvolver a visibilização das experiências (inclusive as agroecológicas) disponíveis em suas propriedades e comunidades e, consequentemente, motivar os camponeses para a utilização e o intercâmbio horizontal de conhecimentos, percepções e motivações. Assim, a Salutogênese encontra na Metodologia Camponês a Camponês (CaC) os instrumentos e ferramentas sociais necessários para desenvolver, na prática, todo seu potencial de transformação e de descolonialidade.

3.7 A Metodologia Camponês a Camponês

Entendendo o Método Analético e a Salutogênese como referenciais para a edificação de processos sociais de emancipação/libertação por meio do autorreconhecimento e disponibilização de experiências, saberes e práticas (recursos) de camponeses e de suas comunidades e, consequentemente, por meio da autoconstrução de possibilidades e estruturas locais de tomada autônoma de decisão, fica claro que uma transição agroecológica não pode acontecer pela simples transmissão hierarquizada de práticas e tecnologias através das "vias clássicas" de assistência técnica e extensão rural, pesquisa e ações públicas que desvalorizam saberes tradicionais e não permitem o protagonismo camponês no processo. Nesse sentido, uma agroecologia organizada e potencialmente disseminável a "*uma escala em que muitas famílias mudem sua maneira de cultivar depende não tanto das práticas e tecnologias, mas sim da metodologia social e do processo social*"[76]. Neste sentido, não é, então, a transmissão de conhecimento técnico o fator limitante para a massificação de seu aspecto sanitário e descolonizador, mas sim a construção destes processos sociais horizontais[76].

Torna-se fundamental, portanto, a busca e utilização de uma metodologia social, genuinamente camponesa, conformada por ferramentas que promovam a visibilização das experiências/recursos disponíveis e a disseminação horizontal de conhecimentos e inovações agroecológicas entre os próprios camponeses. Neste sentido, a Metodologia CaC apresenta instrumentos e tecnologias sociais necessários para desenvolver esse processo de transição agroecológica horizontal e autônomo e, consequentemente, promover a organização social, a saúde, e a descolonialidade do povo camponês[10,11,77,78].

Tendo seus primeiros passos na América Latina sido dados, a partir de 1972, na Guatemala, a metodologia social CaC percorreu, entre as décadas de 1970 e 1990, diferentes caminhos, organizações e escalas nos campos do México, Honduras e Nicarágua[11,78]. Todavia, é em Cuba onde a CaC, desde sua implementação em 1997, vem obtendo seus resultados mais expressivos na conversão agroecológica e na sua disseminação. Em apenas 20 anos desde a implementação pela Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP), a CaC possibilitou que mais de 50,0% dos camponeses e camponesas cubanas passassem a produzir os alimentos que consomem e comercializam de maneira equilibrada com o ecossistema local e sem a necessidade de utilização de insumos externos, caros e nocivos à saúde e ao ambiente[10,78]. Por sua efetividade em disseminar a agroecologia comprovada, então, em comunidades e regiões rurais de diferentes países da América Latina e do mundo, a CaC é hoje identificada pela Via Campesina como *"a melhor forma das famílias camponesas desenvolverem e compartilharem suas próprias tecnologias e seus próprios sistemas de agricultura ecológica"*[68].

Segundo a sistematização e as adaptações desenvolvidas pelo Movimento Agroecológico Camponês a Camponês (MACaC) promovido pela ANAP de Cuba, cinco princípios fundamentais guiam esse processo horizontal e participativo de implementação/transição e disseminação da agroecologia camponesa[10] (Quadro 1):

Quadro 1. Princípios que guiam a metodologia CaC, segundo o MACaC da ANAP de Cuba[10].

Princípio 1	Começar devagar e em pequena escala	Este princípio facilita a avaliação, a reflexão e a retificação de erros, assim como diminui a magnitude dos possíveis riscos
Princípio 2	Limitar a introdução de tecnologias	Não é necessário introduzir muitas técnicas agroecológicas ao mesmo tempo. É mais rápido dominar uma a uma as inovações, consolidando-as e integrando-as pouco a pouco. Deve-se começar por aquelas técnicas que enfrentam e resolvem os maiores problemas produtivos e que, ao mesmo tempo, têm os menores custos iniciais, são fáceis de realizar e levam de maneira mais rápida a um resultado
Princípio 3	Obter êxito rápido e identificável	O entusiasmo é gerador de novas ideias, e as vitórias obtidas são o estímulo mais eficaz. Este princípio busca ser o motor moral na construção e reconhecimento dos progressos do trabalho cotidiano
Princípio 4	Experimentar em pequena escala	Experimentar não é outra coisa senão pôr à prova, comprovar, adaptar e adotar, a partir das necessidades, uma nova técnica ou solução. Graças a este princípio, o camponês transforma-se em um ativo experimentador e inovador; e a propriedade, em permanente e rico laboratório. Permite comprovar as tecnologias que servem ou não. Este princípio nos afasta, definitivamente, das receitas genéricas e dos pacotes tecnológicos planejados para todos e para todos os lugares. Proporciona segurança e confiança na tecnologia
Princípio 5	Desenvolver um efeito multiplicador	A multiplicação entre e pelos próprios camponeses dos resultados e experiências obtidas é a única forma de poder chegar à extensão e massificação deste sistema de produção. [...] Na medida em que os camponeses se transformam em multiplicadores, adquirem mais destreza na produção e na comunicação. O ensino permite conhecer um tema em profundidade; grande parte deste ensino reside no exemplo vivo, comunicado de camponês a camponês

Já para seu desenvolvimento prático, a CaC dispõe de um arcabouço de métodos, composto por passos, atores, atividades e ferramentas/instrumentos[10] (Quadros 2 e 3):

Quadro 2. Passos estruturantes da metodologia CaC, segundo o MACaC da ANAP de Cuba[10].

Passo 1	Iniciando o caminho	Começa-se a metodologia nas roças com o diagnóstico rápido dos problemas-chave, para em seguida estabelecer prioridades e identificar as melhorias que possam ser chaves para iniciar as mudanças
Passo 2	Intercâmbio de experiências	Realiza-se o intercâmbio de conhecimentos entre um grupo de camponeses e um promotor que, provavelmente, já tinha soluções para o problema daqueles, porque as experimentou em sua roça. Aqueles que estão com o problema começam a experimentação em pequena escala, para comprovar se a técnica do promotor funciona também em suas próprias roças. Observam êxitos e estabelecem compromissos. São importantes a reciprocidade e a continuidade depois do intercâmbio
Passo 3	Ferramentas metodológicas	Capacitação para facilitadores e promotores. O conhecimento destas ferramentas permitirá utilizá-los em diferentes atividades: oficinas, intercâmbios, jornadas de capacitação e/ou visitas a roças de outros agricultores
Passo 4	Oficina sobre técnicas agroecológicas	Além das técnicas-chave, é necessário experimentar outras tecnologias para garantir que funcionem e deem bons resultados, até dispor de um maior espectro de tecnologias. Há alguns promotores que se animam a experimentar e inovar
Passo 5	Encontro para reforço geral	Faz-se uma revisão de todo o processo, a fim de analisar conquistas e dificuldades, identificando as prioridades seguintes. Todos estes passos têm como eixos transversais a equidade de gênero, a agricultura sustentável e a segurança alimentar

Quadro 3. Atores, atividades e ferramentas da metodologia CaC, segundo o MACaC da ANAP de Cuba[10].

Atores	Atividades	Ferramentas/Instrumentos
Camponeses e Camponesas	Assembleia de integrantes da organização camponesa	Demonstrações didáticas (presenciais em roças ou por meios audiovisuais)
Promotor(a) agroecológico	Oficinas de socialização de experiências e construção de novos conhecimentos	Exibição de produtos, sementes, matérias e inovações
Facilitador(a) da promoção e multiplicação agroecológica	Diagnóstico Rápido Participativo	Dinâmicas de apresentação, animação e avaliação
Coordenadores(as) locais, municipais, estaduais e nacionais (dependendo a escala e estrutura de organização camponesa existente)	Visitas de trocas de saberes	Experiência de Banes (identificação participativa de práticas agroecológicas existentes e desejadas/necessárias)
Parceiros (instituições ou profissionais)	Intercâmbios de vivências	Outras (representações teatrais, poesias, canções, desenhos, mapas, fotografias, audiovisuais etc.)

A construção de processos sociais agroecológicos por meio da CaC – que tem como origem e base conceitual-prática as concepções e métodos da educação popular de Paulo Freire[11,79,80] – se dá, então, mediante a identificação e compartilhamento de saberes, conhecimentos e técnicas agroecológicas entre os próprios camponeses, sendo esta identificação e este compartilhamento viabilizados pela organização social entre as famílias das comunidades rurais de um território. Assim, a metodologia social CaC é capaz de promover a implementação e disseminação da agroecologia em pequenas e grandes escalas, através de princípios, passos e métodos que permitem o desenvolvimento do intercâmbio e do apoio mútuo entre camponeses.

Com relação ao seu potencial sanitário, a coerência da CaC com o conceito geral de Promoção da Saúde apresentado pela Carta de Ottawa[53] e com os conceitos do paradigma Salutogênico de Promoção da Saúde pode ser claramente identificada

por meio da descrição desta metodologia apresentada pela Organização Não Governamental Pan Para el Mundo[77]:

> A metodologia Camponês a Camponês é uma forma participativa de promoção e melhoramento dos sistemas produtivos camponeses, partindo do princípio de que a participação e o empoderamento são elementos intrínsecos no desenvolvimento sustentável, que se centra na iniciativa própria e no protagonismo das agricultoras e agricultores.

Dessa forma, podemos apontar a possibilidade de estruturação de uma metodologia analética de autorreconhecimento que se utilize dos métodos práticos disponibilizados pela CaC[10] para desenvolver uma Promoção da Saúde Salutogênica com populações camponesas submetidas ao modelo tóxico de produção moderno/colonizador do agronegócio. Neste sentido, o potencial de descolonialidade do modo de vida e economia camponesa poderá ser desenvolvido, escutado, sistematizado e analisado por meio de métodos/instrumentos que operacionalizem: o entendimento do contexto de subjugação do modo de produção dos camponeses pela lógica colonial da Revolução Verde e, também, o entendimento das possibilidades, viabilidades e benefícios gerais (incluindo os sanitários) da agroecologia (Capacidade de Compreensão); a identificação dos recursos agroecológicos e demais experiências positivas existentes em suas propriedades e comunidades e a crença de que eles estão disponíveis para a realização da transição de modelos de produção (Capacidade de Manejo); e a motivação em querer utilizar e compartilhar seus próprios conhecimentos e práticas e em se organizar para a mudança e melhoria do contexto de vida, economia, produção e saúde de sua família e sua comunidade (Capacidade de Significação).

3.8 A Pesquisa-Ação-Participativa

Um trabalho de pesquisa científica que pretenda desenvolver um processo coletivo de Promoção da Saúde Salutogênica e analisar a efetividade deste desenvolvimento por meio da escuta da palavra e do protagonismo dos próprios

camponeses – construindo caminhos e formas analéticas de autorreconheimento de suas sabedorias e técnicas agroecológicas e de sua capacidade/necessidade de organização social para definir e estruturar os rumos de uma transição agroecológica que supere a dominação e os impactos gerados pelo modelo capitalista do agronegócio –, não pode ter um desenho de estudo fundamentado em uma ciência que se impõe como "superior" e que define a realidade desde seu "ponto zero"[25] de observação.

Castro-Gómez[25] aponta que a epistemologia científica desenvolvida e disseminada a partir dos processos revolucionários burgueses do século XVIII estruturou uma nova linguagem que fundamentou metodicamente a construção, seleção e disseminação de conhecimentos de interesse para o processo de colonização imperial da Europa Ocidental capitalista, arrogando unicamente a seu discurso e ponto de vista "neutros" e "imparciais" a definição de quais conhecimentos são legítimos, normais e/ou modernos. Segundo este autor,

> La ciencia no es otra cosa que un lenguaje bien hecho y los lenguajes particulares son una ciencia imperfecta, en tanto que son incapaces de reflexionar sobre su propia estructura. Por eso, durante el siglo XVIII la Ilustración eleva la pretensión de crear un *metalenguaje universal* capaz de superar las deficiencias de todos los lenguajes particulares. El lenguaje de la ciencia permitiría generar un conocimiento exacto sobre el mundo natural y social, evitando de este modo la indeterminación que caracteriza a todos los demás lenguajes. El ideal del científico ilustrado es tomar distancia epistemológica frente al lenguaje cotidiano – considerado como fuente de error y confusión – para ubicarse en lo que en este trabajo he denominado el *punto cero*. A diferencia de los demás lenguajes humanos, el lenguaje universal de la ciencia no tiene un lugar específico en el mapa, sino que es una plataforma neutra de observación a partir de la cual el mundo puede ser nombrado en su esencialidad. Producido ya no desde la cotidianidad […] sino desde un punto cero de observación, el lenguaje científico es visto por la Ilustración como el más perfecto de todos los lenguajes humanos, en tanto que refleja de forma más pura la estructura universal de la razón.
>
> […] Alcanzar el punto cero implica, por tanto, que ese hipotético observador se desprenda de cualquier observación precientífica y metafísica que pueda empañar la transparencia de su mirada. La primera regla para llegar al punto cero es entonces la siguiente: cualquier otro conocimiento que no responda a las exigencias del método analítico-experimental, debe ser radicalmente desechado[25] [Grifos do autor].

Negando essa posição colonizadora do conhecimento científico iluminista-positivista, Castro-Gómez afirma, então, que *"la política del "no lugar" asumida por las ciencias humanas en el siglo XVIII tenía un lugar específico en el mapa de la sociedad colonial y fungió como estrategia de control sobre las poblaciones subalternas"*[25].

Nesse mesmo sentido, Orlando Fals-Borda[81,82] critica as bases de desenhos clássicos de metodologias da ciência social, como a Observação Participante, onde tal participação de pesquisadores nos processos que observam, analisam e fornecem resultados se dá por meio da manutenção da distância epistemológica e de um posicionamento considerado (autointitulado) neutro. Para correntes acadêmicas que estruturam suas pesquisas e trabalhos de campo sob esta perspectiva, o pesquisador, ainda que esteja no local e no meio das pessoas observadas e analisadas, não se envolve com o desenrolar e as possíveis melhorias nos contextos que observa. Comparando, então, conceitos de uma participação científica "neutra" e de uma participação científica socialmente ativa, e também contestando a academia clássica-positivista em sua insistência na imparcialidade da primeira e na não cientificidade da segunda, Fals-Borda apresenta o conceito de compromisso do sujeito pesquisador e de seu desenho de estudo:

> […] la observación *participante* como técnica, ya empieza a ser retada a través del concepto de participación, porque el de observación no ofrece problema. En efecto, no está en cuestión la necesidad de mantener una objetividad, una seriedad y una rigurosidad en la observación. Tampoco pretendía nadie buscar la "participación" y meterse en la lucha a ciegas, sino por el contrario, mantener los ojos bien abiertos, y con cierta serenidad, esa serenidad que, dirán los clásicos, viene de la actitud científica. Es el concepto de participación el que ofrece el reto. Lo esencial aquí, el "modo de ver" nuevo y en cierta medida ver de nuevo, no se puede entender sin entrar en el campo de las actitudes. Y eso de las actitudes ya empieza a inquietar a los científicos: "eso no es muy serio; eso no es objetivo", dirían en virtud de aquella famosa tesis de la neutralidad valorativa. Sin embargo, los que entramos en esta línea, pensamos que aun aquellos que se inquietaban y arrugaban la cara, tampoco eran neutrales, ni siquiera con nosotros. Les contestamos, entonces, con el concepto de *compromiso.*
>
> El concepto de compromiso, dentro de las ciencias sociales, viene a demostrar que la ciencia no es un fetiche con articulación propia y autónoma del conocimiento, sino que es un producto cultural, que está sujeta a las actitudes, a las creencias, a las supersticiones inclusive, de los científicos, es decir, de aquellos que hacen ciencia.

> […] con el concepto de compromiso se admite la esencia valorativa en la ciencia y a través de ese descubrimiento y aceptación de esa tesis, se trata de entrar en la dimensión teleológica del conocimiento; no en la dimensión utópica, no en la dimensión puramente práctica o cotidiana, sino teleológica.
> El concepto de "telos" (= propósito) implica un compromiso para una transformación, un compromiso en ese contexto de transformar una sociedad inadmisible[81] [Grifos do autor].

Baseando-se, então, na insuficiência de desenhos metodológicos positivistas para o desenvolvimento de uma ciência socialmente compromissada e útil e efetivamente participativa, Fals-Borda[81,82] apresenta as bases científicas da Pesquisa-Ação-Participativa (IAP – do espanhol Investigación-Acción-Participativa). Desenvolvida a partir das experiências adquiridas por meio da realização de pesquisas científicas que buscavam a construção coletiva de melhorias sociais práticas (e sua sistematização) com e a serviço de comunidades exploradas e subalternizadas (em especial comunidades camponesas, em países como Colômbia, México e Nicarágua), a IAP se fundamenta em elementos que apresentam intrínseca relação conceitual e operativa com o Método Analético, a CaC e a Salutogênese, permitindo, por isto, a estruturação de um desenho de estudo que interconecte e funcionalize as sinergias destes procedimentos promotores de autonomia.

Assim, o elemento de rompimento da relação dominante sujeito-objeto, base das ciências sociais clássicas – onde o sujeito é o pesquisador (com seu conhecimento científico metódico, superior em sua formação acadêmica e com capacidade de entender e interpretar a realidade e de definir ações a partir das informações extraídas do contexto em estudo) e o objeto são as comunidades estudadas (seres incapazes de compreender de fato sua realidade e de agir para melhorar seu contexto de vida a partir de seus próprios recursos, definições e vontades) –, viabiliza o "saber situar-se para aceder à palavra do outro" do Método Analético[38]. Esta viabilização prática se dá exatamente porque a Pesquisa-Ação-Participativa apenas poderá ser desenvolvida e chamada como tal caso a metodologia e os métodos de atuação propostos permitam ao pesquisador se posicionar e agir horizontalmente (sem dominações ou geração de dependências) em relação à população com quem trabalha. Desta forma, o "outro"

passa não apenas a estar em uma nova relação equitativa e participativa sujeito-sujeito, desenvolvida na práxis. Passa, também, a representar tanto a comunidade quanto o próprio pesquisador e sua equipe, dependendo apenas do ponto de vista de onde se atua coletivamente nesta relação onde cada parte disponibiliza e exerce suas habilidades, conhecimentos e compromissos em prol da melhoria de um contexto social injusto.

Já o elemento de reconhecimento e valorização da ciência popular como válida e rica em conhecimentos, técnicas e definições, sem estar em desigualdade de importância no processo social estabelecido quando da associação desta com a ciência acadêmica descolonizada (e sem desconsiderar os momentos em que cada uma realiza seu "papel de destaque" neste processo), permite ao pesquisador exercer a sua função na medida da necessidade que este processo coletivo e horizontal exige, sem sobreposições epistemológicas. Além disto, e mais importante para a efetividade de processos de libertação-autonomia em relação a dominações externas, este elemento permite à sabedoria popular ocupar o seu devido espaço como racionalidade científica.

Indicando, portanto, que este nivelamento de racionalidades favorece a ação conjunta de ambos os sujeitos nesses processos, Fals-Borda afirma que *"es tiempo ya de ir retomando este problema, porque no podemos aceptar, desde el punto de vista de la ciencia misma, que la ciencia popular no tenga su propia racionalidad, porque lo demuestra todos los días en la experiencia"*[81]. E, é neste sentido, respondendo à provocação do autor na questão *"¿qué instrumentos aptos existen para esa sistematización, para ese reconocimiento, con los cuales podamos ayudar a que esa auto-imagen que la gente tiene se eleve y le sirva para transformar?"*[81], que o pesquisador exerce seu papel acadêmico horizontal ao acessar e apreender uma metodologia social genuinamente camponesa, como a CaC, adaptá-la inicialmente para as condições de um contexto específico de dominação pelo agronegócio e coloca-la à disposição da práxis camponesa. O autorreconhecimento de suas sabedorias e práticas e de sua capacidade de organização para a utilização e compartilhamento dos seus recursos, permite aos camponeses, então, por meio da apropriação e valorização de

sua própria ciência, tanto criar as condições para a superação de seu contexto de injustiça quanto construir coletivamente sua ampla autonomia (inclusive em relação ao próprio pesquisador e ao desenrolar da metodologia CaC e de seu processo organizativo). Neste sentido, ao descrever as características de trabalho coletivo e organização popular da Pesquisa-Ação-Participativa, Fals-Borda nos permite afirmar a coerência e a potencialidade de utilização dos conceitos e métodos da CaC em um processo sanitário e libertador de transição agroecológica com camponeses:

> Una de las características propias de este método, que lo diferencia de todos los demás, es la forma colectiva en que se produce el conocimiento, y la colectivización de ese conocimiento.
> Además, sirve para promover la organización popular que es como la herramienta que permite dar ese paso hacia un nuevo futuro, una nueva situación, y que hace cuajar la lucha popular por un nuevo orden social. La organización es a la vez una meta y un instrumento. El conocimiento se dirige a reforzar esa organización, a darle la información que necesita para las luchas. Y esa información no es simplemente la que da el que "está afuera", sino que es una información que viene de "dentro" pero que luego se devuelve[81] [Grifos do autor].

Por fim, com relação a esse papel do pesquisador (como elemento externo, porém em interconexão horizontal com a comunidade) de captar (escutar, observar e perceber) e sistematizar as informações disponibilizadas durante processos como os citados anteriormente, a Pesquisa-Ação-Participativa lança mão do princípio da redundância. Segundo este princípio, o pesquisador deve desempenhar continuamente sua responsabilidade de devolução e debate dos conhecimentos (resultados e conclusões) que pôde gerar por meio de análises das informações captadas, até se tornar, no tempo mais curto possível, redundante ao processo coletivo. Ou seja, *"no debe ser ni necesario ni indispensable en el proceso, por la sencilla razón de que lo ha retomado la propia gente, con sus propios cuadros o intelectuales orgánicos"*[81].

Nesse sentido, um desenho de estudo baseado na Pesquisa-Ação-Participativa permite, de certo modo, corrigir a verticalidade do pesquisador que se utiliza do paradigma de Promoção da Saúde da Salutogênese como hoje é, maiormente, concebido e aplicado. Ao invés da aplicação do Questionário SOC para a

identificação das capacidades de compreensão, manejo e significação, com a posterior apresentação de um *score* sobre a autopercepção da saúde individual e de suas possíveis implicações pessoais e em uma comunidade[13], estas capacidades podem ser utilizadas, a partir das relações e posicionamentos horizontais sujeito-sujeito e ciência técnica-ciência popular, como categorias para analisar as falas geradas em um processo de mudança social. A análise por meio destas categorias (e suas subcategorias emergentes) indicadoras de autonomia em processos que promovem a saúde permite, assim, a devolução de informações e conhecimentos sistematizados que podem gerar uma crescente autopercepção de características pessoais e coletivas positivas (recursos) – visibilizadas e disponibilizadas por meio de processos sociais participativos – e, consequentemente, o controle sobre os determinantes de saúde e o autogerenciamento das melhorias das condições de vida nestas comunidades. Ao mesmo tempo, a visão salutogênica desses processos pode evitar que a pesquisa-ação estabeleça seu foco, como alguns autores têm enfatizado[83-85], na identificação e solução dos problemas que afetam uma localidade, priorizando, assim, estratégias metodológicas que caracterizem e permitam a autoconstrução comunitária das possibilidades, modos e estruturas de tomada autônoma de decisão a partir de seus recursos positivos.

4 METODOLOGIA

4.1 Universo do Estudo

4.1.1 Local e População

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[86], a zona rural do município de Lavras conta com 959 estabelecimentos agropecuários particulares, totalizando uma área de 44.628 hectares. Destas propriedades, 725 são categorizadas como sendo de "agricultura familiar"[86], segundo conceito e critérios estabelecidos na Lei n° 11.326/2006[3]. Desta forma, os membros das 725 famílias do município que se enquadram nesta categoria foram considerados como a população camponesa do estudo e como possíveis participantes dos trabalhos de campo. Isto porque, conforme descrito na introdução deste estudo, a categoria "agricultura familiar" foi construída a partir de um processo de disputa onde uma conceitualização superficial produtivo-mercadológica se sobressaiu institucionalmente à complexidade da identidade e da autonomia camponesa. Ou seja, tendo esta identidade complexa e autônoma com um dos pilares deste estudo, assumimos que todo "agricultor familiar" é um potencial camponês.

Quanto à distribuição espacial desta população na zona rural, ao longo da história do município, as famílias camponesas (e também as grandes e médias proprietárias de terra) organizaram-se socialmente de modo que núcleos territoriais, conhecidos como comunidades, foram formados. Segundo Krauser[5]

> O território é um espaço material e imaterial de vida e convívio social, é uma produção humana, uma produção social. No território se manifestam as contradições da sociedade e as tensões que fazem a roda da história girar. Para a existência de um território alguns elementos são necessários como, por exemplo, um limite geográfico, uma identidade cultural, um conjunto de símbolos e significados comuns, um conjunto de condutas e valores comuns, estruturas materiais de vinculação (campo de futebol, cemitério, estradas, escola, etc).

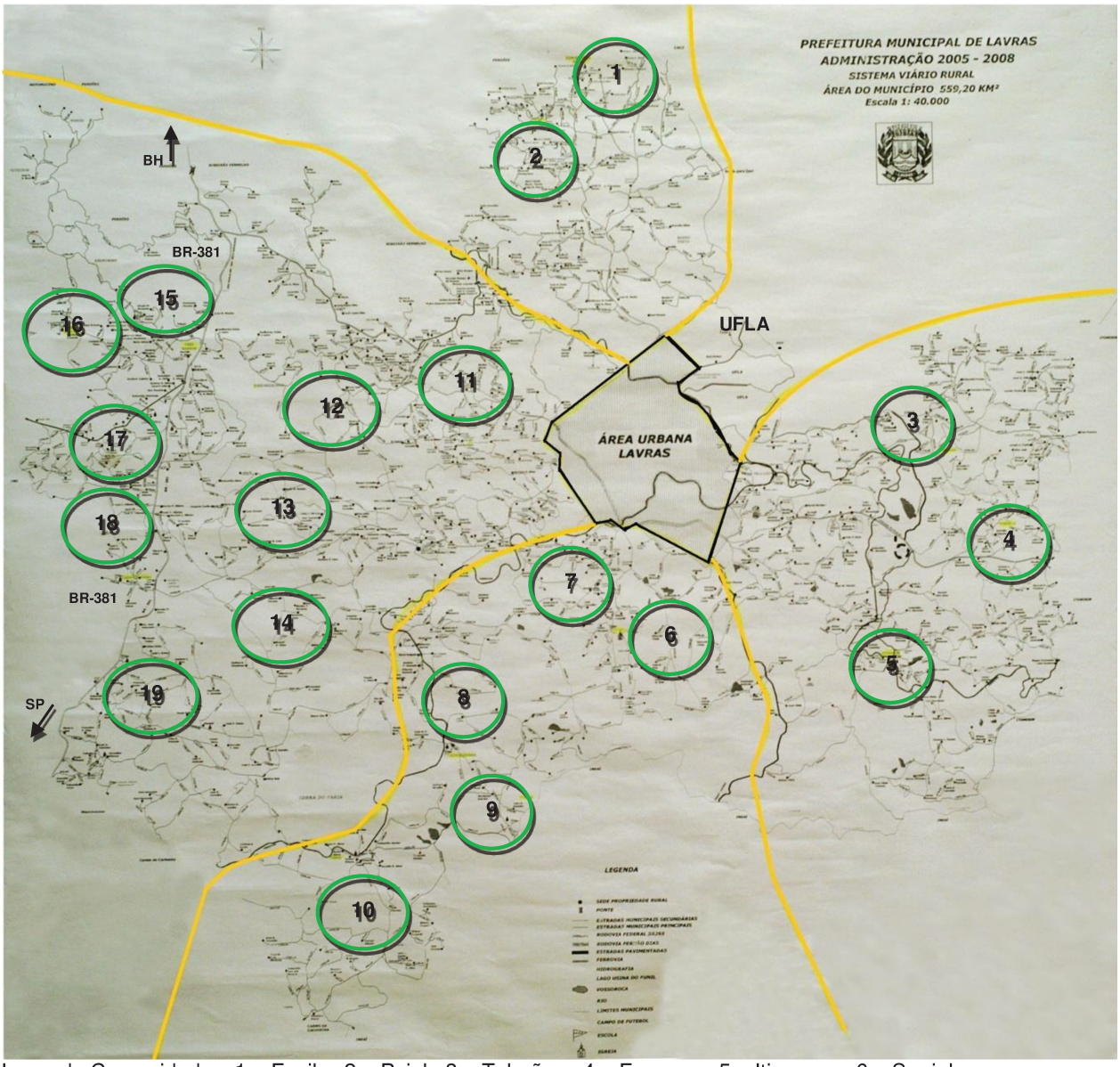
No caso de Lavras, a principal estrutura material de vinculação das comunidades, e que, sob muitos aspectos, influencia os demais elementos de caracterização territorial, são as igrejas católicas rurais. Cada uma das grandes comunidades do município (que, como veremos, englobam territorialmente as comunidades menores) possui uma edificação voltada para as celebrações desta religião.

Já como espaços de manifestação das contradições da sociedade, as comunidades rurais de Lavras, apesar de serem constituídas por ampla maioria de unidades produtivas camponesas (ou de "agricultura familiar")[86], não podem ser consideradas como territórios camponeses. Isto porque nestes mesmos territórios estão localizadas grandes e médias propriedades (tendo a maioria das comunidades surgido a partir da fragmentação de antigos latifúndios) que apresentam interesses e modos de vida distintos (que, geralmente, prevalecem política e economicamente) dos interesses da maioria camponesa.

Nesse contexto espacial e populacional, a zona rural de Lavras é conformada atualmente por 71 comunidades, apresentando, cada uma delas, tradições e peculiaridades próprias. Pela proximidade e inter-relações, porém, as características culturais, sociais e produtivas são constantemente intercambiadas entre as comunidades, em especial entre as mais próximas.

Para a organização e prestação de seus respectivos serviços públicos, a Secretaria Municipal de Assuntos Rurais (SMAR) e a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) consideram que as comunidades com maior número de moradores englobam as menores que estão em seu entorno, agrupando as 71 comunidades em 19 (Figura 1). Este agrupamento, listado abaixo, foi considerado para a organização e realização dos trabalhos de campo deste estudo, buscando-se, em cada atividade considerar e valorizar a diversidade e as particularidades presentes nestes agrupamentos de comunidades.

1. **Comunidade Funil:** Funil, Barreiro de Baixo, Alto do Funil, Samambaia, Uvás, Gordura, Barro Preto, Sarubá, Saudade, Registro, Muquenha e Barrocada;
2. **Comunidade Paiol:** Paiol, Cachoeirinha de Baixo, Macacos, Marmelo, Mutuca, Niterói, Madeira e Mato Dentro;
3. **Comunidade Tabuões:** Tabuões, Imbezal, Itabatinga, Cruzeiro, Baunilha e Boca da Mata;
4. **Comunidade Fonseca:** Fonseca, Grupiara e Cigarrinha;
5. **Comunidade Itirapuan:** Itirapuan, Santa Cruz e Poço Bonito;
6. **Comunidade Serrinha**: Serrinha;
7. **Comunidade Cachoeirinha:** Cachoeirinha, Lagoa e Barreiro;
8. **Comunidade Tomba:** Tomba e Bocaina;
9. **Comunidade Faria:** Faria, Xavier, Capivara e Chapadão;
10. **Comunidade Ponte Alta:** Ponte Alta e Pau de Óleo;
11. **Comunidade Jabuticabeiras:** Jabuticabeiras, Queixada, Serra do Gambá, Barbosa, Terra Preta e Porteira de Chave;
12. **Comunidade Pimentas:** Pimentas e Ribeirãozinho;
13. **Comunidade Maranhão:** Maranhão;
14. **Comunidade Rosas:** Rosas;
15. **Comunidade Três Barras:** Três Barras e Lagoinha;
16. **Comunidade Boa Vista:** Boa Vista, Bananal, Cava das Três Barras, Trevo de Lavras e Macoquinha;
17. **Comunidade Salto das Três Barras:** Salto das Três Barras, Candonga e Boa Esperança;
18. **Comunidade Cajuru do Cervo:** Cajuru do Cervo;
19. **Comunidade Engenho de Serra:** Engenho de Serra, Cervo, Formiga, Sítio Olhos D'água, Água Quente e Sítio Três Paus.



Legenda Comunidades: 1 = Funil; 2 = Paiol; 3 = Tabuões; 4 = Fonseca; 5 = Itirapuan; 6 = Serrinha; 7 = Ponte Alta; 8 = Cachoeirinha; 9 = Tomba; 10 = Faria; 11 = Queixada; 12 = Pimentas; 13 = Maranhão; 14 = Rosas; 15 = Três Barras; 16 = Boa Vista; 17 = Salto das Três Barras; 18 = Cajuru do Cervo; 19 = Engenho de Serra.

Figura 1. Representação, em imagem do mapa do sistema viário rural de Lavras – MG, da localização e distribuição espacial das 19 maiores comunidades rurais do município.

Em relação à organização político-social, 25 das 71 comunidades têm associações de moradores (Barbosa, Boa Vista, Bananal, Cachoeirinha, Cajuru do Cervo, Candonga, Funil, Engenho de Serra, Faria, Fonseca, Itirapuan, Jabuticabeiras,

Maranhão, Paiol, Pimentas, Ponte Alta, Portal Funil, Queixada, Rosas, Salto Três Barras, Serra do Gambá, Serrinha, Tabuões, Tomba e Três Barras), sendo estas associações responsáveis pela indicação dos membros que compõem o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS). O CMDRS se reúne ordinariamente uma vez ao mês, na sede da unidade local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater – MG), para discutir os problemas e as políticas e ações públicas voltadas para a zona rural do município, tendo como foco principal as questões relacionadas à produção e geração de renda.

No entanto, além de mais da metade das comunidades rurais de Lavras não apresentarem esta organização formal, e, por isso, não estarem diretamente representadas no CMDRS, as associações de moradores não podem ser consideradas organizações camponesas. Isto porque outras categorias de proprietários de terra (médios e grandes produtores, proprietários e condôminos de casas e áreas de lazer, etc.) podem, segundo seus interesses, compor as associações, estando estes integrados ao cotidiano das comunidades ou não.

Quanto à agricultura no município, dados do levantamento interno da unidade estadual da Emater – MG de 2016 revelam a importante participação dos camponeses na produção dos alimentos consumidos e comercializados no município. Conforme indicam estes dados, os camponeses são responsáveis por 67,0% do café arábica, 67,0% da banana prata, 69,0% da cana de açúcar, 62,0% do milho, 88,0% do milho para silagem, 70,0% da goiaba, 38,0% do feijão, 70% da uva de mesa, 90,0% da mandioquinha-salsa e 100,0% do abacate, da manga, do pêssego, da abobrinha, da alface, da batata doce, da cebolinha, da cenoura, da couve, do inhame, do pimentão, do repolho, da salsa e do tomate de mesa produzidos no município[87].

Já a estrutura municipal de saúde conta com Estratégia de Saúde da Família, Vigilância em Saúde Ambiental, Vigilância em Saúde do Trabalhador, Vigilância Sanitária, Vigilância Epidemiológica, dois hospitais filantrópicos credenciados pelo SUS, dois Ambulatórios Médicos Especializados municipais, uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU).

Lavras, no entanto, não dispõe e não está inserida na abrangência regional de algum Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) e não disponibiliza a cobertura necessária da Estratégia de Saúde da Família para abranger toda a zona rural do município.

Com relação a essa cobertura, das 17 Equipes de Saúde da Família disponíveis no município apenas uma é destinada ao atendimento rural; a cobertura desta Equipe de Saúde da Família da Zona Rural (ESF rural) – composta por enfermeira, técnica de enfermagem, auxiliar de enfermagem, médico, dentista, auxiliar de dentista, auxiliar de serviços gerais e 13 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) – abrange 17 das 19 comunidades consideradas pela SMS para organizar a prestação dos serviços (Ponte Alta e Jabuticabeiras estão sob responsabilidade de duas Unidades Básicas de Saúde urbanas – UBS Novo Horizonte e UBS Água Limpa); o atendimento domiciliar nas 17 comunidades assistidas pela ESF rural é realizado pelos 13 ACS, sendo que oito “grandes comunidades” são mais uma vez agrupadas, em pares, para que o atendimento possa ser realizado por quatro dos ACS (Tomba e Faria; Serrinha e Cachoeirinha; Rosas e Maranhão; Tabuões e Fonseca); comunidades menores, que deveriam estar na área de abrangência de atendimento de “grandes comunidades” que as englobam, estão desassistidas devido à impossibilidade de cobertura da ESF rural na totalidade da área agrupada (como exemplo temos as Comunidades Niterói, Madeira e Mato Dentro que estão sem cobertura apesar de terem sido consideradas como pertencentes à Comunidade do Paiol).

Lavras conta também com diversas instituições públicas que atuam, direta ou indiretamente, nas questões agrárias e ambientais do município e da região. Além da unidade local da Emater – MG, Lavras conta com o Escritório Regional da Emater – MG, com o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), com o Instituto Estadual de Florestas (IEF), com a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e com a Universidade Federal de Lavras (UFLA). Esta universidade dispõe, entre outros, de cursos de graduação relacionados à atividades agrícolas e alimentos (Agronomia, Engenharia Agrícola, Engenharia de Alimentos, Engenharia Florestal, Zootecnia), ao

meio ambiente (Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental e Sanitária) e à saúde (Educação Física, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição). Dispõe, ainda, de seis núcleos/grupos, distribuídos em diferentes departamentos, voltados para o desenvolvimento de conhecimentos, pesquisa e extensão em agroecologia e produção orgânica de alimentos (Núcleo de Estudos Multidisciplinares em Agroecologia e Agricultura Familiar – Nemaaf; Núcleo de Estudos em Agricultura Orgânica – Neagro; Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá; Grupo Puris; Núcleo de Estudos em Agroecologia e Permacultura – NEAPE e Núcleo de Estudos em Agroecologia Mantiqueira).

Por fim, Lavras conta com instâncias de participação e controle social relacionadas às áreas de saúde, agricultura e meio ambiente, como o CMDRS, o Conselho Municipal de Meio Ambiente (Codema) e o Conselho de Municipal de Saúde (CMS) e o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (Comsea).

4.1.2 Sujeitos

Tendo a Pesquisa-Ação-Participativa como desenho e utilizando-se de procedimentos sociológicos que buscaram estruturar um processo de autorreconhecimento e de (re)construção/promoção da autonomia e da saúde da população camponesa de Lavras, este estudo foi desenvolvido por meio de uma relação horizontal e participativa entre dois sujeitos e seus respectivos saberes e formas de atuação: o sujeito camponês e o sujeito acadêmico.

O camponês lavrense, que, como dito, integra uma base populacional formada pelos pequenos proprietários de terra do município que se enquadram na categoria institucional da "agricultura familiar"[3,86], foi sendo inicialmente conformado como sujeito nessa relação horizontal de Pesquisa-Ação-Participativa por meio dos trabalhos de devolução e popularização dos resultados da Dissertação de Mestrado[50].

Isto porque, tanto os encontros-retornos realizados nas comunidades rurais de Lavras para apresentar e discutir os dados e as conclusões acerca do histórico e da inviabilidade do "uso seguro" de agrotóxicos; quanto os processos de agendamento e visitas a propriedades de camponeses para gravar as cenas do documentário 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88], permitiram o desenvolvimento e estruturação iniciais da percepção dos camponeses da pesquisa acadêmica como algo confiável e favorável e do pesquisador como alguém comprometido e vinculável.

Neste sentido, os 283 camponeses e camponesas que participaram das devolutivas realizadas em 18 das 19 comunidades rurais do município e os moradores das seis propriedades onde foram gravadas as cenas do curta-metragem identificaram a importância e se comprometeram com a continuidade de uma pesquisa participativa que buscasse a mudança de sua realidade por meio de um processo que visa a transição agroecológica. Além disto, se comprometeram a divulgar entre seus vizinhos tanto os conhecimentos apreendidos nestes encontros de devolutiva e gravação quanto os futuros passos e encontros (as atividades do atual estudo) a serem desenvolvidos.

Assim, podemos dizer que os moradores das comunidades rurais de Lavras que conformaram o sujeito camponês deste estudo – mesmo que alguns não tenham participado diretamente dos momentos prévios referentes à Dissertação de Mestrado[50] – integraram as atividades da Pesquisa-Ação-Participativa já em um contexto consolidado de confiança e vínculo de parte dos camponeses e camponesas das comunidades com a pesquisa e o com o pesquisador.

É importante ressaltar que os ACS da ESF rural, por serem camponeses pertencentes às comunidades (atuando diretamente – em jornada dupla – nas atividades produtivas nas propriedades e/ou complementando a economia de suas famílias camponesas com o trabalho de agente de saúde), também integraram os trabalhos de campo como parte do sujeito camponês e não como um sujeito institucional-profissional do sistema municipal de saúde. No entanto, por serem os profissionais de saúde com maior inserção e conhecimento da realidade sanitária, ambiental, social, laboral e cultural nas comunidades rurais de Lavras, os ACS

desempenharam um papel específico e estratégico no processo de articulação inicial dos trabalhos de campo. Esta atuação e compromisso dos mesmos em contatar e incentivar a adesão dos camponeses das comunidades rurais onde atuam na primeira etapa de trabalho de campo foi discutida e consensuada em encontro oficial destes profissionais com o pesquisador (durante reunião mensal dos ACS de abril de 2017). Em seguida a participação dos ACS tanto nesta articulação inicial com as comunidades quanto nas atividades de trabalho foi articulada e autorizada em reunião do pesquisador com a Secretária Municipal de Saúde e com a Coordenadora da Estratégia da Saúde da Família.

Já o sujeito acadêmico deste estudo foi conformado pelo pesquisador responsável e pela equipe de pesquisa.

O pesquisador (eu, Pedro Abreu, que me abro neste parêntese para assumir que a escrita em primeira pessoa é um desafio e uma prática que pretendo desenvolver em trabalhos futuros), farmacêutico de formação, apresenta uma trajetória de reconstrução, a partir do mestrado em Saúde Coletiva, de sua graduação universitária voltada quase exclusivamente para o mercado da saúde e as indústrias químicas. E é esta trajetória, desenvolvida desde o início da pós-graduação (envolvendo trabalhos paralelos/pessoais diretos e indiretos com e pela agroecologia), que permitiu seus aportes como sujeito desta Pesquisa-Ação-Participativa. As principais contribuições acadêmicas do pesquisador, portanto, foram na forma de argumentos, reflexões e direcionamentos sobre Saúde Coletiva (em especial a Promoção da Saúde Salutogênica no campo); sobre Saúde Ambiental (desde os impactos gerais e as construções ideológicas relacionadas aos agrotóxicos e demais tecnologias do agronegócio até a agroecologia como modelo produtivo-sanitário viável); e sobre a metodologia social CaC (cujos conhecimentos, práticas e vivências foram adquiridas e aprofundadas em doutorado-sanduíche sobre a CaC, realizado em Cuba).

Sobre essa integração do pesquisador nas atividades de trabalho de campo, Dionne[83] afirma que *"o pesquisador em pesquisa-ação é implicado no processo de transformação social"*[83] e *"é com base nessa aproximação entre pesquisadores e atores*

que se gera uma nova dinâmica de reflexão e de intervenção"[83]*.* No entanto, é fundamental destacar que tais implicação e intervenção do pesquisador neste estudo foram estruturadas prática, ideológica e eticamente nos fundamentos da não invasão cultural e da dialogicidade descritas por Paulo Freire[80].

Segundo Freire[80], mesmo que com boas intenções (estas geralmente pautadas nos preceitos de formações universitárias transmitidas como superiores às demais formas de conhecimento e ciência popular), profissionais externos tendem a atuar como invasores culturais quando, ainda que buscando utilizar técnicas "mais participativas", seguem percebendo-se como "os agentes" de um dado processo de mudança social. Neste sentido, Freire[80] aponta que

> O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetos de sua ação. [...] pensa, na melhor das hipóteses, sobre os segundos, jamais com eles; [...] O invasor prescreve; os invadidos são pacientes da prescrição.
> [...] A manipulação, jamais a organização dos indivíduos pertencentes à cultura invadida é outra característica básica da teoria antidialógica da ação.

Dessa forma, sob esses preceitos universitários tidos como "superiores", mesmo um processo de transição agroecológica planejado e desenvolvido para a superação dos impactos sanitários do modelo do agronegócio e do uso de agrotóxicos em comunidades e propriedades camponesas pode ser realizado de forma invasiva caso não seja levado em consideração, pelo pesquisador, o atual contexto social, econômico e cultural destes camponeses. Da mesma forma, casos os modos, interesses, limites e passos considerados importantes pelos camponeses não sejam escutados, valorizados e colocados em prática, o pesquisador e sua "transição agroecológica receituária" serão, invariavelmente, agente e método de uma invasão cultural. E é neste sentido que Freire[80] afirma que qualquer processo de mudança de um contexto de injustiça social que envolva a participação de pessoas externas a um dado território apenas será autêntico e de fato libertador caso este seja desenvolvido de maneira plenamente dialógica. Segundo o autor,

> Não há nem pode haver invasão cultural dialógica; não há manipulação nem conquista dialógicas: estes são termos que se excluem.
> [...] As dificuldades maiores ou menores impostas pela estrutura ao quefazer dialógico não justificam o antidiálogo, do qual a invasão cultural é uma consequência. Quaisquer que sejam as dificuldades, aqueles que estão com o homem, com a sua causa, com a sua libertação, não podem ser antidialógicos[80].

Sendo o diálogo, então, uma ação de fala e escuta entre sujeitos, e assumindo a necessidade de negação da totalidade do conhecimento científico-acadêmico para que o diálogo estabelecido com o sujeito camponês seja de fato horizontal e libertador, o sujeito pesquisador deste estudo posicionou-se ao longo da estruturação e do desenvolvimento dos trabalhos de campo como *"um "servidor" comprometido com a libertação"*[38]. Ou seja, abrindo-se (por meio da metodologia de pesquisa e do compromisso pessoal ético e ideológico[81]) às intenções e direcionamentos contidos na palavra dos camponeses, o pesquisador buscou colocar seus conhecimentos e capacidades a serviço dos camponeses de Lavras e do processo de libertação iniciado e promovido (porém não apropriado ou dominado) por esta Pesquisa-Ação-Participativa. Sobre este modo de atuação e autorreconhecimento do pesquisador como desenvolvedor e instrumento de uma filosofia analética, Dussel[38] afirma que

> A conversão ao pensar ana-lético [...] é exposição a um pensar popular, dos demais, dos oprimidos, do outro fora do sistema; é contudo um poder aprender o novo. O filósofo ana-lético ou ético deve descer de sua oligarquia cultural acadêmica e universitária para *saber-ouvir* a voz que vem [...] da exterioridade da dominação.
> [...] desde o *ouvir a palavra* do outro até a *adequada interpretação* (e a filosofia não é senão saber pensar reduplicadamente essa palavra, injetando-lhe nova mobilidade a partir da consciência crítica do próprio filósofo), pode-se ver que o momento ético é essencial ao próprio método [analético]. Somente pelo compromisso existencial, pela práxis libertadora no risco, por um tornar próprio discipularmente o mundo do outro, pode-se aceder à interpretação, conceitualização e verificação de sua revelação.
> [...] A filosofia latino-americana é o pensar que sabe escutar discipularmente a palavra analética, analógica do oprimido, que sabe comprometer-se com o movimento ou com a mobilização da libertação e, no próprio caminhar, vai pensando a palavra que interpela à justiça; [...] A filosofia, o filósofo, devolve ao outro sua própria revelação como renovada e re-criadora, crítica, interpelante[39] [Grifos do autor].

Assim, sob essa perspectiva de uma filosofia social e libertadora latino-americana, o filósofo é compreendido como o sujeito acadêmico que atua sob o compromisso metodológico e ético de *saber-ouvir*[38] a palavra do outro para *saber-servir*[39] na construção coletiva e horizontal dos caminhos para a superação do contexto de exploração/dominação à que este outro está submetido. E é neste sentido, portanto, que o pesquisador responsável por este estudo, apesar de farmacêutico e sanitarista, pôde, por meio da práxis assumida e desenvolvida nesta Pesquisa-Ação-Participativa, atuar como filósofo analético[38].

Sob esses mesmos fundamentos (não invasão cultural e dialogicidade) e perspectiva de escuta-atuação (filosofia analética), o pesquisador formou e preparou a equipe de pesquisa que completou a conformação do sujeito acadêmico deste estudo. Os integrantes desta equipe foram nove estudantes de diferentes cursos da Universidade Federal de Lavras, sendo eles: Tatiana Euzébio, graduanda em Ciências Biológicas; Danilo Bonando, graduando em Engenharia Florestal; Gabriel Oshiro; graduando em Agronomia; André Sales, graduando em Agronomia; André Luís Moreira, graduando em Engenharia Florestal; Cynthia Oliveira, graduanda em Engenharia Florestal; Luiza Siqueira, graduanda em Química; Ana Lúcia Klein, graduanda em Agronomia; e Clarice Avelar, mestranda em Desenvolvimento Rural Sustentável e Extensão.

O processo de articulação com esses estudantes – que desenvolvem atividades curriculares e extracurriculares em agroecologia, extensão universitária e/ou pesquisa, seja através dos núcleos de agroecologia da Ufla ou de Trabalhos de Conclusão de Curso e/ou de pesquisa de mestrado – se deu por meio do envolvimento conjunto destes estudantes e do pesquisador em ações (paralelas a este estudo) em prol da agroecologia na universidade e no município. A partir da aproximação e contato gerado por meio destas ações em Lavras, o pesquisador pôde mapear e selecionar, dentre diversos estudantes da Ufla envolvidos com a agroecologia, quais apresentavam características e comportamentos necessários para o desenvolvimento desta Pesquisa-Ação-Participativa, como: comprometimento com processos sociais de transição

agroecológica; valorização e respeito em relação aos conhecimentos e cultura camponesa; responsabilidade com atividades e tarefas assumidas; e senso crítico em relação aos modelos hegemônicos de produção de alimento e de graduação universitária voltados para os interesses do mercado capitalista.

A partir da seleção e convite para integrar a equipe de pesquisa, o pesquisador desenvolveu formações contínuas com os estudantes (ao longo do planejamento e realização das fases e atividades de trabalho) em relação aos fundamentos, perspectiva, metodologia e instrumentos da pesquisa. A atuação dos nove integrantes se deu, então, nos mesmos parâmetros de horizontalidade em relação ao sujeito camponês descritos para o pesquisador.

Quanto às funções desenvolvidas, a equipe atuou tanto por meio de atividades técnicas (como apoio aos camponeses durante preenchimento de questionários e termos de consentimento; montagem e manuseio de equipamentos de projeção e som; filmagens e fotografias; preparação de materiais e suporte geral à organização e desenvolvimento das atividades de campo; realização de diagnósticos participativos nas propriedades camponesas; transcrição dos materiais de áudio gravados em cada atividade; etc.) quanto por meio da incorporação de seus conhecimentos e reflexões aos diálogos e definições junto ao sujeito camponês e ao pesquisador.

4.2 Estruturação metodológica

Apresentados e apreendidos tanto o universo quanto o marco referencial que fundamentou o desenvolvimento deste estudo, descrevemos, então, a estruturação metodológica que identificamos como Pesquisa-Ação-Participativa Analética de Promoção da Saúde de população camponesa, desenvolvida por meio de métodos do Camponês a Camponês e analisada sob a perspectiva e categorias da Salutogênese.

Dessa forma, toda a Pesquisa-Ação-Participativa foi executada por meio de atividades práticas baseadas em instrumentos da CaC, tendo estas atividades criado as condições de possibilidade para a revelação da palavra (falas com conteúdo referente aos entendimentos de contexto; conhecimentos gerais; técnicas agroecológicas; opiniões; críticas; decisões; motivações; etc.) dos camponeses de Lavras e permitido ao pesquisador, de modo horizontal e participativo, a captação, escuta e a interpretação de recursos e aspectos salutogênicos presentes nesta palavra. Estes recursos e aspectos positivos do sujeito camponês e suas comunidades, uma vez analisados, possibilitaram a indicação do desenvolvimento, ao longo deste processo social, da construção coletiva e da apropriação, por estes atores, de possibilidades, modos e estruturas de tomada autônoma de decisão em relação aos seus determinantes de saúde (em especial os relacionados com o modo vida, produção, economia e organização camponesa).

Assim, todo o trabalho de campo foi concebido como o momento analético de um processo contínuo de descolonialidade em relação ao modo capitalista de exploração dos camponeses lavrenses, buscando criar as condições subjetivas e práticas para a construção coletiva da organização camponesa no município e para o desenvolvimento da CaC por meio desta organização. Ambos (organização e CaC) serão, desta forma, o tecido e o instrumento social que permitirão o desenrolar camponês-de-fato (protagonismo e interesses) do momento dialético de superação da dominação do agronegócio capitalista pela agroecologia camponesa (momento posterior ao recorte desta tese). Consequente e paralelamente, este instrumento de disseminação coletiva e horizontal da agroecologia, desenvolvido por meio de camponeses organizados, possibilitará a superação da lógica preventivista de saúde imposta verticalmente (de responsabilização individualizada dos camponeses pela proteção de sua saúde por meio do “uso seguro” de agrotóxicos) por um amplo processo agroecológico-descolonizador de Promoção da Saúde.

Dessa forma, a metodologia deste estudo foi composta por fases e atividades que buscaram dar sustentação e operacionalização a tais proposições, intenções e desenvolvimento prático, sendo, para isto, estruturada em:

- **Fases** de trabalho, onde a Analética em que consiste esta Pesquisa-Ação-Participativa pôde ser desenvolvida em seu momento inicial de autorreconhecimento, pelos camponeses, de seu contexto, da agroecologia que já conhecem e praticam e das possibilidades (benefícios, viabilidades e dificuldades) da transição agroecológica (**Fase I**); e em seu momento intermediário, de transição para a dialética por meio da práxis fundacional das condições/motivações para a organização camponesa local e dos primeiros passos da CaC protagonizados pelos camponeses (**Fase II**). Em ambas as Fases buscou-se o desenvolvimento progressivo das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação (SOC) do sujeito camponês, sendo as atividades realizadas na **Fase I** orientadas para o despertar e o fortalecimento desses componentes salutogênicos e as atividades realizadas na **Fase II** orientadas para a aplicação destes mesmos componentes;

- **Atividades** de campo, onde nove instrumentos e atividades da CaC, adaptados ao contexto e às características dos camponeses e comunidades rurais de Lavras e às condições da pesquisa, foram colocados em prática ao longo das duas fases de trabalho (**Atividades 1**, **2**, **3**, **4** e **5** compondo a **Fase I**; e **Atividades 6**, **7**, **8** e **9** compondo a **Fase II**). Estas atividades foram planejadas, organizadas e realizadas – conforme o objetivo de desenvolvimento progressivo dos três componentes que compõe o SOC dos camponeses – em dois modos operacionais com funções distintas (para a Pesquisa-Ação-Participativa), porém, com finalidades complementares e interdependentes: os **Encontros de Promoção da Saúde** (EPS) e os **Momentos de Potencialização do SOC** (MPSOC). As **Atividades 1** e **2** (**Primeiro EPS**), as **Atividades 4** e **5** (**Segundo EPS**), a **Atividade 8** (**Terceiro EPS**) e a **Atividade 9** (**Quarto EPS**) conformaram os EPS, que apresentaram funções práticas de estabelecer o diálogo entre o sujeito camponês e o sujeito acadêmico (utilizando-se dos diferentes instrumentos da CaC que compõe cada atividade) e de captar as falas (dados de análise) que indicaram o despertar, o fortalecimento e a aplicação do SOC do sujeito camponês no processo. Já a **Atividades 3** (**Primeiro MPSOC**), a **Atividade 6**

(**Segundo MPSOC**) e a **Atividade 7** (**Terceiro MPSOC**) conformaram os momentos de ensino-aprendizagem e de troca de conhecimentos do sujeito camponês com "parceiros externos" (camponeses e acadêmicos) à Pesquisa-Ação-Participativa. As funções práticas destas atividades, que não envolveram a captação de falas, foram promover e desenvolver as capacidades de compreensão, significação e manejo dos camponeses envolvidos em cada MPSOC, estimulando-os para os diálogos, reflexões e ações dos EPS seguintes.

O Quadro 4 apresenta a esquematização da estrutura metodológica desenvolvida por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa:

Quadro 4. Estruturação metodológica da Pesquisa-Ação-Participativa Analética de Promoção da Saúde de população camponesa, desenvolvida por meio de métodos da metodologia Camponês a Camponês e analisada sob a perspectiva e categorias da Salutogênese. Lavras, 2017.

Fase	Atividade	Modo operacional
I – Momento Analético Inicial: Despertar e Fortalecimento das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação	**1** – Demonstração didática audiovisual: entendimento do contexto e motivação para mudá-lo	Primeiro EPS
	2 – Primeiro passo da Experiência de Banes: mapeamento dos recursos de saúde	
	3 – Intercâmbio camponês: visita para troca de entendimentos, motivações e técnicas	Primeiro MPSOC
	4 – Testemunhos do intercâmbio camponês: multiplicação das compreensões, crenças e motivações	Segundo EPS
	5 – Concretização da Experiência de Banes: construção coletiva do Repertório de Recursos de Saúde	

Quadro 4. continuação

II – Momento Analético Intermediário: Aplicação das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação	**6** – Oficina sobre Organização Camponesa: palestras com parceiros institucionais externos	Segundo MPSOC
	7 – Diagnóstico Rural Participativo	Terceiro MPSOC
	8 – Encontros para reforço geral: as Reuniões Regionais organizativas	Terceiro EPS
	9 – Encontro de Intercâmbio de Experiências e de Organização camponesa	Quarto EPS

No sentido de continuidade processual, os trabalhos de campo e de devolução dos resultados e conclusões da Dissertação de Mestrado 'O Agricultor familiar e o uso (in) seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG'[50] e de produção e gravação do documentário curta-metragem 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88] nas comunidades rurais do município, foram considerados a fase exploratória ou de reconhecimento de campo para os trabalhos da atual pesquisa. Segundo Tripp[85], esta fase funciona como uma análise situacional inicial, que proporciona uma visão geral do contexto onde se desenvolve a pesquisa-ação1

. Por esta mesma razão, não foi necessária etapa de realização de piloto para o desenvolvimento desta metodologia em Lavras, uma vez que a realização e devolução desses trabalhos prévios permitiram a construção de credibilidade e vínculo entre o pesquisador e os camponeses e a construção dos subsídios necessários (como o conhecimento geral das características das comunidades e seus moradores e das especificidades de cada comunidade) para a adoção desta Pesquisa-Ação-Participativa.

4.2.1 Fase I – Momento Analético Inicial: Despertar e Fortalecimento das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação

Atividade 1 – Demonstração didática audiovisual: entendimento do contexto e motivação para mudá-lo

Esta primeira atividade do Primeiro EPS buscou trabalhar mais especificamente dois dos três fatores descritos por Antonovsky[13,14] como fundamentais para direcionar a Promoção da Saúde e o sentido pessoal e comunitário para as experiências de vida positivas e para a saúde: o componente de compreensão (desvelamento e apropriação dos porquês e de como se conforma o contexto de injustiça em que vivem) e o componente de significado (ver sentido e motivar-se em buscar as possibilidades de mudança deste contexto).

Para isso, em cada uma das 19 comunidades rurais do município foi programado um encontro, sendo a forma de realização acordada com os ACS durante reunião mensal dos mesmos (abril de 2017) e, por telefone, com lideranças das comunidades onde não há cobertura da ESF rural. Foram levadas em consideração as informações sobre a dinâmica laboral/social nas comunidades para definir os dias, horários e locais dos encontros. Desta forma, para facilitar e estimular a participação dos camponeses, foram definidos dias de atendimento da ESF, dias de missa/culto ou dias de semana após o horário de trabalho, conforme as características de cada comunidade. A realização ocorreu em locais considerados como pontos de encontro pelos camponeses em suas comunidades.

Os camponeses foram informados da realização e convidados a participar deste primeiro encontro por meio de comunicação direta realizada tanto pelos ACS e lideranças das comunidades quanto pelo pesquisador. Para isto, o pesquisador utilizou os contatos telefônicos registrados nos 81 questionários aplicados nas 19 comunidades rurais de Lavras durante os trabalhos de campo do mestrado[50]. Foram convidados os

camponeses contatados nas ligações e foi requisitado que estes convidassem seus familiares, vizinhos e conhecidos da comunidade.

Para o desenvolvimento da atividade foi utilizado o método da Demonstração Didática que, segundo a metodologia CaC, *"trata-se de um tipo de instrumento que serve para demonstrar, de maneira visual e prática, um processo negativo ou positivo. A demonstração deve ser sempre acompanhada de uma explicação e do debate entre os presentes"*[10].

Neste trabalho foi apresentado, como meio de visualização e estímulo ao debate sobre as influências e consequências do modelo do agronegócio no contexto local e sobre as possibilidades agroecológicas, o documentário curta-metragem 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88]. Esta ferramenta audiovisual, desenvolvida por meio do Projeto "O uso (in)seguro de agrotóxicos: imagens e depoimentos de agricultores familiares", aprovado e financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (PRP – Unicamp) por meio do Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Faepex), foi produzida para popularizar e facilitar diálogos sobre os resultados e conclusões da dissertação de mestrado 'O agricultor familiar e o uso (in)seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG'[50]. O documentário aborda, em sua primeira parte, a desconstrução do paradigma do "uso seguro" de agrotóxicos e do modelo do agronegócio para o contexto das propriedades e comunidades camponesas (tendo camponeses e camponesas de Lavras como personagens, apresentando sua realidade de inviabilidade de utilização segura e dos impactos causados pelos agrotóxicos); e, na segunda parte, as viabilidades e benefícios da agroecologia (tendo uma família camponesa do município de Claraval – MG como personagens, apresentando tanto seu passado de adoecimento, pobreza e separação familiar devido à desestruturação geral causada em seu modo de vida e produção pelo modelo do agronegócio, quanto seu presente de melhorias e bem estar devido à transição para a agroecologia).

Logo após a exibição audiovisual todos os presentes foram formalmente convidados a integrar o Encontro de Promoção da Saúde de sua comunidade. No

âmbito dos EPS desta primeira atividade foram realizadas rodas de diálogo sobre os temas apresentados pelo documentário. Os debates foram estimulados, pelo pesquisador e equipe de pesquisa, por meio de perguntas, explicações (elaboradas conforme o momento, desenrolar e a pertinência da discussão) e, principalmente, escuta que buscaram proporcionar espaço e ambiente para que os participantes expressassem suas percepções e experiências sobre a existência e amplitude de um modelo de produção dominante que causa danos sanitários, sociais, familiares, econômicos e culturais em suas comunidades. Os debates e perguntas buscaram, ainda, levantar as prioridades, aspirações, necessidades, vontades, intenções e/ou desejos dos camponeses em relação à possibilidade de mudança para uma forma de produção mais saudável, rentável e justa.

Não foi necessário realizar seleção dos integrantes dos EPS, pois a intenção da atividade foi despertar e fortalecer as capacidades de compreensão e de significação de todos os camponeses presentes no encontro. A variação do número de participantes em cada comunidade não dificultou o desenvolvimento da atividade, uma vez que o formato de discussão aberta e a forma de coleta de dados (ver tópico 4.4) foram de simples execução.

Atividade 2 – Primeiro passo da Experiência de Banes: mapeamento dos recursos de saúde

Esta segunda atividade buscou, mais diretamente, trabalhar (dentro do processo de despertar e fortalecer) a capacidade de manejo dos camponeses que já integravam o Primeiro EPS desde a Atividade 1. Este componente salutogênico foi descrito por Antonovsky[13,14] como o entendimento e a crença dos moradores de uma determinada comunidade de que os recursos necessários para lidar com situações de dificuldade, injustiça e/ou mudança social-sanitária estão presentes, disponíveis e acessíveis para utilização dentro da própria pessoa e de sua comunidade. Neste sentido, como método central de promoção dos diálogos e debates e de produção de

dados (falas do sujeito camponês) desta segunda atividade do Primeiro EPS, foi realizado o mapeamento dos recursos de saúde presentes nas comunidades rurais de Lavras. Como estes recursos podem estar localizados em distintas esferas da estrutura que conforma o cotidiano individual e comunitário dos camponeses, o processo de mapeamento dialogado foi realizado considerando-se o agrupamento dos recursos nas seguintes categorias[89]:

- Recursos Agroecológicos: práticas agroecológicas aplicadas nas atividades de cultivo das propriedades camponesas e características pessoais dos camponeses que indiquem a propensão para o desenvolvimento das funções de Promotores(as) e Facilitadores(as) Agroecológicos(as) da metodologia social CaC;
- Recursos Sociais: características familiares e comunitárias positivas;
- Recursos Físicos e Naturais: estruturas físicas e naturais favoráveis das comunidades;
- Recursos Institucionais: instituições reconhecidas pelos camponeses como parceiras e que atuam por melhorias nas condições de vida das comunidades;
- Recursos Culturais: práticas locais e tradicionais de saúde, arte, culinária, etc..

Para o levantamento dos Recursos Agroecológicos foi utilizada uma adaptação da ferramenta da CaC conhecida como Experiência de Banes[10]. Desenvolvida na cidade de Banes (província de Holguín) por camponeses integrantes da ANAP de Cuba, esta ferramenta consiste na realização de um levantamento participativo das práticas agroecológicas aplicadas nas propriedades das comunidades envolvidas no processo de transição de modelos de produção.

O procedimento original se dá da seguinte forma[10]:

1. Em um cartaz relacionam-se as práticas agroecológicas, enumerando cada uma delas;
2. Entrega-se a cada produtor um lápis e um papel onde devem escrever seu nome e sobrenome;
3. Em seguida, o facilitador explica em que consiste o procedimento;
4. Cada agricultor deve escrever no papel as práticas agroecológicas que utiliza em sua propriedade. Explica-se e debate-se com os participantes cada uma das práticas enumeradas;
5. No final recolhem-se os papéis e se realiza a análise estatística.

Apesar de ter sido desenvolvida para diagnosticar o nível de implementação agroecológico e para acelerar o processo social de transição já iniciado entre os camponeses cubanos associados à ANAP, a capacidade da Experiência de Banes para identificar quais são os conhecimentos e práticas existentes em cada unidade produtiva; para direcionar os intercâmbios de conhecimentos; e para identificar quais são os camponeses que mais conhecem e aplicam práticas agroecológicas dentro das comunidades pôde também ser aplicada no levantamento de outros recursos disponíveis que poderão vir a ser utilizados no processo de transição agroecológico-sanitário nas comunidades de Lavras (momento posterior ao recorte desta Pesquisa-Ação-Participativa).

Para isso foram feitas adaptações na Experiência de Banes para aplicação neste trabalho, tais como: a ampliação da capacidade de captação de dados do instrumento para o levantamento das características pessoais dos camponeses que possam contribuir no processo futuro de definição dos Promotores(as) e Facilitadores(as) Agroecológicos(as); e a estruturação do instrumento na forma de questionário de fácil entendimento e preenchimento pelos participantes. Esta estruturação se fez necessária devido ao contexto de baixa escolaridade formal encontrado na zona rural do município[50], o que poderia levar à perda de dados por dificuldade de leitura e escrita caso a Experiência de Banes fosse aplicada em seu formato original.

Dessa forma, dando sequência ao Primeiro EPS, foi utilizado um questionário de autopreenchimento (Apêndice 1) onde cada página continha apenas duas perguntas, em letras grandes, sobre as práticas agroecológicas que poderiam ou

não estar disponíveis nas propriedades e sobre as características pessoais dos camponeses relacionadas à realização das funções de Promotores(as) e Facilitadores(as) Agroecológicos(as). Para a definição das perguntas sobre práticas agroecológicas, foram escolhidas técnicas utilizadas em diferentes municípios da região onde se encontra Lavras (e que, por isso, apresentam semelhanças produtivas, climáticas, de conhecimento tradicional, etc.) descritas pela dissertação de mestrado 'Estado da arte em agroecologia e suas relações com experiências no sul de Minas Gerais'[90] e também cartilhas diversas sobre práticas e técnicas agroecológicas[91-93]. Já para a definição das perguntas sobre características pessoais relacionadas a Promotores(as) e Facilitadores(as) Agroecológicos(as) foram utilizadas as descrições das funções e das características desejáveis apresentadas no livro Revolução Agroecológica[10], da ANAP.

Para a aplicação, a mesma página do questionário que estava sendo aplicada/preenchida foi projetada em local visível por meio de um projetor de imagens. O pesquisador utilizou a projeção tanto para explicar e sanar dúvidas sobre cada uma das práticas e características descritas nas perguntas quanto para indicar as possíveis opções de escolha e marcação pelos camponeses. Estas opções foram "Sim", que foi representada por um sinal gráfico afirmativo (dedo polegar voltado para cima), e "Não" que apresentou ao seu lado um sinal gráfico negativo (dedo polegar voltado para baixo). Para garantir a orientação em relação à página que estava sendo projetada e explicada pelo pesquisador e a página de preenchimento em que estavam os camponeses, o questionário apresentava uma figura de identificação, diferente a cada página, impressa no topo da mesma. Assim foi possível orientar a aplicação, explicando, por exemplo, que a página 2, onde estava impressa uma estrela, seria explicada e preenchida naquele momento (Apêndice 1).

Com relação aos Recursos Sociais, Físicos, Naturais, Institucionais e Culturais foi realizada, logo após a aplicação do questionário, uma entrevista coletiva, onde o pesquisador realizou perguntas aos integrantes dos EPS sobre as características familiares, sociais, físicas e naturais positivas, sobre as instituições

parceiras, e sobre as práticas culturais e tradicionais presentes nas comunidades. Os recursos que compõem estas categorias não foram levantados/dialogados por meio de questionário devido à diversidade e imprevisibilidade de respostas que poderiam ser dadas em cada comunidade.

Atividade 3 – Intercâmbio camponês: visita para troca de entendimentos, motivações e técnicas

Apesar de terem sido inicialmente promovidos e visibilizados nas duas atividades que conformaram o Primeiro EPS, as capacidades de compreensão, manejo e significação dos camponeses de Lavras – fundamentais para que assumam o protagonismo e a disposição para mudar de forma ampla, por meio da transição agroecológica, o modelo de produção e dominação que afeta sua saúde e vida – ainda careciam de um exemplo prático para acentuar seu despertar e fortalecimento frente ao ofuscamento causado pelo contexto de dependência destes camponeses em relação à lógica, profissionais, técnicas e insumos do agronegócio.

É nesse sentido que esta Atividade 3, que conforma o Primeiro MPSOC, buscou potencializar os componentes que conformam o Senso de Coerência de camponeses das comunidades rurais de Lavras. Para isto foi apresentado à estes sujeitos um exemplo prático dos benefícios e viabilidades do modelo de produção agroecológico em uma propriedade camponesa onde os insumos externos não são necessários e o equilíbrio produção-ambiente é capaz de resgatar os meios naturais, a cultura e a dignidade local, ao mesmo tempo em que gera boa produtividade e lucratividade. Este tipo de atividade deu origem ao ditado popular cubano que se tornou o lema da CaC naquele País: *"Quando o camponês vê, ele acredita"*[10].

A atividade de potencialização consistiu, portanto, em realizar, uma visita de troca de saberes de representantes das comunidades rurais de Lavras a uma família de camponeses que fez a transição de modelos de produção. A propriedade familiar onde foi realizada esta visita é a da família do município de Claraval, que já havia sido

apresentada indiretamente aos camponeses por meio do documentário curta-metragem[88] exibido na Atividade 1 do EPS anterior.

A escolha dessa família de camponeses se deu, tanto para a produção do documentário quanto para o desenvolvimento desta atividade de visita/potencialização dos componentes salutogênicos, pela representatividade de sua história de transição do modelo de produção do agronegócio para o modelo agroecológico. Após anos de "incentivos" de representantes comerciais, bancos, governos locais e agentes públicos de extensão rural para que insistissem no monocultivo de café convencional, a família se viu mergulhada em um contexto de constante prejuízo com a lavoura (os rendimentos com a venda das sacas não cobriam os gastos com agrotóxicos e fertilizantes químicos); de pobreza (sem renda para alimentação adequada e vivendo em uma casa sem condições de habitação); e de adoecimentos constantes e de dispersão familiar (os filhos haviam migrado para área urbana e assumido empregos assalariados, abandonado a vida no campo pela falta de perspectiva). No entanto, com a vinda de um novo técnico da Emater para o município, que priorizava a agroecologia como foco de sua atuação profissional e utilizava técnicas participativas para levantar os interesses, saberes e as potencialidades dos pequenos agricultores locais, a família decidiu iniciar a mudança de modelo de produção, realizando uma transição agroecológica gradual. A família diversificou a produção e adotou técnicas, conceitos e princípios agroecológicos tanto para os novos cultivos quanto para a produção de café, conseguindo, em pouco tempo, sanar os problemas de saúde, de alimentação e obter boa lucratividade com a produção. Uma nova casa foi construída com a renda da nova forma de cultivo e os filhos retornaram para viver e trabalhar na propriedade[88].

A visita dos camponeses a esta propriedade, incluindo, desta forma, os momentos de aprendizado geral e de troca de saberes com a família camponesa agroecológica e com o técnico agroecológico da Emater de Claraval, buscou, coletivamente, com estes "parceiros externos" à Pesquisa-Ação-Participativa, potencializar tanto os entendimentos sobre a injustiça e inviabilidade do modelo capitalista internalizado em seu contexto, suas produções e modo de vida, quanto as

motivações e técnicas para a mudança para o modelo agroecológico. É importante ressaltar que a viabilização desta terceira atividade também foi alcançada de maneira coletiva e também contou com a colaboração de “parceiros externos” à Pesquisa-Ação-Participativa.

Como não havia disponibilidade de recursos econômicos para fretar um ônibus para a viagem de ida e volta de Lavras a Claraval (674 Km) e para pagar os gastos com alimentação de todos os envolvidos ao longo de um dia inteiro de viagem e atividades – de forma a não gerar mais ônus econômico aos camponeses e demais participantes do que a própria adequação de suas rotinas e disponibilização de seu dia de trabalho para participar da visita – foi utilizada uma plataforma *online* de *crowdfunding* como estratégia de pagamento dos custos da viagem.

Nessa modalidade de arrecadação coletiva por meio da internet, sites especializados disponibilizam a criação de uma página pelo próprio proponente (por meio de preenchimento simples de campos específicos) para a descrição/promoção de uma campanha de arrecadação. O site também se responsabiliza pelos trâmites financeiros tanto de recebimento da contribuição (realizada como uma compra regular pela internet, utilizando cartão de crédito ou por meio da emissão e pagamento de um boleto) de cada interessado em apoiar a viabilização do trabalho proposto; quanto de repasse do valor arrecadado ao proponente quando do final do prazo da campanha (mediante o desconto de uma porcentagem da arrecadação, variável para cada site). Já a divulgação da campanha fica sob responsabilidade do proponente, tendo sido a campanha criada para a realização desta atividade divulgada maiormente nas redes sociais do pesquisador. Intitulada, então, de ‘Troca de Saberes Agroecológicos: a viagem!’, o texto formulado para a promoção da campanha (incluindo o detalhamento da aplicação dos recursos), ainda disponível para visualização (mesmo que já encerrada) na plataforma do site de *crowdfunding*[94], foi o seguinte:

> **"Quando o agricultor vê, ele acredita!"** Este é o lema da metodologia social de disseminação da Agroecologia chamada **"de Camponês a Camponês"**. Esta metodologia, que tem os próprios agricultores familiares como protagonistas do processo de Transição Agroecológica, está sendo

> implementada nas 19 comunidades rurais do município de Lavras - MG por meio do projeto de doutorado do Farmacêutico Sanitarista Pedro Abreu (Pós-Graduação em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp).
> Dentre as etapas que compõe esse projeto está planejada uma importante viagem de agricultores representantes das 19 comunidades rurais de Lavras, além dos Agentes Comunitários de Saúde que atendem a zona rural do município, até a propriedade de uma família de agricultores da cidade de Claraval - MG. Esta família, que há poucos anos não acreditava ser possível produzir sem agrotóxicos, hoje produz café, hortaliças e frutas sem usar nem uma gota de veneno. A história e benefícios familiares, econômicos e sanitários da mudança de modelo de produção desta família pode ser conhecida no Documentário curta metragem "O Uso INSeguro dos Agrotóxicos", disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HVdZV4JaKAs&t=1s.
> A visita dos agricultores de Lavras a esta propriedade, portanto, permitirá tanto a troca de experiências e saberes sobre a injustiça e inviabilidade do modelo de produção do agronegócio para os pequenos agricultores quanto sobre as possibilidades, viabilidades e benefícios da mudança para o modelo agroecológico.
> E para viabilizar esta visita, criamos esse espaço de financiamento coletivo.
> **Já que não foi possível obter os recursos necessários para a realização dessa viagem por meios institucionais, acreditamos em você** (que acredita na Agroecologia, que acredita na força da Troca de Saberes para processos de transição agroecológica e que acredita nos trabalhos que vêm sendo realizado pelo pesquisador Pedro Abreu e seu orientador Dr. Herling Alonzo para a superação do contexto de dependência de agrotóxicos no País) **para colaborar com qualquer valor que possa transformar em realidade esta etapa fundamental da ampla Transição Agroecológica que ocorrerá em Lavras por meio da metodologia "de Camponês a Camponês"!**
> Desde já agradecemos sua contribuição e/ou sua divulgação entre seus amigos e redes que acreditam em um mundo sem venenos!
>
> _____
> Descrição dos gastos que conformam o valor proposto[94]:
> - Aluguel de ônibus de 50 lugares (337Km cada trecho de viagem): R$3.000,00
> - Almoço totalmente orgânico para 50 pessoas (produzido com alimentos cultivados e preparados pela própria família de agricultores de Claraval: R$1.000,00 (R$20,00 por pessoa)
> - Gasto com lanche nas paradas de ida e volta da viagem (a viagem leva em torno de 6 horas cada trecho): RS1.000,00 (R$10,00 por pessoa em cada trecho)
> - Dinheiro de reserva para qualquer imprevisto que possa ocorrer na viagem: R$280,00
> - Taxa de 12% cobrada pelo site de crowdfunding: R$720,00 [Grifos do autor].

Ao final do prazo da campanha, 71 contribuições foram realizadas, totalizando a arrecadação de R$6.090,00 (101,5% do valor proposto pela campanha).

Os primeiros convidados para participar da visita foram os ACS da ESF rural, durante a reunião mensal dos mesmos (junho/2017). Em seguida, foram selecionados e

convidados, por meio de contato telefônico, os representantes camponeses das comunidades rurais do município. A seleção foi feita por conveniência e o pesquisador levou em consideração critérios de orientação, ou seja, não hierarquizados e flexíveis frente à realidade e ao cotidiano dos camponeses. Tais critérios foram: “pontuação” na Experiência de Banes (aplicada na Atividade 1 do Primeiro EPS) na sessão “Características pessoais”, relacionadas às funções de Promotores(as) e Facilitadores(as) Agroecológicos(as); bom relacionamento com os demais camponeses e entusiasmo com a transição agroecológica, apresentados durante as atividades do Primeiro EPS; e disponibilidade de se ausentar de Lavras por um dia inteiro de trabalho na data disponível para a família de Claraval.

Atividade 4 – Testemunhos do intercâmbio camponês: multiplicação das compreensões, crenças e motivações

Após as atividades iniciais desenvolvidas para despertar e fortalecer (Primeiro EPS) e para potencializar (Primeiro MPSOC) as capacidades de compreensão, significação e manejo dos camponeses das comunidades rurais de Lavras, partimos para a realização deste Segundo EPS, conformado pelas Atividades 4 e 5. Neste EPS, buscou-se “novos despertares” e a ampliação e aprofundamento do fortalecimento dos componentes salutogênicos do sujeito camponês.

Nesse sentido, a Atividade 4 desenvolveu o compartilhamento e a discussão das compreensões, crenças e motivações adquiridas pelos participantes da atividade de troca de saberes em Claraval com os demais camponeses de suas comunidades. Para esta realização foi utilizado o instrumento da CaC chamado Testemunhos, onde os representantes das comunidades rurais que participaram da visita, e também o pesquisador e a equipe de pesquisa, relataram suas experiências e vivências. Assim, foram multiplicadas e debatidas suas novas impressões sobre o contexto das comunidades; sobre a agroecologia; sobre o que eles identificaram como novos tipos de recursos presentes nas propriedades e comunidades; e sobre as motivações e a

necessidade de desenvolvimento de novas práticas de cultivo, de conduta camponesa e de novas formas de parcerias.

Para estimular os relatos e as discussões foram exibidas, por meio de projetor de imagens, fotografias realizadas durante a viagem e a visita à propriedade da família camponesa de Claraval. Além disto, nas comunidades onde houve participação, nesta atividade, de camponeses que não haviam participado do Primeiro EPS, foi novamente exibida a ferramenta audiovisual 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88] como forma de contextualização e "nivelamento" das participações nos debates.

Assim, todos os camponeses presentes, mesmo os que não compareceram às Atividades 1 e 2, e, consequentemente, não conformaram, naquela ocasião, o Primeiro EPS, foram convidados a integrar este Segundo EPS, âmbito dos relatos e discussões desta Atividade 4. Pelos mesmos motivos da Atividade 1, não foi realizada seleção dos integrantes do Segundo EPS nem houve critério de exclusão para conformar este espaço coletivo de discussão e de produção e captação de dados.

Atividade 5 – Concretização da Experiência de Banes: construção coletiva do Repertório de Recursos de Saúde

Compartilhadas, discutidas e multiplicadas as experiências, ideias, críticas e novas perspectivas sobre as condições e dificuldades locais para a realização da transição agroecológica, buscou-se, por meio desta atividade, desenvolver a materialização visual, a instrumentalização e a disponibilização dos recursos identificados pelos próprios camponeses na aplicação da Experiência de Banes na Atividade 2. A presente atividade buscou, assim, a discussão e a apreensão da compreensão, da motivação e da crença dos camponeses em relação à acessibilidade dos recursos existentes em suas propriedades e comunidades e a consolidação da percepção de que o manejo de tais recursos em prol de um modelo de produção mais justo e da promoção da saúde local dependem da decisão e organização deles mesmos.

Para isso, os recursos identificados por meio da aplicação do questionário na Atividade 2 foram organizados conforme o exemplo da Tabela 1, sendo cada conjunto específico de dados (Práticas Agroecológicas e Características Pessoais) descrito em quadros distintos. Assim foi possível identificar quais práticas e características pessoais estão presentes em cada uma das comunidades, propriedades e camponeses.

Tabela 1. Planilha de resultados da Experiência de Banes em uma comunidade rural fictícia.

Práticas agroecológicas / Nome agricultor	Compostagem	Rotação de cultivos	Associação de cultivos	Aplicação de matéria orgânica	Cobertura do solo	Uso de plantas repelentes	Uso de adubo verde	Integração animal	TOTAL
João P.	X	X							2
José R.	X	X	X	X	X		X	X	7
Maria D.	X	X		X				X	3
Glória A.	X	X	X	X	X			X	6
Paulo M.	X							X	2
TOTAL	5	4	2	3	2	0	1	4	

Fonte: ANAP – Folleto de la Metodología de Campesino a Campesino[95].

Como podemos perceber na Tabela 1, a concretização da Experiência de Banes permite a visualização dos conhecimentos e práticas presentes na comunidade e que podem ser compartilhadas com agricultores da mesma ou de outras comunidades (colunas “Compostagem”, “Rotação de Cultivos”, e “Integração animal”); conhecimentos e práticas que podem ser aprimorados ou aprendidos (colunas “Uso de plantas repelentes” e “Uso de adubo verde”); e os camponeses que apresentam maiores conhecimentos em práticas agroecológicas e que, por isso, apresentam potencial para serem Promotores(as) Agroecológicos(as) (linhas “José R.” e “Glória A.”).

O trabalho, então, de construção e debate coletivo dos Repertórios de Recursos de Saúde das comunidades se deu, nesta Atividade 5, utilizando-se, como instrumento visual, o mapa de recursos estruturado com os dados coletados na primeira etapa de trabalho. Os mapas, confeccionados com a colagem em cartolinas dos quadros de Recursos Agroecológicos (Práticas Agroecológicas e Características

Pessoais) e também com a descrição dos Recursos Sociais, Físicos, Naturais, Institucionais e Culturais das comunidades, foram apresentados para que os participantes visualizassem e se expressassem a respeito dos recursos identificados anteriormente.

Nesse momento, cada recurso contido nos mapas foi reapresentado e reexplicado pelo pesquisador para que os camponeses que não estavam presentes no Primeiro EPS pudessem complementá-lo e/ou para que os camponeses que já integravam o mapa pudessem atualizá-lo ou corrigi-lo. Desta forma, ao final desta atividade coletiva de reestruturação, validação e debate sobre os mapas (incluindo os determinantes e contextos para que assim se estruturassem e as motivações para desenvolvê-lo), os mesmos passaram a ser considerados como os Repertórios de Recursos de Saúde de cada comunidade. Tal instrumento, que nesta atividade e EPS teve o intuito maior de estimular a expressão das falas referentes ao fortalecimento das capacidades de compreensão, manejo e significação dos camponeses participantes, terá, também, utilizações metodológicas fundamentais nas etapas, posteriores ao recorte desta Pesquisa-Ação-Participativa, de desenvolvimento da metodologia social de transição agroecológica CaC pelos próprios camponeses organizados do município.

Por fim, antes do encerramento deste EPS, foram selecionados as camponesas e camponeses que integraram a fase seguinte de trabalho, sendo que os próprios participantes deste EPS, em cada comunidade, escolheram entre si dois camponeses(as) para compor o grupo de representantes para o desenrolar da Fase II. Não houve critério de seleção ou exclusão (quanto à idade, grau de escolaridade, gênero, forma ou tipo de produção, etc.), sendo as manifestações de confiança, interesse e disponibilidade dos próprios participantes os fatores decisórios para a definição comunitária de tais representantes.

4.2.2 Fase II – Momento Analético Intermediário: Aplicação das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação

Atividade 6 – Oficina sobre Organização Camponesa: palestras com parceiros institucionais externos

A segunda fase dos trabalhos de campo teve como foco a aplicação – após o processo de despertar e fortalecimento desenvolvido na Fase I – dos componentes do SOC dos camponeses representantes das comunidades rurais de Lavras. Neste sentido, buscou-se, através da práxis conjunta entre os sujeitos da Pesquisa-Ação-Participativa, criar as condições subjetivas e práticas para a construção e o desenvolvimento sequencial (momento dialético, posterior ao recorte desta Pesquisa-Ação-Participativa) da transição agroecológica-sanitária autônoma protagonizada e direcionada pelos próprios camponeses organizados. Para isto, as duas primeiras atividades (Atividade 6 e Atividade 7), desta fase de transição para uma dialética camponesa-de-fato libertadora, foram concebidas e realizadas como momentos destinados a potencializar, preparatoriamente, as capacidades de compreensão, manejo e significação dos camponeses para a aplicação e captação dos mesmos nas atividades finais do recorte desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa.

Assim, a Atividade 6, por meio de uma oficina com parceiros institucionais externos sobre a importância da organização camponesa, buscou trabalhar não apenas este tema e seu debate como um primeiro passo para a estruturação social e formal de uma organização que sustente e exerça papel protagonista na transição agroecológica-sanitária por meio da CaC no município. A oficina buscou trabalhar, também, a participação dos camponeses neste debate (e nas decisões para as ações seguintes que dali surgiram) já como sujeitos apropriados, pelo processo de autorreconhecimento desenvolvido, de seus recursos, interesses e contexto.

Nesse sentido, a própria escolha do tema não foi baseada apenas na indissociabilidade entre a existência de um tecido organizativo camponês e a promoção e disseminação horizontal e potencial da agroecologia por meio da metodologia social

CaC (apreendidas pelas experiências vivenciadas e literaturas estudadas pelo pesquisador), mas também nas intensões e interesses dos camponeses captados e interpretados, por meio de sua palavra, durante o desenvolvimento dos EPS da Fase I. Assim, percebeu-se que seria fundamental fomentar a compreensão da necessidade e a disposição dos camponeses em buscar e construir formas organizadas de atuação coletiva para tornar possível uma mudança generalizada da realidade, onde os resultados agroecológicos atingidos em cada propriedade, comunidade e região possam ser reconhecidos, adaptados e utilizados em outras propriedades, comunidades e regiões do município.

A oficina (Quadro 5), então, teve como primeiro objetivo aprofundar os conhecimentos e discussões sobre a agroecologia e a metodologia CaC, por meio de palestra sobre o tema realizada pelo pesquisador. Em seguida, como segundo objetivo, foram planejadas palestras sobre outros âmbitos sociais, econômicos, produtivos e políticos que apresentam relação direta com aspectos da vida camponesa e que necessitam de uma estrutura organizativa para serem desenvolvidos em seu favor.

Dessa forma, foram convidados parceiros (alinhados com o processo em desenvolvimento por meio desta IAP) para apresentar temas de suas áreas de atuação e promover discussões com o grupo de camponeses representantes das comunidades (Quadro 5). Estes temas, que perpassam pela necessidade da estruturação organizativa camponesa, foram: aposentadoria e outros direitos previdenciários do trabalhador rural, apresentado por Tássia Castro, Assistente Social da agência de Lavras do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); acesso a mercados institucionais – como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) –, apresentado por Thiago Rodrigo de Paula Assis, Professor da Área de Extensão e Desenvolvimento Rural e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão do Departamento de Administração e Economia (DAE) da UFLA; e políticas públicas (histórico, conquistas e lutas) e afirmação, organização e disseminação da cultura camponesa, apresentado por

José Carlos Rodrigues, camponês membro do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Por fim, como terceiro e último objetivo da oficina, foi realizada apresentação, pelo pesquisador, de uma proposta de sequência das atividades práticas do processo social desenvolvido por meio desta IAP. Estas atividades, aprovadas pelos camponeses, foram baseadas em passos de implementação da metodologia CaC que permitem o desenvolvimento da participação, do protagonismo e da organização camponesa (Quadro 5).

Quadro 5. Planejamento da Oficina "Organização Camponesa para viabilizar o processo social de Transição Agroecológica por meio da metodologia Camponês a Camponês". Lavras, 2017.

Objetivo	Conteúdo	Responsável
1 – Aprofundar os conhecimentos sobre a agroecologia e a metodologia social CaC, relacionando a necessidade da organização camponesa para a implementação nas comunidades	- Agroecologia geral; - CaC: princípios; passos de implementação; funções atores; funcionamento prático	Pesquisador
2 – Ampliar a compreensão da necessidade e a disposição dos camponeses em relação à organização camponesa no município	- Direitos previdenciários e as dificuldades de acessá-los sem a existência de organização formal de camponeses e demais trabalhadores rurais - Mercados institucionais e as vantagens do associativismo camponês para a participação em programas públicos de aquisição de alimentos - Políticas Públicas para o campo e o Movimento dos Pequenos Agricultores como meio de organização e afirmação da cultura camponesa	Assistente Social INSS Professor Ufla Camponês MPA
3 – Definir próximas atividades da IAP	- Proposta: Diagnóstico Rural Participativo (outubro 2017); Reuniões Regionais (novembro 2017); Encontro de Intercâmbio de Experiências (dezembro 2017)	Pesquisador

Quanto à articulação com os parceiros convidados para o desenvolvimento da oficina, houve um processo específico para cada um:

- a Assistente Social do INSS havia procurado anteriormente o pesquisador buscando informações gerais sobre as comunidades rurais e os camponeses de Lavras. Seu intuito era desenvolver encontros nas comunidades para apresentar e debater as dificuldades que os trabalhadores rurais vinham enfrentando para acessar seus direitos previdenciários, uma vez que Lavras não conta com sindicato destes trabalhadores para assessorá-los e representá-los. No entanto, frente à falta de recursos e disponibilidade de tempo para realizar este trabalho em toda a extensão rural de Lavras, a Assistente Social havia decidido esperar algum momento mais propício para sua realização. Quando do planejamento, então, da oficina com os camponeses representantes das comunidades rurais de Lavras, o pesquisador entrou em contato e a convidou para compor a atividade apresentando tais dificuldades para acessar direitos e a importância e a necessidade da organização dos trabalhadores rurais no município para o enfrentamento destas dificuldades;
- o Professor da área de desenvolvimento e extensão rural da UFLA havia participado como suplente da banca de defesa da dissertação de mestrado do pesquisador responsável por esta IAP. Como o pesquisador havia se informado sobre trabalhos do Professor a respeito de políticas públicas e mercados institucionais relacionadas à agricultura familiar, desenvolvidos por meio da universidade pública de Lavras, o convite para a participação na banca veio como uma estratégia de conhecimento mútuo entre seus trabalhos e formas de atuação. A partir disto, diferentes articulações, trabalhos e movimentações em prol de uma agricultura sustentável e socialmente justa no município contaram com a colaboração conjunta dos dois profissionais, inclusive esta oficina;
- o Camponês membro do MPA foi definido pela organização nacional do movimento após alguns encontros e reuniões de articulação. O primeiro encontro, onde começaram as conversas sobre uma possível parceria num processo sanitário de desenvolvimento da agroecologia por meio da CaC com camponeses em Lavras, aconteceu no V Encuentro Internacional de Agroecología, Agricultura Sostenible y Cooperativismo da ANAP de Cuba, realizado em novembro de 2015. A partir das

conversas neste encontro, ficou definida uma reunião, a ser realizada em 2016, sobre o projeto de pesquisa e a forma de participação do MPA. Tal reunião, entre o pesquisador e o coordenador nacional do movimento, aconteceu durante a Plenária Nacional da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, em outubro de 2016. Ali ficou definida a introdução da discussão sobre a participação do movimento nesta IAP como pauta do Grupo de Articulação Nacional (GAN) do MPA. Após a reunião do GAN, foi decidida a participação do MPA em parte do trabalho de campo da pesquisa, como uma articulação academia-movimento social, e foi agendada uma reunião com a coordenação estadual do MPA em São Paulo (no dia sete de julho de 2017, no Departamento de Saúde Coletiva da FCM/Unicamp) para a discussão desta participação. Nesta reunião, ficou definida a participação de um membro da juventude do MPA do estado de Rondônia na oficina sobre organização camponesa.

Em relação à articulação dos participantes das comunidades rurais para a participação neste Segundo MPSOC, o sujeito camponês foi formado pelos representantes das comunidades definidos na Atividade 5. Sobre a decisão de desenvolver esta e as demais atividades da Fase II com representantes das comunidades, e não com todos os camponeses que integraram as atividades da Fase I, dois fatos foram levados em consideração, O primeiro foi o planejamento metodológico inicial (pré-trabalhos de campo) de desenvolver na Fase II uma capacitação de dois camponeses de cada comunidade nas funções de promoção e facilitação agroecológica (conforme metodologia CaC), o que foi alterado após a finalização das atividades da Fase I, quando a palavra dos camponeses, analeticamente apreendida e interpretada, revelou ao pesquisador a necessidade de realizar com os mesmos um processo prévio de desenvolvimento e construção das bases para a organização camponesa. O segundo fator foi a inviabilidade (percebida ao longo do desenvolvimento da primeira fase) de organização, agendamento e deslocamento de todos camponeses que estiveram presentes nas atividades da Fase I para os EPS e MPSOC que seriam realizados, por meio das atividades previstas para a Fase II (e mesmo após decisão de

reestruturar seu caminho metodológico), em um local central para todas as comunidades.

Quanto a esse local central, utilizado para a realização da Atividade 6, foi definido o Instituto de Acolhimento e Recuperação Eterna Misericórdia (IAREM), que se localiza na comunidade rural Ponte Alta. O IAREM, centro de vocação católica voltado para o acolhimento de homens em estado de vulnerabilidade social, apresenta boa estrutura para o desenvolvimento de atividades em grupo; trabalha com o cultivo e comercialização de hortaliças sem agrotóxicos; e se encontra em posição geográfica central em relação às demais comunidades rurais do município, o que facilita o deslocamento e a participação dos camponeses.

Atividade 7 – Diagnóstico Rural Participativo

A Atividade 7, que conformou o Terceiro MPSOC, consistiu na realização do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) nas propriedades dos camponeses representantes das comunidades rurais de Lavras (sujeito camponês ao longo da Fase II). A forma de desenvolvimento do DRP adotada nesta atividade seguiu a definição e utilização prática do MACaC da ANAP[10], sendo este descrito como

> a atividade que permite revelar os problemas presentes na roça que afetam ou limitam a produção. Com esta atividade pretende-se determinar o problema principal, descobrir as causas que o provocam e os recursos de que se dispõe ou que podem ser gerados na própria roça para resolvê-los. A partir da explicitação dos problemas, determina-se a ação a realizar, começando pelas de mais amplo e rápido impacto e de menor custo e risco, o que se conhece como “técnica chave”.
> O DRP é um princípio e uma atividade estratégica na metodologia, porque desperta o espírito crítico e construtivo da realidade, estimula a experimentação camponesa e – em última instância – acaba com as receitas e pacotes tecnológicos [Grifos do autor].

No contexto das propriedades camponesas das comunidades rurais de Lavras, o desenvolvimento desse olhar crítico e construtivo sobre sua própria realidade

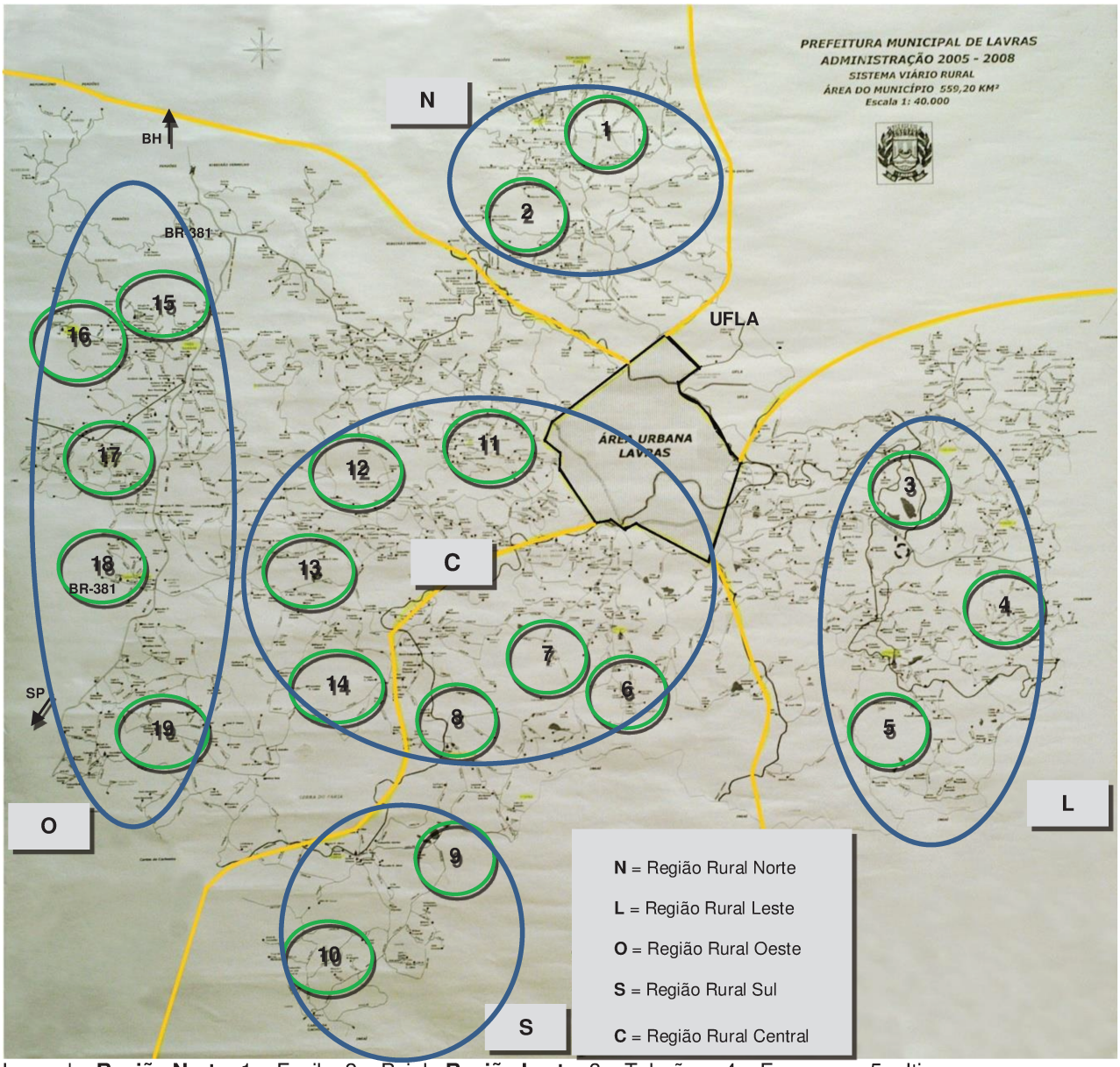
produtiva e a identificação de problemas e possíveis recursos locais para a solução dos mesmos não poderia ser colocado em prática, com todo seu potencial participativo, sem o trabalho analético prévio realizado na Fase I. Uma Pesquisa-Ação-Participativa que se proponha a promover um processo social-sanitário que crie as condições para a transição agroecológica por meio da CaC seguindo estritamente a realização do DRP como *primeiro passo* do processo[10], sem considerar o contexto histórico de invisibilização dos modos e recursos camponeses e de dependência técnica e tecnológica externa, correria o risco de aplicar este instrumento diagnóstico de forma pouco participativa (vertical) e "agroecologicamente impositiva" (receituária). Ou seja, o despertar, o fortalecimento e até mesmo a aplicação inicial (quando definiram, esclarecidamente, na Atividade 6, sobre a realização do DRP) dos componentes do SOC dos camponeses criaram as condições de possiblidade para que esta atividade fosse realizada de modo realmente participativo em suas propriedades.

Nesse mesmo sentido, de valorização e desenvolvimento da atuação de fato participativa para a visibilização dos recursos e problemas de sua própria roça e, também, para o raciocínio sobre os caminhos e modos de utilização e priorização dos mesmos, que a ferramenta DRP foi utilizada, nesta Pesquisa-Ação-Participativa, como momento de potencialização dos componentes salutogênicos que permitem a estruturação da autonomia para a tomada de decisão e o protagonismo pessoal (camponês) e comunitário. Assim, do mesmo modo que as atividades que envolveram o mapeamento e a estruturação dos recursos agroecológicos (Atividades 2 e 5), o resultado técnico desta atividade (o Relatório de DRP) – que deverá ter grande utilidade prática para a continuação do processo de organização camponesa e transição agroecológico-sanitária (momento após o recorte desta pesquisa) – não foi produzido com a intenção de atestar a correção ou a melhor maneira agroecológica de se proceder as técnicas de cultivo a serem promovidas e compartilhadas. Os momentos de produção e de discussão coletiva dos recursos que compõe estes Relatórios – assim como dos Repertórios de Recursos de Saúde (Atividade 5) –, por sua capacidade de potencialização das capacidades que viabilizam a promoção da saúde, da autonomia e

da libertação destes camponeses (que serão captados nas atividades e EPS seguintes), é que apresentaram importância estratégica na estrutura metodológica desta Pesquisa-Ação-Participativa.

Com relação aos sujeitos, a atividade de DRP – como momento de troca de informações e observações entre os proprietários-trabalhadores e pessoas capacitadas externas – foi desenvolvida coletivamente entre os camponeses e os estudantes da UFLA que compunham a equipe de pesquisa. A capacitação dos estudantes nas técnicas e modos horizontais e participativos de desenvolvimento dos DRP foi feita por meio de uma formação específica neste instrumento diagnóstico. Intitulada 'Preparação para Diagnóstico Rural Participativo', essa formação foi desenvolvida pelos Professores Rafael Eduardo Chiodi (área de Desenvolvimento e Extensão) e Viviane Santos Pereira (área de Administração Pública), ambos doutores do Departamento de Administração e Economia da UFLA, após processo de articulação (convite, discussão da demanda e programação) realizado pelo pesquisador. Estes Professores foram considerados como "parceiros externos indiretos" deste MPSOC.

Finalizada a formação (Anexo 1), foi discutido, entre os estudantes e o pesquisador, os passos para o desenvolvimento do DRP nas propriedades, baseando-se nos conteúdos da formação, nas proposições do MACaC[10] para a atividade e nos Repertórios de Recursos das comunidades (Atividade 5). Em seguida, foram passados os contatos telefônicos dos camponeses e camponesas (disponibilizados no cabeçalho dos questionários da Atividade 2) para os estudantes, que ficaram responsáveis pelo agendamento das datas e horários dos diagnósticos. Por fim, concluindo o processo de formação e planejamento da atividade, os estudantes formaram duplas de trabalho para a realização dos DRP nas propriedades, sendo que cada dupla ficou responsável por uma das cinco regiões rurais definidas pelo pesquisador para esta atividade (Imagem 2).



Legenda: **Região Norte:** 1 = Funil e 2 = Paiol; **Região Leste:** 3 = Tabuões, 4 = Fonseca e 5 = Itirapuan; **Região Central**: 6 = Serrinha, 7 = Ponte Alta, 8 = Cachoeirinha, 11 = Jaboticabeiras, 12 = Pimentas, 13 = Maranhão e 14 = Rosas; **Região Sul:** 9 = Tomba e 10 = Faria; **Região Oeste:** 15 = Três Barras, 16 = Boa Vista, 17 = Salto das Três Barras, 18 = Cajuru do Cervo e 19 = Engenho de Serra.

Imagem 2. Representação, em imagem do mapa do sistema viário rural de Lavras, das Regiões Rurais e suas comunidades.

Os estudantes, como parte do sujeito acadêmico da IAP, ficaram responsáveis, também, pela sistematização dos Relatórios (em formato de tabela simples de duas colunas) contendo os recursos agroecológicos e os problemas

produtivos identificados de forma participativa durante o desenvolvimento dos DRP nas propriedades e Regiões Rurais. Estes Relatórios foram entregues aos camponeses durante a realização da Atividade 8 (Terceiro EPS), onde fomentaram as discussões e a expressão/captação das falas com conteúdo salutogênico.

Atividade 8 – Encontros para reforço geral: as Reuniões Regionais organizativas

Nesta Fase II, como trabalho de transição entre o processo analético de autorreconhecimento dos camponeses de Lavras e o processo dialético de superação da exploração de seu modo de vida e economia pelo agronegócio capitalista/colonial, buscou-se desenvolver uma ampla aplicação prática das capacidades de compreensão, manejo e significação destes camponeses. Esta aplicação se deu por meio de atividades voltadas para a construção participativa inicial da organização camponesa no município com o intuito de implementação futura da metodologia social de transição agroecológica CaC. Neste sentido, os dois primeiros passos desta construção constituíram-se por MPSOC, que envolveram uma atividade teórica de aprofundamento sobre organização e protagonismo camponês e uma atividade prática de diagnóstico participativo e não receituário dos aspectos relacionados à atividade agrícola nas propriedades camponesas.

Esta Atividade 8, portanto, foi planejada e executada como um encontro de desenvolvimento da práxis camponesa e, também, como mais um passo prático da construção da organização dos camponeses no município. Assim, adaptando a sequência de passos para a implementação da CaC, proposta pela pelo MACaC da ANAP de Cuba[10] (Quadro 2), partimos do passo do DRP nas propriedades[10] para o passo de Encontro para reforço geral, que se apresenta como uma atividade práxica onde *"se realiza uma revisão de todo o processo, a fim de analisar conquistas e dificuldades, identificando as prioridades seguintes"*[10]. Esta adaptação foi realizada pois a atividade de DRP em Lavras foi precedida de diversas atividades que permitiram sua concretização participativa. A reflexão, então, sobre o caminho prático desenvolvido até

a Atividade 7 foi um momento fundamental para a assimilação dos avanços e dificuldades gerais e para a definição protagonista dos camponeses sobre a forma de realização da atividade prática seguinte.

A opção de desenvolver esses Encontros de reforço geral no formato de Reuniões Regionais – ou seja, reuniões realizadas entre os camponeses de uma mesma região, tendo uma propriedade familiar ou um ponto rural comum como local de encontro – teve como intuito o estímulo à percepção e utilização destas localidades rurais como recursos para o desenvolvimento da CaC e da organização camponesa. Neste sentido, a realização de apenas uma Reunião Municipal em uma das comunidades dos camponeses participantes foi preterida tanto pela dificuldade de deslocamento que seria gerada para os camponeses de comunidades em posição geográfica oposta quanto pela intenção de promover a percepção destas localidades como recursos nas cinco regiões rurais.

Dessa forma, foram mantidas as mesmas cinco regiões rurais definidas na Atividade 7 e o mesmo sujeito camponês (representantes das comunidades ao longo de toda a Fase II). Além disto, manteve-se as duplas de estudantes responsáveis pelo desenvolvimento dos DRP em cada região como responsáveis pelo agendamento (local, data e hora) com os camponeses das regiões rurais e como equipe de apoio em cada reunião.

Os instrumentos utilizados para estimular a reflexão e a discussão aberta dos participantes sobre o processo desenvolvido desde a Atividade 1 até a Atividade 7 foram: uma apresentação resumida sobre o histórico da exploração do modo de vida e economia camponesa e sua possibilidade de superação, realizada pelo pesquisador (este sendo um primeiro momento de devolução desta pesquisa); uma apresentação de fotos de cada atividade realizada; e a sistematização impressa dos DRP de cada propriedade. Já o momento posterior de definição pelos camponeses do modo de realização da atividade seguinte, contou apenas com uma pergunta aberta, realizada verbalmente pelo pesquisador: “O que vocês pretendem e como querem que seja a próxima atividade de trabalho, definida inicialmente, ao final da Atividade 6, como

Encontro de Intercâmbio de Experiências?". As reflexões e respostas dos camponeses à esta pergunta foram consideradas como decisões e orientações para o planejamento, estruturação e realização da última atividade (que conformou o último EPS) desta IAP.

As Reuniões Regionais foram consideradas como EPS e, por meio deste instrumento, pôde-se produzir e captar a palavra dos camponeses nesta atividade.

Atividade 9 – Encontro de Intercâmbio de Experiências e de Organização Camponesa

Esta atividade do Quarto EPS – último do recorte do processo social contínuo iniciado e desenvolvido por meio desta IAP – consistiu na realização de uma adaptação do passo de implementação da metodologia CaC, proposto pelo MACaC da ANAP[10], conhecido como Intercâmbio de Experiências (Quadro 2). Conforme definição dos camponeses que participaram das Regiões Regionais (Atividade 8), ao invés da realização de um encontro na propriedade de um dos camponeses do grupo para a demonstração e compartilhamento de técnicas agroecológica de seu domínio que fossem resolutivas para problemas produtivos dos demais participantes[10], foi programado um encontro em uma localidade central do município para a apresentação oral dos problemas priorizados por cada camponês, seguido do compartilhamento, pelos demais participantes, de experiências e soluções agroecológicas conhecidas para estes problemas.

Os principais argumentos dos camponeses para essa adaptação foram: o fato deste formato, onde cada participante pudesse expor tanto seus problemas quanto seus conhecimentos, promover uma motivação e uma confiança mais generalizada e horizontal entre os participantes; e o favorecimento da mobilização dos participantes para o encontro sendo este realizado em uma localidade de mais fácil acesso à todos (considerado fundamental para este momento inicial de construção da organização camponesa). Outra definição dos camponeses, durante as Reuniões Regionais, que moldou o planejamento desta atividade (Quadro 6) foi a realização, em um segundo

momento do encontro, da troca de experiências, discussão e decisão/deliberação sobre os próximos passos e ações para a construção coletiva da organização camponesa e agroecológica no município.

Quadro 6. Planejamento do Encontro de Intercâmbio de Experiências e de Organização camponesa. Lavras, 2017..

Objetivo	Método	Responsável
1 – Realizar intercâmbio de experiências entre os camponeses e camponesas	Troca oral de saberes: cada participante fala seu maior problema e os demais camponeses apresentam experiências e soluções agroecológicas	Camponeses, pesquisador e equipe de pesquisa
2 – Discutir e deliberar sobre caminhos e procedimentos para a construção da organização camponesa agroecológica	Roda de diálogo sobre como pensam e querem se organizar: - formas de organização; - caminhos a serem percorridos; - ações e responsáveis;	Camponeses, pesquisador e equipe de pesquisa

Além do local (IAREM), data e tempo de duração do encontro também foram discutidos e definidos pelos camponeses nas Reuniões Regionais da Atividade 8. Após, então, a compilação, alinhamento e organização das definições dos camponeses, o pesquisador realizou contato telefônico com cada um deles para confirmar o agendamento da atividade.

Foi preparado um cronograma para o desenvolvimento das atividades, onde, além dos objetivos centrais do encontro, foram programadas dinâmicas de apresentação-descontração, motivação e avaliação do encontro[96]. Todos estes momentos do EPS possibilitaram a expressão da palavra[38] dos camponeses, sendo esta, assim como a palavra expressa nos demais EPS desta IAP, captada, processada e analisada conforme apresentado a seguir.

4.3 Coleta e Análise dos dados

A estruturação metodológica apresentada foi planejada e estabelecida a partir de um quadro referencial específico que buscou dar consistência teórica e operacionalidade ao objetivo de implementação de uma estratégia salutogênica de Promoção da Saúde de camponeses impactados pela dominação/colonialidade do modelo capitalista do agronegócio e pelo uso de agrotóxicos. Partiu-se, então, da hipótese de que um processo social fundamentado em instrumentos e atividades da metodologia social CaC poderia desenvolver as capacidades de compreensão, manejo e significação dos camponeses e camponesas das comunidades rurais de Lavras e, assim, dar início e progressão à construção das bases subjetivas e práticas autônomas para promover a saúde e a libertação destes sujeitos.

Colocada em prática e finalizados os trabalhos de campo dessa metodologia, foi dado, então, início ao processo de tratamento e classificação/codificação (pré-análise) do conjunto de dados das Fases I e II, conforme categorias e subcategorias que permitiram deduzir, de maneira lógica, conhecimentos sobre o desenvolvimento salutogênico e analético dos camponeses e suas comunidades. A interpretação destes conhecimentos (análise) se deu por meio da significação concedida a estes dados após tal tratamento, buscando inferir os fatores que determinaram e que poderão ser determinados pelas características das informações contidas nas falas dos camponeses[97]. Para este processo de pré-análise e análise dos dados produzidos por esta Pesquisa-Ação-Participativa foram utilizados, portanto, princípios e procedimentos da Análise de Conteúdo, propostos por Bardin[97].

No entanto, antes de partirmos para o entendimento dos caminhos de construção das categorias e subcategorias de análise e dos caminhos de interpretação e significação dos dados, é importante apresentar tanto o instrumento de produção e captação quanto o *corpus*[97] de dados definidos para este estudo.

Conforme detalhamento da estruturação metodológica desta Pesquisa-Ação-Participativa, apresentado ao longo do item 4.3, as nove atividades que constituíram as

duas fases de trabalho de campo foram desenvolvidas em dois modos operacionais, os EPS e os MPSOC, sendo que apenas os EPS dispunham de intenção e condições estruturais para a captação dos dados a serem processados e analisados.

Os MPSOC, como o próprio nome diz, foram planejados e realizados para potencializar, em distintos e estratégicos momentos da estruturação metodológica, as capacidades de compreensão, manejo e significação do sujeito camponês. Estes momentos de potencialização buscaram suprir a falta de métodos da Salutogênese para desenvolver e/ou "fazer crescer" estes componentes fundamentais para o desenvolvimento da Promoção da Saúde por meio deste paradigma. Sendo assim, os dados (falas dos camponeses com conteúdo salutogênico) "produzidos" a partir da realização dos MPSOC foram planejados para "reverberar" nos EPS que os sucediam, onde a estrutura adequada de rodas de diálogos e trocas de experiências (em local que contava unicamente com a presença e que concentrava os sujeitos camponês e acadêmico) permitia a integral captação dos mesmos.

Assim, o presente estudo instituiu e utilizou o próprio EPS como instrumento de produção e coleta de dados. Thiollent[84] indica que o principal objetivo de modos de obtenção de dados argumentativos da Pesquisa-Ação-Participativa consiste em

> [...] oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do "material" qualitativo gerado na situação investigativa. Este "material" é essencialmente feito de linguagem, sob formas de simples verbalizações, imprecações, discursos ou argumentações mais ou menos elaboradas. A significação do que ocorre na situação de comunicação estabelecida pela investigação passa pela compreensão e a análise da linguagem em situação[84] [Grifos do autor].

Nesse sentido, os EPS exerceram tanto a função de propiciar o ambiente adequado para a geração quanto a função de possibilitar a plena captação do "material" argumentativo e qualitativo: as falas (ou palavra analética[38]) dos camponeses. E para o registro destas falas, produzidas durante as discussões grupais, foi utilizado, em todas as atividades que conformaram os EPS, aparelho Samsung YP-T9J®, modelo 2007, que dispõe da função de gravação de áudio em alta resolução.

Nesse ponto, é importante ressaltar que os demais instrumentos de produção de dados e seus respectivos resultados – como o questionário adaptado da Experiência de Banes (Atividade 2), o Repertório de Recursos (Atividade 5), o DRP e seus Relatórios sistematizados (Atividade 7) – foram empregados nesta Pesquisa-Ação-Participativa com o intuito exclusivo de proporcionar aos camponeses condições fundamentadas e estruturadas para que estes pudessem reconhecer, refletir e se expressar a cerca de seus próprios recursos e capacidades. Desta forma, a utilização e os dados produzidos por meio destes "instrumentos de apoio" à Pesquisa-Ação-Participativa tiveram a intenção de promover, nas atividades com rodas de diálogo e trocas de experiências, as discussões/falas e seu conteúdo salutogênico (seja diretamente nos EPS, no caso da Experiência de Banes e Repertórios de Recursos, seja por "reverberações" promovidas pelo MPSOC, no caso dos DRP). Assim, estes dados, que não compuseram o "material de palavras faladas diretamente" pelos camponeses, não foram objetos de análise de seu conteúdo salutogênico. No entanto, os produtos finais dos Repertórios de Recursos de Saúde e dos Relatórios de DRP foram apresentados indiretamente (pelas questões éticas apresentadas no item 4.5) na descrição inicial dos Resultados das atividades de campo (item 5.1) e sua relevância, representatividade e pertinência para o processo social desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa e para a sequência deste processo (posterior ao recorte analisado) foram indicados e comentados.

Produzidos e captados durante os quatro EPS desenvolvidos, os materiais de áudio foram transcritos integralmente, pelos estudantes que conformaram a equipe de pesquisa, e os documentos constituídos, contendo as falas dos camponeses suscetíveis de fornecer as informações intencionadas, foram definidos como o *corpus* deste estudo. Segundo Bardin[97], *"O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos".* Para isto, o conjunto de documentos pré-analisados e analisados, ou seja, as transcrições das atividades desenvolvidas por meio dos Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto EPS (Atividades 1 e 2, Atividades 4 e 5, Atividade 8 e Atividade 9, respectivamente) seguiram as principais

regras para a constituição de um *corpus*, propostas por Bardin[97], e apresentaram algumas características específicas referentes ao contexto de desenvolvimento e à estrutura metodológica definida para esta Pesquisa-Ação-Participativa:

- **Regras de constituição do *corpus*:**

  - Exaustividade: todos os materiais produzidos (transcrições) foram considerados em sua totalidade e incluídos em todas as etapas e processos de pré-análise e análise;

  - Homogeneidade: todos os materiais foram obtidos por meio de técnicas e instrumentos sistematizados (EPS e gravador de áudio) e estes foram operados sempre pelo mesmo pesquisador e/ou mesmos integrantes da equipe de pesquisa (previamente preparados e nivelados);

  - Pertinência: as transcrições, como documentos, foram consideradas fontes de informação adequada, uma vez que os instrumentos de captação, registro e transcrição foram planejados e executados seguindo a metodologia proposta (estruturada segundo os objetivos do estudo).

- **Característica específicas do *corpus*:**

  - Os materiais de áudio de atividades distintas realizadas dentro de um mesmo EPS (Atividades 1 e 2 = Primeiro EPS e Atividades 4 e 5 = Segundo EPS) foram transcritos como documentos referentes ao EPS, ou seja, sem distinção sobre qual fala pertencia exatamente a qual atividade. Isto porque, na dinâmica real de desenvolvimento do EPS, não existia fronteira definida e nem imposição de momentos de expressão de falas que foram geradas/estimuladas a partir de uma ou outra atividade;

  - Os EPS (e suas atividades) de “mesma natureza”, que foram desenvolvidos em diferentes comunidades (Primeiro EPS, Segundo EPS e Terceiro EPS), foram considerados, no processo de pré-análise, como EPS únicos, com documentos únicos. Por exemplo: os materiais do Primeiro EPS, desenvolvido em 17

comunidades, foram transcritos e explorados separadamente para cada comunidade mas foram considerados, durante os processos de sistematização e classificação, como integrantes de um “único documento geral do Primeiro EPS” (ou seja, a sistematização do Primeiro EPS é referente aos documentos conjuntos das 17 comunidades);

- Como explicado anteriormente, as Atividades 3, 6 e 7 não conformaram EPS e, portanto, não produziram, diretamente, materiais de áudio com dados a serem sistematizados e analisados;
- As falas, que constituem os documentos transcritos pela equipe de pesquisa, foram “passadas para o papel” preservando (respeitando e valorizando) o exato modo de fala de cada camponês. No entanto, sempre que necessário, o pesquisador, no momento do processamento/sistematização dos documentos, incorporou “colchetes explicativos” para deixar claro sobre o quê ou a quê o camponês se referia. Para isto, o pesquisador utilizou-se de sua condição de sujeito presente e implicado nas atividades e baseou-se integralmente no contexto e assunto sobre o qual cada fala foi pronunciada (ou seja, sem incorporar, neste momento, interpretações ou opiniões pessoais sobre o conteúdo das falas).

Partindo, então, para o tratamento do material (pré-análise), foi realizado um processo de codificação das falas transcritas, isto é, a transformação dos dados brutos para atingir uma representação do conteúdo e, também, para permitir a análise das características pertinentes, segundo os objetivos[97]. Nesse sentido, em consonância com o objetivo central de implementação e análise de uma estratégia Salutogênica de Promoção da Saúde, este estudo, no primeiro estágio de codificação, pressupôs-se das categorias Capacidade de Compreensão, Capacidade de Manejo e Capacidade de Significação como estrutura fixa de classificação para as falas expressas nos quatro EPS. Assim, estas categorias foram as mesmas para cada um dos quatro EPS onde os dados foram produzidos e coletados. Isto porque a intenção da análise foi identificar a progressão destes componentes salutogênicos ao longo das fases e EPS do processo analético desenvolvido por meio da Pesquisa-Ação-Participativa. Não foi necessário,

portanto, neste primeiro momento de exploração do *corpus*, realizar a técnica de leitura flutuante[97] com o intuito de fazer emergir, das falas transcritas, categorias de análise, mas sim no sentido de reconhecimento, no *corpus* "falante", das falas com conteúdos que se aplicavam às categorias pressupostas[97].

O primeiro estágio do processo de codificação dos documentos transcritos, como parte fundamental da análise de conteúdo empreendida neste estudo, se deu, então, na modalidade temática[97], onde cada segmento de conteúdo expresso pelos camponeses (frases, conjunto de frases, diálogos, perguntas, afirmações, projeções, etc.), que continha informações referentes a um dos três temas das categorias, foi selecionado e classificado dentro destas categorias. Para isto, foram definidos, baseando-se nas proposições do paradigma salutogênico de Antonovsky[13], os seguintes indicadores para que cada segmento de conteúdo fosse recortado, selecionado e classificado (codificado) dentro de uma das três categorias:

- **Capacidade de Compreensão:** falas com conteúdo cognitivo e indicação de que os camponeses possuem ou passaram a possuir entendimento de fatores que determinam o contexto em que vivem;

- **Capacidade de Manejo:** falas com conteúdo comportamental e indicação de que creem que dispõem de determinados recursos e de que os utilizavam, utilizam ou podem vir a utilizar em seu favor, em favor comunitário, em favor da organização camponesa e/ou em favor da transição agroecológica;

- **Capacidade de Significação:** falas com conteúdo motivacional e indicação de disposição, intenção, entusiasmo e/ou planejamento futuro para mudar o que torna seu contexto desfavorável, usando, para isto, seus próprios recursos e baseando-se em experiências, objetivos e formas que lhes interessa.

Já o segundo estágio de codificação constituiu-se na exploração, seleção e classificação, das falas que já integravam as três categorias, em subcategorias de análise. Esta subcategorização foi identificada, durante o processo de tratamento do *corpus*, como imprescindível para, no posterior processo de análise, conceder significação e inferir fatores aos dados e para discutir a consistência, as causas e os rumos da progressão do processo salutogênico-analético desenvolvido. Para definir as subcategorias, então, foi realizada a leitura flutuante de todo o material previamente categorizado, buscando fazer emergir os subtemas recorrentes e indicativos de tal progressão. Assim, neste segundo momento de exploração, a leitura flutuante – técnica da Análise de Conteúdo que envolve repetidas leituras para conhecimento, aprofundamento e incremento da precisão do olhar sobre os documentos – foi utilizada pelo pesquisador *"deixando-se invadir por impressões e orientações"*[97] que afloraram do próprio *corpus*. Procedendo desta forma, foram identificadas e definidas 20 subcategorias, distribuídas, sem regras pré-definidas (a não ser a significação/conteúdo das falas e os EPS em que foram ditas), dentro das três categorias pressupostas:

- **Subcategorias da categoria Capacidade de Compreensão:**
  - Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel;
  - Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio;
  - Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês;
  - Invasão da cultura urbana;
  - Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio;
  - Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas;
  - Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados.

- **Subcategorias da categoria Capacidade de Manejo:**
  - Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas;
  - Rede comunitária;
  - Talentos artístico-culturais;
  - “Novos recursos”, reconhecidos após a visita de Troca de Saberes à Claraval;
  - Experimentação camponesa;
  - Experiências e ferramentas sociais emancipadoras.

- **Subcategorias da categoria Capacidade de Significação:**
  - Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores;
  - Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa;
  - Melhorar condições da economia camponesa familiar;
  - Produzir de maneira que o alimento seja fonte de saúde (para quem trabalha, sua família e consumidores);
  - Construir meio/modo de vida justo para os filhos;
  - Buscar e aprimorar conhecimentos;
  - Organizar-se e construir caminhos como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente).

Por fim, o processo de análise foi estruturado em duas etapas de apresentação e discussão dos resultados desta Pesquisa-Ação-Participativa. A primeira caracterizou-se como uma etapa de descrição geral de cada um dos EPS e MPSOC (e suas respectivas atividades), onde buscou-se apontar e comentar as principais informações advindas do processo prático de realização dos trabalhos de campo, como: a quilometragem percorrida para a realização de cada EPS e MPSOC; as características gerais do contexto em que cada modo operativo e suas atividades foram desenvolvidas; o número e a variação do número de participantes nos EPS e MPSOC;

os números e as características e diferenças da participação de mulheres e homens nas atividades; as perdas ao longo do processo; os resultados da Experiência de Banes e dos DRP; entre outros.

Já a segunda etapa desse processo constituiu-se no momento da Análise Qualitativa de Conteúdo propriamente dita, onde buscou-se interpretar – por meio das significações e inferências conferidas pelo pesquisador às falas – tanto a progressão dos componentes salutogênicos e do processo analético de libertação dos camponeses quanto as implicações destas progressões para a Promoção da Saúde destes sujeitos. Segundo Bardin[97], o que caracteriza uma Análise Qualitativa de Conteúdo *"é o fato de a inferência* [...] *ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.!)* [...]*, quer as modalidades de inferência se baseiem ou não em indicadores quantitativos"*[97].

Nesse sentido, realizou-se – conforme as comunidades, subcategorias, categorias e contextos de expressão – a estruturação das falas pré-analisadas (Apêndices 2 e 3) e, após a sistematização e contagem destas falas, tais estruturação e sistematização foram utilizadas como apoio ao desenvolvimento de uma análise de conteúdo na modalidade temática[97]. Assim, foi construída uma análise que, ao englobar diferentes comparações (ou "*modalidades de inferência*"[97]) sobre a progressão dos conteúdos das falas e dos conteúdos dos números referentes às categorias e subcategorias, possibilitou a inferência e a discussão do desenvolvimento dos componentes salutogênicos, do processo analético de libertação e da Promoção da Saúde dos camponeses.

Esse extenso material estruturado (Apêndices 2 e 3), "fornecedor de falas e números carregados de sentidos" para a análise do recorte (Momentos Analéticos Inicial e Intermediário) do processo social contínuo iniciado/desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa, passa, a partir do encerramento desta, a compor um banco documental para trabalhos futuros, a serem desenvolvidos e coordenados pelo pesquisador responsável, pelo orientador da pesquisa e/ou pelos camponeses e camponesas de Lavras.

4.4 Ética em pesquisa

Foram seguidas as disposições das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõem sobre pesquisas com seres humanos[98,99], tendo sido o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, sob o Parecer Número 2.057.924/2017 (Anexo 2).

Os dados produzidos e coletados em todos os EPS (e as atividades que os conformaram), foram acessados para transcrição apenas pelo pesquisador responsável e pela equipe de pesquisa e tratados, analisados e armazenados unicamente pelo pesquisador responsável e pelo orientador da pesquisa. A identidade e a privacidade dos participantes foram preservadas na transcrição dos áudios, no processamento dos "instrumentos de apoio" e no processo de tratamento e incorporação das informações na redação da Tese. Neste sentido, toda e qualquer referência nominal (seja a pessoas ou comunidades) presente nos documentos foi abreviada por questões éticas de sigilo e de proteção. Em casos onde mesmo com a abreviação ainda restou qualquer possibilidade de identificação dos camponeses e/ou das comunidades, a fala foi descartada. Do mesmo modo, as comunidades foram numeradas, no processo de estruturação (Apêndices 2 e 3) e análise das falas, de modo não condizente com quaisquer outras formas e ordenações utilizadas ao longo da descrição da metodologia e da apresentação dos resultados desta Pesquisa-Ação-Participativa, sendo a referência desta numeração mantida sob conhecimento apenas do pesquisador responsável e do orientador desta pesquisa.

Importante destacar também que os resultados dos "instrumentos de apoio" Repertório de Recursos de Saúde e DRP (Atividades 5 e 7) não foram apresentados por meio de tabulações dos dados (nem mesmo como apêndice) neste estudo. Isto porque, mesmo omitindo-se os nomes dos camponeses participantes das atividades e das comunidades às quais os dados se referiam, tais sistematizações poderiam permitir deduções (especialmente por pessoas e profissionais que conhecem parte das

propriedades e das características das comunidades) que levassem à identificação de camponeses que participaram da pesquisa.

A assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 4) assegurou a estrutura de sigilo apresentada e os participantes tiveram liberdade para retirar o seu consentimento a qualquer momento e/ou deixar de participar da pesquisa, sem que isso lhe trouxesse algum tipo de penalidade.

A assinatura e o preenchimento dos dados dos camponeses nos TCLE, portanto, foi obrigatória para a participação na pesquisa. Os TCLE foram específicos para cada EPS e MPSOC que conformaram as duas fases de trabalho, com exceção do Terceiro MPSOC (Atividade 7), do Terceiro EPS (Atividade 8) e do Quarto EPS (Atividade 9). Isto porque as atividades destes EPS e MPSOC apenas seriam realizadas se fossem decorrentes de decisão coletiva dos camponeses participantes da Atividade 6 do Segundo MPSOC, sendo que a possibilidade desta decorrência já estava prevista no TCLE desta atividade (Apêndice 4). É importante salientar que a participação de um camponês ou camponesa, mesmo com a devida assinatura do TCLE, em uma etapa anterior não excluiu a necessidade da assinatura do TCLE referente a uma nova atividade (quando a nova atividade não estava prevista no TCLE da atividade anterior).

A participação na pesquisa não ofereceu desconfortos ou riscos previsíveis ou passíveis de prevenção e os participantes não tiveram nenhum tipo de gasto para participar de qualquer fase, etapa ou atividade da pesquisa.

Com relação ao Governo Municipal, o pesquisador reuniu-se, previamente ao início dos trabalhos de campo desta Pesquisa-Ação-Participativa, em distintos momentos, com a Secretaria de Saúde (contando com a presença da Secretária de Saúde, do Gerente da Vigilância em Saúde, do Gerente da Vigilância Sanitária, do Chefe de Departamento da Vigilância Ambiental e da Coordenadora da Atenção Básica) e com a Secretaria de Assuntos Rurais (contando com a presença do Secretário de Assuntos Rurais e Vice-Prefeito e da Gerente da Secretaria de Assuntos Rurais) para a explicação de todo o processo de trabalho, pesquisa, ação e devolução

que vinha sendo desempenhado em Lavras desde os trabalhos de campo do mestrado[50] (sendo exibido, inclusive, o documentário 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88]) e, mais especificamente, o detalhamento dos objetivos, conteúdo e forma de Pesquisa-Ação-Participativa que seria desenvolvida por meio deste doutorado. Após estas reuniões, tanto a Secretaria Municipal de Saúde quanto a Secretaria Municipal de Assuntos Rurais emitiram autorizações (datadas de 06/04/2017) para o desenvolvimento desta Pesquisa-Ação-Participativa nas e com as comunidades rurais de Lavras (Anexos 3 e 4). Em um momento posterior, no dia 24/04/2017, foi agendado e realizado um novo encontro, de alinhamento dos entendimentos sobre a Pesquisa-Ação-Participativa, entre as duas Secretarias, a Emater local e os ACS da ESF rural. Neste encontro conjunto foi apresentado e discutido um detalhamento ainda mais aprofundado sobre os referenciais teóricos e os métodos práticos que seriam desenvolvidos por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa.

Por fim, sobre os aspectos éticos que envolvem esta Pesquisa-Ação-Participativa após sua finalização, os resultados e conclusões serão apresentados, por meio de trabalho de devolução/restituição em todas as comunidades rurais de Lavras, sendo os camponeses e camponesas contatados para a divulgação do local e hora de realização do mesmo. A devolução será realizada, também, para instituições públicas e gestores municipais que tenham relação direta ou indireta com o tema da pesquisa. Os resultados e conclusões também serão submetidos à publicação em forma de artigos e/ou livros, recebendo os autores e colaboradores os devidos créditos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Descrição geral dos trabalhos de campo

5.1.1 Primeiro Encontro de Promoção da Saúde

Entre os dias 21 de maio e 25 de junho de 2017 foram realizadas as Atividade 1 (Demonstração didática audiovisual: entendimento do contexto e motivação para mudá-lo) e Atividade 2 (Primeiro passo da Experiência de Banes: mapeamento dos recursos de saúde) que conformaram o Primeiro EPS desta Pesquisa-Ação-Participativa (Quadro 7). Estas primeiras atividades da Fase I dos trabalhos de campo foram desenvolvidas, de forma sequencial, por meio de encontros realizados nas 19 comunidades rurais de Lavras, sendo necessário, para isto, percorrer um total de 818 quilômetros na zona rural do município.

Quadro 7. Cronograma de realização do Primeiro EPS (Atividades 1 e 2) nas comunidades rurais. Lavras, MG, 2017.

Data	Dia da semana Hora	Comunidade	Local na comunidade	Presentes
21/05	Domingo 15:00	Serrinha*	Igreja católica (após missa)	–*
23/05	Terça 19:00	Faria	Escola desativada	8
25/05	Quinta 18:30	Itirapuan	Sala multiuso da Escola Adventista	6
28/05	Domingo 10:00	Engenho de Serra	Igreja católica (após missa)	10
30/05	Terça 10:00	Funil	Escola	6
30/05	Terça 19:00	Tomba	Escola desativada	5
01/06	Quinta 18:30	Boa Vista	Bar	10
03/06	Sábado 19:00	Tabuões	Igreja católica (após encontro para rezar o terço)	9
04/06	Domingo 15:00	Pimentas	Sala anexa da igreja católica (após missa)	9

Quadro 7. continuação

Data	Dia da semana Hora	Comunidade	Local na comunidade	Presentes
07/06	Quarta 19:00	Três Barras	Igreja católica (após missa)	9
08/06	Quinta 20:00	Paiol	Galpão multiuso da comunidade (após missa)	12
11/06	Domingo 10:00	Salto das Três Barras	Sala anexa à igreja católica (após missa)	12
11/06	Domingo 14:00	Rosas	Sala anexa à igreja católica (após missa)	4
11/06	Domingo 20:00	Cajuru do Cervo	Sala anexa à igreja católica (após missa)	7
16/06	Sexta 20:30	Maranhão*	Igreja católica (após missa)	–*
18/06	Domingo 15:00	Jaboticabeiras	Igreja católica	6
21/06	Segunda 18:00	Cachoeirinha	Escola	6
25/06	Domingo 13:00	Fonseca	Quiosque anexo à igreja católica	5
25/06	Domingo 18:00	Ponte Alta	IAREM	3
Total				127

*Perdas do estudo

No entanto, em duas das 19 comunidades o Primeiro EPS não pôde ser desenvolvido em plena consonância com a metodologia proposta. No caso da Comunidade Maranhão, o pesquisador esqueceu-se de levar os TCLE para que os participantes (apenas dois) atestassem seu consentimento em participar da pesquisa. Devido, então, à não possibilidade de cumprimento deste requisito ético e também à inviabilidade (para os trabalhos de campo da pesquisa) de remarcação do encontro apenas para o mês seguinte (a missa na comunidade é celebrada mensalmente e seria o único momento relatado como viável pelos camponeses), a Comunidade Maranhão foi considerada como perda do estudo.

No caso da Comunidade da Serrinha, logo após a exibição do documentário 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88] (ferramenta da Atividade 1) constatou-se que não havia participação de camponeses entre as pessoas que permaneceram para a

realização do EPS após a missa na comunidade. Os presentes eram moradores da cidade que haviam ido à missa naquela igreja rural; pessoas que “apenas moram” na comunidade (trabalham na cidade e não exercem nenhuma atividade agrícola) e a ACS da comunidade, que, neste caso, também dedica-se exclusivamente às funções de sua profissão (não exerce, apesar de viver nesta comunidade rural, nenhuma atividade agrícola).

Nos dias seguintes foram realizadas diversas tentativas de reagendamento por meio de contato com o presidente da associação de moradores da comunidade e com a própria ACS. No entanto, os mesmos alegaram que os agricultores da comunidade “que precisavam ir”, pois produzem para supermercados da cidade e usam grande quantidade de agrotóxicos, não estavam interessados no tema. Ao explicar, uma vez mais, que o encontro não era voltado apenas para quem produz em maior quantidade ou para quem usa agrotóxicos, a resposta foi que na comunidade “quase ninguém planta mais nada”, nem mesmo “hortinhas pro gasto” (cultivos para autoconsumo). Ambos demonstram-se frustrados por “não conseguirem ajudar” no trabalho e desanimados com a “falta de envolvimento e dedicação” dos agricultores de sua comunidade.

É importante destacar que essa “falta de camponeses” na Comunidade da Serrinha e o “desinteresse dos camponeses que restam” é o estágio prático e ideológico avançado de subalternização e descredibilização do modo de vida camponês pelas crescentes hegemonias da lógica urbana e do capitalismo agrário. Esta comunidade encontra-se próxima ao contorno urbano da cidade, em uma região que está “no caminho” da expansão e especulação imobiliária das grandes construtoras do município. Há anos seus moradores vêm sendo pressionados a vender suas terras ou parte delas. E hoje, como consequência, nas áreas da comunidade mais próximas ao contorno urbano, já existem dois condomínios de casas; diversas casas individuais construídas em loteamentos; e um projeto já em andamento – de uma das maiores empresas do município e da região de compra de áreas (urbanas e rurais) para loteamento e venda/especulação – para a construção de um empreendimento

imobiliário de mais de 700 hectares[100] (englobando também áreas da comunidade Ponte Alta) no que antes eram, em boa parte, terras camponesas. Este avanço, que vem tornando mão de obra urbana os moradores da comunidade e que vem fechando seus poucos produtores de alimentos dentro dos modelos de cultivo e comercialização que interessam aos vendedores de produtos químicos industrializados e atravessadores que adquirem sua produção, conforma o contexto que impediu a continuidade da Serrinha nos trabalhos que compuseram este estudo.

Nas demais 17 comunidades rurais de Lavras (Quadro 7) a realização e os dados coletados no Primeiro EPS foram considerados válidos, tendo sido atingido o número total de 134 camponeses participantes. No entanto, uma vez mais por questão de cumprimento pleno dos requisitos éticos, foi desconsiderada a validade das participações e dos dados coletados de sete participantes (três da Comunidade Engenho de Serra, um da Comunidade Tabuões, uma da Comunidade Salto das Três Barras, uma da Comunidade Jaboticabeiras e um da Comunidade dos Rosas) devido a problemas de preenchimento em seus TCLE. Assim, foram contabilizados 127 participantes válidos nas 17 comunidades que integraram o Primeiro EPS (Quadro 7). Deste total, 40 eram mulheres (31,5%) e 87 eram homens (68,5%), sendo que em duas comunidades não houve presença de nenhuma mulher e em uma comunidade as duas mulheres presentes se recusaram a assinar os TCLE (identificando-se como “apenas acompanhantes” dos maridos e, assim, considerando-se como não pertencentes ao encontro).

À respeito das características da participação das mulheres neste Primeiro EPS, além de serem representadas por um menor número em todas as comunidades, esta pôde ser identificada como de baixa atuação e autonomia em pelo menos outras seis comunidades (além das duas onde não houve participação de mulheres e da comunidade onde as mulheres presentes se consideraram não-pertencentes ao EPS). No entanto, nas outras oito comunidades a participação das mulheres e seu autorreconhecimento e atuação no EPS como camponesas (mesmo que em muitos

casos se identificando como “ajudantes” ou “menos responsáveis” pelos processos produtivos e econômicos da propriedade) se deu de maneira intensa.

O que foi observado para constatar essas identificações de baixa atuação e autonomia e de autopercepção como menos participativas nas questões produtivas e econômicas familiares foi o pouco envolvimento das mulheres (das seis comunidades onde houve baixa atuação feminina/camponesa) nas discussões que aconteceram durante a realização das Atividades 1 e 2 e, também, a recusa inicial (mesmo de algumas mulheres de comunidades onde houve intensa participação feminina nas discussões) de preencher um questionário de mapeamento de recursos separado do parceiro. Neste último caso, todas as mulheres que haviam inicialmente dito que “não era necessário um questionário só para elas” optaram pelo preenchimento exclusivo quando o pesquisador e a equipe de pesquisa explicaram que toda e qualquer atividade produtiva – inclusive hortas, pomares, animais/derivados e produtos beneficiados para autoconsumo familiar e/ou venda, mesmo que estas não fossem as atividades produtivas/econômicas consideradas como principais ou geradoras diretas de renda na propriedade familiar – tinha importância para o levantamento da Pesquisa-Ação-Participativa e poderia revelar conhecimentos e técnicas agroecológicas.

Os resultados do preenchimento feminino dos questionários (brevemente apontados no item 5.1.3), além das próprias falas das camponesas (apresentadas e discutidas por meio da análise do item 5.2), revelaram a importância da atuação e dos conhecimentos e práticas das mulheres para a agroecologia que já se realiza nas propriedades familiares e para as possibilidades de desenvolvimento do processo social de transição agroecológica por meio da organização camponesa no município. Apenas adiantando um resultado dos Repertórios de Recursos, que nos ajuda a exemplificar tal importância das mulheres para o momento atual e futuro da agroecologia no município, foi identificado que camponesas apresentaram o maior número de conhecimentos e técnicas agroecológicas em cinco das 17 comunidades onde a Experiência de Banes foi aplicada.

Dessa forma, é possível perceber que essas situações identificadas (de participação minoritária das mulheres nos EPS; de baixo autorreconhecimento como camponesas e como produtivas; e de revelação/visibilização tanto de seus conhecimentos agroecológicos, sociais, institucionais, políticos, etc. quanto de sua importância para a produção, para a resistência e para a construção organizada da agroecologia) corroboram com o contexto geral do País de disparidade de gênero no que diz respeito aos papéis exercidos e representados na economia familiar camponesa. Sobre este contexto, Siliprandi[101], em seu trabalho intitulado 'Mulheres Agricultoras e a Construção dos Movimentos Agroecológicos no Brasil'[101], afirma que

> [...] embora as mulheres tenham participado ativamente da construção da agroecologia no Brasil, como produtoras, experimentadoras, comerciantes, consumidoras, somente nos últimos anos têm aparecido publicamente como sujeitos políticos. Isso se deve, sobretudo, à forma como as relações de gênero se expressam no meio rural, relegando o trabalho e a participação pública das mulheres à invisibilidade. Embora as mulheres trabalhem efetivamente no conjunto de atividades da agricultura familiar, somente são reconhecidas e valorizadas pelas atividades que realizam como esposa e mãe – não como produtora. Por outro lado, o poder sobre as decisões que afetam a família enquanto unidade de produção e também enquanto núcleo de convivência cabe aos homens, assim como a representação da família no mundo público.

Com relação aos instrumentos utilizados neste Primeiro EPS, tanto o documentário 'O Uso INSeguro dos Agrotóxicos'[88] quanto o questionário elaborado a partir de adaptações da Experiência de Banes[10], desempenharam, como planejado, suas funções primordiais (nesta Pesquisa-Ação-Participativa) de criarem ambiente e condições de possibilidades para a expansão da percepção, do reconhecimento e da expressão (falas e discussões) dos camponeses sobre os determinantes do seu contexto e sobre a existência e relevância de seus recursos.

Nesse sentido, o curta-metragem, além de demonstrar sua eficácia como instrumento (de fácil utilização e entendimento) para a promoção de percepções e debates sobre o contexto (e seus determinantes) de inviabilidade do paradigma do "uso seguro" de agrotóxicos (e do próprio modelo do agronegócio) e sobre as possibilidades e benefícios da agroecologia camponesa, também demonstrou o quão eticamente

fundamental e o quão socialmente útil é a busca e realização de modos de adaptação de conhecimentos científicos para formatos mais “palatáveis”, compreensíveis e interessantes para a população-alvo da pesquisa. Sobre este processo e trabalho de popularização da ciência por meio filmes-documentários, Fonseca[102] afirma que

> nossa produção escrita, que atinge principalmente planejadores e agentes sociais, tem um impacto (quando tem) indireto sobre os grupos pesquisados. O vídeo, por outro lado, oferece possibilidades para continuar, além da pesquisa de campo, o diálogo diretamente com nossos informantes.

Concordando, então, com a linha argumentativa e de atuação dessa afirmação de Fonseca[102], o documentário produzido a partir dos resultados e conclusões da dissertação de mestrado[50] que antecedeu o presente estudo também concordou com a afirmação de Cavalcanti *et al*[103]. Estes autores, ao analisarem o impacto da produção de um documentário sobre o cotidiano de mães e filhos com deficiência, constataram que “*O filme, produzido e trabalhado como uma estratégia de tecnologia social, visa a desafiar visões estereotipadas e reificadas”*[103]. Ou seja, desde sua concepção como ferramenta de popularização de conhecimento científico até sua utilização como modo de continuação dos diálogos e de promoção das percepções com os camponeses nesta Pesquisa-Ação-Participativa, o documentário ‘O Uso INSeguro dos Agrotóxicos’[88] atingiu seu propósito de enfrentar e desfazer tanto visões estereotipadas e reificadas sobre a viabilidade do modelo do agronegócio e do “uso seguro” de agrotóxicos para o contexto e realidade da família camponesa (desveladas pelas imagens e palavras de camponeses das próprias comunidades rurais de Lavras), quanto sobre a inviabilidade do modelo agroecológico camponês (desveladas pelas imagens e palavras de uma família camponesa que apresenta histórico e características gerais semelhantes às do público alvo camponês-lavrense).

Já o questionário de mapeamento de recursos agroecológicos e de características pessoais desejáveis para as funções de Promotores e Facilitadores Agroecológicos (Apêndice 1) cumpriu na prática, para além da captação e registro destes recursos e características, os papéis de instrumento **de ensino-aprendizagem**:

devido às explicações feitas e às imagens apresentadas pelo pesquisador sobre cada técnica agroecológica descrita nos questionários e, também, às “respostas explicativas faladas” pelos camponeses sobre os conhecimentos e formas de realização destas técnicas em suas propriedades; **de descontração**: devido à percepção lúdica das imagens de identificação de cada página do questionário (Apêndice 1) por parte do pesquisador e dos camponeses, o que proporcionou, assim, que os sujeitos, em todas as comunidades, se “soltassem” e se entrosassem; e **de inserção dos camponeses participantes na lógica, propósitos e direcionamentos salutogênicos desta Pesquisa-Ação-Participativa**: devido ao foco, sempre que necessário resgatado pelo pesquisador, mantido na positividade para a identificação e explicação destes recursos e características.

Outro ponto importante a ser ressaltado sobre o desenvolvimento deste EPS foi que, após a exibição do documentário, da aplicação dos questionários e das discussões e envolvimentos gerados durante a utilização destes instrumentos, a parte final da Atividade 2 (ou seja, as “entrevistas abertas e coletivas” sobre os Recursos Sociais, Naturais, Físicos, Institucionais e Culturais) se tornou, em todas as comunidades, o momento de maior discussão e expressão de falas gerais sobre o entendimento do contexto dos camponeses e suas comunidades e dos fatores que constituem e afetam este contexto (além das falas e discussões sobre os próprios recursos abordados nesta parte da Atividade 2). Tal aumento na participação e na expressão aberta de suas opiniões, entendimentos e recursos (amplamente apresentados, analisados e discutidos no item 5.2) pode ser explicado como o desenvolvimento da sensação de pertencimento, da confiança e da autonomia do sujeito camponês dentro das condições criadas e realizadas a partir do planejamento metodológico deste EPS.

Por fim, com relação aos locais das comunidades onde foram desenvolvidos os 17 momentos deste EPS, destacamos que as oito comunidades onde os encontros foram agendados para depois de alguma celebração católica (na estrutura disponível da própria igreja) e a comunidade onde o encontro foi agendado para o dia tradicional

de encontro no bar da comunidade (Quadro 7) tiveram um importante ponto em comum: uma maior participação geral de camponeses no EPS. Sete destas nove comunidades, onde foram programados dias e horas em que pelo menos parte dos camponeses já estaria presente no local onde se realizaria os EPS, contaram com uma participação acima da mediana de sete camponeses por encontro. Das demais oito comunidades onde foram programados dias e horas que exigiam dos camponeses o deslocamento para o local de realização exclusivamente para a participação no EPS, apenas uma apresentou número de camponeses acima da mediana (Quadro 7).

Esta constatação nos permite afirmar a importância, para pesquisas-ação que intencionam atingir e envolver o maior número possível de camponeses e, principalmente, para etapas iniciais dos trabalhos de campo destas pesquisas, de planejar e agendar os encontros não apenas em locais acessíveis e considerados como pontos de encontro nas próprias comunidades, mas também em dias e horários que favoreçam e/ou coincidam com outras atividades e momentos que, por gosto e vontade, os camponeses já costumam dedicar seu tempo de não-trabalho.

5.1.2 Primeiro Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação

Este Primeiro MPSOC foi desenvolvido por meio de uma viagem de camponeses representantes das comunidades rurais para a propriedade da família agroecológica de Claraval – MG, sendo promovida, assim, a atividade intitulada ‘Intercâmbio camponês: visita para troca de entendimentos, motivações e técnicas’ (Atividade 3). Das 17 comunidades onde foram desenvolvidas as atividades do Primeiro EPS, 14 contaram com representantes para esta atividade de potencialização das capacidades de compreensão, manejo e significação (Quadro 8). Sobre as três comunidades que não contaram com representantes na viagem, os selecionados das Comunidades Engenho de Serra e Fonseca não puderam se ausentar por um dia

completo de seus trabalhos de cultivo e de criação de animais (por não terem quem os substituíssem nas tarefas diárias) e o casal de representantes da Comunidade Salto das Três Barras, que já havia se organizado e confirmado a participação na viagem, teve que desistir poucas horas antes da saída por motivo de adoecimento da camponesa.

Quadro 8. Comunidades, número e gênero dos representantes das comunidades rurais que participaram da viagem à Claraval (Primeiro MPSOC - Atividades 3). Lavras, MG, 2017.

Comunidade	Número de representantes	Mulheres	Homens
Itirapuan	3	3	0
Funil	2	0	2
Tabuões	3	2	1
Paiol	1	0	1
Jaboticabeiras	1	0	1
Rosas	2	1	1
Cachoeirinha	2	0	2
Faria	2	2	0
Tomba	2	1	1
Pimentas	2	0	2
Ponte Alta	2	1	1
Boa Vista	2	1	1
Cajuru	2	1	1
Três Barras	4	1	3
Total	30	13	17

No entanto, a ausência destes representantes não foi considerada como perda e descontinuação de suas comunidades no processo da Pesquisa-Ação-Participativa. Isto tanto pelo fato deste MPSOC não ter sido composto por uma atividade de coleta de dados, quanto pelo fato do EPS seguinte (o Segundo EPS) ter sido planejado e estruturado por uma atividade inicial (Atividade 4) de compartilhamento das experiências e conhecimentos adquiridos em Claraval. Assim, mesmo estas comunidades não tendo contado com representantes na viagem de intercâmbio camponês, o pesquisador e a equipe de pesquisa puderam exercer o papel de transmitir/compartilhar os acontecimentos e experiências vivenciados e presenciados

juntamente aos camponeses que estiveram em Claraval, utilizando, para isto, fotos e relatos registrados durante a atividade.

Ainda sobre a composição dos representantes das comunidades que estiveram presentes na visita à propriedade camponesa agroecológica, podemos perceber um considerável aumento percentual na participação das mulheres (Quadro 8) com relação ao Primeiro EPS. Para além do dado numérico de 43,3% de camponesas (13 dos 30 representantes), esta participação feminina em uma atividade que demandou o afastamento por um dia inteiro de suas profissões e/ou tarefas agrícolas e domésticas (ainda mais se considerarmos que sete das 13 camponesas não foram acompanhadas de homens – sejam maridos, pais, filhos adultos, irmãos, etc.) demonstrou um importante nível de interesse, disposição, representatividade e autonomia das camponesas em relação ao aprendizado e reconhecimento de recursos e ao processo de transição agroecológica que vinha sendo abordado e discutido desde o Primeiro EPS. Importante ressaltar também que, dentre os participantes da viagem, seis eram ACS da ESF rural (ou seja, além de profissionais de saúde, integrantes de famílias camponesas e moradores de comunidades rurais), dentre as quais quatro eram mulheres.

Com relação às características gerais da atividade, os 674 quilômetros referentes aos trechos de ida e volta entre Lavras e Claraval, mais os distintos momentos que conformaram as trocas de saberes deste MPSOC na propriedade camponesa visitada, foram percorridos entre a 00 e às 23 horas do dia 05 de julho de 2017. Conforme as proximidades com regiões de comunidades, seis pontos de encontro, onde o ônibus fretado para a viagem pegaria os participantes, foram combinados com os camponeses. Pontualmente à meia noite, então, a partir da praça central de Lavras, o ônibus partiu com o pesquisador responsável e o orientador da pesquisa, a equipe de pesquisa e os primeiros 10 camponeses representantes para os demais pontos de encontro (um ainda urbano, outro na saída da cidade e os demais na Rodovia Fernão Dias). Por volta de uma hora da manhã todos os camponeses estavam embarcados e o ônibus seguiu rumo à Claraval.

Nos primeiros momentos da viagem poucas conversas se estabeleceram devido ao cansaço do dia, ao adiantado da hora, e, provavelmente, porque, dentre os participantes camponeses (de diferentes comunidades e com distintos cotidianos de produção, comercialização e socialização), haviam muitos que estavam se vendo pela primeira vez ou que se conheciam apenas indiretamente. No entanto, com o primeiro clarear do dia (por volta de cinco horas da manhã), diversos grupos de diálogo, conforme as proximidades das poltronas e envolvendo camponeses e camponesas de distintas comunidades, já estavam formados. Assuntos diversos, como técnicas, soluções e problemas produtivos; características gerais dos tipos e formas de comercialização no município e região; problemas e enfrentamentos com instituições e poder públicos; problemas do modelo do agronegócio e curiosidades e desconfianças sobre a "produção orgânica"; religião; política; culinária; festas comemorativas das comunidades; etc., estavam sendo discutidos de forma aberta e amigável. Neste sentido, podemos afirmar que não apenas a atividade de intercâmbio camponês teve seu início antes mesmo da chegada à Claraval, mas também que, ainda dentro do ônibus, foi dado o primeiro passo dos processos de criação de vínculo e confiança (fundamentais para a futura organização) entre os camponeses das comunidades rurais de Lavras.

Às sete horas da manhã o ônibus chegou no entroncamento da rodovia com a estrada de terra que levava à propriedade da família agroecológica. Ali havia sido combinado como ponto de encontro com o técnico da Emater de Claraval, que, acompanhado da funcionária da prefeitura responsável pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE – política pública que busca favorecer a compra de alimentos para as escolas diretamente dos pequenos agricultores), nos conduziria até a propriedade e participaria de maneira direta e efetiva na visita de intercâmbio e potencialização de saberes. Chegando, então, à propriedade, todos os participantes foram recebidos com um café da manhã preparado pela família camponesa, onde o café e boa parte dos alimentos haviam sido preparados com produtos agroecológicos

da propriedade. Este foi um importante momento de socialização inicial, que fundamentou toda a abertura para os diálogos e trocas de saberes ao longo do dia.

Terminado o café, todos foram convidados a entrar e se acomodar na sala da casa da família. Ali uma apresentação inicial foi realizada, pelos membros da família e pelo técnico da Emater, sobre o histórico completo da produção, economia, saúde e vida da família antes e depois do processo de mudança do modelo do agronegócio para o modelo da agroecologia, detalhando e respondendo perguntas dos camponeses de Lavras sobre os passos, técnicas e possiblidades da transição agroecológica. Em seguida, “como o camponês acredita quando vê”[10], todos (família camponesa, técnico da Emater, sujeito camponês e sujeito acadêmico) partiram para apresentar, conhecer, trocar e compartilhar experiências nas áreas de cultivo da propriedade.

Essa visita técnica de intercâmbios práticos, teóricos e reflexivos, que teve duração de aproximadamente três horas, percorreu tanto as áreas de produção de café (parte dele consorciado com produção de frutas e hortaliças) quanto a área de produção de hortaliças e de criação de animais de pequeno porte (galinhas e porcos). Neste momento crucial de potencialização (como veremos com mais detalhes na análise qualitativa das falas no item 5.2) – para o entendimento das possibilidades da construção de um novo e favorável contexto (Capacidade de Compreensão); para a crença de que existem novas técnicas acessíveis e autônomas e de que boa parte de seus conhecimentos, experiências e práticas já são ou podem ser adaptados à agroecologia (Capacidade de Manejo); e para a motivação para fazer a mudança de seu atual contexto usando seus próprios recursos e organização e, também, buscando apoio de parceiros que tragam aportes técnicos, mas que valorizem seus conhecimentos, modos de vida, intenções e vontades (Capacidade de Significação) – inúmeras técnicas agroecológicas, modos e passos para fazer o processo de transição, possibilidades comerciais e benefícios gerais foram trocados e abertamente discutidos.

Por volta das 13 horas todos se reuniram de novo na sacada da casa, onde foi servido almoço totalmente preparado com produtos provenientes dos cultivos e criações da família camponesa agroecológica (desde a salada, o arroz e feijão, os

legumes refogados, as carnes de porco e galinha caipira, até o suco de fruta). Esta refeição completamente agroecológica e autônoma (não dependente de produtos comprados externamente) também foi um momento de socialização, diálogos e reflexões sobre as possibilidades e benefícios sanitários, econômicos e culturais da produção agroecológica camponesa.

Após o almoço e um breve período de bate papo e organizações finais para a viagem de retorno, um círculo com todos os presentes foi formado para pronunciamentos finais abertos. Assim, se conformou um emocionado momento de agradecimentos gerais e de compartilhamento de motivações e forças pra a transição agroecológica nos dois municípios. A família camponesa de Claraval se “auto intitulou” parceira dos camponeses de Lavras no processo de organização e transição (que estes afirmaram estar engajados) e se prontificou a visitá-los e/ou recebê-los novamente sempre que necessário.

Às 15:30 o ônibus partiu de volta para Lavras, tendo as sete horas de viagem de retorno sido alternadas por momentos de descanso e momentos de diálogos entusiasmados sobre a agroecologia e os próximos passos a serem dados para a transição. Após o desembarque gradual dos camponeses nos mesmos pontos de encontro da saída, por volta das 23 horas do mesmo dia os últimos participantes desembarcaram na praça central de Lavras.

5.1.3 Segundo Encontro de Promoção da Saúde

Este Segundo EPS, conformado pelas duas últimas atividades referentes à Fase I desta Pesquisa-Ação-Participativa (Atividade 4 – Testemunhos do intercâmbio camponês: multiplicação das compreensões, crenças e motivações; e Atividade 5 – Concretização da Experiência de Banes: construção coletiva do Repertório de Recursos de Saúde), foi desenvolvido tendo os camponeses das mesmas 17 comunidades rurais como sujeito. Assim, entre os dias 30 de julho e 13 de agosto de 2017, o

desenvolvimento destas atividades sequenciais foi realizado por meio de encontros em 14 comunidades (Quadro 9). A redução do número de encontros foi devido à decisão conjunta entre o pesquisador e os camponeses de seis comunidades de promover encontros integrados entre duas comunidades próximas. As intenções do pesquisador com estas "integrações iniciais" foram dar os primeiros passos para uma aproximação regional entre comunidades vizinhas e experimentar as possibilidades e viabilidades para o agendamento e realização das Reuniões Regionais (neste momento, previstas) para o desenvolvimento do Terceiro EPS.

Quadro 9. Cronograma de realização do Segundo EPS (Atividades 4 e 5) nas comunidades rurais. Lavras, MG, 2017.

Data	Dia da semana Hora	Comunidade	Local na comunidade	Presentes
30/07	Domingo 10:00	Jaboticabeiras	Igreja católica	5
30/07	Domingo 14:00	Ponte Alta	IAREM	4
31/07	Segunda 13:30	Funil	Escola	6
01/08	Terça 18:30	Cachoeirinha e Rosas	Escola	7
02/08	Quarta 19:00	Cajuru	Sala anexa da igreja católica	1
03/08	Quinta 18:30	Boa Vista	Bar	9
04/08	Sexta 19:00	Três Barras	Bar	6
05/08	Sábado 18:00	Tabuões e Fonseca	Igreja católica	8
07/08	Segunda 19:00	Salto das Três Barras	Área externa à igreja católica	4
08/08	Terça 18:30	Paiol	Galpão multiuso da comunidade	5
09/08	Quarta 19:00	Faria e Tomba	Escola desativada	8
10/08	Quinta 19:30	Itirapuan	Sala multiuso da Escola Adventista	8

Quadro 9. continuação

Data	Dia da semana Hora	Comunidade	Local na comunidade	Presentes
12/08	Sábado 18:30	Engenho	Escola desativada	6
13/08	Domingo 14:30	Pimentas	Sala anexa à igreja católica	6
Total				83

Também de forma intencional, foi tomada a decisão, pelo pesquisador, de, desta vez, não agendar nenhum dos EPS para dias e horários depois de celebrações nas igrejas católicas das comunidades (Quadro 9). Isto porque, neste momento posterior ao desenvolvimento e repercussão das três primeiras atividades de despertar e fortalecimento dos componentes salutogênicos de camponeses das 17 comunidades rurais, seria importante compor este Segundo EPS com camponeses ("novos" ou que já haviam participado do Primeiro EPS e/ou do Primeiro MPSOC) que estavam realmente interessados e dispostos a participar das atividades e a decidir sobre os representantes das comunidades nos trabalhos da Fase II desta Pesquisa-Ação-Participativa.

Dessa forma, houve, em comparação com o Primeiro EPS, uma redução no número de participantes. Com 44 camponeses a menos, portanto, o Segundo EPS contou com um total de 83 participantes, sendo que, destes, 55 eram camponeses que "retornaram" após participarem do Primeiro EPS (incluindo os que também participaram do Primeiro MPSOC) e 28 eram camponeses que estavam participando do processo da Pesquisa-Ação-Participativa pela primeira vez. Neste sentido, ao se comparar a participação de 127 camponeses no Primeiro EPS com o número de 55 participantes que "retornaram" no Segundo EPS, podemos perceber que 72 camponeses "não retornaram". No entanto, como previsto durante o planejamento metodológico, esta redução quantitativa não trouxe impactos qualitativos ao processo: primeiro porque as informações sobre os recursos agroecológicos e gerais dos participantes que "não retornaram" – que ajudaram a configurar o mapa e o Repertório de Recursos das comunidades – já haviam sido captadas e registradas no Primeiro EPS; segundo porque o fundamental e intencionado para este Segundo EPS era o aprofundamento da

discussão sobre os entendimentos contextuais, crenças e motivações dos camponeses e o direcionamento dos mesmos para o desenrolar seguinte (Fase II) das atividades voltadas para a aplicação dos componentes salutogênicos em favor do processo sanitário de organização e transição agroecológica camponesa. E, para isto, neste momento específico, se fazia necessária a presença nos encontros, primordialmente, dos camponeses que se encontravam mais engajados e/ou interessados.

Com relação à participação das mulheres no Segundo EPS, houve uma pequena redução percentual (30,1%) em relação ao Primeiro EPS, o que, na realidade de diminuição do número geral de participantes, correspondeu a uma redução de 15 mulheres (25 presentes). Este menor percentual em relação à participação de homens se enquadra na mesma discussão apresentada na descrição do Primeiro EPS (sobre o contexto e invisibilização do trabalho e responsabilidade feminina nos processos referentes à produção e economia familiar camponesa). No entanto, podemos afirmar que, para as camponesas que participaram do Segundo EPS – sendo estas praticamente as mesmas que estiveram presentes no Primeiro EPS (apenas cinco "novas" mulheres participantes compareceram ao Segundo EPS) e boa parte das que estiveram na visita à Claraval (13 das 25 presentes) – o processo de autorreconhecimento e autoafirmação como camponesas e produtivas mostrou-se fortalecido tanto devido à manutenção de suas participações quanto devido ao aprofundamento de seus envolvimentos, de suas reflexões e de suas expressões.

No que diz respeito às características das atividades desenvolvidas no Segundo EPS, a Atividade 4 configurou-se como espaços abertos onde os camponeses que representaram suas comunidades na viagem de intercâmbio camponês, e também o pesquisador e a equipe de pesquisa (principalmente nas três comunidades que não tiveram representantes na viagem), puderam compartilhar as vivências, experiências, técnicas e conhecimentos apreendidos na propriedade agroecológica de Claraval. Cada camponês e camponesa a seu modo – e com o apoio de uma apresentação de fotos, preparada e projetada pelo pesquisador, de distintos momentos que conformaram a viagem e visita –, o que se pôde perceber no desenvolvimento da Atividade 4 foi uma

verdadeira multiplicação das percepções dos participantes envolvidos sobre as possibilidades e benefícios da agroecologia.

Assim, os camponeses puderam refletir o que haviam visto e no que haviam passado a crer, apontando, detalhando e discutindo os fatores determinantes para os entraves contextuais e para a construção dos caminhos para a transição agroecológica em suas comunidades. Nesse sentido, esta atividade proporcionou as condições de possibilidade para que muitas descrições, afirmações, perguntas e respostas acontecessem por meio deste momento de diálogo entre os sujeitos, revelando a progressão qualitativa dos componentes salutogênicos do sujeito camponês e do processo analético de libertação desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa (como veremos com mais detalhes no item 5.2).

Quanto à Atividade 5 – realizada neste momento posterior às atividades de troca de saberes em uma propriedade camponesa agroecológica e de multiplicação das percepções adquiridas sobre a agroecologia – permitiu a ampliação do reconhecimento, do mapeamento e, principalmente, da reflexão (expressa por meio de falas) sobre os recursos agroecológicos e gerais disponíveis nas comunidades. Para isto, como instrumento, foram apresentadas e disponibilizadas as tabelas sistematizadas com os recursos de cada comunidade e participante da Atividade 2 do Primeiro EPS. Estas foram utilizadas tanto para o preenchimento dos recursos dos “novos” camponeses que integraram o Segundo EPS (sendo que em 11 comunidades houveram novos participantes), quanto para a visualização geral e validação do Repertório de Recursos das 17 comunidades pelos próprios camponeses.

É importante ressaltar que esse Repertório de Recursos das comunidades não foi construído e validado com os camponeses com o intuito de atestar a “correção” e efetividade de cada um dos recursos identificados pelos camponeses. O que de fato importou na utilização deste instrumento, cumprindo efetivamente seu papel metodológico nesta atividade, foi o próprio processo de reconhecer, identificar, refletir e se expressar sobre tais recursos. No entanto, mesmo que este estudo não tenha o objetivo de analisar os dados deste “instrumento de apoio”, é importante apontarmos,

aqui, alguns resultados que nos ajudam a entender o potencial destes repertórios agroecológicos para o processo dialético-sanitário (posterior ao recorte desta Pesquisa-Ação-Participativa) de transição entre modelos de produção por meio da organização camponesa e da disseminação, por meio da metodologia CaC, de conhecimentos agroecológicos dos e entre os próprios camponeses:

- Todas as 31 técnicas agroecológicas selecionadas pelo pesquisador para integrar o questionário de mapeamento foram identificadas como de conhecimento e utilização pelos camponeses ao se analisar o conjunto dos Repertórios das 17 comunidades. Isto quer dizer que mesmo técnicas de uso na agroecologia que ainda eram pouco conhecidas nas comunidades (como, por exemplo, a homeopatia para rebanhos) foram identificadas (mesmo que em pequeno número). Desta forma, podemos perceber que ao partirem para a disseminação horizontal e organizada de seus conhecimentos e práticas, por meio dos princípios e métodos da metodologia CaC, os camponeses das comunidades rurais de Lavras terão uma ampla disponibilidade de técnicas a serem promovidas e multiplicadas conforme seus conhecimentos e conforme as necessidades e problemas que almejarem solucionar;

- A variação entre o menor e o maior número de técnicas agroecológicas identificada por cada camponês e camponesa foi de 5 a 27, sendo a média, entre os 155 participantes (os 127 da Atividade 2 mais os 28 “novos” da Atividade 5), de 13,7 técnicas agroecológicas. Ou seja, neste universo de mapeamento, mesmo quem talvez considerasse que “não conhecia nada de agroecologia” pôde identificar ao menos cinco técnicas agroecológicas, passando por números médios que se aproximam da metade das técnicas e chegando, alguns camponeses, a números que beiram a totalidade das técnicas disponibilizadas para identificação no questionário. Estes recursos agroecológicos próprios, reconhecidos e identificados pelos camponeses, podem ser centrais no processo local e até municipal de transição agroecológica por meio da CaC, sendo estas técnicas – “poucas ou muitas” em cada propriedades – multiplicadas à

quem não as conhece e à quem nelas encontrem soluções para problemas e melhorias produtivas;

- A média das técnicas agroecológicas identificadas pelas 45 mulheres presentes nas atividades que conformaram o Repertório de Recursos foi de 14,5, frente à média de 13,5 técnicas agroecológicas identificadas pelos 109 homens. Este dado revela a importância da busca por caminhos e modos de expansão da participação e envolvimento das camponesas das comunidades de Lavras para o processo seguinte de organização camponesa e transição agroecológica;

- Quanto à parte do Repertório de Recursos construída a partir das características desejáveis para o desempenho das funções de Promotores e Facilitadores Agroecológicos na metodologia CaC, houve, de um modo geral, nas 17 comunidades, uma grande auto identificação destas características pelos camponeses participantes, o que revela uma importante viabilidade e capacidade de organização e desenvolvimento autônomo desta metodologia social por parte dos próprios camponeses.

Finalizada a realização das atividades que compuseram o Segundo EPS nas 17 comunidades, foram computados, então, 637 quilômetros percorridos no entorno rural de Lavras. Desta forma, somando-se as distâncias necessárias para o desenvolvimento de todas as atividades (e seus modos operacionais) que conformaram o momento analético inicial de despertar e fortalecimento dos componentes salutogênicos dos camponeses das comunidades rurais de Lavras (Fase I), um total de 2.129 quilômetros foram percorridos.

5.1.4 Segundo Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação

Dando início à Fase II dos trabalhos de campo, o Segundo MPSOC buscou, por meio da Atividade 6 (Oficina sobre Organização Camponesa: palestras com parceiros institucionais externos), novamente trabalhar a potencialização dos componentes salutogênicos (a serem reverberados e captados no próximo Encontro de Promoção da Saúde) dos representantes das comunidades rurais. Assim, esta atividade, que teve seus participantes escolhidos pelos e entre os próprios camponeses que estiveram presentes no Segundo EPS, foi planejada e intencionada, especialmente, para esclarecer aos participantes os benefícios e as necessidades da organização camponesa, para que estes, como representantes das comunidades, sentissem-se motivados a buscar caminhos organizativos para a construção estruturada e efetiva da transição agroecológica, sanitária e libertadora em suas comunidades e no município.

Nesse sentido, a oficina, por suas diversas atividades e técnicas de inter-relação e como método de produção coletiva de conhecimentos[95] (Quadro 10), possibilitou tanto o desenvolvimento de momentos de ensino-aprendizagem (palestras do pesquisador e dos parceiros externos institucionais, seguidas de breves – devido à limitação de tempo – mas profundas e esclarecedoras discussões dos conteúdos – baseadas nas experiências dos próprios camponeses), quanto de importantes momentos de descontração, apresentação, bate-papo, refeições e avaliação coletivas da oficina (Quadro 10). Assim, este MPSOC não apenas trabalhou efetivamente a transmissão e discussão de conhecimentos sobre as necessidades e viabilidades da organização camponesa, mas também criou dinâmicas e ambientes favoráveis ao entrosamento e alinhamento de vontades, confianças, ideias e ideais de camponeses de distintas comunidades do município.

Quadro 10. Cronograma de realização do Segundo MPSOC (Atividade 6) com representantes das comunidades rurais. Lavras, MG, 2017.

Tempo	Atividade	Técnica	Responsável	Materiais/ Meios
8:30 - 9:00	Recepção dos participantes	Bate papo frente aos Repertórios de Recursos de Saúde das Comunidades	Pesquisador e equipe de pesquisa	Cartolinas dos Repertórios de Recursos
9:00 - 9:30	Apresentação	Dinâmica “Figuras Partidas” e “Apresentação Trocada“	Pesquisador	- Cartas com desenhos cortadas pela metade; - Câmera
9:30 - 9:50	Lanche	Troca de Sabores (cada participante levou algo preparado em casa)	Todos participantes	___
9:50 - 10:30	Agroecologia, Metodologia CaC e necessidade de Organização Camponesa	Palestra e roda de diálogo	Pesquisador	- Data show; - Apresentação de slides; - Câmera
10:30 - 11:00	Mercados Institucionais e necessidade de Organização Camponesa	Palestra e roda de diálogo	Professor DAE/UFLA	- Data show; - Apresentação de slides; - Câmera
11:00 -11:30	Direitos previdenciários do trabalhador rural e necessidade de Organização Camponesa	Palestra e roda de diálogo	Assistente Social INSS-Lavras	- Data show; - Apresentação de slides; - Câmera
11:30 - 12:30	Almoço	Refeição Comunitária	Eterna Misericórdia	___
12:30 - 14:00	O Movimento Nacional dos Pequenos Agricultores e a Organização Camponesa local	Palestra e roda de diálogo	Camponês MPA	- Data show; - Apresentação de slides; - Câmera
14:00 - 15:00	Discussão de proposta e definição das atividades seguintes	Roda de diálogo	Camponeses participantes e pesquisador	- Data show; - Apresentação de slides; - Câmera
15:00 – 15:30	Avaliação da Oficina	Dinâmica “Bola da pergunta”	Pesquisador	- Saco; - Papéis com perguntas avaliativas; - Bola; - Câmera

Desenvolvida, então, em uma localidade central para todos os sujeitos (sendo necessário, para o pesquisador e a equipe de pesquisa, percorrer um total de 12 quilômetros), a oficina sobre organização camponesa contou com a presença de 26 camponeses de 14 comunidades (Quadro 11). De oito destas 14 comunidades, apenas um dos escolhidos ao final do Segundo EPS pôde comparecer e, de outras três comunidades, um participante a mais veio por convide espontâneo dos demais camponeses que haviam sido escolhidos como representantes.

Quadro 11. Comunidades, número e gênero dos representantes das comunidades rurais que participaram da oficina sobre organização camponesa (Segundo MPSOC - Atividades 6). Lavras, MG, 2017.

Comunidade	Número de representantes	Mulheres	Homens
Jaboticabeiras	2	0	2
Ponte Alta*	-	-	-
Funil	3	0	3
Rosas	2	1	1
Cachoeirinha	1	0	1
Cajuru	2	1	1
Boa Vista	2	1	1
Três Barras	1	0	1
Tabuões	1	1	0
Fonseca	3	1	2
Salto das Três Barras	1	1	0
Paiol**	-	-	-
Faria**	-	-	-
Itirapuan	1	0	1
Tomba	3	2	1
Engenho de Serra	3	1	2
Pimentas	1	0	1
Total	26	9	17

*Perda do estudo.
**Não comparecimento dos representantes, mas sem perda dos mesmos e das comunidades pra o estudo.

Como demonstrado no Quadro 11, três comunidades não contaram com representantes neste MPSOC. No caso da Comunidade do Paiol, os dois camponeses que haviam sido escolhidos e se prontificado a participar não conseguiram deixar suas

atividades na roça no dia da realização da oficina (domingo, 08 de outubro de 2017). No caso da Comunidade do Faria, as duas camponesas representantes não conseguiram chegar ao local da oficina devido às condições intransitáveis que a estrada de sua comunidade se encontrava após a chuva do dia anterior. No entanto, a ausência destes representantes não foi considerada como perda para os próximos MPSOC e EPS desta Fase II. Isto, tanto por este Segundo MPSOC não ser um momento de coleta de dados quanto porque, para a participação na atividade seguinte (Atividade 7), estes camponeses foram contatados e atualizados sobre o desenvolvimento e decisões tomadas coletivamente na oficina para, assim, poderem decidir sobre suas participações no Terceiro MPSOC e nos Terceiro e Quarto EPS. Havendo, portanto, todos entendido e concordado com os próximos passos desta Pesquisa-Ação-Participativa, estes assinaram, antes do início da Atividade 7, o TCLE referente a estes próximos passos.

No caso da Comunidade Ponte Alta, os representantes escolhidos anteriormente – um casal, que, inclusive, esteve presente em todas as atividades e modos operativos anteriores, e se mostrava muito entusiasmado com as possibilidades da agroecologia – alegaram, durante o contato telefônico feito pelo pesquisador para informar o dia e local da oficina, que estavam vivendo sérios problemas com a produção (envolvendo a perda de todo o cafezal por descontrole de alguma doença e a inviabilidade do cultivo de horta e frutas devido ao desequilíbrio ambiental de aves – em especial o Jacu – que se alimentam da produção) e familiares (envolvendo um quadro de depressão da camponesa) e que, por isto, não participariam mais de nenhuma atividade da Pesquisa-Ação-Participativa. Respeitando a vontade destes camponeses e frente à baixa participação e envolvimento de outros moradores desta comunidade desde o Primeiro EPS (pelas mesmas razões apresentadas para a perda da Comunidade da Serrinha no Primeiro EPS: o avanço urbano e especulação imobiliária que vêm acarretando profundas mudanças e descredibilização do modo de vida e produção camponesa) não foi possível contar com representantes da Ponte Alta a partir deste MPSOC.

No que diz respeito à participação das mulheres (Quadro 11), houve uma redução de quatro camponesas em relação ao Primeiro MPSOC (onde também desenvolveu-se a atividade por meio de representantes das comunidades). No entanto, se considerarmos a "ausência justificada" na oficina (com permanência nas atividades seguintes da Fase II) das duas camponesas da Comunidade do Faria e a opção de afastar-se da Pesquisa-Ação-Participativa, por motivos pessoais, da camponesa da Comunidade da Ponte Alta, podemos perceber que houve a redução de apenas uma camponesa em comparação ao Primeiro MPSOC. Isto nos indica que, apesar de seguirem tendo menor participação e de serem consideradas menos representativas para as comunidades no que envolve os assuntos produtivos e organizativos (já que dos 34 representantes inicialmente escolhidos pelas 17 comunidades para conformar esta atividade, apenas 12 eram mulheres), um grupo de camponesas engajadas, envolvidas e em processo crescente de autonomia se estabilizou desde os primeiros passos deste processo analético. A importância desta estabilização de um grupo de mulheres, atuando ativamente na construção das condições para a transição agroecológica em Lavras, está na dupla e sinérgica influência que mulheres e agroecologia têm uma sobre a outra. Segundo Siliprandi[101],

> Entre os fatores que favorecem o reconhecimento das mulheres nesses sistemas de produção, podemos citar o destaque que é dado às atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres dentro da produção familiar (hortas, pomares, pequenos animais, transformação caseira de produtos); a mudança de atitude que é requerida, com relação ao meio natural e às pessoas, em uma perspectiva colaborativa e de valorização da contribuição de todos para o sucesso dos empreendimentos; a necessidade de integração do conjunto de atividades da propriedade (visão sistêmica); a possibilidade de maior participação das mulheres em atividades fora do âmbito doméstico (cursos, eventos, feiras, etc.); além do aumento da renda obtida pelas mulheres com os seus produtos, advinda da comercialização em nível local e regional.
> De fato, nas experiências agroecológicas existentes, é evidente a participação efetiva das mulheres. É comum ouvir dos técnicos que trabalham no setor que, muitas vezes, foram elas que iniciaram a "conversão" das propriedades rurais para sistemas sustentáveis, em hortas e pomares de uso doméstico, suas preocupações com as questões de saúde e alimentação das famílias, e que os homens só passaram a se interessar por esta forma de produzir depois de verem os resultados positivos dessas experiências.

Ao final da oficina, o pesquisador apresentou e colocou em discussão com o sujeito camponês a proposta de realização de mais três atividades, baseadas em instrumentos da CaC, que envolviam os primeiros desenrolares práticos dos processos de organização camponesa e de transição agroecológica (e para questões de pesquisa, envolviam, também, o desenvolvimento da aplicação prática dos componentes salutogênicos dos camponeses). Assim, após a explicação, feita pelo pesquisador, sobre em que consistiam as atividades de Diagnóstico Rural Participativo, realizado nas propriedades de cada um dos representantes das comunidades (Terceiro MPSOC); de Encontros para reforço geral, realizados por meio de reuniões regionais entre comunidades próximas (Terceiro EPS); e de Encontro de intercâmbio de experiências entre os próprios camponeses (Quarto EPS), os participantes da oficina concordaram e se mostraram motivados e engajados com a realização das mesmas.

5.1.5 Terceiro Momento de Potencialização das Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação

A atividade de Diagnóstico Rural Participativo (Atividade 7), que conformou este Terceiro MPSOC, configurou-se como o primeiro passo do processo social contínuo, iniciado por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa, a ser desenvolvido diretamente nas propriedades dos camponeses de Lavras. Realizados de forma horizontal entre os camponeses representantes das comunidades e os estudantes da UFLA que conformaram a equipe de pesquisa (onde cada sujeito cumpriu seu papel, sem imposições de pontos de vista técnicos por parte do sujeito acadêmico), os DRP foram desenvolvidos em 24 propriedades de 15 comunidades (Quadro 12). Para isto, a equipe de pesquisa (dividida em duplas de estudantes responsáveis por cada região predefinida de comunidades) percorreu um total de 391 quilômetros entre os dias 25 de outubro e 29 de novembro de 2017.

Quadro 12. Regiões e comunidades rurais e número de propriedades e de camponeses que participaram da atividade de Diagnóstico Rural Participativo (Terceiro MPSOC - Atividades 7). Lavras, MG, 2017.

Região de comunidades rurais	Comunidades	Número de propriedades onde foi realizado DRP	Número de representantes das comunidades
Central	Rosas	1	2 (casal)
	Cachoeirinha	1	1
	Jaboticabeiras	2	2
	Pimentas*	-	-
Leste	Fonseca	1	2 (casal)
	Itirapuan	1	1
	Tabuões	2	3 (1 casal)
Norte	Funil	2	2
	Paiol	2	2
Oeste	Salto das Três Barras	1	1
	Cajuru	1	2 (casal)
	Três Barras	2	2
	Boa Vista	1	2 (casal)
	Engenho de Serra	2	2
Sul	Faria	2	2
	Tomba	2	3 (1 casal)
Total	15	24	29

*Perda do estudo.

Devido às perdas relatadas anteriormente, chegamos ao momento de contato telefônico para agendamento dos dias e horários dos DRP tendo uma lista de 30 representantes de 16 comunidades (sendo estes os 26 camponeses e camponesas que participaram no MPSOC anterior, mais os dois camponeses da Comunidade do Paiol e as duas camponesas da Comunidade do Faria que “justificaram a ausência” no mesmo e concordaram em seguir nas atividades seguintes). No entanto, o camponês representante da Comunidade Pimentas disse, durante a ligação de agendamento, que não poderia receber a equipe de pesquisa para a realização do DRP e que, até se casar e ter seu próprio pedaço de terra (a ser recebido do pai de sua companheira), não participaria mais de nenhuma atividade. Com um tom de voz e um conteúdo pesaroso, o jovem camponês alegou que, sendo a propriedade onde ele vive e trabalha de seu pai, e este não se interessando, não acreditando e, consequentemente, não aceitando mudar nada na forma convencional como produzem, entrará ele mesmo em contato

para se reintegrar aos trabalhos quando tiver sua própria terra, para, assim, “iniciar de forma agroecológica desde o começo” os seus cultivos. Desta forma, com esta única perda, os DRP puderam ser agendados e realizados nas propriedades dos mesmos camponeses que passaram a representar as comunidades desde a atividade anterior (Atividade 6), incluindo, ativamente, o mesmo grupo estabilizado de mulheres camponesas.

Quanto às características do contexto geral de realização deste momento de potencialização dos componentes salutogênicos, os integrantes da equipe de pesquisa relataram um intenso envolvimento dos camponeses na atividade de identificação prática de seus próprios recursos agroecológicos e de seus maiores entraves e problemas na propriedade (produtivos ou não). Na maior parte das propriedades houve a participação de outros familiares no desenvolvimento do diagnóstico, sendo esta agregação, para o DRP, uma característica desejável e indicadora do autorreconhecimento do valor dos pontos de vista e das experiências de todos os envolvidos na produção e economia familiar camponesa. Os estudantes relataram, também, a forma confiante, desenvolta e ainda mais pertencente (em comparação com as atividades anteriores) com que os camponeses desempenharam o giro por suas propriedades e os diálogos durante os DRP, o que demonstra a importância de atividades que valorizem e que visibilizem os conhecimentos e práticas do sujeito camponês para a potencialização de sua autonomia.

Outros pontos de destaque foram a receptividade com que a equipe de pesquisa foi acolhida em cada propriedade (envolvendo momentos de visita às residências, refeições e “cafezinhos” e oferta, na forma de “presentes de agradecimento” pela visita, de produtos como frutas, verduras, plantas medicinais, doces, quitandas, etc.) e o vínculo e confiança desenvolvidos entre os camponeses e os estudantes. Vivenciando, então, a experiência de reconhecer o vasto e rico conhecimento científico “não acadêmico”[81] dos camponeses e de poder contribuir, de forma horizontal e respeitosa, com a visibilização e valorização destes conhecimentos, os estudantes não apenas relataram a percepção do aumento da motivação dos

camponeses para as próximas etapas da Pesquisa-Ação-Participativa e para o posterior processo de transição agroecológica, como também relataram suas próprias motivações em direcionar seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), mestrados e/ou projetos de extensão para temas a serem desenvolvidos com e em favor dos camponeses de Lavras.

Com relação às visibilizações advindas de tais giros e diálogos participativos, apresentamos abaixo, por meio de uma "compilação aleatorizada por região" (uma vez que a apresentação sistematizada por propriedade, em muitos casos, poderia permitir a identificação dos camponeses e suas propriedades), os principais recursos e problemas identificados por meio dos DRP:

- **Região Central**
  - **Recursos:** pomar com grande variedade de frutas; produção do próprio milho para alimentar o gado; uso caldas inseticidas e fertilizantes alternativas; uso de esterco de gado próprio nos cultivos; grande parte da produção é destinada ao consumo familiar; produção própria de mudas de frutíferas; troca de produtos com vizinhos; curva de nível e manutenção da cultura de acordo com o nível do solo; compostagem; corredor ecológico; quebra vento; grande variedade de espécies nativas; uso de urina de vaca nos cultivos como fertilizante e inseticida; estrutura de queijaria aprovada pela fiscalização municipal; banco de semente; variedade de animais, como galinha, gado, peru, marreco, pato, ganso e carneiro (galinheiro e curral); solo altamente conservado e bem manejado; pousio, rotação e consórcio de cultivos; preservação de nascentes e intenção de aumentar a área protegida; animais são criados soltos e a horta é cercada; grande conhecimento de plantas medicinais e indicadoras; torrador de café; cobertura morta no solo; capina manual (não uso de herbicida); controle de insetos com caldas alternativas de formulação própria; plantação própria de capim napier para alimentação do gado; picadeira de capim.
  - **Problemas:** necessidade de quebra vento; pouca vegetação nativa; nascente do córrego que passa na propriedade não tem mata ciliar e está secando;

baixa disponibilidade de água potável para consumo e irrigação; contaminação da água do córrego próximo; solo do pomar apresenta locais expostos e secos; necessidade de manejo de poda nas frutíferas; “perda da produção” da grande variedade de frutas existente para consumo (poderiam ter também destinação externa e/ou beneficiamento); estradas ruins que pioram quando chove; dificuldade em encontrar assistência técnica (exemplo, para análise de água para produção de queijo); animais silvestres buscam abrigo na propriedade e se alimentam da produção (tem consciência de que não são eles o problema, mas sim o desequilíbrio ambiental); manejo convencional do solo na área produtiva vizinha (erosão); ribeirão próximo está secando novamente; armadilhas usadas para controle das moscas das frutas estavam matando também as abelhas; utilização de agrotóxicos pelos vizinhos.

- **Região Leste**
  - **Recursos:** adubos orgânicos (esterco e silagem) são conseguidos com vizinho; grande diversidade de cultivares; utilização de esterco de gado próprio, cinza de fogão de lenha e silagem como adubo; uso de caldas alternativas para o controle de pragas (urina de vaca para piolho de couve); alto nível de auto abastecimento familiar; baixa incidência de pragas e doenças mesmo sem a utilização de herbicidas e outros agrotóxicos; preservação de mata ciliar em torno do córrego próximo às plantações; armazenamento de algumas sementes; área reflorestada; diversidade de nativas com potencial para extrativismo consciente; grande conhecimento sobre plantas nativas, alimentícias, medicinais e indicadoras; captação de água da chuva; maquinário para a conservação do leite; grande variedade de frutíferas; baixa incidência de doenças no gado; rotação de pastagens; produção das próprias mudas de hortaliças.
  - **Problemas:** utilização de quantidade e diversidade considerável de adubos químicos e agrotóxicos e, ainda assim, frequentes problemas com pragas e doenças; falta de maquinário para a produção de hortaliças; problemas na produção devido ao vento no período de agosto e setembro; realização de muitas entregas da produção (para estabelecimentos comercias), gastando muito com combustível e

ficando com tempo reduzido para dedicar à produção; grande carga horária de trabalho: “de domingo a domingo; escola dos filhos em outra comunidade; pouca água e de baixa qualidade; sentimento de insegurança: furtos e assaltos em propriedades vizinhas; baixo valor pago pelo litro de leite pela cooperativa compradora; mata ciliar pouco preservada; estrada de acesso em péssimo estado; grande área em declive com processos erosivos; gado do vizinho solto, com acesso à área do córrego; ribeirão poluído; dificuldades na comercialização do queijo pela alta burocracia; gastos com aluguel de trator de vizinhos; problemas com baixa pressão da irrigação; falta de local refrigerado para armazenamento de sementes; solo compactado e precisando de recuperação da fertilidade; dificuldade em conseguir algum tipo de auxilio com instituições públicas.

- **Região Norte**
  - **Recursos:** utilização de cobertura seca e verde; nascente na área de produção com corredor de preservação; consórcios de cultivos variados; pomar para consumo familiar; uso de esterco em cultivos de frutas; utilização de roçadeira costal (deixando matéria orgânica sobre o solo); domínio da técnica de tração animal; bom nível de auto abastecimento; pomares e hortas com muita diversidade; beneficiamento: polpas de frutas congeladas, geleias, etc.; conhecimento sobre plantas medicinais; produção de húmus de minhoca com esterco de gado próprio; pequena agrofloresta com banana, nativas e frutíferas; produção de leite e queijo pra fins comerciais; não utilização de agrotóxicos; pasto sem degradação e sem utilização de fogo; produção do próprio milho para alimentação do gado; integração de pastagem com árvores (capim gordura e braquiária com eucalipto); manutenção de mata nativa.
  - **Problemas:** conflitos com a usina hidroelétrica, problemas em relação aos terrenos compartilhados (“compensação” da concessionária pelas perdas de áreas produtivas com a inundação da barragem) e insegurança em relação ao uso dos terrenos devido à incerteza de quanto tempo a parceria com usina será mantida; solo com areia e cascalho; ladeira, muita pedra e consequente erosão; terrenos não

possuem nascentes; utilização de adubo químico na produção do milho; não há produção de mudas e nem de sementes; utilização de carrapaticida químico no gado; problemas com formiga e utilização de agrotóxicos na tentativa de combater; trator fundido; produções convencionais de vizinhos contaminando nascentes e seus cultivos; praga no mamão (estraga antes de madurar); área disponível para produção na beira de um barranco; falta de estrutura própria para lavagem das frutas produzidas; comercialização da produção dependente de atravessadores da cidade; jacus comendo a produção; falta de segurança: pessoas roubam a produção de frutas; falta de mamangavas para polinizar flores da produção.

- **Região Oeste**
  - **Recursos:** utilização de cobertura morta da cultura anterior (casca do café); aumento do uso de insumos orgânicos; secador estático de café (alta tecnologia); gleba do milho descansa durante o ano e plantio de feijão em rotação com o milho; curvas de nível nas lavouras e bacias de contenção; córregos passam próximos; parte da produção atingiu classificação de café especial (alta nota no teste sensorial) no último ano; áreas de cafeicultura consorciadas com frutíferas, mandioca, cana-de-açúcar, feijão, abóbora, citrus; raros problemas com ferrugem nas folhas do café; utilização de esterco nas hortaliças; área bem preservada em volta do ribeirão; diversidade de frutíferas e hortaliças para autoconsumo; criação de galinhas (ovos e carne) e porcos para autoconsumo; grande conhecimento de plantas medicinais (espécies e métodos de preparo); utilização de simpatias e benzeções na lavoura e para a saúde; uso de caldas e inseticidas naturais; infraestrutura pra gado de leite com ordenhadeira mecânica e resfriadores; trator e implementos; realização de análise do solo e correções; uso de pastagem natural; mata nativa preservada, inclusive em topo de morro; alimentação do gado toda produzida na propriedade (silagem de milho); feijão é produzido para autoconsumo e engarrafado para aumentar a durabilidade; uso de produtos homeopáticos e fitoterápicos industrializados; terreiro para secar café; utilização apenas de roçadeira nas ruas do café (sem capina química); confecção de

crochês, tricôs e também de artesanatos a partir de extrativismo de taquara, cabaças e cipós; criação de codornas e produção da própria ração; produção de esterco para comercialização e uso; replantio de frutíferas encontradas no mato; mata preservada na mina da propriedade.

- **Problemas:** água da nascente da propriedade reduziu muito; mudas de frutíferas muito caras dificultam formação de pomar; dificuldades com a legislação e fiscalização municipal para colocar o ovo de codorna direto no mercado (sem atravessadores); uso de trator alugado pra fazer curva de nível; mancha escura (doença) no mamão; ribeirão está contaminado com esgoto; nascente próxima à propriedade secou; grande plantação de soja próxima com alto uso de insumos químicos e assoreamento das nascentes; trabalho necessário em outras lavouras de café como forma de complementar renda; tamanho da propriedade como limitante para investir em outras atividades e para estimular a permanência dos filhos; adubação e uso de agrotóxicos nas lavouras de café; café vendido pra grandes cooperativas da região a preços baixos; problema com ferrugem nas folhas do café; pulgões nas hortaliças; preocupação com a permanência dos filhos no meio rural; produtor não está diariamente presente na propriedade (não reside mais na zona rural, mora em Lavras por causa do emprego); problemas com queimadas devido à proximidade com rodovia; não realização de práticas de conservação de solo; não comercialização efetiva da produção, apenas algumas encomendas (produção maior do que o consumo sem poder dedicar tempo para venda); problemas com grilos e formigas; demanda por um galpão com climatizador para as vacas (estresse térmico); problema de acesso para veículos nos períodos de chuva; nascente contaminada (comprovada por análise); problema com carrapatos e mosquitos nas vacas controlados com vacinas e agrotóxicos para animais; fornecimento de leite para grandes empresas à preços baixos e com muitas exigências; não beneficiamento do leite (queijos), embora tenham o conhecimento; grande utilização de mercados e farmácias; distância da escola (apenas ensino fundamental na escola de outra comunidade e ensino médio apenas em escolas urbanas); aluguel de máquinas para beneficiamento do café; esterco comprado de

vizinhos; criação de gado sem áreas de pastagens disponíveis, sendo alimentados apenas com ração; pequena mata ciliar em um córrego; horta tem alta exigência hídrica; grande uso de trator.

- **Região Sul**
  - **Recursos:** uso de calda bordalesa pra ferrugem e aplicação de composto feito com urina de vaca (produção própria) no café; produção das próprias mudas de café e venda das que sobram; uso de sementes antigas e diversificadas de feijão e plantio no meio do café; grande variedade de bananas e realização de manejo no cultivo para entrar sol e vento e, assim, produzir mais; rodízio de pastagens; compostagem com esterco, palha de café e restos de silagem; bacias de contenção de água da chuva em área declivosa usada como pastagem; regeneração natural da área da nascente; disponibilidade de máquinas para o processamento do café; acompanhamento das fases da lua para plantios, colheitas e cortes de plantas; extração de plantas de mata para uso medicinal da família e em animais; ajuda na manutenção da nascente de propriedade vizinha de onde utilizam a água; dois córregos com mata ciliar preservada e larga; estrutura de dois poços para criar peixe; curva de nível próximo à nascente; uso de bambu pra construções para criações de animais; trocas de frutas com vizinhos; manejo de pastos com rodízio; solo com cobertura morta e uso de esterco; conservação de sementes de feijão (diversas variedades), quiabo e abóbora; criação diversificada de animais para consumo de queijo, leite e venda em leitões; produção de fubá em moinho elétrico, pamonha e curau para consumo próprio (possibilidade de agroindústria); comercialização de produtos, como de leite, queijo e ovos, para vizinhos da comunidade; áreas de mata preservada em declives; pasto mantido sem queimadas e utilizando piquetes (rotação); extração de mel de abelhas nativas; frutíferas variadas; realização de desbrota do café, deixando as ramas nas ruas para virar matéria orgânica; consórcios de mandioca com abóbora e milho; rotação de cultivos; manejo manual de pragas em hortas; prática de deixar algumas verduras pendoarem pra cair sementes e obter replantio natural; uso de lenha da propriedade.

- **Problemas:** diminuição de água do córrego nos últimos anos; gado do vizinho bebe água no córrego que passa na propriedade; plantio de café convencional com grande uso de adubo químico e agrotóxicos; ferrugem e broca no café nos dois últimos anos não controlados por agrotóxicos; único foco de comercialização no café, sem processamento de nenhum produto para venda e sem venda de nada da horta (só consumo interno); represa assoreada; nascente de vizinho vem secando há dois anos e nascente da propriedade secou (agora está cercada pra gado e tem árvores); córrego praticamente sem mata ciliar; pragas variadas, principalmente caruncho no milho (sementes compradas, híbridas); gralhas comendo os ovos das galinhas; uso de agrotóxico para formigas no milho; aluguel de trator pra arar milho e buscar lenha; uso de sementes de milho compradas; porcos com bicho de pé e sarna tratados com "banho de veneno"; uso de herbicida pra plantas espontâneas no cultivo de milho; estradas com muitos buracos e intransitáveis pra carros quando chove; recebimento de valor injusto na venda para verdurões e cooperativas de leite; laranjas atacadas por broca; abandono do cultivo de horta por diminuição de água, assim como perda da produção de legumes por seca.

Assim como nas atividades que envolveram o mapeamento de recursos por meio de instrumentos adaptados da Experiência de Banes (Atividades 2 e 5), a aplicação da ferramenta DRP nesta Pesquisa-Ação-Participativa não teve como objetivo a análise nem a definição de passos para a transição agroecológica a partir dos levantamentos feitos pelos camponeses (com apoio horizontal da equipe de pesquisa), mas sim de propiciar um momento duplo de aplicação e potencialização das capacidades de compreensão, manejo e significação dos camponeses por meio de uma atividade que lhes permitiu atuar de maneira soberana, valorizada e com intenções favoráveis (definidas por meio de uma construção da qual eles participaram) sobre sua propriedade, sua produção e sobre seu modo de vida e economia.

No entanto, cabe ressaltar aqui uma breve análise – feita sobre um ponto específico (porém amplo) desse resumo de resultados dos DRP – que nos indicou tanto

a correção dos caminhos metodológicos definidos coletivamente para os dois EPS finais (Atividade 8 e 9), quanto o potencial de desenvolvimento (posterior ao recorte deste estudo) da organização camponesa e da transição agroecológica fundamentadas nos recursos dos próprios camponeses e no compartilhamento deste recursos. Podemos perceber claramente que a maioria dos recursos identificados pelos camponeses em suas propriedades (apresentados de forma “mesclada” dentro das regiões rurais) é solução para um ou mais tipos de problemas identificados na própria região rural da propriedade e/ou em outra região de comunidades. Da mesma forma, quase todos os problemas identificados pelos camponeses encontram em alguma região de comunidades rurais uma solução que pode ser aprendida, adaptada e colocada em prática através da transmissão organizada de conhecimentos entre os próprios camponeses. Esta constatação prática “preliminar” da viabilidade e potencialidade de promoção organizada da agroecologia por meio da metodologia social CaC em Lavras foi o principal mote estrutural das duas últimas atividades de campo desta Pesquisa-Ação-Participativa.

5.1.6 Terceiro Encontro de Promoção da Saúde

A intenção metodológica de realizar a atividade Encontros para reforço geral: as Reuniões Regionais organizativas (Atividade 8 – Terceiro EPS) logo após a sequência de dois momentos de potencialização dos componentes salutogênicos – que trabalharam, respectivamente, o entendimento e discussão da necessidade da organização camponesa (Atividade 6) e o protagonismo dos camponeses na identificação dos recursos e problemas em suas propriedades (Atividade 7) – foi desenvolver encontros práticos que: promovessem os primeiros passos de uma atuação organizada entre os camponeses, começando pelas regiões rurais a que pertencem; criassem as condições para que os camponeses de cada região discutissem e refletissem sobre o processo desenvolvido desde o Primeiro EPS e

exercessem o protagonismo nas decisões e direcionamentos para a realização da atividade seguinte (Quarto EPS) de intercâmbio de experiências entre os camponeses representantes de comunidades de todo o município; propiciassem um momento de fortalecimento do envolvimento, do vínculo e da confiança entre camponeses de uma mesma região rural; e que permitissem a captação, de modo abrangente, após a realização dos Segundo e Terceiro MPSOC, das falas (e "reverberações") contendo as capacidades de compreensão, manejo e significação do sujeito camponês.

Dessa forma, as Reuniões Regionais, como momentos de práxis do processo social desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa, ocorreram nas cinco regiões rurais definidas anterior e estrategicamente (com aprovação da conformação das regiões pelos camponeses representantes ao final da Atividade 6) para o desenvolvimento das Atividades 7 e 8 (Quadro 13). No entanto, houve a perda, por ausência dos representantes nas Reuniões/EPS, das Comunidades Engenho de Serra e Tomba, passando o estudo a contar, a partir desta atividade, com 13 comunidades rurais. Além disto, houve "variações" com relação aos representantes das comunidades Jaboticabeiras (ausência de um dos camponeses representantes), Faria (ausência de uma das camponesas representantes) e das comunidades Itirapuan e Salto das Três Barras (presença das camponesas companheiras dos camponeses que vinham representando as comunidades). Assim, o EPS foi desenvolvido com um total de 24 camponeses representantes (Quadro 13).

Quadro 13. Regiões, comunidades rurais, data, local e número de camponeses que participaram da atividade de Reuniões Regionais (Terceiro EPS - Atividades 8). Lavras, MG, 2017.

Data	Região	Comunidades	Número de representantes	Local de realização das Reuniões Regionais
02/12	Central	Rosas	2 (casal)	Casa de um dos representantes
		Cachoeirinha	1	
		Jaboticabeiras	1**	
03/12	Oeste	Salto das Três Barras	2 (casal)***	Sala anexa à igreja católica da Comunidade Cajuru
		Cajuru	2 (casal)	
		Três Barras	2	
		Boa Vista	2 (casal)	
		Engenho de Serra*	-	

Quadro 13. continuação.

Data	Região	Comunidades	Número de representantes	Local de realização das Reuniões Regionais
09/12	Leste	Fonseca	2 (casal)	Casa de um dos casais representantes
		Itirapuan	2 (casal)***	
		Tabuões	3 (1 casal)	
12/12	Norte	Funil	2	Galpão da Comunidade do Paiol
		Paiol	2	
15/12	Sul	Faria	1**	Escola desativada da Comunidade do Faria
		Tomba*	-	
Total		13	24	-

*Perdas do estudo.
**Ausência de representante.
***Presença de uma nova representante.

Houve, também, a necessidade de realização da atividade de modo "peculiar" (porém válido para o caminho metodológico desenvolvido) na Região Sul, devido à presença de apenas uma representante na Reunião (ausência dos representantes da Comunidade do Tomba e ausência da outra camponesa representante da comunidade do Faria). Neste sentido, todo o processo de apresentação (feita pelo pesquisador), discussão e reflexão foi desenvolvido apenas entre a camponesa presente e o sujeito acadêmico. Assim, apesar da camponesa ter se sentido pertencente ao EPS e de ter participado normalmente da atividade (inclusive apresentando suas ideias para a atividade de intercâmbio de experiências), as falas gravadas e transcritas desta representante da Comunidade do Faria não puderam ser incorporadas na sistematização e análise do estudo (item 5.2), pois, ditas na condição de única participante, tais falas permitiriam, por dedução, a identificação da camponesa.

Desenvolvida, então, em comunidades e locais escolhidos pelos próprios camponeses, e contando com a presença do pesquisador e sempre dos mesmos estudantes da equipe de pesquisa que haviam realizado os DPR com os representantes de cada região rural, as Reuniões Regionais demonstraram tanto o enraizamento do envolvimento e do sentimento de pertença construídos ao longo e em favor do processo de descolonização cognitiva e produtiva, quanto a determinação e capacidade de apropriação da organicidade deste processo pelos próprios

camponeses. Neste sentido, diversos foram os momentos, nas cinco reuniões, em que os camponeses expressaram seus entendimentos e motivações para construir uma forma de auto-organização que permitisse uma transição agroecológica segura (em relação à produção e à economia familiar) e autônoma (sem dependências de instituições desfavoráveis e/ou verticalizadas e com interdependência entre os camponeses e seus conhecimentos).

Com relação a essa autonomia, outro ponto importante de ser destacado foram as falas dos camponeses, recorrentes nas cinco regiões, sobre a *"fundamental"* atuação do pesquisador para que eles tivessem atingido tal momento de entendimento e motivação pra organizarem-se, utilizando seus próprios meios e intenções em prol de uma mudança produtiva, econômica, social e sanitária comum. Estes momentos, que revelaram o reconhecimento dos camponeses sobre a importância e utilidade do conhecimento e pesquisa científica quando construídos de forma horizontal e fundamentados nos interesses e melhorias das condições de vida e saúde da população, geraram importantes discussões sobre o papel do pesquisador neste processo social *invariavelmente camponês*. Mesmo sentindo-se gratificado, o pesquisador utilizou estes momentos para detalhar sua condição de parceiro no processo (tendo sua atuação fundamentada tanto no princípio da redundância do sujeito acadêmico na Pesquisa-Ação-Participativa[81] quanto nos moldes horizontal e não protagonista da metodologia CaC[10]) e explicou que percepções do tipo "o processo só está se dando por causa da atuação do pesquisador" eram devido ao fato do processo em questão ter sido iniciado por meio da Pesquisa-Ação-Participativa que envolve o doutorado (o que é uma situação transitória) e do papel ativo (e não apenas observante) do pesquisador neste tipo de pesquisa. Os debates e conclusões gerais foram de que, mesmo com a atuação do pesquisador, o processo que estavam vivendo e construindo não existiria sem a vontade, crença e atuação dos próprios camponeses e que, por isto, eles sim eram fundamentais em seu processo. Além disto, foi concluído que o pesquisador (assim como a equipe de pesquisa ou qualquer outro ator favorável), como parceiro, não precisaria deixar de ser importante no processo organizativo e de

transição agroecológica. Entretanto, os camponeses não poderiam ser dependentes de nenhum ator (inclusive o pesquisador), instituição ou política pública externa (sob o risco de interrupção do processo caso estes, como “pilares externos”, venham a faltar) e que, para isto, seria mesmo necessário pensar e construir caminhos organizativos autônomos e atuações interdependentes entre os camponeses.

Na parte final das reuniões, após os diversos momentos de discussão e reflexão, os camponeses das cinco regiões rurais apresentaram suas ideias, sugestões e propostas sobre formatos e conteúdos para a estruturação e realização do Quarto EPS (Atividade 9), definida, coletivamente no final da Atividade 6, como um encontro de intercâmbio de experiências entre os camponeses representantes das comunidades rurais. De modo compilado, abaixo, apresentamos as principais decisões consensuadas nas Reuniões Regionais:

- Realização do encontro não apenas com o objetivo de intercâmbio de conhecimentos, mas também de discussão dos caminhos organizativos que querem seguir e de deliberação de quais ações devem tomar para iniciar sua construção;
- Realização do encontro em dois períodos (manhã e tarde) para não sobrecarregar cada momento (sendo a parte da manhã dedicada ao intercâmbio de experiências e a parte da tarde ao debate e deliberação sobre os caminhos organizativos);
- Realização do encontro em local aberto (de preferência em baixo de alguma árvore) e sem dependência de tecnologia (projetores, caixas de som, etc.);
- Realização do encontro no IAREM (local central a todas as comunidades) para facilitar e estimular a participação de todos os camponeses representantes;
- Desenvolvimento do intercâmbio de experiências em “formato livre”, onde todos apresentassem oralmente seus maiores problemas produtivos e, em seguida, todos que tivessem soluções e/ou experiências a compartilhar sobre o problema manifestassem sua explicação;

- Realização de um momento de troca de sementes entre os participantes;
- Realização de um momento de trocas de conhecimentos sobre benzeções e plantas medicinais;
- Filmar as trocas de experiências e divulgar no grupo de Whatsapp® formado por camponeses e camponesas que participaram em atividades da Pesquisa-Ação-Participativa;
- Convidar um parceiro externo “especialista em produção orgânica” para ensinar alguma técnica “nova” no encontro;
- Promover uma arrecadação de doações dos participantes do encontro (camponeses, pesquisador e equipe de pesquisa) para contribuir com o trabalho de acolhimento de homens em situação de vulnerabilidade social desenvolvido pelo IAREM.

Por fim, os camponeses decidiram que o pesquisador e a equipe de pesquisa, que participaram de todas as Reuniões Regionais (percorrendo, para isto, um total de 241 quilômetros), ficariam responsáveis pela compilação das ideias e propostas e pela proposição de um cronograma para o Quarto EPS. Tal cronograma deveria contemplar, sem deixar o encontro “com coisas demais”, o máximo possível das decisões tomadas nas Reuniões e deveria ser apresentado pelo pesquisador e aprovado pelos camponeses quando do contato telefônico para a confirmação da data do último encontro.

5.1.7 Quarto Encontro de Promoção da Saúde

No dia 23 de dezembro de 2017, sete meses após o início das primeiras atividades de campo nas comunidades rurais de Lavras, foi realizada a última atividade (do recorte do processo social contínuo) trabalhada por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa: o Encontro de Intercâmbio de Experiências e de Organização Camponesa

(Atividade 9 – Quarto EPS). Esta atividade configurou-se, também, como o encerramento da Fase II do momento analético a que se propôs este estudo, sendo, esta, a fase intermediária (de aplicação prática dos componentes salutogênicos despertos e fortalecidos da Fase I) entre o momento analético inicial – onde as atividades de trabalho buscaram o autorreconhecimento dos camponeses de Lavras como exteriores à totalidade do sistema capitalista (representado, principalmente, pelo modelo de dominação do agronegócio) e como portadores dos entendimentos, crenças e recursos necessários para sua superação – e o momento dialético de negação/superação deste sistema que os nega/domina. Neste momento dialético (posterior ao recorte deste estudo e em desenvolvimento contínuo e intenso desde janeiro de 2018) os camponeses passam a atuar motivadamente, fundamentados em seu reconhecimento como classe camponesa, para construir os caminhos e formas organizativas que permitam, de fato, a superação do modelo do agronegócio por meio da transição agroecológica.

Um importante indicador do desenvolvimento analético camponês promovido por esta Pesquisa-Ação-Participativa e da culminância prática de seu "auge pré-dialético" foi a própria conformação deste quarto e último EPS. Inicialmente proposto pelo pesquisador (ao final da Atividade 6, tendo, até então, como base orientadora para esta proposição, as falas/palavra analética[38] dos camponeses expressas até a Atividade 5) como um encontro para a realização de uma atividade "exclusiva" de intercâmbio de experiências, os camponeses definiram por si próprios, nas atividades de Reuniões Regionais (Terceiro EPS), a necessidade de inclusão, no encontro, da discussão e deliberação sobre as formas e os caminhos para a organização camponesa no município.

Dessa forma, o pesquisador elaborou um cronograma (Quadro 14) para o desenvolvimento do Quarto EPS que, além de seguir a definição dos camponeses de contar com um período para as discussões e deliberações sobre o processo organizativo, buscou contemplar outras proposições feitas pelos camponeses durante as Reuniões Regionais (sem "inchar" a programação e sem extrapolar os horários de

início e término, que levaram em consideração, em especial, os horários pouco flexíveis de quem cria gado leiteiro e, por isto, precisa tirar leite diariamente no começo da manhã e a partir das 16 horas). Assim, além da atividade de intercâmbio de experiências, a parte da manhã do EPS contou com os momentos de socialização e aproximação entre todos os sujeitos (bate-papo da recepção e do lanche coletivo) e de apresentação pessoal e descontração por meio de uma técnica participativa (formando todos uma rede, representativa da interconexão estabelecida entre os representantes das comunidades, com um fio de lã). Já a parte da tarde contou, além do almoço coletivo entre os sujeitos da pesquisa e os acolhidos e trabalhadores do IAREM, com os momentos de debate e decisões sobre a organização camponesa no município, de avaliação participativa do EPS e de ensino-aprendizagem de uma técnica de produção caseira de um biofertilizante e repelente natural para uso em qualquer tipo de cultivo (Quadro 14).

Quadro 14. Cronograma de realização do Quarto EPS (Atividade 9) com camponeses representantes das comunidades rurais. Lavras, MG, 2017.

Tempo	Atividade	Técnica	Responsável	Materiais/ Meios
9:00 – 9:30	Recepção dos participantes	Bate papo	Pesquisador e equipe de pesquisa	—
9:30 – 10:00	Apresentação e descontração	Dinâmica “Teia de apresentação”	Pesquisador	- Novelo de linha; - Gravador de áudio e câmera
10:00 – 10:15	Lanche	Troca de Sabores (cada participante levou algo preparado em casa)	Todos participantes	—
10:15 – 12:00	Intercâmbio de experiências	Troca oral de saberes: um participante por vez fala seu problema produtivo e os demais apresentam soluções	Todos participantes	- Gravador de áudio e câmera
12:00 – 13:00	Almoço	Refeição Comunitária	Eterna Misericórdia	—
13:00 – 14:30	Discussão e deliberação sobre organização camponesa agroecológica	Roda de diálogo com encaminhamentos: - ações; - responsáveis	Todos participantes	- Gravador de áudio e câmera

Quadro 14. continuação

Tempo	Atividade	Técnica	Responsável	Materiais/ Meios
14:30 – 15:00	Avaliação do encontro	Dinâmica "Fala e aponta o próximo": - o que podemos melhorar? - o que foi bom e podemos repetir?	Pesquisador	- Gravador de áudio e câmera
15:00 – 15:30	Aprendizado de técnica agroecológica com parceiro externo	Aula prática de preparo de biofertilizante e repelente natural contra insetos	Pesquisador e equipe de pesquisa*	**

*O pesquisador contatou um técnico do Departamento de Agricultura da UFLA (conhecido do pesquisador e de parte da equipe de pesquisa devido a outros envolvimentos conjuntos pelo desenvolvimento da agroecologia camponesa no município) que, por impossibilidade de estar presente no dia do EPS, passou um breve treinamento sobre os materiais necessários, o modo de preparo e o modo de utilização (diluição e aplicação) de um biofertilizante/repelente. Além disto, o técnico forneceu, como cortesia, o recipiente de preparo (tambor de 50L) e os micronutrientes utilizados na formulação (que podem ser comprados em casas agropecuárias). Os demais ingredientes "caseiros" o pesquisador requisitou que os próprios camponeses levassem para a atividade, tanto pela disponibilidade destes materiais em suas propriedades quanto pela didática de demonstrar como são materiais de fácil acesso, manejo e utilização. Foi ressaltada para os camponeses, durante a atividade de ensino-aprendizagem desta nova técnica, a participação indireta do técnico da UFLA como parceiro externo e também a existência de diversas outras caldas biofertilizantes e repelentes que não necessitam da compra de micronutrientes.
**1 tambor com capacidade de 50L de água; 10 kg de esterco de curral bem fresco, ainda verde; 2,5kg de esterco de galinha; 2,5L de caldo de cana ou 250g de açúcar cristal; 1,5kg de cinza de madeira (fogão a lenha); 500g de fosfato natural ou farinha de ossos; 1kg de folhas de mamona triturada ou de outras folhas que sejam repelentes; 112,5g de micronutrientes, sendo: 25g sulfato de Cobre, 25g sulfato de Zinco, 25g sulfato de magnésio, 25g sulfato de manganês, 12,5g ácido bórico; 500g de calcário comum.

Para seu desenvolvimento, então, este EPS contou com os mesmos participantes das Reuniões Regionais (Terceiro EPS), com exceção das companheiras dos representantes das Comunidades Itirapuan e Salto das Três Barras (que haviam participado e também sido consideradas representantes de suas comunidades no Terceiro EPS) e dos camponeses representantes da Comunidade do Paiol, que, assim como na Atividade 6, não conseguiram se ausentar de seus trabalhos na roça no domingo de realização de deste EPS. Assim, o encontro de intercâmbio e organização camponesa foi composto por 20 representantes de 12 comunidades rurais de Lavras (Quadro 15).

Quadro 15. Comunidades, número e gênero dos representantes das comunidades rurais que participaram do encontro de intercâmbio de experiências e organização camponesa (Quarto EPS - Atividades 9). Lavras, MG, 2017.

Comunidade	Número de representantes	Mulheres	Homens
Rosas	2 (casal)	1	1
Cachoeirinha	1	0	1
Jaboticabeiras	1	0	1
Salto das Três Barras	1	0	1
Cajuru	2 (casal)	1	1
Três Barras	2	0	2
Boa Vista	2 (casal)	1	1
Fonseca	2 (casal)	1	1
Itirapuan	1	0	1
Tabuões	3 (1 casal)	2	1
Funil	2	0	2
Paiol*	-	-	-
Faria	1	1	0
Total	20	7	13

*Perda do estudo.

Importante ressaltar, aqui, que a redução do número de camponeses ao longo da Fase II (quando as atividades de trabalho passaram a ser desenvolvidas por representantes das comunidades rurais), tanto devido à perda de quatro comunidades (de 16 na Atividade 6 – Segundo MPSOC – para 12 nesta Atividade 9 – Quarto EPS) quanto devido à perda de representantes de algumas comunidades (que permaneceram no estudo devido à participação dos outros representantes destas comunidades), significou uma menor redução do número de camponesas (de nove na Atividade 6 para sete na Atividade 9) frente a uma maior redução de camponeses (de 17 na Atividade 6 para 13 na Atividade 9) (Quadro 15). Isto indica a manutenção da estabilidade do grupo de mulheres e a importância do seu empenho, atuação e representatividade na consolidação prática do processo analético da Fase II.

Com relação ao desenvolvimento propriamente dito dos momentos-chave da atividade de intercâmbio de experiências e de discussão e deliberação sobre a organização camponesa, o primeiro revelou-se como a apresentação de um vasto, rico e fundamentado acervo de conhecimentos, técnicas e inovações agroecológicas

camponesas. Para cada problema relatado por cada um dos representantes, uma ou mais soluções foram detalhadas pelos demais camponeses. De simples, porém científica (envolvendo conceito práticos de física), redução linear do calibre de tubulações para o aumento da pressão da água bombeada de um córrego para a irrigação de cultivos em parte mais elevada (sem necessidade de gasto com bomba mais potente e mais cara); passando por técnicas de cultivo de plantas que atraem insetos predadores de "pragas" e por receita de calda inseticida para quase todas as infestações que atrapalham a produção de café (inventada a partir de uma mistura de diversas plantas e de grande conhecimento empírico de botânica e de propriedades químicas); até o compartilhamento de experiências sobre tipos, possibilidades, caminhos e inviabilidades de inserção nos atuais mercados existentes em Lavras e região, o intercâmbio de experiências demonstrou, para além de todo o potencial dos camponeses para desenvolverem seu próprio processo de transição agroecológica por meio do compartilhamento de seus conhecimentos e técnicas, o porquê da estratégia histórica das empresas que se beneficiam com o capitalismo agrário de atuar diretamente e indiretamente (por meio de instituições de ensino, assistência técnica, governos, etc.) para a desvalorização, descredibilização e invisibilização dos conhecimentos promotores de autonomia do campesinato.

Já a discussão e deliberação sobre a organização camponesa revelou-se um momento de profundas análises contextuais e de concretas motivações, ideias e intenções para construírem, por meio da manutenção de um trabalho estruturado e coletivo, uma organização entre os camponeses de Lavras que querem ser (ou já são) agroecológicos. Neste sentido, houve uma longa discussão se a melhor forma para se organizarem seria como cooperativa, como associação ou como um "grupo informal" de camponeses. Sem subsídios, no entanto, que os permitissem chegar a qualquer conclusão sobre a forma organizativa que atenderia melhor às suas necessidades, os camponeses decidiram, ao final deste momento de discussão, que seria fundamental tanto estudar a legislação referente às formas de organização quanto conhecer de perto experiências de cooperativas e associações de camponeses orgânicos ou

agroecológicos de outros municípios. Assim, deliberaram sobre a formação de uma comissão, constituída pelos camponeses que se dispusessem e por membros do sujeito acadêmico, para aprofundamento dos conhecimentos sobre as possíveis formas de organização camponesa. Tal comissão deveria buscar caminhos e contatos para estudar as legislações pertinentes e para realizar visitas técnicas a organizações correlatas. Chegando às devidas conclusões, a comissão deveria convocar uma nova reunião para compartilhar as experiências e conhecimentos adquiridos com o grupo para que, assim, todos pudessem discutir e tomar as decisões sobre os próximos passos desta construção dialética. Desta forma, quatro camponesas e três camponeses formaram a comissão, além do pesquisador e três membros da equipe de pesquisa (que permaneceram como parceiros no processo mesmo com a finalização das atividades de campo desta Pesquisa-Ação-Participativa), sendo deliberada sua primeira reunião para o dia 20 de janeiro de 2018.

Finalizando, então, o Quarto EPS e, por conseguinte, todo percurso metodológico desenvolvido por meio dos trabalhos de campo com camponeses lavrenses nesta Pesquisa-Ação-Participativa, foram percorridos um total de 656 quilômetros nesta Fase II (incluindo os 12 quilômetros do percurso de ida e volta ao IAREM para esta última atividade) e um total geral, desde a primeira comunidade da Atividade 1 até o encontro da Atividade 9, de 2.758 quilômetros.

5.2 A progressão salutogênico-analética e suas implicações para a Promoção da Saúde dos camponeses de Lavras

Por meio do trabalho de transcrição e codificação das 65 horas e 40 minutos de gravações de áudio contendo as falas do sujeito camponês (produzidas e captadas nos Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto EPS e contando com as “reverberações” dos Primeiro, Segundo e Terceiro MPSOC) foi possível deduzir um rico e extenso conhecimento científico proveniente dos camponeses e camponesas de Lavras. Para a

viabilização da interpretação deste conhecimento, seu conteúdo foi organizado em duas estruturas que apoiaram a elaboração de uma análise na modalidade temática[97]. Tal estruturação foi composta por quadros contendo os segmentos de falas codificados que representam o conteúdo geral dos quatro EPS desenvolvidos (Apêndices 2 e 3) e um quadro contendo a sistematização, em números, referente à codificação destes segmentos e ao desenvolvimento das Fases I e II de trabalho (Quadro 16).

Nesse sentido, tanto o método lógico de dedução de conhecimentos por meio da codificação de falas em categorias e subcategorias, quanto os processos metódicos de estruturação destas categorias e subcategorias conforme os conteúdos que expressam (Apêndices 2 e 3 e Quadro 16) constituíram os pilares para que a modalidade temática[97] fosse utilizada plena e consistentemente como instrumento para analisar a progressão qualitativa das características pertinentes a este estudo. Ou seja, a partir de múltiplas comparações entre conteúdos linguísticos e numéricos e de suas progressões dentro e a cada processo de desenvolvimento de um novo EPS, o texto analítico-interpretativo traz, aqui, significações e inferências, conferidas pelo pesquisador – sendo este um recurso-participativo e/ou um instrumento-ser práxico imbricado e qualificado no e pelo próprio processo social desenvolvido com os camponeses de Lavras por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa –, que apontam a construção, o crescimento e a solidificação das bases sociais promotoras da saúde, da autonomia e da libertação destes camponeses.

Quadro 16. Sistematização dos segmentos de falas, codificados em categorias e subcategorias, conforme o conteúdo expresso nos Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto EPS e conforme o desenvolvimento das Fases I e II de trabalho. Lavras, 2017.

Categorias e subcategorias	Fase I			Fase II			
	EPS 1 – Ativ. 1 e 2 (17 Comunidades realizadas)		EPS 2 – Ativ. 4 e 5 (17 Comunidades realizadas)			EPS 3 – Ativ. 8 (13 Comunidades representadas)	EPS 4 – Ativ. 9 (12 Comunidades representadas)
	Referências	MPSOC 1 – Ativ. 3	Referências	MPSOC 2 – Ativ. 6	MPSOC 3 – Ativ. 7	Referências	Referências
Capacidade de Compreensão	45 (13 comunidades-fonte)		93 (17 comunidades-fonte)			50 (13 comunidades-fonte)	17 (12 comunidades-fonte)
Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	26		11			9	7
Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	10		16			33	9
Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês	7		3			-	-
Invasão da cultura urbana	2		-			-	-
Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	-		51			4	-
Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas	-		12			-	-
Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados	-		-			4	1
Capacidade de Manejo	60 (17 comunidades-fonte)		54 (17 comunidades-fonte)			37 (13 comunidades-fonte)	36 (12 comunidades-fonte)
Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	24		38			29	36
Rede comunitária	30		4			-	-
Talentos artístico-culturais	6		-			-	-
"Novos recursos", reconhecidos após a visita de Troca de Saberes à Claraval	-		7			-	-
Experimentação camponesa	-		5			-	-
Experiências e ferramentas sociais emancipadoras	-		-			8	-
Capacidade de Significação	1 (1 comunidade-fonte)		3 (3 comunidades-fonte)			42 (13 comunidades-fontes)	26 (12 comunidades-fontes)
Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores	1		1			4	1
Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	-		1			16	5
Melhorar condições da economia camponesa familiar	-		1			8	-
Produzir de maneira que o alimento seja fonte de saúde (para quem trabalha, sua família e consumidores)	-		-			8	-
Construir meio/modo de vida justo para os filhos	-		-			3	-
Buscar e aprimorar conhecimentos	-		-			3	-
Organizar-se e construir caminhos como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente)	-		-			-	20

Antes, no entanto, de partimos para os resultados e discussão referentes às falas do Primero EPS, é importante, inicialmente, demonstrar, com exemplos práticos, o que caracterizou as informações contidas nas falas/segmentos de conteúdo (frases, diálogos, conjunto de frases, perguntas, afirmações, projeções, etc.), recortadas e selecionadas no *corpus* do estudo, para que estas fossem classificadas segundo os temas de cada categoria. Assim, sendo a categoria Capacidade de Compreensão constituída por segmentos das transcrições que apresentaram, como indicador, conteúdos cognitivos referentes a distintas formas de entendimento do sujeito camponês sobre seu próprio contexto, a fala seguinte exemplifica o tipo de informação/conhecimento que levou à classificação de falas nesta categoria.

> *Só que, infelizmente, o que manda no País é, assim, as grandes firmas. Vai lá na UFLA* [Universidade Federal de Lavras, que apresenta histórico, tradição e renome em agrárias] *fazer um curso... já fomos lá participar de várias palestras. Primeira coisa escrita: Bayer. Então, enquanto eles estiverem comandando... É por isso que a gente foi parar no caminho que parou, dos agrotóxicos. Foi isso aí. A função dos grandes, das multis, é de ganhar dinheiro. Ó o que aconteceu. Por isso chegou no ponto que chegou.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

Podemos perceber, por meio desse exemplo, a leitura, clara e consciente, de um camponês de uma das comunidades rurais de Lavras sobre as causas e consequências (além dos papéis exercidos) da atuação das corporações químicas e da universidade pública do município para a construção do atual contexto local e geral de dominação do modelo do agronegócio e de impactos de uma de suas tecnologias industriais, os agrotóxicos.

No mesmo sentido, podemos perceber que as falas seguintes – por meio de seu conteúdo comportamental indicador da crença na existência e disponibilidade de recursos que foram, são ou podem vir a ser utilizados em favor dos próprios camponeses e das suas comunidades – exemplificam tipos de segmentos que foram classificados e que constituíram a categoria Capacidade de Manejo. Tais falas demonstram tanto a convicção e a confiança de um camponês na presença e utilidade dos conhecimentos e técnicas (recursos/sabedorias tradicionais) dos moradores mais experientes de sua comunidade, quanto a naturalidade com que outro expressa os recursos de seu modo de vida e economia camponesa (policultura; alto nível de auto

abastecimento; trabalho familiar; intercâmbio entre vizinhos; não uso de agrotóxicos em cultivos; e uso do mercado local sempre que necessário ou desejado), mesmo reconhecendo como principal uma atividade produtiva-comercial dependente de insumos e de mercado externo (criação convencional de gado para venda de leite para grande empresa beneficiadora de leite embalado e de derivados).

> *Eu acho que são, de certa forma, pessoas mais velhas... Igual o próprio E.* [referindo-se a um camponês mais idoso presente no EPS] *e os irmãos, que são ricos de um conhecimento antigo de manejo de coisas tradicionais. Eu acho que é uma riqueza que a gente tem. Se a gente precisar buscar atrás algum recurso, eu tenho certeza que temos excelentes professores aqui.*
> Camponês da Comunidade 14, participante do Primeiro EPS.

> *Meu forte mesmo é o leite, né? Mas assim, vende muita abobora também. Meu filho gosta muito de plantar abobora, né? E tem o feijão, o milho, a abóbora e hortaliça pro gasto* [consumo familiar] *a gente planta também. Tem a vantagem, por exemplo, se você quer espaço pra plantar uma mandioca a gente tem lá no fundo da horta. Lá tem banana, mandioca, as fruta que é bom pra saúde... E sem usar veneno, né? E se sobrar a gente pode até vender ou dar pros amigo.*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.

Já com relação ao Capacidade de Significação, o que caracterizou as falas classificadas nesta categoria foi seu conteúdo indicador de toda e qualquer forma de motivação do sujeito camponês para atuar, por meio de seus recursos disponíveis e de seus interesses visibilizados, em prol da melhoria do atual contexto que impacta seu modo vida, sua economia, sua saúde e, também, a vida de outros atores sociais e naturais.

> *Eu quero saúde. Eu acho que o principal disso tudo aqui é saúde. Pra mim, pro meu marido, pros meus filhos... E saúde pra terra que a gente trabalha também. Porque é a gente que fica aqui na terra. Porque se você mata tudo, não vai chegar alimento bom lá. Não tem jeito! Então, eu acho que primeiro você tem que fortalecer a base. Que se a base estiver saudável, lá na frente você vai espelhando tudo. É isso que eu quero: eu quero saúde pra nós e dar saúde para outras pessoas. Então, eu acho que precisa de um caminho e eu acho que a organização aqui, que nós estamos fazendo, é um caminho, é um trilho. E eu espero que ele ainda vire uma avenida bem longa e larga.*
> Camponesa da Região Rural B, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

O conteúdo motivacional das falas que compuseram esta última categoria pôde, portanto, ser exemplificado pelas diversas e consistentes intenções, assim como pelos recursos autônomos e coletivos para construir a viabilização destas intenções, apresentadas pela camponesa que proferiu a fala anterior.

5.2.1 Primeiro Encontro de Promoção da Saúde

Identificadas e exemplificadas as categorias utilizadas para a interpretação das falas dos camponeses captadas ao longo da Pesquisa-Ação-Participativa, podemos, então, desde um primeiro panorama geral sobre a sistematização das falas classificadas como Capacidade de Compreensão, Manejo e Significação no Primero EPS (Quadro 16), apontar importantes elementos sobre o contexto e as condições salutogênicas iniciais encontradas nas comunidades rurais de Lavras.

Assim, primeiramente, percebemos que as 45 falas classificadas como sendo referentes ao Capacidade de Compreensão dos camponeses foram expressas em apenas 13 das 17 comunidades onde o Primeiro EPS foi realizado (Quadro 16). Isto nos indica um intenso quadro inicial de dominação e/ou subalternização cognitiva em pelo menos quatro comunidades, uma vez que, mesmo com o desenvolvimento das Atividades 1 e 2 e das discussões estabelecidas por meio de seus instrumentos participativos, nenhuma fala que demonstrasse entendimento da configuração e/ou do porquê vivem o atual contexto (ainda que o percebessem como favorável) foi dita pelos camponeses das mesmas.

Tal quadro de dominação/subalternização pôde ser inferido, tanto para essas quatro comunidades onde houve total ausência de expressão de entendimento contextual, quanto para as propriedades camponesas de um modo geral, a partir das próprias subcategorias que emergiram do processo de análise das 45 falas contendo a capacidade de compreensão expressa

pelos camponeses das demais 13 comunidades rurais. Neste sentido, podemos perceber que as quatro subcategorias que destacaram-se da leitura/releitura destas falas e que, ao mesmo tempo, agruparam logicamente as mesmas, caracterizam

situações que, como causa e consequência, desvalorizam/subjugam, desvirtuam/remodelam e invisibilizam/silenciam a atuação e/ou a percepção de mundo que integram historicamente o modo de vida camponês[4,5]. Assim, 'Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel'; 'Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio'; 'Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês'; e 'Invasão da cultura urbana' (Quadro 16) demonstram – seja por meio das expressões cognitivas dos camponeses, seja por meio do silêncio ativamente causado pela dificuldade de compreensão e/ou normalização do contexto de dominação da lógica capitalista (agronegócio, urbanidade, instituições públicas voltadas para tal lógica, etc.) – um entendimento contextual completamente desfavorável aos camponeses de Lavras. É importante ressaltar, entretanto, neste ponto, que estas situações/subcategorias "negativas" que conformam o contexto identificado pelos camponeses não contradizem um dos pilares metodológicos deste estudo, a Salutogênese. Isto porque, sendo este um paradigma de Promoção da Saúde que foca seus esforços gerais para a identificação, disponibilização e utilização de recursos positivos presentes em indivíduos e suas comunidades, a própria identificação das estruturas e porquês de seu contexto desfavorável podem (e devem) ser interpretadas como um fator (passo e/ou recurso) positivo para o processo de apreensão e mudança deste contexto pelos próprios camponeses.

A positividade intrínseca a esse processo de identificação e expressão do entendimento de seu contexto negativo pode ser mais claramente apontada quando analisamos os significados do conteúdo das falas subcategorizadas dos camponeses. Neste sentido, a sequência de segmentos de conteúdo abaixo, apesar de demostrarem um contexto de estrutura pública que subestima e inviabiliza a atuação participativa dos camponeses nas definições e decisões sobre aspectos que afetam de forma ampla seu dia a dia, além de demostrarem a despriorização/sub-relevação das necessidades e demandas das comunidades, também carregam sentidos e significados positivos que indicaram possibilidades salutogênicas, analéticas e dialéticas a serem desenvolvidas no decorrer do processo social iniciado por este Primeiro EPS.

> *Você vai perceber em todas as comunidades que você mexer: o único problema que a gente tem é o medo de estar falando a palavra errada. Se a gente não vai lá lutar e reivindicar, é pelo medo que às vezes você vai falar e, em vez de você resolver, vai trazer mais problema pra cá, entendeu? Às vezes a pessoa agacha e fica quieta de medo por não ter uma palavra certa, não ter o entendimento. Não vou dizer o estudo não, que a vida traz sabedoria melhor que o estudo. É o entendimento de estar enfrentando o poder público lá.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

> *Igual, se você vai na área florestal* [referindo-se ao órgão público responsável pela preservação de áreas de florestais]. *Você não já chega e fala: 'eu vou fazer um desmate, vou fazer isso. Eu quero assim porque tem mata fechada aqui, mata fechada aqui é assim. Vou fazer um estudo!'. Não, você chega lá e entrega pra eles te darem o resultado com medo de você dar sua opinião. Esse é o problema de todos, o medo de criar mais problema. Eu tô falando disso pra você porque já aconteceu comigo de ir lá resolver a coisa sozinho, o mesmo assunto* [manejo de área de mata]*. Deu pouca confiança e maltratou. Eu chamei uma pessoa entendida da área, vamos dizer, um doutor ali naquela área: 'ah, pois não, vou resolver seu problema'. E resolveu o problema. Qual a diferença? Só porque ele tem um diploma e eu não tenho?*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

Como podemos apreender por meio dessas duas falas complementares de um mesmo camponês da Comunidade 2 (Apêndice 2), mesmo frente a adversidades impostas por instituições públicas que rebaixam e marginalizam o conhecimento e a atuação camponesa, o camponês não apenas busca e constrói caminhos dentro e com ferramentas deste próprio sistema que o exclui (neste caso, a contratação de um "especialista formado" na área em questão para atestar seu projeto/estudo, ainda que isto onere seu bolso e seu reconhecimento social), como também mantém a crença na existência e na importância da sabedoria camponesa frente à sua desvalorização pelo poder público. Ambas as situações positivas podem ser significadas a partir dos trechos das falas grifados.

Da mesma forma, podemos apreender, analisando as seguintes falas ditas por camponeses das Comunidades 4 e 7 (Apêndice 2), que, apesar da inércia, irresponsividade e atuação sem diálogo de instituições públicas do município, os camponeses demonstram uma característica de manutenção da persistência em relação à busca de soluções para problemas que afetam toda a comunidade (o que pode ser percebido por meio dos trechos em destaque).

> *Muitas nascente de água desativada aí. O produtor há anos metendo terra, agrotóxico, tudo em cima das nascente. E eu, principalmente, corri atrás do IBAMA e até hoje não ajudaram de nada. E a água... cabou com a água nossa. Se perdeu os rio! Eu trabalho com codorna e eu tive que fazer análise da água: a água num serve nem pra consumo das ave, que dirá pro consumo humano. Eu tive que furar um mini poço pra mim trabaiá.*
> Camponês da Comunidade 4, participante do Primeiro EPS.

> *É aquele ditado, a gente tem que correr atrás. Eles num vêm procurar a gente pra oferecer ajuda. Se precisar cê liga: 'tô precisando disso, disso assim'. Às veiz eles vêm cá, arrumar alguma coisa, arrumar estrada. Mas só o caminho onde passa as van da escola. Tem muito lugar de estrada de terra, onde fica a casa da gente, onde fica a casa de várias pessoas, cheia de buraco. Num tá passando nem um cavalo e o prefeito num arruma. Cê tem que brigar, implorar pra arrumar. E muitas coisas eles passa por cima e vai embora e larga.*
> Camponês da Comunidade 4, participante do Primeiro EPS.

> *E a Secretaria de Educação e de Saúde* [do governo municipal]*... Dentro da pasta lá o que eles podem fazer?... A gente precisa correr atrás bastante tempo. Mas política infelizmente é assim. Num tem como cê chegar e falar: eu quero isso! Num tem. Mas se tiver no lugar certo, na hora certa, consegue.*
> Camponês da Comunidade 7, participante do Primeiro EPS.

Ainda dentro da mesma subcategoria "negativa" que abarca falas sobre o entendimento do papel de instituições públicas na construção do contexto atual vivido pelos camponeses de Lavras, apresentamos abaixo falas e diálogos de camponesas das Comunidades 5, 11 e 14 e de camponeses da Comunidade 11 (Apêndice 2) que revelam distintos problemas e dificuldades, enfrentados com a administração municipal e estadual, em relação às escolas (em atividade ou desativadas) das comunidades rurais.

> *Isso aqui foi abandonado* [referindo-se à estrutura da escola rural da Comunidade]*. Isso aqui era uma escola, foi, né? Eu mesmo cheguei a estudar aqui. Tem coisa que não depende só dos moradores. A prefeitura que é o responsável por isso, e não tá nem aí. Sabe como que tá hoje lá, né, política hoje tá... Então a gente tem que aproveitar o que a gente tem e manter isso aqui pelo menos desse jeito e num deixar acabar, né? Porque é uma coisa que ainda tá sendo muito útil.*
> Camponesa da Comunidade 5, participante do Primeiro EPS.

> *1 - A gente tem um grupo* [referindo-se à estrutura física da escola da Comunidade, que está desativada]*. Aí, que até a gente tá numa demanda pra gente reconquistar ele, porque ele foi desativado, e ele faz parte da Associação. A gente tá lutando pra pegar esse espaço.*

> *2 - Uns anos atrás, nós tava com um pedido de doação pra associação, porque nós temos a Associação de Moradores, também, aqui. Então era pra prefeitura doar a parte física do grupo. Mas eu não sei o que aconteceu... passou e não foi pra frente."*
>
> *3 - A gente tá atrás dessa documentação até hoje, parece uma novela. É que ta no nome do Estado e não consegue passar pra prefeitura.*
>
> *1 - E às vezes até a própria associação poderia ter a sua própria sede...*
> Camponeses da Comunidade 11, participantes do Primeiro EPS.

> *1 - Tem um núcleo educacional agora, só que o núcleo não fica aqui na comunidade* [referindo-se à escola de uma comunidade vizinha onde as crianças da comunidade estudam desde que foi desativada a escola da Comunidade].
>
> *2 - É um recurso, só que é muito dificultado. Tem dia que o ônibus nem consegue ir por causa da estrada.*
> Camponesas da Comunidade 11, participantes do Primeiro EPS.

> *A escola também não tem... Aqui não* [na Comunidade]*, mas tem no C.* [Comunidade vizinha]*. Imagina se não tivesse, né? Uma escola rural é extremamente importante, a gente conta com isso.*
> Camponesa da Comunidade 14, participante do Primeiro EPS.

Podemos apreender, então, que, mesmo frente aos entraves e descasos dos dois entes federados em relação à desativação, conservação e gestão das escolas rurais existentes (hoje, em muitos casos, apenas fisicamente) nas comunidades rurais, as camponesas e camponeses demostram, por meio dos trechos sublinhados, tanto uma atuação localmente organizada para manter e ressignificar a estrutura e a utilidade das escolas desativadas, quanto um reconhecimento das escolas em atividade como importantes recursos para o desenvolvimento das comunidades. Estas valorizações e atuações em prol das escolas rurais se dão em contraponto ao processo em curso no País, apontado por Vendramini[104], de gestões e programas economicistas/neoliberais de "otimização" de gastos públicos (leia-se: redução dos investimentos públicos em áreas de benefício para a população e sem interesse e/ou com interesses opostos para o mercado capitalista) por meio do desmantelamento e fechamento de escolas em várias comunidades rurais para a concentração das atividades – nucleação[104] – em poucas outras.

Por fim, podemos perceber, ao nos atentarmos para o conteúdo de diálogos estabelecidos entre camponesas e camponeses das Comunidades 4, 8 e 14 (Apêndice 2), que, apesar de revelarem a insipiência prática e a pouca representatividade de instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão (acadêmica e rural) – estas, como vimos anteriormente, historicamente voltadas para o desenvolvimento do capitalismo agrário no município e no País[43,44,46] – para os camponeses lavrenses, estes ainda buscam identificar algum reconhecimento da atuação da UFLA e da Emater em suas comunidades. Os trechos em destaque – tanto diretamente, ao revelarem seus esforços para que estas instituições sejam "parceiras" (ou seja, exerçam suas atribuições públicas para com a população camponesa), quanto indiretamente, ao demonstrarem a inserção de moradoras da comunidade rural na universidade pública do município (mesmo que este "papel passivo" da UFLA seja o único percebido pela comunidade) – nos indicam este esforço de reconhecimento e uma "soterrada" afirmação dos camponeses de que sabem que estas instituições, por seu caráter público, deveriam desempenhar um papel favorável (regular, ativo e dialogado) em prol da população camponesa.

> *1 - A Emater costuma passar de vez em quando, mas não passa em todas* [propriedades camponesas da comunidade]. *Passa em alguns. Às vezes a gente precisa ou tem contato com alguém lá, ligo pra eles, eles vem cá. Mas não são em todos. Vem só se chamar também. Acho que não pode ser considerado parceiro porque era considerado se atendesse todo mundo. Não atender um ou dois e só se chamar. E a UFLA também sempre vem só na festa do trabalhador rural. O pessoal de lá vem e dá muda árvore, umas coisa... Mas é só também uma vez no ano.*
>
> *2 - Só lembra nessa vez, né? Aí é que tá.*
> Camponês e camponesa da Comunidade 4, participantes do Primeiro EPS.
>
> *1 - Acho que Emater eu não considero nada, não ajuda nós com nada!*
>
> *2 - Se depender de Emater, dessas coisas, eu num... Ajuda nenhuma!*
>
> *3 - A UFLA sim, quando cê procura ela é uma parceira.*
> Camponeses e camponesa da Comunidade 8, participantes do Primeiro EPS.

> *1 - Eu sou estudante da UFLA, eu faço doutorado em Agroquímica. Ela faz Letras e tem mais gente também. Tem a S. que faz Zootecnia. E podemos dizer que não tem apoio da UFLA aqui* [referindo-se à sua comunidade].
>
> *2 - A gente não tem beneficio nenhum da UFLA hoje aqui com a gente.*
> Camponesas da Comunidade 14, participantes do Primeiro EPS.

As interpretações anteriores de algumas das 26 falas subcategorizadas como 'Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel' (Quadro 16), além da leitura e análise amplas das demais falas (expressas em nove das 13 comunidades-fonte da categoria Capacidade de Compreensão do Primeiro EPS) que integraram esta subcategoria (Apêndice 2), revelaram, portanto, que, para os camponeses e camponesas que puderam, desde este primeiro passo do processo de Pesquisa-Ação-Participativa, vencer as barreiras estruturais de invisibilização e de silenciamento de seu entendimento contextual, existia uma percepção maioritária e aprofundada das instituições públicas como as principais responsáveis (por ação ou omissão) por seu atual contexto desfavorável. Desta forma, uma diversidade de instituições e de formas de atuação destas instituições em favor e por modos da lógica da modernidade/colonialidade (inferiorização e subalternização do camponês, de seu conhecimento e de seu trabalho, verticalismo dos interesses capitalistas no aparato e funcionamento estatal, etc.) foram descritas por meio de experiências práticas vivenciadas pelos participantes deste Primeiro EPS. Entretanto, como demonstrado, inegáveis resistência e contra negação positiva foram expressas/identificadas e tiveram, como veremos, uma importante reverberação nos acontecimentos dos EPS seguintes.

Em menor quantidade de falas (apenas duas), a subcategoria 'Invasão da cultura urbana' (Quadro 16) apresenta grande importância para o entendimento desse processo de descredibilização e colonialidade vivido pelos camponeses de Lavras, principalmente quando associada com a subcategoria das instituições públicas desfavoráveis e com o processo de expansão urbana (descrito no item 5.1) que levou à perda das Comunidades Serrinha e Ponte Alta no estudo. Neste sentido, ao interpretarmos as duas falas seguintes juntamente com a informação de que a comunidade onde elas foram expressas está na "sequência geográfica" das Comunidades Serrinha e Ponte Alta (ambas em intenso e avançado processo de

urbanização por meio da pressão pela venda e da especulação de terras), podemos percebê-las como o entendimento contextual desse camponês sobre o processo em andamento de apropriação e transfiguração de territórios e modos de vida camponês pela expansão urbana desregulamentada no município.

> *"O que atrapalhou muito na roça hoje em dia, foi quando esse pessoal da cidade começou a comprar esses sítios pequenos. Porque o pessoal da cidade, eles vem pra roça, e eles não são convivência nossa, são completamente diferentes. Aqui, modo de dizer, entre aspas né, era bom. Depois começou a aparecer um pessoal da cidade e atrapalhou muito. É igual nós estávamos comentando antes, fez uma reunião pra resolver o negócio da água, do poço artesiano, e os novos moradores queriam usufruir dessa água que a gente lutou e conseguiu, lutamos e foi um sacrifício. Eles vieram e quiseram usufruir. Então na reunião pra eles pegarem o benefício da água pra eles estavam todos presentes. Cadê hoje* [referindo-se ao EPS]*? Então, o que a gente deve pesar, quem tá na roça e o que que tem, você vai vender um pedacinho de terra, pensa antes pra quem você vai vender, e o que você vai colocar ali. Inclusive, o rapaz ali, comprou um sítio ali em cima e sabe, ele foi alugar pra festa, pra passar fim de semana. Exemplo, a mãe do Z. era doente, e aquele som alto no fundo, não tem quem respeite. Então pessoas da cidade, você me desculpe o palavreado, mas eles não tem o respeito. Pode chamar a gente de "da roça", mas não chega ninguém da roça fazendo besteira no centro da cidade, no banco ou alguma coisa, e eles chegam aqui querendo aparecer."*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

> *"Outra coisa que eu fico triste, que a gente vê aí, eu já enfrentei muitas vezes. Você vai aqui, tem três morrinhos, nós falamos cocoruto. É uma beleza! Vai lá pra você ver o que que as motos* [praticantes de modalidade de motociclismo com motos adaptadas para andar em áreas onde não existe estrada]*, tem vala lá que as motos cavaram e a chuva vai lavando. A serra que era perfeita, uma paisagem bonita... Que se deixar, vai destruir, vai virar serra pelada."*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

Ao associarmos essas duas falas sobre o processo "silencioso" de invasão urbana (pouco percebido/expresso ou mesmo normalizado pelos camponeses dessa e de outras comunidades rurais) à subcategoria "maioritária" (mais percebida e expressa entre as falas do Capacidade de Compreensão) das instituições públicas desfavoráveis, conseguimos perceber, ainda mais claramente, as "causas contextuais" inerentes ao processo de colonialidade do poder capitalista[24] – readequado pela Revolução Verde (inferiorização do campesinato e subalternização de seu modo de trabalho e de intepretação do mundo) – que geram as "consequências contextuais" captadas pelas subcategorias 'Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio' e 'Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês'.

Dessa forma, é possível inferir que, devido às atuações de diversas instituições públicas de modo a descredibilizar e inviabilizar o conhecimento e o reconhecimento camponês e a inserir (facilitando ou não dificultando) os padrões agroindustrial e urbano nas comunidades rurais, temos como consequência – expressa por meio de 17 falas (Quadro 16) de camponeses de nove comunidades (Apêndice 2) – danos à saúde, ao meio ambiente, à produção, à economia e ao autorreconhecimento social, cultural e tradicional camponês. Assim, tais consequências podem ser inferidas por meio da significação de falas com conteúdo sobre a infiltração padronizada de agentes privados e públicos em prol de uma agricultura baseada em insumos tóxicos externos e, também, com conteúdo sobre o entendimento dos camponeses sobre os impactos dos agrotóxicos frente à inviabilidade do paradigma do "uso seguro";

> *Às vezes o vendedor* [de agrotóxicos] *vai lá e ele quer vender uma quantidade a mais porque ele quer vender. Aí a Emater vem e passa a receita* [referindo-se à receita agronômica para a compra de agrotóxicos] *também. E dá mais ou menos a metade do que ele* [vendedor] *manda jogar.*
> Camponês da Comunidade 5, participante do Primeiro EPS.

> *Até a dificuldade do produtor em devolver a vasilha vazia* [referindo-se à embalagem de agrotóxicos] *é difícil. Aqui em Lavras mesmo eu comprei um produto uma vez e eles me deram o endereço pra onde era pra devolver a embalagem. Nem deposito lá não existia...*
> Camponês da Comunidade 5, participante do Primeiro EPS.

> *É ué, tem que usar luva* [pra aplicar agrotóxicos]. *Só que* aí *o trator entope o bico* [saída do aplicador de agrotóxicos acoplado ao trator] *e você vai lá desentupir e a luva estraga. Aí cê tem que tirar a luva pra desentupir o bico... Quando ele entope, não tem jeito de desentupir o bico com a luva. Ah... aí toma até banho* [de agrotóxicos]!
> Camponês da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

> *É muita gente, Pedro, que acha que o problema* [dos agrotóxicos] *é só na hora de aplicar. Passou dez minutos já acha que pode entrar na área, sendo que o problema tá ali há muitos dias.*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Primeiro EPS.

com conteúdo sobre os impactos das tecnologias "científico-industriais" do agronegócio na geração de dependência na compra de sementes modificadas e,

consequentemente, sobre o gradual abandono de práticas de conservação de sementes crioulas;

> *Esse tal de milho transgênico aí... Se você tira a espiga dele* [tirar o grão da espiga para usar como semente] *ele não produz.*
> Camponês da Comunidade 6, participante do Primeiro EPS.

> *1 - Meu vô tinha esse negócio, por parte do meu pai. Debulhava e guardava. Depois que plantou, guardava o mesmo milho* [semente]. *E falava que era o melhor milho.*
>
> *2 - Eles falam que a parte do meio* [referindo-se- aos grãos de milho da parte do meio da espiga] *que é boa na verdade. Você tira uma ponta, tira a outra ponta, e guarda o meio. Meu pai fazia assim: aqui é a espiga* [simulando uma espiga]*, né?... Tira essa ponta, tira essa, e planta o do meio.*
>
> *1 - Todo homem tirava do mesmo milho* [semente crioula]*!*
>
> *2 - Antigamente não tinha essa semente industrializada, né, que a gente usa hoje...*
> Camponesa e camponês da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

com conteúdo sobre os impactos ao equilíbrio ambiental-produtivo;

> *Só um minutinho, por exemplo, os venenos em si que a gente usa complica muito porque, uma: no mínimo você usa um inseticida pra matar a espodoca* [um tipo de inseto que ele considera praga]*. Tá, o que que acontece? Matou a espodoca inteirinha mas também matou a tesourinha* [inseto predador de outros insetos]*, que é a tesourinha que vai alimentar dos ovos da espodoca. Então, o certo é não usar! Os venenos só atrapalham, só atrapalham! Só complica em tudo!*
> Camponês da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

> *Olha Pedro, a gente vai vivendo na roça e vai tirando experiência. Porque tem gente que vive por viver, não tira experiência de nada! Se você ver o tanto de passarinho que você não tá vendo mais como antigamente tinha... Agora acabou. Muito bicho desapareceu, por causa do que? Através desses venenos!*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Primeiro EPS.

com conteúdo sobre os impactos no reconhecimento e manutenção dos modos produtivos não dependentes de insumos externos, com consequente afastamento perceptivo de suas possibilidades de produzirem como sempre foi o modo camponês;

> *É possível é. Porque antigamente produzia* [sem agrotóxicos]. *Antigamente tinha uma prática: tirar cisco na lavoura. As folhas do café, o mato que cê*

> *capinava, tirava tudo e fazia uma leira no meio da rua do café. Depois da colheita cê esparramava aquilo pra de baixo. Era uma prática antigamente que hoje não existe. Hoje é o seguinte: a pessoa que mexe com a lavoura de café, ele vai começar a plantar. Então primeiro passo é ele fazer uma análise da terra pra ele saber que que a terra tem, e o que ela num tem pra medir nutrientes. A gente quando começa de maneira errada, a gente já vai lá e talvez vem e num faz análise, já faz o uso do Fósforo que é o Super Simples* [nome comercial do fertilizante sintético]. *Planta o café, e tal... E daí a gente começa de maneira errada. Depois a produção vem, cê olha ali uma deficiência na folha, aí cê já começa a ficar preocupado. Entendeu? Como fazer isso sem usar o químico?*
> Camponês da Comunidade 5, participante do Primeiro EPS.

> *Eu tenho uma pergunta pra fazer pra você... eu tava pensando aqui como é que eu ia fazer... Esse mundo sem agrotóxico que você mostrou, ele existe? Porque eu achei que ele existia só no céu. É... então você vai ter que apresentar ele pra mim!*
> Camponês da Comunidade 11, participante do Primeiro EPS.

e, por fim, com conteúdo sobre os impactos gerais desta sobreposição das hegemonias capitalistas no modo tradicional de vida camponês;

> *E tinha muito mais no passado, e acabou. No passado pra trás, não existia igreja* [estrutura física da igreja católica na Comunidade]. *Havia um cruzeiro. E durante o dia ia fazer um terço lá, e leilão, tinha essas coisas, novena, na casa do fulano, terço de São Gonçalo, fazia um baile nas casas, ficava sanfona a noite inteira, aquele prazer dos donos da casa. 'Vai na casa do seu fulano lá...', sabe, era assim. E depois isso aí acabou. Pra você ver, faz hoje uma festa junina, é só pra arrecadar fundo. Não tem uma festa junina de confraternização. Que a comunidade fala, vamos fazer uma festinha pra nós, preparar uma canjica, ninguém comprar nada não. 'Ó Z., você me dá dois quilo de canjica, você dá o amendoim, a fulana faz a canjica...' Ter um momento de lazer... Não tem isso mais. Fazia jogo, fazia até leitoa. Biscoitão! Ó pra você ver o que eles faziam! Cabou isso tudo.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

> *Assim, porque de primeiro* [antigamente] *o povo ia fazer visita. Tinha, assim, mais união. Dia de hoje, assim, já num tá teno. Nas roça num tá teno sussego porque tá teno muito roubo.*
> Camponesa da Comunidade 7, participante do Primeiro EPS.
> *Se você tiver caindo no buraco é capaz de você cair e não tem ninguém pra te levantar. Então cada um... É porque ele tá preocupado com a plantação dele, eu tô preocupado com a minha. Então, quase não tem... Na roça quase não tá tendo tempo disso mais. Então, não tem união. Amizade todo mundo tem. Mas tô falando a correria hoje não deixa a gente ter união.*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Primeiro EPS.

Finalizando, portanto, o panorama interpretativo geral das falas e subcategorias que conformaram a categoria Capacidade de Compreensão no desenvolvimento do Primeiro EPS, afirmamos, aqui, a importância da visão salutogênica neste processo inicial de análise e interpretação da realidade camponesa em Lavras. Isto porque esta leitura metodológico-sanitária positiva sobre o conteúdo aparentemente negativo destas falas e subcategorias nos permitiu revelar as existências de um entendimento e de algumas formas de atuação dos camponeses sobre seu próprio contexto. No entanto, a mesma interpretação nos revelou a inegável realidade e dimensão do baixo controle e participação destes camponeses sobre fatores determinantes de sua saúde. Tais revelações, ao serem comparadas com as palavras anteriormente citadas de Buss[54] sobre o conceito e prática em Promoção da Saúde – para o qual *"os indivíduos e as comunidades devem ter oportunidade de conhecer e controlar os fatores determinantes da sua saúde"*[54] –, apontaram o quão fundamental é, para um processo que objetive o desenvolvimento deste paradigma de saúde com camponeses e suas comunidades, a construção metodológica das condições de possibilidade para que os determinantes de sua saúde possam ser discutidos e reconhecidos. No mesmo sentido, tais revelações apontaram o quão longo este processo pode ser e, também, o quão necessário é repensá-lo constante e analéticamente (a partir da palavra dos próprios camponeses[38]) para que este sujeito venha a, efetiva e dialeticamente, controlar seus determinantes de saúde.

Dando sequência às interpretações das falas codificadas e sistematizadas deste Primeiro EPS, partimos, então, para a análise e discussão dos segmentos de conteúdo categorizados como Capacidade de Manejo. Nesta categoria, podemos constatar que, desde este primeiro encontro da Pesquisa-Ação-Participativa, em todas as 17 comunidades houveram falas (60 no total) que caracterizaram a crença dos camponeses na existência de recursos próprios em suas propriedades e comunidades (Quadro 16). Esta constatação é de grande relevância porque, conforme proposto pelo paradigma salutogênico de Promoção da Saúde, demonstra a revelação/visibilização, por e para os próprios camponeses, de ferramentas intelectuais, técnicas e sociais disponíveis. A disponibilização e, principalmente, neste momento analético inicial, a identificação/reconhecimento desta disponibilidade de recursos próprios, exerceu o

papel de “pré-estruturação” das crenças camponesas na possibilidade de mudança autônoma (baseado em um modelo de produção e de vida que valoriza e se utiliza de tais recursos) e de influência ativa (baseada em suas intenções) sobre seu contexto e sobre seus determinantes de saúde.

Nesse sentido, os instrumentos e métodos, baseados na metodologia social CaC, utilizados neste EPS, principalmente os que conformaram a Atividade 2 (Questionário de mapeamento de recursos agroecológicos e “entrevista aberta” sobre demais recursos locais), não apenas possibilitaram o registro e tabulação destes recursos (a serem utilizados no processo dialético seguinte ao recorte analético desta Pesquisa-Ação-Participativa) como também estimularam explanações aprofundadas dos camponeses sobre estes recursos. A partir, então, destas explanações captadas, transcritas e tratadas, pôde-se identificar conteúdos que revelaram e constituíram subcategorias consideradas, segundo os referenciais teóricos utilizados neste estudo, substancial e genuinamente camponesas, sendo estas ‘Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas’ (24 falas), ‘Rede comunitária’ (30 falas) e ‘Talentos artístico-culturais’ (seis falas) (Quadro 16 e Apêndice 2).

Essas “consistência e amplitude camponesas” do conteúdo das falas categorizadas como Capacidade de Manejo podem ser exemplificadas, inicialmente, pelos seguintes segmentos da subcategoria ‘Rede comunitária’. Tais segmentos caracterizam, respectivamente, a crença de que as camponesas e camponeses dispõem de organização e resistência coletiva em prol de necessidades da comunidade; de compartilhamento de trabalho produtivo; de rede de apoio social; de construção cultural cooperativa; de agente local (de fato comunitário) de saúde; e de compartilhamento horizontal de conhecimentos e técnicas entre camponeses:

> *O poço artesiano que atende a comunidade. Foi muita luta pra poder chegar aonde chegou. Às vezes tinha que fazer pressão, falar coisa, que não é da personalidade nossa, mas teve que falar. Tava com uns buracos abertos e a gente teve que falar, fazer essa pressão que não é do grau da gente pra eles poderem tomar uma atitude de trazer o encanamento.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

> *É essa disponibilidade aí, tem esse apoio. Por exemplo: às veiz cê precisa de um... A pessoa trabalha no período da tarde, cê precisou dele no período da manhã, ele vai lá te ajudar a fazer uma adubação, te ajudar ocê a arrumar uma cerca."*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Primeiro EPS.

> *Eu acho que o que tem de bom na comunidade aqui é a partilha. Que às vezes tem uma família que tá precisando de alguma coisa, aí o pessoal se junta, faz uma cesta, faz uma coisa e leva. Se tem algum doente, o pessoal vai lá, faz uma visita, vê que que tá precisando. Eu acho que a partilha na comunidade é boa.*
> Camponesa da Comunidade 4, participante do Primeiro EPS.

> *1 - Uma outra coisa que a gente faz também, a gente segue a tradição, a gente sai numa folia de reis, todo ano. E nessa folia de reis a gente sai visitando as casas e a gente arrecada dinheiro pra apoiar a igreja com as suas reformas.*
>
> *2 - Nessas casa que a gente vai, também tem as pessoas que produzem almoço. Depois, no dia certo, a gente faz um festa aqui, uma confraternização, todo mundo vem.*
> Camponesa e camponês da Comunidade 11, participantes do Primeiro EPS.

> *Uma pessoa da saúde é o J.* [ACS e morador camponês da comunidade]*. Porque o J. é uma pessoa bacana que visita todas as casas aqui, auxilia no que tá no alcance dele. Então pode considerar que a saúde é o J.. Ajuda muitas pessoas. Ele é o agente de saúde. O J. passa em todas as casas aqui. Ele toma café lá em casa todo mês. Eu, particularmente, não uso muito não* [os serviços da ESF]*, mas tem uns vizinhos aqui, um pessoal mais de idade, que não sai de casa, vem aqui* [na igreja, local de atendimento da ESF na Comunidade] *pra tomar vacinas, vem ao médico. Tem assistência, né?*
> Camponesa da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

> *Uma boa coisa é assim, vamos por: eu vou lá ou o outro vem aqui. O que ele tá jogando* [aplicando na plantação]*, às vezes, o nome daquele ramo* [planta usada no preparo de caldas para aplicar na plantação]*, cada um conhece de um jeito. Aí aquela pessoa leva o ramo que ele tá usando pra outra pessoa ver o que que é. A convivência ajuda a aprender coisas novas, boas."*
> Camponês da Comunidade 9, participante do Primeiro EPS.

Em seguida, analisando o conteúdo das falas dos camponeses que conformaram a subcategoria 'Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas' (Apêndice 2), podemos perceber um profundo e diverso saber geracional, autônomo, resolutivo e, em muitos casos, inovador do sujeito camponês. No entanto, em sua maioria, estas práticas e conhecimentos seguem sendo invisibilizados e desacreditados pelas mais variadas instituições, profissionais e formas de atuação científico-acadêmicas (como identificado nas falas da categoria Capacidade de

Compreensão), inclusive na área da saúde pública. Neste sentido, como exemplo, ao analisarmos a recém-lançada cartilha do ministério da Saúde intitulada 'O Agente Comunitário de Saúde na Prevenção das Intoxicações por Agrotóxicos'[105] podemos identificar o direcionamento da atuação do ACS no País para a transmissão, para trabalhadores do campo, de informações sobre o inviável paradigma industrial do "uso seguro"[50] de agrotóxicos, ao invés do direcionamento/capacitação destes profissionais de saúde para a identificação, valorização e busca de formas de organização e disseminação de recursos locais que viabilizem a redução e a superação da dependência em relação aos agroquímicos e a outros produtos químicos industriais (como os medicamentos). As falas apresentadas a seguir demonstram alguns destes recursos camponeses, disponíveis nas comunidades rurais de Lavras, desprezados pela institucionalidade "moderna"/colonial (preventivista-cientificista-economicista):

> *Na minha horta, também, eu planto muito mostarda. A mostarda ela puxa o pior pra ela. Vai comendo ela* [referindo-se aos insetos]*, ela é preferencial na horta. Isso também é uma ideia legal.*
> Camponesa da Comunidade 6, participante do Primeiro EPS.

> *Ô Pedro, você tá falando da crotalária* [planta utilizada como adubo verde]*. Eu não tenho a semente por aqui mais. Mas aqui nóis já plantou muito. Aquilo pra produzir café é uma beleza.*
> Camponês da Comunidade 9, participante do Primeiro EPS.

> *Uma forma de associação: o mamão mesmo tamos plantando no meio das bananas, porque o mamão não pode com vento, e lá no meio das bananas as bananas protegem do vento.*
> Camponês da Comunidade 10, participante do Primeiro EPS.

> *Eu tenho um arado* [de tração animal] *também. Sei usar, meu pai usava. Eu até ajudava meu pai na época. Até ajuda o animal* [arar a terra]*, animal parado não dá não!*
> Camponesa da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

> *Pó de café com terra de formigueiro, faz uma garrafada... Pó de café e a terra do formigueiro! Porque a formiga, como diz, ela vem lá de baixo pra cima, né, então aquela terra ela sai mais pura não tem tanto coisa que tem aqui em cima. Então aquela terra do formigueiro com pó de café faz uma garrafada mistura e obriga a vaca a comer* [referindo-se à produção própria e utilização de remédio natural usado para gado].
> Camponesa da Comunidade 15, participante do Primeiro EPS.

> *Eu sei como é que é* [técnica de compostagem]*. Porque lá eu faço com palha de café e esterco pra jogar no café. Deixa um tempo fermentar pra depois jogar.*
> Camponês da Comunidade 16, participante do Primeiro EPS.

> *Lá em casa a gente usa a unha de fedegulho* [planta medicinal] *pra cura de bezerro. É eficiente, melhor que remédio* [medicamento industrializado para uso animal]*. Intoxicação, quando tá muito forte, esses Mercepton* [medicamento para eliminação de toxinas do organismo do gado]*, esses remédios não resolve.*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Primeiro EPS.

> *Na minha época, que eu era criança, jovem ainda, não tinha esses problemas aí. Sabe por que que problema não tinha? Não era banho* [aplicação de agrotóxicos]*, não era nada. Era a benzeção. Pergunta pra ele se eu tô falando mentira. Até pra procurar vaca a benzeção resolve.*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Primeiro EPS.

> *As plantas* [medicinais] *aí, tem umas pessoas que sabem alguma coisa. Todo mundo sabe um pouquinho, né? Um receita pro outro, toma isso que é bom pra aquilo... Então você vai aprendendo aos poucos, um pouquinho todos sabem.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Primeiro EPS.

> *1 - Aquele picão que pega na roupa de gente é um remedião. A gente usa tomar. Losna...*
>
> *2 - Eu gosto de erva cidreira, folha de maracujá e a foinha de laranja. É um carmante, ó!*
>
> *3 - Eu tenho lá, o vizinho lá tem também... Marmelinho é um remedião pra fígado. E o chapéu de couro também, que eles fala que dá assim no brejo, é bão.*
> Camponesa e camponeses da Comunidade 7, participantes do Primeiro EPS.

Neste mesmo sentido de "existência menosprezada" de recursos locais a serem considerados e utilizados por e em prol das comunidades rurais em um processo contínuo de Promoção da Saúde e de libertação camponesa, este Primeiro EPS, em seu momento de "entrevista aberta" sobre recursos gerais das comunidades, estimulou (criando as condições de possibilidade) a expressão de falas sobre talentos artístico-culturais disponíveis nas comunidades. Assim, em cinco comunidades (Apêndice 2) foram reveladas tanto uma ampla gama de formas de expressão artística presentes entre os camponeses e camponesas, quanto a falta de reconhecimento e apoio para que a arte camponesa seja reproduzida, valorizada e utilizada em benefício das próprias comunidades (e, em consequência, de todo o município):

> *A N. gosta de artesanato, tem oito anos. Ela pega as cabacinha, essas cabacinha que a gente pranta... Aí corta, serra, e desenha. Pinta elas tudo, desenha. Ela faz umas coisa lá que eu fiquei impressionado com ela. Ela tem esse dom pra fazer. Ela faz uns desenho a coisa mais linda! Ela fez uma Nossa Senhora, ela fez uma casinha...*
> Camponês da Comunidade 4, participante do Primeiro EPS.

> *Eu canto na igreja, a filha dele também. Canto outras coisa também. Mas o meu lado é mais as músicas sertanejas e algumas músicas antigas. Toco violão e um pouco de viola. As menina dele* [aponta para outro participante do EPS] *canta e toca também!*
> Camponês da Comunidade 8, participante do Primeiro EPS.

> *Nóis memo, tipo assim, faz crochê... Mas fica só em casa. A gente pinta, mas cada um... Faz bolo, faz bordado. Também tem gente que eu conheço que faz pintura de tela. A gente faz bloco de cimento, sabe também fazer adobe.*
> Camponês da Comunidade 12, participante do Primeiro EPS.

> *"O J., um* [adolescente] *que mora ali, fez uns desenhos na escola ali* [referindo-se à pintura artística de paredes da escola da Comunidade]. *Ele desenha bem pra caramba*
> Camponês da Comunidade 14, participante do Primeiro EPS.

> *Tem pessoas que sabe trabalhar aqui... Inclusive tem até uma novata que ela tá fazendo queijo temperado. Ela tá começando nesse início. Ela tá nessa área. Aqui tem cozinheiras também que é o seguinte: se tiver algum empreendimento, elas têm talento. Mas hoje elas têm que trabalhar em restaurante* [como funcionárias] *e tal."*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Primeiro EPS.

> *1 - Tem bordadeira, tem uns que faz uns queijo bom ai também. A esposa dele faz crochê, a C. também faz. Minha mãe faz também. E cozinha aqui é quase todo mundo. E tem a fotógrafa!.*
>
> *2 - Falta um estímulo pra unir tudo isso, né? Existem várias* [iniciativas culturais] *de certa forma individual, pra própria família. Igual às vezes, tem uma pessoa que cozinha bem ou alguém que borda... Mas é uma coisa mais individual, isso não é compartilhado. A gente não usa disso pro bem comum da comunidade.*
> Camponesa e camponês da Comunidade 14, participantes do Primeiro EPS.

Essas identificações participativas (com e nas comunidades rurais) juntamente com o panorama interpretativo apresentado até aqui das falas que representam os Capacidades de Compreensão (cognitivos) e de Manejo (comportamentais) de camponeses de Lavras nos permitem, desde este Primeiro EPS, afirmar a coerência e factibilidade de uma estrutura metodológica baseada no

paradigma da Salutogênese para operacionalizar os direcionamentos apresentados pela Política Nacional de Promoção da Saúde (PNaPS)[106]:

> No âmbito da atenção e do cuidado em saúde, a integralidade na promoção da saúde passa a ser uma estratégia de produção de saúde que respeita as especificidades e potencialidades na construção de projetos terapêuticos, de vida e na organização do trabalho em saúde, por meio da escuta qualificada dos trabalhadores e dos usuários, de modo a deslocar a atenção da perspectiva estrita do adoecimento para o acolhimento de suas histórias e condições de vida.
> Assim, a promoção da saúde deve considerar a autonomia e a singularidade dos sujeitos, das coletividades e dos territórios, pois as formas como eles elegem seus modos de viver, como organizam suas escolhas e como criam possibilidades de satisfazer suas necessidades dependem não apenas da vontade ou liberdade individual e comunitária, mas estão condicionadas e determinadas pelos contextos social, econômico, político e cultural em que eles vivem.

No entanto, segundo o paradigma da Salutogênese[13-15], a identificação/reconhecimento dessas especificidades e potencialidades (contextos e recursos locais) tendem a contribuir pouco, e até a regredir ao nível da invisibilidade, caso seja baixa a identificação da motivação individual e/ou comunitária (Capacidade de Significação) para atuar sobre seu contexto, ou seja, em favor do fortalecimento de seu modo de vida, da organização de suas escolhas e da criação de possiblidades que permitam a satisfação de suas necessidades[106]. Assim, uma estrutura metodológica que busque de fato o desenvolvimento de um processo social de Promoção da Saúde de populações que, perceptível e previsivelmente, vivem um contexto de exploração e dominação externa e de submissão e invisibilização de seus recursos singulares e autônomos, precisa não apenas buscar esta identificação das capacidades motivacionais existentes (ou não) nos indivíduos e suas comunidades, mas também prever e desenvolver formas metódicas de fomentar tais capacidades.

Sendo assim, e em oposição ao modo como a Salutogênese vem sendo maiormente aplicada e desenvolvida, por diversos autores e em diversos contextos, desde a morte de seu propositor e precursor[74,75], a identificação de apenas uma fala com conteúdo motivacional (ainda que profunda e totalmente coerente com todo o referencial metodológico deste estudo, em especial com a metodologia CaC) entre as 106 falas codificadas neste Primeiro EPS (Quadro 16) foi interpretada como uma

consequência natural do processo histórico de descredibilização do modo de vida, de produção e dos saberes dos camponeses de Lavras.

> *Agora o que eu vejo nisso tudo, também, é que nós que estamos aqui* [no Primeiro EPS na Comunidade]*, nós é que vai mudar as outras pessoas. Se a gente abraçar mesmo essa causa* [referindo-se à transição agroecológica] *e ver que vai dar certo, aí aquelas outras pessoas* [referindo-se aos camponeses que até o momento estão descrentes e/ou desinteressados] *vai falar também: 'opa, aquele negócio tá funcionando'. Aí elas vai sentir que o negócio funciona realmente e pode vim pro lado de cá, né verdade? Porque se a gente desanimar, aí cabô... estourou a boiada.*
> Camponês da Comunidade 5, participante do Primeiro EPS.

Dessa forma, essa única fala, de um único camponês, de uma única comunidade não nos revelou que os camponeses de Lavras estavam "fadados" a seguirem sendo dominados pelos modos operacionais colonizantes da Revolução Verde capitalista. Apesar do soterramento de suas motivações causado por seu contexto histórico desfavorável e pela, até então, invisibilidade valorativa e reflexiva (inclusive para os próprios camponeses) de seus recursos, essa fala, carregada de um amplo e complexo conteúdo motivacional, nos fez concluir, na práxis, que o caminho metodológico proposto para esta Pesquisa-Ação-Participativa, envolvendo momentos de potencialização dos componentes salutogênicos, nos permitiria, de fato, a construção coletiva das bases sociais camponesas necessárias para uma mudança contextual agroecológico-sanitária autônoma.

5.2.2 Segundo Encontro de Promoção da Saúde

Tanto o desenvolvimento do Primeiro MPSOC – por meio da visita de troca de experiências de representantes camponeses de comunidades rurais de Lavras a uma propriedade familiar agroecológica – quanto a própria visibilização inicial de fatores determinantes do contexto local e de recursos disponíveis – promovida por meio da realização do Primeiro EPS nas 17 comunidades que integraram o estudo nesta Fase I – desempenharam importantes repercussões neste Segundo EPS. Tais repercussões, somadas aos próprios desenvolvimentos metodológicos das Atividades 4 e 5 deste

Segundo EPS, permitiram a expressão, captação e interpretação de falas do sujeito camponês que indicaram uma significativa progressão do processo social de autorreconhecimento positivo (analético-salutogênico) em prol da promoção da saúde e da transição agroecológica camponesas.

Nesse sentido, é com relação às mudanças na forma de entendimento de seu próprio contexto, representadas pelas falas dos camponeses (seus conteúdos e números) categorizadas como Capacidade de Compreensão (Apêndice 2 e Quadro 16), que podemos inferir as principais progressões desenvolvidas até este ponto da Pesquisa-Ação-Participativa. Assim, voltando nosso olhar para os números referentes a esta progressão cognitiva, podemos perceber, inicialmente, que em todas as 17 comunidades foram expressas falas que demonstram algum tipo de entendimento contextual pelos camponeses participantes do Segundo EPS (Quadro 16). Além disto, podemos perceber um salto de crescimento numérico da categoria Capacidade de Compreensão quando comparamos suas 93 falas neste Segundo EPS com as 45 do Primeiro EPS (Quadro 16). Este crescimento pode ser imputado às condições de possibilidade promovidas pela sequência processual da Fase I (Primeiro EPS-Primeiro MPSOC-Segundo EPS), que permitiram aos camponeses das 17 comunidades uma mais ampla apreensão dos determinantes atuais e dos possíveis “novos” e favoráveis determinantes de seu contexto.

E foi, também, este processo de despertar e fortalecimento dos componentes salutogênicos dos camponeses promovido pelas atividades e instrumentos (baseados na metodologia CaC) da Fase I que permitiu uma progressão não apenas numérica, mas também de um conteúdo estruturado sobre novas bases positivas de compreensão. Assim, uma vez mais comparando a sistematização das falas com conteúdo cognitivo dos Primeiro e Segundo EPS, podemos perceber que a subcategoria responsável pelo salto de crescimento das falas da categoria Capacidade de Compreensão neste Segundo EPS foi ‘Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio’ (Quadro 16). Esta subcategoria “positiva”, que agregou uma quantidade de falas (51) superior ao total de falas da categoria Capacidade de Compreensão do Primeiro EPS, demonstra claramente, também por seu conteúdo, o potencial destas atividades e instrumentos – que buscaram tanto a

visibilização de recursos das comunidades quanto a apresentação e a troca de experiências sobre outros contextos possíveis – para o “desentrave social” práxico de um entendimento “negativo” e “inacessível” de seu próprio contexto para um entendimento mais “positivo” e “autogenrenciável” deste mesmo contexto. As falas abaixo exemplificam a práxis deste desentrave, por meio de seus conteúdos reflexivos sobre o desenvolvimento de novas percepções dos camponeses a respeito da agroecologia e sobre suas convicções na possibilidade de desenvolverem uma nova prática e vida agroecológica em favor de seus modos camponeses de produção, economia, saúde, cultura, relação com o meio ambiente, etc.:

> *Olha eu, sinceramente, vendo assim na televisão, eu não acreditava não* [nas possibilidades da agroecologia e na viabilidade da produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos]. *Mas chegando lá* [na propriedade da família camponesa agroecológica de Claraval] *eu vi que tudo é possível. Pincipalmente a lavoura de café. A lavoura nossa aqui com veneno não tá mais bonita que a deles. Eu que uso agrotóxico lá num pedacinho* [de área cultivada com café] *que eu tenho lá em casa gasto bastante dinheiro com agrotóxicos e a minha lavoura tem mais ferrugem* [tipo de doença causa por fungo nas folhas do café] *que a deles que não usa. Então é possível!*
> Camponês da Comunidade 1, participante do Segundo EPS.

> *Quem num foi lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *num acredita. Só veno pra acreditar. Que eu vô te falar a verdade: é um espetáculo, né? Então, assim, eu achei incrível, né? Porque a organização deles* [da família visitada e das demais famílias do município de Claraval que fizeram, apoiando-se mutuamente, o processo de transição agroecológica] *foi demais da conta. E é possível sim* [o modelo de produção agroecológico]*, e tudo bonito.*
> Camponesa da Comunidade 13, participante do Segundo EPS.

> *Pra mim é um exemplo de vida. Tem três aspectos que a gente observou* ali [na propriedade camponesa agroecológica visitada em Claraval]: p*rimeiro foi a persistência. Eles têm muita fé em Deus, são muito trabalhadores, né? E que, assim, o produto deles é um produto de valor agregado, aí você não precisa de uma área tão grande procê ter uma renda boa. E pra quem tava doente, devendo e com problemas, eles saíram* [referindo-se à superação da situação de adoecimento e dívidas em que vivia a família visitada em Claraval antes da mudança para o modelo agroecológico]*... Agora, o que chamou mais a atenção foi a harmonia lá do ambiente. Cê vê que parece que a natureza tá em paz. Aquelas sombras, parece que tudo foi pensado. Se a gente for analisar mesmo é um pedacinho do céu ali. Ali tem de tudo e tudo em harmonia. Eu achei que é um lugar que passa uma tranquilidade, uma paz, nós se sente bem no lugar. E quem quiser pode* [fazer a transição agroecológica]. *Tem que acreditar, né? Acreditar e começar.*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.

> *A saúde deles* [da família camponesa visitada em Claraval]*! Eles falaram lá que tinha uma tosse, que nada controlava aquilo, de tanto que eles usavam agrotóxico, né? Na primeira casa que eles tinham, que era uma casinha meio ruim, guardava os agrotóxicos dentro de casa. Os adubos* [químicos]*, aqueles produtos que é tudo muito caro, né? Então, fazia aquilo pra vigiar. E aquilo fazia mal e o manuseio também, de trabalhar lá fora na plantação. E hoje não, hoje eles não tomam remédio nenhum. A saúde é boa, né, e eles vivem uma vida completamente diferente, que é a família na agricultura, a família toda trabalha lá. Todos eles conseguem sobreviver daquela terra deles. Ah, é uma coisa muito interessante que com certeza é possível acontecer* [nas propriedades camponesas de Lavras]*. Tem é que ampliar, né, abrir a mente das pessoas e mostrar pra pessoas. Elas precisam ver isso, que é realmente possível.*
> Camponesa da Comunidade 15, participante do Segundo EPS.

> *1 - O L.* [camponês da propriedade visitada em Claraval] *falou lá, também a esposa dele né: 'o café que eu vendia o dinheiro ia tudo pra poder pagar as despesas de veneno. Agora hoje vem dinheiro limpinho pro meu bolso, que eu não gasto nem um centavo com despesa de veneno'.*
>
> *2 - É... Eu já gastei de 3000 a 3500* [reais] *no café com esses produtos. Então aqui na comunidade é até bom ter uma lavoura orgânica que serve de exemplo pros outros, né?*
> Camponeses da Comunidade 9, participante do Segundo EPS.

> *E uma coisa que eu entendi também é que depois que ele* [camponês agroecológico visitado em Claraval] *passou a trabalhar sem agrotóxico, praticamente em dois anos ele fez aquela casa. Em pouco prazo. O que acontece, um ano pro outro passa em um piscar dos olhos. É muito pouco tempo para ter o que eles* [família camponesa visitada em de Claraval] *têm hoje. Então, uma coisa que tá faltando é isso: a gente fazer mais visitas pra ver o que o outro faz pra gente aprender.*
> Camponês da Comunidade 10, participante do Segundo EPS.

> *Dá uma visão melhor de tudo que dá pra melhorar* [referindo-se ao Repertório de Recursos da Comunidade, apresentado pelo pesquisador]. *De tudo que a gente já melhorou. Engraçado que eu tô vendo* ali [apontando para a cartolina do Repertório de Recursos]*, principalmente, essa questão de plantinhas repelentes... Parece que ninguém faz nada do tipo aqui, né? É igual ali ó: 'uso de repelentes e inseticidas no rebanho', ninguém! Ninguém usa nada natural nos rebanhos. Armadilha de insetos também, ninguém.*
> Camponesa da Comunidade 14, participante do Segundo EPS.

Seguindo a comparação entre as falas (e seus significados) subcategorizadas na categoria Capacidade de Compreensão, podemos perceber outro aspecto cognitivo que seguiu "rumos positivos" a partir do desenvolvimento processual do Primeiro EPS, do Primeiro MPSOC e do Segundo EPS. Analisando a sistematização apresentada pelo Quadro 16 juntamente com o conteúdo das falas das subcategorias

‘Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel’ e ‘Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas’ (Apêndice 2), podemos perceber que não houve uma redução “pura e simples” do número de falas sobre a atuação desfavorável das instituições públicas de 26 no Primeiro EPS para 11 no Segundo, mas sim uma “manutenção bruta” e uma “divisão quase exata” destas falas entre uma subcategoria negativa/desfavorável (11 falas) e uma subcategoria positiva/com possibilidades de mudança favorável (12 falas). Traduzindo, se somarmos as 11 falas da subcategoria ‘Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel’ com as 12 falas da subcategoria ‘Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas’, teremos um total de 23 falas proferidas no Segundo EPS com conteúdo sobre o papel das instituições públicas na constituição do contexto dos camponeses de Lavras. Entende-se, aqui, então, que houve uma pequena redução bruta (ou “quase manutenção”) de 26 para 23 falas com este conteúdo entre o Primeiro e o Segundo EPS. Tal “quase manutenção” apresenta, segundo esta significação, tanto uma óbvia redução proporcional da “importância” das instituições públicas frente ao total de falas com sentido cognitivo (26 falas em 45 categorizadas como Capacidade de Compreensão no Primeiro EPS – 57,8% – frente a 23 falas em 93 categorizadas como Capacidade de Compreensão no Segundo EPS – 24,7%), quanto uma importante ressignificação de seu conteúdo a partir, principalmente, do conhecimento e discussão de outras formas e possibilidades de atuação destas instituições em favor dos camponeses e de seu contexto.

Nesse sentido, podemos inferir que o contato presencial e a troca de experiências dos camponeses, entre outros (Apêndice 2), com o técnico agroecológico da Emater e a funcionária da prefeitura de Claraval responsável pelo PNAE no município – durante o desenvolvimento das atividades do Primeiro MPSOC – e também com o Coordenador Regional da Emater do município de Sete Lagoas – presente no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras, evento promovido pelos Núcleos de Agroecologia da UFLA e a Emater Regional de Lavras (em 20/07/2017), que contou com a presença de alguns camponeses participantes desta Pesquisa-Ação-Participativa – forneceram

subsídios e bases de comparação tanto para uma postura crítica ainda mais ampliada em relação a atuação desfavorável de instituições públicas de Lavras (exemplificado pelas primeiras quatro falas da sequência abaixo), quanto para o entendimento da possibilidade de existência de formas mais favoráveis de atuação destas instituições (exemplificado pelas quatro últimas falas da sequência abaixo).

> *1 - De ESAL passou pra UFLA* [referindo-se aos anos de existência da Universidade em Lavras] *e ficou* [apenas voltada para a produção com agrotóxicos]... *Agora tá abrindo* [para a Agroecologia]. *E por quê? Num sei se tô certo ou tô errado mas vou te falar o porquê: sexta feira* [dia de feira] *lá no mercado municipal tem uma sala lá que sempre tem uma turma apresentando trabalho. Cada dia é uma coisa. Sexta feira foi um pessoal lá da UFLA, um deles até fazendo doutorado. Eles tavam fazendo trabalho de fungos* [para controle biológico de pragas] *lá. Até eu tive lá visitando. E ele falou pra mim, sabe, que agora a Universidade já tá interessando em fazer esse trabalho e estudar isso* [controle de pragas alternativos ao uso de agrotóxicos]. *Por quê? Pra vender. Já tem firma querendo trocar* [o foco dos produtos que produz e comercializa]: *em vez docê levar o Bagiston* [referindo-se ao agrotóxico fungicida e inseticida chamado Baysiston] *pro café cê leva o fungo. Já tão criando uns galão. Então, por quê será que a UFLA está se abrindo para a Agroecologia agora, né?!*
>
> *2 - A Monsanto já vende esses bichinho, vende os fungo... Eu já comprei dum rapaz aqui, pra broca de milho. Num é muito barato não. Aí vem as cartelinha assim, aí cê vai lá no mei da roça, rasga ali, abre e sai aqueles piolhinho assim.*
> Camponês da Comunidade 2 e camponesa da Comunidade 13, participantes do Segundo EPS.
>
> *Até a questão de quem produz queijo* [beneficiamento do leite nas propriedades camponesas para venda de queijo artesanal]*, por exemplo, realmente tem que seguir um monte de coisa* [normas sanitárias] *pra não ter doença. Precisa. Mas criaram tantas formas pra dificultar que quanta gente hoje você conhece que deixou de fazer queijo?* [Vigilância Sanitária] *Proíbe, fecha e multa, por exemplo, quem fabricava. Podia dar curso, então, de como produzir, né?*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.
>
> *Você viu que eu pus lá no grupo* [grupo do aplicativo Whatsapp® formado pelos participantes, das 17 comunidades, das atividades do Primeiro EPS]. *Suco da graviola. Eu pus aquilo lá só pra vocês terem um exemplo. Por que eles* [referindo-se ao sistema de saúde, de um modo geral] *não investem num trem daquele? A folha da graviola cura câncer. Mas porque eles não investem nisso? Porque a indústria* [farmacêutica] *vende remédio pra ficar tratando, não pra curar, ué. A farmácia ganha, quem faz o remédio ganha, o médico ganha e por aí vai. E a graviola fica...*
> Camponês da Comunidade 15, participante do Segundo EPS.

1 - Até na parte de aposentadoria, pra você ver... Um produtor rural que assina a carteira pra mais de dois funcionários, na hora dele aposentar ele não tem direito ao apoio rural. O produtor rural que trabalha com retiro de leite, ele depende de funcionário e ele não pode usar o beneficio do produtor rural. Olha que absurdo! Se em algum momento a gente quer contratar alguém aqui, a gente já para e pensa: 'será que eu vou perder o beneficio de produtor rural?'. O Seu A. ali mesmo [falando de um vizinho da Comunidade que não estava presente no EPS] *tá passando esse aperto. Ele já assinou carteira pra alguém ajudar ele no leite e hoje ele não tá conseguindo aposentar como produtor rural.*

2 - Como lá era só ele [o Seu A., citado pelo camponês na última fala, não tinha filhos na época, trabalhava sozinho tirando leite]*, lá ele precisava de alguém.*

3 - Porque a partir do momento que você é empregador rural, você se enquadra a um outro perfil.

1 - É... como se virasse um latifundiário! E se a fiscalização chegar, aí não adianta nada. Nós dois é irmão [aponta para outro participante do EPS]*. Não adianta eu chegar: 'ah, tô aqui ajudando meu irmão'... Eles* [fiscalização] *não tão nem aí! Eles vão pegar seu nome pra em 30 dias você apresentar a carteira assinada dele."*
Camponeses e camponesa da Comunidade 14, participantes do Segundo EPS.

E outro ponto também que eu achei interessante: cê viu que tinha uma moça lá da prefeitura [funcionária responsável pela compra dos alimentos dos camponeses para a alimentação escolar no município de Claraval], *né? E cê viu que a prefeitura dá o maior apoio pra eles também? A prefeitura dá o maior apoio pra eles e até compra as alface* [para a merenda escola]*. Agora, aqui* [em Lavras] *outro dia nós fomo numa reunião lá no Mercado* [Mercado Público Municipal]*... Aí a representante da Secretaria da Agricultura já tava lá com o X.* [técnico da Emater local]. *Aí ele disse: 'cê quer produzir alface pra vender pras creche? Cê quer produzir alface?' Aí eu só virei pra ele e falei: 'num é simples assim não. Cê quer produzir alface!?... Num é simples assim não, tem que ter uma organização'. Então, eu achei interessante é isso, a força de vontade deles* [camponeses agroecológicos de Claraval]. *Acreditaram, se organizaram e a ajuda que eles tão tendo também, apoio né, dos poder* [instituições públicas de Claraval].
Camponês da Comunidade 2, participante do Segundo EPS.

Porque eu vou te falar a verdade... Esse E. [técnico da Emater de Claraval] *aí é um espetáculo.* Ele e aquele T. [coordenador regional da Emater de Sete Lagoas, presente no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras]*, que veio na UFLA, são duas pessoa... Se chegasse um dos dois aqui em Lavras aqui mudava da água pro vinho.*
Camponês da Comunidade 2, participante do Segundo EPS.

Assim, uma coisa diferencial lá [propriedade da família camponesa visitada em Claraval]*, é que o pessoal da prefeitura dá prioridade pro produto orgânico. Aqui primeiro tem que ter o produto pra depois correr atrás da prefeitura. É... A gente tem que dar o primeiro passo, né? Não adianta esperam que eles* [instituições públicas] *vão trazer pronto, não vai! Se agente não começar, não vai.*
Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.

> *Foi bom de mais, né* [a visita à propriedade da família camponesa em Claraval]*! A gente acha que não pode* [produzir sem agrotóxicos]*, né? Mas claro que pode. Existe, né, isso daí* [modo de produção agroecológico reconhecido em Claraval] *deu certo. Mas uma coisa lá, que eu notei muito lá, né, foi esse cara, esse E.* [Técnico da Emater de Claraval]. *Infelizmente pra nós aqui isso não existe, não existe um cara do porte dele, da inteligência dele. E a Emater aqui eu nem sei quando foi a ultima vez que... Não conheço nenhum agrônomo da Emater aqui que presta um serviço igual o dele... eu mesmo não conheço.*
> Camponês da Comunidade 11, participante do Segundo EPS.

É importante ressaltar, todavia, que algumas das falas subcategorizadas como 'Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas' refletiram claramente o contexto de dependência/dominação técnica externa construída ininterruptamente desde os primeiros passos da Revolução Verde no País[43,46].

> *E às veiz o que a gente toca de cobrança nesse povo* [instituições públicas] *num é totalmente que a gente quer que eles vêm* nas propriedades*. É porque, às veiz... É igual eu tô te falando, a gente precisa de uma ajuda técnica pra fazer uma análise* [de solo, foliar, etc.]. *Porque num é só usando compostagem ou o bokashi* [técnica de compostagem aprendida pelo camponês no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras] *ou num sei mais o que mais que foi falado lá* [no 1° Encontro de Agroecologia] *que cê vai resolver* [os problemas do solo] *não. Cuidado com o pH do solo, que se ocê num controlar o pH do solo, se ocê descontrolar, depois é um Deus nos acuda procê controlar. Então a gente tem que ter uma pessoa conhecida que nem o E.* [técnico da Emater de Claraval]. *Ele pegava as folha* [de café, durante a visita à propriedade agroecológica em Claraval] *e falava: 'precisa disso, disso e o L.* [camponês da propriedade visitada em Claraval] *corria atrás, entendeu? É isso! Num é que a gente quer que eles vêm, a gente precisa é desse conhecimento, que a gente num tem essa formação. É essa a diferença.*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Segundo EPS.

> *1 - É verdade, né, a gente viu lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval]. *A gente vai precisar de ajuda* [referindo-se ao papel do técnico da Emater de Claraval no processo de transição agroecológica da família visitada]*, no caso, pra começar. É tentar! E vamos ver o que que dá... Acho que consegue sim."*
>
> *2 - Esse é o maior problema: se tiver uma ajuda, aí funciona. Igual você prometeu e até hoje você vem cumprindo* [referindo-se ao pesquisador e a sequência dos trabalhos realizados desde os trabalhos de campo do mestrado até o EPS desde momento]*. Porque, às vezes, a pessoa fala: 'vamos largar de veneno, joga tudo isso fora'. Mas se não tiver um acompanhamento* [técnico, externo à Comunidade]*, aí lá na frente dá errado.*
> Camponesa e camponês da Comunidade 5, participantes do Segundo EPS.

> *Então, mas o que acontece aqui é outro caso. A gente tá acostumado com agrônomo aqui, mas todo agrônomo que vem aqui é esses cara de loja, financiado. Então tem até um cara que vem e mostra e vende. E lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *se o E.* [Técnico da Emater de Claraval que trabalha com agroecologia e processo participativos de transição agroecológica] *fala eles têm uma segurança nele lá. Uma firmeza... é uma confiança, né? E é isso que a gente fica buscando, né? Igual, os caras* [vendedores de produtos agroquímicos] *que eu compro aqui, né? Eles falam: 'tem que fazer isso, isso, isso.' E eu faço.*
> Camponês da Comunidade 11, participante do Segundo EPS.

Assim, essas falas apontaram um condicionamento das possibilidades da transição agroecológica, em partes ou totalmente, à participação direta e determinista de técnicos agrícolas externos (neste caso, que atuariam em prol da agroecologia). Segundo Martínez-Torres e Rosset[107], tal condicionamento, introjetado historicamente na prática e na percepção camponesa, é socialmente ineficiente e ineficaz para processos camponeses de transição agroecológica, uma vez que

> los métodos en donde los extensionistas o agrónomos son los principales sujetos activos y los productores son los actores pasivos están, en el mejor de los casos, limitado al número de familias campesinas que un técnico puede atender, porque no hay, o existe poca dinámica auto-catalizada entre los propios campesinos para llevar los cambios de forma duradera[107].

Como veremos mais adiante, entretanto, estes conteúdos que indicam tal dependência e condicionamento se diluíram à medida que os MPSOC e EPS da Fase II possibilitaram o desenvolvimento das motivações dos camponeses para atuarem sobre seu contexto utilizando seus próprios recursos (Capacidade de Significação), construindo/preparando, assim, as bases sociais práticas e subjetivas para uma transição agroecológica (posterior ao recorte deste estudo) autônoma e fundamentada em seus próprios direcionamentos e conhecimentos.

Por fim, mesmo com os "novos" entendimentos contextuais sobre as possibilidades de construção de um modelo de produção agroecológico e de tensionamento por uma existência e atuação mais favorável de instituições públicas, os camponeses não deixaram de expressar a profundidade de sua compreensão a respeito dos impactos em seus contextos causados pelas 'Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio' e pelo 'Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês'. Desta forma, as falas destas

subcategorias, apresentadas abaixo, apontam a convicção – revelada por meio de relatos sobre experiências vivenciadas pelos camponeses com atores da invasão e dominação contínuas do modelo do agronegócio em suas comunidades – de que, mesmo entendendo e passando a buscar mudanças positivas em seus modos de produção e nas instituições que influem na determinação de seu contexto, a forma de atuação destes atores continuará pressionando os camponeses para um modo de vida e produção desfavoráveis e para um distanciamento de suas tradições e autonomia.

> *É tipo a doença mesmo, a pessoa vai ficando doente de ficar tomando um medicamento, com o tempo o médico vai trocar seu medicamento, né? E o que acontece, que querendo ou não, você toma um medicamento pra melhorar uma coisa e atrapalha a outra. E é a mesma coisa a planta, né? Eu acho que de tanto usar* [agrotóxicos]*, acaba que você não consegue produzir mais nada. E o pior é que se você pegar o frasco lá* [dos agrotóxicos] *o principio ativo às vezes é o mesmo do outro, e não mudou nada, só muda a embalagem. Ele* [indústria/vendedor de agrotóxicos] *te engana ali e pronto!*
> Camponês da Comunidade 1, participante do Segundo EPS.

> *Pois é, aí eles* [referindo-se à vendedores de produtos agroquímicos e demais beneficiados pelo modelo do agronegócio na região] *vão chegar... A hora que tiver os grupo organizado* [referindo-se à organização agroecológica entre os camponeses das comunidades rurais de Lavras], igual tá essa família lá [visitada em Claraval]*... Lá num é só a família porque aquela de azul lá* [referindo-se à uma camponesa agroecológica de outra propriedade de Claraval que estava participando da organização da visita]*, que tava lá. Cê viu que ela também é uma produtora? Então, a hora que essas firma grande chegar, se o grupo* [de camponeses agroecológicos] *num pegar firme, não souber analisar, eles vão contaminar o grupo. E é um perigo destruir, entendeu? Tem que ter força! Igualzinho lá* [em Claraval]*, tem que ter força! Tem que ter persistência! Porque os cara vão chegar: 'cê pode jogar lá no seu café, é produto bão...'. Num pode! Por quê? Nóis num lutou pra fazer esse plano até aqui* [referindo-se às atividades de trabalho desenvolvidas desde o Primeiro EPS]*? Agora eles vão vim, eles vão querer aproveitar: 'ah, lá na região de Lavras as comunidades lá tudo tá usando* [técnicas e produtos agroecológicos]*. Vai lá ó, manda o vendedor pra lá* [referindo-se à provável mudança de foco dos vendedores para passar a vender produtos orgânicos industrializados]*'. Cê escreve o que eu tô te falano, que vai acontecer com todas essas famílias. Então, tem que ter, ó, firmeza!*
> Camponês da Comunidade 2, participante do Segundo EPS.

> *Os laticínios* [grandes empresas da região produtoras de leite embalado e derivados do leite] *é os primeiros... Porque se eles fechar as pequenas queijarias* [produção de queijo artesanal nas propriedades dos camponeses] *tem mais oportunidade pra eles. Que daí, o leite que você* [referindo-se aos camponeses que criam gado leiteiro] *ia usar pro queijo cê vende pra eles mais barato.*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.

> *Eles plantam a soja pertinho aqui. Eles jogam aquele negócio* [agrotóxicos] *de avião. Sem contar o trator* [referindo-se à "deriva técnica" dos agrotóxicos aplicados por meio de avião e trator nas grandes propriedade vizinhas para as propriedades camponesas]*, né?*
> Camponesa da Comunidade 4, participante do Segundo EPS.

> *Eu tive lá na UFLA em evento da Bayer, dona de agrotóxico, servindo café da manhã, almoço e café da tarde* [morador da Comunidade que trabalha como garçom referindo-se a evento da Bayer, em que ele trabalhou, que aconteceu na UFLA]. *Aí mostrou lá um campo, do tamanho desse quintal aqui, com milho, soja, feijão. Aí nasce aquelas espigas de milho desse tamanho assim, dessa grossura* [gestos de espiga grande]*, cheia de milho. Mas aquele milho ali não pode ser usado* [pra consumo] *de imediato. Por que? É experimento, né, veneno violento. Eu participei disso o dia inteirinho, participando das palestras* [trabalhando como garçom]*. Olha, então, pra você ver do que a gente se alimenta hoje, né?*
> Camponês da Comunidade 9, participante do Segundo EPS.

> *Eu penso que nessa assim, de lembrar quando era mais novo, moleque, né, na casa da mãe, por exemplo, a gente plantava uma hortaliça lá no quintal e eu nunca vi um veneno. Era só esterco e água, não tinha mais nada, e tinha verdura pro ano inteiro. Agora hoje o pessoal tá usando tudo que é... Na verdura, tudo que você come hoje tem* [agrotóxicos].
> Camponês da Comunidade 1, participante do Segundo EPS.

Já com relação à categoria Capacidade de Manejo deste Segundo EPS, podemos perceber que a quantidade de falas que demostram o reconhecimento dos camponeses sobre a disponibilidade de recursos em suas propriedades e comunidades manteve o patamar de expressões (54 no total, frente a 60 no Primeiro EPS) e de distribuição em todas as 17 comunidades (Quadro 16). Isto, no entanto, não nos indica uma mera constância quantitativa de recursos camponeses distribuídos nas comunidades rurais de Lavras, mas sim uma estabilidade de existência e de capacidade de reconhecimento de recursos próprios pelos camponeses mesmo estando inseridos no que Santos[73] classifica como contexto de invisibilização, descredibilização e subalternização – ativamente criado pela hegemonia do poder capitalista – de experiências, conhecimentos e práticas locais autônomas (contra-hegemônicas). A interpretação (ou escuta analética da palavra dos camponeses[38]) desta estabilidade entre os Primeiro e Segundo EPS foi o que nos permitiu a inferência sobre a importância e potencialidade de propor e desenvolver, com os camponeses representantes das comunidades na Fase II, um MPSOC embasado no instrumento de

DRP[10] (Terceiro MPSOC). Assim, a intenção subjetiva da atividade prática de diagnóstico participativo no Terceiro MPSOC, como veremos mais adiante, foi fomentar, através da identificação e reflexão *in loco* de seus próprios recursos e problemas, as motivações do sujeito camponês (Capacidade de Significação) para construir seu processo de transição agroecológico-sanitária.

Quanto às subcategorias que emergiram das falas que demostraram a crença dos camponeses na disponibilidade de recursos pessoais e em suas propriedades e comunidades, podemos perceber a significativa influência que as atividades de mapeamento de recursos; de visita de intercâmbio de experiências; de testemunho/multiplicação do que foi vivenciado na propriedade camponesa agroecológica visitada em Claraval; e de apresentação, discussão e validação dos Repertórios de Recursos (desenvolvidas entre o Primeiro EPS, o Primeiro MPSOC e o Segundo EPS) exerceram sobre o conteúdo constituinte das mesmas. Neste sentido, o desenvolvimento desta sequência de atividades, que promoveram intensamente o reconhecimento e a reflexão sobre a disponibilidade e utilidade de recursos agroecológicos próprios e sobre a possibilidade e factibilidade da transição agroecológica camponesa, repercutiu na expressão de 50 falas contendo aspectos sobre práticas e conhecimentos agroecológicos neste Segundo EPS (Quadro 16). As subcategorias 'Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas', '"Novos recursos", reconhecidos após a visita de Troca de Saberes à Claraval' e 'Experimentação camponesa' refletiram, então, tanto em números (já que foi expresso mais que o dobro de falas sobre práticas e conhecimentos agroecológicos neste EPS em comparação com as 24 falas com este conteúdo no Primeiro EPS) quanto em conteúdo (exemplificado pelos segmentos apresentados abaixo) a progressão da construção social – promovida pela estrutura metodológica da Fase I desta Pesquisa-Ação-Participativa – do despertar e do fortalecimento do autorreconhecimento e da crença camponesa em sua própria agroecologia.

> *Essa espiga de milho aí, essa mais* vermelha [apontando a imagem de uma espiga de milho de grão vermelhos que estava na apresentação feita pelo pesquisador para explicar a técnica agroecológica das sementes crioulas]*. A palha dela é quase preta, da cor dessa camisa. Sabe qual é o nome dela? Asteca. Lá em casa tem também. Sempre eu colho depois eu guardo. E na*

época de plantar de novo eu planto esse milho. Com a abóbora também faço isso.
Camponês da Comunidade 5, participante do Segundo EPS.

E quando o pessoal plantava arroz com melancia? Punha arroz lá, ia tropicando nas melancias... Tropicava nas melancias depois vinha bater [descascar] *o arroz em casa. Ah, cara!... Teve um que perguntou pra mim uma vez: 'Z., qual o melhor lugar pra produzir melancia?'. 'Ah, no meio do arrozal!'. Cansei de chupar melancia aqui. Então, café dá pra fazer rotação de arroz, com melancia e milho.*
Camponês da Comunidade 14, participante do Segundo EPS.

Aqui, deixa eu falar pra você: eu tô com 69 ano... Cê tá dizendo aí que tudo do passado é bão [referindo-se à fala do pesquisador sobre a importância dos conhecimentos, práticas e técnicas tradicionais], *é dos antigo... Só tá faltando uma coisinha aí que eu tô vendo, pra tudo quanto é inseto* [referindo-se à insetos que se danificam as plantas]*: Benzeção! É um produto orgânico a benzeção.*
Camponês da Comunidade 17, participante do Segundo EPS.

1 - E também, né Pedro, olhando a propriedade deles [família camponesa agroecológica visitada em Claraval]*, não é grande. Dá mais ou menos uns seis hectares. Não é aquela propriedade grande de 20 hectares... Produtor pequeno mesmo. Um pouquinho de terra que tiver, uma horta já dá pra pessoa... O negócio não é a quantidade, é a qualidade.*

2 - Mas pra você tocar um projeto desse [produção agroecológica] *não pode ser uma fazenda, tem que ser um sítio mais ou menos* [referindo-se ao tamanho da propriedade camponesa]*. Uma fazenda não é competente pra você manter um projeto desse. O que vai te dar lucro é uma propriedade pequena, bem estruturada. Porque o terreno numa propriedade pequena você aproveita ela mais do que uma fazenda. Aí tem muito mais jeito de você, aproveitando o terreno, cuidando mais dele, beneficiar melhor.*
Camponesa e camponês da Comunidade 5, participantes do Segundo EPS.

Pedro, o C. [indicando outro camponês da Comunidade que estava presente no EPS] *estava aqui no último encontro e ele* começou [a partir da apresentação feita pelo pesquisador das técnicas agroecológicas para o preenchimento do questionário] *a plantar na horta da escola a cebolinha perto alface e ele falou que dá certo. Ele colocou até pimenta e agora também tá colocando manjericão* [evidenciando a experimentação que está sendo feita pelo outro camponês].
Camponês da Comunidade 8, participante do Segundo EPS.

Eu tava começando a fazer lá em casa [técnicas agroecológicas conhecidas durante a visita à propriedade da família camponesa agroecológica de Claraval]*, né pai? Eu já comecei a mexer no café, porque eu aprendi lá e já vou passar pro café. A horta, gente, o alface lá é desse tamanho! É imenso o alface lá. Porque é orgânico. E fora o valor, né? O valor, vamo supor assim, compra aqui* [em Lavras], *vamo supor, um e cinquenta. O valor lá é cinco reais um alface. Então é um trabalho assim... muito trabalho... como diz... é luta, né? É*

> *luta. É num desanimar e regaçar a manga, pé no chão. Lucro, qualidade e é bonito. E a gente tá lutano, né? Aprende e vai fazendo...*
> Camponesa da Comunidade 12, participante do Segundo EPS.

> *Eu até tô pensando nessa ideia aqui, desses microrganismos* [referindo-se à técnica agroecológica dos Microrganismos Eficientes]. *Em alta capacidade, em alta escala, você pode aplicar com o trator. Com uma bomba. Eu trocaria o aplicador de randape. A gente tem um aplicador de randape hoje, e usaria ele pra aplicar os microrganismos. Ele* [equipamento de aplicação do trator] *tem vários bicos, assim, que eles espalhar pelo chão todo. Porque o trator não é um vilão, né? Ele não é um vilão!*
> Camponês da Comunidade 14, participante do Segundo EPS.

Com relação à não expressão de falas neste Segundo EPS que se enquadrassem na subcategoria 'Talentos culturais' (Quadro 16) é importante relatarmos que, durante a apresentação da cartolina com o Repertório de Recursos (que incluíam tanto os recursos agroecológicos captados por meio do questionário quanto os recursos gerais captados por meio da "entrevista aberta") nas 17 comunidades, os camponeses demostraram concordância/validação dos recursos artístico-culturais identificados sem, no entanto, expressarem demais falas sobre o tema. Esta aparente "despriorização" do tema da arte camponesa nas comunidades neste Segundo EPS pode ser entendida pelo direcionamento do foco metodológico da Pesquisa-Ação-Participativa para a potencialização e multiplicação da percepção dos camponeses em relação às possibilidades gerais do modelo de produção agroecológico (especialmente por meio da Atividade 3 do Primeiro MPSOC e da Atividade 4 do Segundo EPS.) Entretanto, mesmo com a definição deste recorte neste estudo, o conjunto de dados e materiais que evidencia a existência e o potencial (inclusive para o processo organizativo e de transição agroecológica) dos aspectos artísticos entre os camponeses de Lavras permanece armazenado e pronto para utilização em futuras pesquisas e/ou ações dos próprios camponeses no município.

Já a significativa diminuição, de 30 falas no Primeiro EPS para quatro neste Segundo EPS, da subcategoria 'Rede comunitária' (Quadro 16) não pode ser imputada ao recorte e foco metodológico da pesquisa, uma vez que o conhecimento da rede organizativa entre os camponeses agroecológicos de diferentes propriedades do município de Claraval foi parte integrante do desenvolvimento da atividade do Primeiro MPSOC. O que podemos apontar como causa desta diminuição, analisando e

significando conjuntamente o conteúdo das falas desta subcategoria e das “ainda pouco numerosas” três falas da categoria Capacidade de Significação (Quadro 16 e Apêndice 2), é o que identificamos como o ponto de inflexão entre o reconhecimento da rede comunitária tradicionalmente existente nas comunidades rurais de Lavras e a percepção da insuficiência desta “rede passiva” frente à necessidade de uma organização ativa para a mudança de seu contexto por meio de uma transição agroecológica camponesa. Tal ponto de inflexão pôde ser inferido devido às progressões identificadas, neste processo da Fase I, no entendimento dos camponeses sobre as possibilidades de construção de um contexto mais favorável e na crença na existência e disponibilidade de recursos agroecológicos próprios, porém, com a concomitante baixa perspectiva de condições para utilizarem de maneira ampla seus recursos em prol de uma mudança efetiva sem bases organizativas consolidadas entre os camponeses (assim como conheceram em Claraval e multiplicaram na Atividade 4 deste Segundo EPS). Além, então, do número de falas da subcategoria ‘Rede comunitária’ e da categoria Capacidade de Significação que indicaram esta baixa perspectiva, o conteúdo destas falas também demonstraram o direcionamento da percepção do sujeito camponês para a necessidade fundamental de atuação conjunta e organizada para lograrem uma transição agroecológica resolutiva, autônoma e horizontal.

> *A gente conhece várias técnicas* [agroecológicas]*, nasceu na roça, no sítio, e a gente sabe um monte de coisa. É uma boa a troca de conhecimentos. Eu sei uma coisa, o J. sabe outra, Sr. M. outra e o G. outra. Então forma um conjunto. E tem a universidade também* [referindo-se à UFLA]*, que pode ajudar a ampliar isso. Eu acho importante. É uma troca de conhecimento importante. Ninguém sabe tudo.*
> Camponês da Comunidade 15, participante do Segundo EPS.

> *Às vez o que eu faço é uma coisa e ele faz outra e eu não sei e ele sabe. Aí um passa pro outro.*
> Camponês da Comunidade 17, participante do Segundo EPS.

> *1 - A gente precisa se organizar. Vam’bora!*
>
> *2 - É um conjunto!*

> *1 - É união nossa! Nós junta com ocê, Pedro, com a UFLA* [referindo-se aos estudantes da equipe de pesquisa e demais interessados e fomentadores da Agroecologia na Universidade]... *Unindo, vem a Emater. Que isso aí* [referindo-se à participação da Emater na promoção do 1° Encontro de Agroecologia de Lavras] *já é os cara* [Emater] *pedindo pra entrar* [para a Agroecologia]*. Nós dá o apoio, ajuda eles* a *entrar*.
> Camponeses das Comunidades 2 e 13, participantes do Segundo EPS.

> *E umas coisa organizada a gente tem que ter: é um ajudando os outros. Tem que ter! Se o Sr. G. vai plantar a rocinha dele: 'oh J.* [se referindo a ele mesmo]*, você não pode me dar uma mão, rapaz? Eu tô apertado lá, vai lá me ajudar'. Isso aqui na roça é que vai ter que ter. Tem que ter: 'oh rapaz, eu não vou ter o esterco pra plantar na minha horta lá. Você não tem lá não? Me arruma lá'. Não é vender! Não vender! Vender é lá fora. Pra nós aqui não!*
> Camponês da Comunidade 15, participante do Segundo EPS.

> *E o bom ia ser se juntasse uma turminha de produtores, pra poder ter mais volume* [de produção agroecológica]*, pra poder formar uma associação. Se cada um começar* [a transição agroecológica]*, nem que seja com uma parte da sua propriedade a gente faz o nosso mercado!*
> Camponês da Comunidade 3, participante do Segundo EPS.

Finalizando o momento analético inicial a que se propôs a Fase I deste estudo, constatamos que o primeiro estágio de autorreconhecimento dos camponeses das comunidades rurais de Lavras como povo camponês[38] se deu intensamente por meio do despertar e do fortalecimento, principalmente, das Capacidades salutogênicos de Compreensão e de Manejo deste sujeito. Ou seja, estes trabalhadores-proprietários familiares do campo partiram de uma situação de descredibilização de seu modo de vida e de dominação contextual pela colonialidade do poder capitalista (por meio de seu braço operativo da Revolução Verde/modelo do agronegócio) para um processo de identificação, discussão e entendimento dos determinantes de seu contexto desfavorável; de pontos positivos dentro deste contexto; e de possibilidades de construção de outro contexto fundamentado em determinantes mais favoráveis. Partiram, também, de uma situação de invisibilização de seu modo de produção-economia camponesa e de uma suposta inexistência de conhecimentos e técnicas tradicionais e inovadoras autônomas em suas propriedades e comunidades para o reconhecimento, disponibilização e crença na possibilidade de utilização de seus próprios recursos agroecológicos.

Além disso, a escuta e interpretação analética da palavra[38] dos camponeses ao longo desta Fase I nos permitiu inferir que a aparente "baixa progressão" do Capacidade de Significação (o que, em uma interpretação "*scorizada*" da Salutogênese indicaria uma baixa possibilidade de desenvolvimento de um processo de atuação dos camponeses em prol de uma mudança favorável em seu contexto por meio da utilização de seus próprios recursos[13]) continha indícios que apontavam a necessidade de direcionamento da estrutura metodológica da Fase II para um processo que desenvolvesse a elucidação e a percepção das necessidades e possibilidades de organização camponesa por meio de momentos de potencialização e de encontros que buscassem a aplicação dos componentes salutogênicos fortalecidos por meio do processo social desenvolvido nesta Fase I.

5.2.3 Terceiro Encontro de Promoção da Saúde

A partir da leitura processual do desenvolvimento salutogênico promovido com os camponeses de comunidades rurais de Lavras na Fase I, foram realizados dois MPSOC como passos iniciais desta Fase II da Pesquisa-Ação-Participativa (Quadro 16). Como partes estruturais de um processo de Promoção da Saúde, o Segundo e o Terceiro MPSOC constituíram-se em modos práticos de, entre outros objetivos específicos da Política Nacional de Promoção da Saúde, *"Promover o empoderamento e a capacidade para a tomada de decisão e a autonomia de sujeitos e coletividades por meio do desenvolvimento de habilidades pessoais e de competências em promoção e defesa da saúde e da vida"*[106]. Em termos relacionados ao paradigma Salutogênico de operacionalização dos conceitos e objetivos da Promoção da Saúde, os dois MPSOC foram planejados e desenvolvidos para promover, principalmente, o Capacidade de Significação de camponeses representantes das comunidades rurais. Esta capacidade, que representa a fundamental motivação destes sujeitos para tomarem decisões sobre como mudar seu próprio contexto de maneira autônoma, foi promovido, portanto, por meio de formas de aplicação prática dos "despertos e fortalecidos" Capacidade de

Compreensão (Segundo MPSOC) e Capacidade de Manejo (Terceiro MPSOC) destes representantes das comunidades.

Dessa forma, com a realização das anteriormente descritas atividades de 'Oficina sobre Organização Camponesa: palestras com parceiros institucionais externos' e de 'Diagnóstico Rural Participativo' o sujeito camponês pôde colocar em prática suas habilidades e competências desenvolvidas ao longo da Fase I em prol de suas possibilidades e intensões (motivações próprias) para uma transição agroecológico-sanitária ampla e socialmente organizada. Assim, após o desenvolvimento (promovido pelos momentos iniciais de potencialização nesta Fase II) da vizibilização das condições reais de atuação coletiva, organizada e positiva sobre seu próprio contexto, as falas categorizadas como Capacidade de Significação, expressas pelos camponeses ao longo da realização do Terceiro EPS, deram um salto de crescimento e de aprofundamento crítico. De três no EPS anterior para 42 neste Terceiro EPS (Quadro 16), as falas com conteúdo motivacional (expressas por camponeses das 13 comunidades representadas neste EPS) conformaram-se em (ou fizeram-se emergir como) subcategorias carregadas de disposições, intenções e planejamentos para a construção de caminhos próprios para a libertação dos camponeses da dependência/dominação exercida pelo modelo do agronegócio e para um modo de vida amplamente mais justo (Apêndice 3). Os segmentos de conteúdo apresentados abaixo demonstram a profundidade das autoanálises e das possibilidades de ação identificadas pelos camponeses, respectivamente, nas subcategorias 'Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores'; 'Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa'; 'Melhorar condições da economia camponesa familiar'; 'Produzir de maneira que o alimento seja fonte de saúde (para quem trabalha, sua família e consumidores)'; 'Construir meio/modo de vida justo para os filhos'; e 'Buscar e aprimorar conhecimentos'.

> *1 - O exemplo é aquele cara lá de Claraval* [referindo-se ao técnico da Emater desse município, que trabalha voltado para a agroecologia]. *Ele é um técnico, um agrônomo da Emater... E nós xinga tanto a Emater aqui em Lavras. Como diz, esses dias eu tava pensando, nós xinga tanto a tal da Emater mas apareceu também aquele cara, apareceu o T. lá na UFLA, da Emater de outra*

cidade [referindo-se ao coordenador regional da Emater de Sete Lagoas, presente no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras, que trabalha voltado para a agroecologia]*... Pessoas maravilhosas! Então nós não podemos xingar a Emater, nós tem é que mudar a Emater daqui, entendeu? Então quanto mais a gente conseguir fazer número, mais nós vamos se organizar e fazer número. Se a gente conseguir ser um exemplo pros outros aí nós vamos ser um órgão. Um órgão! Igual eles* [Emater].

2 - Aí a Emater vai aprender com a gente!
Camponeses da Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Pra nós aqui na roça tem que ser tipo uma cooperativa, entendeu? Por exemplo, o L. tem esterco e eu não. Outra pessoa não tem, então nós temos que trabalhar é praticamente em união, junto ali assim. Ele fornece um produto, uma coisa que ele tem que dá certo para mim e eu a mesma coisa. Tem que ser tipo uma cooperativa, se não, não vai funcionar. Pra nós aqui tem que ser tipo uma cooperativa, porque tem muita gente aqui que não tem condição, tem muita gente aqui que tem uma horta que não tem um esterco, não tem o dinheiro pra comprar um esterco. Porque o esterco é caro, o esterco não é barato. Mas tem muitos que tem aqui, que nóis podemos fazer isso. Vamos atrás: 'ou, não tem jeito de arrumar um saco de esterco pra mim não?'. Pro L. não vai fazer falta, pra mim também não vai fazer falta. Então tem que ser a cooperativa! Que aí funciona pra nóis.
Camponês da Região Rural B, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

No meu caso, que trabalho nessa área de comércio de frutas, a vontade minha era de ser reconhecido lá no comércio pelo produto que a gente produz. O pessoal tem dado preferência pro produto de fora, sem dar preferência pro nosso que é produzido aqui na região. É mais isso aí, ser reconhecido dessa maneira. E que os produtos da gente também, que é, não vou falar cem por cento, mas é oitenta por cento natural. Mas uma das coisas que a gente quer é isso: ser reconhecido, né? E dessa forma organizada que tamo buscando com certeza tem mais chance. Então eu acho que é isso que deve ser: o pessoal tem que saber da onde tá vindo a fruta e ter um ponta pé inicial, igual a gente já começou! É só juntar!
Camponês da Região Rural C, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

O pai sempre fala isso: qualidade, né? Com pouco mas com qualidade. Você não precisa ter muito pra você conseguir crescer demais. Faz pouco mas faz bem feito. E preocupado com a saúde a longo prazo, dos nossos filhos, da sociedade, do futuro. O futuro é esse, né? Eu tenho certeza que é esse. Não tem como continuar assim. Eu não sei... O mundo vai acabar se continuar assim. A gente conversou lá em casa, a gente regra, hoje tá regrando muito mais do que antigamente [o uso de agrotóxicos]*. Veio regrando, regrando, regrando, regrando, pra achar o equilíbrio e chegar num ponto até de cortar tudo esses agrotóxico. A nossa intenção é essa: é saúde e qualidade mesmo.*
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Eu quero melhoria* [por meio da transição agroecológica]*. Eu vejo que o L.* [referindo-se ao marido, presente no EPS] *tem terra e a gente não tá fazendo o que a gente deveria fazer: tirar mesmo os sustento dela. Meu filho, mesmo que ele não queira e não esteja envolvendo agora* [nas atividades e EPS desta Pesquisa-Ação-Participativa]*, é porque ele tá trabalhando fora. Ele não tá com muito tempo não. Mas eu quero colocar ele na frente. Eu penso assim sabe, eu quero ajuda-lo. Vai ser bom pra ele, vai melhorar pra ele. Porque eu e o L. já tamo aposentado mas a gente tem muita coisa pra fazer ainda, eu espero muito. Igual a gente tá fazendo surgir* [a organização camponesa no município]*. Mas é pra ele mesmo que eu tô correndo atrás. A gente tem que pensar pra isso, e pensar o bem, no lado positivo.*
> Camponesa da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Só complementano, eu por exemplo, como produtor de leite, eu já vi muita reportagem que falava de leite orgânico, que trata com os homeopáticos, assim, todos os problemas dos animais. Não era fazenda tão grande... Pra fruta: óleo de nem; adubação verde ao invés de usar randape. Matéria orgânica... Então, assim, nós tem que buscá esse conhecimento. Eu acho assim, curso de homeopatia, um curso de adubação verde... Eu acho que nós tamo num nível que nós pode trazer isso assim.*
> Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

O desenvolvimento do Segundo e Terceiro MPSOC, além da própria realização dos EPS e MPSOC da Fase I, também repercutiram nas características de expressão das falas categorizadas como Capacidade de Compreensão e Capacidade de Manejo neste Terceiro EPS. Com relação ao Capacidade de Manejo do sujeito camponês, podemos perceber que houve uma redução do número total de falas (37) em comparação com os Primeiro e Segundo EPS (60 e 54, respectivamente) (Quadro 16). No entanto, tal redução bruta pode ser claramente inferida – ao realizarmos a leitura interpretativa das falas categorizadas como Capacidade de Significação (Apêndice 3) – não como uma diminuição do reconhecimento dos recursos próprios pelos camponeses e camponesas representantes das comunidades, mas sim como a expressão de parte destes recursos em falas motivacionais sobre como utilizá-los para mudar seu próprio contexto. Ou seja, após todas as atividades, discussões e reflexões realizadas até este Terceiro EPS os camponeses não apenas desenvolveram sua motivação para começarem a agir em favor de seu contexto e de seu modo de vida, produção, economia, saúde, etc., como passaram a direcionar os recursos que haviam passado a visibilizar, a valorizar e a crer desde o Primeiro EPS para raciocínios e

planejamentos (expressos por meio de falas) sobre como colocar tal motivação em prática.

Nesse mesmo sentido, podemos identificar que, no âmbito das Reuniões Regionais que conformaram este Terceiro EPS, algumas das falas e diálogos proferidos que “permaneceram” sendo categorizados como Capacidade de Manejo e subcategorizados como ‘Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas’ (Apêndice 3) apresentaram um conteúdo que aponta o início de uma atuação mais horizontal e complementar (indícios organizativos) na troca de conhecimentos entre os representantes das comunidades (duas primeiras falas da sequência baixo). Corroborando tais indícios, as falas subcategorizadas como ‘Experiências e ferramentas sociais emancipadoras’ (subcategoria que desponta como fruto direto do desenvolvimento do processo participativo Fase I-Primeiro MPSOC-Segundo MPSOC) apresentaram um conteúdo claro de reconhecimento de recursos sociais organizativos disponíveis nas comunidades e/ou apreendidos pelos camponeses ao longo da Pesquisa-Ação-Participativa (três últimas falas da sequência baixo).

> *1 - Sabe aquela doença no mamão, aquelas mancha preta? O produto que eu faço lá, que eu ando jogando no café... Falei: ‘vou jogar isso no mamão pra ver’. Porque não comia mamão mais não por causa daquela doença. Joguei o produto que eu fiz e acabou aquelas doenças. Um rapaz que tava lá me ajudando a banhar o café falou: ‘ô T., lá em casa tem uns mamão comprido assim e eu não como o mamão mais porque é só doença. Você não me dá um pouquinho desse remédio?’. ‘Mas dou uai, leva e joga’. Quando passou 15 dias ele apareceu e falou: ‘vai lá pra ver os mamão que beleza que tá!’.*
>
> *2 - Como que é o seu produto que o senhor faz?*
>
> *1- Eu ponho é folha de isope, carqueja, mamona, com cacho, talo e tudo, e... Qualé o outro?... Santa maria* [erva que leva este nome]*!*
>
> *3- Aquela fedida?*
>
> *1 – É, fedegosa! Misturei tudo com folha de fumo e fervi numa lata. Aquilo ficou pretinho. Eu ponho um litro daquele produto em 20 litros d'agua e banho. Piolho na couve não fica nada! Formiga, também, mas não é na hora igual você por o veneno. Formiga tá picando lá você vai lá e despeja um cado no buraco dela. Amanhã você torna a voltar e por. Dentro de oito dias não tem formiga mais, limpa tudo.*
>
> *3 - Eu já fiz aqui várias vezes: você pega folha de santa bárbara com a semente, folha da mamona... Eu faço é com a mão, arrebento ela com a mão, não gosto de por faca cortante em nada. Faz com a mão, rasga e joga dentro de um balde e deixa com água. Eu faço de manhã, de tarde você vai lá onde tá o ninho, você abre e quando vê aquele branquinho você despeja e encharca.*

Deixa até cair pro chão, arrebentar o ninho. Mas ali elas intoxica, mata que não sobra nada.

1 - Eu vou te dar uma ideia: a mamona você não faz isso com a mão não, porque você vai torcer e vai ficar aquele sumo na sua mão. Arruma um pano, faz uma malinha e com um pedaço de pau e malha ela.
Camponesa e camponeses da Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - Tem um ["insumo"] *orgânico facinho pro milho. Sabe como que é? Tem um orgânico pra defendê o milho sem herbicida. Facinho de fazê ele. Só a lua. Vê a lua pra plantá um milho. Na minguante não dá praga, não dá nada.*

2 - Ô G., deixa eu te perguntá: e se por exemplo eu começar a plantar o milho mas aí vem a chuva e não deu tempo deu plantar tudo e amanhã tá terminando a lua.

1 - Cê vai vê uma coisa: aquele que ocê plantô na minguante vai ser uma coisa e o outro que cê plantô na otra lua é otra. Ocê pode ter pra experiência, viu?

3 - O arroz se não plantá na nova não sai também não.
Camponeses da Região Rural D, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - A explicação do MPA [referindo-se à palestra do membro do Movimento dos Pequenos Agricultores realizada no Segundo ESP] *foi muito importante também. É uma coisa assim pra gente tá refletindo. A gente aprendeu muito com José, acho que a gente tá perdendo é muito tempo. E ele foi duma simplicidade tão grande! Abriu bastante e mostrou pra gente o sentido da coisa. Eu me senti é assim: 'acorda, fulana, você tá dormindo!'*

2 - E igual a L. falou... É movimento todo mundo pensa: 'pobre falando em movimento é baderna'. As pessoas fica com medo disso, mas não. Então o Zé Carlos mostrou que não tem que ter medo de se organizar. Eu gostei muito da palestra desse cara...

3 - Esse Zé Carlos, desde a primeira vez que eu vi ele eu falei: 'esse aí entende, esse aí é dos nosso!'.
Camponesa e camponeses da Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - Sim, um tem uma ideia, outro tem outra. Aí vai juntando quatro, cinco, seis, dez e cê consegue levar uma ideia boa... Que dê uma boa, que dê resultado!

2 - Muitas ideia faz uma grande.

3 - Uma cabeça pensa sozinha... Duas, três já pensa melhor!
Camponesas e camponês da Região Rural B, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Você tá passando a sua sabedoria pra mim e eu tô passando alguma coisinha. Eu tô aprendendo com você e você tá aprendendo comigo. Isso aí é como se fosse um apoio. Você vai por um parafuso e não apertar ele? A roda vai sair.

> *Então, e nós? Nós tamos fazendo aqui perfeito o planinho* [referindo-se à construção coletiva que foi sendo feita desde o Primeiro EPS]*, que nós tamo aprendendo com você e você tá aprendendo com nós.*
> Camponês da Região Rural D, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Em relação à Capacidade de Compreensão do sujeito camponês neste Terceiro EPS, podemos inferir dois pontos importantes referentes à repercussão da sequência processual Fase I-Segundo MPSOC-Terceiro MPSOC sobre as características das falas desta categoria. Em primeiro lugar, assim como apontado para a categoria Capacidade de Manejo, podemos inferir que houve uma "transferência" (representada pela diminuição de 51 falas para quatro – Quadro 16) das falas que revelavam as 'Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio' em sentido de entendimento de um contexto camponês possível para falas com conteúdo sobre como construir caminhos autônomos para atingir este contexto desejado (Capacidade de Significação). Em segundo lugar, podemos inferir que a concentração de falas da categoria Capacidade de Compreensão na subcategoria 'Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio' (Quadro 16) revelou que os camponeses representantes das comunidades neste EPS passaram – após a sequência de atividades desta Pesquisa-Ação-Participativa em que foram criadas as condições de possibilidade de identificação, discussão e reflexão sobre os fatores que determinam e que podem vir a determinar seu contexto – a expressar profunda e destacadamente seu entendimento sobre o papel central do modelo do agronegócio na determinação da negatividade de seu contexto atual. Neste sentido, as falas seguintes detalham as consequências, expostas pelo sujeito camponês, da determinação do agronegócio sobre seu contexto sanitário, ambiental, econômico-produtivo, cultural, etc.:

> *Porque nós já tá vendo: você tá doente, você tá doente* [apontando para outros participantes do EPS]*... tudo é isso aí. É igual o T.* [referindo-se a um camponês presente no EPS] *tá falando aqui: quantos randape a gente já jogou aí e o vento ainda tocava pro lado da gente? Mas não teve quem falasse que fazia mal! Eu cheguei a escutar de um cara: 'pode preparar isso aí que eu bebo'. Escutei um técnico falar isso, que não fazia mal.*
> Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Aqueles cachos de banana cheios, que tá mais ou menos, eu não corto um. Deixa lá os passarinhos comer. Sabe, eu faço assim. Meu irmão ficava assim: 'a pomba tá acabando com o milho, arrancando milho'. Né, eu falei, tá acabando porque tem algum problema. Aí, que que é o problema? O problema tá nessa fazenda de cá aqui ó, aí nesse homem... Tava jogando veneno aí, sabe? Aí depois foi um rapaz que falou isso, ele veio aí e falou que o veneno fazia estresse. Esse veneno tava causando estresse nas pombas e elas ficaram igual a gente como pessoa. Quando fica estressada ela come e fica gorda, né? As pombas tavam ficando estressadas, que esvoassou aí, que não tava dando sossego, por causa dum produto. Sabe, ele só falou isso... Então, às vezes, você vai falar isso pra um técnico, que eu falei aqui, ele diz que não existe, que é besteira, não fala? Fala que isso é besteira, que isso não existe.
Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

1- É isso aí que eu tava falando: cê observa que o café não produz... agora esse plantio direto de roça, tudo que tá jogando [referindo-se à quantidade de agrotóxicos utilizada na técnica do agronegócio do plantio direto]*... Daqui cinco anos se a terra, a nossa mamãe lá em baixo, falar: 'num vô produzir mais, cês me matou.' Que que vai acontecer? Hora que a mãe de baixo falar assim: 'é, ceis me envenenou e me matou agora eu não vou dar mais alimento procês.' E aí, vai comer o que?*

2 - E vai acontecer!
Camponeses da Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - Essa semana em andei jogando um veneno na cana. Chegou a noite o olho inchou, ficou embaçando. Não tava legal...

2 - Eu já estou preocupada com essa parte aí: pra mim eu acho que já não pode usar mais de jeito nenhum, ainda mais que ardeu o olho dele. Pra você ver então...

3 - E é uma coisa interessante, ele tinha esse costume. Depois que a gente começou a parar de mexer com essas coisas [agrotóxicos] *diminuiu muito. Aí esse ano ele foi jogar na cana. Ele plantou a cana e jogou. Ele passou mal mesmo.*
Camponesas e camponês da Região Rural B, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - Esse negócio de veneno realmente não dá certo não. Atrai muita doença, destrói a natureza, tantos bichinhos, né? Eu trabalhei no cafezal já, eu lembro, eu vi os bichinhos morrer lá sem motivo. Condenação total, sem precisar.

2 - É que nem abelha, né? Tanto que já sumiu de abelha. Essa abelhinha que enrola no cabelo.
Camponesa e camponês da Região Rural B, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Então é o que eu tô falando: eu posso tá com aquela roupa [referindo-se aos Equipamentos de Proteção Individual - EPI]*, mas é só eu tirar e já tô em contato* [com os agrotóxicos manuseados anteriormente]. *Na hora de lavar* [os EPI]

também. E outra, você vê naqueles programa do campo, só fala coisa boa. Agrotóxico é bom pra isso, ele combate aquilo. Mas não fala da parte ruim. Se ele é vinte por cento bom, ele é oitenta ruim, ou mais. E isso eles não falam. Vai entender, né?
Camponês da Região Rural C, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

E outra, que acontece, tem esse negócio da mão de obra. Por isso que hoje o brasil tá assim de desemprego. Porque o que acontece, através disso aí, é que não gasta mão de obra. Vamo supor, o randape. Se não é o randape cê faz uma campina: a planta agradece; a chuva choveu a água vai ficar ali até esperar outra chuva [referindo-se à conservação da umidade no solo com a técnica de cobertura morta com o mato capinado] *. Agora, você joga o randape e o chão até trinca. Então, se é na enxada você tá gerando emprego. Por que, o que acontece? Se for orgânico já começa que cê vai vender o produto mais caro. Aí cê tem condições de pagar um funcionário. E vai gastar menos, né? Cê não vai estragar a sua saúde, e nem dos outros... Então, que acontece? Cê ganha em dobro. Cê ganha, por exemplo, Lavras... Lavras ganha no geral. Além de ganhar com o que acontece na zona rural, ganha porque tem muita gente que tá indo pra cidade. Porque não tem emprego por causa disso aí. Porque hoje em dia é só maquinário e produtos* [químicos industriais].
Camponês da Região Rural C, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

1 - Porque chega um agrônomo lá hoje querendo vender um produto, ele já chega pra você: 'ó, esse aqui já é o mais novo. Esse aqui tem mais uma molécula. Ele fica mais caro por ter mais uma molécula, mas é mais eficiente. E esse problema que você tinha aqui não vai ter mais'. Então, isso tá cada vez mais forte. Igual tava conversando com o R., antigamente o agrotóxico tinha cheiro, hoje já não tem mais. Agrotóxico perigoso hoje, muito perigoso, não tem cheiro. Trabalha com ele e nem sente. Mas a longo prazo vai te...

2 - Você acha que não, mas aquele trem vai te fazendo mal, né?
Camponesa e camponês da Região Rural D, representantes de sua comunidade no Terceiro EPS.

É ué, tem que ter essa consciência! Pra melhorar eu acho que não é pensar, é fazer o balanço e falar: 'gente, vocês tão comendo veneno'. Pior de tudo é que os consumidor se intoxicam sem saber. O consumidor compra um produto ali com veneno sem saber. Eu acho assim: matar o homem não é só sair dando tiro, né?! Dá o veneno pelo alimento é estar matando o outro também.
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Hoje tava vendo no Globo Rural lá, você viu? Tem uma máquina de plantar batata. Vocês já viram aquela máquina? O serviço de 150 funcionário ela faz em uma hora. Acabou o serviço pro povo. Uma máquina. Ela rende acho que é 35 tonelada em uma hora. O que esses camarada faz?
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Eles cria uma dependência, né? Semente de milho hoje você compra e é assim: ela só produz uma vez. Se você pega a semente daquele milho e torna a plantá, não produz não. Aí os café também vai ficando dependente dos fertilizante. Criam uma dependência, né?*
> Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Eu sei que ele, o agrônomo* [referindo-se aos agrônomos que trabalham com a indicação e venda de agrotóxicos e outros produtos químicos]*, ele tem uma porcentagem de vendê pra mim. Então eu tive uma conclusão. Tem dois ponto de vista aí: o agrônomo não tá enxergano o eu, tá oiando só pra ele. O que ele tá fazeno? O agrônomo chega e fala: 'é assim, assim, vô te dá instrução'. Ele tá fazeno uma coisa errada. Eu tô oiando, enxergano do lado certo, mas ele usa o conhecimento dele pra mandá eu pro lado errado. Ele tá oiando pro lado errado e fala que o lado certo meu tá errado pra ele. Cumé que eu faço? Tá aconteceno muito isso aí. Ele não liga procê não.*
> Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

No mesmo sentido, podemos perceber que as falas subctegorizadas como 'Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel' e 'Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados' passaram, neste Terceiro EPS, a desvelar um conteúdo/entendimento cada vez mais claro sobre a vinculação do modo subalternizante e descredibilizante de atuação das instituições públicas e, também, da desconfiguração das crenças e valores camponeses entre boa parte dos camponeses do município com o modo de operação e as intenções do modelo colonial/capitalista do agronegócio.

> *1 - Eu quero só te fazer uma pergunta* [dirigindo-se a uma das estudantes da UFLA membro da equipe de pesquisa]*: você que tá fazendo agronomia, você é pro orgânico ou não?*
>
> *2 – Eles lá não ensinam* [referindo-se ao foco de ensino dos cursos de agrárias da UFLA para o modelo do agronegócio]. *Como que ela vai aprender se lá eles não ensinam?*
> Camponeses Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

> *1 - Porque é assim, eu até tenho interesse* [de produzir queijo para comercializar na feira]*. Vou fazer a casinha lá* [referindo-se à edificação que deve ser construída exclusivamente para a produção de derivados do leite, segundo legislação sanitária municipal] *esse ano que começa agora. A gente vai por partes, né? Mas no meado do ano, se Deus quiser, eu quero fazer a casinha. Só que o R.* [referindo-se à um camponês feirante que construiu recentemente a "casinha", seguindo as normas sanitárias exigidas no município]

me falou tanta coisa, tanta coisa, que me deu um desânimo. Me deu vontade de: 'ah, acho que vou largar isso'. Ele falou assim: 'eu fiz a minha mas eu só posso produzir uma coisa, eu só posso produzir queijo frescal. Eu posso até produzir outra coisa, mas ou eu faço outro cômodo ou eu faço outra casinha'. Aí ele foi falando o que ele tinha que fazer, eu falei: 'R., mas se eu quiser fazer manteiga também...'. 'Ah não, mas aí a fabricação do queijo tem que fazer ela separada, tem que ter uma casinha pra armazenar a manteiga, outra pro queijo'. Sabe, eu fiquei um pouco desanimada. Dá na gente um certo desanimo. Que triste! Vou ter que fazer uma mansão pra fazer três tipos de queijo. A gente sabe que tem que ter limpeza... Mas cê sabe quanto o R. gastou pra fazer a casinha dele? Quarenta mil. A casinha dele, pra chegar no ponto dele falar assim: 'ó, eu vou vender...'. Pra chegar ontem, que foi o primeiro dia de feira dele com o queijo registrado, foi 40 mil. Eu vou ter que vender as terras! Vou ter que vender as vacas pra fazer a casinha! Tem que pedir dinheiro emprestado pra poder fazer a casinha! Olha pra você ver como a coisa é: o queijo Canastra não é exigido a pasteurização daquele queijo. Queijo Canastra não tem pasteurização. Então, sabe, aí diz que é tradição... Gente, mas nosso queijo é tradição! Queijo é feito assim. A vida inteira, todo mundo faz queijo assim.

2 - O dia que tiver 40 mil pra fazer uma casinha já abre uma fábrica de queijo de uma vez...

3 - Não, melhor guardar os 40 mil, né? Vai dar mais serviço ainda pra construir, ter um problema [com a vigilância sanitária] *e não dar certo...*

4 - Pelo menos vai vender o queijo. Melhor que ficar vendendo o leite a um real [referindo-se ao baixo valor pago pelas empresas que compram o leite dos camponeses para produzir derivados].

1 – E o povo também é muito difícil. Você mexer com feira é... Ele rachava de vender quando o queijo dele não era registrado. Aí ele registrou, fez embalagem, tudo bonitinho...

2 - Ele vem embalado, aí já vai parecer industrial, né? 'O queijo que ele tá vendendo agora tá vindo de fora, não é aquele mais, tá embalado. Ó, o rótulo de fábrica!'. Vão pensar tudo diferente.
Camponesas e camponeses da Região Rural B, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

1 - Eu comecei a produzir horta foi dezembro do ano passado, que antes eu trabalhava pra patrão. Aí passou a horta pra mim, pra fornecer salsa pra UFLA [referindo-se à compra institucional da UFLA, por meio de licitação, para o abastecimento do Restaurante Universitário]. *Plantei três canteiros de salsa. Aí eu plantei, põe uma média aí de uns seis dias de salsa por semana. Aí a UFLA pegou uns três meses de salsa só. Perdeu tudo.*

2 - Pelo amor de Deus, isso me mata. É uma sacanagem. Não pensam no prejuízo que você tem. Não tão nem aí pro seu prejuízo.

3 - No caso, se você fazer um acordo com eles lá depois complica. Porque a partir do momento que você entra em cima da terra você já começa a gastar, até cê conseguir produzir. E quando você produz, eles dá pra trás.

1 - Produzi também o almeirão, a chicória [pra fornecimento para a UFLA, por meio de licitação vencida pelo camponês]. *Aí chicória tem semana que pegava, semana que não pegava. Ficou mais de mês sem pegar. Aí passou a licitação, outras pessoas pegou, pagou pra pegar mais. Aí ficou duas semanas pegando, depois parou de novo.*

2 - Isso é muito ruim, muito difícil. Cê fica andando na corda bamba.
Camponesa e camponeses da Região Rural B, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Mas Pedro, hoje até a lei tá errada. Agora mesmo nós tamo lutando com esse negócio de evitar esses venenos. Mas esses veneno vem é do governo. E o que pro lado do governo é coibido? Nada! E pro nosso lado? Você planta, você vai com o café pra cooperativa [referindo-se às grandes cooperativas patronais da região que compram café dos pequenos produtores]*, você tem que ter a nota dele, não tem? Se não você é multado. Nossa vida tá fiscalizada tanto... E eu nunca vi um agricultor ficar milionário. Tá quebrando. Isso o governo não olha. Você vai na cooperativa, o preço que eles querem cobrar de você é o preço que você tem que pagar. Você tem que vender. Você não vai pagar? É ou não é? Eu conheço essas coisas, eu tenho esse ponto de vista.*
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

E o Estado às veiz dificulta, entendeu? O Estado dificulta porque o agricultor que, assim... Igual aqui em Lavras, não vou falar mal do prefeito, mas que seja... Se o produtor vende, vamo supor, o marolo. Aí vem uma lei que não pode vender na rua nada mais. Você vai ter que vender barato pro CEASA ou então pro verdurão.
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Só que infelizmente, você pode perceber... Por que o número é pequeno [referindo-se ao número de participantes nos EPS realizados até o momento]*? É porque o pessoal tá interessado em dinheiro. O pessoal não tá interessado em qualidade de vida, em qualidade de produção, eles tá muito focado em fazer dinheiro. Então, é o que eu sempre falo, o seguinte: você faz de tudo, você faz dinheiro, e que que adianta quando chega lá no seus 70 anos? Aí você vai pagar Unimed, vai ficar fazendo exame todo dia porque você destruiu a sua vida com a alimentação ruim, com uso indevido de veneno que você trabalhou, entendeu? Uma vida estressada: 'nossa eu tenho que colher tanto sacos de café porque eu tenho que comprar aquele terreno ali do fulano, porque eu tenho que colher café pra nós comprar...' Então, a única tristeza que eu tenho é que nóis que tá começando... Você pode guardar isso aí pra que vocês vão ver: a hora que a gente se estruturar, a hora que a gente se estruturar e tiver o conhecimento, sem importar com pagamento, a hora que tiver a certeza, aí eles vão dizê: 'nossa eles produzem!; o povo quer consumir os produtos deles'... Por exemplo, eu vou chegar lá com feijão, num determinado local ou alguém vai me ligar: 'você tem feijão?; tenho!; quanto tá seu feijão? tá 10 reais o quilo.; trás cinco quilo pra mim!', enquanto o outro lá vai tá com feijão de randape a dois reais encalhado, entendeu? E aí é que eles, que a gente hoje tá convidando, que a gente tá mostrando que tá mudando, vão falá: 'opa, tá ganhando dinheiro'. Aí que eles vão querer infiltrar, entendeu? Então eles não vão entrar*

> *por amor, por gostar de produzir puro, porque quer comer bem, tratar o outro bem. Vão entrar com interesse financeiro: essa é a minha tristeza. Eles podem até trabalhar certo, mas eles vão entrar por interesse.*
> Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Eu tô só falando procê que nós vamos sofrer pra nós atingir um ponto de montagem estrutural. Mas depois nós vamo ser modelo! Aí eles* [vizinhos camponeses das comunidades que não tiveram interesse de participar dos EPS até o momento] *vão vim e vai ser mais vitorioso pra nós, trazer eles pra dentro! Porque eu já sofri várias críticas lá na feira quando eu fui falar daquela visita que nós fizemos em Claraval. O L. com a L.* [referindo-se a camponeses presentes no atual EPS e no anterior] *tá de prova: o dia aqui na C.* [comunidade rural onde aconteceu a reunião entre duas comunidades no EPS anterior]*, lembra L.? Quando o Pedro tava pra chegar o assunto que tava aqui era de que não dá certo* [produzir sem agrotóxicos]*, mas quando o Pedro chegou o assunto foi outro... As pessoas assim, entre aspas, pra mim, fingidas. Então eu tô falando é o seguinte: nós que tá aderindo vamos formar essa união! Então nós vamos sofrer muito, vamo ser apedrejados por isso. E as pedras deles vão ser 'você está louco', 'não vão conseguir', 'vocês vão passar fome'... Eles vão falar isso.*
> Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Chegando, então, ao fim das atividades das Reuniões Regionais, constatamos que tanto os acúmulos e as "reverberações" sociais quanto a progressão dos componentes salutogênicos dos camponeses – promovidos pelo processo participativo, horizontal e autovalorativo-camponês realizado até aqui – permitiram, desde este Terceiro EPS, a constituição prática do que foi intencionado para a Fase II desta Pesquisa-Ação-Participativa, ou seja, o chamado desenvolvimento analético intermediário do sujeito camponês (ou construção das condições sociais locais para o processo dialético de libertação camponesa)[38]. Esta construção coletiva – fundamentada no processo de visibilização e consolidação do autorreconhecimento dos camponeses como ator social específico (proprietário-trabalhador da terra com modo de vida, economia e saberes próprios) e externo ao modelo capitalista do agronegócio (que subalterniza, domina e determina negativamente seu contexto geral) – proporcionou as condições para que os camponeses representantes das comunidades, em consonância com o objetivo da PNaPS[106] citado anteriormente, aplicassem capacidades e habilidades pessoais e comunitárias para a tomada de decisão autônoma sobre os rumos de seu processo de organização e transição agroecológico-sanitária.

Esta inferência pôde ser feita por meio da própria participação do pesquisador nas Reuniões Regionais realizadas neste Terceiro EPS (onde a convicção, o entusiasmo e a capacidade de dicisão contida nas falas dos camponeses eram não só audíveis como também visíveis) e, também, por meio da interpretação de falas dos representantes das comunidades nestas reuniões (Apêndice 3) contendo suas ideias e definições sobre como queriam que o Quarto EPS fosse estruturado e desenvolvido.

> *Então, eu espero o mesmo que todos: que mude realmente! Que a gente consiga dar um passo maior sempre. Porque é importante tanto pra gente quanto essa parte de vizinhos. Pra gente trazer os vizinhos de volta. Com a gente fazendo, até aqueles que falam que não vai dar certo, que tem que ter o agrotóxico, eles vão ver a gente fazendo e vão ver que realmente dá certo. Daí eu acredito que a gente não pode perder o foco e a gente tem que estar sempre seguindo em frente, buscando novas parcerias e agregar. Aí os outros vão vir, vão ver que está movimentando, que a gente tá fazendo o certo, que a gente tá indo pro melhor caminho. Os outros vão ver e vão também participar, vão ver que realmente é o que a gente precisa. É uma questão de organizar, e eu acho que é isso que a gente tem que ver como que a gente vai fazer lá no próximo dia de encontrar* [referindo-se ao próximo EPS].
> Camponesa da Região Rural B, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Sabe o que que eu acho? Eu tive uma ideia pra dar uma firmada na turma* [referindo-se aos demais camponeses representantes das comunidades]*: a gente fazer um encontro de troca de saberes de produção de tudo. Englobar tudo na troca de saber: dum uso de um remédio pra dor nas perna ao remédio pra banhar o café. Por exemplo, você vai convidar a F.* [referindo-se a uma camponesa de outra comunidade]*: 'mas eu não tenho nenhuma experiência'. Mas o seu pai tem, o seu tio tem, leva a experiência de uma pessoa que tem então'. Nós fazermos uma troca de saberes, que eu acho o que reforça bastante é a sabedoria. É o que tá reforçando a participação! Porque desde que a gente veio de Claraval, com os conhecimento, e começou, eu achei que a troca de saberes forçou o grupo a se encontrar e se conversar. Então, eu acho o seguinte: fazer uma reunião de troca de saberes, de conhecimento, e eu expor: 'gente eu tô com problema de piolho na couve. Eu já tentei mamona, já tentei...'. Então o D. levanta e fala: 'eu tentei lá isso'. Eu anoto, a gente anota, cê entendeu? Eu acho que isso aí vai tá valorizando mais a participação de todos. É a troca de saberes! Tudo que a gente tiver de informação, eu vou passar, o T. tá lá, o L. tá lá... Aí, de repente, eu falo assim: 'eu tenho a experiência com a água* [referindo-se à sua experiência agroecológica de recuperação de nascente realizada em sua propriedade]*'. Então aí, a gente vai fazer um cadastro e a gente vai fazer um encontro lá pra ver a experiência. Então, abre a reunião: troca de saberes, conhecimentos! Nós vamos só falar em conhecimentos, já entra assim: 'seguinte, tem alguém que tem algum problema sério que tá afetando a sua produção? Seríssimo, que é uma coisa de urgência?'. De repente ela lança lá e o cara das Três Barras fala* [referindo-se, como exemplo, à Comunidade rural das Três Barras]*: 'não minha filha, a bomba eu também tive problema. Tem que por válvula nos canos'. Entendeu? Aí acabou a parte dos conhecimentos, agora nós vamos saber da nossa*

organização. Essa é a ideia: de manhã troca de saberes e depois do almoço a organização.
Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Ô Pedro, e se ocê vim cá [referindo-se à propriedade do camponês onde estava sendo realizado o EPS] *e filmar a água dele* [referindo-se à experiência agroecológica de recuperação de nascente realizada pelo camponês] *e levar lá na Eterna* [Eterna Misericórdia, local de realização do próximo EPS] *e mostrar lá pra todo mundo* [referindo-se aos demais camponeses representantes das comunidades]*? Eu acho que é uma boa pra unir o povo.*
Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

O do Whatsapp também tá interessante [referindo-se ao grupo do aplicativo Whatsapp® criado pelo pesquisador com os camponeses e camponesas que participaram da Pesquisa-Ação-Participativa desde o Primeiro EPS]. *Às vezes alguém coloca alguma dúvida, alguma coisa, se alguém já tiver prática daquilo... Às vezes até filmar, fazer uma gravação... Hoje a internet na roça tá bem fácil, né, ajuda bastante. Então, assim, grava um pequeno videozinho ali, mostra com detalhes alguma coisa que ele fez que deu certo. 'É o seguinte, essa é minha horta. Eu fiz isso, olha cumé que tá minha alface...'. Grava um videozinho e já fala, fica explicativo. Eu e o R.* [referindo-se ao irmão] *lá, a gente usa muito isso. A gente tem alguma dúvida em alguma coisa a gente usa muita internet a favor. É claro que a gente confirma com uma pessoa de confiança se isso vai ser adequado, né? O mundo hoje tem muita informação. O Youtube® também... o Youtube a vantagem é que você assiste o que você tá quereno saber e logo embaixo tem os comentário. Sempre tem gente com crítica construtiva e crítica criticando o vídeo também. Aí você faz um balanço e aí você decide se vai usar, se vai fazer ou não. Ajuda muito.*
Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Eu vou te falar o seguinte: eu já passei experiência com formação de associação, o L. também já viu. Nós não pode chegar que nem tão usando fazê: chegar numa reunião e falar de amanhã, oito horas da manhã: 'nós temos que se organizar por causa disso aí tudo, e duas horas da tarde nós temos que sair daqui formados representantes'. A pessoa tem que pensar, lançar a ideia... E numa próxima oportunidade voltar só pra formar os líderes voluntários que vai trabalhar nisso aí. Essa pressa é o que tá acontecendo em várias associações e não tá funcionando: 'você aceita ser o presidente da associação? Porque você fala bem... Ah, você aceita. O L. vai ser o vice e o D. vai ser o secretário'. Tão assim formando as associações. E não dá tempo de você pensar. Então tem que ser lançado a ideia e numa próxima marcação... Aí, por exemplo, troca de saberes e lançamento da ideia de organização. Na próxima pode ser uma troca de saberes e formação da organização. Eu falo assim porque a formação de organização ela tem que ser lenta. Não apressar ela pra ela ser bem feita. Porque todas as organizações que foi feita aí tá tudo dando errado. Porque com a rapidez, chegam e são manipulados. Igual a associação lá do mercado [referindo-se ao Mercado Municipal de Lavras e à associação dos feirantes]*: 'tem que arrumar porque vai vim uma verba lá pra recuperar o mercado. Então tem que formar associação pra fazer isso'. Não é assim gente! Tem que fazer uma associação pra resolver o nosso problema, não é pra ganhar dinheiro não.*
Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

Ô Pedro, se quiser qualquer dia fazer aqui [oferecendo sua propriedade, onde estava sendo realizado o EPS, para realizar outras reuniões e encontros dos camponeses]*... Até eu tinha a minha ideia e a minha filha até riu pra mim. Falou: 'pai vocês vai assustar eles se você falar isso pra eles'. Falei que a minha ideia é que eu ia fazer uma mesa ali no terreiro pra gente sentar. Numa mesa redonda com agua e café. O dia que for pra fazer uma reunião dessas eu acho que a gente deve programar uma reunião que não use tecnologia* [referindo-se à computador, projetor, apresentação de slides etc.]. *Vamo fazer de baixo da arvore lá. Não precisa de salão e cadeira não. Vamo sentar lá no chão de baixo de uma árvore e vamo falando lá. Cê entendeu? Fazer reunião é isso!*
Camponês da Região Rural A, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

1 - O que o G. [referindo-se à um camponês de outra comunidade] *falou na Eterna Misericórdia* [referindo-se ao local onde foi realizado o Segundo MPSOC] *sobre os benzedores... Porque os benzedores eles tem as raízes dos remédio. Então quem tem raiz na família, nós vamos trocar essa experiência de remédios natural. Nós vamos pôr esse tema.*

2 - É igualzinho você acabou de falar aí, vamo falar de um remédio que valeu...

1 - Eu tenho um conhecimento grande, o T. também tem. Então nós vamos passar pra quem não tem. Tem mais gente aí que tem também conhecimentos.

2 - Agora cê sabe qual que é o bom? O dia dessa reunião aí [referindo-se ao próximo EPS]*, se for ter, se ocê quiser levar alguma coisa do que cê sabe, eu também levo uma rama* [referindo-se às plantas medicinais]*. O Pedro fala pro G. levar também um ramo.*

1 - É igual um dia, eu mostrei pro D. [referindo-se à um dos estudantes da equipe de pesquisa presente no EPS e que fez o DRP com o camponês em sua propriedade]*, eu faço um remédio de ervas com 22 ervas. É um remédio que é um espetáculo pra machucado, mordida de marimbondo. É um curtimento. Pode tá expandindo isso pro pessoal.*

2 - Ocê marcando a reunião [próximo EPS]*, você vai me ligar, aí você fala: 'cê leva o remédio que ocê sabe'. Aí eu levo os ramo dos remédio.*

1 - Nós vamos ser palestrante! Nós vamos levar as ervas e assim, assim, assim. Eu, por exemplo, eu sei vários.
Camponeses da Região Rural A, representantes de suas comunidades no Terceiro EPS.

Porque as reuniões estão sendo com os produtores rurais e eu acho que devia ter também palestras nas feiras. Tirar 30 minutos, colocar cadeira no mercado São Jorge [Mercado Municipal] *ou em outro lugar... Fazer palestras, eventos, convidar alguém dos que fez as palestras na Eterna Misericórdia* [referindo-se aos parceiros que palestraram na atividade do Segundo MPSOC]*, alguma coisa assim... Porque o pessoal hoje quer mais boniteza, hoje não tem a qualidade que a gente tinha antigamente. Então como tá sendo com produtor rural, temo que fazer uma palestra na zona urbana, nas feiras, pros consumidores que come a mercadoria da feira. Eles vão escutar isso ali: os produtos sem agrotóxico, sem nada. Eu acho que é muito importante. Mas como se diz, começou agora pouco e simplesmente vai chegar lá! Nossa ideia é que vai*

> *chegar lá pra resolver e tudo que é conversado é entendido. Tudo a gente aprende. E a união faz a força! Acho muito importante ter essas conversa com os produtores rurais e com os consumidores da zona urbana.*
> Camponês da Região Rural C, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Eu acho que tem alternativa e eu tô, assim, querendo conhecimento! Nós queremo, assim, pro encontro que vem, trocá o poquinho que nós sabe e trazê especialista também.*
> Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

> *Assim, eu penso em mexer com verdura, essas coisas. Eu quero trabalhar pra mim mesmo* [camponês produtor de café que precisa complementar a renda trabalhando para fazendeiros de sua comunidade] *e, então, eu espero que através do grupo no próximo encontro eu consiga uma ajuda.*
> Camponês da Região Rural D, representante de sua comunidade no Terceiro EPS.

A partir, então, da escuta analética[38] de falas como as apresentadas acima e do compromisso do pesquisador com a transformação do contexto inadmissível[81] de exploração e dominação dos camponeses de Lavras, o Quarto e último EPS do recorte do processo social contínuo iniciado por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa foi estruturado, conforme descrito no item 5.1.7, seguindo as intenções e definições (apresentadas, discutidas e refletidas) pelo próprio sujeito camponês.

5.2.4 Quarto Encontro de Promoção da Saúde

Um panorama geral da sistematização das falas das camponesas e camponeses lavrenses, representantes das 12 comunidades que integraram o Quarto EPS (Quadro 16), nos revela que o processo social participativo realizado por meio da estrutura metodológica desta Pesquisa-Ação-Participativa permitiu não apenas o desenvolvimento da Promoção da Saúde Salutogênica como também a concretização subjetiva e prática da analética do sujeito camponês. Com relação à progressão salutogênica (como modo analítico/interpretativo – neste estudo – de avaliar o processo de implementação e desenvolvimento de estratégia de Promoção da Saúde de camponeses por meio de atividades prático-práxicas da metodologia CaC), podemos

perceber que, por meio do desenrolar social-participativo dos três EPS e três MPSOC anteriores, o sujeito camponês desenvolveu uma "consolidação positiva" – refletida nas falas deste Quarto EPS (Apêndice 3) – de suas Capacidades de Compreensão, Manejo e Significação.

Nesse sentido, ao analisarmos a sistematização das falas categorizadas como Capacidade de Compreensão, levando em consideração a sequência progressiva desta categoria (Quadro 16) e as inferências apresentadas para os EPS anteriores, podemos identificar que não houve uma simples redução do número total de falas com conteúdo sobre o entendimento do sujeito camponês sobre seu próprio contexto neste Quarto EPS (17 falas), mas sim uma desconcentração ou "desprendimento" de suas expressões a respeito do ainda desfavorável contexto em que vivem. Ou seja, neste Quarto EPS onde os camponeses estavam reunidos para discutir e construir diretamente as práticas iniciais de sua organização e de seu processo horizontal de troca de saberes de camponês a camponês, as falas a respeito de seu contexto – já profundamente expresso/discutido nos EPS anteriores, mas ainda desfavorável e a ser mudado – foram "despriorizadas" frente à necessidade de expressar/discutir seus conhecimentos, práticas, motivações e modos e direcionamentos sobre como construir autonomamente um novo e favorável contexto. No entanto, mesmo com esta "despriorização" da categoria Capacidade de Compreensão, podemos perceber que a diminuição numérica destas falas não reflete uma perda de entendimento e/ou de apreensão de seu próprio contexto. Ao contrário, como pode ser percebido nos segmentos de conteúdo apresentados abaixo, as falas desta categoria demonstraram um entendimento tácito, crítico e consolidado do sujeito camponês sobre seu próprio contexto.

> *Ô Pedro, eles* [referindo-se à pesquisadores universitários de um modo geral] *não dá... Porque eles não fazem um estudo, por exemplo, se ocê plantar, vamo supor, vou chutar* [dar um exemplo fictício]*: que se ocê plantar eucalipto a praga não vai na laranjeira. Agrofloresta... Então você tem que ter outros tipos de árvores, que as pragas se alimentam daquela árvore, e não vai nas outras. Mas não existe um estudo técnico e é o que eu xingo o pessoal da UFLA. É o que eu xingo as universidades. Eles fazem um estudo pra saber mais um veneno, mas eles num faz um estudo sobre uma árvore que precisava tá ali no meio do*

cafezal, pra controlar o bicho mineiro [espécie de inseto que é considerado praga para o café]...
Camponês da Comunidade 2, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

1 – Lá [referindo-se à sua comunidade] *já tem um* [poço artesiano]*, mas é de uma casa. Aliás, um não, lá tem vários. Então a prefeitura tá falando de furar mais um. O problema que eu tô encontrando é porque vai ser perto da minha mina. Eu falei que eu quero conversar com um engenheiro, né?*

2 - Vai prejudicar a mina.

1- Ah, vai, com certeza. Ah, mas eu já avisei eles: se secar a minha mina é encrenca na certa.

3 - Encrenca? Com o que cê vai fazer?

1 - Ah, eu num...

3 - Num adianta! Num tem o que cê fazer. Cê sabe por quê? Eles falam assim: 'ah, é o progresso!'. Eu escutei isso um tanto..."
Camponesas das Comunidades 15 e 6 e camponês da Comunidade 3, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

Falar uma coisa procê [falando pra outro camponês presente no EPS que tinha dado ideia de montar uma feira agroecológica em alguma praça]*: ó, pra fazer isso vai na prefeitura e pega alvará procês fazer. Não vai por você não que você toma bomba! Eu tinha umas galinha, né, em casa. Lá tinha uns ovos e eu tava colhendo umas verdurinha minha lá no meu lote. Eu fui na porta de casa em casa pra vender. A prefeitura proibiu e não me deixou eu vender um pé de alface mais. Se ocê for lá e eles autorizar docê vender... Agora se eles pôr questão, cê num vende em lugar nenhum.*
Camponês da Comunidade 17, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

Eu trabalhei na feira com ervas medicinais por um tempo e eles [referindo-se à fiscalização sanitária municipal] *me proibiram de levar pra vender por causa disso: 'cê tem garantia? Cê tem receituário? Cê tem formação?'*
Camponês da Comunidade 2, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

Esses problema que tá enfrentando nóis... Às vezes é o vizinho que tá jogando herbicida nas roças, tá pulverizando... Que não adianta nada ocê tá cuidando da sua propriedade se seu vizinho ali tá jogando [agrotóxicos]. *Porque, igual o T. tá falando, a manga não produz por que? Tá fazendo mutação genética nas flor das plantas* [referindo-se à ação dos agrotóxicos]*. Às vezes cê tem uma laranjeira que ela é natural, parnásia, que hoje cê quase não vê uma laranja parnásia... Ela tá dando problema na frutificação. Cê tá ali: 'ah é bicho, não sei o que que é...' Às vezes não é o bicho, às vezes é o vizinho que tá jogando lá* [agrotóxicos]*, tá descontrolando o meio ambiente lá em cima e tá te afetando.*
Camponesa da Comunidade 13, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

> *1 – Mas eu posso falar uma coisa procês? Eu penso que se plantar árovre, se num tiver água pra ela conviver, lá dos lençol d'água, pra ela puxar pra cima... Se num tem lençol d'água pra ela puxar ela vai viver de que? Num tem água no lençol pra puxar pra cima. O povo secou tudo.*
>
> *2 - O eucalipto* [referindo-se aos monocultivos de eucalipto, comuns na região, fomentados, principalmente, pelas grande empresas de siderurgia] *hoje é o que tá destruindo as água tudo.*
>
> *3 - Eles já falou aí: é verdade. Eucalipto puxa muita água. A raiz do eucalipto ela desce muito lá embaixo, né? Então o eucalipto adulto, uma tora grande, ela seca duzentos e cinquenta litro d'água por dia.*
>
> *2 - É muita água, muita água...*
>
> *3 - Então, quer secar uma água é só plantar eucalipto!"*
> Camponeses das Comunidades 17, 13 e 3, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

> *A minha água, eu tenho uma matinha bem grande em roda da minha mina. Muito grande mesmo. Mas só que a vizinhança, ao invés de deixar o matinho* [nas propriedades vizinhas]*, foi lá no topo e cortou tudo. Também teve uma irmã minha que eu fui falar com ela porque ela que tá na cabeceira da mina, né? Falei de fazer* [recuperação da mata ao redor da mina]*. Aí o marido dela já falou que não. Que não porque lá é um terreno bão pra pasto. Aí num deixou...*
> Camponesa da Comunidade 6, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

Ao analisarmos a progressão salutogênica por meio do reconhecimento dos recursos próprios do sujeito camponês, podemos perceber, analisando a sistematização das falas categorizadas como Capacidade de Manejo (Quadro 16), que houve uma estabilização do número total de falas desta categoria em relação ao Terceiro EPS (quando as falas com conteúdo sobre os recursos camponeses "passaram a migrar" para conteúdos sobre como utilizar seus próprios recursos para mudarem seu contexto). Entretanto, para além desta "estabilidade numérica", o que nos indicou a "consolidação positiva" do Capacidade de Manejo neste Quarto EPS (especialmente a consolidação dos recursos representados pela subcategoria 'Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas') foi a profunda e consistente capacidade técnica das práticas e conhecimentos e a destreza e horizontalidade didática demostrada pelos camponeses ao realizarem o intercâmbio de experiências neste EPS. Assim, as falas apresentadas abaixo, não revelam apenas uma identificação e transmissão de recursos tradicionais e agroecológicos entre os camponeses, mas sim uma verdadeira e completa aula coletiva, onde todos os

camponeses e camponesas participantes foram educadores e educandos[79,80], portadores e multiplicadores de um conhecimento rico, convicto e singular (proveniente e adaptado à realidade camponesa local e a seus modos e condições de vida, ou seja, em plena coerência com o que propõe conceitual e praticamente a Promoção da Saúde[106]).

> *Então, ocê* [compartilhando sua experiência frente ao problema relatado por outro camponês presente no EPS de dificuldade com a pressão da água para a irrigação de sua horta devido ao fato do rio de onde bombeia água estar abaixo do nível da área da horta] *pode reduzir pra cima. Porque daí dá mais de dois* [referindo-se à pressão da água] *e lá na ponta sai com um. Aí dá pressão. Invés docê botar o grande* [referindo-se à tubulação ao longo do trajeto da bomba até a caixa d'água]*, ocê põe um pequeno de 3/4 ou de 1/2, que ocê levanta* [a pressão] *facinho. Ocê tem que colocar redução, quanto mais reduzir... Igual assim, você faz uma linha reta* [com a tubulação] *e lá na caixa vai reduzindo* [o calibre da tubulação]. *Aí ela chega lá* [na caixa d'água] *com pressão e você vai gastar só pra enfiar* [a água] *na caixa. Aí você vem com o cano* [da irrigação, a partir da caixa d'água] *fazendo o desnível. É o melhor pra você e dá mais lucro. Porque ocê vai gastar na primeira arrancada* [referindo-se à gastar energia da bomba apenas no início da tubulação do bombeamento]*, mas depois você ganha* [pressão] *na redução* [do calibre da tubulação]. *Que aí você já não vai gastar muita coisa.*
> Camponês da Comunidade 13, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

> *Uai, pro bicho mineiro e pra cercóspora* [insetos considerados pragas para cultivo de café] *eu passo procê* [receita de inseticida natural desenvolvido pelo próprio camponês compartilhada frente ao relato de outro camponês presente no EPS de problemas na lavoura com estes insetos]. *No meu lá deu certo... É a mamona: cê pega a mamona com cacho e tudo, talo... Você põe... – Quer escrever? Tem que escrever... – Carqueja, isopo, melão-de-são-caetano, mata-carneiro... Cê conhece, né? Ocê mistura esses trem tudo, mas cê põe bastante mesmo. Põe num tambor de duzentos litro que dá. Ocê deixa uns quatro dias de molho, depois você usa. Ah, broca* [outro inseto considerado praga para café] *também no café limpa tudo, ué!*
> Camponês da Comunidade 9, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

> *Ô N.* [falando diretamente com outro camponês presente no EPS para compartilhar sua experiência sobre o problema de infestação de broca no café, relatado pelo camponês]*, você não deixa resto de café no pé, né? Que aí diminui a broca. Ela alimenta dentro do carocinho do café. Se não tiver onde alimentar, na época da seca, ela diminui muito. Então, pra broca, se você não deixar resto de café nem no pé nem no chão... Eu mandava catar o cafézinho tudo que tinha. Às vezes eram dois, três grãozinho, eu catava tudo que tinha. Não deixa nada! Pra não alimentar a broca, o que alimenta ela é o fruto. Não tendo alimentação pra ela no período da seca, da entressaca, ela diminui.*
> Camponês da Comunidade 3, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

1 - Só completar [compartilhando sua experiência frente ao problema relatado por outra camponesa presente no EPS sobre infestação de ferrugem nos seus cultivos de frutas]*... Aquele cara que vende goiaba na feira tinha esse problema aí que ela tá falando. E eu tinha esse problema também e eu perguntei pra ele se tinha alguma coisa pra jogar* [referindo-se à agrotóxicos]. *Ele falou pra mim: 'o primeiro passo não é jogar* [agrotóxicos]*, é ocês subir na goiabeira, ir lá e cortar o centro dela* [os galhos centrais]. *O sol tem que entrar. Cê olha o sol vai pegar o caule dela até lá na raiz. Deixa só galhos laterais'. E aí eu fui analisar que quando eu era criança eu tinha uma vizinha lá perto de casa e ela chegava e falava assim: 'ah, a Dona N. vem aí puxá as goiabeira no chão pra poder panhar'. As goiabeira, coitada, tudo arreganhada... Só que era goiaba assim* [faz gesto de grande quantidade]. *Ela puxava os gaio e a goiabeira abria. Então o moço indicou parecido, e ainda falou pra mim o seguinte: 'cê plantou uma goiabeira e quer que ela produz, cê, desde pequena, finca uma estaca, amarra uma linha e vai abrindo ela pra luz do sol entrar nela.*

2 - Será que isso vale pra jabuticabeira também?

1 - Jabuticabeira cê vai no meio, que a jabuticabeira tem aquela coiseira [referindo-se à quantidade de galhos]*... Cê entra no meio, serra e deixa o miolo. Cê vai e olha meio dia: o sol vai pegar no meio, ó... O moço falou e a minha mãe fez lá, porque num dava jabuticaba. E deu certo, entendeu? Então tem esse processo, igualzinho o caso da goiaba... Porque o moço me passou isso de luz do sol no meio da goiabeira e lembrei do passado...*

Camponesas da Comunidade 15 e 13, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

A experiência que eu falo procês, que eu tenho, que hoje cabou, que eu confio, mió solução: a benzação e simpatia. Se ocê tiver broca na sua roça [referindo-se ao inseto que é considerado praça em cultivos de café], *ocê pega galho de três pé* [de café que estão com broca], um de cada canto: *canto, canto, canto. E aí é levar e por de ponta pra baixo na fumaça. Do jeito que ela seca ali seca tudo lá na roça.*

Camponês da Comunidade 17, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

Eu tive um problema com uma vaca lá em casa. A vaca fez um mojo [enchimento das glândulas mamárias de vacas antes do parto] *maravilhoso! O povo parava na estrada pra tirar foto da vaca. Só que passou os dia e a vaca num paria. Eu falei: 'meu Deus do céu, o que que aconteceu?'. Chegou o dia dela parir, demorou mais quinze dias a mais e nada dela parir... E ela secou, a vaca virou um trapo. Os ossinho, cê via os ossinho dela. Eu peguei e falei assim: 'gente num é possível...'. Aí meu pai falou assim: "ah, manda benzer essa vaca'. Aí eu cheguei lá no seu R.* [benzedeiro conhecido pelos moradores da comunidade da camponesa] *e falei: 'ó, Seu R., tá assim, assim, assim, assim a vaca'. O homem começou a chorar... Chorar! E virou pra mim e falou assim: 'nó, sua vaca ia morrer. Ela era pra ela morrer. Ela ia morrer'. Depois disso acabou, num fiz mais nada com ela. Ela pariu, engordou, ela melhorou, ela voltou a dar leite. A vaca melhorou assim! Eu não gosto muito de ficar contando isso porque tem muita gente que acha que a gente é doido, sabe? Fulana é doida de fazer isso... Mas não é, funciona mesmo e é fato!*

Camponesa da Comunidade 6, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

Tô fazendo uma parte, um lugar que a gente plantava arroz. Era uma baixada, deixei a natureza agir lá sozinha e lá começou a brotar uma água. Tá surgindo uma água. Foi o que abasteceu o pessoal pra baixo hoje. Então, lá tá saindo, tá nascendo sangra d'água, mangue... Tá nascendo tudo que é a natureza. Inclusive a prefeitura tá doidinha pra ir lá fazer um projeto: 'porque a UFLA aí e tal, numa parceria...'. Eu falei: 'eu não deixo! Porque faz cinco ano que tá parado e agora que tá nascendo água de novo vocês aparece?'. Eu mesmo tô fazendo lá esse acompanhamento. Lá vai voltando a água lá nesse local. Um dia, se Deus quiser, logo logo, a hora que tiver prontinho, eu já combinei com o Pedro: a gente vai fazer uma reunião lá em casa procês ver o resultado que que é. Sozinhas, tão se formando sozinhas... E a água voltou. Voltou lá. A gente lá arava e plantava arroz nesse local. E tá voltando sozinho. E pra cima tá seco. Aonde o pessoal desmatou, destocou pra cima, tá seco. E lá nesse local tá brotando. E esse é um problema, porque se num tiver água num tem nada [compartilhando sua experiência de recuperação de nascente, com os demais camponeses presente no EPS, frente ao relato da maioria de problemas com água em suas comunidades].
Camponês da Comunidade 2, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

1 – Então, agora eu até tô querendo fazer diferente... A minha ideia é segurar [a água da chuva]*. Dou ideia procês: quer os terreno docês rico, é água. Água é vida. Cês já sabe que água é vida. Então, curva de nível e bacia de contenção! Segura tudo que cês aguentar. Segura água da chuva no terreno, segura. Aí gente que tem gado que fala assim: 'ah mas morre um sapo lá* [referindo-se à bacia de contenção] *vai dá botulismo na vaca'. Compensa cês cercar a bacia ali e manter ela cheia. Porque por exemplo, se nóis fizer uma bacia aqui, segurar a água que vem de cima aqui, ocê vai ver o resultado do pasto daqui pra baixo durante a seca. Ele brota fora de época. Isso eu tenho exemplo lá, porque lá no terreno que é do meu pai a gente fez bacia numa ponta e noutra. Segura toda a água da chuva. O terreno virou outra coisa. Então, tá tendo pouca água que tá caindo de cima? Aí que tem que segurar essa pouca água. Agora ocês que tem água com fartura também... Cês tá tendo essa água que tá vindo de alguém que tá segurando mais pra cima. Cê entendeu? Então cuida dessa água. Quem tem cuida.*

2 - Igual cê falou, porque ultimamente tem chovido pouco... Então a água que tem caído tem que dar um jeito de segurar ela.

1 - Tem que segurar. A maior riqueza é isso. Eu tenho vontade, mais prum futuro, de fazer mais bacia.

2 - Bacia ela infiltra devagar [a água retida no solo]*, né? Ela vai descendo* [para o lençol freático].

1 - Devagar...
Camponeses da Comunidade 2 e 3, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

Teve um aí [referindo-se à um dos camponeses presentes no EPS, que havia relatado problema com pulgão nas hortaliças] *que passou que tava infectada a horta de piolho* [referindo-se ao pulgão]*. A minha também já teve, a minha couve tava dum jeito que eu tava em tempo de falar assim: 'eu vou ter que jogar*

um Decis [inseticida agrotóxico] *aqui, porque tô perdendo minhas couve'. Panhava couve e jogava pras galinhas todo dia porque piolho tava em cima. E com a mamona eu resolvi. Mamona rasgada* [para fazer calda inseticida natural]*. Mamona e mamona de três em três dia. Cabou. Não tem piolho mais. Porque mamona ela controla e espanta. A mamona deu certo! Folha de santa bárbara também* [usada para fazer calda inseticida]*, cê usa contínuo. E flor também. Quanto mais flor ocê plantar, mais ambiente que cês der pros outro bicho que come as praga, menos ela vai te afetar.*
Camponês da Comunidade 2, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

1 - Cê tem que plantar milho e ir rotacionando o lugar, mudando a cada ano ou dois anos [compartilhando sua experiência com uma camponesa presente no EPS que relatou problema de pragas no cultivo de milho]*...*

2 – Um teste que meu marido fez esse ano, num pedaço da roça de milho, não sei que tamanho, foi plantar um canto de feijão. Tá bonito. E, agora que panhou o milho, deixou lá pro feijão. O problema lá é que o terreno é pequeno. Só tem esse lugar mesmo pro milho, porque o sogro mexe com vacas pra leite e não tem muito lugar pra trocar.

3 - Te dar uma ideia: planta, por exemplo, braquiária [no local onde hoje é usado pro cultivo de milho]*. Aí ela sai e forma outro pasto e você tem que conversar com seu sogro... Onde era roça* [de milho] *não fica terreno degradado, fica uma pastagem boa. Se for fazendo isso, rotaciona com o terreno que hoje é pasto* [pra plantar milho] *mesmo. Melhora o terreno e até melhora a pastagem pras vacas.*
Camponesa da Comunidade 5 e camponeses das Comunidades 2 e 9, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

O nabo forrageiro é adubação [espécie usada como adubação verde] *também e serve pra isso... Ocê plantando ele no meio da lavoura, aduba. E pode plantar no meio da plantação mesmo, não precisa ser na entressafra. Quando tiver maior passa trator e pode tombar ele. E na entressafra planta no terreno todo. Aí antes de plantar* [a próxima safra de cultivo] *você destrói porque o nabo já fez serviço todo. Ele ajuda a descompactar o solo por causa da raiz grande.*
Camponês da Comunidade 3, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

1 - Tem uma planta, não sei se vocês conhecem... Uma planta verde clara que dá uma folha grande. Ela também é atrativo pra diabrote [referindo-se à diabrótica, inseto, também conhecido como "vaquinha", que é considerado praga para diversos cultivos de horta]*. Quando vamos no campo a gente vai nessa planta e ela sempre está lá* [a diabrótica, na planta à qual se refere]*, e muito! Toda vez que íamos a gente achava, só não achava quando tava chovendo, porque eles* [os insetos] *somem* [da planta]*. Então, você* [compartilhando sua experiência com outros camponês presente no EPS que havia relatado problema com a "vaquinha" nos seus cultivos] *pode olhar essa planta também e plantar um pouco dela. Aí a diabrote pode largar sua hortaliça lá e ir pra essa planta. E ela simplesmente nasce, ninguém planta* [referindo-se ao fato da planta ser espontânea]*. Na próxima reunião que tiver a gente arruma uma, eu trago pra você.*

> *2 - Ela dá uma pelota em cima da outra?*
>
> *1 - Isso? Como que ela chama mesmo?*
>
> *2 - Cordão de frade.*
>
> *3 - Ou, falar uma coisinha procês aqui: sabe o cordão de frade que ele falou? É um remedião pra pessoas que tem gota. Ela dá uma coroa... Pega essa coroa, ferve essa coroa de flor e pode beber o chá.*
> Camponesa da Comunidade 15 e camponeses das Comunidades 2 e 17, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

Ao analisarmos, por fim, as falas categorizadas como Capacidade de Significação no Quarto EPS (Quadro 16 e Apêndice 3) podemos constatar o elevado nível de progressão salutogênica atingido pelos camponeses representantes das comunidades após o processo desenvolvido por meio da Fase II desta Pesquisa-Ação-Participativa. Além disto, são as falas expressas nesta categoria que nos permite apontar, também, tanto a concretização da analética deste sujeito camponês quanto, consequentemente, o início socialmente consolidado (camponês-de-fato) do processo dialético de superação, pelos camponeses de Lavras, do modelo do agronegócio que domina e nega sua autonomia e liberdade.

A referida "elevada progressão salutogênica" pode ser entendida como a consolidação do Capacidade de Significação (ou motivação fundamentada na crença na disponibilidade de recursos próprios para desenvolver uma mudança favorável e autônoma do próprio contexto) do sujeito camponês, sendo este o componente salutogênico apontado por Antonovsky[13] como determinante para que a Promoção da Saúde siga, de fato, um caminho autossustentável (baseado em recursos positivos locais e no controle local dos determinantes contextuais) em direção à saúde[53] (e não em direção à prevenção e ao controle de doenças). Tal consolidação foi demonstrada pela concentração das falas da categoria Capacidade de Significação (não apenas numericamente – Quadro 16 – como também em "extensão" e densidade de cada uma destas falas – Apêndice 3) na subcategoria 'Organizar-se e construir caminhos como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente)', uma vez que esta subcategoria e seu conteúdo revelam as possiblidades concretas e, inclusive, o início

da construção do caminho camponês para a promoção localmente organizada e agroecológica de sua saúde.

Nesse sentido, e em consonância com a PNaPS[106], para a qual a Promoção da Saúde *"adota como princípios a equidade, a participação social, a autonomia, o empoderamento, a intersetorialidade, a intrassetorialidade, a sustentabilidade, a integralidade e a territorialidade"*[106] [grifo nosso], as falas dessa categoria revelaram a profundidade e a factibilidade com que os camponeses apresentaram e discutiram o que têm, o que conhecem, o que podem e o que são (ou seja, seus recursos próprios) para construírem um contexto favorável, baseado no que querem, desejam e intencionam (inclusive, a agroecologia). Assim, os segmentos de conteúdo abaixo demonstram tal motivação em mudar seu contexto por meio de seus recursos camponeses (claramente revelando suas disposições e crenças em sua capacidade de participação social, de autonomia, de tomada de decisção, de sustentabilidade e de territorialidade), sendo estes recursos a organização/planejamento coletivo da produção (três primeiras falas da sequência abaixo); a organização/busca coletiva por formas mais justas de comercialização de seus produtos (quarta, quinta e sexta falas da sequência abaixo); e a organização/luta política para, como povo/classe camponesa, (re)conquistarem sua credibilidade, respeito e seu merecido espaço como atores fundamentais para a alimentação, para a economia e para o desenvolvimento social do município (três últimas falas da sequência abaixo).

> *Quantidade de produto também é que vale... Vamo montar uma feira? Ele vai vender só uma cabeça de alface, por exemplo, ele vai lá com o repolho, ele vai com o leite só... Cadê o inhame, cadê uma mandioca, cadê o ovo caipira? Então a pessoa que quer ele pode chega lá e falar assim: 'é feira agroecológica mas tem muito pouquinha coisa'. Por isso que eu tô falando: o T.* [referindo-se a um dos camponeses presentes no EPS] *planta café. Às vezes o T., passa na cabeça dele agora: 'mas eu não planto verdura, o que eu vou fazer na feira? Entra com café torrado! Não é porque feira que é só verdura, não! É o café torrado, é feijão, arroz... Uma coisa que se levar vai vender é arroz!*
> Camponês da Comunidade 2, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

> *1 - Eu acho que cada um...: 'L., cê vai plantá o que? Eu vou plantá o que? Cê vai plantá o que?* [simulando um levantamento e organização da produção coletivamente com outros camponeses presentes no EPS]*'. Porque não adianta nós tudo plantá uma coisa só e, chega a hora* [de iniciar uma feira agroecológica ou outras formas de comercialização]*, achar que vai dá dinheiro.*

2 - Todo mundo ir com alface, né?...

3 - Tá certo, tem que diversificar mesmo.

2 - É uma organização, então tem que organizar a produção também.
Camponeses das Comunidades 2 e 3 e camponesa da Comunidades 6, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

E outra coisa também: o grupo, vamos supor, montou o grupo a organizar... Ninguém aqui produz mel, de repente. Porque feira, comércio, gente, quanto mais variedade melhor. Porque que o supermercado vende? Porque ocê entra no supermercado ocê sai com tudo. Cê leva da creolina ao açúcar. Então, vamos supor: o meu vizinho produz mel e o mel dele é bom. Vamos fazer um trabalho lá, verificar a produção dele, convida ele: 'cê quer fazer parte do nosso grupo? Que a gente precisa de mel na nossa feira. A gente precisa de uma goiabada de qualidade'. Entendeu? Aí nós também vamos procurar e dar oportunidade pra outras pessoas.
Camponês da Comunidade 2, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - A gente vai decidir se vai ser associação, cooperativa ou MPA. Daí se a gente faz uma feira [agroecológica, organizada pela própria organização camponesa]*, todo mundo do grupo pode levar produto lá... Pode ser assim: cada um leva seu produto lá, deixa na banca lá e fica uma pessoa só, ao invés de todos. Aí nós racha e paga.*

2 - Igualzinho lá no mercado, onde tem aqueles box lá [referindo-se aos espaços na lateral do Mercado Municipal que são alugados pela prefeitura para lojas e bares]*. Podia pegar um box daquele lá, alugar e rachar pra todo mundo. Fazê tipo uma loja.*
Camponeses das Comunidade 3 e 13, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 – Vamo pegá o dinheiro do mercado [referindo-se à taxa de associado que todos os feirantes pagam para participar da feira do Mercado Municipal] *e nós faz a feira da turma orgânica.*

2 - Fora da feira [referindo-se à feira do Mercado]*?*

1 - Fora da feira.

2 - Aí pode. Por exemplo, quarta feira, feira orgânica! Aí pode, aí concordo.
Camponeses das Comunidade 13 e 2, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - Então, porque a gente não começa destacando nossas pessoa [referindo-se ao grupo de camponeses presentes no EPS] *de alguma forma dentro da própria feira* [referindo-se à feira convencional do Mercado Municipal]*? Fazendo banner, fazendo uma certa propaganda? Fazer propaganda mesmo! Se destacar! Às vezes fazer alguma coisa, mudar a cor da banca, fazer um*

uniforme, colocar um banner na sua banca falando que você é um produtor agroecológico e que seu produto é bom, é de qualidade e que não tem agrotóxico. E aí pode entrar assim em consórcio com todo mundo do nosso grupo. A gente já tem meio uma organização. E quem já vende os produto, normalmente já tem um ponto na feira. Daí, por exemplo, ele tá começando [referindo-se à um camponês presente no EPS que hoje trabalha na cidade mas quer voltar a trabalhar produzindo hortaliças na pequena propriedade da família]... *Eu empresto um pedaço da minha banca pra ele até ele conseguir uma. Por exemplo, ele tá torrando café* [referindo-se à outro camponês presente no EPS que hoje vende todo o café que produz para cooperativas patronais mas que tem intenção de torrar o café por conta própria para comercializar de forma mais justa]*, conversa com o L. que ele vende um pouco de café pra ele na banca que ele já tem. Isso até a gente conseguir sobressair. Depois que a gente conseguir se mostrar a gente cresce! Então como a gente já tem esse nosso próprio grupo, eu acho que diferenciar nosso grupo na feira já é uma grande coisa.*

2 – Aí depois do pessoal conhecer a gente melhor, depois de saber que nós é orgânico, podia fazer outro dia no mercado também [referindo-se à organizar um dia exclusivo para a feira agroecológica no Mercado Municipal].
Camponesas das Comunidades 6 e 15, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - Eu acho que o primeiro passo é que a gente tem que se organizar, que seja uma associação, que seja cooperativa, que seja uma organização sem formalidade. A gente monta um grupo, com lideranças. A gente montou grupo e liderança, aí a gente organiza: vou levar queijo frescal, ele vai levar fubá, a E. vai levar feijão... Temos condições de manter uma feira organizada assim? Então pronto, agora os líderes dessa organização que vamos montar vai procurar o lugar [para fazer a feira agroecológica]. *Onde? Então nós vamos chegar na prefeitura e falar que nós quer fazer uma feira agroecológica: 'D., você dá apoio pra nós* [simulando a pergunta para o Vice Prefeito e Secretário de Assuntos Rurais de Lavras, que é um agricultor]*?'. Ah, preciso que o vereador aprove, a câmara e que o prefeito aprove* [simulando uma resposta do Vice Prefeito e Secretário de Assuntos Rurais]*'. Não! Nós somo uma organização e não vamo aceitar enrolação! Então a gente vai pra onde? Vamos tentar em outro lugar... Vamo pra praça? Vamo pra rua? Não achou? O teu lote é propriedade particular, ninguém vai impedir* [referindo-se a um lote urbano de uma das participantes do EPS]*, aí a gente vai pra lá* [referindo-se a fazer a feira agroecológica num lote urbano particular, se for necessário]*. A hora que eles* [referindo-se ao poder público de modo geral] *ver que a gente tá se organizando e que realmente tá funcionando aí eles vão ter que dar oportunidade. Então eu acho que, independente de qualquer coisa, nós temo que se organizar. Por mim eu quero a* ***Organização dos Produtores Agroecológicos de Lavras****! Com um nome assim, sei lá o que gasta... Porque aí vai ter representante pra escrever, vai ter representante pra ir lá enfrentar o poder político, enfrentar tudo. E produção que é o mais importante. Então temos que nos organizar na produção também, tem que ter diversidade e quantidade. E organizar a produção pra dar direito praqueles que não tem lugar hoje* [referindo-se à outros camponeses que não têm oportunidades nas feiras já existentes e demais locais e formas de comercialização do município] *pra entrar no grupo com a gente também. Se não for assim, a gente não pode chegar e pedir: 'eu posso fazer aqui?' sem estar organizado. Mas se tiver tudo organizado e disser que não deixa, aí nós vamos pra rua. Cê não deixa? Então*

vamos nós vamos pro lote. Eu acho que, nesse ponto, a gente chega com autonomia. Se nós chegar tirando o chapéu e pondo debaixo do braço, eles vão botar na nossa guela.

2 - E aí sobe todo mundo em cima da gente...

1 – Então, nós precisa é se organizar, entendeu? Acho que a gente tem que montar uma organização, nomeada, cada um com a sua função, sua responsabilidade, pra correr atrás.
Camponês da Comunidade 2 e camponesa da Comunidades 5, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - Presta bem atenção: na Lavrinha [bairro de Lavras] *não tem feira nenhuma. Na pracinha da estação* [praça localizada perto da antiga estação de trem da cidade] *também não.*

2 - Só tem no Pitangui [bairro]*, na Doutor Gammom* [praça localizada no "centro expandido" da cidade] e *no centro da cidade* [a feira do Mercado Municipal].

3 - Mas a gente não consegue fazer uma feira fechada pra gente [feira agroecológica dos camponeses organizados] *na rua assim não.*

4 - Consegue F. [respondendo à camponesa da fala anterior]. *Depois que tiver uma organização, de um grupo grande, e for lutar... Aí a gente entra e fala com o D.* [referindo-se ao Vice Prefeito, agricultor e morador da zona rural] *e com o departamento de trânsito: 'nós somo um grupo de 25 produtores, 30, e nós queremos fazer uma feira na Lavrinha. Precisamo de um local, dum trânsito fechado. Ah, não pode? Então vamos estudar com o departamento de transito, porque, alá, os padres consegue. Fazem procissão, eles fecham as rua e têm apoio.' Por que? Porque vai englobar uma multidão, porque se a prefeitura e o departamento de trânsito não deixar a procissão acontecer esse ano: 'nossa, não vou votar nesses cara mais'. Então se a gente for 30 produtores lá e falar que eles vão deixar fazer a feira na Lavrinha, eles vão abaixar, eles vão ceder pra gente. Mas ó, nós tá trazendo o problema antes de nós se organizar... Vamo se organizar e ir lá enfrentar o problema. Às vezes eles vão deixar fazer feira de boa.*

5 – É gente, vamo fazer no presente e esquecer o futuro...
Camponesas das Comunidades 15, 6 e 5 e camponeses das Comunidades 15 e 2, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - A política nossa [referindo-se ao fato de que a própria organização dos camponeses é um ato político] *é política pura. A que nóis qué apurá.*

2 - E outra coisa, igualzinho lá ó, o E. já participou de política [referindo-se à um dos camponeses presentes no EPS que já foi candidato a vereador]. *Nós podemo, a hora que tiver organizado, tornar a entrar nessa área. Por exemplo, eu posso conseguir muitos votos se a gente quiser eleger ele pra ser um representante nosso. Se a gente tá achando que a prefeitura tá dando problema, nós vai ter um representante nosso. Produtor representante, lá dentro* [referindo-se à Câmara Municipal]*! 'Gente, eu não tô conseguindo, fulano lá votou contra, eu preciso de voto* [simulando como se fosse um vereador representante dos camponeses na Câmara tentando passar algum projeto

> importante para os camponeses]'. *Aí nós pressiona quem tá contra... Nós podemos organizar e eleger ele ou outro de confiança que está dentro, junto da organização. Então tem que ter tudo isso, mas o primeiro ponto é se organizar.* Camponeses das Comunidades 17 e 2, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

Em total conexão com a progressão salutogênica dos camponeses representantes das comunidades rurais de Lavras e com a própria Promoção da Saúde deste sujeito, a concretização da analética camponesa neste Quarto EPS pôde também ser apreendida pelo conteúdo de falas como as da sequência anterior, que demonstram o autorreconhecimento dos camponeses como um povo e a autopercepção de sua necessidade de organização como tal para negarem a negação de seu modo de vida, economia, cultura, saúde etc. pelo capitalismo agrário e sua permanente Revolução Verde. Além disto, a questão da concretização analética dos camponeses pôde ser inferida por meio de falas da categoria Capacidade de Significação que indicam o "desenrolar espontâneo" (obviamente despertado/estimulado pelos instrumentos utilizados para desenvolver as atividades de trabalho) da metodologia CaC de disseminação horizontal da agroecologia entre os camponeses. Isto porque, o desenrolar desta metodologia é dependente, mesmo que de forma ainda inicial ou "parcialmente resgatada da tradição camponesa", da formação de um tecido social organizativo camponês[107]. A estruturação social camponesa que permitiu o início da formação deste tecido organizativo (sendo este processo, portanto, o momento analético) e que, consequentemente, permitiu o desenrolar autônomo dos camponeses deste início da metodologia CaC, pode ser percebido, então, nas seguintes falas:

> *1 - No café que usamos* [referindo-se à ela e ao marido] *agrotóxicos... Mas quero aprender mais pra usar produtos naturais, como a mamona* [referindo-se à calda inseticida feita com mamona]. *Vou pegar receita com vocês pra testar. Até nesse final de janeiro* [mês seguinte ao momento em que estava acontecendo este EPS] *o meu marido até falou de banhar o café* [com agrotóxicos] *contra broca* [inseto que é considerado praga pelos produtores de café]. *Então já é uma coisa* [o inseticida natural feito à base de mamona] *que posso ensinar pra fazer e ver se dá certo...*
>
> *2 – Pode contar com a gente! E seja persistente! Não faz uma, duas vezes só não e fala que não deu certo...*

> *3 - Fala pra ele* [referindo-se ao marido da camponesa] *fazer todo mês, eu faço sempre* [referindo-se à aplicação com a calda de mamona que ele havia ensinado anteriormente no EPS].
> Camponesa da Comunidade 5 e camponeses das Comunidades 2 e 9, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

> *Se for pra fazer aqui mesmo de novo* [referindo-se à um próximo encontro de troca de saberes] *na próxima eu posso trazer o fruto* [do café que cultiva]*, eles trazem a verdura, o repolho dele lá. Trazer às vezes até um pé de repolho pra mostrar, se deu certo ou não. A couve, o jiló... Pra todo mundo trazer* [sugerindo que cada camponês traga uma amostra de algum produto que cultivou utilizando alguma das técnicas agroecológicas compartilhadas e discutidas neste EPS]*. Aí a gente vê: 'ó, no meu deu certo isso, mas no meu caso não deu...'*
> Camponês da Comunidade 9, representante de sua comunidade no Quarto EPS.

> *1 - O problema maior nosso é voltar pra roça* [referindo-se à ele e à esposa, que, apesar de viverem na roça e se considerarem camponeses, trabalham como técnicos terceirizados na UFLA há muitos anos]*! Mas nós já tá mexendo os pauzinho... Ela já tá aposentando e eu nem vou esperar. Minha aposentadoria não vai dá nem mil reais. Isso eu tiro mais e gasto menos plantando na roça nesse tempo que falta* [para aposentar].

> *2 - A UFLA não tá deixando a gente produzir ainda na medida que a gente quer* [referindo-se ao tempo dedicado para trabalhar na UFLA não possibilitar dedicação para os trabalhos na roça]*. Mas de qualquer forma, a pouca coisa que a gente tem lá* [de cultivos] *tá ótimo! Porque a gente tá seguindo o exemplo de vocês aqui ó, todo mundo. Tá sendo mundo bom! Só o aprendizado aqui* [nas atividades e EPSs desta Pesquisa-Ação-Participativa] *tá ótimo. Porque eu tô anotando tudo e, de qualquer forma, tô passando pra frente, pras pessoas que tão precisando* [referindo-se à outros camponeses que eles têm contato]*. Tá aqui na minha cabeça. Tá sendo muito gratificante!"*
> Camponês e camponesa da Comunidade 15, representantes de sua comunidade no Quarto EPS.

Por fim, a concretização do momento analético dos camponeses lavrenses que participaram do desenvolvimento desta Fase II como representantes de suas comunidades (com a responsabilidade, portanto, assim como o próprio pesquisador, de retornar os desenvolvimentos promovidos por meio deste processo social/Pesquisa-Ação-Participativa para os demais camponeses e camponesas de suas comunidades) ficou evidenciada pelas falas dos mesmos que demonstraram suas definições e próximos passos já dialéticos, ou seja, sobre o caminho escolhido para iniciar a construção autônoma da organização camponesa e de sua libertação/transição agroecológica.

"1 - Eu acho também que tem que ter um grupo. Tem que ter um número de pessoas e pesquisar...

2 - Escolher, porque às vezes escolhe associação, mas dá tanta burocracia que às vezes é melhor a cooperativa, ou vice e versa. Tem que ver qual que é o melhor caminho, mais simples.

1 - Eu acho que a gente tem que reunir e a gente tem que ter uma orientação jurídica. Tem que ter esse pessoal que tá por dentro pra ajudar a gente. Escolhe cinco então [dos camponeses presentes no EPS]*, mais fácil de se reunir. A gente forma um grupo e reúne lá na cidade: 'a cooperativa abastece esse requisito, associação, esse requisito, uma organização esse', sei lá se tem outros tipo... Aí traz aqui, apresenta numa reunião dessa pra todos: 'a cooperativa é assim, associação é assim, e esse é assim. O que que vocês acham?'. Vamos estudar todos, com o grupo todo. Eu sugiro assim. Conhecer primeiro o que que é uma cooperativa que já tá estruturada, o que que é uma associação estruturada e trazer pro grupo. Porque se eu perguntar aqui hoje: associação sem fins lucrativos só se declara a renda mas não precisa pagar? E se a gente, às vezes, montar uma associação com fins lucrativos? Às vezes é melhor que uma cooperativa... Então tem que estudar todos, tem que pesquisar na lei o que enquadra a gente melhor.*
Camponeses das Comunidades 2 e 3, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - Vamo formá uma comissão [entre os presentes no EPS] *pra gente ir nos lugares tomar informação. Tudo isso é uma busca.*

2 – É! Olhar como as outras pessoas se organizaram.

3 - Posso dar uma ideia? Quem sabe às vezes com uma comissão aqui a gente arrumava uma condução, pegava, rachava a gasolina, pra levar a gente numa reunião ou numa feira agroecológica [referindo-se à organizações camponesas existentes em outros municípios]*, e trazer para o restante do grupo antes da gente tomar a decisão de como se organizar? Eu acho que a gente deveria visitar... Arrumar uns quatro aqui e essa comissão vai discutir o que vai ser. Aí volta e fala: 'a gente visitou uma comunidade lá, uma cooperativa, eles são assim, assim'. Estudar e ir ver uma "aula prática". E depois trazer para os outros.*

4 - E qualquer coisa, todo mundo paga a passagem.
Camponesa e camponês da Comunidade 13 e camponeses das Comunidades 2 e 3, representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

1 - Todo mundo tem certeza que tá junto? Nós somo um grupo ou num somo?

2 [Todos camponeses presentes no EPS] - Sim!

1 - Então *agora é decidir a que: associação ou cooperativa?*
Camponês da Comunidades 6 e todos os demais representantes de suas comunidades no Quarto EPS.

A resposta à última pergunta da última fala da sequência anterior começou a ser respondida a partir do dia 20 de janeiro de 2018, quando foi dado início ao processo dialético de construção da organização camponesa no município de Lavras (posterior ao recorte deste estudo), por meio da 'Primeira Reunião da Comissão de Estudo sobre Organização Camponesa'. O processo social segue, portanto, continuamente, embasado e sendo construído pelos próprios camponeses e camponesas das comunidades rurais de Lavras, mantendo-se a palavra destes sujeitos como pilar central que estrutura a força, o entusiasmo e a consistência deste processo camponês: "*Eu queria dizer o seguinte: a gente tem que pertencer a um grupo! Seja MPA, seja associação, cooperativa, qualquer coisa do tipo. É o grupo que a gente vai ter que criar! Aí, assim, a gente sai com a camisa do grupo por aí pra todo mundo ver"...*

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Na lógica e nas intenções dominantes da colonialidade do poder capitalista[24], a atuação histórica e permanente (ao longo dos séculos XX e XXI) da Revolução Verde como *modus operandi* do controle e submissão da simultaneidade do modo de vida e economia familiar camponesa se justifica devido à persistência, resiliência e contra-hegemonia do ator social que ao mesmo tempo é proprietário e trabalhador da terra[19]. Para estruturar e manter esta atuação anti-camponesa os operadores/beneficiários desta duradoura revolução burguesa têm se utilizado tanto de construções ideológicas – que vão desde a primordial e constante inferiorização camponesa; passando pelo simbolismo de agraciar com o Prêmio Nobel da Paz (1970)[108] um dos maiores idealizadores e concretizadores da Revolução Verde; chegando às atuais estratégias de *marketing* para massificação do agronegócio como tecnologia superior ("Agro é Tech"), como modelo de produção e alimentação fundamental para a população ("Agro é Pop") e como modo totalizante da sociedade e da economia ("Agro é Tudo")[109] – quanto de construções práticas – que vão desde a introjeção e sobreposição da ciência e da tecnologia capitalistas/externas às ciências e tecnologias de trabalho e produção camponesas (o que culmina na criação da categoria "agricultura familiar" praticante de

um “pequeno agronegócio”); passando pela elaboração e normatização do “uso seguro” de agrotóxicos como paradigma sanitário preventivista; até a apropriação de partes “volumosas” e estratégicas das esferas legislativa, executiva e judiciária dos governos brasileiros por representantes (diretos ou indiretos) dos latifundiários e corporações do agronegócio[110,111,112].

No entanto, mesmo com tal potência/violência econômica, ideológica e política corporativas/estatais, a Revolução Verde não chegou, apesar dos profundos e gerais impactos causados, a desestruturar por completo os modos de produção de alimentos, conhecimentos, sociabilidade e cultura dos camponeses do Brasil. Esta evidência, constatada por meio da leitura histórica e crítica do marco teórico deste estudo e, também, pelo conhecimento *in loco* do pesquisador da realidade e das características camponesas nas comunidades rurais de Lavras – MG (possibilitado pelo contato direto com os camponeses e suas propriedades ao longo do desenvolvimento dos trabalhos de campo, de devolutiva e de popularização do mestrado), apontou a necessidade e o caminho para a elaboração de uma metodologia participativa de Promoção da Saúde que criasse as condições de possibilidade tanto para a identificação, autovalorização e disponibilização dos recursos camponeses disponíveis nas propriedades e comunidades rurais, quanto para a construção autônoma das bases locais para a futura autodeterminação de seu contexto. A partir do desenvolvimento desta metodologia foi possível, então, identificar, analisar e demonstrar a progressão do processo social camponês de entendimento dos fatores que determinam seu contexto; de reconhecimento de seus recursos próprios; e de motivação para mudarem, utilizando seus recursos, as injustiças e os determinantes desfavoráveis de seu contexto.

Os apontamentos aqui colocados, entretanto, referentes ao momento de encerramento do recorte e do tempo acadêmico deste estudo, configuram-se não como um fim, mas sim como um ponto intermediário desde onde podemos, agora, fazer considerações sobre elementos e aspectos metodológicos fundamentais para pesquisas e ações públicas que visem à promoção da saúde de populações camponesas impactadas pelo modelo do agronegócio (pelo uso de agrotóxicos e/ou pela subalternização e desconfiguração de seu modo de vida e economia) e sobre

como o processo social participativo desenvolvido por meio desta Pesquisa-Ação-Participativa promoveu e segue promovendo a saúde desses camponeses.

Em primeiro lugar podemos perceber e afirmar que os conceitos e modos de operação da Revolução Verde e seu agronegócio (verticalizantes, totalizantes, invasivos, subalternizantes, descredibilizadores, externamente dominantes, etc.) são diametralmente opostos aos conceitos da Promoção da Saúde, que está fundamentada na construção participativa da autonomia, do entendimento, da apropriação e do controle sobre o contexto e os determinantes de saúde individuais e comunitários[15,54,55]. Assim, toda e qualquer pesquisa e ação pública que vise à promoção da saúde de camponeses e/ou territórios camponeses impactados pelo modelo do agronegócio deve estruturar-se em metodologias que permitam o desenvolvimento e/ou o resgate participativo da cultura e prática agroecológica camponesa. Neste sentido, este estudo demonstrou que, criando-se as possibilidades para que os camponeses visualizem, identifiquem e se apropriem processualmente dos recursos agroecológicos existentes em suas propriedades e comunidades, a agroecologia – mesmo em momentos iniciais e intermediários ainda pré-transição entre um modelo de produção tóxico (biológica, cultural, econômica e socialmente) e um modelo de produção saudável – passa a ser a base, o meio e o constructo prático e motivacional para a promoção da saúde camponesa.

Portanto, metodologias sociais como a CaC[10] devem ser priorizadas em pesquisas e ações públicas de Promoção da Saúde devido ao seu caráter inerente e constituinte de reconhecimento da agroecologia como original e genuinamente camponesa[9,62]. Em suma e em conclusão, a agroecologia é o modelo de produção que permite a (re)construção efetiva da autonomia do modo de vida e economia camponesa e o (re)posicionamento do sujeito camponês nas relações e disputas de poder, que influenciam tanto os fatores determinantes de sua saúde quanto as possiblidades de autoconstrução de um contexto mais justo, favorável e promissor. Ou seja, afirmamos, a partir do referencial analisado e dos resultados obtidos neste estudo, que desenvolver processos agroecológicos camponeses é promover a saúde camponesa.

Em segundo lugar, sendo a agroecologia, como constatamos, um paradigma de produção, vida e saúde originariamente camponês, o próprio modo de

operacionalização dos conceitos de um processo de Promoção da Saúde precisa ser questionado e definido em direção à identificação, disponibilização e utilização dos recursos e potencialidades agroecológicas das populações camponesas. Em contraponto, seria de fato Promoção da Saúde um processo baseado centralmente na identificação dos problemas (debilidades, riscos, etc.) acarretados pelo agronegócio nas propriedades e comunidades camponesas; no levantamento das necessidades agroecológicas indisponíveis nestas localidades (inabilidades, desconhecimentos, etc.); e, consequentemente, na "capacitação" dos camponeses em uma "agroecologia externa", coordenada por agentes externos? Respondemos negativamente esta pergunta, afirmando que tal prática (fosse ela pesquisa, ação pública ou outra qualquer) estaria em total contradição com os conceitos de Promoção da Saúde definidos desde a Carta de Ottawa[53]. Justamente por isto, um processo baseado neste tipo de prática teria poucas probabilidades de geração de autonomia e controle dos determinantes de saúde pelos próprios camponeses, já que estaria sustentado por recursos externos. E foi neste sentido, então, que este estudo, dentre as poucas estruturas teóricas existentes para a operacionalização de uma Promoção da Saúde verdadeiramente coerente com seus próprios princípios e potencialidades sanitárias e sociais[113], definiu, adaptou e desenvolveu novas formas de utilização do paradigma da Salutogênese[13].

A filosofia da Salutogênese, utilizando as palavras de Eriksson e Lindström[15], *"harmonizes well with the essence of the Ottawa Charter"*[15]. Ainda segundo estes autores[74],

> The idea is to improve the existing definition of health by integrating the principles of health promotion (the Ottawa Charter) with Antonovsky's salutogenic concept. 'Health promotion is the process of enabling individuals, groups or societies to increase control over, and to improve their physical, mental, social and spiritual health. This could be reached by creating environments and societies characterized of clear structures and empowering environments where people see themselves as active participating subjects who are able to identify their internal and external resources, use and reuse them to realize aspirations, to satisfy needs, to perceive meaningfulness and to change or cope with the environment in a health promoting manner'.

A estruturação, portanto, de um processo metodológico orientado pela referida luz teórica da Salutogênese demonstrou não apenas a factibilidade deste

paradigma para a Promoção da Saúde de populações camponesas impactadas pelo modelo do agronegócio, como também nos permitiu concluir e apontar a necessidade imperiosa de busca e adaptação – à realidade de cada localidade e à prática de cada pesquisa e/ou ação – de teorias que permitam de fato a operacionalização da compreensão, pelos sujeitos camponeses, dos fatores que influenciam e determinam sua qualidade de vida e, paralelamente, do quão capazes são de atuar em prol de mudanças favoráveis a partir de seus próprios recursos.

Em terceiro lugar, no que tange as considerações deste estudo sobre elementos indispensáveis para metodologias de Promoção da Saúde de populações camponesas impactadas pelo agronegócio, podemos afirmar que apenas desenhos e métodos de fato participativos são capazes de permitir, ao mesmo tempo, o direcionamento de pesquisas e ações para a construção de caminhos que atendam/respondam às necessidades e anseios (sanitários/sociais) reais das comunidades camponesas e o cumprimento do compromisso de pesquisadores e de objetivos de pesquisas que visem contribuir ativamente para a superação de um modelo de produção dominante, injusto e adoecedor.

Neste sentido, a busca, a utilização e o comprometimento com marcos teórico-práticos não apenas de participação comunitária, mas também de condução comunitária – como a Pesquisa-Ação-Participativa[81] e a Filosofia da Libertação[38] – viabilizam, passo a passo, palavra a palavra, a estruturação social que permite a um processo de Promoção da Saúde camponesa e agroecológica ser reconhecido e assumido pelos camponeses em questão como seu. Assim, trazendo aqui, como exemplo, a reflexão sobre a adequação das atividades de trabalho da Fase II a partir das palavras e intenções camponesas captadas pelo pesquisador na Fase I, teria sido sustentável o processo social desenvolvido por meio deste estudo caso a Fase II partisse (como planejado antes do início dos trabalhos de campo) para a capacitação de camponeses e camponesas das comunidades rurais de Lavras nas funções de Promotor(a) e Facilitador(a) Agroecológico(a) da metodologia CaC[10]? O “treinamento” e o “empoderamento” de alguns atores poderiam ser revertidos em prol de um processo posterior de transição agroecológico-sanitário horizontal sem que houvesse um trabalho prévio (cuja necessidade foi captada através da escuta do contexto histórico dos

camponeses nas comunidades) de construção participativa das bases para a organização camponesa no município? Respondemos, uma vez mais, negativamente, afirmando que tais organização e sustentabilidade social são dependentes da motivação e engajamento do sujeito camponês, que, todavia, são dependentes da efetiva participação, reconhecimento, apropriação, definição e construção, por este sujeito, de seu próprio processo social/sanitário.

Podemos concluir, portanto, sobre a necessidade de radicalização das formas de participação do sujeito camponês em processos sociais de Promoção da Saúde. A efetividade e eficácia desta radicalização (que deve ser entendida como o "emaranhamento" radicular da participação camponesa em todos os fundamentos que compõem projetos de pesquisa e ação públicas) podem ser aqui apontadas e compartilhadas com base nos resultados e análises deste estudo. A demostrada progressão da Promoção da Saúde salutogênica dos camponeses e camponesas de Lavras foi alcançada em tal profundidade e consistência graças a uma estrutura teórica e prática de Pesquisa-Ação-Participativa construída a partir de instrumentos de trabalho oriundos de uma metodologia camponesa-agroecológica essencialmente participativa e contando com a implicação horizontal e analética do pesquisador (sendo este, por isto, responsável pela captação e internalização, em seu raciocínio e atuação, da participação/palavra dos camponeses pra devolver, metodologicamente, opções de caminhos emancipadores definidos/expressos pelo próprio sujeito camponês).

A partir, então, desses elementos metodológicos apontados como fundamentais para pesquisas e ações públicas de Promoção da Saúde de populações camponesas afetadas pelo agronegócio, podemos indicar os aspectos sanitários mais relevantes, potentes, estratégicos e generalizáveis – ou seja, esperados, respeitando as características de cada contexto, caso uma metodologia com os mesmos fundamentos seja promovida em outras localidades camponesas – desenvolvidos com o sujeito camponês lavrense por meio do processo social desta Pesquisa-Ação-Participativa. Antes e introdutoriamente, no entanto, nos antecipamos a um provável questionamento a ser feito a este estudo por parte de críticos do paradigma da Promoção da Saúde (em especial defensores/beneficiários do modelo biomédico; profissionais de saúde tecnologicocêntricos; epidemiólogos preventivistas; e desenvolvedores de políticas e

ações públicas que institucionalizam uma Promoção da Saúde programática, verticalizada e dependente de indicadores quantitativos): como este estudo pode apontar a “melhora do quadro de saúde” ou a “elevação da qualidade de vida” de camponeses e camponesas de Lavras sem que tenha havido algum tipo de análise e medição laboratorial que indique a redução dos níveis de intoxicação por agrotóxicos do “objeto de estudo” e/ou sem que tenha sido realizado um comparativo do tipo “antes e depois” da mudança de hábitos e comportamentos produtivos, culturais, sociais de risco para hábitos e comportamentos “saudáveis”? Respondemos a esta esperada pergunta com outra pergunta: haveria uma sustentável e duradoura “melhora do quadro de saúde” e uma verdadeira e efetiva “elevação da qualidade de vida” do sujeito camponês de Lavras sem que este se apropriasse de seu contexto e de seus recursos, e sem que desenvolvesse seus porquês e suas motivações para definir qual melhora de saúde lhe interessa construir e manter, e qual tipo de elevação da qualidade de vida almeja alcançar?

É nesse sentido que este estudo aponta e considera que o desenvolvimento e a progressão da Promoção da Saúde camponesa, com todo o seu potencial de sustentabilidade social local e de autotransformação da realidade sanitária, produtiva e de vida no campo, está, entre outras:

- na progressão de um processo social onde o sujeito camponês passa de um entendimento inicial de seu contexto como desfavorável e com baixa perspectiva de influência e capacidade de atuação sobre o mesmo, para um momento de compreensão de seu contexto como mutável e de identificação de profundas motivações e caminhos próprios para construir uma mudança favorável;

- na permanente e elevada identificação de recursos locais disponíveis (em especial os agroecológicos) que, como demonstrado neste estudo, passam, ao longo do processo de progressão da construção e da apropriação camponesa de possibilidades, modos e estruturas familiares/comunitárias de tomada autônoma de

decisão, a conformar raciocínios, projeções e planejamentos sobre como construir a mudança de seu contexto a partir da utilização dos mesmos;

- na constante e resistente participação da mulher camponesa ao longo do processo, que, mesmo sob a persistente conjuntura brasileira de invisibilização de sua co-participação e co-responsabildiade nos aspectos produtivos, econômicos e sociais das propriedades, pôde revelar, neste estudo, toda sua profundidade de entendimento contextual, de reconhecimento de recursos e de motivação e determinação para a construção da autonomia e organização do modo de vida e economia familiar camponesa;

- na compreensão e reconhecimento, mesmo após anos de violenta introjeção, sobreposição e dominação do modelo do agronegócio em suas propriedades, das compatibilidades do modelo de produção e vida agroecológica com suas condições e modos produtivos, econômicos e sociais, sendo que tais compreensão, reconhecimento e, também, a motivação para a construção organizada de uma ampla transição agroecológica foram desenvolvidas e consolidadas após a realização participativa de um pequeno número de atividades (em um curto espaço de tempo) que, simplesmente, deram visibilidade à agroecologia que já praticam e conhecem e às possibilidades e benefícios agroecológicos já desenvolvidos por outros camponeses;

- na constatação pelo sujeito camponês do modo pouco proativo, dialógico e horizontal de atuação de distintas instituições públicas e na consolidação, desenvolvida por meio das atividades deste estudo (onde a horizontalidade, o compromisso e a valorização camponesa por um parceiro externo podem ser representadas pelos mais de dois mil quilômetros de ciência “fora do escritório” desenvolvida pelo pesquisador), da crítica deste sujeito em relação à necessidade de revisão dos modos e intenções de atuação destas instituições caso queiram ser

reconhecidas como parte e parceiras do processo camponês de transição agroecológico-sanitária;

- e na culminância, após um processo que se propôs a desenvolver o início e o intermédio (momento analético) de um processo social contínuo de libertação camponesa da dominação exercida pelo modelo do agronegócio, dos primeiros passos concretos para a autoconstrução da organização das camponesas e camponeses, sendo, esta, a base e o tecido social local que possibilitará o desenvolvimento de uma real, sustentável e sanitária autonomia camponesa.

Podemos afirmar, portanto, com base nos principais achados deste estudo, que um profundo, efetivo e replicável processo de Promoção da Saúde foi desenvolvido em Lavras, por meio da aqui chamada e disponibilizada "Pesquisa-Ação-Participativa Analética desenvolvida mediante instrumentos da metodologia Camponês a Camponês e analisada sob a perspectiva e categorias do paradigma da Salutogênese".

Apontamos, por fim, que o prosseguimento desse processo de Promoção da Saúde, mesmo após o recorte deste estudo, está vinculado à consolidação analética do sujeito camponês de Lavras, o que permitiu a estruturação das bases sociais locais para uma verdadeira dialética de construção da superação do modelo do agronegócio (negação do sujeito camponês) por meio da transição agroecológica localmente organizada (negação da negação pelo sujeito camponês). Aproximando, enfim, as teorias e práticas analética e dialética por meio da práxis real deste estudo, podemos afirmar que o momento analético desenvolvido permitiu a transição social dos camponeses de Lavras do estágio de "classe em si" para o estágio dialeticamente transformador de "classe para si"[4]. Desta forma, um processo dialético camponês socialmente estruturado e autônomo – portanto, promotor de saúde – vem, desde janeiro de 2018, colocando em prática os passos previstos e planejados pelo sujeito camponês (principalmente, no último EPS deste estudo) e, também, novos passos e correções de rumos que surgem e/ou passam a ser almejados no desenrolar de cada uma das novas atuações e atividades (que seguem contando com a participação horizontal e parceira do mesmo sujeito acadêmico).

O que pode resumir e caracterizar – sem querer aqui adiantar conclusões ainda dependentes de uma devida apresentação, discussão e análise de dados – o prosseguimento, consistência e potência social do processo dialético de Promoção da Saúde, de transição agroecológica e de organização e libertação camponesa, iniciado por meio da analética deste estudo, foi a fundação, no segundo semestre de 2018, da **Associação das Camponesas e Camponeses Agroecológicos de Lavras** (ACCAL).

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil. Resolução 2.191/1995 do Banco Central do Brasil. Crédito Rural – Institui o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF). *Diário Oficial da União* 1995; 24 agosto.

2. Picolotto EL. Os atores da construção da categoria agricultura familiar no Brasil. Rev. Econ. Sociol. Rural. 2014; 52(1): 63-83.

3. Brasil. Lei nº 11.326/2006**.** Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. *Diário Oficial da União* 2006; 24 jul.

4. Silva VI. Classe camponesa: modo de ser, de viver e de produzir. Porto Alegre: Instituto Cultural Padre Josimo; 2014.

5. Krauser RR. A agroecologia e o plano camponês. Candiota: Instituto Cultural Padre Josimo; 2015.

6. Brasil. Instituto Nacional de Câncer. [internet] Posicionamento do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva acerca dos agrotóxicos. [Acessado em 2018 Jun. 08] Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf.

7. Carneiro FF, Augusto LGS, Rigotto RM, Friedrich K, Búrigo AC, organizadores. Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; 2015.

8. Brasil. Ministério da Saúde. [internet] Relatório Nacional de Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos. [Acessado em 2016 Out. 11] Brasília: MS, 2016. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agrotoxicos_otica_sistema_unico_saude_v1_t.1.pdf.

9. Schmitt CJ. Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: Sauer S, Balestro MV, organizadores. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. São Paulo: Expressão Popular; 2009. p.177-203.

10. Sosa MA, Jaime AMR, Lozano DRA, Rosset PM. Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba. São Paulo: Expressão Popular; 2013.

11. Giménez EH. Campesino a Campesino: Voces de Latinoamérica Movimiento Campesino para la Agricultura Sustentable. Managua: SIMAS; 2008.

12. Nils M, Sanchez M. Teaching the territory: agroecological pedagogy and popular movements. Agric. human values. 2018; 35: 1-16.

13. Antonovsky A. Unraveling the mystery of health: how people manage stress and stay well. San Francisco: Jossey-Bass; 1987.

14. Antonovsky A. The salutogenic model as a theory to guide health promotion. Health Promotion International. 1996; 11(1): 11-18.

15. Eriksson M, Lindström B. A salutogenic interpretation of the Ottawa Chartrer. Health Promotion International. 2008; 23(2): 190-99.

16. Hobsbawm EJ. A era das revoluções: Europa 1789 – 1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2008.

17. Marx K. O capital: crítica da economia política: livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.

18. Chayanov AV. Teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: Carvalho HM, organizador. Chayanov e o campesinato. São Paulo: Expressão Popular; 2014. p.89-137.

19. Chayanov AV. The theory of peasant economy. Madison: The University of Winsconsin Press; 1986.

20. Chayanov AV. La organización de la unidad econômica campesina. Buenos Aires: Nueva Vision; 1985.

21. Wanderley MNB. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: Carvalho HM, organizador. Chayanov e o campesinato. São Paulo: Expressão Popular; 2014. p. 141-61.

22. Shanin, T. Chayanov´s message: illuminations, miscomprehensions and the contemporary “Development Theory”. In: Chayanov AV. The theory of peasant economy. Madison: The University of Winsconsin Press; 1986.

23. Sevilla Guzmán E, Molina MG. Sobre a evolução do conceito de campesinato. São Paulo: Expressão Popular; 2013.

24. Quijano A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO; 2005.

25. Castro-Gómez S. La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granda (1750-1816). Bogotá: Pensar; 2010.

26. Frank AG. A agricultura brasileira: capitalismo e mito do feudalismo. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980. São Paulo: Expressão Popular; 2005. p. 35-100.

27. Borges FC. Origens históricas da propriedade da terra. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960. São Paulo: Expressão Popular; 2011. p. 259-81.

28. Stedile JP. Lei de Terras N° 601, de 18 de setembro de 1850. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960. São Paulo: Expressão Popular; 2011. p. 283-91.

29. Sodré NW. Formação histórica do Brasil. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960. São Paulo: Expressão Popular; 2011. p. 111-25.

30. Ribeiro D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 2006.

31. Martins TJ. Quilombo do Campo Grande: a história de Minas, roubada do povo. São Paulo: A Gazeta Maçônica; 1995.

32. Maestri M. A aldeia ausente: índios, caboclos, cativos, moradores e imigrantes na formação da classe camponesa brasileira. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980. São Paulo: Expressão Popular; 2005. p. 217-75.

33. Monteiro FT. Os(As) apanhadores(as) de flores e o Parque Nacional das Sempre-Vivas (MG): travessias e contradições ambientais [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2011.

34. Azevedo ALM, Gurgel IGD, Tavares MA. O poder de acessar a saúde: uma análise do acesso à saúde da etnia indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira (PE). Cad. saúde colet. 2014; 22(3): 275-80.

35. Görgen SA. Trincheiras da resistência camponesa: sob o pacto do poder do agronegócio. Bagé: Gráfica Instituto de Menores; 2017.

36. Stedile JP. Evolução da população brasileira – 1500-1990. In: Stedile JP, organizador. A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960. São Paulo: Expressão Popular; 2011. p. 293-98.

37. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [internet] Censo Demográfico 2010. [Acessado em 2018 Abr. 27] Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/000000084731041220 12315727483985.pdf.

38. Dussel ED. Método para uma filosofia da libertação. São Paulo: Edições Loyola; 1986.

39. Hazel PBR. Green Revolution. In: Mokyr J, organizador. The Oxford encyclopedia of economic history: volume 2. New York: Oxford University Press; 2003. p. 478-80.

40. Ponting C. Uma história verde do mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1995.

41. Klanovicz J. O Brasil no mundo rural doente: a construção do agricultor na literatura em dois momentos da história brasileira (1914 e 1970). Luso-Braz. review. 2007; 44(1): 45-59.

42. Naxara MRC. Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro(1870/1920). São Paulo: Annablume; 1998.

43. Coelho, FMG. A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos. Viçosa: Suprema; 2014.

44. Dias JC. A terra prometida de Lavras. São Paulo: Barleus; 2009.

45. Martins JS. Expropriação e violência: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec; 1991.

46. Fonseca MTL. A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital. São Paulo: Loyola; 1985.

47. Pereira JMM. Modernização, combate à pobreza e mercado de terras: uma análise das políticas do Banco Mundial para a agricultura e desenvolvimento rural (1944-2003). Varia História. 2016; 32(58): 225-58.

48. Smil V. Agricultural Revolution: Asia, Africa and the Americas. In: Mokyr J, organizador. The Oxford encyclopedia of economic history: volume 1. New York: Oxford University Press; 2003. p.46-49.

49. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [internet] Censo Agropecuário 2006. [Acessado em 2017 Abr. 06] Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sds_dads_agroextra/_arquivos/familia_censoagro200 6_65.pdf.

50. Abreu PHB. O agricultor familiar e o uso (in)seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2014.

51. Rigotto RM, Rosa IF. Agrotóxicos. In: Caldart RS, Pereira IB, Alentejano P, Frigotto G, organizadores. Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular; 2012. p. 86-94.

52. Caponi S. A saúde como abertura ao risco. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009. p. 59-81.

53. Brasil. Ministério da Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.

54. Buss PM. Uma introdução ao conceito de Promoção da Saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009. p. 19-42.

55. Navolar TS, Rigon AS, Philippi JMs. Diálogo entre agroecologia e promoção da saúde. Rev. bras. Promoção Saúde. 2010; 23(1): 69-79.

56. Azevedo E, Pelicioni MCF. Promoção da saúde, sustentabilidade e agroecologia: uma discussão intersetorial. Saúde Soc. 2011; 20(3): 715-29.

57. Azevedo E, Pelicioni MCF. Agroecologia e promoção da saúde no Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2012; 31(4): 290-95.

58. Brasil. Ministério da Saúde. [internet] Diretrizes nacionais para a vigilância em saúde de populações expostas a agrotóxicos. [Acessado em 2016 Out. 11] Brasília: MS, 2016. Disponível em: http://portalsaude.saude.gov.br//images/pdf/2016/fevereiro/24/Diretrizes-VSPEA.pdf.

59. Machado LCP, Machado Filho LCP. A dialética da agroecologia: contribuições para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular; 2014.

60. Wezel A, Bellon S, Doré T, Francis C, Vallod D, David C. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. Agron. Sustain. Dev. 2009; 29(4): 503-15.

61. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Marco referencial em agroecologia. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2006.

62. Altieri M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular; 2012.

63. Caporal FR. Em defesa deum Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. In: Sauer S, Balestro MV, organizadores. Agroecologia e os desafios da transição agroecológica. São Paulo: Expressão Popular; 2009. p. 267-311.

64. Gubur DMP, Toná N. Agroecologia. In: Caldart RS, Pereira IB, Alentejano P, Frigotto G, organizadores. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Ed. Expressão Popular; 2012. p. 57-65.

65. Giraldo OF, Rosset PM. La agroecología en una encrucijada: entre la institucionalidad y los movimientos sociales. Rev. Bras. Desenvolvimento Territorial Sustentável. 2016; 2(1): 14-37.

66. Niemeyer CB. Movimentos sociais como produtores de conhecimento: a soberania alimentar no Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2014.

67. De'Carli C. O discurso político da agroecologia no MST: O caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará. Rev. Crítica de Ciências Sociais. 2013; 100: 105-30.

68. La Vía Campesina. De Maputo a Jacarta: 5 anos de Agroecología en La Vía Campesina. Jakarta: LVC; 2013.

69. La Vía Campesina. [internet]. Declaración Foro Internacional de Agroecología. [Acessado em 2016 Out. 11] Nyélén: LVC, 2015. Disponível em: https://viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/agricultura-campesina-sostenible-mainmenu-42/2354-declaracion-del-foro-internacional-de-agroecologia.

70. Coordinadora Europea Vía Campesina. Declaración de La Vía Campesina Europa: Agroecología: la transformación social desde la producción de alimentos y la lucha campesina. [internet]. [Acessado em 2016 Out. 11] Evenstad: LVC, 2014. Disponível em: http://www.eurovia.org/es/agroecologia-la-transformacion-social-desde-la-produccion-de-alimentos-y-la-lucha-campesina/.

71. EHNE Bizkaia. De Jakarta 2013 a Euskal Herria 2017 construyendo soberanía alimentaria en Euskal Herria: Agroecología. Euskal Herria; 2015.

72. Miller D. Ordenación de paisajes por las poblaciones: Redescubrir nuestra "farmacia" perdida: ¿qué factores de protección de la salud se pierden cuando pasamos de un modelo de agricultura agroecológica a uno industrial?. In: Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura. [internet] Agroecología para la seguridad alimentaria y nutrición: actas del simposio internacional de la FAO. [Acessado em 2018 Abr. 27] Roma: FAO, 2017. Disponível em: http://www.fao.org/3/a-i4729s.pdf.

73. Santos BS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Rev. Crít Ciênc Soc. 2002; 63: 237-80.

74. Eriksson M, Lindström B. Antonovsky's sense of coherence scale and its relation with quality of life: a systematic review. J Epidemiol. Community Health. 2007; 61: 938-44.

75. Eriksson M, Lindström B. Antonovsky's sense of coherence scale and its relation with health: a systematic review. J Epidemiol. Community Health. 2006; 60: 376-81.

76. Escuela Campesina Multimedia: uma herramienta audiovisual para difundir la agroecología. Introducción al Video Curso de Metodología Campesino a Campesino. [internet]. La Via Campesina. [Acesso em 2018 Abr. 2017]. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Q1J44lpCgXM.

77. Pan Para el Mundo. Construyendo procesos De Campesino a Campesino. Lima: ESPIGAS; 2006.

78. Bienert M, Herrera ML, Morales YA, Paz LAM, Marschke S. De Campesino a Campesino: Metodología, pedagogía y movimiento para el desarrollo sostenible de la agricultura familiar campesina. Managua: EDISA; 2010.

79. Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2017.

80. Freire, P. Extensão ou comunicação?. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983.

81. Fals-Borda O. Investigación Participativa. Montevideo: Instituto del Hombre; 1986.

82. Fals-Borda O. Conocimiento y poder popular: lecciones con campesinos de Nicaragua, Mexico y Colombia. Bogota: Siglo Veintiuno; 1985.

83. Dionne H. A Pesquisa-Ação-Participativa para o desenvolvimento local. Brasília: Liber Livro; 2007.

84. Thiollent M. Metodologia da Pesquisa-Ação-Participativa. São Paulo: Cortez; 2011.

85. Tripp D. Pesquisa-Ação-Participativa: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa. 2005; 31(3): 443-66.

86. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [internet] Censo Agropecuário 2006. [Acessado em 2017 Abr. 06] Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sds_dads_agroextra/_arquivos/familia_censoagro2006_65.pdf.

87. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais. Entrevista concedida a Pedro Henrique Barbosa de Abreu, por correio eletrônico, abr 2017.

88. Abreu PHB, Alonzo HGA. Documentário O Uso Inseguro dos Agrotóxicos [internet]. Campinas (SP): Material de popularização de conhecimento científico; 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HVdZV4JaKAs. Acesso em 30 out. 2017.

89. Botello B, Palacio S, García M, Margolles M, Fernández F, Hernán M, Nieto J, Cofiño R. Metodología para el mapeo de activos de salud en una comunidad. Gac Sanit. 2013; 27(2): 180-83.

90. Xavier JB. Estado da arte em agroecologia e suas relações com experiências no sul de Minas Gerais [dissertação]. Lavras (MG): Universidade Federal de Lavras; 2014.

91. Comissão Pastoral da Terra. Práticas agroecológicas: saberes e fazeres da agricultura camponesa. Goiânia: Editora Cirgráfica; 2016.

92. Instituto Giramundo Mutuando. A cartilha agroecológica. Botucatu: Editora Criação; 2005.

93. Instituto Giramundo Mutuando. Pecuária leiteira ecológica na agricultura familiar. Botucatu: Giramundo; 2009.

94. Kickante [internet]. Troca de saberes agroecológicos: a viagem! [Acesso em 08 jun. 2018]. Disponível em https://www.kickante.com.br/campanhas/excursao-para-troca-de-saberes-agroecologicos.

95. ANAP. Folleto de la metodología de Campesino a Campesino. La Habana: Imprenta MINAG; 2015.

96. Vargas L, Bustillos G, Marfan M. Tecnicas participativas para la educación popular. Madrid: Editorial Popular; 1999.

97. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.

98. Brasil. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde**.** Dispõe sobre pesquisas com seres humanos. *Diário Oficial da União* 1996; 16 out.

99. Brasil. Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde**.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. *Diário Oficial da União* 2016; 24 maio.

100. Construtora Pemi [internet]. Cidade da Serra. ! [Acesso em 11 set. 2018]. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zKIbRe_ZdAM

101. Siliprandi E. Mulheres agricultoras e a construção dos movimentos agroecológicos no Brasil. In: Neves DP, Medeiros SM, organizadoras. Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa; 2013. p. 327-43.

102. Fonseca C. A noética do vídeo etnográfico. Horiz Antrop. 1995; 2: 187-206.

103. Cavalcante FG, Lau LF, Barbosa GF, Berlim DLG, Menezes NC, Braga DC, et al. Impactos de um documentário sobre o cotidiano de mães e filos com deficiência: uma análise de cinedebates. Cienc Saúde Colet. 2016; 21(10): 3071-80.

104.Vendramini CR. Qual o futuro das escolas no campo? Educ em Ver. 2015; 31 (3): 49-69.

105. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. [internet] O agente comunitário de saúde na prevenção das intoxicações por agrotóxicos. [Acessado em 2018 out. 03] Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agente_comunitario_saude_agrotoxicos.pdf

106. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. [internet] Política Nacional de Promoção da Saúde : PNaPS : revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006. [Acessado em 2018 out. 03] Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_pnaps.pdf

107. Martínez-Torres ME, Rosset PM. Soberanía alimentaria, agroecología y recampenización. In: Bezerra I, Perez-Cassarino J, organizadores. Soberania Alimentar (SOBAL) e Segurança Alimentar Nutricional (SAN) na América Latina e Caribe. Curitiba: Ed. UFPR; 2016. p. 111-34.

108. The Nobel Prize. [internet]. Sweden: The Nobel Prize. [Acessado em 2018 Out. 30]. Norman E. Borlaug: Biographical. Disponível em: https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1970/borlaug/biographical/

109. Fundação Oswaldo Cruz. [internet]. Rio de Janeiro: Observatório Brasileirop de Hábitos Alimentares. [Acessado em 2018 Out. 30]. As verdades inconvenientes que a campanha “Agro Pop” tenta esconder. Disponível em: https://obha.fiocruz.br/index.php/2017/02/22/as-verdades-inconvenientes-que-campanha-agro-pop-tenta-esconder/.

110. Costa SHG. A questão agrária no Brasil e a bancada ruralista no congresso nacional [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2012.

111. Forbes Brasil. [internet]. New York: Forbes. [Acessado em 2018 Out. 30]. De Rei da Soja a ministro: conheça a trajetória de Blairo Maggi. Disponível em: https://forbes.uol.com.br/negocios/2017/03/de-rei-da-soja-a-ministro-conheca-a-trajetoria-de-blairo-maggi/.

112. Pimentel AG, Sale JO, Isaguirre-Torres KR, Souza Filho CFM. A repressão político-judicial do Estado: a violência legítima da operação agro-fantasma e suas consequências para os agricultores campesinos da Região Sudeste do Paraná. Emancipação. 2017; 17 (2): 246-64.

113. Álvarez-Dardet C, Cantero MT. Patrimonio de salud: ¿Son posibles las políticas salutogénicas?. Rev Esp Salud Pública. 2011; 85: 132-27.

Apêndice 1 – QUESTIONÁRIO ADAPTADO DA EXPERIÊNCIA DE BANES

Mapeamento dos Recursos de Saúde – Comunidades rurais de Lavras – MG

DATA ___/___/___

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS
NOME: _____ IDADE: _____ SEXO ☐ Masculino ☐ Feminino
COMUNIDADE: _____
CONTATO (tel/ cel): _____

1. VOCÊ FAZ COMPOSTAGEM?

1.☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

2. VOCÊ FAZ ROTAÇÃO DE CULTIVOS?

1.☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

3. VOCÊ FAZ ASSOCIAÇÃO DE CULTIVOS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

4. VOCÊ FAZ USO DE COBERTURA VIVA DO SOLO?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

5. VOCÊ FAZ USO DE COBERTURA SECA DO SOLO?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

6. VOCÊ FAZ USO DE ADUBAÇÃO VERDE?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

7. VOCÊ FAZ USO DE PLANTAS REPELENTES?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

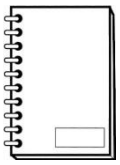
3. ☐ Não é meu caso

8. VOCÊ FAZ INTEGRAÇÃO ANIMAL-LAVOURA?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso



PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

9. VOCÊ FAZ USO DE QUEBRA-VENTO NAS LAVOURAS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

10. VOCÊ FAZ USO DE TRAÇÃO ANIMAL PARA TRABALHAR A TERRA?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

11. VOCÊ FAZ CONSERVAÇÃO DE SEMENTES?

1.☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

12. VOCÊ FAZ USO DE SEMENTES CRIOULAS EM SEUS CULTIVOS?

1.☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

13. VOCÊ FAZ REVOLVIMENTO MÍNIMO DO SOLO?

1.☐ Sim

2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

14. VOCÊ FAZ O DESCANSO ALTERNADO DAS ÁREAS DE CULTIVO?

1.☐ Sim

2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

15. VOCÊ PLANTA LAVOURAS DIVERSIFICADAS (POLICULTURAS)?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

16. VOCÊ PLANTA FLORES E OUTRAS PLANTAS QUE ATRAEM INIMIGOS NATURAIS DE PRAGAS PRÓXIMO A SEUS CULTIVOS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

17. VOCÊ FAZ A DESCONPACTAÇÃO DA TERRA ANTES DO PLANTIO?

1.☐ Sim

2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

18. VOCÊ FAZ CONTROLE DE EROSÃO?

1.☐ Sim

2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

19. VOCÊ FAZ USO DE BIOFERTILIZANTES?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

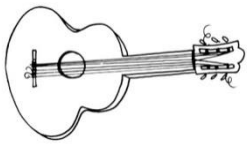
3. ☐ Não é meu caso

20. VOCÊ FAZ USO DE DEFENSIVOS NATURAIS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso



PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

21. VOCÊ FAZ BENEFICIAMENTO DOS PRODUTOS (AGROINDÚSTRIA)?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

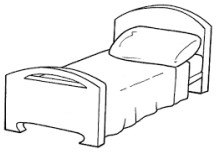
3. ☐ Não é meu caso

22. VOCÊ FAZ A PRODUÇÃO DAS MUDAS QUE PLANTA?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso



PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

23. VOCÊ OBSERVA AS FASES DA LUA PARA DEFINIR AS ATIVIDADES DE CULTIVO?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

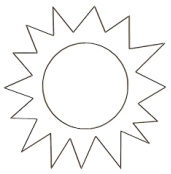
3. ☐ Não é meu caso

24. VOCÊ FAZ USO DE ARMADILHAS PARA INSETOS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso



PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

25. VOCÊ FAZ PRESERVAÇÃO DE NASCENTES DE ÁGUA?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

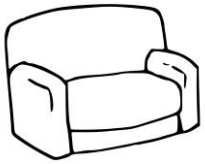
3. ☐ Não é meu caso

26. VOCÊ FAZ PLANTIO EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS (SAF)?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso



PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

27. VOCÊ FAZ ROTAÇÃO DE PASTAGENS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

28. VOCÊ FAZ CONSÓRCIO DO SEU REBANHO COM OUTRAS ESPÉCIES ANIMAIS?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

29. VOCÊ FAZ USO DE REPELENTES E INSETICIDAS NATURAIS EM SEU REBANHO?

1. ☐ Sim 2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

30. VOCÊ FAZ APLICAÇÃO DE MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS EM SEU REBANHO?

1. ☐ Sim 2.☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

31. VOCÊ FAZ USO MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS EM SEU REBANHO?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

3. ☐ Não é meu caso

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (PROMOTORES)

32. VOCÊ EXPERIMENTARIA NOVAS PRÁTICAS DE CULTIVO EM SUA ROÇA?

1.☐ Sim

2.☐ Não

33. VOCÊ GOSTA DE COMPARTILHAR SEUS CONHECIMENTOS COM SEUS VIZINHOS E AMIGOS?

1.☐ Sim

2.☐ Não

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (PROMOTORES)

34. VOCÊ RECEBERIA OUTROS AGRICULTORES EM SUA ROÇA PARA CONHECER SUAS EXPERIÊNCIAS DE CULTIVO?

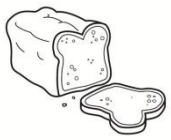
1.☐ Sim

2.☐ Não

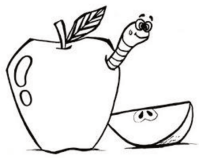
35. VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA CRIATIVA?

1.☐ Sim

2.☐ Não



CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (PROMOTORES)
36. VOCÊ COSTUMA COLOCAR EM PRÁTICA TÉCNICAS DE PRODUÇÃO QUE VOCÊ VÊ EM OUTROS LUGARES? 1.☐ Sim 2.☐ Não
37. VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A IR ATÉ OUTRAS PROPRIEDADES PARA APRENDER COISAS NOVAS COM OUTROS AGRICULTORES? 1.☐ Sim 2.☐ Não



CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (FACILITADORES)

38. VOCÊ GOSTA DE ORGANIZAR ATIVIDADES EM SUA COMUNIDADE?

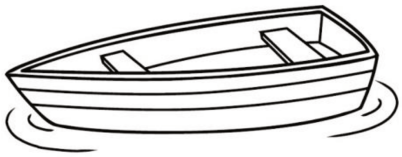
1.☐ Sim

2.☐ Não

39. VOCÊ GOSTA DE REALIZAR TRABALHOS EM GRUPO OU EQUIPE?

1. ☐ Sim

2.☐ Não



CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (FACILITADORES)

40. VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA ABERTA AO DIÁLOGO E ÀS IDEIAS DE OUTRAS PESSOAS?

1.☐ Sim 2.☐ Não

41. VOCÊ CONSIDERA QUE VOCÊ TRATA TODO MUNDO DA MESMA MANEIRA, SEM DIFERENÇAS?

1.☐ Sim 2.☐ Não

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS (FACILITADORES)

42. VOCÊ SE CONSIDERA UMA PEOSSOA ORGANIZADA?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

43. VOCÊ TEM DISPOSIÇÃO PARA APRENDER FORMAS DE TRABALHAR EM GRUPO?

1. ☐ Sim

2. ☐ Não

Apêndice 2 – CODIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS DE CONTEÚDO QUE CONFORMARAM O MATERIAL QUALITATIVO DA FASE I

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	2	*"Você vai perceber em todas as comunidades que você mexer: o único problema que a gente tem é o medo de estar falando a palavra errada. Se a gente não vai lá lutar e reivindicar, é pelo medo que às vezes você vai falar e, em vez de você resolver, vai trazer mais problema pra cá, entendeu? Às vezes a pessoa agacha e fica quieta de medo por não ter uma palavra certa, não ter o entendimento. Não vou dizer o estudo não, que a vida traz sabedoria melhor que o estudo. É o entendimento de estar enfrentando o poder público lá."*
				"Igual, se você vai na área florestal [referindo-se ao órgão público responsável pela preservação de áreas de florestais]. *Você não já chega e fala: 'eu vou fazer um desmate, vou fazer isso. Eu quero assim porque tem mata fechada aqui, mata fechada aqui é assim. Vou fazer um estudo!'. Não, você chega lá e entrega pra eles te darem o resultado com medo de você dar sua opinião. Esse é o problema de todos, o medo de criar mais problema. Eu tô falando disso pra você porque já aconteceu comigo de ir lá resolver a coisa sozinho, o mesmo assunto* [manejo de área de mata]. *Deu pouca confiança e maltratou. Eu chamei uma pessoa entendida da área, vamos dizer, um doutor ali naquela área: 'ah, pois não, vou resolver seu problema'. E resolveu o problema. Qual a diferença? Só porque ele tem um diploma e eu não tenho?"*
				"Eles não têm abertura com a comunidade. Já até falei muito disso pra secretaria da agricultura. A Universidade poderia estar aberta a usar o benefício, os recursos que tem no sítio e nas fazendas pra estar no campo. Vamos supor, um exemplo, tá com um problema na lavoura de café. A agronomia vem aqui e resolve o problema pra dar aula técnica. Não, eles não fazem isso."
				"O pessoal da UFLA faz muito trabalho com a gente na feira, você já deve ter visto lá, fazendo perguntas. Teve dia que eu falei pra ela [referindo-se a uma estudante da UFLA que foi fazer alguma entrevista]*: 'vai lá no final do questionário e responde assim: não quer responder porque não tem apoio da UFLA na propriedade. Pode levar pro seu professor'. Ou se não nós respondemos o questionário e fala: 'agora você põe aí no final, observação: mais abertura da universidade com os produtores.' Tantos que foram lá e até hoje não apareceu um professor, não apareceu um aluno de volta lá falando que o professor vai vir cá e vai resolver..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	2	*"No caso a escola é um recurso entre aspas, restrito a certas regras. A gente não pode fazer o que queremos. O assunto da dança* [proposta de aulas de dança para os moradores, que seriam realizadas no espaço da escola da Comunidade em horários sem atividade] *que ia fazer, fazer o benefício, usar uma entidade* [a escola]*, aí já foi um impedimento. Não é da diretora da escola, é ordem da educação* [referindo-se à Secretaria Municipal de Educação] *lá, impediu. Quando não tinha quadra, eles faziam a formatura no altar da igreja, ninguém nunca impediu. Então por que que agora houve esse impedimento? Eles não aceitam opinião. Eles fazem um cronograma ali e você tem que respeitar aquilo, não aceitam mudança da gente. A gente tem que aceitar eles fazerem mudança, maeles não aceitam nós mudar o deles."*
				Por exemplo também, igual tá a situação da estrada que nós citamos [participantes do EPS haviam dito que os tratores da prefeitura quando vão arrumar as estradas da região da Comunidade não envolvem os moradores nas decisões de como e o que arrumar e, geralmente, ficam muito insatisfeitos com o serviço]*, eles não aceitam a gente chegar lá e dar opinião, entendeu?"*
				"Na minha opinião não tem ninguém interessado [em apoiar de fato os camponeses]*. A UFLA vem aqui com estudante quando eles tão formando, que estão interessados. A Saúde vem o dia que eles querem. A Emater aparece quando eles estão interessados em fazer um curso ou alguma coisa. O que você precisa eles não vem, só em benefício deles. Sempre assim, já teve muito, mas só quando eles querem."*
				"Se precisar, e se você não tiver alguém de lá [na UFLA]*, chegado seu, você não consegue. Tem uma vaca nossa aqui que há pouco tempo agarrou o bezerro. Aí foi um namorado de uma prima minha, que é estudante lá, ele ligou pro professor que trouxe os alunos. Então serviu de experiência pra ele, porque o professor trouxe cinco alunos. Picou o bezerro dentro da vaca e tirou. Não fez cesariana não, foi picando e tirando. Foi pra nós beleza. Mas se não tivesse ele* [namorado da prima] *nós não teríamos conseguido. E outra vez já levou vaca lá pra fazer teste de raiva, num veterinário. Ele* [namorado da prima] *que ligou lá e encaminhou tudo. Mas através da gente mesmo dificilmente consegue. Chegar lá e faz assim, chega na UFLA amanhã: 'eu preciso falar com um veterinário pra me informar sobre isso'. Eu te garanto que você não consegue nada."*
			3	*"A política num pode contar que é só de quatro em quatro ano que eles vêm, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	4	*"Muitas nascente de água desativada aí. O produtor há anos metendo terra, agrotóxico, tudo em cima das nascente. E eu, principalmente, corri atrás do IBAMA e até hoje não ajudaram de nada. E a água... cabou com a água nossa. Se perdeu os rio! Eu trabalho com codorna e eu tive que fazer análise da água: a água num serve nem pra consumo das ave, que dirá pro consumo humano. Eu tive que furar um mini poço pra mim trabaiá."*
				"É aquele ditado, a gente tem que correr atrás. Eles num vêm procurar a gente pra oferecer ajuda. Se precisar cê liga: 'tô precisando disso, disso assim'. Às veiz eles vêm cá, arrumar alguma coisa, arrumar estrada. Mas só o caminho onde passa as van da escola. Tem muito lugar de estrada de terra, onde fica a casa da gente, onde fica a casa de várias pessoas, cheia de buraco. Num tá passando nem um cavalo e o prefeito num arruma. Cê tem que brigar, implorar pra arrumar. E muitas coisas eles passa por cima e vai embora e larga."
				"1 - A Emater costuma passar de vez em quando, mas não passa em todas [propriedades camponesas da comunidade]. *Passa em alguns. Às vezes a gente precisa ou tem contato com alguém lá, ligo pra eles, eles vem cá. Mas não são em todos. Vem só se chamar também. Acho que não pode ser considerado parceiro porque era considerado se atendesse todo mundo. Não atender um ou dois e só se chamar. E a UFLA também sempre vem só na festa do trabalhador rural. O pessoal de lá vem e dá muda árvore, umas coisa... Mas é só também uma vez no ano.* *2 - Só lembra nessa vez, né? Aí é que tá."*
				"A Saúde [referindo-se à ESF que atende a Comunidade] *talvez sim* [seja um recurso]*, mas ainda falta. Mas pelo menos atende. As vacina, acho que assim, num precisa ir pra cidade tomar uma vacina. A Saúde talvez atende um pouco. Não muito. Deixa muito a desejar. Vem uma vez por mês, ou duas vez no mês no máximo."*
				"Lá dentro da UFLA é muito bom, mas eles tinha que expandir pra fora. Pros lugar... Igual nascente de água, principalmente... Essas semente [crioulas]*, igual cê falou aí, ó. Muitas semente, às vez, a gente tira a semente e guarda pro ano da frente? Não. A gente pranta esse ano, vende toda produção e o ano que vem a gente vai no mercado comprar semente pra voltar a prantar. Falta um pouco de estudo, um pouco de... Entendeu? Ajudar a organizar pra gente ficar... Mas se a gente for lá a gente consegue, entendeu? Mas a gente tem que ir! Igual: eu mesmo tive que procurar a UFLA umas quatro ou cinco vez quando eu comecei a mexer com codorna. Lá tem um professor muito forte nessas parte de ave. Então ele veio com quatro pessoa pra atender nós, encaixar tudo certinho. Aí eu tive uma experiência boa com eles."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	4	*"Aqui na comunidade têm muitas pessoa que quer aprender a tocar violão, entendeu? Aí tem a dificuldade, que não tem professor. Tem que sair daqui e ir direto pra Lavras* [zona urbana] *procurar. E tem gente que num acha. O Galpão Cidadão* [centro comunitário da Fundação Padre Dehon, entidade sem fins lucrativos criada pela Paróquia de Sant'Ana da Igreja Católica de Lavras] *oferece* [curso de violão por meio de projeto socioeducativo]. *Só que é o seguinte, lá sai a inscrição em dezembro e fecha a inscrição. Aí o pessoal da cidade* [zona urbana] *vai, lota e fecha a inscrição tudo. Aí quando começa as aulas em maio, junho, se fechou com duzentos, tem vinte, trinta alunos. Aí não dá oportunidade das pessoas que querem daqui* [Comunidade rural] *levar a sério, fazer..."*
			5	*"Isso aqui foi abandonado* [referindo-se à estrutura da escola rural da Comunidade]. *Isso aqui era uma escola, foi, né? Eu mesmo cheguei a estudar aqui. Tem coisa que não depende só dos moradores. A prefeitura que é o responsável por isso, e não tá nem aí. Sabe como que tá hoje lá, né, política hoje tá... Então a gente tem que aproveitar o que a gente tem e manter isso aqui pelo menos desse jeito e num deixar acabar, né? Porque é uma coisa que ainda tá sendo muito útil."*
			7	*"E a Secretaria de Educação e de Saúde* [municipais]... *Dentro da pasta lá o que eles podem fazer... A gente precisa correr atrás bastante tempo. Mas política infelizmente é assim. Num tem como cê chegar e falar: eu quero isso! Num tem. Mas se tiver no lugar certo, na hora certa, consegue."*
				"1 - Eu só achei que essa Comunidade [referindo-se à sua comunidade, que foi inundada pela construção de uma barragem hidroelétrica e "reconstruída" em formato de bairro urbano na zona rural] *foi feita do jeito errado. Cê concorda comigo né, J.* [perguntando para outro camponês presente no EPS]*? Era pra ser lá perto da travessia dum lado pra outro* [perto da barragem da usina, onde fica a travessia de Lavras para outros municípios. Antes da construção da barragem a Comunidade ficava próxima à ponte que ligava aos municípios vizinhos pela estrada rural]. *Então, às veiz de lá tem serviço e, de cá, como é que vamo atravessar esse lago procê ir trabalhar do lado de lá? Lá não, lá seria outra coisa...* *2 - Lá na verdade seria três ponto de interesse? Seria Ribeirão* [Ribeirão Vermelho, cidade vizinha]*, Perdões* [cidade vizinha] *e Lavras. Mas depois que a procissão passa num adianta tirar o chapéu que já foi..."*
			8	*"1 - Acho que Emater eu não considero nada, não ajuda nós com nada!* *2 - Se depender de Emater, dessas coisas, eu num... Ajuda nenhuma!* *3 - A UFLA sim, quando cê procura ela é uma parceira."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	11	*"1 - A gente tem um grupo* [referindo-se à estrutura física da escola da Comunidade, que está desativada]*. Aí, que até a gente tá numa demanda pra gente reconquistar ele, porque ele foi desativado, e ele faz parte da Associação. A gente tá lutando pra pegar esse espaço.* *2 - Uns anos atrás, nós tava com um pedido de doação pra associação, porque nós temos a Associação de Moradores, também, aqui. Então era pra prefeitura doar a parte física do grupo. Mas eu não sei o que aconteceu... passou e não foi pra frente."* *3 - A gente tá atrás dessa documentação até hoje, parece uma novela. É que ta no nome do Estado e não consegue passar pra prefeitura.* *1 - E às vezes até a própria associação poderia ter a sua própria sede..."*
				"Ela [referindo-se à Emater] *ajuda. Ela ajudava mais antes, bem mais do que agora, né? Mas, se precisar, ainda vem."*
				"1 - Tem um núcleo educacional agora, só que o núcleo não fica aqui na comunidade [referindo-se à escola de uma comunidade vizinha onde as crianças da comunidade estudam desde que foi desativada a escola da Comunidade]. *2 - É um recurso, só que é muito dificultado. Tem dia que o ônibus nem consegue ir por causa da estrada."*
			13	*"Se chamar* [referindo-se à Emater]*, vem."*
			14	*"A escola também não tem... Aqui não* [na Comunidade]*, mas tem no C.* [Comunidade vizinha]*. Imagina se não tivesse, né? Uma escola rural é extremamente importante, a gente conta com isso."*
				"1 - A prefeitura também não deixa de ser um ponto de apoio, apesar de ser pouco presente. *2 - Deixa a desejar...* *1 - Mas não deixa de ser um ponto de apoio quando agente precisa.* *2 - Muito pouco...* *3 - Eu acho que é mais algum vereador do que a prefeitura em si..."*
				"1 - Eu sou estudante da UFLA, eu faço doutorado em Agroquímica. Ela faz Letras e tem mais gente também. Tem a S. que faz Zootecnia. E podemos dizer que não tem apoio da UFLA aqui [referindo-se à sua comunidade]. *2 - A gente não tem beneficio nenhum da UFLA hoje aqui com a gente."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	2	*"Só que, infelizmente, o que manda no País é, assim, as grandes firmas. Vai lá na UFLA* [referindo-se à Universidade Federal de Lavras, que apresenta histórico, tradição e renome em agrárias] *fazer um curso... já fomos lá participar de várias palestras. Primeira coisa escrita: BAYER. Então, enquanto eles estiverem comandando... É por isso que a gente foi parar no caminho que parou, dos agrotóxicos. Foi isso aí. A função dos grandes, das multis, é de ganhar dinheiro. Ó o que aconteceu. Por isso chegou no ponto que chegou."*
			5	*"Às vezes o vendedor* [de agrotóxicos] *vai lá e ele quer vender uma quantidade a mais porque ele quer vender. Aí a Emater vem e passa a receita* [referindo-se à receita agronômica para a compra de agrotóxicos] *também. E dá mais ou menos a metade do que ele* [vendedor] *manda jogar."*
				"Até a dificuldade do produtor em devolver a vasilha vazia [referindo-se à embalagem de agrotóxicos] *é difícil. Aqui em Lavras mesmo eu comprei um produto uma vez e eles me deram o endereço pra onde era pra devolver a embalagem. Nem deposito lá não existia..."*
			6	*"Eu tenho um problema mais ou menos assim: eu produzo verdura e a minha horta é pequena e a gente coloca muito esterco, muita coisa. Então acaba que a couve fica grande, bonita. Muita gente não compra a minha e compra do meu vizinho que usa agrotóxico porque a dele é pequenininha. Acha que tá grande porque tem veneno. E a minha não tem uma gota de veneno."*
				"Esse tal de milho transgênico aí... Se você tira a espiga dele [tirar o grão da espiga para usar como semente] *ele não produz."*
			9	*"Tecnologia! Igual você tá fazendo, é tecnologia* [referindo-se à fala do pesquisador de que as técnicas agroecológicas e os conhecimentos tradicionais são tecnologias de produção]. *Fazê tecnologia significa que tá avançando. Agora, a tecnologia sua* [referindo-se à agroecologia, referida pelo pesquisador]*, é mais eficiente que a química. Pra ter uma alimentação mais saudável. Por exemplo: Eu tenho um pedacinho de verdura lá no meu terreno. Tem almeirão, tem couve, tem alface... Eu apanho na hora e como, não precisa nem lavar. É saúde!"*
			15	*"É ué, tem que usar luva* [pra aplicar agrotóxicos]. *Só que aí o trator entope o bico* [saída do aplicador de agrotóxicos acoplado ao trator] *e você vai lá desentupir e a luva estraga. Aí cê tem que tirar a luva pra desentupir o bico... Quando ele entope, não tem jeito de desentupir o bico com a luva. Ah... aí toma até banho* [de agrotóxicos]!"

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	15	*"Só um minutinho, por exemplo, os venenos em si que a gente usa complica muito porque, uma: no mínimo você usa um inseticida pra matar a espodoca* [um tipo de inseto que ele considera praga]. *Tá, o que que acontece? Matou a espodoca inteirinha mas também matou a tesourinha* [inseto predador de outros insetos]*, que é a tesourinha que vai alimentar dos ovos da espodoca. Então, o certo é não usar! Os venenos só atrapalham, só atrapalham! Só complica em tudo!"*
				"É muita gente, Pedro, que acha que o problema [dos agrotóxicos] *é só na hora de aplicar. Passou dez minutos já acha que pode entrar na área, sendo que o problema tá ali há muitos dias."*
			17	*"Olha Pedro, a gente vai vivendo na roça e vai tirando experiência. Porque tem gente que vive por viver, não tira experiência de nada! Se você ver o tanto de passarinho que você não tá vendo mais como antigamente tinha... Agora acabou. Muito bicho desapareceu, por causa do que? Através desses venenos!"*
		Invasão da cultura urbana	2	*"O que atrapalhou muito na roça hoje em dia, foi quando esse pessoal da cidade começou a comprar esses sítios pequenos. Porque o pessoal da cidade, eles vem pra roça, e eles não são convivência nossa, são completamente diferentes. Aqui, modo de dizer, entre aspas né, era bom. Depois começou a aparecer um pessoal da cidade e atrapalhou muito. É igual nós estávamos comentando antes, fez uma reunião pra resolver o negócio da água, do poço artesiano, e os novos moradores queriam usufruir dessa água que a gente lutou e conseguiu, lutamos e foi um sacrifício. Eles vieram e quiseram usufruir. Então na reunião pra eles pegarem o benefício da água pra eles estavam todos presentes. Cadê hoje* [referindo-se ao EPS]*? Então, o que a gente deve pesar, quem tá na roça e o que que tem, você vai vender um pedacinho de terra, pensa antes pra quem você vai vender, e o que você vai colocar ali. Inclusive, o rapaz ali, comprou um sítio ali em cima e sabe, ele foi alugar pra festa, pra passar fim de semana. Exemplo, a mãe do Z. era doente, e aquele som alto no fundo, não tem quem respeite. Então pessoas da cidade, você me desculpe o palavreado, mas eles não tem o respeito. Pode chamar a gente de "da roça", mas não chega ninguém da roça fazendo besteira no centro da cidade, no banco ou alguma coisa, e eles chegam aqui querendo aparecer."*
				"Outra coisa que eu fico triste, que a gente vê aí, eu já enfrentei muitas vezes. Você vai aqui, tem três morrinhos, nós falamos cocoruto. É uma beleza! Vai lá pra você ver o que que as motos [praticantes de modalidade de motociclismo com motos adaptadas para andar em áreas onde não existe estrada]*, tem vala lá que as motos cavaram e a chuva vai lavando. A serra que era perfeita, uma paisagem bonita... Que se deixar, vai destruir, vai virar serra pelada."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês	2	*"E tinha muito mais no passado, e acabou. No passado pra trás, não existia igreja* [estrutura física da igreja católica na Comunidade]. *Havia um cruzeiro. E durante o dia ia fazer um terço lá, e leilão, tinha essas coisas, novena, na casa do fulano, terço de São Gonçalo, fazia um baile nas casas, ficava sanfona a noite inteira, aquele prazer dos donos da casa. 'Vai na casa do seu fulano lá...', sabe, era assim. E depois isso aí acabou. Pra você ver, faz hoje uma festa junina, é só pra arrecadar fundo. Não tem uma festa junina de confraternização. Que a comunidade fala, vamos fazer uma festinha pra nós, preparar uma canjica, ninguém comprar nada não. 'Ó Z., você me dá dois quilo de canjica, você dá o amendoim, a fulana faz a canjica...' Ter um momento de lazer... Não tem isso mais. Fazia jogo, fazia até leitoa. Biscoitão! Ó pra você ver o que eles faziam! Cabou isso tudo."*
			3	*"É possível é. Porque antigamente produzia* [sem agrotóxicos]. *Antigamente tinha uma prática: tirar cisco na lavoura. As folhas do café, o mato que cê capinava, tirava tudo e fazia uma leira no meio da rua do café. Depois da colheita cê esparramava aquilo pra de baixo. Era uma prática antigamente que hoje não existe. Hoje é o seguinte: a pessoa que mexe com a lavoura de café, ele vai começar a plantar. Então primeiro passo é ele fazer uma análise da terra pra ele saber que que a terra tem, e o que ela num tem pra medir nutrientes. A gente quando começa de maneira errada, a gente já vai lá e talvez vem e num faz análise, já faz o uso do Fósforo que é o Super Simples* [nome comercial do fertilizante sintético]. *Planta o café, e tal... E daí a gente começa de maneira errada. Depois a produção vem, cê olha ali uma deficiência na folha, aí cê já começa a ficar preocupado. Entendeu? Como fazer isso sem usar o químico?"*
				"Agroecologia é um passo a frente dos orgânicos, né? Esses dias passou no Globo Rural uma fazenda que já produz dessa forma."
			7	*"Assim, porque de primeiro* [antigamente] *o povo ia fazer visita. Tinha, assim, mais união. Dia de hoje, assim, já num tá teno. Nas roça num tá teno sussego porque tá teno muito roubo."*
			11	*"Eu tenho uma pergunta pra fazer pra você... eu tava pensando aqui como é que eu ia fazer... Esse mundo sem agrotóxico que você mostrou, ele existe? Porque eu achei que ele existia só no céu. É... então você vai ter que apresentar ele pra mim!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês	15	*" 1 - Meu vô tinha esse negócio, por parte do meu pai. Debulhava e guardava. Depois que plantou, guardava o mesmo milho* [semente]. *E falava que era o melhor milho.* *2 - Eles falam que a parte do meio* [referindo-se- aos grãos de milho da parte do meio da espiga] *que é boa na verdade. Você tira uma ponta, tira a outra ponta, e guarda o meio. Meu pai fazia assim: aqui é a espiga* [simulando uma espiga]*, né?... Tira essa ponta, tira essa, e planta o do meio.* *1 - Todo homem tirava do mesmo milho* [semente crioula]*!* *2 - Antigamente não tinha essa semente industrializada, né, que a gente usa hoje..."*
			17	*"Se você tiver caindo no buraco é capaz de você cair e não tem ninguém pra te levantar. Então cada um... É porque ele tá preocupado com a plantação dele, eu tô preocupado com a minha. Então, quase não tem... Na roça quase não tá tendo tempo disso mais. Então, não tem união. Amizade todo mundo tem. Mas tô falando a correria hoje não deixa a gente ter união."*
	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	1	*"1 - Eu considero que sim, porque às veiz cê precisa de alguma coisa... É amigo! Aí cê pode pra qualquer um que eles tá disposto a te ajudar. Sempre disposto.* *2 - É igual o G., o irmão da R.. Aqui quem precisar de um carro pra levar na cidade, eles chama é ele. Aí a que for, ele tá disposto a ajudar qualquer um, qualquer hora."*
			2	*"Eu gosto muito de questionar o porquê. Se a gente estivesse incentivando ao crime, a roubar... Mas não, estamos incentivando as pessoas a serem solidárias."*
				"A diferença é o seguinte: o que depende de nós moradores é eficiente. Igual acabamos de falar: 'vamos construir uma igreja?'. A igreja tá pronta. O que depende da união do pessoal, tá servindo. Agora o que depende do poder público, o que for, não funciona."
				"O poço artesiano que atende a comunidade. Foi muita luta pra poder chegar aonde chegou. Às vezes tinha que fazer pressão, falar coisa, que não é da personalidade nossa, mas teve que falar. Tava com uns buracos abertos e a gente teve que falar, fazer essa pressão que não é do grau da gente pra eles poderem tomar uma atitude de trazer o encanamento."
				"Por exemplo igual na igreja, o Z. mexe na igreja: 'ó, vamos fazer um mutirão hoje na igreja, fazer uma faxina que vamos fazer uma festa' e vai todo mundo junto. Em todas as comunidades é assim, o pessoal une com o benefício, porque todo mundo tem aquele pensamento em comum. Igual, se o Z. O. estiver lá colhendo, e ele vê que vai cair um chuva: 'ó, liga lá nos "tiãozinho", pede pra eles virem aqui correndo me ajudar a colher café!'"

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	2	*"Até sobre ladrão: 'ói, chegou um carro estranho lá na casa do fulano. Num é ele, essa hora ele não chega. Ele foi pra cidade? Porque esse carro ta lá?'. Até isso, um olha o do outro, já conhece o ritmo de vida."*
				"Tem festa das igrejas, que tem há muitos anos. A festa do padroeiro. Igual tamo falando, né, a confiança, bota aí a confiança [como recurso da Comunidade]. *A festa do padroeiro é a época em que todo mundo: 'ó, vai ter festa! Vamo juntar todo mundo, enfeitar, fazer barraquinha. Um faz a canjica, outro faz o quentão, um assa o churrasco...'.*
				"A confiança, né, importante a confiança Porque aqui, todo mundo praticamente é nascido e criado, então tem a confiança. Por exemplo, se o Z. tá querendo encher o silo, e ele vê: 'ó, mais um dia de serviço e acaba'. Aí ele chama: 'vem cá com seu trator me dá uma mão'. Confia que ele pode contar. Nasceu e criou. Um sabe da necessidade do outro, e um troca com o outro. Então a confiança é um ponto importante que tem aqui."
				"Eu acho que a comunidade tem muitos recursos positivos. As pessoas precisam se unir pra fazer bastante coisas boas. Tem condição de unir pra melhorar muita coisa. Tem recurso, dá pra conseguir recurso. Um tem uma coisa, outro tem outra coisa."
			3	*"Aqui na comunidade a gente conseguiu, através da associação, uma serie de ajuda. Não tinha água nas casas aqui, era um pocinho, pouquinho, faltava na escola. Aí por um acaso a gente tinha associação. Aí nós conseguiu poço, conseguiu quadra coberta."*
				"Se precisar, assim, um vizinho ou outro, sempre tá disponível..."
				"É essa disponibilidade aí, tem esse apoio. Por exemplo: às veiz cê precisa de um... A pessoa trabalha no período da tarde, cê precisou dele no período da manhã, ele vai lá te ajudar a fazer uma adubação, te ajudar ocê a arrumar uma cerca."
			4	*"Eu acho que o que tem de bom na comunidade aqui é a partilha. Que às vezes tem uma família que tá precisando de alguma coisa, aí o pessoal se junta, faz uma cesta, faz uma coisa e leva. Se tem algum doente, o pessoal vai lá, faz uma visita, vê que que tá precisando. Eu acho que a partilha na comunidade é boa."*
				"Num precisa nem ser dia da missa pra reunir, partilhar. O pessoal mesmo daqui põe uma musica, faz uns rango e: 'tal dia, tal hora vai ter reunião!'. Convida todo mundo e só precisa informar."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	4	*"A gente tem vontade... Igual agora vem junho: São Pedro* [festa junina]*... Até domingo passado mesmo eu tive com uns colega meu aqui lá de Nepomuceno* [cidade vizinha, próxima à Comunidade]*... Um na sanfona, dois no violão e toca a música que cê precisar de sertanejo. Até conversei com o padre, queria montar aqui uma missa sertaneja. Um dia, uma sexta feira, se possível. Uma missa sertaneja!"*
			5	*"E negócio é a gente poder passar uma informação positiva praquela pessoa. Porque dependendo do que cê fala a pessoa já fica meio: 'ah, isso aí é coisa atoa, eu não necessito disso'. Então aí é como que nós tamo dialogando... É uma coisa* [a agroecologia] *da gente poder passar pra pessoa pra pessoa poder passar aquilo ali também."*
				"Que às vezes você tem uma ideia, tem um pensamento em fazer alguma coisa, tem alguma coisa que você pensa assim mas ainda tá faltando alguma coisa. Aquilo não encaixa na sua cabeça e talvez a outra pessoa, seu companheiro, talvez ela, tem aquilo pra te dar a solução. Conversar entre um e outro, saber a opinião de um e de outro, até chegar num acordo. Se é que chega ou não, mas o importante é ouvir a todos. É igual se você quer organizar alguma coisa, por exemplo, com nós aqui na comunidade... Vocês organizaram isso [o EPS] *aqui hoje, você comunicou com a R.* [ACS] *e ela passou pra gente. Se ela não tivesse comunicado com a gente talvez taria só vocês aqui. Então isso aí é dialogo, é comunicação entre um e outro. Porque se agente não se comunicar um com outro... Se quer fazer alguma coisa, por exemplo, se já sabe que vai dar certo* [a transição agroecológica]*, se temos certeza que vai dar certo, a gente tem que comunicar com as outras pessoas também. Porque a participação de todos é muito importante. E nisso vai gerando... é uma coisa puxando a outra, uma coisa liga a outra."*
			7	*"É, tava funcionando* [associação de moradores]. *Depois deu uma caída. Agora nós vamo ver se nóis põe a casa em ordem de novo. Porque o trem começou a andar errado e eu, como membro da chapa, eu não aceitei nada errado. Porque eu não gosto. Tem que trabaiar certo."*
			8	*" 1- Aqui na comunidade tem uma festa que acontece anualmente. É a festa de São Judas Tadeu, em outubro. Rapaz, isso aqui enche que você não acredita. Muita música, muita coisa! Porque a gente aqui tem essa coisa de um é católico, o outro é adventista. Mas aqui de fora a gente se dá bem. Por exemplo, se eu for convidado pra festa da igreja deles eu vou. A maioria vai! Em todo lugar existe exceção, mas na maioria existe esse respeito. Eu admiro muito o pessoal católico, assim como eles me respeitam também.* *2 - Então, no dia da festa nossa lá* [católica] *teve problema com a água. O G.* [adventista] *falou: 'vou lá olhar a água lá, eu vou lá e ajudo'. Eu lembro disso direitinho. Quer dizer que não tem essa diferença de religião. Isso é bom!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	8	*"1 - É a amizade! Vou te falar que tem roubo aqui também, às vezes roubam né, T.? Mas assim, é tranquilo. A N. sai de casa, ela deixa a chave da casa dela comigo. Aí ela sai: 'olha, se der problema, você vai lá'. Sai e diz: 'ó G., tô indo, volto tal dia'. O C. sai: 'olha vou sair, qualquer coisa você olha minha casa'. Existe aquela cumplicidade, vamos dizer assim.* *2 - Um ajudar o outro...* *1: É, um ajudar o outro! Esses dias eu falei assim: 'eu quero um galo índio gigante, quem tem galo índio gigante? O T.* [referindo-se à um camponês presente no EPS]*'. Liguei pro Th., filho dele. De tarde chegou o Th. lá com o galo índio gigante: 'aqui ó, pai mandou pra você!'. Tem tudo isso!* *2 - Um tem confiança no outro. Você pode deixar a casa aberta ali, é mais fácil eu passar e olhar pra você do que mexer nos seus trem.* *3 - Eu fui dormir um dia, Pedro. Esqueci a porta da sala aberta. Só no outro dia que eu fui ver que eu esqueci a porta aberta... dormiu aberto. Não entrou nem um cachorro, nada. Foi um descuido, eu esqueci. Mas se fosse em outros lugares, né?!"*
				"A gente morava em um sítio lá embaixo [na própria Comunidade]*, mas a mulher* [proprietária da terra onde moravam] *vendeu e nós fomos pra cidade. Ficamos dois meses na cidade e tornamos a voltar. Arrumamos outra coisa aqui, voltamos pra cá. É mais fácil pra criar os filhos, eles ficam mais a vontade. Fica solto, né? Porque aqui não tem perigo de nada. Pode deixar tranquilo... conhece todo mundo. Agora se fosse na cidade seria diferente. E aqui nós temos nossa hortinha. Eu planto, eles* [filhos] *plantam, eles me ajudam! Tem dia mais cedo que a gente vai pra horta, amassa barro o dia inteiro. É muito bom!"*
			9	*"Uma boa coisa é assim, vamos por: eu vou lá ou o outro vem aqui. O que ele tá jogando* [aplicando na plantação]*, às vezes, o nome daquele ramo* [planta usada no preparo de caldas para aplicar na plantação]*, cada um conhece de um jeito. Aí aquela pessoa leva o ramo que ele tá usando pra outra pessoa ver o que que é. A convivência ajuda a aprender coisas novas, boas."*
			11	*"Eu acho o povo aqui, assim, tirando os que não gostam muito de participar de reunião essas coisas, eles são muito unidos pra tudo. Uma doença, assim, ajudar as pessoas nessa parte o pessoal é muito legal, são bem unidos nessa área. Qualquer hora que você precisar de alguém eles estão todos pra te servir."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	11	*"1 - Uma outra coisa que a gente faz também, a gente segue a tradição, a gente sai numa folia de reis, todo ano. E nessa folia de reis a gente sai visitando as casas e a gente arrecada dinheiro pra apoiar a igreja com as suas reformas.* *2 - Nessas casa que a gente vai, também tem as pessoas que produzem almoço. Depois, no dia certo, a gente faz um festa aqui, uma confraternização, todo mundo vem."*
				"A gente precisava dos jovens. Os velhos tão terminando. Tá ficando velho e os jovens não querem chegar no lugar dos velhos. Tá mais ou menos assim, entendeu? Falta coordenação pros jovens. Dia de domingo eles tão tudo aí, de moto. Eu tenho certeza que se chamar eles pra cá, eu tenho certeza que eles vai."
			13	*"No meu ponto de vista, pelo que já andei aqui por esses lugar tudo em Lavras, nessa região aí, o R.* [Comunidade] *é um lugar muito bom. Porque o pessoal é muito acolhedor, todo mundo se ajudando, tamo sempre se comunicando com o outro. Se eu saio tenho certeza que o meu vizinho tá olhando o que é meu. Respeito. O pessoal aqui marca reunião também. Marca, vem, tem uns que vem meio desanimado, mas tem essa união."*
			14	*"1 - Aqui é uma comunidade muito boa, não tem inimizade, é uma Comunidade certa. É uma comunidade unida, tem muita família.* *2 - A comunidade tem um bom relacionamento. Tem afinidade, mas ao mesmo tempo é reservado,* *1 - É um equilíbrio, mas quando se encontra é festa!* *2- Acho que é o respeito que um tem pelo outro.* *3 - Se precisa de um ajudar o outro vai numa boa.* *1 - Aqui também cada um tem um pedaço de terra, um sitio, mais ou menos do mesmo tamanho um do outro. Então, assim, não são muito próximos, não é casa coladinha. Você pode ver que quando cê anda aqui tem um sitio aqui e outro ali mais longe, um pouquinho. Não é tudo muito próximo. Talvez seja isso. É cada um na sua casa e a gente se encontra na igreja, às vezes tá passando ali e fala: 'bença!'. Não é isso?"*
			15	*"A união das pessoas, né? Aqui na igreja, por exemplo, é um ponto de encontro das pessoas. Antes da igreja aqui, as pessoas mal visitavam, não iam à missa, não faziam um monte de coisa. Então, depois da igreja, ficou como um ponto de encontro. Aqui eu acho que estreitou muito mais os laços de amizade, as pessoas se encontram muito mais, a gente se comunica muito mais. Então é um ponto positivo* [da Comunidade]*."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Rede comunitária	15	*"Uma pessoa da saúde é o J.* [ACS e morador camponês da comunidade]*. Porque o J. é uma pessoa bacana que visita todas as casas aqui, auxilia no que tá no alcance dele. Então pode considerar que a saúde é o J.. Ajuda muitas pessoas. Ele é o agente de saúde. O J. passa em todas as casas aqui. Ele toma café lá em casa todo mês. Eu, particularmente, não uso muito não* [os serviços da ESF]*, mas tem uns vizinhos aqui, um pessoal mais de idade, que não sai de casa, vem aqui* [na igreja, local de atendimento da ESF na Comunidade] *pra tomar vacinas, vem ao médico. Tem assistência, né?"*
			16	*"1 - O que eu preciso eles me emprestam, se eles precisam, se eu tiver eu empresto. É a nossa convivência aqui, é um ajudando o outro. Por exemplo, eu tô precisando de um implemento que eu não tenho, o R. ou o W. me empresta. É assim que nós funcionamos, entendeu? Aí ele me socorre, eu socorro ele, é assim que é a convivência nossa e é o ideal.* *3 - Ele precisou limpar o café, eu fui lá e limpei pra ele...* *1 - É, eu precisei de limpar, ele foi lá e limpou pra mim. Às vezes eu preciso de uma grade* [implemento agrícola]*, ele me empresta, o R. me empresta. Uma adubadeira, uma coisa, entendeu?*
		Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	2	*"As plantas* [medicinais] *aí, tem umas pessoas que sabem alguma coisa. Todo mundo sabe um pouquinho, né? Um receita pro outro, toma isso que é bom pra aquilo... Então você vai aprendendo aos poucos, um pouquinho todos sabem."*
			3	*"Tem uma família aqui que se cê precisar dela pras plantas medicinais, quando precisar, eles faz um chazinho pro pessoal daqui. De plantas medicinais eles conhecem bastante. Indo lá nós num vai na farmácia."*
				"Lá em casa eu faço do cravo [calda] *pra acabar com as formiga. As formiga some tudo. Aqueles cravinho de defunto roxo."*
			6	*"Nós fizemos isso com couve. A gente plantou couve e pra manter a umidade nós colocamos palha de arroz."*
				"Sabe o que eu já reparei? Minha horta... todo mundo tá reclamando que está tendo muito. Começa período de seca e começa aparecer pulgão na couve. Minha couve não tem pulgão e na minha horta é cheia da joaninha."
				"Na minha horta, também, eu planto muito mostarda. A mostarda ela puxa o pior pra ela. Vai comendo ela [referindo-se aos insetos]*, ela é preferencial na horta. Isso também é uma ideia legal."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	7	*"1 - Aquele picão que pega na roupa de gente é um remedião. A gente usa tomar. Losna...* *2 - Eu gosto de erva cidreira, folha de maracujá e a foinha de laranja. É um carmante, ó!* *3 - Eu tenho lá, o vizinho lá tem também... Marmelinho é um remedião pra fígado. E o chapéu de couro também, que eles fala que dá assim no brejo, é bão."*
			8	*"A gente* [adventistas] *aqui tem essa vantagem da igreja pregar isso* [referindo-se ao cuidado pra não contaminar os alimentos com agrotóxico]. *A igreja adventista prega os oito remédios da natureza."*
				"Então, nós também planta um feijão lá, ó. Nós tá colhendo ele lá sem nada de remédio [agrotóxico]. *Só pro gasto* [pra consumo da família]*, pra nós, mas mais pro gasto por enquanto."*
			9	*"Ô Pedro, a ferruge* [referindo-se ao fungo considerado doença nas folhas do café] *daquela qual eu te falei, é que eu não lembrei, mas eu vou fazer. Tem que pegar um punhado de folha de mamona, pica ela bem, joga ela na água, ficar doze horas* [para preparar uma calda inseticida]*."*
				"Ô Pedro, você tá falando da crotalária [planta utilizada como adubo verde]. *Eu não tenho a semente por aqui mais. Mas aqui nóis já plantou muito. Aquilo pra produzir café é uma beleza."*
			10	*"Uma forma de associação: o mamão mesmo tamos plantando no meio das bananas, porque o mamão não pode com vento, e lá no meio das bananas as bananas protegem do vento."*
			14	*"Eu acho que são, de certa forma, pessoas mais velhas... Igual o próprio E.* [referindo-se a um camponês mais idoso presente no EPS] *e os irmãos, que são ricos de um conhecimento antigo de manejo de coisas tradicionais. Eu acho que é uma riqueza que a gente tem. Se a gente precisar buscar atrás algum recurso, eu tenho certeza que temos excelentes professores aqui."*
			15	*"A mostarda é uma, né? Que a mostarda ela é... tem outra plantinha, eu esqueci. Mas a mostarda é bom, porque dá muita florzinha e atrai esses bichinhos que ajudam a controlar* [pragas]*... Quem mexe com hortaliça, a mostarda é das coisas que dá muita flor. Aí deixa ela florir pra controlar outros tipos de praga."*
				"Eu tenho um arado [de tração animal] *também. Sei usar, meu pai usava. Eu até ajudava meu pai na época. Até ajuda o animal* [arar a terra]*, animal parado não dá não!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	15	*"Eu tenho bacia de contenção* [da água de chuva em áreas de declive, para diminuir ação da erosão e perda de solo]. *Bacia de contenção é ótima porque ela junta a água que vem da chuva que passa por ela e tem muitos nutrientes e esterco também, né? A água fica lá e* [a terra] *vai absorvendo. Tanto a braquiária mesmo, em volta da bacia, você precisa de ver a diferença de lugares mais longes* [da bacia]*. E segura a chuva também, a enxurrada, de onde mais pra baixo vai ser plantado o milho. A minha bacia de contenção funciona mesmo!"*
				"Pó de café com terra de formigueiro, faz uma garrafada... Pó de café e a terra do formigueiro! Porque a formiga, como diz, ela vem lá de baixo pra cima, né, então aquela terra ela sai mais pura não tem tanto coisa que tem aqui em cima. Então aquela terra do formigueiro com pó de café faz uma garrafada mistura e obriga a vaca a comer [referindo-se à produção própria e utilização de remédio natural usado para gado]*."*
			16	*"Antes eu não fazia não, mas agora eu faço. Vai fazer dois anos já que tô fazendo isso aí. Agora não jogo veneno mais não. Deixo o mato sair, só limpo os pés das plantas. Depois que eu roço e deixo acamar."*
				"Eu sei como é que é [técnica de compostagem]. *Porque lá eu faço com palha de café e esterco pra jogar no café. Deixa um tempo fermentar pra depois jogar."*
				"Por exemplo, eu corto o milho, depois arruma [palha seca no solo] *e planta o feijão em cima assim, não?"*
				"Plantar um café [em uma determinada fase da lua]*... O milho mesmo, se colher na* (fase da lua) *nova caruncha tudo, tem que ser na minguante."*
				"Já fiz com pasta de alho pra carrapato [repelente natural]".
			17	*"Lá em casa a gente usa a unha de fedegulho* [planta medicinal] *pra cura de bezerro. É eficiente, melhor que remédio* [medicamento industrializado para uso animal]. *Intoxicação, quando tá muito forte, esses Mercepton* [medicamento para eliminação de toxinas do organismo do gado]*, esses remédios não resolve."*
				"Na minha época, que eu era criança, jovem ainda, não tinha esses problemas aí. Sabe por que que problema não tinha? Não era banho [aplicação de agrotóxicos]*, não era nada. Era a benzeção. Pergunta pra ele se eu tô falando mentira. Até pra procurar vaca a benzeção resolve."*
		Talentos culturais	3	*"Tem pessoas que sabe trabalhar aqui... Inclusive tem até uma novata que ela tá fazendo queijo temperado. Ela tá começando nesse início. Ela tá nessa área. Aqui tem cozinheiras também que é o seguinte: se tiver algum empreendimento, elas têm talento. Mas hoje elas têm que trabalhar em restaurante* [como funcionárias] *e tal."*
			4	*"A N. gosta de artesanato, tem oito anos. Ela pega as cabacinha, essas cabacinha que a gente pranta... Aí corta, serra, e desenha. Pinta elas tudo, desenha. Ela faz umas coisa lá que eu fiquei impressionado com ela. Ela tem esse dom pra fazer. Ela faz uns desenho a coisa mais linda! Ela fez uma Nossa Senhora, ela fez uma casinha..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Primeiro EPS (Atividades i e ii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Talentos culturais	8	*"Eu canto na igreja, a filha dele também. Canto outras coisa também. Mas o meu lado é mais as músicas sertanejas e algumas músicas antigas. Toco violão e um pouco de viola. As menina dele* [aponta para outro participante do EPS] *canta e toca também!"*
			12	*"Nóis memo, tipo assim, faz crochê... Mas fica só em casa. A gente pinta, mas cada um... Faz bolo, faz bordado. Também tem gente que eu conheço que faz pintura de tela. A gente faz bloco de cimento, sabe também fazer adobe."*
			14	*" 1 - Tem bordadeira, tem uns que faz uns queijo bom ai também. A esposa dele faz crochê, a C. também faz. Minha mãe faz também. E cozinha aqui é quase todo mundo. E tem a fotógrafa!* *2 - Falta um estímulo pra unir tudo isso, né? Existem várias* [iniciativas culturais] *de certa forma individual, pra própria família. Igual às vezes, tem uma pessoa que cozinha bem ou alguém que borda... Mas é uma coisa mais individual, isso não é compartilhado. A gente não usa disso pro bem comum da comunidade."*
				"O J., um [adolescente] *que mora ali, fez uns desenhos na escola ali* [referindo-se à pintura artística de paredes da escola da Comunidade]*. Ele desenha bem pra caramba".*
	Capacidade de Significação – motivação:	Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores	5	*"Agora o que eu vejo nisso tudo, também, é que nós que estamos aqui* [no Primeiro EPS na Comunidade]*, nós é que vai mudar as outras pessoas. Se a gente abraçar mesmo essa causa* [referindo-se à transição agroecológica] *e ver que vai dar certo, aí aquelas outras pessoas* [referindo-se aos camponeses que até o momento estão descrentes e/ou desinteressados] *vai falar também: 'opa, aquele negócio tá funcionando'. Aí elas vai sentir que o negócio funciona realmente e pode vim pro lado de cá, né verdade? Porque se a gente desanimar, aí cabô... estourou a boiada."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	2 e 13	*"Nós tem a UFLA aqui* [em Lavras]*... Tô falando perto dos rapaz aqui* [referindo-se aos estudantes da UFLA, integrantes da equipe de pesquisa, presentes no EPS]*... Se ocê precisa de uma coisa na UFLA, cês mesmo sabe melhor que eu, se ocê num tiver alguém lá dentro* [alguém conhecido que trabalha ou estuda na UFLA]*, cê num consegue nada. Cês sabem."*
				"Aconteceu uma coisa comigo... Eu tô com uma novilha lá no hospital da UFLA, que ela quebrou a perna. Eu liguei pra lá [Hospital Veterinário do Departamento de Veterinária da Universidade] *e ele* [atendente do hospital] *falou: 'quinhentos* [reais]*' pra mim. A entrada* [do animal do hospital]*, mais o remédio, mais comida, tudo... Aí eu falei: 'ah, não, a novilha num vale não, larga quieto, deixa morrer'. Quando vê passou meia hora, liga pra trás* [atendente retorna a ligação para o camponês]*: 'ou, vai lá procê pagar, pode mandar... Cê vai pagar só a receita, só a entrada assim da consulta'. E tá lá, ela vai ficar mais de dois mês lá, tratando dela."*
				"1 - De ESAL passou pra UFLA [referindo-se aos anos de existência da Universidade em Lavras] *e ficou* [apenas voltada para a produção com agrotóxicos]*... Agora tá abrindo* [para a Agroecologia]*. E por quê? Num sei se tô certo ou tô errado mas vou te falar o porquê: sexta feira* [dia de feira] *lá no mercado municipal tem uma sala lá que sempre tem uma turma apresentando trabalho. Cada dia é uma coisa. Sexta feira foi um pessoal lá da UFLA, um deles até fazendo doutorado. Eles tavam fazendo trabalho de fungos* [para controle biológico de pragas] *lá. Até eu tive lá visitando. E ele falou pra mim, sabe, que agora a Universidade já tá interessando em fazer esse trabalho e estudar isso* [controle de pragas alternativos ao uso de agrotóxicos]*. Por quê? Pra vender. Já tem firma querendo trocar* [o foco dos produtos que produz e comercializa]*: em vez docê levar o Bagiston* [referindo-se ao agrotóxico fungicida e inseticida chamado Baysiston] *pro café cê leva o fungo. Já tão criando uns galão. Então, por quê será que a UFLA está se abrindo para a Agroecologia agora, né?!"* *2 - A Monsanto já vende esses bichinho, vende os fungo... Eu já comprei dum rapaz aqui, pra broca de milho. Num é muito barato não. Aí vem as cartelinha assim, aí cê vai lá no mei da roça, rasga ali, abre e sai aqueles piolhinho assim."*
			3	*"Até a questão de quem produz queijo* [beneficiamento do leite nas propriedades camponesas para venda de queijo artesanal]*, por exemplo, realmente tem que seguir um monte de coisa* [normas sanitárias] *pra não ter doença. Precisa. Mas criaram tantas formas pra dificultar que quanta gente hoje você conhece que deixou de fazer queijo?* [Vigilância Sanitária] *Proíbe, fecha e multa, por exemplo, quem fabricava. Podia dar curso, então, de como produzir, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	4	*" 1 -A Emater sempre fala que vai ajudar em alguma coisa mas nunca foi a deles* [ajudar]. *2 - Quem fala muito que vai ajudar é antes de candidatar, né, vereador..."*
				"Tem tanta gente [da Comunidade] *que vai pra cidade fazer academia* [de ginástica, musculação, etc.]. *Tem que pegar carro todo dia, não precisava...* [referindo-se à estrutura física da escola desativada da Comunidade onde a gestão pública poderia instalar uma academia]*."*
			6 e 15	*"A UFLA poderia ajudar muito. Mas começa por aí... Olha a UFLA pra você ver: lá tem engenheiro, não tem? Tem. Em volta da represa* [existente dentro do campus da UFLA] *eles* [professor, departamento e/ou grupo de pesquisa responsáveis por campos experimentais] *planta eucalipto* [experimento com eucaliptos, sendo que esta é uma espécie que, plantada no modelo de monocultivo, em grande quantidade, reconhecidamente afeta a capacidade de lençóis freáticos e a preservação de nascentes], *perto da nascente. Em volta da represa não tem proteção de árvore nenhuma. Começa por aí."*
				"Mas pra eles [referindo-se aos professores dos cursos de agrárias da UFLA que são voltados para o ensino do modelo do agronegócio] *não valem não. Quando é controle biológico eles ficam bravo. Só falar em controle biológico que eles viram monstro: 'não, que o veneno que é bom'."*
				"Você viu que eu pus lá no grupo [grupo do aplicativo Whatsapp® formado pelos participantes, das 17 comunidades, das atividades do Primeiro EPS]. *Suco da graviola. Eu pus aquilo lá só pra vocês terem um exemplo. Por que eles* [referindo-se ao sistema de saúde, de um modo geral] *não investem num trem daquele? A folha da graviola cura câncer. Mas porque eles não investem nisso? Porque a indústria* [farmacêutica] *vende remédio pra ficar tratando, não pra curar, ué. A farmácia ganha, quem faz o remédio ganha, o médico ganha e por aí vai. E a graviola fica..."*
			11	*" 1 - Emater não, nem vem cá.* *2 - Eles antigamente vinham mais.* *1 - Eu acho que não.* *2 - Eu acho que se for lá e pedir, solicitar... Porque eu acho que eles pararam de vim por que vinham e o pessoal ficava assim... não vinha ninguém na reunião. A gente pode contatar com eles e acionar pra ver se vem, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	14	*"1 - Até na parte de aposentadoria, pra você ver... Um produtor rural que assina a carteira pra mais de dois funcionários, na hora dele aposentar ele não tem direito ao apoio rural. O produtor rural que trabalha com retiro de leite, ele depende de funcionário e ele não pode usar o beneficio do produtor rural. Olha que absurdo! Se em algum momento a gente quer contratar alguém aqui, a gente já para e pensa: 'será que eu vou perder o beneficio de produtor rural?'. O Seu A. ali mesmo* [falando de um vizinho da Comunidade que não estava presente no EPS] *tá passando esse aperto. Ele já assinou carteira pra alguém ajudar ele no leite e hoje ele não tá conseguindo aposentar como produtor rural.* *2 - Como lá era só ele* [o Seu A., citado pelo camponês na última fala, não tinha filhos na época, trabalhava sozinho tirando leite]*, lá ele precisava de alguém.* *3 - Porque a partir do momento que você é empregador rural, você se enquadra a um outro perfil.* *1 - É... como se virasse um latifundiário! E se a fiscalização chegar, aí não adianta nada. Nós dois é irmão* [aponta para outro participante do EPS]*. Não adianta eu chegar: 'ah, tô aqui ajudando meu irmão'... Eles* [fiscalização] *não tão nem aí! Eles vão pegar seu nome pra em 30 dias você apresentar a carteira assinada dele."*
		Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	1	*É tipo a doença mesmo, a pessoa vai ficando doente de ficar tomando um medicamento, com o tempo o médico vai trocar seu medicamento, né? E o que acontece, que querendo ou não, você toma um medicamento pra melhorar uma coisa e atrapalha a outra. E é a mesma coisa a planta, né? Eu acho que de tanto usar* [agrotóxicos]*, acaba que você não consegue produzir mais nada. E o pior é que se você pegar o frasco lá* [dos agrotóxicos] *o principio ativo às vezes é o mesmo do outro, e não mudou nada, só muda a embalagem. Ele* [indústria/vendedor de agrotóxicos] *te engana ali e pronto!*
			2 e 13	*"Lá em casa aconteceu uma coisa: a laranja minha lá vai amarelando* [as folhas]. *Eu tô acreditando que é o randape que já jogou na terra e subiu pra folha e a cor da vida tá descendo. Eu vou fazer uma análise* [das folhas]. *Sabe aquele que mexe com aqueles bicho* [referindo-se ao Professor de Entomologia da UFLA que o camponês conheceu durante o 1° Encontro de Agroecologia de Lavras, em uma palestra sobre a importância dos insetos como inimigos naturais de pragas]*? Ele disse: 'você traz que eu mando fazer* [análise foliar]*'. Eu vou fazer, se der que é o randape... Aí confirma o que eu já tô teimando já tem muito tempo: que é o randape tá matando muita árvore, muitas coisa. Igual minha laranjera foi, bananera foi... Tá indo de todo mundo, num é só a minha. E elas tá morrendo de cima pra baixo. Eu acho que é o randape que tá matando."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	2 e 13	*"Pois é, aí eles* [referindo-se à vendedores de produtos agroquímicos e demais beneficiados pelo modelo do agronegócio na região] *vão chegar... A hora que tiver os grupo organizado* [referindo-se à organização agroecológica entre os camponeses das comunidades rurais de Lavras], igual tá essa família lá [visitada em Claraval]*... Lá num é só a família porque aquela de azul lá* [referindo-se à uma camponesa agroecológica de outra propriedade de Claraval que estava participando da organização da visita]*, que tava lá. Cê viu que ela também é uma produtora? Então, a hora que essas firma grande chegar, se o grupo* [de camponeses agroecológicos] *num pegar firme, não souber analisar, eles vão contaminar o grupo. E é um perigo destruir, entendeu? Tem que ter força! Igualzinho lá* [em Claraval]*, tem que ter força! Tem que ter persistência! Porque os cara vão chegar: 'cê pode jogar lá no seu café, é produto bão...'. Num pode! Por quê? Nóis num lutou pra fazer esse plano até aqui* [referindo-se às atividades de trabalho desenvolvidas desde o Primeiro EPS]*? Agora eles vão vim, eles vão querer aproveitar: 'ah, lá na região de Lavras as comunidades lá tudo tá usando* [técnicas e produtos agroecológicos]. *Vai lá ó, manda o vendedor pra lá* [referindo-se à provável mudança de foco dos vendedores para passar a vender produtos orgânicos industrializados]'. *Cê escreve o que eu tô te falano, que vai acontecer com todas essas famílias. Então, tem que ter, ó, firmeza!"*
			3	*"Eles* [indústrias produtoras de agrotóxicos e sementes] *inventam muita variedade e tudo, mas primeiro que eles* [os alimentos produzidos com as sementes e insumos industriais] *são mais sem sabor. O milho e tal, né, não tem aquele sabor... E o pior é o veneno, é a mesma coisa dos conservantes dos refrigerantes, tal é o agrotóxico que vai embutido ali, né? É mais sem sabor o que usa agrotóxico"*
				"Os laticínios [grandes empresas da região produtoras de leite embalado e derivados do leite] *é os primeiros... Porque se eles fechar as pequenas queijarias* [produção de queijo artesanal nas propriedades dos camponeses] *tem mais oportunidade pra eles. Que daí, o leite que você* [referindo-se aos camponeses que criam gado leiteiro] *ia usar pro queijo cê vende pra eles mais barato."*
			4	*"Quando você compra [alimentos] esses que vem do CEASA... Totalmente diferente: aquela massa, parece que tá comendo isopor."*
				"Eles plantam a soja pertinho aqui. Eles jogam aquele negócio [agrotóxicos] *de avião. Sem contar o trator* [referindo-se à "deriva técnica" dos agrotóxicos aplicados por meio de avião e trator nas grandes propriedade vizinhas para as propriedades camponesas]*, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	5 e 16	*De vez em quando eu saio e as crianças vai lá apanhar pé de couve. Falo pra ele* [referindo-se ao marido, que não estava presente no EPS]*: 'ó, cê vai jogando esse veneno na couve... A hora que a criança entrar aqui e apanhar a couve você sabe o que vai acontecer'."*
			6 e 15	*"E acaba que o que? A gente ingere o veneno, porque numa vaca é aplicado lá 40-50mL de pour on* [forma de agrotóxico para ectoparasitas, aplicado por deposição ao longo do dorso do animal]*. Isso aí vai sair no leite. Às vezes, vamos supor, a gente põe no rebanho e larga uma pra trás* [uma vaca sem aplicar agrotóxico] *que é o leite que a gente consome."*
			7	*"Esse trem de veneno não dá certo não. Tem que melhorar."*
			8	*" 1 - É que a natureza resolve seus problemas. Quando o ser humano interfere ele acaba prejudicando, causando desequilíbrio. E depois cada vez ele quer criar novas alternativas pra corrigir... É igualzinho remédio, cê toma pra curar um problema e dali a pouco cê piora.* *2 - É igual uma cadeia alimentar, se você quebra ela ali você desestrutura tudo."*
			9	*"Onde tem randape, né, ele* [técnico da Emater de Claraval] *explicou pra nós: a terra cola* [compactação da terra devido à morte dos microrganismos e microfauna do solo, responsáveis pela aeração e permeabilidade do mesmo] *e a água não penetra no solo. E o que a gente foi observando de uns anos pra cá nessa região nossa aqui* [na região da Comunidade onde estava sendo realizado o EPS]*? Aqui existia muita neblina, chegava nessa época de junho, julho, né Z.? Era neblina demais da conta e não tem mais, por causa de que? Porque os agrotóxicos lacrou, tá lacrando o solo! De vez em quando você vê um pouquinho de neblina só nas beiras de ribeirão, né verdade? Você não vê neblina mais nessa região nossa aqui por causa disso. Então, olha procê ver, você não vê nem evaporação na terra quando começa a querer chover, só sai do meio do mato. A terra tá lacrada de tanto veneno que jogam nas roças."*
				"Eu tive lá na UFLA em evento da Bayer, dona de agrotóxico, servindo café da manhã, almoço e café da tarde [morador da Comunidade que trabalha como garçom referindo-se a evento da Bayer, em que ele trabalhou, que aconteceu na UFLA]. *Aí mostrou lá um campo, do tamanho desse quintal aqui, com milho, soja, feijão. Aí nasce aquelas espigas de milho desse tamanho assim, dessa grossura* [gestos de espiga grande]*, cheia de milho. Mas aquele milho ali não pode ser usado* [pra consumo] *de imediato. Por que? É experimento, né, veneno violento. Eu participei disso o dia inteirinho, participando das palestras* [trabalhando como garçom]. *Olha, então, pra você ver do que a gente se alimenta hoje, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	14	*"A gente planta bem adensado, né? Na realidade, o que dificulta, é um dos gargalos hoje nosso pra essa transição* [agroecológica] *é a mecanização. A gente poderia, sim, sem duvida, encher de feijão, mandioca ou banana na rua do café, mas isso prejudicaria a gente em outras atividades que seria com mecanização. Por exemplo, não daria pra entrar com o trator. E aí a gente dependeria de mais mão de obra."*
			17	*"Eu trabalhava com agrotóxico aí depois vi que não causa bem. O EPI não resolve. Agrotóxico ninguém quer mexê. Lá em casa tá osso."*
		Distanciamento (tempo e/ou espaço) da cultura e conhecimento tradicional camponês	1	*"Eu penso que nessa assim, de lembrar quando era mais novo, moleque, né, na casa da mãe, por exemplo, a gente plantava uma hortaliça lá no quintal e eu nunca vi um veneno. Era só esterco e água, não tinha mais nada, e tinha verdura pro ano inteiro. Agora hoje o pessoal tá usando tudo que é... Na verdura, tudo que você come hoje tem* [agrotóxicos]*."*
			2 e 13	*"Antigamente era melhor de viver que hoje, por causa da agricultura. Antigamente cê num usava veneno, num tinha nada. Num tinha adubo* [químico]*, num tinha... Era a poder do esterco. Eu já cheguei a prantar roça de milho, pititinho* [referindo-se à sua infância]*, carregar esterco no carro de boi, fazer os monte, ia despejando... Depois ele* [referindo-se ao pai dele] *vinha com o milho e prantava. E era assim. E o milho era bom."*
			17	*"Eu acompanhava minha vó aí, com saúde e tudo... Não tinha nem esse negocio de agrotóxico nem de farmácia. Era tudo na medicina do mato."*
		Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	1	*"Olha eu, sinceramente, vendo assim na televisão, eu não acreditava não* [nas possibilidades da agroecologia e na viabilidade da produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos]. *Mas chegando lá* [na propriedade da família camponesa agroecológica de Claraval] *eu vi que tudo é possível. Pincipalmente a lavoura de café. A lavoura nossa aqui com veneno não tá mais bonita que a deles. Eu que uso agrotóxico lá num pedacinho* [de área cultivada com café] *que eu tenho lá em casa gasto bastante dinheiro com agrotóxicos e a minha lavoura tem mais ferrugem* [tipo de doença causa por fungo nas folhas do café] *que a deles que não usa. Então é possível!"*
				"Uma coisa que eu achei muito importante lá [na propriedade visitada em Claraval] *foi a diversidade* [da produção]*, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	1	*"Eu acho que a ideia* [transição para o modelo de produção agroecológico, como relatado pelos representantes da Comunidade que estiveram na visita à propriedade da família de camponeses em Claraval] *é muito boa. Acho que tem que por fé!"*
			2 e 13	*"Quem num foi lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *num acredita. Só veno pra acreditar. Que eu vô te falar a verdade: é um espetáculo, né? Então, assim, eu achei incrível, né? Porque a organização deles* [da família visitada e das demais famílias do município de Claraval que fizeram, apoiando-se mutuamente, o processo de transição agroecológica] *foi demais da conta. E é possível sim* [o modelo de produção agroecológico]*, e tudo bonito."*
				"E lá [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *eles proveita o espaço do café. Eles planta chuchu. Chuchu, tomate, mamão. Eu sei que eles colhe muita coisa junto. E tudo assim, certinho. E nada atrapalha o otro. Pelo contrário. E o cara* [o técnico da Emater de Claraval] *falou bem claro que o solo precisa de raiz pro oxigênio* [aeração do solo]. *Raiz, raiz, raiz. Esse cara falou desse jeito."*
				"Eu achei interessante. Eles [família camponesa agroecológica visitada em Claraval] *colheu o café já, né, aquele dia que nóis foi lá. E ele tá com as muda assim de tomate no meio da rua de café afora. Aí eu perguntei pra ele. Ele falou que a técnica é o seguinte: porque ele planta o tomate, e tem o gotejamento no pé. Então tanto serve de ajuda pro tomate que ele vai colher, quanto sobra a umidade pro café. E tanto o solo tem umidade e também que tampa o sol pra num pegar direto no solo, que ele falou pra mim que preserva muito do sol direto na terra. Então, quer dizer, o espaçamento da rua num é tão grande. Aí ali vai ficar todo tampado, e ele vai colheno esse tomate. Até a próxima safra* [do café] *ainda tem tomate lá acabando de colher ainda, diz ele, sabe? Que produz muito tempo* [o tomate]. *Então agora que é época de faltar chuva ele tá irrigando ali e já meio que é umidade pro café também. E isso ajuda o café a ficar viçoso, ajuda ele na produção do próximo ano. Além de ele tirar o proveito* [plantando tomate no espaço entre as fileiras de café]*, ele ajuda o café de outra forma. E quanto mais raiz tiver, é a vida. Seu quiser ter vida no solo é raiz. Então se esse pedaço vai ficar sem raiz, então que que eu faço? Eu ponho tomate. Ele falou que já colheu, que já prantou tomate, já prantou couve flor, tudo de gotejamento lá. No meio do cafezal."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	2 e 13	*"Aí eles* [família camponesa agroecológica visitada em Claraval] *plantaram* [produção de hortaliças] e *eles fizeram um galinheiro. No meio assim. Então tudo que tira da horta* [que não bom para o consumo e para a comercialização]*, né, dá pras galinha. Aproveita pros porcos, pras galinha. Então uma coisa vai ajudando a outra. É interessante o negócio lá."*
				"Ali [propriedade camponesa visitada em Claraval] *as bananera são uma divisória. Porque tem dois solos ali. O deles* [área da família visitada] *tem o orgânico e o do vizinho é convencional. É convencional que fala, né? Então eles planta banana... Aí eles pegam e faz a parede* [técnica agroecológica de barreira viva, tanto contra a ação mecânica do vento – que afeta a produção ao danificar os cultivos – quanto contra o carreamento de agrotóxicos pelo vento de áreas no entorno que utilizam este produtos]*. E não atrapalha* [a produção e a produtividade dos cultivos onde a barreira está próxima]*."*
				"O pessoal acha que é muita loucura [mudar do modelo de produção do agronegócio para o modelo agroecológico]*. Mas o casal* [da propriedade visitada em Claraval] *mesmo de lá falou: 'depois que cê começa a economia que cê tem, é um lucro muito, assim, sabe?'. Então cê vende melhor, vai gastar menos... Muita coisa boa!"*
				"Então, é igual eu falei procê... Aquele negócio do solo ali [na propriedade visitada em Claraval]*, ó, aquilo eu fiquei encantado! Cê passa e é aquele trem* [referindo-se ao solo] *macio. E é o que ele* [camponês de Claraval] *falou, roça* [o mato que cresce nas ruas do café] *mas cortando baixinho. Aquilo apodrece, aí vai decompono. Aí, cê viu, ele puxou até as folha* [secas, que faziam a cobertura do solo] *pra mostrar o que que aquela folha faz. Aqueles microrganismo ali* [que vivem no solo e são protegidos pelas cobertura de folhas secas] *que vai transformar* [o mato roçado – matéria orgânica – em adubo compostado]*..."*
				"Ele [camponês da propriedade agroecológica visitada em Claraval] *falou lá pra mim também, que eu achei interessante, é isso: 'cuidado, solo tampado com mato seco ou verde roçado. Num deixa solo pelado não porque se o sol pegou prejudica'. Ele falou que um tanto assim ó, 30 centímetro, prejudica* [referindo-se à técnica agroecológica de cobertura viva ou seca do solo para evitar a compactação, lixiviação e perda de matéria orgânica devido à morte dos microrganismos e microfauna do solo quando este fica diretamente exposto à ação do sol]*. Se vai fazer análise cê vê que tá prejudicado de sol."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	2 e 13	*"Porque tem um negócio, é o seguinte também, Pedro: o pessoal tá procurando é ficar rico, fazer dinheiro. Num tão pensando em si. Então, o que eu quero terminar é o seguinte, às vezes o pessoal fala assim: 'ah, mas eu quero produzir 20 mil pé de café, que eu quero colher tantos saco, eu quero plantar tanto de milho, eu quero assim, eu quero assado'. Só que ele tá comendo isso também, ele acaba tomando seu café* [com agrotóxicos] *da própria propriedade. Se ele tinha probabilidade de viver até os setenta ano, com esse envenenamento do próprio produto dele, tá caindo um ano a cada ano de vida dele. Então ele tá recaindo. Sendo que se ele produzir menos e com qualidade ele vai viver mais. Que vai adiantar: eu, num vô dizer rico não, "forgado", com cinquenta ano dentro do caixão ou eu mais brando com oitenta ano aí, vivendo... Essa é a diferença, entendeu, que o pessoal tem que enxergar. Porque o pessoal pensa em dinheiro. Tem que pensar em si próprio!"*
			3	*"Pra mim é um exemplo de vida. Tem três aspectos que a gente observou* ali [na propriedade camponesa agroecológica visitada em Claraval]: p*rimeiro foi a persistência. Eles têm muita fé em Deus, são muito trabalhadores, né? E que, assim, o produto deles é um produto de valor agregado, aí você não precisa de uma área tão grande procê ter uma renda boa. E pra quem tava doente, devendo e com problemas, eles saíram* [referindo-se à superação da situação de adoecimento e dívidas em que vivia a família visitada em Claraval antes da mudança para o modelo agroecológico]*... Agora, o que chamou mais a atenção foi a harmonia lá do ambiente. Cê vê que parece que a natureza tá em paz. Aquelas sombras, parece que tudo foi pensado. Se a gente for analisar mesmo é um pedacinho do céu ali. Ali tem de tudo e tudo em harmonia. Eu achei que é um lugar que passa uma tranquilidade, uma paz, nós se sente bem no lugar. E quem quiser pode* [fazer a transição agroecológica]. *Tem que acreditar, né? Acreditar e começar."*
				"É que o café, assim, se não for orgânico, já consome muito veneno. Se eu plantar, por exemplo, qualquer coisa que eu plantar ali no meio [nas ruas do café] *vai pegar muito veneno. Ali* [na propriedade visitada em Claraval] *como não usa veneno, a mandioca sai orgânica, sem agrotóxico, a banana... Então você pode consumir. E é uma fonte de renda também, né? Aproveita mais o solo, né, não fica espaço vazio pra crescer mato. Agora, se fosse usar veneno, não teria nem como cultivar essas coisas."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	3	*"Agora, por exemplo, o feijão, eu plantei um pouco de feijão... A maioria dos produtores, quase todos, às vezes, plantam muito, aí quando tá madurando, assim, já pra adiantar o feijão* [secar a planta "artificialmente" com herbicida, de um dia pra outro] *e matar o mato pra colher com a máquina, eles vêm e joga randape ou um outro produto pra dessecar. Aí de todo jeito tem agrotóxico. E aí depois eles colhem e vende. Aí o feijão fica aquele feijão de casca grossa, sem sabor. Eu plantei esse lá, assim, foi na mão na verdade, mas só que o sabor é outra coisa. Quem compra volta a comprar de novo. Eu vendi a maior parte da safra, mas eu vou te arrumar uns 5 quilo pra você ver, pra você experimentar."*
			5 e 16	*"É, realmente... Hoje a terra deles* [produtores visitados em Claraval] *é melhor. Hoje eles conseguiram melhorar a qualidade do solo, talvez com um manejo mais adequado, que você vê que acabou a compactação e tal. Isso poder ser feito aqui também."*
				"E outra coisa que eu acho, na questão do emprego: se o filho pode trabalhar no meio da família [referindo-se às maiores possibilidades de trabalho para a família no modelo de produção agroecilógico] *é muito melhor do que ser empregado. Hoje, com essas dificuldades por causa de emprego, trabalhar por conta própria não é muito melhor?"*
				"E no almoço lá [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval, onde o almoço servido foi preparado com alimentos produzidos pela própria família] *o alface ... que delicia! Eles criam lá a galinha e o resto da horta depois joga pras galinhas, pros porcos. E usa o esterco pra horta."*
				O que eu aprendi lá [no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras]*, é que tem muita gente lá bem interessada com esse negócio de agroecologia. E foi uma troca de saberes entre todos. Gostei muito. Eles tavam explicando sobre a mulher na agroecologia, o papel da mulher na estrutura... Que às vezes ela tá lá ajudando o marido, tá trabalhando junto ali. E então às vezes o marido não tem tempo a esposa tem, ela vai lá e aprende, ensina, pra poder ajudar a família. Bem interessante."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	6 e 15	*"Então é questão de saúde. Deus não deixou o agrotóxico aqui pra gente. Alguém inventou o agrotóxico e deu pra jogar aí. Da forma que tá sendo apresentada a agroecologia, mostrando pras pessoas, pras pessoas ir trocando conhecimento, isso aí é uma coisa relacionada a Deus, relacionada à Natureza. Limpo, né? Então, se a gente olhar pelo lado religioso, né, a gente tá seguindo o projeto de Deus. Porque eu acredito que o projeto de Deus é a agroecologia e não o agrotóxico. O agrotóxico mata tudo, todos os microrganismos, os vegetais e faz mal pra saúde da gente. A agroecologia, com todos os recursos naturais... Que natural vem de Deus, da natureza, né? Faz bem pra saúde, faz bem pro meio ambiente, não envenena a terra e controla um bichinho, controla o outro, uma vegetação controlando a outra... É a saúde do ser humano."*
				É possível! É possível [a agroecologia]*! Então, eu acho que precisa ampliar isso daí e mostrar isso pro mundo mesmo, né? Começa aqui em Lavras e vai expandindo. Porque já tá em vários lugares do país e do mundo também. Porque precisa mudar pra melhorar tanto pra natureza quanto pra sobrevivência da gente. Porque esses negócios cheio de veneno que tá usando pra plantar, esse tanto de coisa que as pessoas usam, mata. O câncer eu tenho certeza absoluta é causado pelo agrotóxico. É muita coisa!"*
				"A plantação deles [camponeses visitados em Claraval]*, né? Na plantação deles lá eles plantam plantas com cheiro e flor. A cor da flor também tem a ver, que a cor atrai certos insetos que controlam os outros. É muito bacana o negócio! E as de cheiro também, que dependendo do cheiro da planta espanta a praga que prejudica a plantação deles. E é uma delícia os negócios deles lá! O tomatinho né, lembra? Nossa! E o café? Completamente diferente de tudo que a gente tem aqui. O sabor é outro, a textura do café é muito diferente. O sabor, o paladar lá é outra coisa, é diferente. O tomatinho deles é muito gostoso, a alface é diferente. A gente andou lá na horta deles e experimentou os negócios tudo. É completamente diferente! É a natureza lá que é de verdade, né, é original!"*
				"Essa terra do café [solo da área de plantação de café da propriedade visitada em Claraval] *também é interessante, né? Eles lá, como eles fazem tudo orgânico, eles fazem aquela camada de fertilizante verde, vegetação verde, depois eles roçam. Tem um monte de coisa verde que eles plantam entre os pés de café. Depois eles roçam, passam trator, como aqui também* [referindo-se aos camponeses que utilizam trator na Comunidade]*, mas é diferente porque a camada de adubo verde fica* [como cobertura para o solo]*."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	6 e 15	*"A saúde deles* [da família camponesa visitada em Claraval]*! Eles falaram lá que tinha uma tosse, que nada controlava aquilo, de tanto que eles usavam agrotóxico, né? Na primeira casa que eles tinham, que era uma casinha meio ruim, guardava os agrotóxicos dentro de casa. Os adubos* [químicos]*, aqueles produtos que é tudo muito caro, né? Então, fazia aquilo pra vigiar. E aquilo fazia mal e o manuseio também, de trabalhar lá fora na plantação. E hoje não, hoje eles não tomam remédio nenhum. A saúde é boa, né, e eles vivem uma vida completamente diferente, que é a família na agricultura, a família toda trabalha lá. Todos eles conseguem sobreviver daquela terra deles. Ah, é uma coisa muito interessante que com certeza é possível acontecer* [nas propriedades camponesas de Lavras]*. Tem é que ampliar, né, abrir a mente das pessoas e mostrar pra pessoas. Elas precisam ver isso, que é realmente possível."*
				"Outra coisa que eles tem que ensinar [referindo-se à família de camponeses visitada em Claraval]*, também, é como que faz aquele veneno* [inseticida natural]*, aquele negócio pra matar a formiga, né, a formiga cortadeira. É um negócio interessante, faz com um monte de plantas naturais e que controla a formiga. Bounganville, é a Primavera, Mamona..."*
				"Lá em Claraval, o pessoal conseguiu até com que ela morresse [a braquiária, referindo-se ao controle desta planta invasora que é considerada praga pelos camponeses]*, né? Fazendo esse processo de cortar e tampar ela* [roçar a braquiária e, com a própria planta cortada, fazer cobertura do solo para que as sementes não germinem]*. Ela morre. Ao invés de jogar a química, né, o randape, ela morre por falta de luz."*
				"Eu achei muito legal, eu gostei muito dela, porque a homeopatia... Foi o negócio do carrapato [referindo-se à pergunta do questionário de levantamento de recursos sobre o uso ou não de homeopatia e a explicação do pesquisador sobre a técnica]*. O que a gente mais gasta veneno é com o gado, gado bebe veneno* [referindo-se de maneira metafórica à grande quantidade de agrotóxicos utilizado no gado]*. Porque você tem que ter controle de berne, controle de carrapato. Então achei muito legal que você evita de usar esses venenos* [por meio do uso de remédios homeopáticos]*."*
			7	*"Eu achei muito interessante lá* [na propriedade visitada em Claraval]*, o terreno arenoso e produzir do jeito que produz. Por cima da areia! Café, tudo..."*
				"Eles [camponeses da propriedade vistada em Claraval] *também jogam alguma coisa de peixe* [biofertilizante produzido pela própria família]*, que é natural."*
				"Lá eles usam muito o pó de pedra [fertilizante e corretivo de solo, feito pela família]*, lá em Claraval."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	8	*"Acreditar que é possível, porque lá* [na propriedade da família camponesa agroecológica visitada em Claraval] *a gente viu que realmente é possível. A horta muito bonita e diversificada, então vale a pena investir nesse jeito* [agroecologia]*, porque funciona."*
				"O que me chamou atenção foi a mudança no padrão de vida da família [visitada em Claraval]. *Isso foi impressionante. E não só das condições físicas e materiais, mas até pelos que eles relataram das ralações. O casal estava brigando, com risco de se separar... E ali nas fotos* [apresentadas pela família da propriedade camponesa visitada em Claraval e pelo técnico da Emater daquele município] *que eles exibiram do antes* [da transição agroecológica] *mostrava a família jantando na sala e aqueles vários sacos de agrotóxicos ali. Então era um padrão de vida extremamente prejudicial e hoje a gente percebe um lar muito harmonioso, uma melhora de vida significativa. Uma casa linda, são muito agradáveis e a questão do cultivo do café, das hortaliças é indiscutível. Eu até experimentei – e eu não gosto muito – o rabanete. O L.* [camponês agroecológico de Claraval] *colheu ali e foi cortando com um canivetinho e foi dando pra nós experimentarmos. Gente, parecia uma fruta! Impressionante! É grande, com uma cor bem mais acentuado. Uma cor que qualquer criança come sem reclamar. Tamanho das alfaces é de impressionar realmente."*
				" 1- E a questão também é o custo [referindo-se aos custos de produção dos cultivos da família camponesa visitada em Claraval]. *Porque lá agora eles não devem ninguém* [referindo-se à família não ter mais que dispender grande parte da renda obtida com a produção com contas de agrotóxicos e adubos químicos em lojas e revendedores, como era antes da transição agroecológica]. *Eles só recebem, eles não pagam nada.* *2 – É... Porque realmente os insumos* [industriais] *são caríssimos."*
				"Ele [camponês da propriedade visitada em Claraval] *ensinou também a usar a água da lavagem do arroz para controle de pulgões. O arroz é rico em sílica."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	8	*" 1 - E o que eles usam lá* [na propriedade da família camponesa agroecológica visitada em Claraval] *pra produzir? Esterco ou...* *2 - Eles põe lá no canteiro palha de café e esterco. E ai pra combater as pragas eles fazem um coquetel de algumas plantas. Por exemplo usa primavera. Até usa como formicida.* *1 - E o que eles fazem?* *2 - Deixa primeiro ficar 12 horas e aplica. Faz ali o extrato com a flor e joga. Aí a formiga vai embora. É um repelente natural. Ele* [camponês agroecológico de Claraval] *me deu uma receita também pra citrus, que é pegar o esterco de vaca fresco do dia e ai dilui em água e joga. Ali disse que é um excelente adubo orgânico e eles dão várias outras técnicas, também colocar as plantas que exalam odor, capim cidreira, aquele cheirinho vão repelindo alguns insetos. Então são essas técnicas de controle biológico mesmo. Agora... Eu sugiro pensar e escrever um livro com as técnicas* [agroecológicas] *e tal. Assim, uma cartilha...O ideal seria ter uma cartilha, uma coisa, um folheto informando sobre essas plantas..."*
				"1 - O L. [camponês da propriedade visitada em Claraval] *falou lá, também a esposa dele né: 'o café que eu vendia o dinheiro ia tudo pra poder pagar as despesas de veneno. Agora hoje vem dinheiro limpinho pro meu bolso, que eu não gasto nem um centavo com despesa de veneno'.* *2 - É... Eu já gastei de 3000 a 3500* [reais] *no café com esses produtos. Então aqui na comunidade é até bom ter uma lavoura orgânica que serve de exemplo pros outros, né?"*
			9	*Outra coisa que eu achei importante lá* [na propriedade camponesa visitada em Claraval]*: lá não usa enxada pra capinar café, só roçadeira. E aqueles mato vai guardando tudo pra poder ter os adubos. É tudo aquilo ali! Até o pé de alface que eles usam na cozinha eles tiram e levam pra guardar e fazer o adubo dele, apodrecer e botar pra lavoura de novo. Então, só coisa boa! Igual aqui, por exemplo, você vê um maribondinho no seu café lá, você fica doido pra dar fim. Eles pegam o maribondo com o maior cuidado, põe dentro do saquinho, leva pra lá* [pra outro local, dentro da própria área de cultivo, com menor circulação de pessoas] *que aquilo ali vai ajudar na lavoura* [uma vez que o marimbondo é um inseto predador de outros insetos que se alimentam dos cultivos]*."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	9	*"Igual ele* [camponês agroecológico visitado em Claraval] *falou o negócio do café lá, da broca* [inseto considerado como praga] *do café, os grão que caem quando panha* [a broca se desenvolve nos grãos que ficam no chão após a colheita de uma safra e se alimentam dos grãos da safra seguinte]*... O que é aquele branquinho que dá no meio do mato seco no chão? Como que chama? Microrganismo* [referindo-se à técnica agroecológica dos Microrganismos Eficientes, apresentada desde sua simples produção caseira até sua aplicação e resultados pelo camponês de Clataval]*! Você pega aquilo ali* [as folhas dos chão com os microrganismos "branquinhos"]*, eu não sei a quantidade, põe uns 5 quilo de açúcar pra 200 litro de água e põe embaixo do pé de café que eles vão decompor tudo aquele café que caiu."*
				"Por exemplo, você pode plantar uma lavoura de café hoje. Se quiser plantar um orgânico, você planta um café e ainda planta o milho junto. 'Ah, você não pode plantar o milho no meio da lavoura que acaba com o café'! É o contrário, né? Você pode plantar por causa da sombra [o café tem melhor produção quando sombreado]*, você planta o milho depois planta o café junto."*
				"Aí ele [camponês agroecológico visitado em Claraval] *mostrou, falou assim ó: 'aqui a gente já não tem mais o bicho mineiro* [inseto, considerado praga, que vive e se alimenta dentro da folha do café]*, porque outro inseto* [predador] *já tirou* [referindo-se à importância da conservação dos insetos na lavoura, pois boa parte deles são inimigos naturais das pragas]*'. Na hora que ele falou ele mostrou a folha* [do café] *lá. Outra coisa que eu achei muito importante lá na lavoura de café, faz análise da terra é pela folha do café e não pela terra."*
			10	*"Foi muito bom* [a visita de Troca de Saberes realizada na propriedade da família camponesa agroecológica de Claraval]*. Uma que a gente conheceu muita gente que não conhecia, fez muitas amizades. Foi, conheceu a família lá e contaram a história... E a horta que eles têm lá é tudo orgânico e hoje vende a cabeça de alface a cinco reais. Então lá o rabanete é do mesmo tamanho da beterraba. Tudo orgânico. Mudou a casa, a que eles tinham lá* [referindo-se à casa em péssimas condições que a família morava antes de fazer a transição agroecológica e à nova casa construída com a boa renda que passaram a ter por não gastarem mais com a compra de insumos industriais para os cultivos]*."*
				"E uma coisa que eu entendi também é que depois que ele [camponês agroecológico visitado em Claraval] *passou a trabalhar sem agrotóxico, praticamente em dois anos ele fez aquela casa. Em pouco prazo. O que acontece, um ano pro outro passa em um piscar dos olhos. É muito pouco tempo para ter o que eles* [família camponesa visitada em de Claraval] *têm hoje. Então, uma coisa que tá faltando é isso: a gente fazer mais visitas pra ver o que o outro faz pra gente aprender."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	11	*"Tem uma lavoura que não usa agrotóxico lá* [na propriedade da família camponesa visitada em de Claraval]*, né? É uma lavoura espetacular, muito bonita, vistosa! E o chão, a maciez do solo, por não usar o agrotóxico. Macio de mais o solo, uma coisa muito interessante."*
			12	*"É... Lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval], *no quarto onde eles dormia, os veneno era tudo em cima da televisão. Tanto é que a televisão deles até morreu de veneno que tinha. Então eles ia dormir com o veneno debaixo da cama. Aí, então, pra eles foi uma mudança muito grande, né bem* [se dirigindo à esposa que também foi à visita em Claraval]*? Mudou bastante, viu? E a gente tá querendo aprender o que eles passou pra nós. E vamo aprender, né? Vamo seguir em frente."*
			14	*"1 – Hoje, o que dizem que é vantagem? É vantagem você produzir o máximo que o pé de café puder produzir. Então, tem hormônio, tem adubação* [química]*: 'ah, isso aqui faz milagre* [referindo-se ao tipo de fala de convencimento utilizado por vendedores de agrotóxicos]*!'. O que tem no mercado hoje que promete, o povo* [produtores de café] *aplica porque quer produzir, quer produção máxima.* *2 - Mas olha, o R.* [referindo-se ao irmão, presente no EPS] *que faz muita conta... Hoje nosso custo de produção aqui, assim, tá girando em torno de R$ 240,00 a saca de café. É o nosso custo hoje geral.* *1 – É, uma saca! Dá quase 50%. O custo* [de produção, devido aos gastos com os insumos externos] *dá quase que 50%* [do valor de venda da saca]*."* *"1 - A ideia pra nós é estimular a produção de café, por exemplo, mais natural. Não forçar."* *2 - É, porque quando aquela área* [talhão de café da propriedade que os dois irmãos querem iniciar a transição agroecológica] *estabilizar, com o equilíbrio ecológico, ela pode sim produzir muito, né?* *3 - Às vezes até mais, né?"*
				"Dá uma visão melhor de tudo que dá pra melhorar [referindo-se ao Repertório de Recursos da Comunidade, apresentado pelo pesquisador]*. De tudo que a gente já melhorou. Engraçado que eu tô vendo* ali [apontando para a cartolina do Repertório de Recursos]*, principalmente, essa questão de plantinhas repelentes... Parece que ninguém faz nada do tipo aqui, né? É igual ali ó: 'uso de repelentes e inseticidas no rebanho', ninguém! Ninguém usa nada natural nos rebanhos. Armadilha de insetos também, ninguém."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	17	*"Não precisa de uso* [de agrotóxicos] *nem nada, ali* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *é só o esterco e folha* [seca, para cobertura do solo]. *O que eu mais vi é isso. As flores que eles têm também, pra chamá as abelha e os inseto pra fazer transmissão de pólen."*
				" 1 - Inclusive aquele adubo com açúcar, aquele banho com açúcar. Cê pega o açúcar, vai lá no mato e pega aquela coisa branca e faz o fungo, o fungo dele [referindo-se ao modo de preparo dos Microrganismos Eficiente]. *Microrganismos Eficiente! Se você fizer esse banho e jogar, cê vai esparramá aquilo rápido na lavoura inteirinha. Rápido ele consome aquilo ali* [toda a matéria orgânica do solo, servindo tanto para acelerar a produção de adubo para o solo quanto para decompor grãos, como o do café, que, uma vez no chão, servem de habitat para o desenvolvimento de insetos que se alimentarão dos grãos sadios da próxima lavoura]*, entendeu? Apodrece o café antes dele dar a broca* [tipo de inseto que se desenvolve no grão do chão, considerado praga]. *Aí sela o processo.* *2 - Eu gostei muito daquele lá também. Ajuda a decompor depressa, mais rápido, apodrecer mais rápido as coisas."*
				"Tem a da mamona tamém [calda inseticida natural que foi ensinada pela família camponesa visitada em Claraval]. *Melão de São Caetano e a folha de mamona. Cê maceta os dois e faz uma calda."*
				"Querer é poder, né? Mas tem que querer e fazer. Ai nós chega lá, igualzinho eles [família camponesa visitada em Claraval] *que faz mistura do esterco de vaca com a paia de café. Aquilo não tem valor nenhum quase* [baixo custo de produção]. *Mas tem que fazer e deixar curtir, tem que deixar os dois curtir, os dois juntos. Lá* [na propriedade agroecológica visitada em Claraval] *não tem esse negócio de adubo* [químico]*."*
				"Primeira coisa que eu notei lá [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *que facilita é o preço que eles conseguem vender a mercadoria. Por exemplo, eles estão conseguindo vender uma cabeça de alface lá* [em Franca – SP, próximo à Claraval, onde a família participa de uma feira] *garantida a R$4,85 uma cabeça. Aí, por exemplo, se houver alguma perca* [na produção]*, isso aí vai ser facilmente recuperado pelo preço. O café* [comercializam] *por 800 reais* [a saca]*, enquanto aqui, a gente tá vendendo por R$450,00. Agora aqui, por exemplo, você tem que produzir muito pra ter um lucro, entendeu? Se a produção cai por algum motivo, cê não vai conseguir lucro. Lá não, mesmo produzindo pouco eles vão ter lucro. Vendeu dez cabeça de alface, 50 reais. Aqui se você vender trinta cê não vai ter lucro não."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas	2 e 13	*"E outro ponto também que eu achei interessante: cê viu que tinha uma moça lá da prefeitura* [funcionária responsável pela compra dos alimentos dos camponeses para a alimentação escolar no município de Claraval], *né? E cê viu que a prefeitura dá o maior apoio pra eles também? A prefeitura dá o maior apoio pra eles e até compra as alface* [para a merenda escola]. *Agora, aqui* [em Lavras] *outro dia nós fomo numa reunião lá no Mercado* [Mercado Público Municipal]*... Aí a representante da Secretaria da Agricultura já tava lá com o X.* [técnico da Emater local]. *Aí ele disse: 'cê quer produzir alface pra vender pras creche? Cê quer produzir alface?' Aí eu só virei pra ele e falei: 'num é simples assim não. Cê quer produzir alface!?... Num é simples assim não, tem que ter uma organização'. Então, eu achei interessante é isso, a força de vontade deles* [camponeses agroecológicos de Claraval]. *Acreditaram, se organizaram e a ajuda que eles tão tendo também, apoio né, dos poder* [instituições públicas de Claraval]*."*
				"E às veiz o que a gente toca de cobrança nesse povo [instituições públicas] *num é totalmente que a gente quer que eles vêm* nas propriedades*. É porque, às veiz... É igual eu tô te falando, a gente precisa de uma ajuda técnica pra fazer uma análise* [de solo, foliar, etc.]. *Porque num é só usando compostagem ou o bokashi* [técnica de compostagem aprendida pelo camponês no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras] *ou num sei mais o que mais que foi falado lá* [no 1° Encontro de Agroecologia] *que cê vai resolver* [os problemas do solo] *não. Cuidado com o pH do solo, que se ocê num controlar o pH do solo, se ocê descontrolar, depois é um Deus nos acuda procê controlar. Então a gente tem que ter uma pessoa conhecida que nem o E.* [técnico da Emater de Claraval]. *Ele pegava as folha* [de café, durante a visita à propriedade agroecológica em Claraval] *e falava: 'precisa disso, disso e o L.* [camponês da propriedade visitada em Claraval] *corria atrás, entendeu? É isso! Num é que a gente quer que eles vêm, a gente precisa é desse conhecimento, que a gente num tem essa formação. É essa a diferença."*
				"Porque eu vou te falar a verdade... Esse E. [técnico da Emater de Claraval] *aí é um espetáculo.* Ele e aquele T. [coordenador regional da Emater de Sete Lagoas, presente no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras], *que veio na UFLA, são duas pessoa... Se chegasse um dos dois aqui em Lavras aqui mudava da água pro vinho."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas	2 e 13	*"Esse pessoal tudo que não foi lá na viagem* [para a visita de troca de saberes com a família de camponeses agroecológicos de Claraval]*, vamo supor que eles fica assim meio em dúvida... Eu pergunto: 'quem planta milho, quem planta café, quem planta um pé de alface... Cê tem certeza que cê tem que jogar 5 grama* [de adubo químico] *no pé de alface ou 20 grama de 20-0-20* [tipo de adubo químico] *no café?'. Ninguém tem essa certeza. Por isso eu tô falando. Mesmo quem não usa* [agrotóxicos] *a gente precisa passar essa transição* [de modelo de produção] *pra eles* [para deixarem de usar adubo químico]. *Precisa duma ajuda. Uma sabedoria. Num vô falar ajuda, vô mudar o palavrado. Uma sabedoria técnica. Porque mesmo o que usa o agrotóxico, o que usa o adubo* [químico]*, ele tá usando tudo errado, ele tá tendo prejuízo. Por quê? Ele tá jogando coisa que num precisa e precisando de coisa que ele num tá jogando. O que eu quero terminar é o seguinte: às vez eles pensa que isso* [transição agroecológica] *é só porque eu num quero que joga o adubo* [químico]. *Não! Mesmo pra quem não quer passar pra essa forma de sair do veneno e continuar* [produzindo no modelo do agronegócio] *ele tem que pensar e ele tem que saber que ele tá jogando a mais, que ele tá esperdiçando veneno, dinheiro e tá deixando veneno ali na terra. Por exemplo: a hora que for abanar um café... a poeira... inalou* [os agrotóxicos que suspendem da superfície do café quando este é abanado – parte do processo de secagem]*, entendeu? É isso mesmo que quem tá lá tem que saber: que em excesso* [uso de agrotóxicos e adubo químico] *também tá perdendo dinheiro. É o caso que o L.* [camponês visitado em Claraval] *falou... a mulher do L. enchia o saco de adubo... Ela falou lá aquele dia* [durante a visita à plantação de café da família de camponeses agroecológicos em Claraval]*: 'chegava no meio da rua* [espaço entre as fileiras de café] *o adubo tinha acabado e tinha que voltar* [para pegar mais adubo para aplicar na plantação]*'. Isso aí uns de nós também aconteceu várias vezes. Ia lá no meio da rua acabava, tinha que voltar pra abastecer. Era adubo, adubo, adubo. E o que o E.* [Técnico da Emater de Claraval] *falou: 'às vez cê tá jogando, num tava dando resultado, o café num fica bonito. Mas por quê? Porque tá errado, tá descontrolado'. Então precisa de conhecimento técnico. É isso que nós precisa."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas	2 e 13	*" 1 - Lá* [camponeses agroecológicos de Claraval] *a união, como se diz, a união da Emater com o produtor! E aqui em Lavras não tem. Agora que eles* [Emater] *tá querendo* [referindo-se ao envolvimento da Emater na promoção do 1° Encontro de Agroecologia de Lavras, realizado, em julho de 2017, na UFLA, em parceria com os Núcleos de Agroecologia da Universidade]. *Igualzinho, cê ta na frente* [referindo-se ao fato do pesquisador estar trabalhando em prol da descontinuação do uso de agrotóxicos, da organização e autonomia camponesa e da transição agroecológica com as comunidades rurais de Lavras desde o campo mestrado - 2013] *e agora eles* [Emater] *tá querendo entrar* [para a agroecologia, por meio do envolvimento da instituição na promoção do Encontro de Agroecologia]*... Uai, agora vai ser tarde pra eles uai, como que eles vai ficar?* *2 - Não, nunca é tarde.* *3 - Mas precisa* [passar a atuar voltada para a agroecologia e para os camponeses]*!"*
			3	"*Assim, uma coisa diferencial lá* [propriedade da família camponesa visitada em Claraval]*, é que o pessoal da prefeitura dá prioridade pro produto orgânico. Aqui primeiro tem que ter o produto pra depois correr atrás da prefeitura. É... A gente tem que dar o primeiro passo, né? Não adianta esperam que eles* [instituições públicas] *vão trazer pronto, não vai! Se agente não começar, não vai."*
				"Eu até, assim, eu tenho muito serviço [no trabalho em sua propriedade]. *Eu já fiz candidato* [já foi candidato a vereador] *pra tentar ajudar* [a Comunidade]. *Consegui até uma votação boa, mas politica é complicado... E tem que ter tempo. Mas quando é usada pro bem* [política] *é bom de mais."*
			5 e 16	*"1 - É verdade, né, a gente viu lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Calraval]. *A gente vai precisar de ajuda* [referindo-se ao papel do técnico da Emater de Claraval no processo de transição agroecológica da família visitada]*, no caso, pra começar. É tentar! E vamos ver o que que dá... Acho que consegue sim."* *2 - Esse é o maior problema: se tiver uma ajuda, aí funciona. Igual você prometeu e até hoje você vem cumprindo* [referindo-se ao pesquisador e a sequência dos trabalhos realizados desde os trabalhos de campo do mestrado até o EPS desde momento]. *Porque, às vezes, a pessoa fala: 'vamos largar de veneno, joga tudo isso fora'. Mas se não tiver um acompanhamento* [técnico, externo à Comunidade]*, aí lá na frente dá errado."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Possibilidades, baseadas em referências concretas, de modos favoráveis de atuação das instituições públicas	8	*"Agora,* lá [na propriedade camponesa visitada em Claraval] *também o diferencial foi o agrônomo* [técnico da Emater de Claraval]. *O agrônomo foi essencial com esse pensamento para a agroecologia."*
			9	*"Nessas instituições aí ó* [referindo-se às instituições externas à Comunidade que consideram como parceiras, como recurso] *pode citar vocês* [pesquisador e equipe de pesquisa] *também. Vocês estão sendo uma instituição pra nós, né? Tá ensinando nós... Pois se não fosse vocês pra vim cá, nós estaria aprendendo com quem? Com ninguém. Por exemplo, a prefeitura, se você depender de prefeito, depende dela pra você ver se ela vem."*
			11	*"Então, mas o que acontece aqui é outro caso. A gente tá acostumado com agrônomo aqui, mas todo agrônomo que vem aqui é esses cara de loja, financiado. Então tem até um cara que vem e mostra e vende. E lá* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *se o E.* [Técnico da Emater de Claraval que trabalha com agroecologia e processo participativos de transição agroecológica] *fala eles têm uma segurança nele lá. Uma firmeza... é uma confiança, né? E é isso que a gente fica buscando, né? Igual, os caras* [vendedores de produtos agroquímicos] *que eu compro aqui, né? Eles falam: 'tem que fazer isso, isso, isso.' E eu faço."*
				"Foi bom de mais, né [a visita à propriedade da família camponesa em Claraval]*! A gente acha que não pode* [produzir sem agrotóxicos]*, né? Mas claro que pode. Existe, né, isso daí* [modo de produção agroecológico reconhecido em Claraval] *deu certo. Mas uma coisa lá, que eu notei muito lá, né, foi esse cara, esse E.* [Técnico da Emater de Claraval]. *Infelizmente pra nós aqui isso não existe, não existe um cara do porte dele, da inteligência dele. E a Emater aqui eu nem sei quando foi a ultima vez que... Não conheço nenhum agrônomo da Emater aqui que presta um serviço igual o dele... eu mesmo não conheço."*
	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1	*"Quando a gente muda, né, o* lugar [referindo-se à técnica agroecológica de rotação de cultivo]*, isso ajuda a desenvolver melhor a planta. Que se for só o plantio só de uma coisa acaba que vai esgotando* [a terra]*."*
				"Com o feijão no meio do café vai beleza. O arroz no meio do café também [referindo-se à técnica agroecológica do consórcio de cultivos]*."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1	*"Eu tirava o milho na mão, passava a roçadeira, ficava aquela camada de matéria orgânica. Então eu tive a experiência do milho* [consorciar plantio de milho no meio do café]. *O povo falava arroz é bom, feijão é bom e o milho era ruim e tal. Mas eu fazia aquela rotação* [com o milho] e eu dizia: *'mas eu tô plantando, fazendo assim, assim, assado e não tô vendo ninguém do meu lado aqui colhendo mais do que eu'. Aí chegaram à conclusão que eu tava certo, em fazer isso, tirar a espiga do milho na mão, passar a roçadeira e deixar aquela camada* [cobrindo o solo]. *E eu tinha um outro pedaço lá da minha lavoura que lá eu capinava muito, não deixava assentar* [matéria orgânica cobrindo o solo, como ele fazia na outra parte]. *Tirava o feijão e passava a enxada* [deixava o solo descoberto]. *Então esse café* [dessa parte onde não deixava matéria orgânica e deixava o solo descoberto] *era mais novo e acabou mais rápido* [que o café da outra parte onde ele deixava a palha do milho cobrindo o solo]*."*
			3	*"Meu forte mesmo é o leite, né? Mas assim, vende muita abobora também. Meu filho gosta muito de plantar abobora, né? E tem o feijão, o milho, a abóbora e hortaliça pro gasto a gente planta também. Tem a vantagem, por exemplo, se você quer espaço pra plantar uma mandioca a gente tem lá no fundo da horta. Lá tem banana, mandioca, as fruta que é bom pra saúde... E sem usar veneno, né? E se sobrar a gente pode até vender ou dar pros amigos."*
				"Que tem uns produtos... Por exemplo, dá uma inflamação num peito [das vacas leiteiras], *uma inflamação da mamaria causada por microrganismos. Tem uns produtos homeopáticos que cê dá na ração pra vaca acostumá com aquilo lá."*
			4	*"1 - Se cortar o bambu na nova ele não dura nem um mês* [referindo-se à técnica de acompanhamento das fases da lua para definição das ações produtivas]. *2 - Igual pra torrar café. Se torrar na lua minguante ele não rende, se torrar na cheia enche.* *3 - Meu pai matava muito porco na noite. A gordura rendia..."*
				"A gente tá produzindo mais folha [hortaliças]. *Tomate, por exemplo, começou a produzir agora. Agora que tá começando a aparecer... E não usa nada de agrotóxicos."*
				"Pra ter uma horta e produzir nela tem que ter a praga [referindo-se de forma genérica a insetos] *também, que a gente chama de praga, pra proteger a terra e as planta* [referindo-se à técnica agroecológica de conservação de insetos para o controle biológico de pragas]. *Se jogar o randape mata tudo."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	4	*" 1 - Uma coisa que a gente usa muito na horta, nas plantas, nos cultivo, a água de fumo* [referindo-se à técnica agroecológica de produção de repelentes naturais]. *Num balde de água, deixa dormir... Cê pega um pedaço de fumo, deixa dentro de um balde, enche ele de agua, deixa ele dormir.* *2 - Pra matar qual tipo de inseto?* *1 - Aquele piolho* [pulgão, que se alimenta de folhas de horataliças]. *3 - Água de cinza* [de fogão de lenha] *também é bom. Igual o fumo só que é mais prático."*
				"Aquela própria palha do feijão você pode aproveitar ela [referindo-se à técnica agroecológica de cobertura seca do solo]. *Palha de feijão, de café. Meu pai plantava um pedacinho de feijão. Todo mundo ia acordar cedo, ia pro meio do mato juntá aqueles sacos de folha seca pra esparramá tudo lá* [sobre o solo da área de cultivo de feijão, para proteger o solo]*."*
				"O esterco do cavalo, com a cebolinha ou algo assim. Não existe esterco igual que o do cavalo."
				"Isso é muito importante [referindo-se à técnica agroecológica de proteção de nascentes]. *Nós temos uma água que nós usamos que cercamos tudo no barranco. Pra proteger a água eu faço esse trabalho. Isso é muito importante. Essa nascente que eu tô falando, uma água tão pequena que fica saindo* [da mina]*... Tem uns vinte e oito anos mais ou menos. Essa água era uma água pequenininha. Nunca secou de tudo. A nascente dela é cercada. Ela não tá melhor porque quem tá no terreno de cima jogou enxurrada* [referindo-se ao vizinho de cima da área da nascente não faz algum tipo de técnica para contenção da água da chuva]. *Assim o pessoal acaba com a água, seca as nascentes. Se todo mundo estivesse lá na nascente, cercasse um pedacinho, não tinha tanta falta de água não."*
			5 e 16	*"Até na água você economiza. Porque se ela for orgânica* [plantação], *você gasta menos água pra aguar* [referindo-se à menor necessidade de irrigação de cultivos agroecológicos devido à utilização de técnicas de conservação da água no solo]. *Na hora de você usar ele* [o alimento produzido de maneira agroecológica] *na cozinha, até ali você gasta menos* [água]. *Não precisa ficar lavando."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	5 e 16	*"Igual do piolho da couve* [referindo-se ao pulgão]*, que falam que tem que comprar um veneno. Que joga pra pulgão ou piolho. Aí parei de jogar na couve e aprendi a jogar detergente. Sabão com água e joga na folha da couve. Enchi o regador d'água e coloquei o detergente da pia, de lavar louça, pra matar. Matô tudo. E o agrotóxico não tava tão matando assim. E eu tava comprando aqueles pacotinhos que tem até uma caveirinha! E fazia mal pra nós que tava jogando."*
				"Essa espiga de milho aí, essa mais vermelha [apontando a imagem de uma espiga de milho de grão vermelhos que estava na apresentação feita pelo pesquisador para explicar a técnica agroecológica das sementes crioulas]*. A palha dela é quase preta, da cor dessa camisa. Sabe qual é o nome dela? Asteca. Lá em casa tem também. Sempre eu colho depois eu guardo. E na época de plantar de novo eu planto esse milho. Com a abóbora também faço isso."*
			7	*"Desde antigamente fazia a muda de café, fazia a cova e plantava depois o café. Tacava a bosta de vaca depois fazia um buraco e jogava aquilo ali. Vinha com o capim gordura, deixava em cima ali. O café produzia o triplo. Um pé de café produzia cem, cento e cinquenta litro. Não tinha nada que jogar adubo* [químico]*."*
				"O alho eu costumo amassar e por no sal do gado. Não vem nenhum carrapato."
				"Eu aprendi a fazer assim, que me ensinaram: põe um litro de álcool e cravo e deixa de molho. E depois a gente joga. E funciona, porque num pé de laranja deu aquele pulgão preto. Fui lá e pulverizei ele, o pulgão acabou."
				"A semente de milho sabe como é que tira ela [para conservar e plantar no outro ano]*? Como é que tira a semente boa desse milho? Do meio* [da espiga]*. Você tira* [descarta] *a parte de trás dela um pouco e na parte da frente, os miudinhos."*
			9	*"1 - Eu até perguntei pro L.* [camponês agroecológico visitado em Claraval]*: 'L., te fazer uma pergunta: lavoura de café geralmente dá muita formiga, e como é que você acaba com essa formiga sua aí?'. Ele mesmo faz e usa outros produtos lá e põe...* *2 - É uai, eu fiz um produto com plantas pra jogar no café que mata a formiga, uai."*
			10	*"Então, o maracujá de dois em dois anos a gente muda de lugar. E aí depois de dois ano volta a plantar lá de novo* [no mesmo local de dois anos atrás, referindo-se à técnica agroecológica da rotação de cultivos]*."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	10	*"Tem uma coisa que eu faço que, por exemplo, é plantar o feijão, no meio do maracujá. Uns trem assim..."*
				"Uma coisa que eu faço é a polpa de maracujá e doce também [referindo-se ao beneficiamento da produção]*."*
			14	*"Lá em casa tem arruda, alecrim. Pega aquilo e faz aquela calda. Ih, resolve tudo que é praga que tem na horta!"*
				"Dentro da agricultura familiar, dentro daquilo que a gente conversou... Eu falo que eu tenho nosso pai como espelho. Ele aprendeu a lidar com o café, aprendeu da forma errada e certa, tudo junto, mas ele aprendeu a produzir. A gente vem conservando isso dele, dando sequência, entrando aos poucos com nosso conhecimento, com alguma coisa nova."
				"A gente [se referindo a ele mesmo e à esposa] *foi na casa de uma senhora ontem e eu vi um pé de maracujá cerca a fora. Aí eu perguntei pro D.* [marido da senhora da propriedade onde ele viu o pé de maracujá]*: 'D., o que o senhor. faz pra controlar mandruvá no maracujá? Porque isso aí dá mandruvá* [larva que se alimenta de folhas] *pra chuchu'. Aí a mulher dele respondeu: 'coisa simples! Você pega três ou quatro folhas de maracujá, coloca num litro descartável e tampa de fumo. Aquilo ali vira aquela calda e depois a gente pulveriza. Mas não fica um* [mandruvá]*."*
				"E quando o pessoal plantava arroz com melancia? Punha arroz lá, ia tropicando nas melancias... Tropicava nas melancias depois vinha bater [descascar] *o arroz em casa. Ah, cara!... Teve um que perguntou pra mim uma vez: 'Z., qual o melhor lugar pra produzir melancia?'. 'Ah, no meio do arrozal!'. Cansei de chupar melancia aqui. Então, café dá pra fazer rotação de arroz, com melancia e milho."*
				"A gente hoje associa a braquiária no meio do café como adubação verde. Antes dela dar semente, a gente vem com o triturador e ela fica aquela camada verdinha no chão."
				"A gente tem um reservatório lá que capta o esterco líquido das vacas, urina, tudo. Suga ele com a bomba e aplica na roça."
			17	*"E o que acontece... Outro dia eu tava lá em casa e veio uma ventania e a minha nora falou assim: 'seu D. do céu, que ventania que vem lá'. 'Calma, minha filha'... Peguei duas enxadas e pus elas em cruz."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	17	*"Outra coisa: sabe essas fogueiras de Santo Antônio* [fogueira feita em festas juninas, em dia de Santo Antônio] *que o povo vai? Se você tem uma fazenda você pega nove carvão. Você vai colocar três em cada canto* [da propriedade]. *Não pode ser nos quatro canto não, se não você fecha a fazenda. Você põe três num canto, três no outro, três no outro."*
				"Aqui, deixa eu falar pra você: eu tô com 69 ano... Cê tá dizendo aí que tudo do passado é bão [referindo-se à fala do pesquisador sobre a importância dos conhecimentos, práticas e técnicas tradicionais], *é dos antigo... Só tá faltando uma coisinha aí que eu tô vendo, pra tudo quanto é inseto* [referindo-se à insetos que se danificam as plantas]*: Benzeção! É um produto orgânico a benzeção."*
				"Aqui, se você pegar, quase todas as comunidades vai ter pouca coisa aí [referindo-se às técnicas agroecológicas apresentadas e discutidas por meio do Repertório de Recursos apresentado no EPS] *que eles não fazem. Primeiro é aquele Microrganismo Eficiente, esse ninguém usa. E aqueles banho alternativo ninguém faz isso ai também. O resto* [das técnicas agroecológicas apresentadas] *quase todo mundo faz. Que ninguém desperdiça palha de café, nem esterco de vaca, nem nada. Eles misturam, de qualquer maneira e aquilo vai! Só que eles associam isso aí com a adubação química e também com agrotóxico."*
				"Eu faço diferente. Às vezes no espaço, eu planto milho no meio do café. O milho ele tem pouco tempo de vida pra puxar a umidade. Na hora que eu quebro milho eu boto aquela quebradiça tudo no meio do café."
				"Se você plantar também fumo no meio da lavoura de café é uma beleza!"
				"No café não, mas na hortinha eu faço [referindo-se à técnica agroecológica da rotação de cultivos]. *Às vezes eu planto uma alface aqui hoje e amanhã, por exemplo, eu planto em outro lugar."*
				"Eu aprendi naquele do Minas Rural [programa de rádio de uma cidade vizinha à Comunidade]. *Cê pega quatro folha de mamona, cê soca bem elas pra soltar tudo. Aí você coloca num balde de 18 ou 20 litro. Aí tampa ele de um dia pro outro e no outro dia cê vai e usa* [a calda, como inseticida natural]*."*
				"Aqui no terreno meu o pessoal tem uma mina de muitos anos. Então, tem um monte de árvore em volta dela. Tá protegido."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	"Novos recursos", reconhecidos após a visita à Claraval	2 e 13	*"A gente tem muita terra diante deles* [família camponesa agroecológica visitada em Claraval]. *Lá o espaço deles são pequeno e eles fazem muito, né? Porque eu fiquei impressionada! E a gente tem muita mais horta e muito mais terra do que eles..."*
				"Primeiro que eu reparei lá [na propriedade da família camponesa agroecológica visitada em Claraval]*: água* [quantidade] *é pior do que aqui* [na Comunidade], *né? Cê viu aquela aguinha, né L., que nós passou lá? Ele tinha uma represinha, uma aguinha danada. Muito pouca água. Um solo ruim* [referindo-se à característica arenosa do solo da propriedade visitada em Claraval]. *Acho que aqui nessa região perto num tem, é um trem branco, é bem frágil* [referindo-se à melhor qualidade do solo nas Comunidades rurais de Lavras que, consequentemente, passa a ser reconhecido como recurso disponível para a transição agroecológica]. *E mesmo assim é possível sim* [produzir agroecologicamente e com boa produtividade]*, e tudo bonito. Ali que cê viu: lá, que espetáculo!"*
			3	*"Nós vimos um alface lá* [na propriedade camponesa agroecológica visitada em Claraval] *com 800 grama, né, só com esterco de vaca. E esterco lá* [referindo-se à propriedade dele e de sua família] *a gente tem muito, né? Eu jogo bastante nas roças."*
			5 e 16	*"1 - E também, né Pedro, olhando a propriedade deles* [família camponesa agroecológica visitada em Claraval]*, não é grande. Dá mais ou menos uns seis hectares. Não é aquela propriedade grande de 20 hectares... Produtor pequeno mesmo. Um pouquinho de terra que tiver, uma horta já dá pra pessoa... O negócio não é a quantidade, é a qualidade.* *2 - Mas pra você tocar um projeto desse* [produção agroecológica] *não pode ser uma fazenda, tem que ser um sítio mais ou menos* [referindo-se ao tamanho da propriedade camponesa]. *Uma fazenda não é competente pra você manter um projeto desse. O que vai te dar lucro é uma propriedade pequena, bem estruturada. Porque o terreno numa propriedade pequena você aproveita ela mais do que uma fazenda. Aí tem muito mais jeito de você, aproveitando o terreno, cuidando mais dele, beneficiar melhor."*
				"[Na propriedade da família camponesa visitada em Claraval] *Planta milho também, né, no meio do café. Feijão. É o que eu tô falando: o terreno nosso é suficiente pra aproveitar ele."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	"Novos recursos", reconhecidos após a visita à Claraval	5 e 16	*"Eu acho que Lavras, o terreno da gente... Chegando* [na propriedade da família camponesa visitada em Claraval]*, logo no ônibus, deu pra ver que é bem arenoso* [o solo da região visitada em Calraval]. *Então, pelo conhecimento da terra que o pessoal e todo mundo tem* [na Comunidade]*, a terra aqui é muito boa em termos de cultura. A gente andando lá* [na estrada rural, um pouco antes de chagar à propriedade visitada em Claraval]*, parecia até de praia aquela areia, soltinha, fininha. E aqui* [na Comunidade] *nenhuma das propriedades, pelo menos que eu conheço, é desse tipo* [o solo]. *Tudo terra boa! Então, é com certeza* [referindo-se à possibilidade da transição agroecológica na Comunidade, baseada no recurso de terem uma melhor qualidade de terra que m Claraval]*! Só precisa de força de vontade. Tem que querer conhecer e fazer a transição* [agroecológica] *mesmo. No que eu vi* [na propriedade visitada em Claraval] *vale a pena. Pra quem se interessar, vale a pena. É possível."*
			6 e 15	*"Na verdade, o que eu faço lá, por exemplo, não é bem assim, mas fica meio que assim* [referindo-se à técnica agroecológica do consórcio de cultivos, onde uma planta ajuda no desenvolvimento da outra]*... Por exemplo, de couve com cebolinha, ficam sempre próximos. Não é que eu planto propositalmente, porque eu nem sabia. Então, aí a gente, de certa forma, faz isso."*
		Rede comunitária	5 e 16	*"Eu adoro essa parte de viver na mistura. Pra mim seria até um desarranjo muita gente querer viver separado. Eu acho muito bonito gente trabalhar unida, seja em qualquer sociedade. A união é muito bonito!"*
			6 e 15	*"A gente conhece várias técnicas* [agroecológicas]*, nasceu na roça, no sítio, e a gente sabe um monte de coisa. É uma boa a troca de conhecimentos. Eu sei uma coisa, o J. sabe outra, Sr. M. outra e o G. outra. Então forma um conjunto. E tem a universidade também* [referindo-se à UFLA]*, que pode ajudar a ampliar isso. Eu acho importante. É uma troca de conhecimento importante. Ninguém sabe tudo."*
			11	*"Acho que é amizade* [referindo-se à recursos sociais existentes na Comunidade]. *Aqui todo mundo é amigo na comunidade."*
			17	*"Às vez o que eu faço é uma coisa e ele faz outra e eu não sei e ele sabe. Aí um passa pro outro".*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Experimentação camponesa	7	"[Referindo-se a testar espontaneamente novas técnicas e formas de cultivar:] *Eu plantava alface com o esterco todo na terra* [esparramando pelo canteiro]. *Agora já tô colocando só na cova* [apenas no buraco feito para plantar a muda]. *Onde eu gastava três carrinhos de esterco hoje eu gasto só um."*
			8	*"Pedro, o C.* [indicando outro camponês da Comunidade que estava presente no EPS] *estava aqui no último encontro e ele começou* [a partir da apresentação feita pelo pesquisador das técnicas agroecológicas para o preenchimento do questionário] *a plantar na horta da escola a cebolinha perto alface e ele falou que dá certo. Ele colocou até pimenta e agora também tá colocando manjericão* [evidenciando a experimentação que está sendo feita pelo outro camponês]*."*
			12	*"Eu tava começando a fazer lá em casa* [técnicas agroecológicas conhecidas durante a visita à propriedade da família camponesa agroecológica de Claraval]*, né pai? Eu já comecei a mexer no café, porque eu aprendi lá e já vou passar pro café. A horta, gente, o alface lá é desse tamanho! É imenso o alface lá. Porque é orgânico. E fora o valor, né? O valor, vamo supor assim, compra aqui* [em Lavras], *vamo supor, um e cinquenta. O valor lá é cinco reais um alface. Então é um trabalho assim... muito trabalho... como diz... é luta, né? É luta. É num desanimar e regaçar a manga, pé no chão. Lucro, qualidade e é bonito. E a gente tá lutano, né? Aprende e vai fazendo..."*
			14	*"Eu até tô pensando nessa ideia aqui, desses microrganismos* [referindo-se à técnica agroecológica dos Microrganismos Eficientes]. *Em alta capacidade, em alta escala, você pode aplicar com o trator. Com uma bomba. Eu trocaria o aplicador de randape. A gente tem um aplicador de randape hoje, e usaria ele pra aplicar os microrganismos. Ele* [equipamento de aplicação do trator] *tem vários bicos, assim, que eles espalhar pelo chão todo. Porque o trator não é um vilão, né? Ele não é um vilão!"*
				"O feijão, por exemplo, há muito tempo atrás o pai plantava feijão no meio da rua de café. Plantava três linha de feijão no meio da rua de café. Mas antigamente, trator não entrava, era tudo manual, capina na enxada. Mas eu falei com o R. [irmão do camponês, presente no EPS]*, de repente uma ruinha de feijão... Uma só no meio da rua dá pro trator passar em cima. O feijão não cresce muito, planta um feijão que não é de corda, aí dá pra passar. E se prejudicar* [o feijão, ao passar com o trator] *vai ser muito pouco."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Segundo EPS (Atividades iv e v)	Capacidade de Significação – motivação:	Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores	2 e 13	*"1 - A gente precisa se organizar. Vam'bora!* *2 - É um conjunto!* *1 - É união nossa! Nós junta com ocê, Pedro, com a UFLA* [referindo-se aos estudantes da equipe de pesquisa e demais interessados e fomentadores da Agroecologia na Universidade]... *Unindo, vem a Emater. Que isso aí* [referindo-se à participação da Emater na promoção do 1° Encontro de Agroecologia de Lavras] *já é os cara* [Emater] *pedindo pra entrar* [para a Agroecologia]. *Nós dá o apoio, ajuda eles* a *entrar*."
		Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	6 e 15	*"E umas coisa organizada a gente tem que ter: é um ajudando os outros. Tem que ter! Se o Sr. G. vai plantar a rocinha dele: 'oh J.* [se referindo a ele mesmo]*, você não pode me dar uma mão, rapaz? Eu tô apertado lá, vai lá me ajudar'. Isso aqui na roça é que vai ter que ter. Tem que ter: 'oh rapaz, eu não vou ter o esterco pra plantar na minha horta lá. Você não tem lá não? Me arruma lá'. Não é vender! Não vender! Vender é lá fora. Pra nós aqui não!"*
		Melhorar condições da economia camponesa familiar	3	*"E o bom ia ser se juntasse uma turminha de produtores, pra poder ter mais volume* [de produção agroecológica]*, pra poder formar uma associação. Se cada um começar* [a transição agroecológica]*, nem que seja com uma parte da sua propriedade a gente faz o nosso mercado!".*

Apêndice 3 – CODIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS DE CONTEÚDO QUE CONFORMARAM O MATERIAL QUALITATIVO DA FASE II

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	Região A (representantes)	*"1 - Eu quero só te fazer uma pergunta* [dirigindo-se a uma das estudantes da UFLA membro da equipe de pesquisa]*: você que tá fazendo agronomia, você é pro orgânico ou não?* *2 – Eles lá não ensinam* [referindo-se ao foco de ensino dos cursos de agrárias da UFLA para o modelo do agronegócio]. *Como que ela vai aprender se lá eles não ensinam?"*
				"Não existe regra legislação pra feira livre de carro da prefeitura, da policia civil... Cê vai comprar sucata, cê vai comprar carro que cê num sabe a procedência, cê vai comprar trem que amanhã pode tá fundindo. Falou que é feira não existe regra... Então, porque que a nossa tá toda regrada?"
			Região B (representantes)	*"1 - Porque é assim, eu até tenho interesse* [de produzir queijo para comercializar na feira]. *Vou fazer a casinha lá* [referindo-se à edificação que deve ser construída exclusivamente para a produção de derivados do leite, segundo legislação sanitária municipal] *esse ano que começa agora. A gente vai por partes, né? Mas no meado do ano, se Deus quiser, eu quero fazer a casinha. Só que o R.* [referindo-se à um camponês feirante que construiu recentemente a "casinha", seguindo as normas sanitárias exigidas no município] *me falou tanta coisa, tanta coisa, que me deu um desânimo. Me deu vontade de: 'ah, acho que vou largar isso'. Ele falou assim: 'eu fiz a minha mas eu só posso produzir uma coisa, eu só posso produzir queijo frescal. Eu posso até produzir outra coisa, mas ou eu faço outro cômodo ou eu faço outra casinha'. Aí ele foi falando o que ele tinha que fazer, eu falei: 'R., mas se eu quiser fazer manteiga também...'. 'Ah não, mas aí a fabricação do queijo tem que fazer ela separada, tem que ter uma casinha pra armazenar a manteiga, outra pro queijo'. Sabe, eu fiquei um pouco desanimada. Dá na gente um certo desanimo. Que triste! Vou ter que fazer uma mansão pra fazer três tipos de queijo. A gente sabe que tem que ter limpeza... Mas cê sabe quanto o R. gastou pra fazer a casinha dele? Quarenta mil. A casinha dele, pra chegar no ponto dele falar assim: 'ó, eu vou vender...'. Pra chegar ontem, que foi o primeiro dia de feira dele com o queijo registrado, foi 40 mil. Eu vou ter que vender as terras! Vou ter que vender as vacas pra fazer a casinha! Tem que pedir dinheiro emprestado pra poder fazer a casinha! Olha pra você ver como a coisa é: o queijo Canastra não é exigido a pasteurização daquele queijo. Queijo Canastra não tem pasteurização. Então, sabe, aí diz que é tradição... Gente, mas nosso queijo é tradição! Queijo é feito assim. A vida inteira, todo mundo faz queijo assim.* *2 - O dia que tiver 40 mil pra fazer uma casinha já abre uma fábrica de queijo de uma vez...* *3 - Não, melhor guardar os 40 mil, né? Vai dar mais serviço ainda pra construir, ter um problema* [com a vigilância sanitária] *e não dar certo...*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	Região B (representantes)	*4 - Pelo menos vai vender o queijo. Melhor que ficar vendendo o leite a um real* [referindo-se ao baixo valor pago pelas empresas que compram o leite dos camponeses para produzir derivados]. *1 – E o povo também é muito difícil. Você mexer com feira é... Ele rachava de vender quando o queijo dele não era registrado. Aí ele registrou, fez embalagem, tudo bonitinho...* *2 - Ele vem embalado, aí já vai parecer industrial, né? 'O queijo que ele tá vendendo agora tá vindo de fora, não é aquele mais, tá embalado. Ó, o rótulo de fábrica!'. Vão pensar tudo diferente."*
				"1 - O que me preocupa [referindo-se à sua experiência de ter participado do PNAE em Lavras] *é o seguinte: cê tem que plantar grandes quantidades. Mas é em muita quantidade! Dá uma semana, sei lá, eles não vão querer naquela semana a couve, vamos dar o exemplo da couve. Aí o que acontece? A sua couve perdeu. Você não tem pra onde escoar.* *2 - A alface cê até controla. Porque vamos se programar pra pegar uma semana sim uma semana não. Então cê vai plantar de escala. Vamos supor, se querem umas 300 cabeças de alface pra semana que vem, cê já vem produzindo, aí cê planta semana sim semana não. Pra poder dar certo e entregar. Agora a couve, cê planta a couve e a couve vai produzir. Aí a semana que não pega, cê perdeu. O tomate, se você planta o tomate não tem escala. Cê planta o pé de tomate e ele produz contínuo. Ele tem um madurando embaixo e em cima já tem maduro, né?* *1 - O pior é a quantidade quando eles decidem não pegar. Não tem pra quem fornecer aquilo que sobra. Se perder um canteiro seu lá é muita coisa, é um negócio. Cê joga lá um caminhão de alface fora."*
				"1 - Eu comecei a produzir horta foi dezembro do ano passado, que antes eu trabalhava pra patrão. Aí passou a horta pra mim, pra fornecer salsa pra UFLA [referindo-se à compra institucional da UFLA, por meio de licitação, para o abastecimento do Restaurante Universitário]. *Plantei três canteiros de salsa. Aí eu plantei, põe uma media aí de uns seis dias de salsa por semana. Aí a UFLA pegou uns três meses de salsa só. Perdeu tudo.* *2 - Pelo amor de Deus, isso me mata. É uma sacanagem. Não pensam no prejuízo que você tem. Não tão nem aí pro seu prejuízo.* *3 - No caso, se você fazer um acordo com eles lá depois complica. Porque a partir do momento que você entra em cima da terra você já começa a gastar, até cê conseguir produzir. E quando você produz, eles dá pra trás.* *1 - Produzi também o almeirão, a chicória* [pra fornecimento para a UFLA, por meio de licitação vencida pelo camponês]. *Aí chicória tem semana que pegava, semana que não pegava. Ficou mais de mês sem pegar. Aí passou a licitação, outras pessoas pegou, pagou pra pegar mais. Aí ficou duas semanas pegando, depois parou de novo.* *2 - Isso é muito ruim, muito difícil. Cê fica andando na corda bamba."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	Região D (representantes)	*"Mas Pedro, hoje até a lei tá errada. Agora mesmo nós tamo lutando com esse negócio de evitar esses venenos. Mas esses veneno vem é do governo. E o que pro lado do governo é coibido? Nada! E pro nosso lado? Você planta, você vai com o café pra cooperativa* [referindo-se às grandes cooperativas patronais da região que compram café dos pequenos produtores]*, você tem que ter a nota dele, não tem? Se não você é multado. Nossa vida tá fiscalizada tanto... E eu nunca vi um agricultor ficar milionário. Tá quebrando. Isso o governo não olha. Você vai na cooperativa, o preço que eles querem cobrar de você é o preço que você tem que pagar. Você tem que vender. Você não vai pagar? É ou não é? Eu conheço essas coisas, eu tenho esse ponto de vista."*
				"É interesse do governo, ué, de ganhar com o veneno."
				"E o Estado às veiz dificulta, entendeu? O Estado dificulta porque o agricultor que, assim... Igual aqui em Lavras, não vou falar mal do prefeito, mas que seja... Se o produtor vende, vamo supor, o marolo. Aí vem uma lei que não pode vender na rua nada mais. Você vai ter que vender barato pro CEASA ou então pro verdurão."
				"Eu mexi com um policial desses negócio de florestal [referindo-se à Polícia Militar Ambiental, responsável pelo monitoramento e fiscalização, entre outros, do manejo/corte de árvores na zona rural]*... Eu falei que a roça tem que acabá. 'E o que na cidade que nóis vamo cumê?'. Eu falei: 'come asfalto. Porque nóis vai mexê lá* [referindo-se ao manejo de mata] *ceis tá achano ruim. O meio docês cumê vem da onde? É lá da roça'."*
		Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região A (representantes)	*"Porque nós já tá vendo: você tá doente, você tá doente* [apontando para outros participantes do EPS]*... tudo é isso aí. É igual o T.* [referindo-se a um camponês presente no EPS] *tá falando aqui: quantos randape a gente já jogou aí e o vento ainda tocava pro lado da gente? Mas não teve quem falasse que fazia mal! Eu cheguei a escutar de um cara: 'pode preparar isso aí que eu bebo'. Escutei um técnico falar isso, que não fazia mal."*
				"Aqueles cachos de banana cheios, que tá mais ou menos, eu não corto um. Deixa lá os passarinhos comer. Sabe, eu faço assim. Meu irmão ficava assim: 'a pomba tá acabando com o milho, arrancando milho'. Né, eu falei, tá acabando porque tem algum problema. Aí, que que é o problema? O problema tá nessa fazenda de cá aqui ó, aí nesse homem... Tava jogando veneno aí, sabe? Aí depois foi um rapaz que falou isso, ele veio aí e falou que o veneno fazia estresse. Esse veneno tava causando estresse nas pombas e elas ficaram igual a gente como pessoa. Quando fica estressada ela come e fica gorda, né? As pombas tavam ficando estressadas, que esvoassou aí, que não tava dando sossego, por causa dum produto. Sabe, ele só falou isso... Então, às vezes, você vai falar isso pra um técnico, que eu falei aqui, ele diz que não existe, que é besteira, não fala? Fala que isso é besteira, que isso não existe."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região A (representantes)	*"O milho, esse milho aí transgênico, né, eu detesto! Meu filho ia plantar e eu falei: 'pelo amor de Deus, não planta essa porcaria'. Ele já tinha até ganhado a semente de milho transgênico. Não falou pra mulher dele que era milho transgênico não. Ele levou pra casa as espigas, a mulher dele fez curau e comeu o curau. Foi parar no hospital porque comeu o curau e empolotou o corpo interinho, intoxicou. Milho transgênico! Aí eu xinguei meu filho: 'cê não tem uma moça de 17 e a menininha de dois anos?; cê não tá pensando nas suas filha não, que vão comer esse milho?' Aí ele desistiu. Não deixei, não plantou, comprou o outro."*
				"1 - Nóis passou num mandiocal no caminho pra cá. Eu vi o mato assim, ainda falei: 'vai capiná com randape', mostrei pro Pedro... *2- Dependendo da idade da mandioca, se você jogá randape ela não cozinha.* *1 - Não cozinha, eu sei disso.* *3 - Eu ganhei uma amarela, mas não quer cozinhar. Deve ser o veneno que era...* *2 - Randape, é porque capinou com randape."*
				"Você vai no supermercado comprar um quilo de tomate. Vocês sabem disso gente... Eu não como de jeito nenhum. O pessoal lá em casa gosta, compra aqueles tomatão, aquela beleza. Já falei pra eles: dentro de supermercado o cheiro de veneno que tem nisso aí..."
				"Fora os comprimido que põe pra expurgar o milho. É um comprimido que bota debaixo da lona... A hora que você abre a lona faz 'shiiii', um gás. Tem que por e sair correndo. É uai, mete terra em volta da lona e deixa um buraquinho. Aí põe o comprido, joga lá debaixo, põe terra no buraquinho e sai correndo. Quando vê a lona tá esticadinha, ela enche. Aí uma vez nós comprou milho do Seu M. aqui [referindo-se a um vizinho que não estava presente no EPS]*, que tava dentro da tulha. Eu com pai foi buscar o milho, vai escutando Pedro... Quando chegou lá, eu falei pro pai: 'esse trem tá secando com comprimido'. Aí o Seu M. abriu as porta da tulha, foi lá, puxou a lona e saiu correndo pra fora. Ele falou pra esperar um cadinho mas eu falei: 'não, vamo embora, não vou mexer com isso aí não'. Mas ele* [o pai] *falou que tinha que levar 100 sacos de milho. Nós foi batendo no saco de milho e jogando dentro da carreta do trator. Quando vê começou a vir um pó, falei: 'pai vamos parar com isso que esse trem vai fazer mal'. Nós continuou Pedro... Foi só chegar em casa, teve que ir embora pra cidade. Ele intoxicou que você precisa de ver. Então, uai, eu e ele agora temo isso no organismo de nós dois. Por isso que eu tô falando que esses negócio de pressão, esses problema de dor aí, é tudo isso aí."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região A (representantes)	*"1 - Começou a cozinhar o feijão, dá aquela espuma por riba da panela... Começou a ferver você pode esperar... Já notou isso, R.? Você já viu?* *2 - O que?* *1 - O feijão que joga veneno pra secar.* *2 - A espuma, né?* *1 - A espuma quase sai fora da panela.* *2 – Dá tanto na hora de cozinhar, quanto na hora que você fervê na panela a ultima vez.* *1 - É uai."*
				"Pedro, igual, lá na roça fala broa de fubá... Eu sou louco por causa de broa de fubá. Andava comprando fubá e, por causa desse milho transgênico, um dia cheguei lá em casa e falei pra mulher: 'eu não vou comprar esse fubá mais não, sei lá se esse raio é transgênico'. Ainda brinquei com ela: 'nós tá comendo esse trem que não vale nada!'"
				"Lá perto de mim, numa fazenda que eu trabalhei, tem dois moinhos d'agua. Dois moinho de pedra! Vai lá e vê se você acha uma colher de fubá lá, de milho de verdade. Não tem nada. Só milho com veneno, não tem fubá que presta! Ele selecionava os milho pra moer, né? Agora você vai lá, lá na fazenda dele: colhe os milho com as máquinas, joga lá, leva lá no debulhador, despeja lá... Aquilo é ponta de sabugo [grãos considerados de pior qualidade na espiga]*..."*
				"Eu, a primeira coisa, agradeço a Deus em primeiro lugar. Em segundo lugar eu agradeço o Pedro. Porque ele foi lá em casa a primeira vez [referindo-se à entrevista do trabalho de campo do mestrado, em 2013] *e ele vem, ele vem... Eu comecei escutando a ideia dele, e falei: 'vou parar com isso* [uso de agrotóxicos]*'. Ó, o cafezinho meu é pequeno, eu também sou pobre... O ano passado e no ano retrasado eu fiz as contas: eu economizei seis mil real em dois anos porque eu larguei de comprar veneno. Por exemplo, antes eu tinha comprado um produto pra ferrugem, eu paguei 620 real em cinco litros do produto. Rapaz, eu jogava o remédio dali 15 dias cê olhava e não tinha ferrugem no café não. Dali uma semana cê voltava lá mas tava infestado do mesmo jeito. Aí eu fui e falei: 'num compro essa porcaria mais'. Eu peguei e falei: 'acabô, não jogo mais'. E minha família andava em cima de mim, falava, principalmente os filho e as filha, falava: 'ó pai, para com esses veneno, eles te mata', Eu falei: 'mata mesmo'."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região A (representantes)	*" 1- É isso aí que eu tava falando: cê observa que o café não produz... agora esse plantio direto de roça, tudo que tá jogando* [referindo-se à quantidade de agrotóxicos utilizada na técnica do agronegócio do plantio direto]*... Daqui cinco anos se a terra, a nossa mamãe lá em baixo, falar: 'num vô produzir mais, cês me matou.' Que que vai acontecer? Hora que a mãe de baixo falar assim: 'é, ceis me envenenou e me matou agora eu não vou dar mais alimento procês.' E aí, vai comer o que?* *2 - E vai acontecer!"*
			Região B (representantes)	*"1 - Essa semana em andei jogando um veneno na cana. Chegou a noite o olho inchou, ficou embaçando. Não tava legal...* *2 - Eu já estou preocupada com essa parte aí: pra mim eu acho que já não pode usar mais de jeito nenhum, ainda mais que ardeu o olho dele. Pra você ver então...* *3 - E é uma coisa interessante, ele tinha esse costume. Depois que a gente começou a parar de mexer com essas coisas* [agrotóxicos] *diminuiu muito. Aí esse ano ele foi jogar na cana. Ele plantou a cana e jogou. Ele passou mal mesmo."*
				"1 - Esse negócio de veneno realmente não dá certo não. Atrai muita doença, destrói a natureza, tantos bichinhos, né? Eu trabalhei no cafezal já, eu lembro, eu vi os bichinhos morrer lá sem motivo. Condenação total, sem precisar. *2 - É que nem abelha, né? Tanto que já sumiu de abelha. Essa abelhinha que enrola no cabelo."*
				"Sabe qual é o maior problema? É que o povo aprendeu a comprar. Ninguém quer aprender a fazer. Tudo é industrial. Ninguém faz, ninguém aprende a fazer. A gente mesmo vai no supermercado e compra tanta coisa. Às vezes tem aqui na roça, perde, vai lá e compra."
				"Um leite aqui ele dura dois dias no máximo. Eles pegam, levam pra lá, vai manipulando o leite lá... Aí você vai ver no supermercado tá direitinho: um leite de caixinha dura 30 dias no supermercado! Que porcaria de leite é essa? O milho, o milho verde... Cê vai lá, compra uma latinha de milho verde. Milho tá perfeitinho... Cê pega uma espiga de milho aqui de manhã e descasca ela... De tarde ela já tá murcha. Aquele lá você pode tirar da lata e capaz de durar mais 10 dia pra frente fora da lata."
			Região C (representantes)	*"Então é o que eu tô falando: eu posso tá com aquela roupa* [referindo-se aos Equipamentos de Proteção Individual - EPI]*, mas é só eu tirar e já tô em contato* [com os agrotóxicos manuseados anteriormente]*. Na hora de lavar* [os EPI] *também. E outra, você vê naqueles programa do campo, só fala coisa boa. Agrotóxico é bom pra isso, ele combate aquilo. Mas não fala da parte ruim. Se ele é vinte por cento bom, ele é oitenta ruim, ou mais. E isso eles não falam. Vai entender, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região C (representantes)	*"E outra, que acontece, tem esse negócio da mão de obra. Por isso que hoje o brasil tá assim de desemprego. Porque o que acontece, através disso aí, é que não gasta mão de obra. Vamo supor, o randape. Se não é o randape cê faz uma campina: a planta agradece; a chuva choveu a água vai ficar ali até esperar outra chuva. Agora, você joga o randape e o chão até trinca. Então, se é na enxada você tá gerando emprego. Por que, o que acontece? Se for orgânico já começa que cê vai vender o produto mais caro. Aí cê tem condições de pagar um funcionário. E vai gastar menos, né? Cê não vai estragar a sua saúde, e nem dos outros... Então, que acontece? Cê ganha em dobro. Cê ganha, por exemplo, Lavras... Lavras ganha no geral. Além de ganhar com o que acontece na zona rural, ganha porque tem muita gente que tá indo pra cidade. Porque não tem emprego por causa disso aí. Porque hoje em dia é só maquinário e produtos* [químicos industriais]*."*
			Região D (representantes)	*"1 - Porque chega um agrônomo lá hoje querendo vender um produto, ele já chega pra você: 'ó, esse aqui já é o mais novo. Esse aqui tem mais uma molécula. Ele fica mais caro por ter mais uma molécula, mas é mais eficiente. E esse problema que você tinha aqui não vai ter mais'. Então, isso tá cada vez mais forte. Igual tava conversando com o R., antigamente o agrotóxico tinha cheiro, hoje já não tem mais. Agrotóxico perigoso hoje, muito perigoso, não tem cheiro. Trabalha com ele e nem sente. Mas a longo prazo vai te...* *2 - Você acha que não, mas aquele trem vai te fazendo mal, né?"*
				"1 - Bom, lá a gente mexe com café e ele [referindo-se ao marido, presente no EPS] *mexe com veneno. E quando ele mexe com veneno pode saber que ele vai passar mal. Ele não passa bem. Acho que o ser humano não tem conscientização do tanto de agrotóxico que a gente usa. Porque um dia desses aí uma moça me indicou um produto pra gente jogar na mexerica. Gente, o N.* [referindo-se ao marido] *jogou aquele trem na mexerica e, nossa, não aguentou, né? A gente teve que fechar a casa toda, só pelo cheiro. A moça falou assim: 'a minha couve tá com piolho, eu vou jogar esse veneno'. E eu falei: 'não joga, porque imagina esse cheiro na couve'. As pessoas não tem muita consciência do uso sabe? Porque o uso faz um mal terrível. Pode não tá fazendo agora mas daqui pra frente vai fazer.* *2 - O produto que eu joguei lá na mexerica... Uma que eu plantei em novembro, tava fraquinha, não desenvolve, as formigas tudo ali. Aí eu banhei com o produto químico que alguém me indicou lá, que nada tava resolvendo. Um vizinho meu lá me falou: 'cê joga esse trem lá que nós tamo usando ele no café'. E eu joguei. Rapaz do céu, nunca vi um trem tão bravo igual aquele. E aí a R.* [referindo-se à esposa] *foi na casa da vizinha lá e ela pediu pra passar nas couves que tavam com piolho. Daí a R. falou pra ela: 'nossa, tá é doida, como é que vai comer". Na nossa casa nós ficamos fedendo uns cinco dia desse veneno lá."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região D (representantes)	*"Eu tava vendo uma reportagem também, passando no Rio Grande do Sul. A quantidade de gente que já morreu esse ano por causa de câncer, por causa de uso de agrotóxico."*
				"Eles conseguiram proibir o Paraquat, né, que é um tipo de herbicida bravo pra saúde também."
				"E aí que eu pergunto, né: como a gente vai conscientizar essas pessoas tudo? Porque os vizinhos da gente, por exemplo, eles tavam banhando o café esses dias lá, pertinho lá de casa. Então, como que faz pra não chegar na nossa casa? Tava trabalhando lá em casa, eu entrei pra dentro e fechei a casa. Quando eles passam aquilo contamina tudo. O vento traz e eu acho que faz mais mal pra nós do que pra quem tá aplicando ele. O veneno ele vem com o vento assim ó. Mas vai longe aquele negócio. Vocês não tem noção do tanto que vai longe."
				"Às vezes eles olham na cidade: 'isso aqui tá caro'. Uma vez eu falei com meu filho lá da cidade, falei: 'filho, você tem esse lote, não cimenta ele não. Deixa um cantinho pra você plantar alface, couve, cebola. Depois cada vez que você panhar você faz as contas: cebola: um real; couve: mais um real, chega no final do mês, vai somar, quanto que você vai economizar? Aquele pedacinho te deu ali'. Mas não, se você vive na cidade é só cimento."
				"O pessoal que planta muito feijão aí, na hora de colher o feijão, que ele tá próximo de colher, pra poder colher mais rápido, eles vêm e passa randape em tudo. Vai cair a folha do feijão e vai matar o mato, a máquina vai pegar e o feijão e vai sair limpinho, limpinho. A máquina não gasta, não estraga nada. Mas quem consome ele vai ter o resultante do agrotóxico."
				"Enquanto a gente fala de investir em uma alimentação saudável, grande parte das pessoas tão fazendo cirurgia de câncer pra curar, né? Só que aí o sofrimento já foi, né?"
				"É ué, tem que ter essa consciência! Pra melhorar eu acho que não é pensar, é fazer o balanço e falar: 'gente, vocês tão comendo veneno'. Pior de tudo é que os consumidor se intoxicam sem saber. O consumidor compra um produto ali com veneno sem saber. Eu acho assim: matar o homem não é só sair dando tiro, né?! Dá o veneno pelo alimento é estar matando o outro também."
				"Lá em Lavras [referindo-se à zona urbana], *hoje, você compra café com 30% de impureza. Além de ser produzido com agrotóxico, tem de 30 a 40% de impureza, que é resíduo de milho, resíduo de tudo que há. Além de agrotóxico ainda tem impureza! Aí vem aqueles ditados: 'café faz mal pro estômago, faz mal pra isso...'. O que faz mal são as impurezas e também os agrotóxicos que tão incluídos ali na embalagem. Muda tudo lá e tira a originalidade do produto, né? É o que fazem hoje. Pra vende o café eles aumenta o café pra quarenta por cento de impureza pra ganhar volume."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	Região D (representantes)	*"Hoje tava vendo no Globo Rural lá, você viu? Tem uma máquina de plantar batata. Vocês já viram aquela máquina? O serviço de 150 funcionário ela faz em uma hora. Acabou o serviço pro povo. Uma máquina. Ela rende acho que é 35 tonelada em uma hora. O que esses camarada faz?"*
				"Agorinha mesmo a gente tava falando dos venenos. Eles jogam aqueles venenos na batata e fica três meses na construção rural, até dar preço. Aí quando dá preço, eles pegam pra vender tudo secando com agrotóxico. É o que eu tava falando da ambição: não é a qualidade, eles querem a quantidade. A nossa saúde... Cê vai comer uma coisa, aquela comida que você tá comendo, tá empurrando sua saúde lá pro fundo do poço. É aqueles venenos que você tá comendo ali."
				"Eles cria uma dependência, né? Semente de milho hoje você compra e é assim: ela só produz uma vez. Se você pega a semente daquele milho e torna a plantá, não produz não. Aí os café também vai ficando dependente dos fertilizante. Criam uma dependência, né?"
				"Eu sei que ele, o agrônomo [referindo-se aos agrônomos que trabalham com a indicação e venda de agrotóxicos e outros produtos químicos]*, ele tem uma porcentagem de vendê pra mim. Então eu tive uma conclusão. Tem dois ponto de vista aí: o agrônomo não tá enxergano o eu, tá oiando só pra ele. O que ele tá fazeno? O agrônomo chega e fala: 'é assim, assim, vô te dá instrução'. Ele tá fazeno uma coisa errada. Eu tô oiando, enxergano do lado certo, mas ele usa o conhecimento dele pra mandá eu pro lado errado. Ele tá oiando pro lado errado e fala que o lado certo meu tá errado pra ele. Cumé que eu faço? Tá aconteceno muito isso aí. Ele não liga procê não."*
				"Cabô tudo! Será que essas otras coisa que o povo inventô [referindo-se às tecnologias industriais inerentes ao modelo de produção do agronegócio] *num tá secano a nossa água? Num tá sendo prejudicado? Porque as coisa de Deus é coisa de Deus. As coisa de mercado é otra..."*
				"Porque eu, se eu não tiver... Por exemplo, um pensamento meu: se eu não tiver consciência com o outro, o que eu posso fazer? Eu tenho três alqueire de terra. Eu vou dividir alqueire e meio pra mim colher as coisas, os produtos bom pra mim, e vou colher o veneno lá pra vender pros outro na outra metade? Tem gente que pensa assim... Tem que agradecê que você planta isso e você tem seu produto pra você vender. E tem que agradecê se você tem essa pessoa pra comprar o que você vende e tem que vendê um produto bom pra ele. Eu vou vender um produto ruim pra você comer? Você tem seu filho, você tem sua família, sua saúde... E eu tô te vendendo um veneno, tô te vendendo um produto de veneno?"

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados	Região A (representantes)	*"Só que infelizmente, você pode perceber... Por que o número é pequeno* [referindo-se ao número de participantes nos EPS realizados até o momento]*? É porque o pessoal tá interessado em dinheiro. O pessoal não tá interessado em qualidade de vida, em qualidade de produção, eles tá muito focado em fazer dinheiro. Então, é o que eu sempre falo, o seguinte: você faz de tudo, você faz dinheiro, e que que adianta quando chega lá no seus 70 anos? Aí você vai pagar Unimed, vai ficar fazendo exame todo dia porque você destruiu a sua vida com a alimentação ruim, com uso indevido de veneno que você trabalhou, entendeu? Uma vida estressada: 'nossa eu tenho que colher tanto sacos de café porque eu tenho que comprar aquele terreno ali do fulano, porque eu tenho que colher café pra nós comprar...' Então, a única tristeza que eu tenho é que nóis que tá começando... Você pode guardar isso aí pra que vocês vão ver: a hora que a gente se estruturar, a hora que a gente se estruturar e tiver o conhecimento, sem importar com pagamento, a hora que tiver a certeza, aí eles vão dizê: 'nossa eles produzem!; o povo quer consumir os produtos deles'... Por exemplo, eu vou chegar lá com feijão, num determinado local ou alguém vai me ligar: 'você tem feijão?; tenho!; quanto tá seu feijão? tá 10 reais o quilo.; trás cinco quilo pra mim!', enquanto o outro lá vai tá com feijão de randape a dois reais encalhado, entendeu? E aí é que eles, que a gente hoje tá convidando, que a gente tá mostrando que tá mudando, vão falá: 'opa, tá ganhando dinheiro'. Aí que eles vão querer infiltrar, entendeu? Então eles não vão entrar por amor, por gostar de produzir puro, porque quer comer bem, tratar o outro bem. Vão entrar com interesse financeiro: essa é a minha tristeza. Eles podem até trabalhar certo, mas eles vão entrar por interesse."*
				"Eu tô só falando procê que nós vamos sofrer pra nós atingir um ponto de montagem estrutural. Mas depois nós vamo ser modelo! Aí eles [vizinhos camponeses das comunidades que não tiveram interesse de participar dos EPS até o momento] *vão vim e vai ser mais vitorioso pra nós, trazer eles pra dentro! Porque eu já sofri várias críticas lá na feira quando eu fui falar daquela visita que nós fizemos em Claraval. O L. com a L.* [referindo-se a camponeses presentes no atual EPS e no anterior] *tá de prova: o dia aqui na C.* [comunidade rural onde aconteceu a reunião entre duas comunidades no EPS anterior]*, lembra L.? Quando o Pedro tava pra chegar o assunto que tava aqui era de que não dá certo* [produzir sem agrotóxicos]*, mas quando o Pedro chegou o assunto foi outro... As pessoas assim, entre aspas, pra mim, fingidas. Então eu tô falando é o seguinte: nós que tá aderindo vamos formar essa união! Então nós vamos sofrer muito, vamo ser apedrejados por isso. E as pedras deles vão ser 'você está louco', 'não vão conseguir', 'vocês vão passar fome'... Eles vão falar isso."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados	Região A (representantes)	*"1 - Minha comunidade lá é grande, a docês aqui também... Então porque que não tem mais participação do povo* [nos EPS realizados até o momento]*, gente? É o que tá faltando.* *2 - Mas é isso, porque o povo acha que isso não dá dinheiro. E o povo quer é dinheiro, não quer viver bem."*
			Região D (representantes)	*"Se encontrar* [moradores da Comunidade] *é uma coisa que vem acabando, né? Antes se encontrava muito mais. Hoje a gente se reúne muito pouco..."*
		Possibilidades da Agroecologia em oposição ao atual modelo do agronegócio	Região B (representantes)	*"1 - É do supermercado que eu falo: quando eu vou comprar eu escolho o menor, eu vejo aquele negócio grande assim eu falo: ai meu Deus do céu...* *2 - Mas não é, o orgânico produz coisas grandes também. A couve dela é grande* [apontando uma camponesa presente no EPS que produz hortaliças sem uso de agrotóxicos]*, as alfaces da Eterna Misericórdia são lindas* [referindo-se à produção sem utilização de agrotóxicos e agroecológica da casa de acolhimento onde foram realizadas atividades desta pesquisa-ação]*, lá em Claraval onde nós fomos também* [referindo-se à produção agroecológica da família camponesa visitada em atividade anterior]*..."*
			Região D (representantes)	*"Que, às vezes, nem sempre produzir em grandes quantidades é sinônimo de lucro, né? Se você gastar menos pra produzir também dá lucro."*
				"Eu acho assim, nós temo mercado pra tudo. Eles fala que não tem mercado pra orgânico, mas não é assim não, né? O consumidor quer mudar, gente. O meio ambiente tá pedindo socorro. Ocê dá uma alternativa assim que vai ser bão pro meio ambiente e vai ser bão procê. Principalmente pra nóis que tá usano ali [agrotóxicos]*. O maior prejudicado é nóis memo, é nois que pega o veneno. Mas o consumidor vai querer também."*
				"Eu acho assim, acontece o seguinte, tomate você vê lá: 'previne contra isso, contra aquilo'. Mas aí você compra aquele do verdurão com veneno e vai fazer: 'nossa, tá super excelente pra saúde. Tem minerais tudo'. Aí você, ao invés... O que produzo lá em casa, eu penso que é um pouquinho mais saudável. E também outros que tenho consciência: por exemplo, eu comprava feijão e punha ele na panela lá, aqueles de supermercado. O feijão cozinhava mas não tinha muito sabor. Aí eu comecei a plantar e o sabor é outro! Ainda sobrava pros vizinhos que pediam, compravam cinco quilo, depois pediam mais. A diferença do produto natural, ele conserva o sabor e conserva os nutriente."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*"A gente faz isso, eu e L.* [referindo-se ao marido, presente no EPS], *o tempo todo: o que a gente chupa, eu ponho lá a semente. Daqui uns tempo tem muda. Então, lá em casa, tudo que a gente come, tem uma vasilinha, eu coloco lá* [as sementes]. *São tudo o que a gente planta, né L.?"*
				1 - "Agora tão reclamando, aposto que vocês [referindo-se aos demais camponeses participantes do EPS] *e todo mundo tá reclamando: chega na época de goiaba, chega na época disso e daquilo, o jacú não dá sossego, a maritaca não dá sossego na roça. Porque que não dá sossego? Tem alguma coisa errada aí, né? Então, pra fazer um reflorestamento, pelo amor, eu canso de falar pra esse pessoal que tá formando: 'vai reflorestar?, mandou plantar 100 árvores, planta 70 árvores e 30 frutíferas'. Por que a frutífera não pode fazer a sombra do mesmo jeito e ainda alimentar os animais pra eles não vir amolar nós na roça de milho? Tem essa solução e ninguém enxerga isso.* *2 – Boa ideia! Nós vamos fazer lá em casa.* *1 - Entendeu? Serve pra gente! Já fizeram o CAR* [Cadastro Ambiental Rural] *pro meu pai e tá esperando só essa parte de reflorestamento. Tô só esperando as planta* [do imóvel rural] *ficar pronta: vou plantar abacate, uai. Tem uns abacate bonito eu vou lá apanho e levo lá na feira, ué. Vou só colher e o que sobrar os passarinhos, os cachorros, os bichos todos comem."*
				"Eu quero que ainda melhora mais. Eu sou aposentado, tô com 67 anos, vou pra 68, eu sou de 50. E trabalho feito um burro. Você pode ir lá em casa cinco horas da manhã que eu já levantei. Eu saio de casa pra ir pro serviço 6:00, 6:10, 6:30 eu já estou lá naqueles café. Tem dia que dá cinco horas da tarde eu ainda tô lá trabalhando. É eu e Deus! Eu faço o que eu gosto. E feijão, feijão meu não tem uma gota de veneno. Nunca pôs, nem adubo [químico]. *Planto pra comer e dar pro gado. Tem mandioca, tem tudo lá em casa... E é tudo na base da enxada."*
				"1 - Leite, alecrim e põe uma pitadinha de sal: tomei uma pancada no braço e lavei com aquilo ali e sarou. Eu já curei! Tem que ser quente! *2 - É alecrim do mato?* *3 - Alecrim de varrer terreiro, de folha fina. Tem alecrim da serra também que é um remedião também."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*"1 - Lá em casa eu tenho lá... Eu planto, pra dar pro gado e sempre vendo pros outros também, a baiana. E aquela, uma amarelinha... Não sei se você conhece dela.* *2 – Conheço.* *1 - Aquela mandioca é boa demais! Mas é tudo na enxada. E cozinha! Pode ir lá qualquer tempo arrancar que ela cozinha qualquer hora que você quiser. Se eu arrancar a raiz dela e cozinhar, falo procê que meia hora tá cozida. E te dou rama também.* *3 - Já plantei todo tipo de mandioca. O que eu plantei eu misturei. Aquelas mandioca: baiana, uma baixinha... Virou aquela anarquia nos canteiro, mas vingou! As mandioca minha tem três anos. Vai lá ver se não cozinha! Tudo misturado, misturei tudo. Pode apanhar lá que cozinha."*
				"1 - Um vizinho lá que planta... Eu também planto mas é pouquinho milho... Ele plantou do cunha, o milho cunha. Eu tenho a raça. *2 - O cunha antigo?* *1 - É, mas é roxo. Até os grãos, todos grãos é roxo. Eu arrumo pra você. Mas é pra comer milho verde. Não tem nada mais gostoso! Se eu soubesse tinha trazido. Eu tenho umas 100 espigas dele ainda. Vou arrumar procês também plantar. E o vizinho lá tem um moinho. É de pedra mas é elétrico...* *3 - Não importa. Se é na pedra...* *1 - Ele moeu lá e falou: 'vai lá em casa buscar o fubá'. Rapaz, se você ver, ah ah... A mulher fez um angu! Eu falei pra ela: 'vamos comer tudo essa panela de angu!'.* *4 - Sou doida com um angu! Não fala isso não! Lá em casa tem um moinho, podêmo usar ele!"*
				"No ano passado eu plantei no meio duns pés no café. Não deu tomatão não, deu uns tomatinhos. Gente, mas cê ia comer aquilo tinha a casca fininha, aquilo tinha gosto! Eu planto jiló lá no meio do café, pro gasto. Eu já tive jiló, desse comprimento. Já tive três pés de jiló e apanhei 10 quilo pro cara levar pra cidade."
				"Falando das fruta, por causa dos passarinhos... O Pedro viu lá no meu café: o cafezinho meu é oito mil pé de café. O café lá é arrodeado de mamão. Se você ver a passarinhada! Muita gente passava e dizia: 'T., passei lá no seu café, vi mamão maduro, tava com fome, apanhei e comi!.'"

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*"1 - Sabe aquela doença no mamão, aquelas mancha preta? O produto que eu faço lá, que eu ando jogando no café... Falei: 'vou jogar isso no mamão pra ver'. Porque não comia mamão mais não por causa daquela doença. Joguei o produto que eu fiz e acabou aquelas doenças. Um rapaz que tava lá me ajudando a banhar o café falou: 'ô T., lá em casa tem uns mamão comprido assim e eu não como o mamão mais porque é só doença. Você não me dá um pouquinho desse remédio?'. 'Mas dou uai, leva e joga'. Quando passou 15 dias ele apareceu e falou: 'vai lá pra ver os mamão que beleza que tá!'.* *2 - Como que é o seu produto que o senhor faz?* *1- Eu ponho é folha de isope, carqueja, mamona, com cacho, talo e tudo, e... Qualé o outro?... Santa maria* [erva que leva este nome]*!* *3- Aquela fedida?* *1 – É, fedegosa! Misturei tudo com folha de fumo e fervi numa lata. Aquilo ficou pretinho. Eu ponho um litro daquele produto em 20 litros d'agua e banho. Piolho na couve não fica nada! Formiga, também, mas não é na hora igual você por o veneno. Formiga tá picando lá você vai lá e despeja um cado no buraco dela. Amanhã você torna a voltar e por. Dentro de oito dias não tem formiga mais, limpa tudo.* *3 - Eu já fiz aqui várias vezes: você pega folha de santa bárbara com a semente, folha da mamona... Eu faço é com a mão, arrebento ela com a mão, não gosto de por faca cortante em nada. Faz com a mão, rasga e joga dentro de um balde e deixa com água. Eu faço de manhã, de tarde você vai lá onde tá o ninho, você abre e quando vê aquele branquinho você despeja e encharca. Deixa até cair pro chão, arrebentar o ninho. Mas ali elas intoxica, mata que não sobra nada.* *1 - Eu vou te dar uma ideia: a mamona você não faz isso com a mão não, porque você vai torcer e vai ficar aquele sumo na sua mão. Arruma um pano, faz uma malinha e com um pedaço de pau e malha ela."*
				"1 - A folha de santa bárbara, se você pôr de molho na água e banhar uma vaca com carrapato, limpa tudo. *2 - Alecrim também, de varrer terreiro, com aquela erva cidreira também, pra carrapato é uma beleza."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*"1 - Você conhece aquelas roxinha também, que dá no campo? Que dá nas cavas, parece trapoeraba?* *2 - Conheço!* *1 - Você sabe que uma vez eu fiquei oito dias internado com pedra nos rins? Era pra fazer uma cirurgia, era pra tirar o rim fora, do lado esquerdo. Já tinha ido no médico. Aí minha mulher falou: 'mas roxinha é tão bom, uai?'. Mas é mesmo! Eu lá internado lá no hospital, ela cozinhava aquilo em casa e levava uma garrafa descartável pra mim e eu tomando. Isso tem 20 anos. Um dia o médico entrou no quarto pra me examinar: 'mas que que isso?'. Eu falei: 'isso é chá do mato'.* *2 - Aí xinga!* *1 - Não, ele não xingou! Falou: 'você pode usar, se você acha que é bom, pode usar. Aí me deu alta, vim embora pra casa. Aí marcou outro exame quando fez três dias. Eu fui fazer o exame e o médico falou: 'uai, os cálculo seu já tá tudo no canal da urina'. Rapaz, quando aquilo saiu, parecia grão de arroz, saiu sangue junto, saiu quatro. Nunca mais eu tive cólica, nem no médico eu não voltei mais.* *2 - Aí às vezes você vai contar isso pra outra pessoa e eles vão falar assim: 'foi uma coincidência, já tava pra sair'. Isso pros ignorante... Porque a gente sabe: o chá você tem que beber e ter fé que ele vai resolver.* *1 - Tinha uma mulher de idade lá de Ribeirão Vermelho* [cidade vizinha]*, o marido dela reclamou que a mulher tava ruim. Esses problemas, né? Falei: 'experimenta a roxinha que é uma beleza'. Ele levou e ela usou. Passou uns dias ele disse: 'nossa senhora, o santo remédio! Ela foi no vaso fazer xixi e disse que foi aquela catinga. Saiu aquela inflamação tudo'. Tomou e continuou por muito tempo. Acabou o problema daquela mulher."*
				"1 - Sabe que que é bom também? Pra quem tem problema nos rins... Rins e vesícula. É hortelã do campo. Homem não pode tomar não! Mas mulher pode! Toma hortelã do campo também pra você ver, limpa também. Limpa as vias de mulher, limpa rins. Agoniada também é muito bom. *2 - Lá em casa tem agoniada.* *1 - Você não toma? Você lembra que eu te falei que tava com exame pra sair? Eu tava com cisto de três centímetros no rim. Já tava até perdendo a cabeça porque não saía o exame. Eu queria saber o que estava acontecendo, porque no meu pai deu tumor, teve que tirar o rim. E eu: chá de agoniada, chá de agoniada.* *2 - Você faz com o que? Com a raiz?*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*1 - Eu fiz com a raiz e fiz com folha. Fazia cada hora de um jeito. Tomava uma de manhã e de tarde. Quatro ou cinco vezes por semana. E fui fazendo, enquanto não saía o resultado eu fui fazendo. Aí quando saiu o exame, aí fui na Ecomed* [empresa privada de realização de exames de imagem] *e esqueci de levar o exame anterior. Cheguei lá o médico perguntou: 'o que você vai fazer? Pra que?'. Ah, eu tenho um cisto no rim, no rim esquerdo e ele é de três centímetro'. Então ele olhou e falou assim: 'uai mas você tem certeza do que você tá falando?'. Foi olhando, né, falou que não tinha cisto não. 'Tem uma mancha escura', eu falei assim. Ele disse: 'não, não tem nada aqui não! Eu falei assim: 'não sei se é uma mera coincidência, mas desde o dia que falou que eu tinha eu tomo três vezes por semana chá de agoniada. Ele falou assim: 'agoniada tem uma função dela de retirar, ela arranca qualquer inflamação do organismo'. Mas cuidado, não pode tomar muito não, tem a quantidade por semana certa. Eu tô falando: peguei a fé e vou curar com esse chá. Não puis remédio na boca, remédio de nada na boca. Porque botou o comprimido na boca fica dependente. Tem que evitar o primeiro."*
				"1 - O maior respeito que eu tenho, que nós todos devemos ter, eu falo que é com a mãe terra e com a irmã água. Eu tenho o maior respeito: na terra, você não joga um saco plástico. Você não gospe no chão, você não bate o pé... Se nós tá em pé é a terra, se nós come é a terra, quem come nós é a terra, o nosso corpo. Ela é a principal. Eu falo: o primeiro passo é a mãe terra e irmã água. Se nós não tiver esses dois nós não tem nada, nós não vive, não tem nada. A água, a árvore, até a pedra precisa da terra, entendeu? Tudo! Então, tem que respeitar muito. Eu falo: 'não bate o pé no chão, não xinga, usando a terra de... Porque ela não tem culpa da sua raiva não. Então respeita isso aí. *2 - Eu já vi gente falar: 'ô terra escomungada'. Você já viu?* *1 - Isso!* *2 - A terra é a coisa mais abençoada e sagrada que nós temo!"*
				"Porque a natureza ela que ensina a gente... Porque que antes da chuva vem o vento? O vento vem e faz isso com a árvore [gesticula como uma árvore balançando]*, afrouxa ali beirando as raízes pra água entrar na terra. A natureza é mais perfeita que o homem. O homem não entende e é o maior destruidor da natureza".*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região A (representantes)	*"1 - Meu pai mesmo já chegou a falar pra mim: 'cê esgota aquele brejo lá porque aí dá procê plantar lá tudo'. Aí eu falei pro pai: 'pra que se tem tanto lugar pra plantar? Deixa a água, tá tudo quase secando, uai'. Aí foi nascendo as árvores: sangra d'agua, mangue... Foi nascendo, aí chegou um ponto que um dia, por um acaso, eu vi lá que brotou! Nasceu a água! Na seca braba ela coisou!* *2 - Ô R.* [camponês que estava contando sobre a recuperação da nascente em sua propriedade], *a água nasceu sozinha? Porque lá em casa, L.* [falando com o marido, presente no EPS], *eu tava pensando... Lá onde é a cisterna nossa você pode aumentar ela e plantar mais sangra d'agua...* *1 - Agora, pra você ver, eu preservei essa água aqui. Serviu só pra mim? Não! Serviu pro L.* [referindo-se à outro camponês, presente no EPS]. *O L. ta lá em baixo, a terra dele não tem uma nascente, mas a minha que eu fiz brotar aqui desce e vai passar lá na casa do L.. Não é só pra mim! É o que eu tô te falando: um não tem nascente aqui, mas ele vai infiltrar água pro outro lá em Ribeirão Vermelho* [cidade vizinha]*."*
				"Eu imagino que a nascente nossa é igual aquela abelhinha, a arapuá, lá no cupim. O mel ta lá em baixo e ela faz a veia e vai lá fora fazer o canal dela. Então eu tenho que preservar aqui, porque, às vezes, a minha propriedade ela tá aqui mas a da L. [referindo-se à outra camponesa, presente no EPS] *tá lá onde vai abastecer lá em baixo. E essa tem que ser a preocupação. Porque, às vezes, eles falam: 'preservar a nascente, cercar 20 metro em roda'. Às vezes a solução não tá só aqui nessa nascente, a solução tá lá do outro lado que vai encher o lençol. Porque as nascente é os lençol que solta as veia de água. Então não é só preservar a nascente, nós temos que infiltrá a água do solo. Como? Não é só através de plantio, porque tem muita água desperdiçando nas estradas. Bacia! Encher isso aí, quanto e quanto mais. É um projeto grande, nós tem que encher lá em baixo. E qual é a maneira? Curva de nível e plantio corretamente* [referindo-se ao plantio utilizando técnicas agroecológicas]. *Então o que eu volto a falar: árvore resolve um tanto, ajuda. Mas não resolve se nós não encher lá em baixo. Não é plantar só árvore nas nascentes não, nós tem que segurar a chuva no solo."*
			Região B (representantes)	*"1 – Eu acho que se você não jogar veneno na horta a própria horta atrai pra ela os predadores. Aí você não mata. Porque se você mata um, aí aquele que ia se alimentar daquele, ele vai acabar procurando outra coisa pra se alimentar. Aí ele vai virar uma praga. Então se você não joga veneno nenhum na sua horta, ela mesmo produz os bichinhos. Eles vivem lá na natureza.* *2 - É que eu falo, assim: porque é tanto inseticida que vai sendo jogado que cê pode acabar com os insetos. Os predadores são poucos, não tem tanto assim mais não."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região B (representantes)	*"Os bichinhos uns controlam o outro. Outro dia eu vi um controle natural. Até tentei fotografar mas não deu certo. Talvez você já tenha visto: os formigueiro soltam aquelas tanajuras, né? Grandona com asa. Então eu vi um bezourinho, que é o predador. Que cada lugar que aquela tanajura corta asa e afunda no chão, forma um formigueiro. Então, eu vi ali um bezourinho verdinho, aqueles bem cintilante, matando a tanajura. Então, é um predador natural pra formiga que atrapalha a plantação. Acho que ele mata pra comer."*
				"Tem o da cana, o da cachaça, é natural, uai. O vinhoto! É fertilizante e é natural. Não precisa esquentar a cabeça não, é o bagaço da cana. Tritura ele... Nossa senhora, ele é um fertilizante! Cê joga numa planta e nossa!..."
				"1 - Ó, o caramujinho, eu não sei se você já sabe, mas uma coisa que pega muito é cerveja [utilizado como nematicida não-tóxico para quem maneja]. *2 - Cê faz isso pra chamar ele, né?* *1 - Ele cai lá dentro e morre tudo. Põe num copinho, numa vasilinha e ele entra dentro da vasilinha."*
				"1 - Armadilha é essa garrafa PET branca. Põe detergente amarelo, tem que ser amarelo. Porque a cor amarela atrai. Se você for na laranjeira que tá dando broca de laranja ou qualquer coisa... Fura um buraquinho de lado da garrafa, pendura ela e detergente amarelo no fundo. A broca vai procurar aonde tá o amarelo. Ela vai rodeando ali e cai no buraquinho. Já era. *2 – Detergente! E isso serve também praqueles...* *1 - Pra horta também!"*
				"1 - Na última reunião que teve lá na UFLA [referindo-se à uma reunião, convocada por responsáveis pela compra de alimentos para o restaurante universitário da UFLA e pela Emater, para apresentar uma proposta de compra institucional de alimentos da agricultura familiar]*, eu não sei quem é que levantou lá, falou que arroz não podia vender porque a região nossa não produz arroz. Você pode não plantar, não querer plantar e não querer produzir. Mas produzir, produz. A vida inteira produziu.* *2 - Eu planto arroz, mas não vendo não. Aqui a gente quase não compra arroz, feijão...* *3 - Limpa no pilão, F.?* *2 - Não, eu mando limpar. Ah não, porque pelo amor de Deus, né? De alguma tecnologia eu gosto!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região C (representantes)	*"Tem aquele meu bananal novo lá... Quatrocentos pé com milho no meio. O bananal se você ver agora como que ficou: ah, mais ficou bonito demais! É porque plantei o milho no meio das ruas, tirei o milho verde e o restante secou. Só deitei a palha. E agora tá lá, já tá decompondo aquela palha que é do ano passado."*
			Região D (representantes)	*"1 - Só de comparar o que a gente tem hoje, do que a gente consome... A gente tem hoje em casa mandioca, criação de porco, criação de frango, a horta. Você pode comparar isso hoje tudo a um preço de mercado de produto orgânico. Que você mesmo tá cuidando pra você ali. Aquele cuidado que você tem. Então não é um preço de mercado de um produto que tá no verdurão comum, é um produto que estaria num local onde tem coisas orgânicas. O valor do orgânico é três vezes mais. Eu converso isso lá em casa: a gente tudo o que coloca na mesa, que a gente vai comer, a gente saboreia, come e fala: 'nossa, é outra coisa. Eu pagaria x por isso aqui'.* *2 - A J.* [referindo-se à filha dela com o camponês que estava falando anteriormente] *não gosta de morango, né, do supermercado. Aí eu plantei, arrumei umas mudinhas e plantei em duas vasilhinhas. Aí começou a dar. A J. não dá sossego: todo dia ela vai lá ver se tem morango maduro. Ela come tudo! Ela fala: 'mãe, esse aqui não é azedo, é docinho!'."*
				"1 - Pedro deixa eu falá uma coisa procê: eu tenho um tio, chama L.. Ele tava com uma vaca lá, tava ficano uma grana com ela. Essa vaca lá não queria levantá não. Aí ele foi num benzedô. Foi lá e chamô o Sô Z. M.: 'onde é que ela tá?' O que que ela qué, a vaca? Ocê tem fé? Cê crê?'. Primeiro, três coisa: os outro fala de religião. Religião não existe... Tem um monte de religião, Deus qué que ocê crê e acredita. Não adianta ocê ter religião mas não acreditá nas coisa. Aí ele perguntou o L. se ele tinha muita fé e disse: 'você vai chegá lá e não vai achar a vaca deitada mais. Ela vai tá lá no pasto'. Quando ele chegô a vaca não tava deitada mais. *2 - Picada de cobra, por exemplo. Benze por causa de cobra também."*
				"Ocê vê então os pássaro. Ocê vai no mato, aí tem uma árvore cheia de fruta. Se o passarinho não tá mexendo não come não que é veneno! Mas se o passarinho tivé comendo, pode panhar e cumê a vontade. Se o passarinho comeu, cê pode cumê."
				"Tem muita alternativa... É assim: se gente não tem, tem que buscá. Por exemplo, o gado. O que que pode substituir o adubo hoje, coisa natural? É aquele pó de pedra. Só não tem o nitrogênio, mas nitrogênio cê entra com feijão, leguminosa e tal."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	Região D (representantes)	*"1 - Tem um* ["insumo"] *orgânico facinho pro milho. Sabe como que é? Tem um orgânico pra defendê o milho sem herbicida. Facinho de fazê ele. Só a lua. Vê a lua pra plantá um milho. Na minguante não dá praga, não dá nada.* *2 - Ô G., deixa eu te perguntá: e se por exemplo eu começar a plantar o milho mas aí vem a chuva e não deu tempo deu plantar tudo e amanhã tá terminando a lua.* *1 - Cê vai vê uma coisa: aquele que ocê plantô na minguante vai ser uma coisa e o outro que cê plantô na otra lua é otra. Ocê pode ter pra experiência, viu?* *3 - O arroz se não plantá na nova não sai também não."*
		Experiências e ferramentas sociais emancipadoras	Região A (representantes)	*"1 - A explicação do MPA* [referindo-se à palestra do membro do Movimento dos Pequenos Agricultores realizada no Segundo ESP] *foi muito importante também. É uma coisa assim pra gente tá refletindo. A gente aprendeu muito com José, acho que a gente tá perdendo é muito tempo. E ele foi duma simplicidade tão grande! Abriu bastante e mostrou pra gente o sentido da coisa. Eu me senti é assim: 'acorda, fulana, você tá dormindo!'* *2 - E igual a L. falou... É movimento todo mundo pensa: 'pobre falando em movimento é baderna'. As pessoas fica com medo disso, mas não. Então o Zé Carlos mostrou que não tem que ter medo de se organizar. Eu gostei muito da palestra desse cara...* *3 - Esse Zé Carlos, desde a primeira vez que eu vi ele eu falei: 'esse aí entende, esse aí é dos nosso!'."*
			Região B (representantes)	*"1 - Se não iniciar não vai, tem que pegar e mãos à obra.* *2 - Iniciar e união também. Porque um sozinho não ia conseguir o que fizêmo* [referindo-se ao processo social realizado de forma coletiva por meio desta pesquisa-ação, até a presente atividade]*. Um ajudando o outro, trocando ideias, né? Acho que é isso aí."*
				"1 - Sim, um tem uma ideia, outro tem outra. Aí vai juntando quatro, cinco, seis, dez e cê consegue levar uma ideia boa... Que dê uma boa, que dê resultado!. *2 - Muitas ideia faz uma grande.* *3 - Uma cabeça pensa sozinha... Duas, três já pensa melhor!"*
			Região D (representantes)	*"Você tá passando a sua sabedoria pra mim e eu tô passando alguma coisinha. Eu tô aprendendo com você e você tá aprendendo comigo. Isso aí é como se fosse um apoio. Você vai por um parafuso e não apertar ele? A roda vai sair. Então, e nós? Nós tamos fazendo aqui perfeito o planinho* [referindo-se à construção coletiva que foi sendo feita desde o Primeiro EPS]*, que nós tamo aprendendo com você e você tá aprendendo com nós."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Experiências e ferramentas sociais emancipadoras	Região D (representantes)	*"Desde o começo que a gente começou a conversar e tudo sobre esse papo* [sobre a questão do impacto dos agrotóxicos à saúde, referindo-se aos trabalhos de campo do mestrado]*, dentro da nossa casa a gente mudou muita coisa, muita coisa. A gente tá fazendo o possível pra dentro da nossa articulação mudar aos poucos* [a forma de produção]*. Também pra gente não sentir muito o impacto, né? A gente vem diminuindo* [o uso de insumos químicos]*. Hoje chega um agrônomo lá oferecendo um produto a gente já recusa e fala: 'não, eu vou analisar, vou verificar, ver se realmente é preciso usar'. Tem que regrar até achar o equilíbrio, né? É outra coisa! A partir do ponto inicial, todo esse tempo desde que você passou lá em casa* [referindo-se ao pesquisador, quando este esteve na propriedade do camponês fazendo a entrevista do mestrado]*, a gente conversou. Tá aí: a quatro, cinco anos com o projeto ativo ainda, com força."*
				"Eu já vi isso muito na minha vida, eu tô com 69 anos. Se eu não tiver amadurecido na vida quem vai amadurecer mais? É igualzinho o cacho de banana, você vai lá na bananeira, se ele tiver granado e não amadurecer, não amadurece não. Então, se tem gente que não é maduro na vida, não tem mais experiência na vida, então tem que dar experiência pra ele. Igual eu falo com vocês: vocês tão na cidade, estudando, o que tá passando experiência pra vocês é leitura. O que nós tamo passando procês é experiência nossa da transição. É o ditado: é uma padaria, se você não levar a mão na massa você não faz pão não."
				"Essa menina [referindo-se à uma das estudantes membro da equipe de pesquisa] *não tava no primeiro dia que nós encontramos lá na cidade* [referindo-se à atividade anterior realizada na Eterna Misericórdia] *não, né? Nem lá em Claraval* [referindo-se à visita realizada à propriedade da família camponesa no município de Claraval]*. Eu falei um negócio lá que eu vou falar procê: cê tá estudando não tá? Mas não fica só no se estudo não. Põe sua cabeça pra se prender na leitura do outro. Você precisa ter a leitura hoje é da cabeça do outro."*
				"Meu pai sempre falou isso pra mim: cê tem que ter o seu original. O aprendizado vem de coisas prontas, né? Mas cê tem que ter a sua visão e abrir seu caminho. Abrir sua energia."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Experiências e ferramentas sociais emancipadoras	Região D (representantes)	*"O do Whatsapp também tá interessante* [referindo-se ao grupo do aplicativo Whatsapp® criado pelo pesquisador com os camponeses e camponesas que participaram da pesquisa-ação desde o Primeiro EPS]*. Às vezes alguém coloca alguma dúvida, alguma coisa, se alguém já tiver prática daquilo... Às vezes até filmar, fazer uma gravação... Hoje a internet na roça tá bem fácil, né, ajuda bastante. Então, assim, grava um pequeno videozinho ali, mostra com detalhes alguma coisa que ele fez que deu certo. 'É o seguinte, essa é minha horta. Eu fiz isso, olha cumé que tá minha alface...'. Grava um videozinho e já fala, fica explicativo. Eu e o R.* [referindo-se ao irmão] *lá, a gente usa muito isso. A gente tem alguma dúvida em alguma coisa a gente usa muita internet a favor. É claro que a gente confirma com uma pessoa de confiança se isso vai ser adequado, né? O mundo hoje tem muita informação. O Youtube® também... o Youtube a vantagem é que você assiste o que você tá quereno saber e logo embaixo tem os comentário. Sempre tem gente com crítica construtiva e crítica criticando o vídeo também. Aí você faz um balanço e aí você decide se vai usar, se vai fazer ou não. Ajuda muito."*
	Capacidade de Significação – motivação:	Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores	Região A (representantes)	*"Mas depois que a gente tiver estruturado, a hora que eles* [camponeses das comunidades em geral que estão descrentes das possibilidades da agroecologia e da organização camponesa] *tiverem vendo isso aí, eles virão atrás. Bom! Feliz de nós que vamos ser exemplo e trazer gente pra minoria. É isso!"*
				"1 - Eu quero! Eu quero fazer assim [produzir e viver de forma agroecológica]. *Agora, se os outros quiserem acompanhar, vamos também! É bom! Mas a primeira consciência é a da gente, pra, aí, os outros vim, uai.* *2 - Lá na frente muitos vai querer."*
				"1 - O exemplo é aquele cara lá de Claraval [referindo-se ao técnico da Emater desse município, que trabalha voltado para a agroecologia]. *Ele é um técnico, um agrônomo da Emater... E nós xinga tanto a Emater aqui em Lavras. Como diz, esses dias eu tava pensando, nós xinga tanto a tal da Emater mas apareceu também aquele cara, apareceu o T. lá na UFLA, da Emater de outra cidade* [referindo-se ao coordenador regional da Emater de Sete Lagoas, presente no 1° Encontro de Agroecologia de Lavras, que trabalha voltado para a agroecologia]*... Pessoas maravilhosas! Então nós não podemos xingar a Emater, nós tem é que mudar a Emater daqui, entendeu? Então quanto mais a gente conseguir fazer número, mais nós vamos se organizar e fazer número. Se a gente conseguir ser um exemplo pros outros aí nós vamos ser um órgão. Um órgão! Igual eles* [Emater]. *2 - Aí a Emater vai aprender com a gente!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores	Região B (representantes)	*"Então, eu espero o mesmo que todos: que mude realmente! Que a gente consiga dar um passo maior sempre. Porque é importante tanto pra gente quanto essa parte de vizinhos. Pra gente trazer os vizinhos de volta. Com a gente fazendo, até aqueles que falam que não vai dar certo, que tem que ter o agrotóxico, eles vão ver a gente fazendo e vão ver que realmente dá certo. Daí eu acredito que a gente não pode perder o foco e a gente tem que estar sempre seguindo em frente, buscando novas parcerias e agregar. Aí os outros vão vir, vão ver que está movimentando, que a gente tá fazendo o certo, que a gente tá indo pro melhor caminho. Os outros vão ver e vão também participar, vão ver que realmente é o que a gente precisa. É uma questão de organizar, e eu acho que é isso que a gente tem que ver como que a gente vai fazer lá no próximo dia de encontrar* [referindo-se ao próximo EPS]*."*
		Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"Por isso que eu tô te falando: a organização ela vai ter... Nós vamo ver se vamo ser uma cooperativa ou se vai ser uma associação... Ela pode criar não somente na organização como na troca da produção, da experiência, da vivência. Porque não é só plantar sem veneno. É tirar da terra o nosso sustento! Não é só pra comer, é o chá pra pressão, pra rim, pra isso... Não é só a alimentação pra matéria não. É a alimentação!"*
				"Então, às vezes, você tem a ideia mas você não tem a força. Aí você precisa de mais gente. A gente tem a ideia [referindo-se à transição agroecológica] *e por isso que tem que passar a ideia da gente pra mais gente."*
				"1 - Isso aí [transição agroecológica] *vai ser bom pra nós, muito bom. A gente tem que levar é pra frente, juntar o quanto mais pessoas pra fazer melhor. Mais união, mais organização.* *2 - A união faz força né.* *1 - Faz.* *2 - É igualzinho carro de boi."*
				"Essa organização nossa tende a melhorar mais!. E outra coisa, vamos trabalhá pra chegar mais o povo junto!"

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"1 – Você* [apontando para uma das estudantes da equipe de pesquisa, presente no EPS] *vai formar e vai embora? Talvez a hora que você formar nós não vai se ver mais, você não vai ficar por perto de nós... Mas você vai lembrar dessa conversa que nós vai falar hoje: vai te surgir a oportunidade de um bom serviço, você vai chegar nas propriedade e vai querer fazer aquela propriedade produzir, sei lá... Vai fazer seu trabalho, mas lembra que um dia um camponês te falou o seguinte: 'eu tô fazendo isso, mas eu tenho que fazer a propriedade de outra forma', tá? Você engenharia florestal, ela agronomia... Não é porque você formou pela universidade aqui e te foi ensinado esse padrão* [referindo-se ao ensino hegemônico do modelo do agronegócio nos cursos de agrárias da UFLA] *que você vai ter que trabalhar assim. Então, aqui apareceu nós pra se juntar. Agora você vai ser uma semente. Você já viu aquele dente de leão, que você assopra assim e voa? Nós é um pendão de dente de leão, nós aqui. E vocês faz parte! E agora vão ser soprado. Então vai lançar vocês que vocês vai parar num outro lugar. Então quando você chegar nesse lugar, mesmo que aquela região seja toda equipada, tecnologicamente, e coisa, começa a plantar na ideia deles a semente. Chega com essa ideia. Eles vão te criticar, não querer que você trabalhe, mas começa! Porque é de grão em grão que a galinha enche o papo, entendeu? Nós tá aqui lutando, que o T. vai lutar com os filhos, eu com os meus e ele com os dele, e todos nós luta com nossos filhos! Que é a semente que nós vai poder ser! Nós não é técnico pra poder ensinar pros outros, agora, você vai ter maior público. Então começa essa semente lá por nós, por eles e por você, tá?* *2 – E o bom disso aí é que se eles* [referindo-se à professores da UFLA] *falarem que não dá certo, você pode até levar o professor lá na propriedade minha pra ver o que eu faço. Pra ver na dele, na do L.* [referindo-se a outros camponês, presente no EPS] *... Tá sendo assim e pronto! Porque senão eles falam: 'ah eu não acredito nisso', né L.?* *1 – E nós já tivemos um avanço com o primeiro Encontro Agroecológico da UFLA. Isso já foi um avanço, uai. É isso o que eu tô falando: eles* [referindo-se aos estudantes da equipe de pesquisa, presentes no EPS, que estão envolvidos nos Núcleos de Agroecologia da UFLA e organizaram o evento na UFLA] *chegaram e jogaram uma semente lá. Lutaram, a sementinha germinou, e então já quebrou um tabu. Então, por isso que eu to falando, cada um vai pra um lugar e lança essa semente lá ó."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"Exemplo: o T.* [referindo-se a um camponês presente no EPS] *tem o conhecimento lá do mamão, de uma coisa. Ele vai me passar, eu vou passar um pra ele, o L. passa outro... Então nós vamos conseguir produzir com as trocas. Que eu sempre falo: nós não consegue mudar rápido porque nós temos que aprender técnicas. Porque aquele cara lá em Claraval* [referindo-se ao camponês agroecológico visitado em Claraval]*, ele usou uma fonte, não sei se é nitrogênio ou potássio, da água de peixe. Nós não temos isso, mas nós precisamos dela. O peixe nós não tem mas, por exemplo, a palha de café misturada com terra desbarrancada, vou chutar* [metáfora para dizer que é um exemplo hipotético]*, dá isso! Porque se eu faço aquilo que o T. passou pra mim, o que eu melhorei e o que eu não fiz certo, eu passo pra L.* [referindo-se a uma camponesa presente no EPS]*, entendeu? Nós temos pouco conhecimento, então, às vezes, nós vai precisar de uma ajuda técnica. Porque nós não tem a água de peixe aqui mas, de repente, ela* [referindo-se à estudante de agronomia que integra a equipe de pesquisa, presente no EPS] *fala assim: 'em matérias tais tais, juntando as três técnica de vocês, aí vocês conseguem formar o nitrogênio, o fósforo, entendeu? É só isso que nós tá precisando: trocar nossas técnica e um agrônomo ecológico!"* *"1 - Deixa só eu te perguntar uma coisa: isso tudo que tem relato* [apontando para o gravador de áudio]*, você tem tudo guardado aí? Porque eu acho que nós vamo chegar num ponto... Esses menino* [referindo-se aos estudantes membros da equipe de pesquisa, presentes no EPS] *às vezes não vai tá aí mais, mas vão chegar outros... Vamo fazer uma apostila! Desde a primeira organização* [referindo-se ao Primeiro EPS] *até a troca de saberes disso tudo. Não vou falar um livro que um livro é uma coisa maior... Porque hoje tá o T., tá eu, tá L., tá a L., mas amanhã nós não tá aqui mais... Mas os nosso filhos vão ter: 'olha como eles começaram pra nós tá aqui desse jeito que tá! Então é isso! Se tem relatado, vamos supor, uma parte do livro vai ser a de apresentação: como foi feito? A segunda parte, as reunião. A terceira parte uma troca de saberes. E vai vim mais coisas pra frente, entendeu? Porque eu tô aqui falando tudo que aconteceu mas amanhã eu já não lembro de mais nada... E aí já vamos ter tudo anotado. Ele falou esse negócio do mamão, vamo fazer uma aula pratica! Vamos lá, por exemplo, ele dá a explicação como que é, e nós batendo fotos dele explicando como fazer o produto, entendeu? Aí a gente vai, passo a passo, montando, troca de saberes, todo o conhecimento que nós temos, de todos os participantes. Depois vamos fazer aula prática, ele ensinou isso aqui, vai lá bate foto, ele põe a escrita na receita: já é uma pagina! Aí nós vamo consultar essa matéria dele no livro!* *2 - Vem aqui e cada um vai botar um conhecimento, ou dez, quantos tiver! Aí todos os conhecimentos vão pra esse livro, todos os conhecimentos constar nesse livro. Pra que os nossos sucessores pegue isso e modernize isso mais ainda. Vai multiplicando!*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"O T. tá lá com uma experiência num feijão lá. É lá que vai ser! O L. tá com uma experiência na bananeira lá. É lá no L.! Onde tem uma experiência* [agroecológica] *é que nós vamos, não importa a distancia! Eu acho que agora nós não vamo olhar a distância: é onde tem! Nós não fomos lá pra Claraval olhar uma experiência? Nós não adamos de mais pra ir lá? Então, a onde tiver uma experiência nós vamo indo!"*
				"Ô Pedro, e se ocê vim cá [referindo-se à propriedade do camponês onde estava sendo realizado o EPS] *e filmar a água dele* [referindo-se à experiência agroecológica de recuperação de nascente realizada pelo camponês] *e levar lá na Eterna* [Eterna Misericórdia, local de realização do próximo EPS entre os camponeses representantes das comunidades] *e mostrar lá pra todo mundo* [referindo-se aos demais camponeses representantes das comunidades]*? Eu acho que é uma boa pra unir o povo."*
				"Sabe o que que eu acho? Eu tive uma ideia pra dar uma firmada na turma [referindo-se aos demais camponeses representantes das comunidades]*: a gente fazer um encontro de troca de saberes de produção de tudo. Englobar tudo na troca de saber: dum uso de um remédio pra dor nas perna ao remédio pra banhar o café. Por exemplo, você vai convidar a F.* [referindo-se a uma camponesa de outra comunidade]*: 'mas eu não tenho nenhuma experiência'. Mas o seu pai tem, o seu tio tem, leva a experiência de uma pessoa que tem então'. Nós fazermos uma troca de saberes, que eu acho o que reforça bastante é a sabedoria. É o que tá reforçando a participação! Porque desde que a gente veio de Claraval, com os conhecimento, e começou, eu achei que a troca de saberes forçou o grupo a se encontrar e se conversar. Então, eu acho o seguinte: fazer uma reunião de troca de saberes, de conhecimento, e eu expor: 'gente eu tô com problema de piolho na couve. Eu já tentei mamona, já tentei...'. Então o D. levanta e fala: 'eu tentei lá isso'. Eu anoto, a gente anota, cê entendeu? Eu acho que isso aí vai tá valorizando mais a participação de todos. É a troca de saberes! Tudo que a gente tiver de informação, eu vou passar, o T. tá lá, o L. tá lá... Aí, de repente, eu falo assim: 'eu tenho a experiência com a água* [referindo-se à sua experiência agroecológica de recuperação de nascente realizada em sua propriedade]*'. Então aí, a gente vai fazer um cadastro e a gente vai fazer um encontro lá pra ver a experiência. Então, abre a reunião: troca de saberes, conhecimentos! Nós vamos só falar em conhecimentos, já entra assim: 'seguinte, tem alguém que tem algum problema sério que tá afetando a sua produção? Seríssimo, que é uma coisa de urgência?'. De repente ela lança lá e o cara das Três Barras fala* [referindo-se, como exemplo, à Comunidade rural das Três Barras]*: 'não minha filha, a bomba eu também tive problema. Tem que por válvula nos canos'. Entendeu? Aí acabou a parte dos conhecimentos, agora nós vamos saber da nossa organização. Essa é a ideia: de manhã troca de saberes e depois do almoço a organização."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"E mais uma troca de saberes, porque a gente sempre tá aprendendo coisa nova! Aí o T. fez certo lá no cafezal contra ferrugem. Vamos lá aprender com ele o que ele fez. Então essas reunião vão ser marcada, fáceis ou difíceis, onde tem um saber que foi feito e testado e que deu certo. Eu acho que é assim: organizar e dar espaço pra cada coisa. Troca de saberes assim: vai lá no T. aprender como controlar o café. Vamos levar troca de saberes: 'tem mais alguma atividade nova que alguém aprendeu? Eu aprendi a pulverizar vaca com isso tal; vai no L. pra ver um trabalho com a bananeira...' Tem alguma troca, dá um espaço pra novos aprendizados! E cada teste que a gente foi saber vai gerando mais. Depois volta no T. que fez outro teste lá: plantou um feijão lá e jogou cinza, cinza do fogão, e deu certo! Vamos lá no T. de novo!"*
				"Eu vou te falar o seguinte: eu já passei experiência com formação de associação, o L. também já viu. Nós não pode chegar que nem tão usando fazê: chegar numa reunião e falar de amanhã, oito horas da manhã: 'nós temos que se organizar por causa disso aí tudo, e duas horas da tarde nós temos que sair daqui formados representantes'. A pessoa tem que pensar, lançar a ideia... E numa próxima oportunidade voltar só pra formar os líderes voluntários que vai trabalhar nisso aí. Essa pressa é o que tá acontecendo em várias associações e não tá funcionando: 'você aceita ser o presidente da associação? Porque você fala bem... Ah, você aceita. O L. vai ser o vice e o D. vai ser o secretário'. Tão assim formando as associações. E não dá tempo de você pensar. Então tem que ser lançado a ideia e numa próxima marcação... Aí, por exemplo, troca de saberes e lançamento da ideia de organização. Na próxima pode ser uma troca de saberes e formação da organização. Eu falo assim porque a formação de organização ela tem que ser lenta. Não apressar ela pra ela ser bem feita. Porque todas as organizações que foi feita aí tá tudo dando errado. Porque com a rapidez, chegam e são manipulados. Igual a associação lá do mercado [referindo-se ao Mercado Municipal de Lavras e à associação dos feirantes]*: 'tem que arrumar porque vai vim uma verba lá pra recuperar o mercado. Então tem que formar associação pra fazer isso'. Não é assim gente! Tem que fazer uma associação pra resolver o nosso problema, não é pra ganhar dinheiro não."*
				"Ô Pedro, se quiser qualquer dia fazer aqui [oferecendo sua propriedade, onde estava sendo realizado o EPS, para realizar outras reuniões e encontros dos camponeses]*... Até eu tinha a minha ideia e a minha filha até riu pra mim. Falou: 'pai vocês vai assustar eles se você falar isso pra eles'. Falei que a minha ideia é que eu ia fazer uma mesa ali no terreiro pra gente sentar. Numa mesa redonda com agua e café. O dia que for pra fazer uma reunião dessas eu acho que a gente deve programar uma reunião que não use tecnologia* [referindo-se à computador, projetor, apresentação de slides etc.]. *Vamo fazer de baixo da arvore lá. Não precisa de salão e cadeira não. Vamo sentar lá no chão de baixo de uma árvore e vamo falando lá. Cê entendeu? Fazer reunião é isso!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	Região A (representantes)	*"1 - O que o G.* [referindo-se à um camponês de outra comunidade] *falou na Eterna Misericórdia* [referindo-se ao local onde foi realizado o Segundo MPSOC] *sobre os benzedores... Porque os benzedores eles tem as raízes dos remédio. Então quem tem raiz na família, nós vamos trocar essa experiência de remédios natural. Nós vamos pôr esse tema.* *2 - É igualzinho você acabou de falar aí, vamo falar de um remédio que valeu...* *1 - Eu tenho um conhecimento grande, o T. também tem. Então nós vamos passar pra quem não tem. Tem mais gente aí que tem também conhecimentos.* *2 - Agora cê sabe qual que é o bom? O dia dessa reunião aí* [referindo-se ao próximo EPS]*, se for ter, se ocê quiser levar alguma coisa do que cê sabe, eu também levo uma rama* [referindo-se às plantas medicinais]*. O Pedro fala pro G. levar também um ramo.* *1 - É igual um dia, eu mostrei pro D.* [referindo-se à um dos estudantes da equipe de pesquisa presente no EPS e que fez o DRP com o camponês em sua propriedade]*, eu faço um remédio de ervas com 22 ervas. É um remédio que é um espetáculo pra machucado, mordida de marimbondo. É um curtimento. Pode tá expandindo isso pro pessoal.* *2 - Ocê marcando a reunião, você vai me ligar, aí você fala: 'cê leva o remédio que ocê sabe'. Aí eu levo os ramo dos remédio.* *1 - Nós vamos ser palestrante! Nós vamos levar as ervas e assim, assim, assim. Eu, por exemplo, eu sei vários."*
			Região B (representantes)	*"Pra nós aqui na roça tem que ser tipo uma cooperativa, entendeu? Por exemplo, o L. tem esterco e eu não. Outra pessoa não tem, então nós temos que trabalhar é praticamente em união, junto ali assim. Ele fornece um produto, uma coisa que ele tem que dá certo para mim e eu a mesma coisa. Tem que ser tipo uma cooperativa, se não, não vai funcionar. Pra nós aqui tem que ser tipo uma cooperativa, porque tem muita gente aqui que não tem condição, tem muita gente aqui que tem uma horta que não tem um esterco, não tem o dinheiro pra comprar um esterco. Porque o esterco é caro, o esterco não é barato. Mas tem muitos que tem aqui, que nóis podemos fazer isso. Vamos atrás: 'ou, não tem jeito de arrumar um saco de esterco pra mim não?'. Pro L. não vai fazer falta, pra mim também não vai fazer falta. Então tem que ser a cooperativa! Que aí funciona pra nóis."*
			Região C (representantes)	*"Às vez eu tenho um jeito de eu trabalhar e o outro trabalha de forma mais fácil, né? Às vez um detalhezinho facilita muito e vai dar o mesmo resultado. Então é, só tem que organizar. Porque pra mim o tronco já tá se movendo... O tronco já tá correndo... A hora que acordar a gente tá longe! E outra, a gente tem que conhecer gente nova, né?"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Produzir de maneira que o alimento seja fonte de saúde (para quem trabalha, sua família e consumidores)	Região A (representantes)	*"Primeiro, antes de eu falar que que eu penso, o que eu vou falar, eu quero dar uma dica pra vocês dois* [apontando para o casal de camponeses presentes no EPS]*: não é porque vocês tá aposentando, que tão com idade avançada, que vocês vai parar não. Porque eu assisti o vídeo de uma japonesa de 96 anos. Eles perguntou pra ela o seguinte: 'como você conseguiu chegar nos 96 anos?'. Ela respondeu, chamou eles e falou: 'vem cá'. E chegou de baixo da parreira e fez assim com a boca e comeu com a boca uma uva do cacho de uva. E falou isso: 'que eu tô com essa idade porque eu só como a pureza, o que o criador, o que o nosso criador deu pra nós. Nós tem que cuidar, pra cuidar de nós, porque se nós quer cuidar de nós, nós tem que cuidar daquilo que vai entrar [no organismo, através da alimentação]'. Então não é porque vocês tá achando que vai aposentar que vai parar, viu Seu L.? Vai continuar sim! Você vai estar velhinho lá com a L. e vão lá chupar uma laranja sem veneno que nós plantou junto, entendeu? Não pra não."*
				"Eu vou te falar o meu pensamento: não pense que essa mudança [transição agroecológica] *é só por dinheiro não. É o que penso. Meu primeiro ponto é viver bem, comer bem, coisa saudável. Porque o que a gente vem aí vendo é que nós e o que o povo tá comendo... Então eu quero comer bem e quero fazer o bem pra quem come. Se eu tiver saúde, enquanto eu mesmo tiver velho, eu falo: eu quero estar produzindo. Agora, se eu tiver numa idade que eu já não tiver aguentando, lógico, a gente vai chegar numa idade que não vai aguentar arrancar um feijão, não vai aguentar quebrar milho... Aí já vai tá difícil, eu não vou ter pra oferecer... Mas enquanto eu tiver saúde, eu quero produzir pra mim e produzir de sobra pra passar saúde pra quem enxerga isso, pra quem valoriza isso da gente. Eu não me interesso em dinheiro não. A gente faz por dinheiro porque precisa, porque uma hora você precisa comprar uma roupa, que tem coisa que a gente não faz aqui na roça, né? Mas eu penso primeiro é pra gente! Comer o puro e fornecer o puro pra outras pessoas que são meus amigos."*
				"É viver bem, ter uma alimentação boa. Deixar de comprar lá no Rex [referindo-se à um dos grupos de supermercados de Lavras] *esse feijão de randape aí, matado com randape. Comer o da gente e depois expandir porque tem muita gente que acredita nessa palavra da gente. Eu mexo lá na feira há muitos e muitos anos e já perguntaram pra mim: 'que que você tinha vontade?'. Eu tinha vontade de abrir uma loja e vender produto natural. Esse é o meu sonho. Mas não pra ficar rico, mas pra chegar e falar assim: 'eu vou lá e fico satisfeito!'. Porque eu tenho gente lá na feira que fala assim: 'meu filho foi criado com inhame lá da sua casa. Tá saudável!'. As mães chegam e falam isso! E quanta gente que fala mais! Então esse é o maior prazer. Dinheiro você larga. O que você deixa é o nome, a qualidade."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Produzir de maneira que o alimento seja fonte de saúde (para quem trabalha, sua família e consumidores)	Região A (representantes)	*"Eles iam lá buscar o agrião pra bater agrião com mel e limão pra fazer, pra ajudar naquilo, na imunidade do organismo. Tem muita gente que volta e fala assim: 'papai sarou com cházinho de agrião que nós fazia do seu agrião'. Isso pra mim que é a vitória! Essa é a vitória, você entendeu? Um dia ouvi um padre falando: 'caixão não tem gaveta, nós tá nesse mundo aqui é pra viver bem e ajudar as pessoas a viver bem'. Dinheiro não adianta. O que que dinheiro adianta? Você precisa do danado e ele estraga as famílias, estraga as amizades, sabe? Então eu quero produzir com a pureza. O povo chama eu de louco. Mas se é assim eu sou louco então, eu quero ser louco."*
			Região B (representantes)	*"Eu quero saúde. Eu acho que o principal disso tudo aqui é saúde. Para mim, para o meu marido, para os meus filhos... E saúde pra terra que a gente trabalha também. Porque é a gente que fica aqui na terra. Porque se você mata tudo, não vai chegar alimento bom lá. Não tem jeito! Então, eu acho que primeiro você tem que fortalecer a base. Que se a base estiver saudável, lá na frente você vai espelhando tudo. É isso que eu quero: eu quero saúde pra nós e dar saúde para outras pessoas. Então, eu acho que precisa de um caminho e eu acho que a organização aqui, que nós estamos fazendo, é um caminho, é um trilho. E eu espero que ele ainda vire uma avenida bem longa e larga."*
			Região D (representantes)	*"Eu penso uma coisa comigo: eu quero é qualidade, não é quantidade. Porque eu quero saber da minha saúde em dia. Dependendo da sua saúde, você come o que você fez. Eu quero é qualidade e não quantidade. Um fazendeiro que tirava oitenta litro de leite era um fazendeirão. Hoje a gente tá com uma ambição que nada chega, quanto mais tem mais quer. Eu quero é qualidade e não quantidade."*
				"O pai sempre fala isso: qualidade, né? Com pouco mas com qualidade. Você não precisa ter muito pra você conseguir crescer demais. Faz pouco mas faz bem feito. E preocupado com a saúde a longo prazo, dos nossos filhos, da sociedade, do futuro. O futuro é esse, né? Eu tenho certeza que é esse. Não tem como continuar assim. Eu não sei... O mundo vai acabar se continuar assim. A gente conversou lá em casa, a gente regra, hoje tá regrando muito mais do que antigamente [o uso de agrotóxicos]. *Veio regrando, regrando, regrando, regrando, pra achar o equilíbrio e chegar num ponto até de cortar tudo esses agrotóxico. A nossa intenção é essa: é saúde e qualidade mesmo."*
				"1 - Eu mais o N. [referindo-se ao marido, presente no EPS] *também, a gente quer produzir com qualidade. Se tiver quantidade bom, mas com qualidade. Tendo uma vida mais saudável. O nosso projeto é esse! Eu acompanho ele, tô ajudando muito.* *2 - Eu acho que nós tamo no caminho mais certo possível. Tem que haver essa mudança* [transição agroecológica]*! Se Deus quiser vai dar tudo certo! E conscientizar as pessoas pra não ir jogando veneno."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Melhorar condições da economia camponesa familiar	Região B (representantes)	*"Eu creio que tendo organização, que dá pra fazer uma coisa bem consistente nisso de produzir sem agrotóxico, né? Que isso vai favorecer muito pra poder vender bem, que é necessário. E daí quanto mais melhorar, melhor!"*
			Região C (representantes)	*"No meu caso, que trabalho nessa área de comércio de frutas, a vontade minha era de ser reconhecido lá no comércio pelo produto que a gente produz. O pessoal tem dado preferência pro produto de fora, sem dar preferência pro nosso que é produzido aqui na região. É mais isso aí, ser reconhecido dessa maneira. E que os produtos da gente também, que é, não vou falar cem por cento, mas é oitenta por cento natural. Mas uma das coisas que a gente quer é isso: ser reconhecido, né? E dessa forma organizada que tamo buscando com certeza tem mais chance. Então eu acho que é isso que deve ser: o pessoal tem que saber da onde tá vindo a fruta e ter um ponta pé inicial, igual a gente já começou! É só juntar!"*
				"Porque as reuniões estão sendo com os produtores rurais e eu acho que devia ter também palestras nas feiras. Tirar 30 minutos, colocar cadeira no mercado São Jorge [Mercado Municipal] *ou em outro lugar... Fazer palestras, eventos, convidar alguém dos que fez as palestras na Eterna Misericórdia* [referindo-se aos parceiros que palestraram no Segundo MPSOC]*, alguma coisa assim... Porque o pessoal hoje quer mais boniteza, hoje não tem a qualidade que a gente tinha antigamente. Então como tá sendo com produtor rural, temo que fazer uma palestra na zona urbana, nas feiras, pros consumidores que come a mercadoria da feira. Eles vão escutar isso ali: os produtos sem agrotóxico, sem nada. Eu acho que é muito importante. Mas como se diz, começou agora pouco e simplesmente vai chegar lá! Nossa ideia é que vai chegar lá pra resolver e tudo que é conversado é entendido. Tudo a gente aprende. E a união faz a força! Acho muito importante ter essas conversa com os produtores rurais e com os consumidores da zona urbana."*
				"Tanto é que conseguindo fazer, igual, organizando todo mundo pra fazer isso aí, a gente consegue fazer até uma feira separada, né? Fazer uma feirinha de orgânico."
			Região D (representantes)	*"1 - Porque como a gente tá em união, em grupo, por mais difícil que seja as barreiras* [para a comercialização de produtos agroecológicos] *você consegue atravessar, ué. Depois que consegue juntá três, quatro acaba saindo.* *2 - É a atitude, né? Porque, às vezes, as palavra te comovem, mas o exemplo... A raça que tem que ter pra fazer, né? Tem aqueles produtores que tão começando e quer ser gigantesco no mercado aí... Sozinho ele não consegue vencer. Porque em união com mais produtores você consegue volume* [de produção]*, você consegue força pra vender no mercado e mudar isso aí."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Melhorar condições da economia camponesa familiar	Região D (representantes)	*"Assim, eu penso em mexer com verdura, essas coisas. Eu quero trabalhar pra mim mesmo* [camponês produtor de café que precisa complementar a renda trabalhando para fazendeiros de sua comunidade] *e, então, eu espero que através do grupo no próximo encontro eu consiga uma ajuda."*
				"Eu com o R. [referindo-se ao irmão camponês, que não estava presente no EPS] *tava conversando semana passada: o café ainda tá numa faixa de transição* [agroecológica] *mais fácil pra gente. Porque a parte de grãos, milho, soja e otros... O grão você já ouviu falar de grão de qualidade, milho de qualidade? Dificilmente, né? O café já tá migrando pra área de qualidade. O consumidor hoje tá preocupado com um café de qualidade. Tá preocupado com cafés especiais. Acima disso: o orgânico especial. São cafés bem produzidos com certificação. A gente tem uma avaliação do produtor: o que ele faz, como ele faz. Então, assim, já tem uma escadinha, já é um negócio mais bem montado, mais fácil de você subir. Então o consumidor de Lavras logo, logo, nas lojas aí vai encontrar café orgânico de verdade. Tem consumidor hoje que dá valor, procurando... Ele sabe disso."*
				"A diferença do nosso produto aqui vai ser... Aqui você tem a cooperativa dos orgânicos, por exemplo. O consumidor vai saber que o produto que vai da produção nossa ele é melhor que os outros porque ele é natural. Eles vão procurar esse e não vai precisar correr atrás de quem compre. Depois que divulgar e começar a ter o produto, seu produto vai começar a ser mais caro que o outro, porque seu produto é natural!"
		Construir meio/modo de vida justo para os filhos	Região A (representantes)	*"Eu quero melhoria* [por meio da transição agroecológica]. *Eu vejo que o L.* [referindo-se ao marido, presente no EPS] *tem terra e a gente não tá fazendo o que a gente deveria fazer: tirar mesmo os sustento dela. Meu filho, mesmo que ele não queira e não esteja envolvendo agora* [nas atividades e EPS desta pesquisa-ação]*, é porque ele tá trabalhando fora. Ele não tá com muito tempo não. Mas eu quero colocar ele na frente. Eu penso assim sabe, eu quero ajuda-lo. Vai ser bom pra ele, vai melhorar pra ele. Porque eu e o L. já tamo aposentado mas a gente tem muita coisa pra fazer ainda, eu espero muito. Igual a gente tá fazendo surgir* [a organização camponesa no município]. *Mas é pra ele mesmo que eu tô correndo atrás. A gente tem que pensar pra isso, e pensar o bem, no lado positivo."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Terceiro EPS (Atividade viii)	Capacidade de Significação – motivação:	Construir meio/modo de vida justo para os filhos	Região A (representantes)	*"O meu ponto é só esse: produzir bem* [no sentido de produzir correto, de forma agroecológica]*. Eu quero saúde pra mim produzir pros meus filhos. Pra deixar a ideia que eles conseguem* [produzir de forma agroecológica]*! Embutir na cabeça deles!"*
				"1 - Quer ver só, agora, quantos filhos você tem [apontando para outros camponês presente no EPS]*?* *2 - Eu tenho quatro. Dois homens, duas mulheres e sete netos.* *1 - Essa é minha preocupação: a gente tem que ser modelo* [referindo-se ao modo de produzir, sendo agroecológico]*! Agora, vamos supor, a L. tá esforçando o dela, eu também esforço o meu... Mas aí, às vezes, vem aquela concepção de poder, de dinheiro... Não! Eu quero ser um professor* [referindo-se ao desejo de ensinar a agroecologia que praticará]*! Como o pai um dia falou: o povo quer estudar, formar... E quem vai plantar pra comer?"*
		Buscar e aprimorar conhecimentos	Região A (representantes)	*"Não é que essa organização nossa pode dar mais possibilidade pra nós. Não é que pode não: já tá dando! Porque, quanta coisa nós já aprendemo até aqui, com o mínimo* [referindo-se ao curto espaço de tempo e de atividades desde o início desta pesquisa-ação]*? Porque é o hoje, não é amanhã, não é ano que vem que eu vou estar prontinho não! Eu vou passar aqui nesse mundo, eu vou morrer véio e ainda vou aprendendo coisas, né? Então é conhecer sempre, porque a gente ainda morre sem aprender. Eu acho assim, o pouco que eu já aprendi aqui e já pesquisei com outros por fora... Como você sabe, eu procuro conhecimento. Eu acho que isso vale muito a pena! Então, só pra terminar, o que eu quero falar é o seguinte: eu quero aprender e quero conhecimento pra trabalhar assim, dessa forma* [modelo agroecológico]*."*
			Região D (representantes)	*"Eu acho que tem alternativa e eu tô, assim, querendo conhecimento! Nós queremo, assim, pro encontro que vem, trocá o poquinho que nós sabe e trazê especialista também."*
				"Só complementano, eu por exemplo, como produtor de leite, eu já vi muita reportagem que falava de leite orgânico, que trata com os homeopáticos, assim, todos os problemas dos animais. Não era fazenda tão grande... Pra fruta: óleo de nem; adubação verde ao invés de usar randape. Matéria orgânica... Então, assim, nós tem que buscá esse conhecimento. Eu acho assim, curso de homeopatia, um curso de adubação verde... Eu acho que nós tamo num nível que nós pode trazer isso assim."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"É, a horta é um negócio muito legal! Mas você* [explicando para um camponês presente no EPS que havia relatado sua intenção de retornar ao trabalho na propriedade da família, cultivando hortaliças para comercializar] *tem que, antes de você começar a mexer com a horta, você tem que saber pra onde você vai mandar aquilo que você vai vender. Você já tem que ter um ponto na feira, você já tem que ter um comércio já meio que... Porque se você começar pra procurar depois, você começa e desanima. Porque na hora que você olha você não tem horizonte nenhum, porque ninguém abre as portas pra você assim na hora que você precisa. Então você tem que primeiro... Não planta muita coisa não, no início você planta aquilo que você acha, assim... Alface tem demais no mercado, todo mundo planta alface. Você tem que ver, vai no mercado e estuda mais ou menos o que você vê que tá faltando, sabe? E outra coisa, você tem que arrumar a outorga da água direitinho. Você não começa sem arrumar isso porque a polícia* [Polícia Militar Ambiental] *vai na sua porta e ela fiscaliza mesmo. Porque é denúncia... E, ah como denuncia! Não adianta."*
				"Ô Pedro, eles [referindo-se à pesquisadores universitários de um modo geral] *não dá... Porque eles não fazem um estudo, por exemplo, se ocê plantar, vamo supor, vou chutar* [dar um exemplo fictício]*: que se ocê plantar eucalipto a praga não vai na laranjeira. Agrofloresta... Então você tem que ter outros tipos de árvores, que as pragas se alimentam daquela árvore, e não vai nas outras. Mas não existe um estudo técnico e é o que eu xingo o pessoal da UFLA. É o que eu xingo as universidades. Eles fazem um estudo pra saber mais um veneno, mas eles num faz um estudo sobre uma árvore que precisava tá ali no meio do cafezal, pra controlar o bicho mineiro* [espécie de inseto que é considerado praga para o café]*..."*
				"1 – Lá [referindo-se à sua comunidade] *já tem um* [poço artesiano]*, mas é de uma casa. Aliás, um não, lá tem vários. Então a prefeitura tá falando de furar mais um. O problema que eu tô encontrando é porque vai ser perto da minha mina. Eu falei que eu quero conversar com um engenheiro, né?* *2 - Vai prejudicar a mina.* *1- Ah, vai, com certeza. Ah, mas eu já avisei eles: se secar a minha mina é encrenca na certa.* *3 - Encrenca? Com o que cê vai fazer?* *1 - Ah, eu num...* *3 - Num adianta! Num tem o que cê fazer. Cê sabe por quê? Eles falam assim: 'ah, é o progresso!'. Eu escutei isso um tanto..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Instituições públicas desfavoráveis e/ou dependentes de esforço dos camponeses para que cumpram seu papel	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - R.* [perguntando para outro camponês presente no EPS que produz hortaliças sem agrotóxicos]*, sua barraca não tem que ter o carimbo orgânico não?* *2 - Nós somos visitados pela secretaria da agricultura. A X.* [referindo-se à funcionária da Secretaria Municipal de Assuntos Rurais] *visitou propriedade por propriedade. Pergunta eles aí pra você ver* [referindo-se a outros dois casais camponeses presentes no EPS que também são feirantes]*: não pôs num cadastro, não pôs nada. Não deu etiquetinha, não deu nada. Tem um cara lá que não tem um palmo de terra e tem banca na feira, como ele é produtor? Entendeu?"*
				"Falar uma coisa procê [falando pra outro camponês presente no EPS que tinha dado ideia de montar uma feira agroecológica em alguma praça]*: ó, pra fazer isso vai na prefeitura e pega alvará procês fazer. Não vai por você não que você toma bomba! Eu tinha umas galinha, né, em casa. Lá tinha uns ovos e eu tava colhendo umas verdurinha minha lá no meu lote. Eu fui na porta de casa em casa pra vender. A prefeitura proibiu e não me deixou eu vender um pé de alface mais. Se ocê for lá e eles autorizar docê vender... Agora se eles pôr questão, cê num vende em lugar nenhum."*
				"Eu trabalhei na feira com ervas medicinais por um tempo e eles [referindo-se à fiscalização sanitária municipal] *me proibiram de levar pra vender por causa disso: 'cê tem garantia? Cê tem receituário? Cê tem formação?'"*
		Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio		*"Eu tenho um vizinho, lá perto de casa, ele colhia banana maçã à doidado. Mas ele pegava aquelas caixas de madeiras do CEASA que todo mundo aí costuma pegar. Aquelas que vem do CEASA pra por verdura. Ele amontoava lá pra ele por as bananas pra ele entregar... Não sobrou uma bananinha* [referindo-se à infestação por alguma praga que acredita ter vindo nas caixas do CEASA]*. Então o problema não é matar um mosquito na sua roça não. É descobrir da onde que veio, veio de algum lugar?"*
				"Esses problema que tá enfrentando nóis... Às vezes é o vizinho que tá jogando herbicida nas roças, tá pulverizando... Que não adianta nada ocê tá cuidando da sua propriedade se seu vizinho ali tá jogando [agrotóxicos]*. Porque, igual o T. tá falando, a manga não produz por que? Tá fazendo mutação genética nas flor das plantas* [referindo-se à ação dos agrotóxicos]*. Às vezes cê tem uma laranjeira que ela é natural, parnásia, que hoje cê quase não vê uma laranja parnásia... Ela tá dando problema na frutificação. Cê tá ali: 'ah é bicho, não sei o que que é...' Às vezes não é o bicho, às vezes é o vizinho que tá jogando lá* [agrotóxicos]*, tá descontrolando o meio ambiente lá em cima e tá te afetando."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Cercou as nascente lá em roda, pra num ir animal* [perguntando à outro camponês, presente no EPS, que havia compartilhado uma experiência com a recuperação de uma nascente na sua propriedade]*?* *2 - Cerca? Não, lá não vai gado nesse lugar não. É um terreno que já é dentro da horta, sabe? Mas, às vezes, culpam muito isso... Principalmente esse CAR* [Cadastro Ambiental Rural] *que a gente tem que fazê, que falam que ocê tem que cercar as nascente, tem que cercar coisa... Num é somente o animal. A vaca ela num é tanto problema quanto o ser humano. Que às vezes o ser humano é pior. Porque o que tão jogando na terra, que tá tirando a vida, é pior que uma vaca. Randape..."*
				"1 – Mas eu posso falar uma coisa procês? Eu penso que se plantar árovre, se num tiver água pra ela conviver, lá dos lençol d'água, pra ela puxar pra cima... Se num tem lençol d'água pra ela puxar ela vai viver de que? Num tem água no lençol pra puxar pra cima. O povo secou tudo. *2 - O eucalipto* [referindo-se aos monocultivos de eucalipto, comuns na região, fomentados, principalmente, pelas grande empresas de siderurgia] *hoje é o que tá destruindo as água tudo.* *3 - Eles já falou aí: é verdade. Eucalipto puxa muita água. A raiz do eucalipto ela desce muito lá embaixo, né? Então o eucalipto adulto, uma tora grande, ela seca duzentos e cinquenta litro d'água por dia.* *2 - É muita água, muita água...* *3 - Então, quer secar uma água é só plantar eucalipto!"*
				"1 - Deixa eu fazer só uma pergunta pro L. [outro camponês presente no EPS, que havia relatado que estava com problemas nas plantações de fruta, que não estavam produzindo bem e as folhas estavam amarelando]. *Por acaso nessa área você não jogou muito herbicida pra trás não* [no passado, já que o camponês relatou não usar mais agrotóxicos ultimamente]*?* *2 - Isso aí eu joguei.* *1 - A explicação tá aí, viu? Porque na minha horta, sabe aquele matinho – a gente chama de capoeiraba –, tava demais, não estávamos dando conta. Carregava com a mão! Aí falaram pra mim: 'joga esse produto* [agrotóxico]*'. E eu, inocente, palhaço, fui lá comprei e joguei. Acabou! Tive que deixar aquela área pra pasto, largar a terra por lá. Porque não saía um pé de couve, um pé de alface, nada. Intoxicou a terra de uma forma que... Agora eu descobri o que que é seu problema..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Consequências desfavoráveis do modelo do agronegócio	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"Cê tá querendo entrar dentro da própria feira* [referindo-se à ideia dada por outra camponesa presente no EPS de ter barracas identificadas dos camponeses agroecológicos dentro da feira convencional que já acontece Mercado Municipal]*? Eu não sou contra sua ideia, acho ótima! Mas eu te falo porque eu sei que tem gente lá que joga veneno, que pega no CEASA pra vender e fala: 'tomate é minha produção, sem veneno'. Aí você convencer o comprador de que você realmente é honesto e verdadeiro, sendo que eles já fizeram uma propaganda enganosa, vai ser difícil. Eu sei, eu te falo por que já teve freguês que falou pra mim assim: 'é o que todos falam* [clientes da feira respondendo ao camponês feirante quando este fala que não usa agrotóxicos]*'. O freguês chega e fala assim: 'todos falam'. Eu sei porque a dona de casa chega e fala pra mim assim: 'por que você não planta tomate?'. Eu respondo pra ela: 'porque até hoje eu não consegui plantar um tomate sem veneno'. E ela: 'mas eles ali fala que a plantação deles é sem veneno.'"*
				"Sabe que que é o problema nosso? Olha como que tá de eucalipto no mundo... Por causa do dinheiro, gente! Cê tá mexendo com um produto aí, tá saindo bem... Aí todo mundo quer ir naquilo que você tá plantando: 'tá dando dinheiro?'. O povo tá investindo só numa coisa, aí atrapalha procê, atrapalha pra mim e ninguém faz nada. Cê vê o café... Cê qué ver o que tá dando mais dinheiro: é o café. Eu moro na beirada da estrada, o que eu vi de muda de café passar esse ano... Fiquei bobo de ver. Tem nego que já vendeu mais de 100 milhões de mudas. Como é que tá o café daqui um tempo? Daqui um tempo o preço tá lá em baixo."
				"1 - E essa questão aí, voltando no negócio do CEASA [referindo-se à questão de pessoas que participam das feiras existentes no município mas que compram, para revender, produtos vindos, por meio de atravessadores, do CEASA de Belo Horizonte]. *Porque tem muitos produtores que já tá velho, que não tá aguentando produzir mais... Ele tá achando muito mais fácil comprar do CEASA e vender como produção dele. Aí que tá problema.* *2 - A questão do CEASA ela faz parte do Mercado Municipal. Porque ela tá embutida no produto que eles* [parte dos feirantes] *vendem."*
				"Porque lá tinha uma horta muito bonita [referindo-se à sua propriedade com o marido, onde não utilizam agrotóxicos]. *O L. levava* [referindo-se ao marido que antes levava as hortaliças para vender na feira, mas hoje comercializa apenas algumas frutas]. *Só que o pessoal não comprava nunca... Era bonito demais* [as verduras produzidas sem agrotóxicos] e o *pessoal* [consumidores da feira] *pensava que jogava veneno."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Compreensão - entendimento do contexto de:	Vizinhos descrentes e com valores individualistas arraigados	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"A minha água, eu tenho uma matinha bem grande em roda da minha mina. Muito grande mesmo. Mas só que a vizinhança, ao invés de deixar o matinho* [nas propriedades vizinhas]*, foi lá no topo e cortou tudo. Também teve uma irmã minha que eu fui falar com ela porque ela que tá na cabeceira da mina, né? Falei de fazer* [recuperação da mata ao redor da mina]. *Aí o marido dela já falou que não. Que não porque lá é um terreno bão pra pasto. Aí num deixou..."*
	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas		*"E vou falar um negócio procês, tem um negócio na comunidade lá, que nós respeita: benzeção. Ocê vai numa lavoura, ocê benze uma lavoura, acaba com insetos tudo lá. O que precisa é muita fé. É três coisa, são uma chave, procê conseguir: ocê acreditar, crê e ter fé. É uma chave. Hoje nós tá muito sabido pra um lado e ateu no outro lado. Eu posso falar isso procês, eu muita coisa vi na minha vida..."*
				"Então, ocê [compartilhando sua experiência frente ao problema relatado por outro camponês presente no EPS de dificuldade com a pressão da água para a irrigação de sua horta devido ao fato do rio de onde bombeia água estar abaixo do nível da área da horta] *pode reduzir pra cima. Porque daí dá mais de dois* [referindo-se à pressão da água] *e lá na ponta sai com um. Aí dá pressão. Invés docê botar o grande* [referindo-se à tubulação ao longo do trajeto da bomba até a caixa d'água]*, ocê põe um pequeno de 3/4 ou de 1/2, que ocê levanta* [a pressão] *facinho. Ocê tem que colocar redução, quanto mais reduzir... Igual assim, você faz uma linha reta* [com a tubulação] *e lá na caixa vai reduzindo* [o calibre da tubulação]. *Aí ela chega lá* [na caixa d'água] *com pressão e você vai gastar só pra enfiar* [a água] *na caixa. Aí você vem com o cano* [da irrigação, a partir da caixa d'água] *fazendo o desnível. É o melhor pra você e dá mais lucro. Porque ocê vai gastar na primeira arrancada* [referindo-se à gastar energia da bomba apenas no início da tubulação do bombeamento]*, mas depois você ganha* [pressão] *na redução* [do calibre da tubulação]. *Que aí você já não vai gastar muita coisa."*
				"Uai, pro bicho mineiro e pra cercóspora [insetos considerados pragas para cultivo de café] *eu passo procê* [receita de inseticida natural desenvolvido pelo próprio camponês compartilhada frente ao relato de outro camponês presente no EPS de problemas na lavoura com estes insetos]. *No meu lá deu certo... É a mamona: cê pega a mamona com cacho e tudo, talo... Você põe... – Quer escrever? Tem que escrever... – Carqueja, isopo, melão-de-são-caetano, mata-carneiro... Cê conhece, né? Ocê mistura esses trem tudo, mas cê põe bastante mesmo. Põe num tambor de duzentos litro que dá. Ocê deixa uns quatro dias de molho, depois você usa. Ah, broca* [outro inseto considerado praga para café] *também no café limpa tudo, ué!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"E outra coisa importante: marimbondo você deixa lá. Não panha o pé de café onde tá a caixa dele não. Deixa a caixa de marimbondo num pé de café que já resolve muita coisa* [referindo-se ao fato do marimbondo ser predador de outros insetos que são considerados pragas para o cultivo de café]*! Se você tiver uma caixa que às vezes tá prejudicando panhar o pé de café, a gente deixa o pé porque vale a pena deixar ele sem panhar. Compensa!"*
				"Ô N. [falando diretamente com outro camponês presente no EPS para compartilhar sua experiência sobre o problema de infestação de broca no café, relatado pelo camponês]*, você não deixa resto de café no pé, né? Que aí diminui a broca. Ela alimenta dentro do carocinho do café. Se não tiver onde alimentar, na época da seca, ela diminui muito. Então, pra broca, se você não deixar resto de café nem no pé nem no chão... Eu mandava catar o cafézinho tudo que tinha. Às vezes eram dois, três grãozinho, eu catava tudo que tinha. Não deixa nada! Pra não alimentar a broca, o que alimenta ela é o fruto. Não tendo alimentação pra ela no período da seca, da entressaca, ela diminui."*
				"A armadilha pra pegar alguma praga que dá, assim, em lavoura é a melhor solução. Tem que ser aquela garrafa branca, PET branca, transparente. Fura um buraco nela, do lado, a tampa deixa e coloca detergente amarelo. Tem que ser amarelo, porque o amarelo atrai os inseto. Vai pegar algum predador [referindo-se à insetos predadores de outros insetos considerados praga]*? Vai, não tem jeito de escapar. Mas vai matar também a praga que tiver na lavoura. É simples!"*
				"Essa palavra que ocê falou aí ó, essa palavra é geniosa [referindo-se à palavra "praga"]*. Se ocê falar no meio da lavoura, ocê tá chamando aquilo pra sua lavoura. Igualzinho, eles olham numa planta deles e fala: 'tem uma praga na lavoura'. Eles tão chamando aquilo pra dentro do que é dele."*
				"Naquele cafézinho meu, aquele pé de manga lá... A gente já não chupava uma manga ubá [devido à constante infestação de larvas de insetos nas mangas]*. E aí um dia a gente trabalhando no café, tinha um cara comigo, ele levou uma garrafa de refrigerante com suco feito em casa. Aí bebeu aquilo e sobrou e lá ia jogar fora, sobrou um tanto assim no litro... Aí eu falei: 'ô R., me dá aqui, não joga fora não'. Foi no meio de novembro, a mangueira tava de flor. Cortei lá, ajeitei, amarrei lá. Foi o ano que a manga deu mais. Não deu bicho, não deu nada."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Só completar* [compartilhando sua experiência frente ao problema relatado por outra camponesa presente no EPS sobre infestação de ferrugem nos seus cultivos de frutas]*... Aquele cara que vende goiaba na feira tinha esse problema aí que ela tá falando. E eu tinha esse problema também e eu perguntei pra ele se tinha alguma coisa pra jogar* [referindo-se à agrotóxicos]. *Ele falou pra mim: 'o primeiro passo não é jogar* [agrotóxicos]*, é ocês subir na goiabeira, ir lá e cortar o centro dela* [os galhos centrais]. *O sol tem que entrar. Cê olha o sol vai pegar o caule dela até lá na raiz. Deixa só galhos laterais'. E aí eu fui analisar que quando eu era criança eu tinha uma vizinha lá perto de casa e ela chegava e falava assim: 'ah, a Dona N. vem aí puxá as goiabeira no chão pra poder panhar'. As goiabeira, coitada, tudo arreganhada... Só que era goiaba assim* [faz gesto de grande quantidade]. *Ela puxava os gaio e a goiabeira abria. Então o moço indicou parecido, e ainda falou pra mim o seguinte: 'cê plantou uma goiabeira e quer que ela produz, cê, desde pequena, finca uma estaca, amarra uma linha e vai abrindo ela pra luz do sol entrar nela.* *2 - Será que isso vale pra jabuticabeira também?* *1 - Jabuticabeira cê vai no meio, que a jabuticabeira tem aquela coiseira* [referindo-se à quantidade de galhos]*... Cê entra no meio, serra e deixa o miolo. Cê vai e olha meio dia: o sol vai pegar no meio, ó... O moço falou e a minha mãe fez lá, porque num dava jabuticaba. E deu certo, entendeu? Então tem esse processo, igualzinho o caso da goiaba... Porque o moço me passou isso de luz do sol no meio da goiabeira e lembrei do passado..."*
				"Cê lembra? nóis picava tudo... Porque a mangueira ela chupa muita água. Onde chega lá no talinho da manga tem muito excesso de agua, ela adoece, é muita água. Então tem que cortar ela pra desaguar um pouco, pra não atingir. Outra coisa, às veiz nóis tá com problema de manga... Se cai uma manga primeira, o que que cê tem que fazer? Se ela tá doente cê tem que tirar ela de lá e jogar pra longe. Se deixar ela ali no chão aquela doença passa pro pé."
				"Tem que ficar atento de onde tá vindo [referindo-se às mudas compradas para plantio] *porque não existia* [tantos tipos de pragas]*, não era afetado assim. Alguma coisa tá causando, é alguma muda que tá comprando que tá levando pro terreiro. Então tem que ficar atento... Uai, eu comprei uma muda, cê vai onde vende uma muda, ela já vem contaminada! Então, ocê forma a própria semente* [referindo-se ao uso de sementes para a produção das próprias mudas]*, não trás pronta. Porque ocê sabe que essa muda que cê compra, o enxerto é um pé de limão. E se ele veio contaminado ali em baixo no tronco..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"A experiência que eu falo procês, que eu tenho, que hoje cabou, que eu confio, mió solução: a benzação e simpatia. Se ocê tiver broca na sua roça* [referindo-se ao inseto que é considerado praga em cultivos de café], *ocê pega galho de três pé* [de café que estão com broca], um de cada canto: *canto, canto, canto. E aí é levar e por de ponta pra baixo na fumaça. Do jeito que ela seca ali seca tudo lá na roça."*
				"Tô fazendo uma parte, um lugar que a gente plantava arroz. Era uma baixada, deixei a natureza agir lá sozinha e lá começou a brotar uma água. Tá surgindo uma água. Foi o que abasteceu o pessoal pra baixo hoje. Então, lá tá saindo, tá nascendo sangra d'água, mangue... Tá nascendo tudo que é a natureza. Inclusive a prefeitura tá doidinha pra ir lá fazer um projeto: 'porque a UFLA aí e tal, numa parceria...'. Eu falei: 'eu não deixo! Porque faz cinco ano que tá parado e agora que tá nascendo água de novo vocês aparece?'. Eu mesmo tô fazendo lá esse acompanhamento. Lá vai voltando a água lá nesse local. Um dia, se Deus quiser, logo logo, a hora que tiver prontinho, eu já combinei com o Pedro: a gente vai fazer uma reunião lá em casa procês ver o resultado que que é. Sozinhas, tão se formando sozinhas... E a água voltou. Voltou lá. A gente lá arava e plantava arroz nesse local. E tá voltando sozinho. E pra cima tá seco. Aonde o pessoal desmatou, destocou pra cima, tá seco. E lá nesse local tá brotando. E esse é um problema, porque se num tiver água num tem nada [compartilhando sua experiência de recuperação de nascente, com os demais camponeses presente no EPS, frente ao relato da maioria de problemas com água em suas comunidades]*."*
				"Eu tive um problema com uma vaca lá em casa. A vaca fez um mojo [enchimento das glândulas mamárias de vacas antes do parto] *maravilhoso! O povo parava na estrada pra tirar foto da vaca. Só que passou os dia e a vaca num paria. Eu falei: 'meu Deus do céu, o que que aconteceu?'. Chegou o dia dela parir, demorou mais quinze dias a mais e nada dela parir... E ela secou, a vaca virou um trapo. Os ossinho, cê via os ossinho dela. Eu peguei e falei assim: 'gente num é possível...'. Aí meu pai falou assim: "ah, manda benzer essa vaca'. Aí eu cheguei lá no seu R.* [benzedeiro conhecido pelos moradores da comunidade da camponesa] *e falei: 'ó, Seu R., tá assim, assim, assim, assim a vaca'. O homem começou a chorar... Chorar! E virou pra mim e falou assim: 'nó, sua vaca ia morrer. Ela era pra ela morrer. Ela ia morrer'. Depois disso acabou, num fiz mais nada com ela. Ela pariu, engordou, ela melhorou, ela voltou a dar leite. A vaca melhorou assim! Eu não gosto muito de ficar contando isso porque tem muita gente que acha que a gente é doido, sabe? Fulana é doida de fazer isso... Mas não é, funciona mesmo e é fato!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 – Então, agora eu até tô querendo fazer diferente... A minha ideia é segurar* [a água da chuva]*. Dou ideia procês: quer os terreno docês rico, é água. Água é vida. Cês já sabe que água é vida. Então, curva de nível e bacia de contenção! Segura tudo que cês aguentar. Segura água da chuva no terreno, segura. Aí gente que tem gado que fala assim: 'ah mas morre um sapo lá* [referindo-se à bacia de contenção] *vai dá botulismo na vaca'. Compensa cês cercar a bacia ali e manter ela cheia. Porque por exemplo, se nóis fizer uma bacia aqui, segurar a água que vem de cima aqui, ocê vai ver o resultado do pasto daqui pra baixo durante a seca. Ele brota fora de época. Isso eu tenho exemplo lá, porque lá no terreno que é do meu pai a gente fez bacia numa ponta e noutra. Segura toda a água da chuva. O terreno virou outra coisa. Então, tá tendo pouca água que tá caindo de cima? Aí que tem que segurar essa pouca água. Agora ocês que tem água com fartura também... Cês tá tendo essa água que tá vindo de alguém que tá segurando mais pra cima. Cê entendeu? Então cuida dessa água. Quem tem cuida.* *2 - Igual cê falou, porque ultimamente tem chovido pouco... Então a água que tem caído tem que dar um jeito de segurar ela.* *1 - Tem que segurar. A maior riqueza é isso. Eu tenho vontade, mais prum futuro, de fazer mais bacia.* *2 - Bacia ela infiltra devagar* [a água retida no solo]*, né? Ela vai descendo* [para o lençol freático]. *1 - Devagar..."*
				"Aquele mosquito mordedor de vaca dá uma aflição que dá uma vontade... A minha menina fica lá: arruma um galhinho e fica batendo os mosquito das vaca. Ela fala: 'pai, esse trem dói demais'. É um problema. Então, que que é que faz? Armadilha! Põe lá armadilha com pão e leite e uma água pra ele botar o ovo e cair pra baixo."
				"Teve um aí [referindo-se à um dos camponeses presentes no EPS, que havia relatado problema com pulgão nas hortaliças] *que passou que tava infectada a horta de piolho* [referindo-se ao pulgão]*. A minha também já teve, a minha couve tava dum jeito que eu tava em tempo de falar assim: 'eu vou ter que jogar um Decis* [inseticida agrotóxico] *aqui, porque tô perdendo minhas couve'. Panhava couve e jogava pras galinhas todo dia porque piolho tava em cima. E com a mamona eu resolvi. Mamona rasgada* [para fazer calda inseticida natural]*. Mamona e mamona de três em três dia. Cabou. Não tem piolho mais. Porque mamona ela controla e espanta. A mamona deu certo! Folha de santa bárbara também* [usada para fazer calda inseticida]*, cê usa contínuo. E flor também. Quanto mais flor ocê plantar, mais ambiente que cês der pros outro bicho que come as praga, menos ela vai te afetar."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Mata* [referindo-se à necessidade de recuperação e manutenção de mata próximo a nascentes]*? Concordo. Mas se num entrar água da chuva e abastecer lá embaixo num vai ter o que nascer. Porque a mina é uma veia d'água que corre lá debaixo. Se nóis não abastecer o solo, mata só num resolve não. É duas coisas que anda junto. Então cê vai analisar. Eu tenho bacia de contenção. Eu tenho, eu gosto e vou fazer mais.* *2 - Também, assim, nas cabeceira* [das áreas de cultivo] *pra água não descer... Se não a água* [da chuva] *bate e escorre, né? Se passar um subsolador, seja faca ou roda, ajuda também* [descompactando o solo, facilitando a entrada da água da chuva para o lençol freático]. *1 - Ajuda também."*
				"1 - Cê sabe que que eu acho? Que o poço artesiano parece que ele tira a pressão. Porque tem a pressão da terra. Quando fura o poço artesiano entra ar, aí tira a pressão da terra e aí a mina diminui instantâneo. Meu vizinho fez no topo do morro. Ele comprou o terreno todo do morro fez poço e a minha mina secou. *2 - A sua mina tá acima ou abaixo* [do local onde a prefeitura vai furar um poço na comunidade]*?* *3 - A minha mina é perfeita, eu tenho um ciúme, Nossa Senhora! Mas ao que tudo indica é mais de trinta metros longe da minha mina que eles* [a prefeitura] *vão furar.* *4 - Mas já tá próximo, viu?"*
				"1 - Cê tem que plantar milho e ir rotacionando o lugar, mudando a cada ano ou dois anos [compartilhando sua experiência com uma camponesa presente no EPS que relatou problema de pragas no cultivo de milho]... *2 – Um teste que meu marido fez esse ano, num pedaço da roça de milho, não sei que tamanho, foi plantar um canto de feijão. Tá bonito. E, agora que panhou o milho, deixou lá pro feijão. O problema lá é que o terreno é pequeno. Só tem esse lugar mesmo pro milho, porque o sogro mexe com vacas pra leite e não tem muito lugar pra trocar.* *3 - Te dar uma ideia: planta, por exemplo, braquiária* [no local onde hoje é usado pro cultivo de milho]. *Aí ela sai e forma outro pasto e você tem que conversar com seu sogro... Onde era roça* [de milho] *não fica terreno degradado, fica uma pastagem boa. Se for fazendo isso, rotaciona com o terreno que hoje é pasto* [pra plantar milho] *mesmo. Melhora o terreno e até melhora a pastagem pras vacas."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - A melhor coisa é mesmo conviver com elas* [respondendo à outra camponesa presente no EPS que relatou ter como problema o excesso de abelhas, de um vizinho, que ficam na sua propriedade]*. Porque se matar, as laranjeiras não produzem mais. É um crime! Não pode!... Gera problema maior. Quem mexe com cana é assim também. Mas elas não picam a gente. Se elas tão ali, tão buscando alimento. E é melhor largar elas quietas, senão é pior pra elas e pra você.* *2 - A solução é pedir o Professor C.* [referindo-se ao vizinho, "dono das abelhas", que é um professor da UFLA] *pra tirar os caixotes de abelha dele que tão tudo perto da propriedade dela* [referindo-se à camponesa que relatou o problema com as abelhas]*. São abelhas de propriedade vizinha que vão ali, não nativas.* *3 - Sabe o que tá acontecendo com as abelhas pra tá indo na propriedade dela? Tão passando fome, não tem flor.* *1 - O Professor C., dono do terreno que ele tá falando, usa um agrotóxico medonho. Usa grande quantidade, sem limite. E é um professor formado em Engenharia Florestal... Coitada das abelhas vão morrer tudo se não for lá pra casa...* *4 – E sabe o que abelha é? Uma medicina! Você vê o mel dela, tem tudo quanto é flor, faz um conjunto de florada, uma vitamina grande!* *1 - São várias propriedades numa coisa só...* *2 - Coloca umas caixas lá e atrai elas pra sua propriedade* [risos]. *1 - É, vou pegar as abelhas do vizinho. Elas tão passando fome e lá em casa não tem agrotóxico. Boa ideia* [risos]*!"*
				"1 - Sobre o feijão, a gente plantava no meio do cafezal, lá em cima. Só que teve problema com lesma, que comeu quase tudo. Colheu pouco, por isso mudou de lugar. *2 - Lesma também tinha muito lá em casa. Faz umas iscas também, pode ser com lata com pouca cerveja."*
				"O nabo forrageiro é adubação [espécie usada como adubação verde] *também e serve pra isso... Ocê plantando ele no meio da lavoura, aduba. E pode plantar no meio da plantação mesmo, não precisa ser na entressafra. Quando tiver maior passa trator e pode tombar ele. E na entressafra planta no terreno todo. Aí antes de plantar* [a próxima safra de cultivo] *você destrói porque o nabo já fez serviço todo. Ele ajuda a descompactar o solo por causa da raiz grande."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Agora, pro milho, tem as capinadeira de cavalo... Ocê planta milho em linha, uns 70, 80 centímetro* [de espaçamento entre as linhas de milho]. *Uma pessoa puxa o cavalo e capina. Também depende da altura do mato e se a capinadeira é nova.* *2 - A gente fazia isso também. Mas foi indo e largou. Começou a usar agrotóxico...* *3 - Eu já usei também roçadeira* [para controlar o mato no meio do cultivo de milho sem usar agrotóxicos e sem precisar recorrer à enxada]. *Mas devagar, né, senão corta milho também."*
				"Mas você cortou três dedos abaixo do saquinho [perguntando à outro camponês presente no EPS que relatou estar tendo problemas com mudas de frutíferas compradas]*? Vou falar uma coisa: tem muita gente que fala que comprou muda ruim mas não sabe que esse saquinho tem que cortar três dedos, o pião dela* [referindo-se à raiz da muda]. É *igual muda de café... Se não elas ficam tudo enrolada as raízes. Nem sempre é culpa do viveiro, é da gente..."*
				"Deixa eu te falar: ela é praga específica do feijão [compartilhando sua experiência com outro camponês presente no EPS que relatou estar tendo problema com um inseto que está danificando muito seus cultivos de hortaliça]*. Será que não é a solução pra você plantar um pezinho de feijão no meio da horta? Pra elas abandonarem* [as hortaliças]*? Tenta plantar algum pezinho no meio da horta. Porque ela é praga específica do feijão, vai preferir o feijão do que as outras plantas. Se ela tá ali na horta é porque o feijão tá longe."*
				"Tenta fazer homeopatia dela [referindo-se ao problema com uma praga específica nas hortaliças, relatado por outro camponês presente no EPS]. *Coloca ela* [referindo-se ao inseto-praga] *no lugar dela* [referindo-se ao equilíbrio possibilitado pela homeopatia]*!"*
				"Tem um rapaz lá da feira que teve esse problema no repolho ano passado [compartilhando sua experiência com outro camponês presente no EPS que relatou o problema com pragas no cultivo de hortaliças]*. Ele jogou um produto* [agrotóxico] *que você cheirava e ele tava fedendo aquele produto. E mesmo assim não deu solução... Então, para com o repolho nessa época e com tudo que ela alimenta nessa época. Quebra o ciclo dela. Fica dois a três anos sem produzir essas coisas. Ocê vai quebrar o ciclo dela e depois vai controlar. Vai ter que parar de produzir o que ela come, é a solução. Tem que descobrir tudo de que ela se alimenta, pra você parar."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Tem uma planta, não sei se vocês conhecem... Uma planta verde clara que dá uma folha grande. Ela também é atrativo pra diabrote* [referindo-se à diabrótica, inseto, também conhecido como "vaquinha", que é considerado praga para diversos cultivos de horta]. *Quando vamos no campo a gente vai nessa planta e ela sempre está lá* [a diabrotica, na planta à qual se refere], *e muito! Toda vez que íamos a gente achava, só não achava quando tava chovendo, porque eles* [os insetos] *somem* [da planta]. *Então, você* [compartilhando sua experiência com outros camponês presente no EPS que havia relatado problema com a "vaquinha" nos seus cultivos] *pode olhar essa planta também e plantar um pouco dela. Aí a diabrote pode largar sua hortaliça lá e ir pra essa planta. E ela simplesmente nasce, ninguém planta* [referindo-se ao fato da planta ser espontânea]. *Na próxima reunião que tiver a gente arruma uma, eu trago pra você.* *2 - Ela dá uma pelota em cima da outra?* *1 - Isso? Como que ela chama mesmo?* *2 - Cordão de frade.* *3 - Ou, falar uma coisinha procês aqui: sabe o cordão de frade que ele falou? É um remedião pra pessoas que tem gota. Ela dá uma coroa... Pega essa coroa, ferve essa coroa de flor e pode beber o chá."*
				"Tenta fazer um canteiro de calêndula no meio da sua horta [compartilhando sua experiência com outro camponês presente no EPS que relatou problemas com insetos que estão estragando seus cultivos]. *Marca esse nome: calêndula. Na Casa da Semente* [estabelecimento comercial do município especializado em sementes e mudas] *você acha um envelopinho pra comprar uma sementinha. Ela ajuda bastante lá na horta. É uma florzinha amarela tipo aquelas sempre-viva. Muito bom, você vai ver que os insetos vão ficar todos lá na moitinha dela."*
				"Ô Pedro, tem um coisa... Lá na feira é só o T. que faz [referindo-se à um feirante que não estava presente no EPS]. *Por exemplo, se o alface dele deu uma chuva de pedra, ele pica. Faz ela picadinha e embalada. No nosso caso, ela vai ser orgânica picada. Só que tem que ter uma higienização, porque é muito cobrado* [referindo-se à fiscalização sanitária que nas feiras é mais severa com produtos *in natura* beneficiados]. *Mas aí já é uma coisa que a gente pode aproveitar mais. Então se aquilo não deu pra uma coisa, dá pra usar para outra coisa. Então nada se perde. E até o nosso esforço não se perde* [referindo-se ao tempo de trabalho empregado para a produção de algum produto que venha a ser descartado apenas por questões de padrão de aspecto]*! Porque a gente se perde muito..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Manejo - crença de que dispõe de:	Conhecimentos e técnicas tradicionais e/ou agroecológicas	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Cês sabe qual que é a solução? É vortá os brejo... A pressão da agua...* *2 - O povo num tá repondo nem o da mina mais ...* *3 - Lençol freático vai só abaixando...* *4 - Isso aí que o G. tá falando, tem um primo meu que trabalhou na Emater de Três Corações. Já faz quinze ano que ele tá aposentado. Ele falou com meu pai na semana passada: 'eu quando era técnico da Emater eu mandava todo mundo secá os brejo. Tinha projetos de esgotar brejo. Só que brejo era a esponja que tinha água, por isso cabou a água'. Era técnico, hoje ele tá aposentado, e ele viu o erro que ele fez lá há vinte ano, trinta ano atrás. Então ele falou isso pro meu pai, o mesmo que o G. tá falando: ''os brejo era as esponja que segurava as água e o pessoal esgotou tudo pra plantá. Então modificou a natureza.' Se existe um brejo, se a natureza fez ele, tinha um porquê dele existir. Ele segurava a água. Então o pessoal esgotou e mandou tudo embora pra plantá no lugar, sabe? São esponja. Foi o que ele falou ali.* *3 – É! Eu tenho um terreno separado lá de casa que tem um brejo. Tem um vizinho do lado de cima chegando assim: 'ou, vamo fazê uma represa aqui pra cima e sortá á água pra baixo?'. Eu falei: 'hãn-hãn'. Porque lá é minha caixa d'água. Minha caixa d'água deixa lá, uai... Num tá me prejudicando meu brejo, num tá prejudicando ocê... Se ocê quiser faz a sua..."*
	Capacidade de Significação – motivação:	Ser exemplo das possibilidades e benefícios da agroecologia para despertar o interesse e necessidade de mudança em outros atores		*"Cês presta atenção, vamo fazê cada um a sua parte! A sua irmã num quer fazer* [referindo-se à irmã de uma das camponesas presentes no EPS, que não está fazendo recuperação/proteção da nascente]*, faz no seu terreno pra baixo da nascente. Que nem no meu caso lá: o cara lá* [referindo-se à um vizinho de terra] *tá lá em cima, ele plantou eucalipto e destruiu* [uma nascente]*. Eu tô fazendo lá em casa e já tá nascendo água pra baixo. Faz a tua parte, aí nós vai juntar pra servir de exemplo pros outro. Então vamos fazê nossa parte e juntar! Vamo fazê nossa parte junto pra melhorar."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - No café que usamos* [referindo-se à ela e ao marido] *agrotóxicos... Mas quero aprender mais pra usar produtos naturais, como a mamona* [referindo-se à calda inseticida feita com mamona]. *Vou pegar receita com vocês pra testar. Até nesse final de janeiro* [mês seguinte ao momento em que estava acontecendo este EPS] *o meu marido até falou de banhar o café* [com agrotóxicos] *contra broca* [inseto que é considerado praga pelos produtores de café]. *Então já é uma coisa* [o inseticida natural feito à base de mamona] *que posso ensinar pra fazer e ver se dá certo...* *2 – Pode contar com a gente! E seja persistente! Não faz uma, duas vezes só não e fala que não deu certo...* *3 - Fala pra ele* [referindo-se ao marido da camponesa] *fazer todo mês, eu faço sempre* [referindo-se à aplicação com a calda de mamona que ele havia ensinado anteriormente no EPS]."
				"Se for pra fazer aqui mesmo de novo [referindo-se à um próximo encontro de troca de saberes] *na próxima eu posso trazer o fruto* [do café que cultiva]*, eles trazem a verdura, o repolho dele lá. Trazer às vezes até um pé de repolho pra mostrar, se deu certo ou não. A couve, o jiló... Pra todo mundo trazer* [sugerindo que cada camponês traga uma amostra de algum produto que cultivou utilizando alguma das técnicas agroecológicas compartilhadas e discutidas neste EPS]. *Aí a gente vê: 'ó, no meu deu certo isso, mas no meu caso não deu...'"*
				"1 - O problema maior nosso é voltar pra roça [referindo-se à ele e à esposa, que, apesar de viverem na roça e se considerarem camponeses, trabalham como técnicos terceirizados na UFLA há muitos anos]*! Mas nós já tá mexendo os pauzinho... Ela já tá aposentando e eu nem vou esperar. Minha aposentadoria não vai dá nem mil reais. Isso eu tiro mais e gasto menos plantando na roça nesse tempo que falta* [pra aposentar]. *2 - A UFLA não tá deixando a gente produzir ainda na medida que a gente quer* [referindo-se ao tempo dedicado para trabalhar na UFLA não possibilitar dedicação para os trabalhos na roça]. *Mas de qualquer forma, a pouca coisa que a gente tem lá* [de cultivos] *tá ótimo! Porque a gente tá seguindo o exemplo de vocês aqui ó, todo mundo. Tá sendo mundo bom! Só o aprendizado aqui* [nas atividades e EPSs desta pesquisa-ação] *tá ótimo. Porque eu tô anotando tudo e, de qualquer forma, tô passando pra frente, pras pessoas que tão precisando* [referindo-se à outros camponeses que eles têm contato]. *Tá aqui na minha cabeça. Tá sendo muito gratificante!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Promover a agroecologia, a cultura e a organização camponesa	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - A banca lá no mercado é definida. Tantas bancas é do fulano, tantas bancas é o ciclano* [as bancas de madeira e o local onde elas ficam dispostas no Mercado Municipal são da prefeitura mas são cedidas de maneira definida à cada feirante, conforme seu volume de produção e comercialização]. *Se a gente entrar* [com uma feira exclusivamente agroecológica] *outro dia da semana* [as feiras convencionais no Mercado acontecem nas sextas e sábados, porém o Mercado fica aberto todos os dias] *e eles* [feirantes convencionais] *virem que o negócio tá rendendo e tá sendo legal, eles não vão querer ir pra lá e ocupar as bancas que são deles? E aí?* *2 - Pelo menos no princípio se conseguisse pra fazer lá eu acho até que seria bacana. Porque até seria um meio de conscientizar os feirante que não é conscientizado. Tá lá, eu ocupo a banca dela* [indicando, como exemplo, uma camponesa presente no EPS que é feirante]. Aí ela pensa: *'nossa a A. tá ganhando lá, ó. O negócio tá certo e eu vou também'. Aí o que vai acontecer? A gente vai tá ocupando a banca de alguém e se ela vê que o negócio tá dando certo eu sou obrigada a devolver a banca dela. Ah, mas aí ela vai entrar no grupo. Se uns enciumado da banca ver que tá dando certo, entra no grupo! Aí o que que a gente faz? Eu devolvo a banca dela e mudo pra banca do vizinho* [outra banca vazia em dias que não tem feira convencional]. *Lá tem muita banca..."* *3 - Aí o próprio produtor que tá lá dentro* [referindo-se aos demais feirantes] *vai querer entrar!"*
				"1 - Eu queria dizer o seguinte: a gente tem que pertencer a um grupo! Seja MPA, seja associação, cooperativa, qualquer coisa do tipo. É o grupo que a gente vai ter que criar! Aí, assim, a gente sai com a camisa do grupo por aí pra todo mundo ver. *2 - E se o consumidor entrar lá na internet ele vai ver que, por exemplo, nossa cooperativa, ou se a gente for MPA, vai ter os dados lá. Então já conhece a forma de trabalhar nossa e tal."*
		Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente		*"Quantidade de produto também é que vale... Vamo montar uma feira? Ele vai vender só uma cabeça de alface, por exemplo, ele vai lá com o repolho, ele vai com o leite só... Cadê o inhame, cadê uma mandioca, cadê o ovo caipira? Então a pessoa que quer ele pode chega lá e falar assim: 'é feira agroecológica mas tem muito pouquinha coisa'. Por isso que eu tô falando: o T.* [referindo-se a um dos camponeses presentes no EPS] *planta café. Às vezes o T., passa na cabeça dele agora: 'mas eu não planto verdura, o que eu vou fazer na feira? Entra com café torrado! Não é porque feira que é só verdura, não! É o café torrado, é feijão, arroz... Uma coisa que se levar vai vender é arroz!"*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"Mas, por exemplo: se a F., o L., o L., eu, o E., o J.* [citando alguns dos camponeses presentes no EPS] *for sozinho pra resolver alguma coisa, a prefeitura vai receber assim* [faz gesto com os olhos indicando descaso]. *Agora, se for todos juntos a prefeitura vai receber assim* [faz gesto com a mão e com os olhos indicando espanto]*."*
				"A gente não precisa pensar só em feira. A gente pode fazer um contrato e vender direto. Aposto que a F. [referindo-se à uma camponesa feirante presente no EPS]*, na feira, sabe de gente que tá doidinho: 'planta lá certinho* [sem agrotóxicos] *que eu quero comprar cesta'. Tem gente procurando isso. Mas como que eu sozinho vou falar assim: 'vou montar uma cesta.' Então eu fiquei quieto e tô esperando resultado dessa nossa organização aqui."*
				"1 - A gente vai decidir se vai ser associação, cooperativa ou MPA. Daí se a gente faz uma feira [agroecológica, organizada pela própria organização camponesa]*, todo mundo do grupo pode levar produto lá... Pode ser assim: cada um leva seu produto lá, deixa na banca lá e fica uma pessoa só, ao invés de todos. Aí nós racha e paga.* *2 - Igualzinho lá no mercado, onde tem aqueles box lá* [referindo-se aos espaços na lateral do Mercado Municipal que são alugados pela prefeitura para lojas e bares]*. Podia pegar um box daquele lá, alugar e rachar pra todo mundo. Fazê tipo uma loja."*
				"1 – Vamo pegá o dinheiro do mercado [referindo-se à taxa de associado que todos os feirantes pagam para participar da feira do Mercado Municipal] *e nós faz a feira da turma orgânica.* *2 - Fora da feira* [referindo-se à feira do Mercado]*?* *1 - Fora da feira.* *2 - Aí pode. Por exemplo, quarta feira, feira orgânica! Aí pode, aí concordo."*
				"1 - Se a gente entrasse assim como uma associação... Associação eu acho um pouco desacreditada, a gente sabe que começa com uma perspectiva, né?... *2 - Tem que nascer primeiro, né F.* [respondendo à camponesa que disse a frase anterior]*, pra depois ir crescendo.* *1 – Verdade! Ou fazer tipo uma cooperativa. Você acha que esse talvez seria o caminho? Acho que a gente tem que iniciar em alguma coisa que a gente fique mais protegido."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Então, porque a gente não começa destacando nossas pessoa* [referindo-se ao grupo de camponeses presentes no EPS] *de alguma forma dentro da própria feira* [referindo-se à feira convencional do Mercado Municipal]*? Fazendo banner, fazendo uma certa propaganda? Fazer propaganda mesmo! Se destacar! Às vezes fazer alguma coisa, mudar a cor da banca, fazer um uniforme, colocar um banner na sua banca falando que você é um produtor agroecológico e que seu produto é bom, é de qualidade e que não tem agrotóxico. E aí pode entrar assim em consórcio com todo mundo do nosso grupo. A gente já tem meio uma organização. E quem já vende os produto, normalmente já tem um ponto na feira. Daí, por exemplo, ele tá começando* [referindo-se à um camponês presente no EPS que hoje trabalha na cidade mas quer voltar a trabalhar produzindo hortaliças na pequena propriedade da família]... *Eu empresto um pedaço da minha banca pra ele até ele conseguir uma. Por exemplo, ele tá torrando café* [referindo-se à outro camponês presente no EPS que hoje vende todo o café que produz para cooperativas patronais mas que tem intenção de torrar o café por conta própria para comercializar de forma mais justa]*, conversa com o L. que ele vende um pouco de café pra ele na banca que ele já tem. Isso até a gente conseguir sobressair. Depois que a gente conseguir se mostrar a gente cresce! Então como a gente já tem esse nosso próprio grupo, eu acho que diferenciar nosso grupo na feira já é uma grande coisa.* *2 – Aí depois do pessoal conhecer a gente melhor, depois de saber que nós é orgânico, podia fazer outro dia no mercado também* [referindo-se à organizar um dia exclusivo para a feira agroecológica no Mercado Municipal]*."* *"1 - Pra ser documentado* [referindo-se à organização a ser construída pelos camponeses] *tem que ser uma entidade Aí eu acho que a cooperativa dá a possibilidade de crescer. Cê pode começar pequeno, né, e depois você tem até crédito pra cooperativa futuramente. Associação eu não sei...* D*epende do estatuto. Ela pode emitir nota pro associado, mas ela não pode ter renda, ela não pode ter lucro, assim, usar lucro. Aí associação sem fins lucrativos tem que ver como é direito. Mas a cooperativa ela dá a possibilidade de crescimento.* *2 - Aí agora igual cê tá dizendo, se montar uma cooperativa, aí a gente consegue um recurso para todo o grupo, é diferente... Mas aí a gente já enquadra nas declarações de renda. Aí já temos que colocar politicas econômicas, sei lá... Aí a gente já tem que ter essas ajudas...* *1 - Pode até vender pro exterior, no caso, né? Porque a cooperativa é uma entidade documentada, com nota."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Eu acho que o primeiro passo é que a gente tem que se organizar, que seja uma associação, que seja cooperativa, que seja uma organização sem formalidade. A gente monta um grupo, com lideranças. A gente montou grupo e liderança, aí a gente organiza: vou levar queijo frescal, ele vai levar fubá, a E. vai levar feijão... Temos condições de manter uma feira organizada assim? Então pronto, agora os líderes dessa organização que vamos montar vai procurar o lugar* [para fazer a feira agroecológica]. *Onde? Então nós vamos chegar na prefeitura e falar que nós quer fazer uma feira agroecológica: 'D., você dá apoio pra nós* [simulando a pergunta para o Vice Prefeito e Secretário de Assuntos Rurais de Lavras, que é um agricultor]*?'. Ah, preciso que o vereador aprove, a câmara e que o prefeito aprove* [simulando uma resposta do Vice Prefeito e Secretário de Assuntos Rurais]*'. Não! Nós somo uma organização e não vamo aceitar enrolação! Então a gente vai pra onde? Vamos tentar em outro lugar... Vamo pra praça? Vamo pra rua? Não achou? O teu lote é propriedade particular, ninguém vai impedir* [referindo-se a um lote urbano de uma das participantes do EPS], *aí a gente vai pra lá* [referindo-se a fazer a feira agroecológica num lote urbano particular, se for necessário]. *A hora que eles* [referindo-se ao poder público de modo geral] *ver que a gente tá se organizando e que realmente tá funcionando aí eles vão ter que dar oportunidade. Então eu acho que, independente de qualquer coisa, nós temo que se organizar. Por mim eu quero a Organização dos Produtores Agroecológicos de Lavras! Com um nome assim, sei lá o que gasta... Porque aí vai ter representante pra escrever, vai ter representante pra ir lá enfrentar o poder político, enfrentar tudo. E produção que é o mais importante. Então temos que nos organizar na produção também, tem que ter diversidade e quantidade. E organizar a produção pra dar direito praqueles que não tem lugar hoje* [referindo-se à outros camponeses que não têm oportunidades nas feiras já existentes e demais locais e formas de comercialização do município] *pra entrar no grupo com a gente também. Se não for assim, a gente não pode chegar e pedir: 'eu posso fazer aqui?' sem estar organizado. Mas se tiver tudo organizado e disser que não deixa, aí nós vamos pra rua. Cê não deixa? Então vamos nós vamos pro lote. Eu acho que, nesse ponto, a gente chega com autonomia. Se nós chegar tirando o chapéu e pondo debaixo do braço, eles vão botar na nossa guela.* *2 - E aí sobe todo mundo em cima da gente....* *1 – Então, nós precisa é se organizar, entendeu? Acho que a gente tem que montar uma organização, nomeada, cada um com a sua função, sua responsabilidade, pra correr atrás."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Eu acho que cada um...: 'L., cê vai plantá o que? Eu vou plantá o que? Cê vai plantá o que?* [simulando um levantamento e organização da produção coletivamente com outros camponeses presentes no EPS]*'. Porque não adianta nós tudo plantá uma coisa só e, chega a hora* [de iniciar uma feira agroecológica ou outras formas de comercialização]*, achar que vai dá dinheiro.* *2 - Todo mundo ir com alface, né?...* *3 - Tá certo, tem que diversificar mesmo.* *2 - É uma organização, então tem que organizar a produção também."*
				"1 - Eu acho também que tem que ter um grupo. Tem que ter um número de pessoas e pesquisar... *2 - Escolher, porque às vezes escolhe associação, mas dá tanta burocracia que às vezes é melhor a cooperativa, ou vice e versa. Tem que ver qual que é o melhor caminho, mais simples.* *1 - Eu acho que a gente tem que reunir e a gente tem que ter uma orientação jurídica. Tem que ter esse pessoal que tá por dentro pra ajudar a gente. Escolhe cinco então* [dos camponeses presentes no EPS]*, mais fácil de se reunir. A gente forma um grupo e reúne lá na cidade: 'a cooperativa abastece esse requisito, associação, esse requisito, uma organização esse', sei lá se tem outros tipo... Aí traz aqui, apresenta numa reunião dessa pra todos: 'a cooperativa é assim, associação é assim, e esse é assim. O que que vocês acham?'. Vamos estudar todos, com o grupo todo. Eu sugiro assim. Conhecer primeiro o que que é uma cooperativa que já tá estruturada, o que que é uma associação estruturada e trazer pro grupo. Porque se eu perguntar aqui hoje: associação sem fins lucrativos só se declara a renda mas não precisa pagar? E se a gente, às vezes, montar uma associação com fins lucrativos? Às vezes é melhor que uma cooperativa... Então tem que estudar todos, tem que pesquisar na lei o que enquadra a gente melhor."*
				"E outra coisa também: o grupo, vamos supor, montou o grupo a organizar... Ninguém aqui produz mel, de repente. Porque feira, comércio, gente, quanto mais variedade melhor. Porque que o supermercado vende? Porque ocê entra no supermercado ocê sai com tudo. Cê leva da creolina ao açúcar. Então, vamos supor: o meu vizinho produz mel e o mel dele é bom. Vamos fazer um trabalho lá, verificar a produção dele, convida ele: 'cê quer fazer parte do nosso grupo? Que a gente precisa de mel na nossa feira. A gente precisa de uma goiabada de qualidade'. Entendeu? Aí nós também vamos procurar e dar oportunidade pra outras pessoas."

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Mas o que acontece? Se formar o grupo, associação, só vai entrar quem nós quiser também.* *2 - Só reforçar o negócio que o E. comentou aqui: às vezes alguém aqui tá em dúvida se a organização da gente tem que ter uma regra* [para outros camponeses poderem entrar]*... Porque, às vezes, os amigos CEASA, em aspas* [referindo-se aos feirantes da feira do Mercado Municipal que não são produtores e sim revendedores de produtos comprados, via atravessadores, do CEASA de Belo Horizonte]*, vão querer entrar no meio... A gente pode ter dentro dessa organização pessoas fiscais. Não precisa ser o grupo todo. Uns vai lá na sua propriedade: 'cê produz realmente. Fubá e alface. Então cê pode entrar no grupo porque eu te autorizo em nome do grupo'. Em nome do grupo!"*
				"1 - Presta bem atenção: na Lavrinha [bairro de Lavras] *não tem feira nenhuma. Na pracinha da estação* [praça localizada perto da antiga estação de trem da cidade] *também não.* *2 - Só tem no Pitangui* [bairro]*, na Doutor Gammom* [praça localizada no "centro expandido" da cidade] e *no centro da cidade* [a feira do Mercado Municipal]. *3 - Mas a gente não consegue fazer uma feira fechada pra gente* [feira agroecológica dos camponeses organizados] *na rua assim não.* *4 - Consegue F.* [respondendo à camponesa da fala anterior]*. Depois que tiver uma organização, de um grupo grande, e for lutar... Aí a gente entra e fala com o D.* [referindo-se ao Vice Prefeito, agricultor e morador da zona rural] *e com o departamento de trânsito: 'nós somo um grupo de 25 produtores, 30, e nós queremos fazer uma feira na Lavrinha. Precisamo de um local, dum trânsito fechado. Ah, não pode? Então vamos estudar com o departamento de transito, porque, alá, os padres consegue. Fazem procissão, eles fecham as rua e têm apoio.' Por que? Porque vai englobar uma multidão, porque se a prefeitura e o departamento de trânsito não deixar a procissão acontecer esse ano: 'nossa, não vou votar nesses cara mais'. Então se a gente for 30 produtores lá e falar que eles vão deixar fazer a feira na Lavrinha, eles vão abaixar, eles vão ceder pra gente. Mas ó, nós tá trazendo o problema antes de nós se organizar... Vamo se organizar e ir lá enfrentar o problema. Às vezes eles vão deixar fazer feira de boa.* *5 – É gente, vamo fazer no presente e esquecer o futuro..."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Ô Pedro, por isso que a cooperativa tem que ser muito bem organizada e ter cuidado no estatuto dela. Porque muitas a cooperativa começa com uma boa ideia e uma coisa que vai ajudar todo mundo... Só que, de acordo que vai mudando o presidente e vai mudando algumas coisas, vai mudando... Aí pode virá no final...* *2 - Só um minutinho, exemplo daqui de Lavras, quando surgiu a cooperativa agrícola* [Cooperativa Agrícola Alto Rio Grande]*... Meu pai foi um dos primeiros que montou, meu pai foi sócio, entrou na época. Então o que aconteceu* [esta cooperativa quebrou por má gestão de sucessivas diretorias, deixando muitos cooperados com grandes prejuízos]*? Eu falo para ele hoje: 'culpa do senhor'. Porque hoje para ele sair tá com uma dívida enorme: 20 mil reais só pra ele sair. Então eu falei: 'o senhor foi um relaxado, que o senhor nunca foi numa reunião'. Então esse é o problema: se nós se organizar e falar assim: 'tá organizado', e nós deixar estranhos entrar e dominar e não participar, bau bau...* *3 - Depois nós que vai pagar...* *2 - Não é verdade? Que o brasileiro, infelizmente, ele é pra si. Porque sente é assim: 'eu quero o meu lucro'."*
				"1 - A política nossa [referindo-se ao fato de que a própria organização dos camponeses é um ato político] *é política pura. A que nóis qué apurá.* *2 - E outra coisa, igualzinho lá ó, o E. já participou de política* [referindo-se à um dos camponeses presentes no EPS que já foi candidato a vereador]. *Nós podemo, a hora que tiver organizado, tornar a entrar nessa área. Por exemplo, eu posso conseguir muitos votos se a gente quiser eleger ele pra ser um representante nosso. Se a gente tá achando que a prefeitura tá dando problema, nós vai ter um representante nosso. Produtor representante, lá dentro* [referindo-se à Câmara Municipal]*! 'Gente, eu não tô conseguindo, fulano lá votou contra, eu preciso de voto* [simulando como se fosse um vereador representante dos camponeses na Câmara tentando passar algum projeto importante para os camponeses]'. *Aí nós pressiona quem tá contra... Nós podemos organizar e eleger ele ou outro de confiança que está dentro, junto da organização. Então tem que ter tudo isso, mas o primeiro ponto é se organizar."*
				"Mas Pedro, é aquele ditado, não é a desidratação [referindo-se ao comentário do pesquisador sobre as possiblidades e benefícios da técnica de desidratação solar de alimentos]*, não é a fábrica de desidratação minha, do L., do E.* [citando camponeses presentes no EPS como exemplo]*. Ela pode ser da organização."*

Contexto	Categoria	Subcategoria	Comunidade	Conteúdo
Quarto EPS (Atividade ix)	Capacidade de Significação – motivação:	Organizar-se como classe camponesa (social, política, produtiva e comercialmente) e construir os caminhos autônoma e coletivamente	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 15 e 17 (representantes)	*"1 - Vamo formá uma comissão* [entre os presentes no EPS] *pra gente ir nos lugares tomar informação. Tudo isso é uma busca.* *2 – É! Olhar como as outras pessoas se organizaram.* *3 - Posso dar uma ideia? Quem sabe às vezes com uma comissão aqui a gente arrumava uma condução, pegava, rachava a gasolina, pra levar a gente numa reunião ou numa feira agroecológica* [referindo-se à organizações camponesas existentes em outros municípios]*, e trazer para o restante do grupo antes da gente tomar a decisão de como se organizar? Eu acho que a gente deveria visitar... Arrumar uns quatro aqui e essa comissão vai discutir o que vai ser. Aí volta e fala: 'a gente visitou uma comunidade lá, uma cooperativa, eles são assim, assim'. Estudar e ir ver uma "aula prática". E depois trazer para os outros.* *4 - E qualquer coisa, todo mundo paga a passagem."*
				"Vamo deixá bem claro, que seja honesto: se tem um problema, tem reunião amanhã e eu não posso ir, eu ligo e aviso o pessoal. Fala: 'gente, eu não posso ir'. A gente que mexe com roça, de repente a vaca estoura a cerca e cê não pode ir na reunião pra arrumar a cerca. Então, se a gente tem problema, que seja honesto. Posso ir: vou; não posso: não posso. E fala: 'mas cês fazem a reunião e me passa'. Entendeu? É todos por todos nessa organização!"
				"1 - Todo mundo tem certeza que tá junto? Nós somo um grupo ou num somo? 2 [Todos camponeses presentes no EPS] - Sim! 1 - Então *agora é decidir a que: associação ou cooperativa?"*

Apêndice 4 – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Salutogênese e Agroecologia: alternativas de Promoção da Saúde para a superação do modelo de produção dependente de agrotóxicos entre os camponeses de Lavras

Pesquisador responsável: Ms. Pedro Henrique Barbosa de Abreu
Orientador: Prof. Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo

Número do CAAE: 66923617.6.0000.5404

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) das **Atividades 1 e 2 da Primeira Fase** deste estudo, realizado através do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – SP (UNICAMP).

Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. Se houver dúvidas e perguntas antes, durante ou depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Este estudo tem como objetivo desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG, realizando-se, para isso, a identificação e discussão das práticas e recursos positivos existentes nas comunidades rurais (Salutogênese) e utilizando instrumentos de uma metodologia de disseminação da agroecologia entre os próprios camponeses (metodologia social Camponês a Camponês).

Pretende-se que os trabalhos deste estudo deem início ao processo de construção de autonomia dos camponeses lavrenses em relação à lógica do agronegócio e à suas tecnologias que causam danos de saúde, ambientais, econômicos, produtivos e culturais nas comunidades rurais do município. Pretende-se também produzir conhecimentos e argumentos para que as políticas e ações públicas de saúde, agrárias e de educação, e as ações do setor privado e da sociedade civil passem a considerar o camponês como protagonista dessas políticas e ações.

Participando destas **Atividades 1 e 2 da Primeira Fase** do estudo você fará parte **do Encontro de Promoção à Saúde (EPS)** para assistir e debater um documentário curta-metragem e para identificar e discutir as práticas e características positivas dos moradores e das famílias, da produção de alimentos, das estruturas físicas e naturais, das práticas tradicionais de saúde presentes nas comunidades e também instituições parceiras.

Você pode aceitar ou não a participar desta etapa do estudo. Caso você aceite participar, está ciente de que será utilizado questionário e também discussão aberta para identificação dos recursos de saúde e você terá total liberdade para expressar seus conhecimentos, duvidas e opiniões conforme seu entendimento próprio. Está ciente também de que o tempo máximo para a aplicação do questionário e para realização da discussão aberta será de no máximo duas horas. Por fim, está ciente de que será utilizado equipamento de gravação audiovisual para captar formas de comunicação e imagens realizadas no **EPS**.

Não há riscos previsíveis relacionados com sua participação. No entanto, você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes do estudo. Caso queira deixar de participar, você poderá sair do estudo e retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

Será garantido também que a sua participação não atrapalhará seu cotidiano de trabalho nem sua vida social. Você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação nem terá qualquer responsabilidade com as despesas necessárias para a realização desta etapa do estudo.

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

O pesquisador se compromete a retornar os resultados do estudo a todos os participantes.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa:

Pesquisador Pedro Henrique Barbosa de Abreu (MG - 11451390), Farmacêutico, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Rua Irmão Luiz, 265, ap 302, Lavras – MG, CEP: 37200-000. Telefones para contato: (35) 3821-0910 / (35) 99109-8140. E-mail: pedro_hba@yahoo.com.br.

Orientador Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo, Médico, Professor do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Caixa Postal 6111, Barão Geraldo – Cidade Universitária, Campinas – SP, CEP: 13084-971. Departamento de Saúde Coletiva – Sala 38, FCM/UNICAMP. Telefone para contato: (19) 3521-1103. E-mail: alonzo@fcm.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs, na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

_____Data: ____/_____/_____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/_____/_____.

(Assinatura do pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Salutogênese e Agroecologia: alternativas de Promoção da Saúde para a superação do modelo de produção dependente de agrotóxicos entre os camponeses de Lavras

Pesquisador responsável: Ms. Pedro Henrique Barbosa de Abreu
Orientador: Prof. Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo

Número do CAAE: 66923617.6.0000.5404

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da **Atividade 3 da Primeira Fase** deste estudo, realizado através do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – SP (UNICAMP).

Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. Se houver dúvidas e perguntas antes, durante ou depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Este estudo tem como objetivo desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG, realizando-se, para isso, a identificação e discussão das práticas e recursos positivos existentes nas comunidades rurais (Salutogênese) e utilizando instrumentos de uma metodologia de disseminação da agroecologia entre os próprios camponeses (metodologia social Camponês a Camponês).

Pretende-se que os trabalhos deste estudo deem início ao processo de construção de autonomia dos camponeses lavrenses em relação à lógica do agronegócio e à suas tecnologias que causam danos de saúde, ambientais, econômicos, produtivos e culturais nas comunidades rurais do município. Pretende-se também produzir conhecimentos e argumentos para que as políticas e ações públicas de saúde, agrárias e de educação, e as ações do setor privado e da sociedade civil passem a considerar o camponês como protagonista dessas políticas e ações.

Participando desta **Atividade 3 da Primeira Fase** do estudo você fará parte do grupo de representantes das comunidades rurais de Lavras que fará uma visita técnica de um dia ao município de Claraval – MG para conhecer as experiências de uma família camponesa que faz produção agroecológica.

Você pode aceitar ou não participar desta etapa do estudo. Caso aceite, está ciente de que será utilizado equipamento de gravação audiovisual para captar formas de comunicação e imagens realizadas durante a visita técnica à Calraval – MG.

Não há riscos previsíveis relacionados com sua participação. No entanto, você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes do estudo. Caso queira deixar de participar, você poderá sair do estudo e retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

Será garantido também que a sua participação não atrapalhará seu cotidiano de trabalho nem sua vida social. Você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação nem terá qualquer responsabilidade com as despesas necessárias para a realização desta etapa do estudo.

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

O pesquisador se compromete a retornar os resultados do estudo a todos os participantes.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa:

Pesquisador Pedro Henrique Barbosa de Abreu (MG - 11451390), Farmacêutico, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Rua Irmão Luiz, 265, ap 302, Lavras – MG, CEP: 37200-000. Telefones para contato: (35) 3821-0910 / (35) 99109-8140. E-mail: pedro_hba@yahoo.com.br.

Orientador Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo, Médico, Professor do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Caixa Postal 6111, Barão Geraldo – Cidade Universitária, Campinas – SP, CEP: 13084-971. Departamento de Saúde Coletiva – Sala 38, FCM/UNICAMP. Telefone para contato: (19) 3521-1103. E-mail: alonzo@fcm.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs, na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

_____Data: ____/_____/_____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/_____/_____.

(Assinatura do pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Salutogênese e Agroecologia: alternativas de Promoção da Saúde para a superação do modelo de produção dependente de agrotóxicos entre os camponeses de Lavras

Pesquisador responsável: Ms. Pedro Henrique Barbosa de Abreu
Orientador: Prof. Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo

Número do CAAE: 66923617.6.0000.5404

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) das **Atividades 4 e 5 da Primeira Fase** deste estudo, realizado através do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – SP (UNICAMP).

Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. Se houver dúvidas e perguntas antes, durante ou depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Este estudo tem como objetivo desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG, realizando-se, para isso, a identificação e discussão das práticas e recursos positivos existentes nas comunidades rurais (Salutogênese) e utilizando instrumentos de uma metodologia de disseminação da agroecologia entre os próprios camponeses (metodologia social Camponês a Camponês).

Pretende-se que os trabalhos deste estudo deem início ao processo de construção de autonomia dos camponeses lavrenses em relação à lógica do agronegócio e à suas tecnologias que causam danos de saúde, ambientais, econômicos, produtivos e culturais nas comunidades rurais do município. Pretende-se também produzir conhecimentos e argumentos para que as políticas e ações públicas de saúde, agrárias e de educação, e as ações do setor privado e da sociedade civil passem a considerar o camponês como protagonista dessas políticas e ações.

Participando destas **Atividades 4 e 5 da Primeira Fase** do estudo você fará parte de um **Encontro de Promoção à Saúde (EPS)** para discutir e identificar as práticas e características positivas dos moradores e das famílias, da produção de alimentos, das estruturas físicas e naturais, das práticas tradicionais de saúde presentes nas comunidades e também instituições parceiras. Em seguida, será discutido cada um dos recursos de saúde da sua comunidade, identificados nesta e nas etapas anteriores deste estudo, para construir coletivamente o Repertório de Recursos de Saúde da sua comunidade. Por fim, participando das **Atividades 4 e 5 da Primeira Fase** deste estudo você fará parte da definição coletiva de quais camponeses de sua comunidade serão selecionados para representar as comunidades nas atividades seguintes.

Você pode aceitar ou não a participar desta etapa do estudo. Caso você aceite participar, está ciente de que será utilizado questionário e também discussão aberta para identificação dos recursos de saúde e você terá total liberdade para expressar seus conhecimentos, duvidas e opiniões conforme seu entendimento próprio. Está ciente também de que será utilizado equipamentos de gravação audiovisual para captar formas de comunicação e imagens realizadas no **EPS**.

Não há riscos previsíveis relacionados com sua participação. No entanto, você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes do estudo. Caso queira deixar de participar, você poderá sair do estudo e retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Será garantido também que a sua participação não atrapalhará seu cotidiano de trabalho nem sua vida social. Você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação nem terá qualquer responsabilidade com as despesas necessárias para a realização desta etapa do estudo. Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

O pesquisador se compromete a retornar os resultados do estudo a todos os participantes.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa: **Pesquisador Pedro Henrique Barbosa de Abreu** (MG - 11451390), Farmacêutico, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Rua Irmão Luiz, 265, ap 302, Lavras – MG, CEP: 37200-000. Telefones para contato: (35) 3821-0910 / (35) 99109-8140. E-mail: pedro_hba@yahoo.com.br.

Orientador Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo, Médico, Professor do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Caixa Postal 6111, Barão Geraldo – Cidade Universitária, Campinas – SP, CEP: 13084-971. Departamento de Saúde Coletiva – Sala 38, FCM/UNICAMP. Telefone para contato: (19) 3521-1103. E-mail: alonzo@fcm.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs, na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

_____Data: ____/_____/_____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/_____/_____.

(Assinatura do pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: Salutogênese e Agroecologia: alternativas de Promoção da Saúde para a superação do modelo de produção dependente de agrotóxicos entre os camponeses de Lavras

Pesquisador responsável: Ms. Pedro Henrique Barbosa de Abreu
Orientador: Prof. Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo

Número do CAAE: 66923617.6.0000.5404

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da **Atividade 6 da Segunda Fase** deste estudo, realizado através do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – SP (UNICAMP).

Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. Se houver dúvidas e perguntas antes, durante ou depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Este estudo tem como objetivo desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG, realizando-se, para isso, a identificação e discussão das práticas e recursos positivos existentes nas comunidades rurais (Salutogênese) e utilizando instrumentos de uma metodologia de disseminação da agroecologia entre os próprios camponeses (metodologia social Camponês a Camponês).

Pretende-se que os trabalhos deste estudo deem início ao processo de construção de autonomia dos camponeses lavrenses em relação à lógica do agronegócio e à suas tecnologias que causam danos de saúde, ambientais, econômicos, produtivos e culturais nas comunidades rurais do município. Pretende-se também produzir conhecimentos e argumentos para que as políticas e ações públicas de saúde, agrárias e de educação, e as ações do setor privado e da sociedade civil passem a considerar o camponês como protagonista dessas políticas e ações.

Participando desta **Atividade 6 da Segunda Fase** você fará parte de um **Encontro de Promoção à Saúde** (EPS), formado por camponeses selecionados pelos moradores das comunidades rurais de Lavras, por meio do qual serão realizadas palestras e discussões sobre os fundamentos, princípios e métodos gerais da metodologia Camponês a Camponês e também sobre Organização Camponesa.

Você pode aceitar ou não participar desta etapa do estudo. Caso você aceite participar, está ciente de que o processo de desenvolvimento da Organização Camponesa e do Camponês a Camponês poderá seguir outras etapas até o mês de janeiro de 2018, conforme definição coletiva realizada entre os participantes do presente **EPS**. Dependendo das definições coletivas, e após assinatura deste TCLE, você estará de acordo com a realização das próximas atividades e está ciente de poderá receber membros da equipe de pesquisa em sua propriedade e de que poderá ser necessário se deslocar de sua comunidade até outra comunidade rural ou até a zona urbana do município para participar das possíveis próximas atividades. Por fim, está ciente de que será utilizado equipamento de gravação audiovisual para captar formas de comunicação e imagens realizadas durante o encontros.

Não há riscos previsíveis relacionados com sua participação. No entanto, você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes do estudo.

Caso queira deixar de participar, você poderá sair do estudo e retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Será garantido também que a sua participação não atrapalhará seu cotidiano de trabalho nem sua vida social. Você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação nem terá qualquer responsabilidade com as despesas necessárias para a realização desta etapa do estudo.

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

O pesquisador se compromete a retornar os resultados do estudo a todos os participantes.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa:
Pesquisador Pedro Henrique Barbosa de Abreu (MG - 11451390), Farmacêutico, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Rua Irmão Luiz, 265, ap 302, Lavras – MG, CEP: 37200-000. Telefones para contato: (35) 3821-0910 / (35) 99109-8140. E-mail: pedro_hba@yahoo.com.br.
Orientador Dr. Herling Gregorio Aguilar Alonzo, Médico, Professor do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Caixa Postal 6111, Barão Geraldo – Cidade Universitária, Campinas – SP, CEP: 13084-971. Departamento de Saúde Coletiva – Sala 38, FCM/UNICAMP. Telefone para contato: (19) 3521-1103. E-mail: alonzo@fcm.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs, na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

_____Data: ____/_____/_____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/_____/_____.

Anexo 1 – EXEMPLO DE CERTIFICADO CONFERIDO AOS MEMBROS DA EQUIPE DE PESQUISA APÓS A FORMAÇÃO INTITULADA 'PREPARAÇÃO PARA DIAGNÓSTICO RURAL PARTICIPATIVO'

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Lavras confere o presente

CERTIFICADO

a

Tatiana Moreno Euzebio

como *Participante* **no(a)** *Preparação para Diagnóstico Rural Participativo* **promovido pelo(a)** *Departamento de Administração e Economia* **realizado no dia** *10/10/2017* **com duração de** *4 horas.*

Lavras (MG), 5 de junho de 2018

JOAO JOSE GRANATE SA E MELO MARQUES	RAFAEL EDUARDO CHIODI
Pró-Reitor de Extensão e Cultura	**Coordenador Geral**

Protocolo: 2017.423136.3
Este certificado dispensa assinaturas
Verifique a autenticidade deste certificado informando o protocolo no site https://sig.ufla.br/comprovar/certificado_evento

Anexo 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SALUTOGÊNESE E AGROECOLOGIA: ALTERNATIVAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A SUPERAÇÃO DO MODELO DE PRODUÇÃO DEPENDENTE DE AGROTÓXICOS ENTRE OS CAMPONESES DE LAVRAS, MG

Pesquisador: Pedro Henrique Barbosa de Abreu

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66923617.6.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Medicas - UNICAMP

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA EDUCACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.057.924

Apresentação do Projeto:

Sendo os agrotóxicos invariavelmente danosos à saúde humana e ao meio ambiente, devido à inviabilidade do paradigma do "uso seguro" destes produtos, não há outro caminho viável para a Promoção da Saúde e da autonomia entre os camponeses do município de Lavras – MG que não um processo de transição da lógica de produção do agronegócio para a agroecologia. No entanto, o que se pôde perceber durante os trabalhos de campo da Dissertação de Mestrado que antecede o presente estudo foi o contexto de invisibilização das experiências e práticas tradicionais, agroecológicas e comunitárias dos camponeses lavrenses e de suas comunidades rurais. O objetivo deste estudo é desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde de forma participativa e democrática com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG, buscando identificar e disponibilizar estas experiências e práticas invisibilizadas e utilizar as mesmas como recursos para o processo de transição agroecológica fundamentado na metodologia social Camponês a Camponês. O estudo terá a pesquisa-ação com abordagem salutogênica como desenho e utilizará de instrumentos coletivos (Encontros de Promoção da Saúde, Grupos de Promoção da Saúde, visita técnica e entrevistas abertas) e individuais (questionário de auto preenchimento) para a coleta de dados. A análise qualitativa dos dados se dará por meio de categorias analíticas construídas utilizando-se os princípios da Sociologia das Ausências, da

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Sociologia das Emergências e dos Trabalhos de Tradução desenvolvidos por Boaventura de Sousa Santos. Espera-se que este trabalho, ao ser utilizado como ferramenta coletiva indutora de um processo social e disseminação horizontal da agroecologia e da promoção da saúde entre os camponeses e na zona rural de Lavras, apresente-se, em especial para as áreas de Saúde Coletiva e Extensão Agrícola, como experiência-piloto para a implementação da metodologia social Camponês a Camponês em outros municípios, com vistas à mudança generalizada do contexto sanitário vulnerável a que estão expostos os camponeses que utilizam agrotóxicos no País.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desenvolver e implementar estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG a partir de processo de transição agroecológica fundamentado no paradigma salutogênico e na metodologia social Camponês a Camp

Objetivo Secundário:

1.Estabelecer diálogos e criar relação de confiança e vínculo entre o pesquisador e os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG; 2.Analisar e popularizar os conhecimentos e os diálogos com os camponeses sobre a inviabilidade de se trabalhar de maneira segura com agrotóxicos e sobre os benefícios gerais da agroecologia; 3.Analisar a compreensão dos camponeses de Lavras sobre seu contexto atual de produção e sobre as possibilidades e caminhos da transição agroecológica; 4.Identificar os recursos de saúde presentes entre os camponeses, suas propriedades e comunidades e, a partir deste mapeamento, construir e disponibilizar o Repertório de Recursos de Saúde local; 5.Analisar o processo de construção coletiva, com um grupo de camponeses, da capacitação para as funções de Promotores e Facilitadores Agroecológicos da metodologia social Camponês a Camponês.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação na pesquisa não oferecerá desconfortos ou riscos previsíveis ou passíveis de prevenção e os participantes não terão nenhum tipo de gasto para participar de qualquer fase, etapa ou atividade da pesquisa.

Benefícios:

Assume-se a implementação da metodologia social de disseminação da agroecologia Camponês a Camponês, por meio de um processo social protagonizado pelos agricultores familiares e apoiado por atores afins, como via potencialmente exitosa e exequível para a desenvolver e implementar

uma estratégia de Promoção da Saúde com os camponeses expostos a agrotóxicos nas comunidades rurais de Lavras – MG. Este trabalho, ao ser utilizado como ferramenta coletiva indutora do processo social de implementação da metodologia CaC na zona rural desse município, é relevante, em especial para a área de Saúde Coletiva e de Extensão Agrícola, ao apresentar-se como experiência-piloto para a implementação e proliferação amplas da metodologia social Camponês a Camponês em outros municípios do Brasil, com vistas à mudança generalizada do contexto sanitário vulnerável a que estão expostos os camponeses que utilizam agrotóxicos no País.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de doutorado da FCM-UNICAMP em que será
desenvolvida e implementada uma estratégia de Promoção da Saúde de forma participativa e democrática com os camponeses das comunidades rurais de Lavras – MG (n=725), por meio da disseminação horizontal da agroecologia. O estudo terá a pesquisa-ação com abordagem salutogênica como desenho e utilizará de instrumentos coletivos (Encontros de Promoção da Saúde, Grupos de Promoção da Saúde, visita técnica e entrevistas abertas) e individuais (questionário de auto preenchimento) para a coleta de dados.

A pesquisa é pertinente e embasada na literatura. Não há riscos previsíveis e um possível benefício direto aos participantes da pesquisa é a diminuição da exposição aos agrotóxicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados:

1) Folha de rosto, devidamente assinada pelo diretor da FCM-UNICAMP.

2) Projeto de Pesquisa gerado pela Plataforma Brasil, com o cronograma e orçamento adequados.

3) Projeto de pesquisa detalhado com o questionário, devidamente redigido e referenciado.

4) TCLE devidamente redigido.

5) Autorização da secretária municipal de saúde, devidamente assinada pelo responsável pela secretária.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Uma vez que todas as pendências foram atendidas e o projeto é pertinente e embasado na literatura, recomendo a aprovação.

Pendências e respostas da primeira análise:

1) Projeto de pesquisa detalhado

O cronograma está confuso e, aparentemente, não está de acordo com o projeto de pesquisa gerado pela Plataforma Brasil. Por favor, readequar ou explicar.

Resposta: Algumas das atividades estavam descritas de forma errada no item 6 (CRONOGRAMA DE ATIVIDADES) de projeto. Atividades da Fase II do projeto estavam identificadas com sendo da Fase I e atividades da Fase III estavam identificadas como sendo da Fase II. De fato, este equívoco gerava confusão para o leitor. Neste sentido, foram feitas correções e adequações para facilitar a compreensão deste item do projeto. Após criteriosa reanálise do item já corrigido não foram identificados mais pontos que podem gerar confusão.

Situação: O projeto foi modificado.

Conclusão: Pendência atendida.

2) TCLE:

2.1) Inserir o contato completo do orientador, não só telefone e e-mail: nome, endereço profissional ou outra forma de contato. É importante lembrar que o endereço profissional deverá incluir o departamento e/ou ambulatório de atuação dos pesquisadores, para que sejam prontamente localizados. Readequar.

Resposta: Todos os pontos de readequação requisitados foram realizados.

Situação: O TCLE foi modificado.

Conclusão: Pendência atendida.

2.2) Colocar de forma mais clara e em linguagem simples o objetivo da pesquisa contido na frase : "a partir de processo de transição agroecológica fundamentado no paradigma salutogênico e na metodologia social Camponês a Camponês". Readequar.

Resposta:Concordamos que a frase não estava suficientemente clara para os futuros leitores do TCLE. Foi realizada a readequação.

Situação: O TCLE foi modificado.

Conclusão: Pendência atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

-O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situaçã
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_898030.pdf	02/05/2017 10:08:48		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	02/05/2017 10:07:57	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pedro_Abreu_readequado.pdf	02/05/2017 10:05:47	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Cronograma	Cronograma_readequado.pdf	02/05/2017 10:03:28	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEs_readequados.pdf	02/05/2017 10:01:26	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_PedroAbreu.pdf	07/04/2017 16:31:44	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	07/04/2017 11:24:31	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoSMAR.pdf	07/04/2017 11:19:47	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoSMS.pdf	07/04/2017 11:19:23	Pedro Henrique Barbosa de Abreu	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPINAS, 11 de Maio de 2017

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS

Continuação do Parecer: 2.057.924

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Anexo 3 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE LAVRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS
ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Autorização para Coleta de Dados

Eu, Márcia Regina Guedes, Secretária Municipal de Saúde de Lavras, (Secretaria de Saúde – Avenida Pedro Sales, 27, Centro, Lavras – MG, CEP: 37200-000), declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado "**SALUTOGÊNESE E AGROECOLOGIA: ALTERNATIVAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A SUPERAÇÃO DO MODELO DE PRODUÇÃO DEPENDENTE DE AGROTÓXICOS ENTRE OS CAMPONESES DE LAVRAS – MG**", sob-responsabilidade do(a) pesquisador(a) Pedro Henrique Barbosa de Abreu, após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.

Márcia Regina Guedes
Secretaria Municipal de Saúde
Gestora do SUS
Secretaria Mun. de Saúde - Lavras

Assinatura e carimbo

Data: **06/04/2017.**

Anexo 4 – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSUNTOS RURAIS DE LAVRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

GOVERNO MUNICIPAL DE LAVRAS
ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ASSUNTOS RURAIS

Autorização para Coleta de Dados

Eu, Edson Alves de Abreu, Secretário Municipal de Assuntos Rurais de Lavras, (Secretaria de Assuntos Rurais – Rua Misseno de Pádua, 635, Centro, Lavras – MG, CEP: 37200-000), declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado "**SALUTOGÊNESE E AGROECOLOGIA: ALTERNATIVAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A SUPERAÇÃO DO MODELO DE PRODUÇÃO DEPENDENTE DE AGROTÓXICOS ENTRE OS CAMPONESES DE LAVRAS – MG**", sob-responsabilidade do(a) pesquisador(a) Pedro Henrique Barbosa de Abreu, após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.

Edson Alves de Abreu
Secretário Municipal de Assuntos Rurais

Assinatura e carimbo

Data: **06/04/2017**